

**Mônica Veloso Borges**

**Aspectos Fonológicos e Morfossintáticos da  
Língua Avá-Canoeiro (Tupi-Guarani)**

Esta tese está disponível para download no seguinte endereço:  
[http://www.etnolinguistica.org/tese:borges\\_2006](http://www.etnolinguistica.org/tese:borges_2006)

**UNICAMP**

**Instituto de Estudos da Linguagem**

**2006**

**Mônica Veloso Borges**

**Aspectos Fonológicos e Morfossintáticos da  
Língua Avá-Canoeiro (Tupi-Guarani)**

Tese apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Lingüística do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor em Lingüística.

Área de Concentração: Línguas Indígenas  
Orientador: Prof. Dr. Angel Humberto Corbera Mori

**UNICAMP**  
**Instituto de Estudos da Linguagem**  
**2006**

**Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca do IEL - Unicamp**

B644a Borges, Mônica Veloso.  
Aspectos fonológicos e morfossintáticos do Avá-Canoeiro (Tupi-Guarani) / Mônica Veloso Borges. – Campinas, SP: [s.n.], 2006.

Orientador: Angel Humberto Corbera Mori.  
Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.

1. Índios - Língua. 2. Língua Avá-Canoeiro. 3. Fonética. 4. Morfologia. 5. Sintaxe (Gramática). I. Mori, Angel Humberto Corbera. III. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. IV. Título.

Título em inglês: Phonological and Morphosyntactic Aspects of Avá-Canoeiro (Tupi-Guarani)

Palavras-chaves em inglês (Keywords): Indians - Language; Avá-Canoeiro language; Phonetics; Morphology; Syntax (Grammar)

Área de concentração: Línguas Indígenas

Titulação: Doutorado

Banca examinadora: Prof. Dr. Angel Humberto Corbera Mori, Prof. Dr. Fábio Bonfim Duarte, Prof. Dr. Frantomé Bezerra Pachêco, Profª. Dra. Maria Bernadete Marques Abaurre e Profª. Dra. Lucy Seki

Data da defesa: 10/02/2006

**Banca Examinadora**

**Orientador:**

---

Prof. Dr. Angel Humberto Corbera Mori – UNICAMP

**Membros:**

---

Prof. Dr. Fábio Bonfim Duarte – UFMG

---

Prof. Dr. Frantomé Bezerra Pacheco – FAPESP/USP

---

Profª. Dra. Lucy Seki – UNICAMP

---

Profª. Dra. Maria Bernadete Marques Abaurre – UNICAMP

Data da Defesa: 10 de fevereiro de 2006



***Canôa Canôa***

*Canôa, Canôa*  
*Desce no meio do*  
*Rio Araguaia*  
*Desce no meio da*  
*Noite da floresta*  
*Levando a solidão*  
*E a coragem*  
*Dos homens que são*  
*Ava, ava canoê*  
*Ava, ava canoê*  
*Avacanoeiro, prefere as águas*  
*Avacanoeiro, prefere os peixes*  
*Avacanoeiro, prefere o rio*  
*Avacanoeiro, prefere remar*  
*Ava, prefere pescar*  
*Ava, prefere pescar*  
*Dourado, arraia, grumatá*  
*Piracará, pira-andirá*  
*Jatuarana, Taiabucu*  
*Piracanjuba, peixe mulher*  
*Avacanoeiro, quer viver*  
*Avacanoeiro, só quer pescar*  
*Dourado, arraia e grumatá*  
*Piracanjuba, peixe mulher.*

(Nelson Ângelo & Fernando Brant, cantada por Simone,  
no disco Face a Face, de 1977, Emi Music Ltda.)

Ao povo Avá-Canoeiro, por sua história de coragem, resistência e fortaleza, que se estende aos dias atuais, especialmente para Tatxia, que faleceu pouco antes da defesa desta tese.

## Agradecimentos

Quero registrar meus sinceros agradecimentos às seguintes pessoas e instituições sem cuja ajuda esta tese não teria sido possível.

Aos Avá-Canoeiro, por me terem aceito em seus grupos e pela generosidade de me ensinarem sua língua. Agradeço-lhes ainda por todas as lições de amor e de vida que me transmitiram.

Ao Prof. Dr. Angel Humberto Corbera Mori, meu orientador e amigo, pela orientação dispensada a esta tese, por ter sempre confiado em meu trabalho e por ter me dado a autonomia de que eu necessitava para fazê-lo.

À Profa. Dra. Lucy Seki, pela amizade, pelo estímulo e por sua valiosa participação em minha carreira de pesquisadora em línguas indígenas.

Aos Profs. Drs. Angel Humberto Corbera Mori, Lucy Seki e Frantomé Bezerra Pachêco, que compuseram a Banca de Qualificação da Tese, pelas várias sugestões que fizeram com que o texto chegasse ao leitor da maneira como está, muito melhor do que a versão que lhes fora inicialmente apresentada.

Às Profas. Dras. Anna Christina Bentes e Lucy Seki, minhas orientadoras das qualificações nas áreas de Sociolingüística e Lingüística Histórico-Comparativa, por me terem aberto novas perspectivas de análise do Avá-Canoeiro.

À Profa. Dra. Alexandra Aikhenvald, pela co-orientação dada à Qualificação na Área de Lingüística Histórico-Comparativa.

Aos Profs. Drs. Tânia Alkmim, Pedro Moraes Garcez e Frantomé Bezerra Pachêco, pela leitura atenciosa dos exames de qualificação de área e por todos os comentários e sugestões feitos.

Aos Profs. Drs. Lucy Seki, Maria Bernadete Marques Abaurre, Frantomé Bezerra Pachêco e Fábio Bonfim Duarte, por terem aceito compor a Banca de Defesa da Tese, e aos Profs. Drs. Sérgio de Moura Menuzzi, Cristina Fargetti e Waldemar Ferreira Netto, por terem se disposto a participar como suplentes.

Aos Profs. Drs. Jairo Morais Nunes, Maria Bernadete Marques Abaurre, Filomena Sândalo, Angel Humberto Corbera Mori, Lucy Seki e Mary Kato, meus mestres na UNICAMP, com quem muito aprendi.

Ao Prof. Dr. Frantomé Bezerra Pacheco, pelas sugestões de leitura, pelo estímulo e pela amizade.

Ao Prof. Dr. Fábio Bonfim Duarte, pelas várias discussões que tivemos sobre o Avá-Canoeiro e o Tembé, por todas as indicações bibliográficas que me fez e por ter disponibilizado todos os seus trabalhos, até mesmo os inéditos.

Aos colegas Marília de Nazaré de Oliveira Ferreira, Carmem Lúcia Reis Silva, Tânia Ferreira Rezende, Stella Telles, Cristhian Teófilo da Silva, Marci Filleti, Sidney Facundes, Walkíria Neiva Praça, Lincoln Almir Amarante Ribeiro, Denny Moore, Eduardo Rivail Ribeiro, André Amaral Toral, Francisco Queixalós, Sérgio Meira, Christiane Cunha de Oliveira, Raynice Geraldine Pereira da Silva, Antônia Alves Pereira, Augusto Rodrigues e Tarsilla Britto, pelo envio de dissertações, teses e artigos de diferentes lugares.

Ao meu querido Patrick Rameau, pelo carinho e pela ajuda nos últimos meses, a despeito da distância física. Thank you so much, hon!!! Yeah, some connections don't depend on distance!

Ao amigo e compadre Eduardo Rivail Ribeiro, pelo estímulo e pela colaboração: na leitura atenta dos manuscritos, nas sugestões de análise e bibliografia, nas perguntas desafiadoras.

À querida comadre e amiga Neha Dave Ribeiro, pelo carinho, pelo estímulo, pela torcida, e à 'nossa' Uma Dave Ribeiro, minha amada florzinha, por sua existência e pela felicidade que sempre me proporcionou.

Aos meus amigos e colegas de Goiânia, Campinas e de tantos outros lugares, pelo estímulo, pelas preces e pelas palavras de carinho e encorajamento: Flávia Hirata-Vale, Oto Araújo Vale, Dilamar Cândida Martins, Francimária Nogueira Bergamo, Edvaldo Bergamo, Maria do Socorro Pimentel da Silva, Tânia Ferreira Rezende, Christiane Cunha de Oliveira, Vitória Spanghero-Ferreira, Rogério Vicente Ferreira, Manoel Gomes dos Santos, Mateus Coimbra de Oliveira, Valéria Cardoso, Ilda de Souza, Raynice Geraldine Pereira da Silva, Antônia Alves Pereira, Marcos Aurélio Pereira, Gláucia Vieira Cândido, Flávia Alves, Marília de Nazaré de Oliveira Ferreira, Jean Paraíso Alves, Maria das Dores de Oliveira, Patrícia Costa, Ricardo Bodart de Andrade, Lincoln Almir Amarante Ribeiro e Fernanda Galli.

À amiga Rosani Moreira Leitão, pela ajuda, pela presença assídua, pelas palavras sempre animadoras. Agradeço-lhe pelas várias viagens de campo realizadas juntas, e principalmente por me ter feito seguir adiante, mesmo nas horas em que tudo parecia estar contra mim. Por fim, agradeço-lhe pelas fitas de sua pesquisa com os Avá-Canoeiro que me doou.

Aos amigos e colegas de pesquisa com os Avá-Canoeiro, Dulce Madalena Rios Pedroso e Cristhian Teófilo da Silva, por toda a colaboração dada e pelo estímulo. À Dulce agradeço as horas que passou conversando comigo sobre os Avá-Canoeiro e por seu entusiasmo contagiante. Ao Cristhian agradeço principalmente o despreendimento e a generosidade em me ceder cópias de todas as suas fitas gravadas com os Avá-Canoeiro, por disponibilizar todos os seus dados de tese inéditos, e por repetir sempre: “Você não pode desistir”.

À amiga Walkíria Neiva Praça, pelas discussões sobre o Tapirapé e o Avá-Canoeiro, por ter disponibilizado seus dados, inclusive os inéditos, e por ter acreditado, mais do que eu mesma, que esta tese chegaria ao fim. Agradeço-lhe também pelo entusiasmo com que leu parte dos manuscritos.

À querida Marita Pôrto Cavalcante, por ter me levado à Lingüística Indígena (um de seus ‘Projetos de Lingüista’) e sugerido o estudo da língua Avá-Canoeiro. Valeu a sugestão, Marita!!!!

Ao amigo Mário Frungillo pelo estímulo constante, pelas palavras de confiança e pelos inúmeros problemas resolvidos em Goiânia durante minha ausência.

Ao amigo Sílvio Romeu Leitão Pereira, pela confecção dos mapas.

Aos funcionários da Terra Indígena Avá-Canoeiro, em Goiás, Geraldo, Magna, Sebastião, Maria, Reginaldo, Zequinha e Adriano, e ao chefe de posto da Aldeia Canoanã, no Tocantins, Aderaldo, pela colaboração dispensada à minha pesquisa.

Às amigas Gláucia Bueno, da Faculdade de Letras, e Izabel Cunha, do Museu Antropológico, pela ajuda na solução de problemas burocráticos na UFG.

À minha mãe, Ruth Maria Borges, por todo carinho e amor, e por tentar sempre compreender minhas escolhas e participar delas.

Ao meu pai, Venício Veloso Borges, pelo estímulo e pelo exemplo de dedicação ao estudo.

Aos meus colegas da Faculdade de Letras e do Museu Antropológico e alunos da Faculdade de Letras, pela torcida e pela pergunta incômoda (embora desafiadora!): “Quando você defende?”.

À Universidade Federal de Goiás (UFG), por me ter concedido licença para cursar doutorado na UNICAMP, e aos colegas da Área de Língua Portuguesa e Lingüística da Faculdade de Letras, por terem assumido minhas tarefas durante meus estudos.

À CAPES, pela concessão da Bolsa-PICDT, e ao CNPq pela bolsa inicial.

Ao Instituto de Estudos da Linguagem da UNICAMP, por me ter aceito como sua aluna.

À Fundação Nacional do Índio (FUNAI), pelas licenças concedidas para ingresso na área indígena Avá-Canoeiro e na aldeia Canoanã.

Enfim, agradeço a todos que colaboraram direta ou indiretamente para que este trabalho chegasse ao leitor da forma como está. Apesar de toda ajuda prestada por tantas pessoas e instituições, restam muitas falhas e lacunas, de minha total responsabilidade.

## Sumário

Lista das Tabelas .....	xv
Lista dos Mapas .....	xvii
Abreviaturas e Símbolos utilizados .....	xviii
Resumo .....	xx
Abstract .....	xxi
Introdução .....	1
Capítulo 1 - Os Avá-Canoeiro: aspectos históricos, culturais e sociolingüísticos.....	9
1. Introdução .....	9
1.1 Breve histórico sobre o Povo Avá-Canoeiro e seu contato .....	10
1.2 Estudos realizados sobre a língua Avá-Canoeiro .....	15
1.3 As línguas Avá-Canoeiro e portuguesa: escolhas e usos .....	18
1.3.1 Escolha e uso de línguas entre os Avá-Canoeiro do Estado do Tocantins .....	19
1.3.2 Escolha e uso de línguas entre os Avá-Canoeiro do Estado de Goiás .....	21
1.4 Atitudes lingüísticas.....	23
Conclusão.....	26
Capítulo 2 - Metodologia de coleta e análise dos dados: relato de uma experiência de pesquisa de campo .....	29
Conclusão.....	46
Capítulo 3 - Aspectos Fonológicos da língua Avá-Canoeiro .....	49
3. Introdução .....	49
3.1 Os fonemas consonantais.....	50
3.1.1 As consoantes oclusivas.....	52
3.1.2 A oclusiva labializada /k <sup>w</sup> / .....	55

3.1.3	A Africada /tʃ/ .....	56
3.1.4	A fricativa /ʃ/ .....	59
3.1.4.1	Fontes do fonema /ʃ/ .....	61
3.1.5	As nasais .....	63
3.1.6	As aproximantes .....	65
3.2	Os fonemas vocálicos .....	71
3.2.1	Vogais Orais .....	72
3.2.1.1	Vogais anteriores, centrais e posteriores .....	72
3.2.1.2	Vogais altas .....	74
3.2.1.3	Vogais médias e baixas .....	75
3.2.2	Vogais nasais .....	77
3.3	Processos Fonológicos .....	81
3.3.1	Processos fonológicos consonantais .....	81
3.3.1.1	Aspiração de oclusivas .....	81
3.3.1.2	Realização não-explodida de consoantes oclusivas .....	81
3.3.1.3	Palatalização de /t/ .....	82
3.3.1.4	Realização uvular de /k/ .....	82
3.3.1.5	Realizações oclusivas da consoante /ʃ/ .....	83
3.3.1.6	Realização pós-oralizada de consoantes nasais .....	83
3.3.1.7	Realização oclusiva de consoantes nasais .....	84
3.3.1.8	Nasalização de aproximantes .....	85
3.3.1.9	Lateralização de /r/ e /j/ .....	86
3.3.1.10	Realização oclusiva da aproximante /w/ .....	87
3.3.1.11	Realização fricativa da aproximante /w/ .....	87
3.3.1.12	Realizações fricativa [ʒ] e africada [dʒ] da aproximante /j/ .....	88
3.3.1.13	Realizações fricativas ([ʃ] e [ʒ]) e aproximante ([j]) da africada /tʃ/ .....	89
3.3.2	Processos fonológicos vocálicos .....	90
3.3.2.1	Nasalização vocálica .....	90
3.3.2.2	Abaixamento de /e/ e /o/, em sílabas tônicas .....	91
3.3.2.3	Abaixamento de /i/, /ɨ/ e /u/ .....	91
3.3.2.4	Levantamento de /e/, /o/ e /a/ .....	92
3.3.2.5	Consonantização de /i/ e /u/ .....	93



3.3.2.6	Inserção de vogal final .....	94
3.3.2.7	Alongamento vocálico .....	94
3.4	Processos morfofonológicos .....	95
3.4.1	Apagamento de consoante .....	96
3.4.2	Apagamento de vogal .....	96
3.4.3	Fusão de vogais.....	97
3.5	Sílaba .....	98
3.6	Acento .....	102
	Conclusão.....	105
Capítulo 4 - O nome na língua Avá-Canoeiro.....		107
4.	Introdução .....	107
4.1	A Categoria de posse.....	108
4.1.1	Marcadores de posse.....	112
4.1.1.1	Prefixos Relacionais.....	112
4.2	As noções de Gênero e Número .....	116
4.3	Marcação de Caso .....	118
4.4	O Sintagma Nominal .....	126
4.4.1	O Sintagma Nominal Genitivo .....	131
4.5	Coordenação de sintagmas.....	133
4.6	Derivação Nominal .....	134
4.7	Composição Nominal .....	137
	Conclusão.....	140
Capítulo 5 - O verbo da língua Avá-Canoeiro .....		143
5.	Introdução .....	143
5.1	Tipos de verbos.....	144
5.1.1	Verbos Transitivos.....	146
5.1.2	Verbos Intransitivos Ativos.....	147
5.1.3	Verbos Intransitivos Descritivos .....	149
5.1.3.1	Os verbos intransitivos descritivos para cores: algumas considerações.....	151
5.1.4	Cópula ( <b>eko</b> ~ <b>iko</b> ‘ser, estar’).....	152
5.2	Aspectos Morfosintáticos do Verbo Avá-Canoeiro .....	155

5.2.1	Marcadores de Pessoa.....	155
5.2.1.1	Hierarquia de Referências.....	158
5.2.1.2	Marcação de Pessoa em Verbos Dependentes .....	161
5.2.2	Aspecto .....	162
5.2.3	Os Morfemas Desiderativos {-ej} e {-putat}.....	167
5.2.4	A Negação .....	168
5.2.5	O Morfema Causativo {mo-} .....	170
5.2.6	O Morfema Reflexivo {je-} .....	172
5.2.7	Incorporação Nominal de Objeto.....	173
	Conclusão.....	175
Capítulo 6 - As formas adverbiais da língua Avá-Canoeiro .....		177
6.	Introdução .....	177
6.1	Formas adverbiais temporais .....	178
6.2	Formas adverbiais locativas.....	180
6.3	Formas adverbiais quantificadoras.....	181
6.4	Formas adverbiais de modo .....	183
	Conclusão.....	184
Capítulo 7 - As classes fechadas de palavras da língua Avá-Canoeiro.....		187
7.	Introdução .....	187
7.1	Pronomes Pessoais.....	187
7.2	Demonstrativos .....	193
7.3	Posposições.....	195
7.3.1	Formas e significados das posposições .....	196
7.4	Partículas.....	202
	Conclusão.....	207
Capítulo 8 - Orações independentes e orações coordenadas da língua Avá-Canoeiro .....		209
8.	Introdução .....	209
8.1	Orações com predicado verbal.....	210
8.1.1	Orações intransitivas.....	210
8.1.2	Orações transitivas.....	213

8.2	Orações com cópula.....	216
8.3	Orações com predicado não-verbal.....	218
8.3.1	Orações Possessivas.....	218
8.3.2	Orações Equativas.....	220
8.3.3	Orações Existenciais Quantificacionais.....	221
8.3.4	Orações Locativas.....	222
8.4	Ordem dos constituintes nas orações independentes.....	223
8.5	Tipos Oracionais.....	226
8.5.1	Orações Declarativas.....	226
8.5.2	Orações Interrogativas.....	228
8.5.3	Orações Imperativas.....	230
8.6	As orações coordenadas.....	230
8.6.1	Apagamento de sintagmas nominais idênticos em orações coordenadas.....	232
8.7	O Avá-Canoeiro: uma língua de estrutura ativa?.....	236
	Conclusão.....	238
	Considerações Finais.....	241
	Referências Bibliográficas.....	261
	ANEXOS.....	283
	Anexo 1: Os Avá-Canoeiro na imprensa.....	284
	Anexo 2: Livros encontrados na Área Avá-Canoeiro.....	286
	Anexo 3: CDs utilizados na pesquisa de campo.....	287
	Anexo 4: Desenhos dos Avá-Canoeiro.....	288
	Anexo 5: Solicitações, cartas e presentes dos Avá-Canoeiro.....	290
	Anexo 6: Material escrito em Avá-Canoeiro.....	296
	Anexo 7: Lista de Cognatos.....	298
	Anexo 8: Vocabulário encontrado nos exemplos.....	308
	Anexo 9: Textos Avá-Canoeiro.....	321
	Anexo 10: Fotos Avá-Canoeiro do Estado de Goiás.....	329
	Fotos Avá-Canoeiro do Estado do Tocantins.....	333

## Lista das Tabelas

Tabela 1: Aspectos do cotidiano dos Avá-Canoeiro .....	27
Tabela 2: Consoantes do Avá-Canoeiro .....	50
Tabela 3: Presença ou ausência de /ɛ/ no Subgrupo IV.....	63
Tabela 4: Vogais do Avá-Canoeiro.....	71
Tabela 5: Distribuição dos alofones [j] e [ʒ] nas variedades do Avá-Canoeiro.....	88
Tabela 6: Fones Consonantais do Avá-Canoeiro. ....	89
Tabela 7: Abaixamento de vogais em sílabas tônicas.....	92
Tabela 8: Abaixamento e levantamento de vogais em sílabas átonas.....	92
Tabela 9: Fones Vocálicos do Avá-Canoeiro.....	95
Tabela 10: Distribuição das sílabas nas palavras do Avá-Canoeiro.....	99
Tabela 11: Distribuição das consoantes na sílaba do Avá-Canoeiro.....	100
Tabela 12: Nomes não-possuídos do Avá-Canoeiro .....	109
Tabela 13: Nomes alienavelmente possuídos do Avá-Canoeiro .....	110
Tabela 14: Nomes inalienavelmente possuídos do Avá-Canoeiro .....	111
Tabela 15: Pronomes Clíticos do Avá-Canoeiro .....	112
Tabela 16: Prefixos relacionais {r-} e {i-}.....	116
Tabela 17: Palavras com lexicalização do morfema {-a} .....	121
Tabela 18: Marcadores de Pessoa no verbo Avá-Canoeiro.....	145
Tabela 19: Alguns verbos transitivos do Avá-Canoeiro.....	146
Tabela 20: Alguns verbos intransitivos ativos do Avá-Canoeiro.....	148
Tabela 21: Verbos Intransitivos Descritivos do Avá-Canoeiro .....	149
Tabela 22: Cores em Avá-Canoeiro .....	152
Tabela 23: Marcadores de Pessoa no verbo Avá-Canoeiro.....	156
Tabela 24: Reduplicação em outras línguas do Subgrupo IV .....	165
Tabela 25: Formas adverbiais temporais .....	179
Tabela 26: Formas adverbiais quantificadoras.....	181

Tabela 27: A hierarquia nominal (Dixon, 1994: 85).....	188
Tabela 28: Pronomes pessoais do Avá-Canoeiro .....	189
Tabela 29: Demonstrativos do Avá-Canoeiro .....	193
Tabela 30: Posposições da língua Avá-Canoeiro .....	195
Tabela 31: Posposições do Avá-Canoeiro e de outras línguas do Subgrupo IV .....	201
Tabela 32: Orações Negativas nas línguas Parakanã, Tapirapé e Tembé.....	228
Tabela 33: Apagamento de sintagmas nominais sujeitos e objetos em orações coordenadas ....	235

## **Lista dos Mapas**

Mapa 1: Localização do Povo Avá-Canoeiro nos Estados de Goiás e Tocantins. ....	3
Mapa 2: Localização do Povo Avá-Canoeiro na Ilha do Bananal - Estado do Tocantins. ....	12
Mapa 3: Localização da Terra Indígena Avá-Canoeiro no Estado de Goiás. ....	14

## Abreviaturas e Símbolos utilizados

~	alternância
[ ]	realização fonética
//	representação fonológica
ˈ	acento primário
ˌ	acento secundário
-	formas presas
+	presença de um traço
-	ausência de um traço
#	fronteira de palavra
\$	fronteira de sílaba
+	fronteira morfêmica
—	lugar onde ocorre um segmento ou um processo
/	barra de ambiente
()	elemento opcional
.	separação silábica
∅	zero ou apagamento
→	‘torna-se, realiza-se como’
σ	sílaba
→	tom nivelado
↗	tom ascendente
↘	tom descendente
*	forma reconstruída
=	fronteira de clítico
1	1ª pessoa
1pl.excl.	1ª pessoa plural (exclusiva)
1pl.incl.	1ª pessoa plural (inclusiva)
2	2ª pessoa
3	3ª pessoa
A	agente, sujeito de verbos transitivos
C	consoante
CN	caso nuclear
CNM	caso não-marcado
E	exemplo elicitado
N	nome, núcleo
P	paciente

RV	raiz verbal
S	sujeito
Sa	sujeito de verbos intransitivos ativos
sg	singular
So	sujeito de verbos intransitivos descritivos
SN	sintagma nominal
SV	sintagma verbal
V	vogal
Vb	verbo
ace	acento
adj	adjunto
adv	palavra com função adverbial
asp.compl.	aspecto completivo
aum	aumentativo
caus	morfema causativo
dem	demonstrativo
dim	diminutivo
imp	modo imperativo
loc	caso locativo
lng	vogal longa
mod	modificador
neg	negativo
part.	partícula
pos	posterior
posp	posposição
poss	possessivo
pref.pess.	prefixo pessoal
pron.	pronome
pron.pess.	pronome pessoal
pron.pess.clit.	pronome pessoal clítico
rec	recíproco
redupl.	reduplicação
reflex.	reflexivo
rel	prefixo relacional
Sadv	sintagma adverbial
Sposp	sintagma posposicional
Vdep	verbo dependente
v.descr.	verbo descritivo
v.intrans.	verbo intransitivo
v.intrans.at.	verbo intransitivo ativo
v.intrans.descr.	verbo intransitivo descritivo
v.trans.	verbo transitivo



## Resumo

A língua Avá-Canoeiro, pertencente ao Subgrupo IV das línguas Tupi-Guarani, é falada por vinte e duas pessoas. A maioria desses indígenas vive na aldeia Canoanã, na Ilha do Bananal, a cinquenta e quatro quilômetros da cidade de Formoso do Araguaia, no Estado do Tocantins. Há também uma família que mora na aldeia Javaé de Boto Velho, próxima ao município de Lagoa da Confusão, também na Ilha. Seis Avá-Canoeiro vivem na Terra Indígena próxima à cidade de Minaçu, em Goiás, localizada a oitenta quilômetros daquele município.

Esta tese, cuja fundamentação teórica é a Tipologia Funcional, aborda aspectos fonológicos e morfossintáticos dessa língua brasileira pouquíssimo conhecida, bem como fornece ao leitor um panorama sobre a situação sociolingüística desse povo em nossos dias. São temas discutidos na parte relativa à fonologia: 1) os fonemas e seus alofones; 2) aspectos fonológicos diacrônicos; 3) processos fonológicos e morfofonológicos; 4) a constituição silábica; e 5) o padrão acentual. No que diz respeito à morfossintaxe, discuto: 1) as classes de palavras abertas (nome, verbo e advérbio) e fechadas (pronomes pessoais, demonstrativos, partículas e posposições); 2) as orações simples e coordenadas; 3) os tipos oracionais; 4) a ordem frasal; e 5) a hipótese de a língua ser de estrutura ativa.

**Palavras-chave:** 1. Língua Indígena; 2. Língua Avá-Canoeiro; 3. Fonologia; 4. Morfossintaxe

## Abstract

Avá-Canoeiro, which belongs to the fourth subgroup of the Tupi-Guarani languages, is spoken by twenty two people. The majority of them live in Canoanã Village, in Ilha do Bananal, located at fifty four kilometers from the city of Formoso do Araguaia, in the state of Tocantins. There is also one family that reside in Boto Velho Javaé Village, close to the city of Lagoa da Confusão, in Ilha do Bananal too. Six Avá-Canoeiro indians inhabit in the Indigenous Land near eighty kilometers from Minaçu, in the state of Goiás.

This doctoral dissertation is theoretically based on the Functional Typology and presents some aspects of the phonology and of the morphosyntax of Avá-Canoeiro, this Brazilian language which is almost still unknown. The reader can also find information about the sociolinguistic reality of this people nowadays. The phonological aspects discussed are: 1) the phonemes of the language and their allophones; 2) diachronical phonological aspects; 3) phonological and morphosyntactic processes; 4) the syllable constitution and 5) the stress pattern. Concerning the morphosyntax of the language, the topics discussed are: 1) open and closed parts-of-speech (nouns, verbs, adverbs, personal pronouns, demonstratives, particles and postpositions); 2) main and coordinated clauses; 3) the sentence types; 4) the word order; and 5) the hypothesis that Avá-Canoeiro could be classified as an Active-Static Language.

**Key-words:** 1. Indigenous Language; 2. Avá-Canoeiro Language; 3. Phonology; 4. Morphosyntax

## Introdução

The loss of local languages, and of the cultural systems which they express, has meant irretrievable loss of diverse and interesting intellectual wealth, the priceless products of human mental industry<sup>1</sup>.

Hale (1998: 204)

Uma das preocupações dos lingüistas atualmente é o desaparecimento gradual de línguas e culturas, em decorrência do decréscimo populacional de muitos povos (Adelaar (2000), Crystal (2000), Grenoble & Whaley (1998), Grosjean (1982), Romaine (1995)). Estima-se que das seis mil línguas faladas no mundo hoje pelo menos a metade deixará de ser falada dentro de um curtíssimo espaço de tempo, o que, conforme Crystal (2000), é uma perda irreparável para a humanidade por várias razões, dentre as quais se destacam a necessidade da diversidade lingüístico-cultural mundial e a cultura, a história e a identidade expressas por cada língua, além do fato de as línguas comporem parte importante do conhecimento humano e de serem interessantes em si mesmas, por exemplo, para quem as descreve e analisa.

Vários fatores são apontados como possíveis responsáveis pela extinção de línguas e culturas. Dentre eles, destacam-se o tamanho das comunidades, o isolamento de um grupo com relação a outros minoritários e majoritários, os casamentos interétnicos, as atitudes dos povos para com as línguas em contato, as políticas governamentais para as línguas e a educação das minorias étnicas e o grau de similaridade entre as línguas majoritária e minoritária. Entretanto, Grosjean (1982) afirma que esses fatores são ambivalentes, visto que podem contribuir tanto para a perda quanto para a manutenção lingüísticas.

No Brasil, das línguas indígenas ainda não estudadas, cinquenta por cento possuem uma quantidade reduzida de falantes, menos de cem, número que as coloca numa condição de

---

<sup>1</sup> Tradução livre: “A perda de línguas locais e dos sistemas culturais que elas expressam significa uma perda irreparável da diversidade e da riqueza intelectual interessante, os produtos sem preço da indústria mental humana”.

iminente extinção (cf. Rodrigues (1993)). Rodrigues (2000a) esclarece que as políticas de conquista da Amazônia reduziram consideravelmente a quantidade de populações indígenas que ali habitavam, e, como conseqüência, o número de línguas. De acordo com o referido autor, antes da chegada dos europeus, o contingente de línguas e de famílias lingüísticas era provavelmente maior e grande parte delas era mais populosa. Hoje, na Amazônia, a média de falantes por língua é de cem, aproximadamente.

A língua Avá-Canoeiro, objeto deste estudo, é classificada por Rodrigues (1984/1985) e Rodrigues & Cabral (2002) como pertencente à Família Tupi-Guarani, do Tronco Tupi, que, juntamente com o Tapirapé, o Asurini do Tocantins, o Suruí do Tocantins (Mujetire), o Parakanã, o Guajajara, o Tembé e o Turiwára (extinta), compõe o Ramo IV daquela família<sup>2</sup>. Essa classificação foi elaborada a partir da lista lexical de Couto de Magalhães (1957) e em trabalho recente trago maiores evidências desse parentesco genético entre o Avá-Canoeiro e o Proto-Tupi-Guarani (cf. Borges, 2004c).

O Avá-Canoeiro é usado atualmente por um reduzido número de indígenas, de uma população de vinte e duas pessoas, o que o faz ser considerado “língua fortemente ameaçada de extinção”.<sup>3</sup> Dessas, a maioria não fala Avá-Canoeiro ou a usa pouquíssimo no dia-a-dia. Portanto, há graus distintos de conhecimento e de uso do Avá-Canoeiro<sup>4</sup>. A maior parte dos Avá-Canoeiro vive na aldeia Javaé de Canoanã, na Ilha do Bananal, no Estado do Tocantins, a cinqüenta e quatro quilômetros da cidade de Formoso do Araguaia. Há também uma família que mora na aldeia Javaé de Boto Velho, próxima ao município de Lagoa da Confusão, a 290 quilômetros dali. Seis Avá-Canoeiro habitam a Terra Indígena próxima à cidade de Minaçu, em Goiás, localizada a oitenta quilômetros daquele município (cf. o Mapa 1). Os Avá-Canoeiro auto-designam-se **awa** ‘gente’, em oposição a **maira** ‘não-indígena’ (Cristhian SILVA (2005: 16)).

Os estudos realizados sobre essa língua indígena brasileira são raros e os poucos que há limitam-se a descrever alguns aspectos fonético-fonológicos ou a apresentar algumas listas de palavras. O trabalho mais específico sobre o Avá-Canoeiro é a dissertação de mestrado de Paiva (1996), que enfocou a fonética e alguns aspectos fonológicos da língua de forma preliminar, como alguns

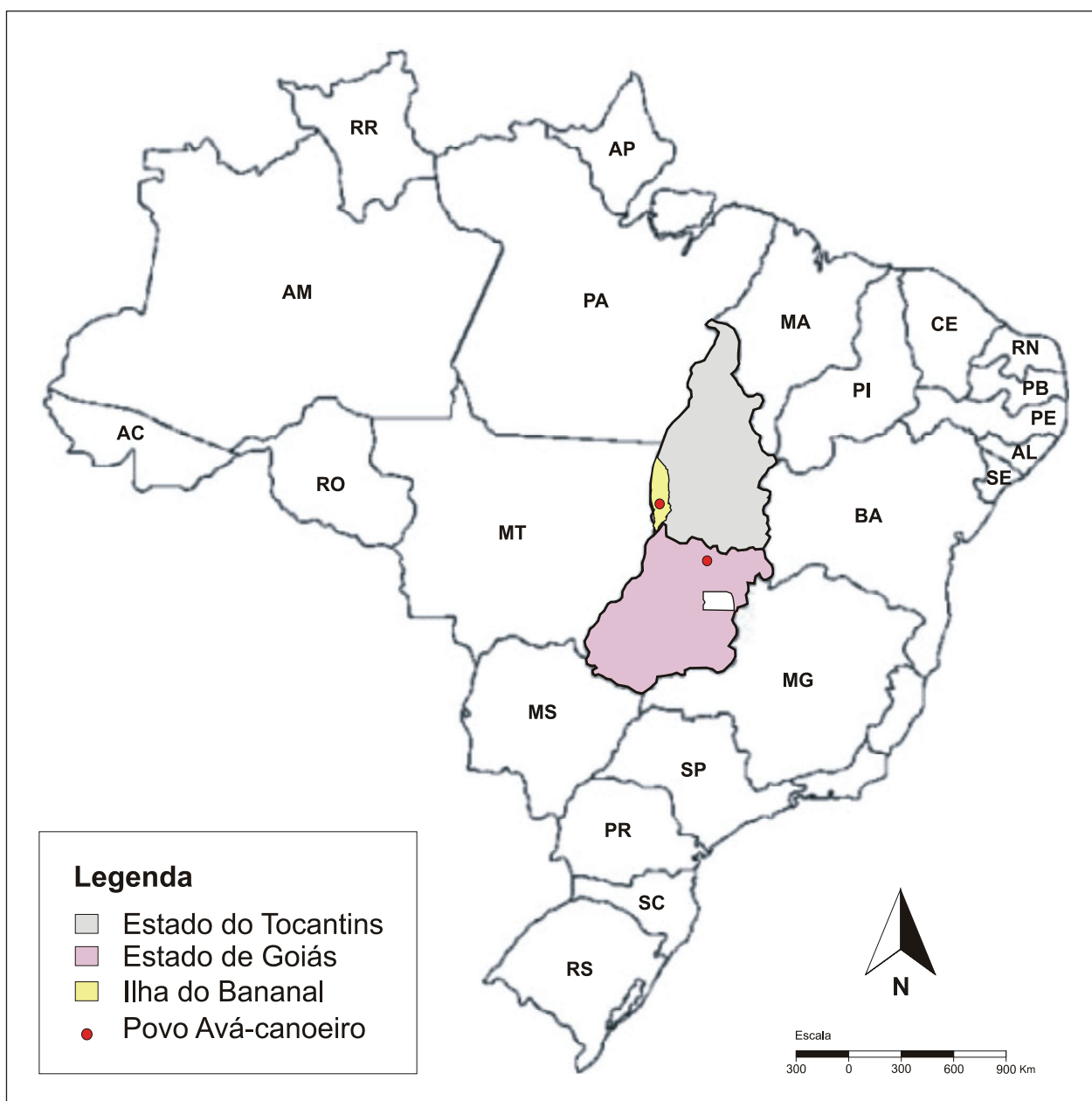
<sup>2</sup> Neste estudo mantenho a grafia dos nomes das línguas e os símbolos utilizados nos exemplos citados conforme os trabalhos originais a que tive acesso. Quando necessário, apresento as correspondências.

<sup>3</sup> De acordo com depoimentos de habitantes da região de Minaçu, há ainda outros Avá-Canoeiro perambulando nas imediações, sem terem sido ainda contactados. Entretanto, as várias frentes de atração realizadas não conseguiram localizar outros indígenas Avá-Canoeiro (cf. Pedrosa (2005b)).

<sup>4</sup> No Capítulo 1 apresento algumas considerações acerca dos usos das línguas Avá-Canoeiro e portuguesa entre os Avá-Canoeiro dos Estados de Goiás e Tocantins.

processos fonológicos verificados. Antes desse estudo, contudo, o conhecimento sobre a língua Avá-Canoeiro era limitado e restringia-se a listas de palavras coletadas por Couto de Magalhães (1863/1864, edição de 1957), Harrison (1974) e Toral (1984), sendo esta última a mais complexa. Desde 2001 a língua vem sendo estudada por mim e resultados parciais foram apresentados em vários congressos científicos (cf. Borges, 2001/2002, 2001, 2002, 2003, 2004, 2005).

Mapa 1: Localização do Povo Avá-Canoeiro nos Estados de Goiás e Tocantins.



Fonte: IBGE, 2006 (<http://www.ibge.org.br>; Canal Cidades@); Instituto Socioambiental. Povos Indígenas do Brasil, 2000. Elaboração: Sílvio Romeu Leitão Pereira.

Portanto, observa-se que a língua Avá-Canoeiro havia sido pouquíssimo documentada e analisada até o presente momento, visto que os trabalhos realizados eram incipientes. Logo, estudos aprofundados sobre a fonologia e a gramática Avá-Canoeiro estavam por ser feitos. No que diz respeito a outros aspectos da história e da cultura Avá-Canoeiro, podem ser citados os trabalhos de Rivet (1924), Neiva (1971), Costa & Pedroso (1988), Costa (1992), Pedroso (1992, 1994, 2005a, 2005b), Pedroso *et alii* (1990), Toral (1984/1985), Tosta (1997), Borges & Leitão (2002, 2003, 2003a), Leitão (2001/2002, 2002), Crithian SILVA (2005) e Celiomar SILVA (2005).

Eis aí as razões que me levaram a estudar o Avá-Canoeiro: uma língua altamente ameaçada de extinção, devido ao reduzido número de falantes, e praticamente sem documentação disponível e estudos feitos. Nada havia sobre morfologia e sintaxe e o pouco que se sabia sobre a fonologia não revelava muito. Era, aliás, a única língua do Estado de Goiás e também do Tocantins que ainda não estava sendo sistematicamente analisada. Como descrevo no Capítulo 1, muitos trabalhos foram iniciados sobre ela, sem que tivessem continuidade. Embora estudasse o Karajá (Macro-Jê) há alguns anos, decidi-me, incentivada pela então professora da Universidade Federal de Goiás, Dra. Marita Pôrto Cavalcante, que havia orientado o trabalho de Paiva (1996), a dedicar-me, a partir de 2001, ao estudo do Avá-Canoeiro, que carecia de uma documentação adequada, seguindo, assim, uma tradição da referida universidade em documentar e descrever da maneira mais abrangente possível as línguas desses dois Estados.

Esta tese, cujo objetivo é apresentar alguns aspectos fonológicos e morfossintáticos da língua Avá-Canoeiro, tais como o sistema fonológico, as classes de palavras fechadas e abertas e as orações simples, baseia-se nos preceitos teórico-metodológicos da Tipologia Funcional, delineados nos trabalhos de Shopen (1985), Schachter (1985), Anderson (1985a, 1985b), Andrews (1985), Comrie (1985, 1989), Payne (1997), Givón (2001) e Dixon (2002). Está organizada em oito capítulos, seguidos pelas considerações finais, pelas referências bibliográficas e pelos anexos.

No Capítulo 1 apresento um pequeno histórico sobre o povo Avá-Canoeiro, incluindo seu contato com a sociedade não-indígena em nossos dias. Discuto rapidamente os poucos estudos existentes sobre a língua Avá-Canoeiro e abordo de modo preliminar alguns usos e funções das duas línguas em contato, português e Avá-Canoeiro, a fim de que se possa melhor conhecer sua realidade nos Estados de Goiás e Tocantins. Esse capítulo fornece ao leitor uma visão panorâmica sobre aspectos históricos, culturais e sociolinguísticos desse povo.

No Capítulo 2 relato a metodologia empregada na coleta e na análise dos dados para este estudo, enfatizando a primeira, e discuto a fundamentação teórica que norteou a pesquisa.

O objetivo é esclarecer em que contexto esta se deu (datas das viagens para pesquisa de campo, participantes, gravações etc) e em que ponto está a documentação dessa língua, bem como tentar contribuir com pesquisadores que venham a vivenciar um universo de estudo semelhante ao que verifiquei com os Avá-Canoeiro: uma língua e um povo ameaçados de extinção e, de um lado, falantes mais velhos, que quase só utilizam o Avá-Canoeiro para se comunicarem, e, de outro, os mais jovens, cujas possibilidades de emprego da língua Avá-Canoeiro tornam-se a cada dia mais reduzidas, que já não mais falam a língua Avá-Canoeiro, apesar de compreenderem-na. Mostro, então, ao leitor o desenvolvimento da pesquisa nos dois Estados, as dificuldades enfrentadas, as limitações da análise e o avanço do estudo do Avá-Canoeiro, principalmente sua documentação.

No terceiro capítulo apresento uma descrição da fonologia do Avá-Canoeiro. Trato dos fonemas consonantais, dos processos fonológicos por que passam as consoantes e as vogais da língua e dos processos morfofonológicos sofridos pelos fonemas em junções morfêmicas. Comparo alguns pontos do estudo de Paiva (1996) com os resultados que obtive e estes com dados de outras línguas Tupi-Guarani, especialmente do Subgrupo IV. Abordo ainda a constituição silábica e o padrão acentual da língua. Por fim, alguns aspectos diacrônicos da fonologia do Avá-Canoeiro são levados em consideração.

No Capítulo 4 discuto a classe de nomes do Avá-Canoeiro, apresentando seus critérios gramaticais internos, sua estrutura, as relações que estabelece com as demais classes e a configuração morfossintática que a distingue das outras classes de palavras abertas e fechadas da língua. Assim, trato da categoria de posse, discutindo os prefixos relacionais e os pronomes clíticos que indicam o possuidor. Mostro como se expressam as noções de gênero e número na língua, uma vez que essas categorias não são estabelecidas. Discuto ainda a categoria de caso ('nuclear' e 'locativo') e a constituição, as funções e a coordenação de sintagmas nominais do Avá-Canoeiro. Finalizando, abordo alguns aspectos de derivação nominal (diminutivo e aumentativo) e de composição.

No quinto capítulo dedico-me à classe de verbos da língua Avá-Canoeiro, tratando das quatro subclasses encontradas e dos elementos que as distinguem: verbos transitivos, verbos intransitivos ativos, verbos intransitivos descritivos e a cópula **eko** ~ **iko** 'ser, estar'. Discuto a categoria de pessoa, o sistema de hierarquia de referências, os processos de reduplicação (monossilábica e dissilábica) com valor aspectual, o aspecto completivo, o modo desiderativo, a constituição do sintagma verbal, a negação de orações independentes, o prefixo causativo, o morfema reflexivo e a incorporação do sintagma nominal objeto no Avá-Canoeiro.

No sexto capítulo trato das formas adverbiais temporais, locativas, quantificadoras e de modo no Avá-Canoeiro. Trato também da constituição do sintagma adverbial da língua.

No Capítulo 7 abordo as quatro classes fechadas de palavras do Avá-Canoeiro (os pronomes pessoais (livres e clíticos), os demonstrativos, as posposições e as partículas), apresentando as características morfossintáticas que as diferenciam entre si, assim como de outras categorias sintático-funcionais da língua.

Por fim, no Capítulo 8, teço algumas considerações sobre as orações independentes e coordenadas. Trato das orações com predicado verbal (orações intransitivas ativas, intransitivas descritivas, transitivas e copulativas) e das orações com predicado não-verbal (possessivas, equativas, existenciais quantitacionais e locativas). Discuto também a ordem dos constituintes nas orações, os tipos oracionais (orações declarativas afirmativas e negativas, interrogativas e imperativas), as orações coordenadas, as possibilidades de apagamento de sintagmas nominais idênticos e lanço a hipótese de que o Avá-Canoeiro seria uma língua de estrutura ativa, como o Kamaiurá (cf. Seki (1976, 1987, 1990)) e o Tapirapé (cf. Leite (1990)).

Quando há distinção entre os exemplos nas variedades da língua Avá-Canoeiro, a do Estado de Goiás e a do Tocantins, as formas divergentes são apontadas. São indicados pelo símbolo (E) os exemplos elicitados, diferenciando-os dos demais, que foram obtidos em situações de diálogos entre os Avá-Canoeiro ou entre eles e mim. Todos os dados são dispostos em três linhas. Na primeira apresento a segmentação morfológica; na segunda, as glosas e, por fim, a transcrição fonética. O que me levou a incluir esta última foi o interesse em fornecer uma pronúncia detalhada dos exemplos, visando um registro o máximo possível fiel da pronúncia conseguida.

Por fim, é preciso esclarecer que, devido a vários problemas adversos à pesquisa, detalhados no Capítulo 2, tais como a recusa dos Avá-Canoeiro do Estado do Tocantins a falarem Avá-Canoeiro, por causa do processo discriminatório que vivenciaram, esta tese apresenta-se em alguns momentos superficial e incompleta. Sem dúvida um fator importante que contribuiu sobremaneira para que ela não pudesse ser um estudo mais verticalizado foi a não permissão de ingresso na Terra Indígena Avá-Canoeiro, em Goiás, a partir de 2004. Essa restrição deveu-se à resposta negativa, por parte do chefe de posto, à minha solicitação de entrada na área, resposta na qual afirma que

*“(...) a família indígena de Serra da Mesa não demonstrou nenhum interesse pela questão – apesar de nossos esclarecimentos – e posicionou-se desfavorável à (sic.) qualquer tipo de visita prolongada entre eles, devido à (sic.) transtornos ocorridos em outras ocasiões e com o mesmo pretexto”.<sup>5</sup>*

<sup>5</sup> Memo. Nº 16/PIN Avá-Canoeiro/2004, de 28/07/2004.



Curiosamente, em atendimento à minha primeira solicitação de ingresso nessa área, o mesmo chefe de posto respondeu que

*“Devido a (sic.) situação/realidade atípica do grupo, qualquer consulta a respeito do assunto resultaria apenas em um posicionamento hipotético da parte deles – no máximo”*.<sup>6</sup>

E, reiterando, afirma que

*“(...) devido à situação/realidade atual atípica da família Avá-Canoero de Serra da Mesa, situada no Município de Minaçu-GO, qualquer consulta à mesma sobre pesquisa lingüística intitulada “Aspectos Fonológicos e Morfossintáticos da LÍNGUA Avá-Canoero (Tupi-Guarani)”, (sic.) resultaria, no máximo, em um posicionamento hipotético da parte dos consultados – convenhamos. Entretanto, de nossa parte, não temos nenhuma objeção a fazer e acreditamos que a proposta venha a somar (sic.) com os trabalhos desenvolvidos pelo PIN, visando proteger a citada etnia”*.<sup>7</sup>

Assim, a despeito das ressalvas do próprio chefe de posto um ano antes acerca de um ‘posicionamento hipotético’ por parte do Avá-Canoero quanto à entrada de pesquisadores em sua Terra Indígena, dos pareceres favoráveis e elogiosos do CNPq ao meu projeto, ao trabalho que vinha realizando entre os Avá-Canoero em Goiás e à minha formação<sup>8</sup>, e, especialmente, da sugestão do mesmo chefe de posto para que eu realizasse minha pesquisa entre os Avá-Canoero da aldeia de Canoanã, vi-me impossibilitada de voltar a pesquisar junto aos Avá-Canoero do Estado de Goiás, tendo restringido minha pesquisa no último ano aos Avá-Canoero do Estado do Tocantins.

No Memo. Nº 16/PIN Avá-Canoero/2004, de 28/07/2004 o chefe de posto escreve:

*“(...) sugerimos para a pesquisa em pauta os índios Avá-Canoero da Aldeia de Canoanã/ Ilha do bananal/TO, em número maior de indivíduos, carentes de estudos, mais acessíveis e de maior compreensão com a causa proposta. Nessa comunidade, acreditamos, a pesquisadora encontrará ampla receptividade para o desenvolvimento de seu trabalho e estará, ao mesmo tempo, prestigiando aqueles índios, sempre relegados a segundo plano em relação à comunidade de Minaçu, e por várias vezes em contato conosco, demonstraram (sic.) ressentidos com isso”*.

Essa sugestão do chefe de posto demonstra que a origem de sua recusa ao meu pedido de ingresso em Terra Indígena nada teve a ver com má conduta de minha parte, caso contrário não sugeriria que a pesquisa se concentrasse nos Avá-Canoero do Estado do Tocantins.

<sup>6</sup> Memo. Nº 006/PIN Avá-Canoero/2003, de 20/03/2003.

<sup>7</sup> Memo. Nº 017/PIN Avá-Canoero/2003, de 27/05/2003.

<sup>8</sup> Pareceres “Ad Hoc”, datados de 17/08/2004 e 14/09/2004 (CNPq/SEPRO, Protocolo nº 268.662/04-5, de 30/06/2004).

Em virtude dessa recusa de ingresso na Terra Indígena Avá-Canoeiro, em Goiás, um dos objetivos iniciais desse projeto, que era realizar um estudo contrastivo entre as duas variedades da língua, foi adiado até que uma nova situação política exista com relação aos Avá-Canoeiro do Estado de Goiás, diferentemente da atual “(...) *estrutura burocrática e empresarial de administração dos índios pelos brancos (...)*”, ou seja, “*o habitus tutelado*” (cf. Cristhian SILVA (2005: 53, 196)).

Sobre sua própria pesquisa junto aos Avá-Canoeiro de Goiás, o antropólogo Cristhian SILVA (2005: 293) afirma que

*“(...) o risco maior de não mais poder retornar à área está sempre presente em função de uma postura crítica frente às atividades tutelares que podem vir a contrariar os senhores da situação, nomeadamente: os tutores (...) para perceber com mais nitidez os limites e constrangimentos impostos à vida na Terra Indígena Avá-Canoeiro”.*

Foi o que ocorreu comigo. E outros estudiosos, como eu, que contrariaram ‘os senhores da situação’, e arriscaram-se a criticar aspectos da tutela imposta aos indígenas com quem trabalhavam, tiveram suas pesquisas vigiadas, cerceadas e proibidas, como o antropólogo Stephen Baines, da UnB, ao trabalhar com os Waimiri-Atroari (cf. Baines (1990, 1993, 1996)).

Não se tem aqui, portanto, uma análise exaustiva da língua, mas sim do que já se pode acumular de conhecimento sobre ela nesses meus cinco anos de estudo, o que é sem dúvida uma grande contribuição, uma vez que até agora pouco se sabia sobre sua gramática. Os aspectos escolhidos para análise contemplaram apenas os fenômenos sobre os quais eu possuía mais dados e tinha maiores convicções. O morfema recíproco {jɔ-}, por exemplo, não foi discutido, uma vez que eu dispunha de pouquíssimos dados que o continham. Resta ainda muito a ser feito, mas o primeiro passo foi dado com esse estudo.

A seguir apresento no Capítulo 1 aspectos históricos, culturais e sociolinguísticos dos Avá-Canoeiro dos Estados de Goiás e Tocantins.

## Capítulo 1

### Os Avá-Canoeiro: aspectos históricos, culturais e sociolingüísticos<sup>9</sup>

(...) o traço mais marcante desse povo é a *resistência em se manterem autônomos enquanto sociedade*. Tal resistência pode ser observada primeiramente através da guerra, quando a preservação de seus territórios tribais tornou-se necessária (...) Quando a contenda tornou-se impossível, em virtude da sensível diminuição da população indígena, os índios passaram a fugir e a se esconder. *Insistiam, ainda, em permanecer autônomos*.

(Pedroso, 1994: 96-97; grifos meus)

#### 1. Introdução

Neste capítulo, apresento, embora de maneira sucinta, alguns aspectos da história dos Avá-Canoeiro, desde as primeiras notícias de sua existência, no século XVIII, seu histórico de contato, até os dias atuais, com base nos trabalhos de Pedroso (1992, 1994) e de outros estudiosos da história de Goiás. Mostro brevemente do que tratam os poucos estudos lingüísticos existentes: as listas de Couto de Magalhães (1863/1864), Harrison (1974) e Toral (1984) e a dissertação de Paiva (1996). Essas informações têm o objetivo de contextualizar o leitor sobre a história dos Avá-Canoeiro, bem como sua atual situação. Apresento, ainda, de maneira bem preliminar, algumas considerações sobre as escolhas e os usos das duas línguas em contato, Avá-Canoeiro e português, nas duas comunidades, e sobre as atitudes lingüísticas observadas.

---

<sup>9</sup> Algumas das reflexões aqui realizadas foram esboçadas em Borges (2002, 2004a), de forma preliminar.

## 1.1 Breve histórico sobre o Povo Avá-Canoeiro e seu contato

Estudos históricos, antropológicos e culturais sobre o povo Avá-Canoeiro foram realizados por Dulce Pedroso (1992, 1994), Lena Tosta (1997), Rosani Leitão (2001/2002, 2002) e, recentemente, por Cristhian Silva (2005), Celiomar Silva (2005) e Dulce Pedroso (2005a, b).

Pedroso (1992, 1994) explica que, devido à carência de dados históricos, não se pode precisar o contingente populacional dos Avá-Canoeiro, desde que foram inicialmente noticiados em Goiás. Segundo Toral (1984/1985), a estimativa mais antiga é a de 1824, quando foi apontada por Cunha Mattos (1979) a existência de trezentos “guerreiros”. As primeiras informações de que dispomos a respeito desse povo datam do século XVIII, época em que frentes agropastoris estabeleceram-se em suas terras<sup>10</sup>. Na documentação histórica daquele século, os Avá-Canoeiro foram freqüentemente denominados de “canoeiros”<sup>11</sup> ou “índios de canoa” (cf. Pedroso, 1992; 1994; Toral, 1984/1985; Tosta, 1997).

Consta que de todos os indígenas que habitaram o Estado de Goiás, os Avá-Canoeiro estavam entre os mais temidos<sup>12</sup>, porque resistiram e reagiram bravamente tanto à dominação colonizadora que lhes era imposta quanto à política indigenista do período, que tinha como propósito a ocupação das terras dos povos indígenas e seu aliciamento em aldeamentos oficiais. Assim, em alguns momentos o lema era “*ou subjugar os Canoeiros ou ser vencido por elles*” (Brasil, 1924, *apud* Toral, 1984/1985: 298).

Desse modo, os Avá-Canoeiro estavam sempre em constante conflito com o colonizador e eram considerados, inicialmente, “o perigo execrado” (Bertran, 1998: 24), tendo sido designados em livros, relatórios e documentos oficiais como “ferozes”, “indomáveis”, “temíveis”, “arredios” e “avessos ao contato e ao processo catequético”, embora detentores de grande inteligência e sagacidade. Segundo Pedroso *et alii* (1990), esses conflitos foram intensos e duraram de 1770 até 1860.

Como afirma Pedroso (1992; 1994), a característica essencial dos Avá-Canoeiro era a belicosidade, pois jamais aceitavam ser subjugados. Como estratégia de sobrevivência, interrom-

<sup>10</sup> Foi também nesse século que ocorreram a ocupação e o povoamento de Goiás, devido ao descobrimento de minas de ouro (Palacin, 1994).

<sup>11</sup> A designação “canoeiros”, comum no século XIX, é controversa. Conforme Pohl (1976: 213), ela provém do tipo de canoa que os Avá-Canoeiro utilizavam. Para esse autor, elas “*são troncos de árvores escavados, nos quais (os Avá-Canoeiro) enfrentam audaciosa e habilmente até mesmo o caudaloso Maranhão*”.

<sup>12</sup> Conforme os estudos sobre a história de Goiás, os Avá-Canoeiro, os Kayapó e os Xavante foram os índios mais “ferozes” e temidos do Estado (cf. Rocha, 1998).

piam a comunicação entre cidades e vilas, ou atacavam e destruíam arraiais, povoados e fazendas, recusando-se a aceitar o contato pacífico, e objetivando permanecer autônomos e manter afastado de suas terras “o inimigo explorador” (Toral, 1984/1985; Pedroso *et alii*, 1990). Este vinha em busca de mão-de-obra escrava indígena para o comércio açucareiro nordestino e para o trabalho nas lavouras e nas minas.

A partir da década de 1860, foram intensas a dispersão e a movimentação dos Avá-Canoeiro no Estado de Goiás, quando foram registrados diversos ataques seus às bandeiras. A fim de coibi-los, e buscando fomentar a navegação no Rio Araguaia, formaram-se vários aldeamentos oficiais e criaram-se muitos presídios militares<sup>13</sup>, que, juntamente com as bandeiras punitivas e os destacamentos volantes, foram responsáveis pela quase total extinção dos Avá-Canoeiro.

Em suma, as relações hostis entre os não-indígenas e os Avá-Canoeiro, os freqüentes confrontos entre estes e os colonizadores e os constantes massacres, chacinas e perseguições sofridos por esses indígenas trouxeram como conseqüências a dispersão desse povo num vasto território, sua fragmentação em pequenos grupos e, principalmente, a drástica redução de seu contingente populacional em nosso século<sup>14</sup> (cf. Pedroso *et alii* (1990); Costa (1992), Toral (1984/1985)).

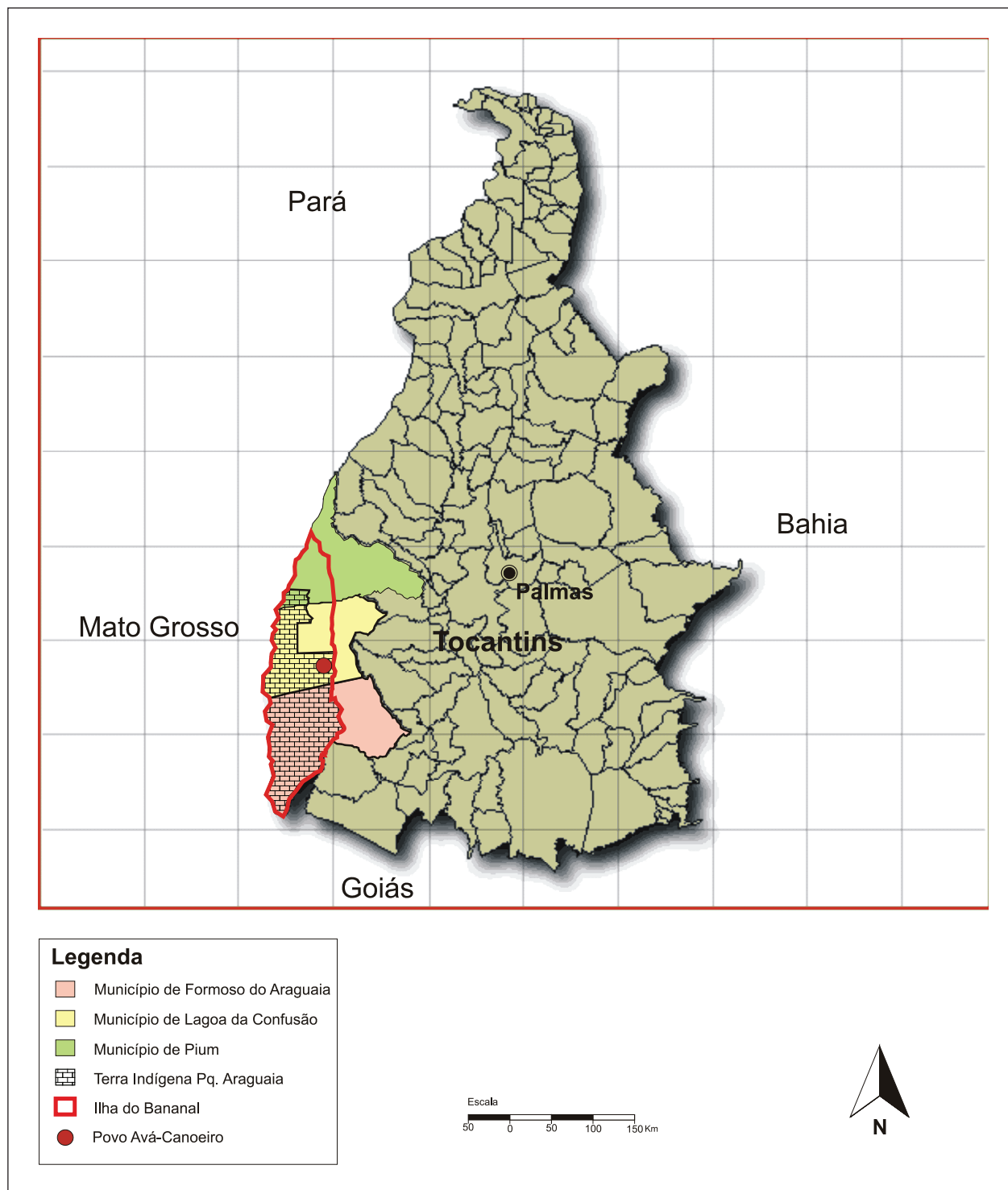
Hoje esse povo resume-se ao reduzido número de vinte e duas pessoas, o que o faz ser visto como ‘fortemente ameaçado de extinção’. De acordo com a tipologia apresentada em Crystal (2000: 21), pode ser considerada uma língua ameaçada aquela que poucas ou nenhuma criança está aprendendo como primeira língua e seus falantes jovens mais fluentes são jovens adultos. É ao que tudo indica essa a situação do Avá-Canoeiro. A maioria desses indígenas vive na aldeia Canoanã, na Ilha do Bananal, a cinqüenta e quatro quilômetros da cidade de Formoso do Araguaia, no Estado do Tocantins (cf. o Mapa 2), desde 1973, quando foram contatados e instalados pela FUNAI junto ao povo Javaé (Macro-Jê)<sup>15</sup>. Assim, não possuem terra própria e vivem como agregados dos Javaé.

<sup>13</sup> Esses presídios eram “*um misto de estabelecimento penal, colônia agrícola e estabelecimento militar*” (Rocha, 1998: 71).

<sup>14</sup> À semelhança do que houve com os Avá-Canoeiro, outros povos indígenas brasileiros foram quase totalmente dizimados. É o que conta Silva (1998) sobre os oito sobreviventes Xetá, que, por meio de lembranças, experiências e narrativas dramáticas, expõem sua triste história de extermínio. No total são quarenta e dois Xetá, entre sobreviventes e seus descendentes.

<sup>15</sup> Os Javaé são falantes de Javaé, pertencente à família lingüística Karajá e ao Tronco Macro-Jê.

Mapa 2: Localização do Povo Avá-Canoeiro na Ilha do Bananal - Estado do Tocantins.



Fonte: IBGE, 2006 (<http://www.ibge.org.br>; Canal Cidades@); Instituto Socioambiental. Povos Indígenas do Brasil, 2000. Elaboração: Sílvio Romeu Leitão Pereira.

São três remanescentes do contato, feito por meio de frente de atração: Tutau, o mais idoso do grupo, com aproximadamente 70 anos; a filha deste, Kawkama (apelidada como “Makaquira”), e seu irmão Agadmi, filho de Tutau, ambos com 40 anos, aproximadamente. Os demais são filhos de Kawkama com pai Javaé (Ciéle Tautâma<sup>16</sup>, nascida em 1978; David, em 1981; e Angélica Tupuile, em 1987) e pai Tuxá (Sirlene, nascida em 1990; Diego, em 1992 e Brena, em 1994), e seus netos (4 filhos de Ciéle, nascidos em 1994 (Katimari), 1996 (Kauiná), 1998 (Ruth) e um menino em 2004; 2 de David, nascidos em 2001 e 2002, um menino (Nambiô/Kumaiára), apelidado como Formigão, e uma menina (Tupuile), chamada de Biu; e 1 de Angélica, Putxikao, nascido em 2003)<sup>17</sup>, também frutos de casamentos interétnicos (Ciéle e David casaram-se com cônjuges Karajá e Javaé, respectivamente, e Angélica com um rapaz filho de Karajá e mãe não-indígena).<sup>18</sup> Lamentavelmente Tatxia, irmã de Tutau, faleceu no final do mês de janeiro deste ano.

Na Terra Indígena próxima à cidade de Minaçu, em Goiás (cf. o Mapa 3), localizada a oitenta quilômetros daquele município, vivem, numa área de cerca de 38.000 hectares, seis pessoas: Matxa<sup>19</sup>, a mais idosa do grupo; Nakwatxa, irmã de Matxa; Tuia, filha de Matxa; Iawi, o único homem adulto do grupo; o jovem Jatulika e sua irmã Nywatxima, filhos de Tuia e Iawi<sup>20</sup>. Esse grupo Avá-Canoeiro vive nessa Terra Indígena, desde 1983, quando foi contatado pela FUNAI. Após quase duas décadas de fuga constante, os quatro Avá-Canoeiro adultos apresentaram-se a habitantes regionais, que imediatamente contataram a FUNAI<sup>21</sup>. Jatulika e Nywatxima nasceram depois do contato.

<sup>16</sup> Ciéle, o marido e os quatro filhos moram, desde 1998, na aldeia Javaé de Boto Velho, também na Ilha do Bananal, a 290 quilômetros de Canoanã, próxima ao município de Lagoa da Confusão.

<sup>17</sup> As datas aqui apresentadas foram extraídas dos artigos de Pedroso (2005a, b), à exceção da data referente ao nascimento de Putxikao, filho de Angélica, que nasceu após o término da preparação daquele trabalho.

<sup>18</sup> Da mesma forma que esses Avá-Canoeiro vivem agregados aos Javaé, os Xetá também foram morar junto a indígenas de outras etnias, línguas e culturas, e hoje grande parte vive em áreas Kaingáng e/ou Guaraní, no Estado do Paraná (cf. Silva (1998)). Nessas situações, os casamentos interétnicos são comuns, como entre Xetá e Kaingáng e Avá-Canoeiro e Javaé.

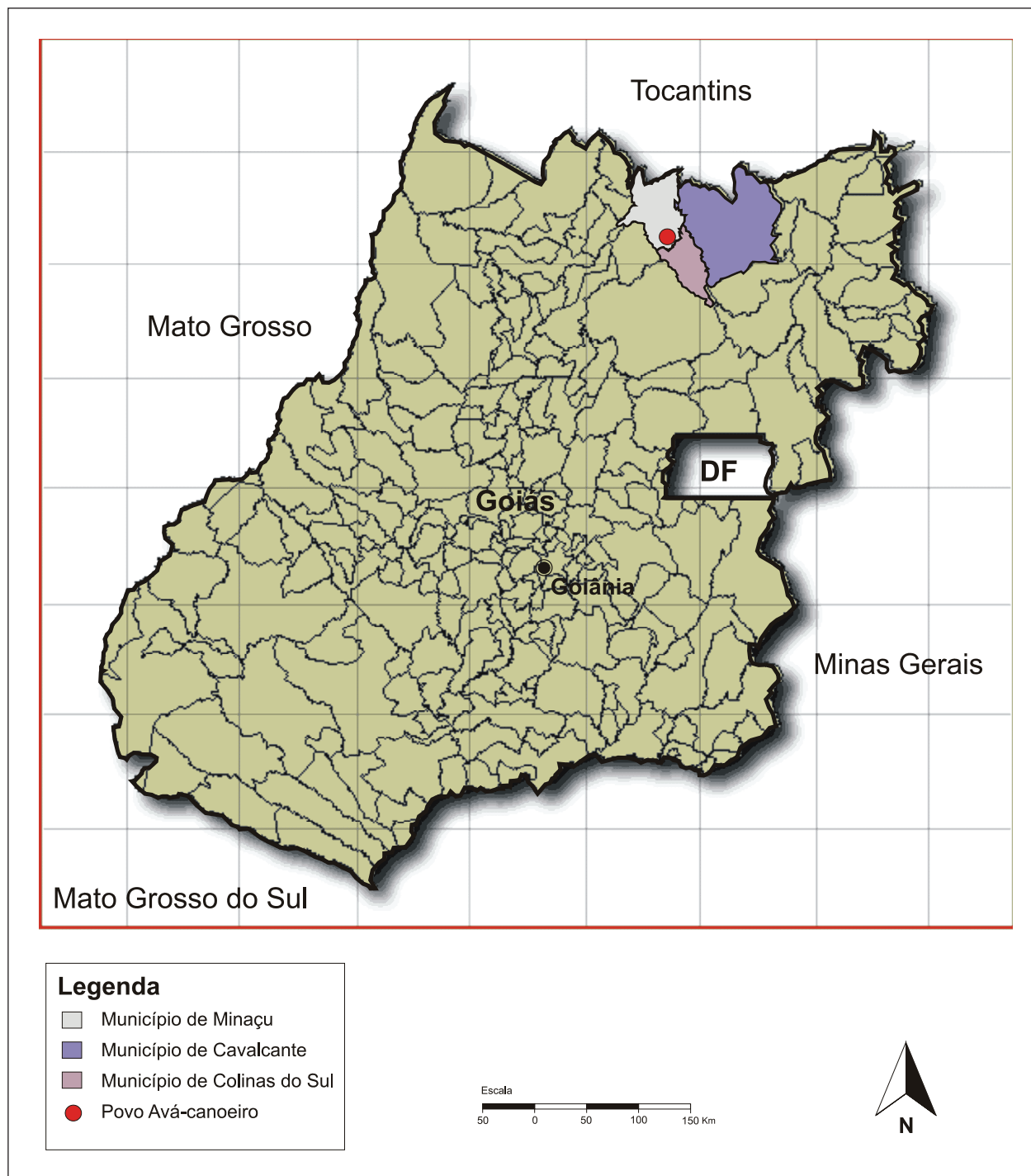
<sup>19</sup> A ortografia dos nomes dos indígenas foi mantida como nos registros oficiais a que tive acesso, tais como documentos da FUNAI, porque a língua Avá-Canoeiro ainda não possui uma ortografia própria, exceto um esboço que realizei (cf. Borges (2004a)).

<sup>20</sup> De acordo com informações da Fundação Nacional de Saúde (FUNASA), que constam dos cartões de vacinação dos Avá-Canoeiro, essas são as datas aproximadas de seus nascimentos: Matxa (1939), Nakwatxa (1944), Iawi (1961) e Tuia (1973). Já dos nascimentos dos dois mais jovens se tem certeza: Jatulika nasceu em 1987, e Nywatxima em 1989. Em 2004, os dois tiveram seus nomes trocados de Trumak e Putdjawa para Jatulika e Nywatxima, respectivamente.

<sup>21</sup> Por muito tempo os Avá-Canoeiro do Estado de Goiás rejeitaram o contato direto com a sociedade envolvente e se recusaram a submeter-se às regras que lhes eram impostas, optando por uma existência autônoma, embora em condições precárias e perigosas. Essa “apresentação” ocorreu com outros povos brasileiros, como por exemplo com os Xetá (Silva, 1998: 177; 188), que contam que se aproximaram dos não-indígenas para se proteger.



Mapa 3: Localização da Terra Indígena Avá-Canoeiro no Estado de Goiás.



Fonte: IBGE, 2006 (<http://www.ibge.org.br>; Canal Cidades@); Instituto Socioambiental. Povos Indígenas do Brasil, 2000. Elaboração: Sílvio Romeu Leitão Pereira.

Em virtude da construção da Usina Hidrelétrica de Serra da Mesa ter atingido uma parte da área Avá-Canoeiro, foi firmado um convênio, intitulado PACTO (“Programa Avá-Canoeiro



do Tocantins”), entre FUNAI e FURNAS, responsável pela obra<sup>22</sup>. Desse modo, FURNAS assumiu as responsabilidades referentes à manutenção financeira do grupo, como “forma de compensação” pelos impactos e danos à área Avá-Canoeiro. Portanto, os seis Avá-Canoeiro do Estado de Goiás têm sua subsistência e sua segurança garantidas pela “proteção” da FUNAI e os recursos financeiros advindos do convênio com FURNAS<sup>23</sup>. Seu cotidiano é, desse modo, administrado por essas duas agências externas<sup>24</sup>.

É do PACTO que os Avá-Canoeiro obtêm quase tudo de que necessitam para sua subsistência, desde gêneros alimentícios até bens de consumo, tais como artefatos para uso doméstico e produtos de limpeza e higiene pessoal<sup>25</sup>. É desse programa que advém os recursos para pagamentos de funcionários do posto indígena, os que não são contratados pela FUNAI, tais como os vigilantes das barreiras, que controlam a entrada na Terra Indígena e cuidam para que os antigos posseiros de lá retirados não retornem.

## 1.2 Estudos realizados sobre a língua Avá-Canoeiro

If the goal of linguistic anthropology is the study of linguistic forms as constitutive elements of social life, researchers must have ways of connecting linguistic forms with particular cultural practices.<sup>26</sup>

Duranti (1997: 84-85)

<sup>22</sup> Convênio FURNAS/FUNAI nº 10323, de 29/06/1992. Atualmente, está em tramitação uma proposta de convênio substitutivo àquele, cujo prazo de vigência já expirou. Trata-se do PAC - “Programa de Apoio aos Avá-Canoeiro”, de 2004 (cf. PAC, 2004).

<sup>23</sup> Em uma única expressão, podemos dizer que os Avá-Canoeiro de Minaçu vivem hoje sob o que Baines (1993, 1996) chama de “*indigenismo empresarial e de resistência*” para os Waimiri-Atroari (Estado do Amazonas), já que o indigenismo oficial alia-se a um modelo de desenvolvimento econômico.

<sup>24</sup> Os Avá-Canoeiro do Estado de Goiás quase só saem da Terra Indígena acompanhados de funcionários e só recebem quem possui permissão para entrar e ficar. Na entrada há porteiras com cadeados, cujas chaves ficam sob o poder de funcionários. Assim, os Avá-Canoeiro do Estado de Goiás têm um contato restrito com o mundo de fora da Terra Indígena. Contudo, não raro realizam passeios que extrapolam os limites e as barreiras da terra indígena para visitar conhecidos moradores da região. Essas visitas são normalmente feitas por Iawi e Tuia ou Iawi e Nakwatxa, que costumam levar gêneros alimentícios como óleo, açúcar e leite em pó, e outros objetos para presentear ou trocar por rapaduras e outros produtos com conhecidos que vivem nas imediações da Terra Indígena.

<sup>25</sup> Não raro a imprensa publica cobranças e críticas a FURNAS por sua atuação incorreta junto ao povo Avá-Canoeiro (cf. títulos das reportagens no Anexo 1). Segundo Eliana Granado (Granado, 2002: 12), antropóloga de FURNAS, o PACTO foi criado em 1994, “*com vistas a proporcionar o equilíbrio sócio-cultural do grupo*”. Possui os seguintes subprogramas: Saúde, Educação, Meio Ambiente, Auto-sustentação, Unificação do Povo Avá-Canoeiro e crescimento populacional, Proteção e fiscalização da Terra Indígena, Documentação e Memória, Obras e equipamentos. Apesar do discurso, na prática, nem tudo funciona perfeitamente, e o que há é, segundo Silva (2005: 38), “*uma situação tutelar encapsulante e mascarada por discursos indigenistas que apregoam o revivalismo cultural dos avá-canoeiros*”.

<sup>26</sup> Tradução livre: “Se o objetivo da antropologia lingüística é o estudo das formas lingüísticas como elementos da vida social, pesquisadores deverão ter maneiras de ligar as formas lingüísticas a práticas culturais particulares”.

O conhecimento que se tem acerca da língua Avá-Canoeiro resume-se quase que exclusivamente a listas de palavras, como as que foram coletadas por Couto de Magalhães, em 1863/1864 (edição de 1957)<sup>27</sup>, Harrison, em 1974, e Toral (1984). Resumidamente, pode-se afirmar que essa língua possui somente alguns dados coletados e algumas análises preliminares, carecendo, por conseguinte, de pesquisas pormenorizadas. A lista coletada por Couto de Magalhães (1975: 112-113), a mais antiga, é composta por somente cinquenta e uma palavras, sendo cinco nomes próprios.

A lista de Harrison (1974), por sua vez, traz cento e sete elementos, a maioria palavras. Há também algumas sentenças formadas por verbos intransitivos. Por fim, a lista registrada por Toral (1984) é mais abrangente, pois se compõe de palavras, sentenças, algumas explanações relacionadas aos sons do Avá-Canoeiro e às variedades de Goiás e do Tocantins e um quadro fonético.

Entretanto, à exceção de Toral (1984), que compilou uma pequena coletânea da língua, essas listas constam ou como informações mais detalhadas sobre os povos indígenas goianos, no corpo mesmo do texto<sup>28</sup>, ou como adendos dos trabalhos. É o que ocorre com a lista de Harrison (1974), que complementa um relatório da visita por ele feita aos Avá-Canoeiro em 1974 e que se constitui eminentemente de explanações a respeito das condições de saúde e vida dos Avá-Canoeiro, tanto na aldeia Canoanã quanto na Terra Indígena em Goiás. Há ainda uma parte dedicada a questões lingüísticas, em que o autor ressalta alguns traços fonológicos da língua. Posteriormente, entre os anos oitenta e noventa, houve algumas tentativas de se estudar o Avá-Canoeiro, por parte de professores das Universidades Federal e Católica de Goiás, as quais, no entanto, infelizmente não obtiveram êxito, não tendo essas pesquisas avançado além da fase inicial de coleta e transcrição dos dados e análise fonológica preliminar.

O estudo mais detalhado sobre a língua Avá-Canoeiro foi feito em 1996 e resultou na dissertação de mestrado de Paiva (1996)<sup>29</sup>, na qual o autor, fundamentando-se no referencial teórico da Fonologia Gerativa Padrão, apresentou um inventário dos fones e o quadro fonético, procedeu à identificação dos fonemas e elaborou as regras fonológicas que explicitam os processos

<sup>27</sup> A partir do vocabulário coletado por Couto de Magalhães, Nimuendajú (*apud* Baldus, 1970) faz algumas considerações interessantes sobre a língua Avá-Canoeiro. Veja-se também o artigo de Neiva (1971:118-119), em que essa lista é reproduzida.

<sup>28</sup> Ressalte-se aqui a lista de palavras coletada pelas pesquisadoras Dulce Madalena Rios Pedroso, Leda Terezinha Costa Bandeira e Maria Cira Jorge Meireles Dias de Sousa, para “*uso pessoal no contato com este grupo [os Avá-Canoeiro de Goiás], ou num futuro próximo, num contato com um grupo arredo*” (Costa & Pedroso, 1988: 36-40). Essa lista é reprisada em Costa (1992: 09-11). O relatório de Costa & Pedroso (1988) menciona ainda outras listas, que teriam sido coletadas pelos pesquisadores Mércio Pereira Gomes e Nair Maria Di Oliveira (UCG). No entanto, não tive acesso a esse material, que não consta do texto.

<sup>29</sup> Tutau e Kawkama foram os Avá-Canoeiro com quem Paiva trabalhou, nos anos de 1993 e 1994.

fonológicos evidenciados no corpus observado e, a partir delas, confeccionou as matrizes fonética e fonológica. Há ainda um capítulo destinado à fonologia comparada e à inclusão do Avá-Canoeiro na família Tupi-Guarani.

O estudo de Paiva (1996), porém, é restrito, já que abordou apenas a variedade da língua Avá-Canoeiro falada na aldeia Canoanã, deixando de lado a variedade da Terra Indígena próxima a Minaçu. Ademais, como adverte o próprio autor, seu trabalho restringiu-se à fonologia do segmento, não envolvendo a constituição silábica e aspectos suprasegmentais ou traços prosódicos como acento, duração, tom ou entonação. Some-se a isso o fato de o corpus pesquisado por Paiva (1996) ser bastante reduzido e de muitas de suas observações serem contraditórias. A exigüidade de dados fez com que essa análise ficasse incompleta, superficial e pouco confiável em muitos aspectos, tais como no estabelecimento do estatuto das vogais nasais, consideradas, *a priori*, distintivas, a despeito da quase inexistência de dados elucidativos. Pouco conclusivas no estudo de Paiva (1996) são também as análises que determinam os fonemas e alofones da língua Avá-Canoeiro, o que, conforme explicita o próprio autor, deveu-se a limitações de ordem teórico-metodológicas, assim como a dificuldades na coleta do corpus.

Portanto, o conhecimento que se tem acerca do Avá-Canoeiro é bastante exíguo. Contudo, desde 2001, a língua vem sendo estudada por mim e muitos resultados parciais foram publicados ou apresentados em congressos científicos (cf. Borges, 2001/2002, 2001, 2002, 2003, 2004, 2005). É necessário a meu ver, além de um conhecimento aprofundado da variedade do Tocantins, abordada por Paiva (1996), e um estudo pormenorizado da variedade falada na Terra Indígena Avá-Canoeiro, uma comparação sistemática das duas, de forma a tratar das variações encontradas na língua Avá-Canoeiro, o que será meu objetivo em trabalhos futuros.

Esta pesquisa, portanto, especialmente por abordar o Avá-Canoeiro falado em Goiás, sobre o qual quase nada há registrado e analisado, é de extrema urgência, para a documentação dessa língua, buscando, desse modo, contribuir para a preservação física e lingüístico-cultural desse povo<sup>30</sup>. Como afirma Craig (2000), os lingüistas possuem certas responsabilidades para com os povos indígenas e uma delas relaciona-se ao desenvolvimento de projetos de educação bilíngüe e intercultural adequados à realidade vivenciada pelas diversas etnias. E esse compromisso é ainda

<sup>30</sup> Em 2001, iniciou-se o “Projeto Avá-Canoeiro. Uma Proposta de Educação: vitalização da língua e da cultura”, sob a coordenação da Profa. Dra. Silvia Lúcia Bigonjal Braggio (cf. Braggio, 2000), cujo objetivo principal era a revitalização da língua e da cultura Avá-Canoeiro na Terra Indígena Avá-Canoeiro. A primeira etapa desse projeto foi realizada pelo Museu Antropológico/Universidade Federal de Goiás e contou com o apoio da Fundação Nacional do Índio e de FURNAS Centrais Elétricas (cf. Borges & Leitão, 2003). Resultados desse projeto podem ser obtidos em Braggio (2003, 2003a).

maior quando se trata de línguas ameaçadas, como é o caso do Avá-Canoeiro, cuja situação é preocupante, pois a população resume-se a vinte e duas pessoas, distribuídas em duas áreas distantes uma da outra, e vivendo praticamente isoladas, sem contato muito freqüente entre si<sup>31</sup>. Portanto, a língua e a cultura Avá-Canoeiro podem ser consideradas extremamente ameaçadas, uma vez que o povo Avá-Canoeiro encontra-se ameaçado de extinção, por causa de seu baixo contingente populacional, entre outras razões.

### 1.3 As línguas Avá-Canoeiro e portuguesa: escolhas e usos

(...) cuando hablamos de conflicto lingüístico nos referimos, por supuesto, no a una lucha entre lenguas sino entre grupos diferenciados por factores socioeconómicos, étnicos y/o socioculturales. (...)

La diglosia, por tanto, se refiere a una relación de poder entre grupos sociales. La institucionalización y legitimación de una lengua (y un discurso) en un ámbito determinado se da en virtud del poder del que dispone el grupo lingüístico en cuestión.<sup>32</sup>

Hamel (1988: 52)

A substituição das línguas minoritárias pelas majoritárias é apontada como uma das principais causas para mortes lingüísticas (cf. Mithun, 1998). Segundo Grosjean (1982), o que normalmente ocorre em casos de bilingüismo é uma escala entre o monolingüismo na língua minoritária, passando pelo bilingüismo nas línguas minoritária e majoritária, chegando ao monolingüismo na língua majoritária.

Essa situação está diretamente ligada às *escolhas lingüísticas* que os falantes fazem entre as línguas em contato que utilizam. Assim, a escolha de uma língua ou outra por parte do bilingüe para uma interação é condicionada por fatores como participantes da conversação, situação comunicacional, contexto sociocultural e funções da conversação (Grosjean, 1982). Nas seções se-

<sup>31</sup> A historiadora Dulce Pedroso, da Universidade Católica de Goiás, juntamente com a FUNAI e FURNAS, têm promovido vários encontros entre os dois grupos de Avá-Canoeiro, como parte do subprograma “Unificação do Povo Avá-Canoeiro e crescimento populacional”, do PACTO, anteriormente mencionado. Esses encontros ocorreram entre os anos de 1998 e 2000 e em 2004, “(...) visando um conhecimento maior entre eles, buscando fortalecer a amizade e quem sabe futuras uniões” (Pedroso, 2005a).

<sup>32</sup> Tradução livre: “(...) Quando falamos sobre conflito lingüístico referimo-nos não a uma luta entre línguas, mas a grupos diferenciados por fatores socioeconômicos, étnicos e/ou sócio-culturais (...) A diglossia, portanto, refere-se a uma relação de poder entre grupos sociais. A institucionalização e a legitimação de uma língua (e um discurso) em um âmbito determinado se dão em virtude do poder de que o grupo lingüístico em questão dispõe”.

guintes apresento algumas observações iniciais sobre o uso do português e do Avá-Canoeiro entre os dois grupos Avá-Canoeiro.

### 1.3.1 Escolha e uso de línguas entre os Avá-Canoeiro do Estado do Tocantins

Num contexto em que a maioria da população ou é Javaé e fala essa língua, ou é não-indígena, falante de português, a língua Avá-Canoeiro, no Estado do Tocantins, na aldeia Canoanã, tem poucas funções e pouco espaço<sup>33</sup>. As interações realizadas totalmente em Avá-Canoeiro são pouco freqüentes e restringem-se basicamente a diálogos entre os irmãos idosos Tatxia<sup>34</sup> e Tutau, entre Tatxia e Angélica, e algumas vezes entre os irmãos Angélica e David (os filhos mais velhos de Kawkama que moram em Canoanã), entre David e Tatxia ou entre David e Tutau, conforme mostram os esquemas a seguir.

#### 1. Interações em Avá-Canoeiro (registradas no Diário de Campo n° 01C)

Tatxia (a mais idosa do grupo)		Tutau (o mais idoso do grupo)
Tatxia		Angélica (filha de Kawkama)
Angélica	↔	David (filho de Kawkama)
David		Tatxia
David		Tutau

Mesmo entre David e Angélica, entre David e Tutau ou entre Angélica e Tutau há diálogos totalmente em português, como no esquema que se segue. Assim, a língua Avá-Canoeiro vai gradualmente perdendo seu espaço entre os mais jovens, mantendo-se usada apenas nas interações entre Tutau e Tatxia, os dois mais idosos.

#### 2. Interações em português (registradas no Diário de Campo n° 01C)

David		Tutau
David	↔	Angélica
Angélica		Tutau

<sup>33</sup> Crystal (2000) aponta o impacto de outras línguas como um fator importante a ameaçar uma língua de extinção. Nessa perspectiva, pode-se afirmar que tanto o português quanto o Javaé estão ameaçando o Avá-Canoeiro. Um pequeno exemplo presenciei ao perguntar para Tutau como se dizia ‘tartaruga’ em Avá-Canoeiro. Ele respondeu /ɔɖuni/, que significa ‘tartaruga’ em Karajá e Javaé. Em seguida corrigiu-se, dizendo /jaoti/ [ʒa<sup>1</sup> ɔtʃɪ].

<sup>34</sup> Conforme foi visto anteriormente, Tatxia faleceu pouco tempo após a conclusão desta tese, antes da defesa. Por essa razão, aparece nas interações aqui descritas.

Tatxia, por sua vez, usa o português exclusivamente para falar com Gildo, marido de Kawkama, que não fala Avá-Canoeiro, e com os demais não-indígenas que moram na aldeia ou que vão visitá-la. São muito freqüentes as interações mistas entre ela e os demais indígenas do grupo: ela fala em Avá-Canoeiro e é respondida em português<sup>35</sup>. É o que se vê a seguir.

### 3. Interações mistas (registradas no Diário de Campo n° 01C)

#### a) Em Avá-Canoeiro:

Tatxia	→	Kawkama Agadmi (filho de Tutau) Brena, Diego, Sirlene (filhos de Kawkama)
--------	---	---

#### b) Em português:

Tatxia	←	Kawkama Agadmi (filho de Tutau) Brena, Diego, Sirlene (filhos de Kawkama)
--------	---	---

Nas demais situações comunicacionais, é usado somente o português, entre todos os Avá-Canoeiro, conforme se segue:

### 4. Interações em português (registradas no Diário de Campo n° 01C)

Kawkama		Kawkama
Agadmi		Agadmi
Tutau		Tutau
Brena	↔	Brena
Diego		Diego
Sirlene		Sirlene

Portanto, temo que o esquema apresentado por Grosjean (1982), transcrito abaixo, possa se tornar realidade para os Avá-Canoeiro do Estado do Tocantins, já que os mais jovens só comunicam-se em português e interações totalmente em Avá-Canoeiro são pouco freqüentes, ocorrendo quase exclusivamente entre Tatxia e Tutau:

monolingüismo em Avá-Canoeiro → bilingüismo em Avá-Canoeiro e português → monolingüismo em português

<sup>35</sup> Na entrevista de Angélica, transcrita na próxima seção, ela menciona o fato de Tatxia ser basicamente “a” falante de Avá-Canoeiro na aldeia: “*Aí só minha tia velhinha fica lá falando, só de vez em quando; de vez em quando não, assim, fala pra poder comer, pedir alguma coisa, aí sim eles dão pra ela*”.

Infelizmente entre os Avá-Canoeiro do Estado de Goiás a língua portuguesa também vem ganhando mais espaço a cada dia, como veremos a seguir.

### 1.3.2 Escolha e uso de línguas entre os Avá-Canoeiro do Estado de Goiás

Em vários momentos, o que percebi foi que os adultos em Goiás falam entre si apenas em Avá-Canoeiro, como no esquema abaixo, e às vezes com alternância de código e empréstimos. São raros os momentos em que usam o português. Portanto, o que se nota nessa parcela da comunidade é que a língua Avá-Canoeiro está viva e sendo amplamente usada, e as línguas portuguesa e Avá-Canoeiro têm suas funções e usos bem estabelecidos: usam o Avá-Canoeiro ao falarem entre si, e o português ao falarem com não-indígenas.

#### 1. Interações em Avá-Canoeiro (registradas nos Diários de campo n<sup>os</sup> 01 e 02)

Iawi (o único homem adulto do grupo)		Iawi
Matxa (a mais idosa do grupo)	↔	Matxa
Tuia (filha de Matxa)		Tuia
Nakwatxa (irmã de Matxa)		Nakwatxa

O mesmo não se pode dizer das interações envolvendo os pais Iawi e Tuia e os jovens Jatulika e Nywatxima. Quase todas as interações entre eles são em português. Raríssimas vezes ouvi Tuia e Iawi falando Avá-Canoeiro com os filhos e nunca vi situação inversa ocorrendo. Apenas na fala de Tuia observei a estratégia discursiva da alternância de código. Aqui a língua portuguesa tem primazia sobre o Avá-Canoeiro, como se segue.

#### 2. Interações em português (registradas nos Diários de campo n<sup>os</sup> 01 e 02)

Iawi		Jatulika (filho de Tuia e Iawi)
Tuia	↔	Nywatxima (filha de Tuia e Iawi)

O português também tem destaque nas interações entre os jovens Jatulika e Nywatxima. Só conversam nessa língua, inclusive sem alternância de código. Nessas situações, a língua Avá-Canoeiro é totalmente deixada de lado e não desempenha nenhuma função. É também em português que Jatulika fala com Matxa e Nakwatxa. É o que mostram os seguintes esquemas.

3. **Interações em português** (registradas nos Diários de campo n<sup>os</sup> 01 e 02)

Jatulika	↔	Nywatxima
----------	---	-----------

Jatulika	→	Matxa Nakwatxa
----------	---	-------------------

Já nas interações envolvendo as duas mulheres mais idosas, o que se percebe é que o Avá-Canoeiro é a língua escolhida ao se dirigirem a Jatulika e Nywatxima. São raros os casos de alternância de código e empréstimos do português. Os jovens, ao contrário, quase só se dirigem às duas em português, com muitos casos de alternância de código. Nywatxima é quem usa o Avá-Canoeiro para falar com as duas. Assim, o Avá-Canoeiro quase restringe-se às falas das mais idosas. É o que se vê nos esquemas a seguir.

4. **Interações mistas** (registradas nos Diários de campo n<sup>os</sup> 01 e 02):

a) **Em Avá-Canoeiro:**

Matxa Nakwatxa	→	Nywatxima Jatulika
-------------------	---	-----------------------

b) **Em português, às vezes com alternância de código entre Avá-Canoeiro/português**

Matxa Nakwatxa	←	Nywatxima Jatulika
-------------------	---	-----------------------

Ou:

5. **Em Avá-Canoeiro** (registradas nos Diários de campo n<sup>os</sup> 01 e 02):

Nywatxima	→	Matxa Nakwatxa
-----------	---	-------------------

Uma questão alarmante quanto ao futuro da língua Avá-Canoeiro em Goiás é que, embora seja falada pelos seis Avá-Canoeiro, existe uma comunidade reduzida de falantes e o não domínio dessa língua por parte dos não-indígenas com quem convivem na Terra Indígena (cerca de dez funcionários, entre caseiros, motoristas da Toyota e auxiliares do Posto Indígena) limita suas alternativas de uso do Avá-Canoeiro e estimula uma necessidade cada vez maior de emprego da língua portuguesa, o que pode provocar o desuso da língua Avá-Canoeiro em várias situações comunicacionais, especialmente pelos dois jovens. Jatulika e Nywatxima só dialogam em português, e com Tuia e Iawi usam somente essa língua.



Já com Nakwatxa e Matxa, Nywatxima fala Avá-Canoeiro, pois elas entendem pouco de português, e só falam com os dois jovens em Avá-Canoeiro. Jatulika, por sua vez, só usa o português, em todos os contextos observados e com todos os membros do grupo. Raras vezes o ouvi pronunciar uma sentença em Avá-Canoeiro, e, se isso acontecia, logo voltava ao português, após uma etapa de alternância de código. Em muitos momentos, quando eu solicitava alguma palavra ou sentença na língua, ele ficava pensativo por um tempo e em seguida respondia: “deixa ver. Estou recebendo, vou receber”. O verbo ‘receber’ nesses contextos era claramente um substituto para ‘lembrar’.

Tuia às vezes conversa com os filhos em Avá-Canoeiro, mas é o português que usa na maioria de suas interações verbais com eles, e às vezes até com Iawi. Este, por seu turno, fala com os filhos apenas em português. É necessário lembrar que eu estava presente no momento daquelas interações e não sei o que ocorre quando os Avá-Canoeiro estão sozinhos, em sua casa, sem a presença do não-indígena, mas, sem dúvida, o uso crescente do português na Terra Indígena, por um número de pessoas maior que a população do grupo é preocupante.

Penso ser preciso promover mais formas de incentivar o uso da língua Avá-Canoeiro nos dois Estados. Crystal (2000) defende que o envolvimento da comunidade e atitudes positivas com relação às línguas em contato são pré-requisitos para que a língua e a cultura ameaçadas sobrevivam. Essa preocupação é extensiva a outros aspectos da cultura e à falta de condições propícias (como seu reduzido contingente populacional) à realização das práticas culturais tradicionalmente desenvolvidas pelo povo Avá-Canoeiro. É o que ocorre também com os Xetá (Silva, 1998).

#### 1.4 Atitudes lingüísticas

While the direct determinant for language shift is a modification in *the attitude which a speech community holds toward its traditional language* (thus, it is an operation of micro-variables), the impetus for this modification invariably is external to the speech community (thus, an operation of macro-variables).

(...) *community motivation to maintain a language and, accordingly, a culture, is a crucial factor in preventing language obsolescence.*<sup>36</sup>

Grenoble & Whaley (1998a: 38; 54; grifos meus)

<sup>36</sup> Tradução livre: “Enquanto a determinante direta para a mudança de língua é a modificação na *atitude que uma comunidade tem com relação à uma língua tradicional* (então, esta é uma operação de micro-variáveis), o ímpeto para esta modificação invariavelmente é externa para a comunidade de fala (então, uma operação de macro-variáveis) (...) *a motivação da comunidade para manter uma língua e cultura correspondente é um fator crucial na prevenção da obsolescência lingüística*”.

Autores como Grenoble & Whaley (1998), Grosjean (1982), Romaine (1995) e Mithun (1998) são unânimes em enfatizar a importância das atitudes com relação às línguas em contato, para a manutenção ou a perda linguísticas, e ressaltam que *atitudes positivas* para com as línguas minoritárias são cruciais para sua sobrevivência.

Segundo Duranti (1997), a *entrevista* é uma boa ocasião para se coletar um corpus linguístico com vistas ao estudo das formas gramaticais de uma língua e para se chegar a atitudes dos falantes com relação às línguas em contato<sup>37</sup>. Assim, fiz uma entrevista, transcrita na íntegra abaixo<sup>38</sup>, com Angélica Tupuile<sup>39</sup>, filha de Kawkama e pai Javaé, que nasceu e residiu sua vida toda, até o casamento, na aldeia de Canoanã, e casou-se com Tuilá Karajá, filho de pai Karajá e mãe não-indígena, que também residia na mesma aldeia. À época da entrevista, Angélica e Tuilá residiam na Terra Indígena Avá-Canoeiro, próxima à cidade de Minaçu. Hoje retornaram à aldeia Canoanã. Angélica fala Javaé e um pouco de Avá-Canoeiro, além do português. Em sua casa sempre ouviu histórias e músicas Avá-Canoeiro, através de seu avô Tutau e de sua tia Tatxia, e muitos diálogos entre eles e também entre eles e sua mãe.

Mônica: Angélica, você fala um pouquinho de Avá, né?

**Angélica:** falo.

Mônica: E você tem vontade de falar assim, bem, como a sua tia fala, o seu avô fala?

**Angélica:** Pra chegar assim num mais velho e falar?

Mônica: É. Você tem vontade?

**Angélica:** Tenho. Tenho.

Mônica: E você tem vontade de escrever a língua?

**Angélica:** Tenho sim.

Rosani: Você tem vontade de ser uma professora de Avá e dar aula na língua Avá-Canoeiro para as crianças mais novas?

**Angélica:** **Icha! É a coisa que eu mais quero.**

Mônica: E por que, assim? O que que você acha disso? Por que que você tem vontade? Você acha importante, por que?

<sup>37</sup> Para essa entrevista foi utilizado um roteiro previamente organizado, como propõem Tarallo (1986) e Oliveira e Silva (2003). Segundo Cardoso de Oliveira (2000: 22), a *entrevista* é um método de pesquisa através do qual se busca “a matéria-prima para o entendimento antropológico”, “um ouvir especial”. E conclui: “(...) para isso, há que se saber ouvir”.

<sup>38</sup> Entrevista realizada com Angélica Tupuile por mim e Rosani Leitão, na noite do dia 24 de julho de 2002, na enfermaria da Terra Indígena Avá-Canoeiro em Goiás (gravada em fita cassete nº 12, lado A). Participou também Tuila Karajá, esposo de Angélica. As anotações estão registradas no Diário de Campo nº 02, p. 172.

<sup>39</sup> Ainda não tive oportunidade de realizar uma entrevista com os seis Avá-Canoeiro do Estado de Goiás, que são sempre reticentes sobre o assunto “manutenção do Avá-Canoeiro”. Porém, sei da importância do conhecimento das atitudes que possuem com relação ao bilingüismo Avá-Canoeiro/português e às duas línguas em contato para a sobrevivência dessa língua indígena. Por essa razão, apresento aqui somente a entrevista feita com Angélica, que morava com eles na época. Recentemente, falando com ela, que já é mãe, me disse que quer que seu bebê fale as três línguas em contato: Avá-Canoeiro, Javaé e português. O que pude perceber é que ela de fato fala com Putxikao nas três línguas, embora a ênfase recaia no português.

- Angélica:** Eu acho muito importante, assim, praquelas... pras pessoas que vão nascendo, pra poder aprender, pra gente ensinar, é isso.
- Mônica: Você tem vontade de escrever na língua?
- Angélica:** Tenho. Muita vontade.
- Mônica: Fazer livros de história?
- Angélica:** Tenho sim.
- Rosani: Seus irmãos falam?
- Angélica:** Avá? Pouco. Eles falam muito pouco.
- Rosani: Por que será que eles falam pouquinho? Porque sua mãe sabe, seu avô sabe...
- Angélica:** É porque meu avô já não mora lá mais<sup>40</sup> e **minha mãe não quer falar**. Aí só minha tia velhinha fica lá falando, só de vez em quando; de vez em quando não, assim, fala pra poder comer, pedir alguma coisa, aí sim eles dão pra ela.
- Mônica: Aí seus irmãos entendem, né?
- Angélica:** É
- Mônica: Mas não falam.
- Rosani: E sua mãe não quer por que será, por que que ela não quer?
- Angélica:** **Acho que foi muito discriminada. Aí, é aquele racismo. E vive ali, no Javaé, ouve só aquela língua. Aí não quer falar mais na língua dela.**
- Rosani: Não quer que os filhos aprendam.
- Angélica:** Não.
- Rosani: Mas você quer?
- Angélica:** Eu quero.
- Rosani: E seus irmãos?
- Angélica:** Meus irmãos também querem.
- Mônica: E você acha a língua Avá bonita?
- Angélica:** **É muito bonita!**
- Mônica: Pra você qual é mais bonita: Avá ou português?
- Angélica:** Avá.
- Mônica: Avá é mais bonita?
- Rosani: Avá ou Javaé?
- Angélica:** As duas.
- Rosani: Você fala Javaé bem, né?
- Angélica:** falo (...)

Vemos na entrevista como Angélica tem uma *atitude positiva* com relação ao Avá-Canoeiro: quer escrever na língua, que acha muito bonita; quer falar, como os mais velhos, para poder manter diálogos com eles, e, principalmente, quer ser professora de Avá-Canoeiro. Menciona também seus irmãos, que, embora falem pouco a língua Avá-Canoeiro, apesar de compreendê-la bem, querem aprender mais. Por outro lado, conta que sua mãe tem vergonha de falar a língua Avá-Canoeiro, sente-se discriminada, tem mais oportunidade de usar o Javaé, e não quer que seus

<sup>40</sup> À época Tutau residia na aldeia Boto Velho, a 290 quilômetros da aldeia de Canoanã, próxima ao município de Lagoa da Confusão.

filhos aprendam o Avá-Canoeiro, provavelmente por medo de que passem pelas mesmas situações discriminatórias pelas quais passou<sup>41</sup>. Essa atitude negativa pode contribuir, a longo prazo, para que essa língua deixe de ser falada pelos Avá-Canoeiro do Estado do Tocantins. Mithun (1998), ao tratar de *atitudes negativas*, ressalta a *vergonha de se falar uma língua e o medo da discriminação* como sendo atitudes negativas relevantes, que podem causar perda lingüística.

Angélica tem atitude positiva também com relação ao Javaé: acha a língua bonita, do mesmo modo que acha bonito o Avá-Canoeiro. Quando questionada sobre a beleza das três línguas em contato, diz que Avá-Canoeiro é mais bonita que português. Essa atitude positiva de Angélica frente ao Avá-Canoeiro, que é, segundo afirma, compartilhada por seus irmãos, que não sofreram tanto o processo discriminatório quanto Kawkama, é fundamental para que essa língua se mantenha. É preciso buscar formas de ampliar as oportunidades de uso da língua Avá-Canoeiro, especialmente na aldeia Canoanã, e principalmente pelos mais jovens.

## Conclusão

Neste capítulo apresentei inicialmente um breve histórico sobre o povo Avá-Canoeiro, incluindo aspectos de seu contato com a sociedade não-indígena. Tratei rapidamente dos poucos estudos existentes sobre a língua Avá-Canoeiro e abordei de forma ainda preliminar alguns usos e funções das línguas em contato Avá-Canoeiro e português, com vistas a conhecer melhor sua realidade nos dois Estados. Pelas situações demonstradas deve ter ficado claro que o português vem a cada dia ocupando mais espaços e funções nas duas comunidades Avá-Canoeiro, inclusive espaços reservados e funções outrora desempenhadas apenas pela língua Avá-Canoeiro. Essa é uma situação que muito preocupa, especialmente num cenário de discriminação, como aquele a que estão expostos os Avá-Canoeiro do Estado do Tocantins que, sem terra própria, vivem junto aos Javaé.

Nesse contexto seria comum se pensar, numa visão pessimista, na possibilidade certa de extinção da língua Avá-Canoeiro. No entanto, quando se notam atitudes positivas como as de Angélica Tupuile, demonstrada na entrevista da seção (1.4), a esperança nasce e se acredita que há chances sim de continuidade para o Avá-Canoeiro, desde que haja esforços no sentido de se ampliarem as funções dessa língua e as oportunidades e motivações para seu uso. Meu trabalho pode,

<sup>41</sup> Toral (1984: 01) já havia noticiado essa discriminação: “*Os falantes são fortemente discriminados pelos Javaé, que consideram a língua ridícula e próxima às dos animais. Certamente contribui para isso o estado de beligerância existente entre as duas tribos até o contato e a instalação dos Avá-Canoeiro em Canoanã*”.

a meu ver, dar uma pequena contribuição no sentido de que essa motivação possa florescer, como discuto no próximo capítulo.

A fim de traçar um perfil para o leitor sobre os dois grupos de Avá-Canoeiro, apresento na Tabela 1 um breve resumo de alguns aspectos da vida dos Avá-Canoeiro, como relacionamentos com a sociedade majoritária e atividades cotidianas.

Tabela 1: Aspectos do cotidiano dos Avá-Canoeiro

<b>Aspectos do cotidiano</b>	<b>Avá-Canoeiro do Estado de Goiás</b>	<b>Avá-Canoeiro do Estado do Tocantins</b>
<b>1. ano do contato</b>	1983	1973
<b>2. localização</b>	a 80 Kms da cidade de Minaçu, no Estado de Goiás, e a 14 kms do canteiro de obras da Usina Hidrelétrica de Serra da Mesa.	Na aldeia Canoanã, na Ilha do Bananal, localizada a 54 quilômetros da cidade de Formoso do Araguaia, no Estado do Tocantins; Ciéle e a família vivem na aldeia de Boto Velho, a 290 quilômetros dali, próxima ao município de Lagoa da Confusão.
<b>3. população</b>	06 pessoas: 02 homens (Iawi e Jatulika) e 04 mulheres (Matxa, Nakwatxa, Tuia e Nywatxima)	11 pessoas em Canoanã: 6 homens (Tutau, Agadmi, Diego, David, Putxikao e Kumaiára) e 5 mulheres (Kawkama, Angélica Tupuile, Sirlene, Brena, Tupuile). Ciéle, o marido e os 4 filhos (Katimari, Kauiná, Ruth e um menino nascido em 2004) moram na aldeia Boto Velho.
<b>4. órgãos/Instituições que prestam assistência ao grupo</b>	FURNAS/FUNAI	FUNAI
<b>5. aldeia</b>	Área Avá-Canoeiro, de cerca de 38.000 hectáres	Sem aldeia própria; habitam a aldeia Canoanã, dos índios Javaé, como agregados.
<b>6. subsistência</b>	1. Compras feitas por FURNAS, com verbas do PACTO; 2. Pequenas coletas de plantas e caça de pássaros e animais de pequeno porte; 3. Criação de galinhas e coleta de ovos; 4. produtos colhidos nas pequenas roças que fazem.	1. Compras feitas na cidade de Formoso do Araguaia, com dinheiro da aposentadoria de Tutau; 2. Caça de animais de pequeno e médio porte; 3. Pesca; 4. Agadmi recebe pequenos salários para desenvolver atividades dentro da aldeia ou nas fazendas da redondeza, tais como cuidar das roças, auxiliar na construção de casas etc; 5. Doações feitas pela Fundação Bradesco <sup>1</sup> de gêneros alimentícios, tais como pão, leite e carne.
<b>7. relacionamentos com a sociedade não-índigena</b>	Sistema de rádio-amador; rádio; visitas levadas pelos funcionários; visitas ao odontólogo em Minaçu; contatos com os funcionários do Posto Indígena e com a enfermeira; pesquisadores, jornalistas e fotógrafos.	Rádio; televisão; visitas à cidade de Formoso do Araguaia; visitas que vêm desta cidade <sup>2</sup> ; contatos com os funcionários do Posto Indígena Canoanã; contato com vizinhos Javaé e não-índigenas; pesquisadores; visitas à Fundação Bradesco; contatos por telefone (há um orelhão no pátio da aldeia); correios.

<b>8. atividades cotidianas</b>	Coletas; pequenas caças, principalmente de pássaros e animais de pequeno porte, como o tatu; plantação de pequenas roças; confecção de artefatos utilitários, como cachimbos de barro, sacolas de palha, cabaças e costuras; cuidados com a casa e os animais; banhos esporádicos no rio; rituais noturnos, como a “cachimbação”.	Coletas, tais como a de mel silvestre; caça; cuidados com a casa e os animais; visitas à Fundação Bradesco; banhos no rio Javaé
<b>9. principais estudos sobre essa variedade lingüística</b>	Toral (1984); Borges (2001/2002, 2001, 2002, 2003, 2004, 2005).	Toral (1984); Paiva (1996); Borges (2001/2002, 2001, 2002, 2003, 2004, 2005).
<b>10. material escrito em português encontrado na aldeia</b>	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. rótulos de produtos, embalagens de remédios e alimentos e caixas diversas;</li> <li>2. Revistas (<i>Veja, Isto é, Brasil Indígena, Avião Revue e Asas</i>);</li> <li>3. Jornais (<i>O Popular</i><sup>3</sup>, <i>Porantim</i>);</li> <li>4. Mapas de Goiás e do Brasil;</li> <li>5. Folhinhas distribuídas por estabelecimentos comerciais da cidade de Minaçu, como supermercados e postos de gasolina;</li> <li>6. folhetos e cartazes informativos sobre doenças, vacinações e campanhas de saúde pública;</li> <li>7. Alguns livros, a maioria de autoria indígena<sup>4</sup>, sobre culturas, fauna e flora.</li> </ol>	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. rótulos de produtos, embalagens de remédios e alimentos e caixas diversas;</li> <li>2. Folhinhas distribuídas por estabelecimentos comerciais da cidade de Formoso do Araguaia, como supermercados e farmácias.</li> </ol>

<sup>1</sup> A Fundação Bradesco, onde estudam três filhos de Kawkama (Brena, Sirlene e Diego), é uma instituição que possui unidades escolares e internatos em vários Estados da Federação e no Distrito Federal (cf. [www.fb.org.br](http://www.fb.org.br)). Lá os três permanecem de segunda à sexta, voltando para casa apenas para os finais de semana.

<sup>2</sup> As idas e vindas a essa aldeia são facilitadas por causa de um ônibus coletivo que vai de Formoso do Araguaia para a aldeia, às 8:00 e às 15:00, e desta para a cidade às 10:00 e às 17:00.

<sup>3</sup> *O Popular* é o jornal goiano de maior circulação.

<sup>4</sup> Cf. no Anexo 2 uma lista desses livros.

No Capítulo 2 trato da metodologia usada na coleta e na análise dos dados obtidos, ao mesmo tempo em que apresento um relato de minha pesquisa de campo entre os Avá-Canoeiro dos Estados de Goiás e Tocantins. Nesse capítulo também serão fornecidas mais informações sobre esse povo.

## Capítulo 2

### Metodologia de coleta e análise dos dados: relato de uma experiência de pesquisa de campo

(...) let me add two further qualities of fieldworkers. The first is the love of discovery, of going out into the unknown in search of uniqueness. (...) The second quality of the fieldwork mental state I would like to discuss is what I would call *a dedication to “whole language”* (...). There are linguists who only work in phonetics, or only in phonology, or only in syntax. This is a luxury of the compartmentalization of academia – not only into departments, but into subdisciplinary specialties (...) *As a fieldworker one’s objective is to study whatever is out there*<sup>42</sup>.

Hyman (2001: 29; 30; grifos meus)

(...) the monolingual approach is a serious barrier to maintaining the goodwill of the people, until such time as the language is mastered sufficiently to enable the investigator to make himself adequately understood (...)<sup>43</sup>

Cowan (1976: 272)

A metodologia empregada nesta pesquisa foi bem variada e baseou-se nos trabalhos de Samarin (1967), Kibrik (1977), Vaux & Cooper (1999), Duranti (1997), Abbi (2001), Newman & Ratliff (2001) e Bauer & Gaskell (2004). Os dados foram, em sua maioria, obtidos em situa-

<sup>42</sup> Tradução livre: “(...) Deixe-me acrescentar duas outras qualidades do pesquisador de campo. A primeira é o amor pela descoberta, por sair em busca do desconhecido à procura do que é único (...) A segunda qualidade do estado mental do pesquisador de campo que eu gostaria de discutir é o que chamaria de *dedicação à língua toda* (...) Há lingüistas que somente trabalham em fonética, ou apenas em fonologia, ou só em sintaxe. Esta é uma luxúria da compartimentalização da academia – não apenas em departamentos, mas em especialidades subdisciplinares. (...) *O objetivo de um pesquisador de campo é o estudo do que existir*”.

<sup>43</sup> Tradução livre: “(...) A abordagem monolíngüe é uma barreira séria na manutenção da boa-vontade das pessoas, até o momento em que a língua é suficientemente conhecida para possibilitar ao investigador fazer-se ele próprio entendido (...)”.



ções reais e informais de fala, como diálogos entre os mais idosos nos dois Estados (entre Tutau e Tatxia, entre Matxa e Nakwatxa, entre Matxa, Nakwatxa e Tuia e entre estas três e Iawi), como parcialmente descrito em Borges (2002). O objetivo inicial foi que a documentação da língua Avá-Canoeiro fosse a mais abrangente possível, abarcando um grande número de eventos comunicativos, tais como diálogos, relatos de experiências e de acontecimentos vivenciados no dia-a-dia pelos Avá-Canoeiro, variadas situações de interação discursiva entre eles e a narração de histórias, mitos e músicas, como também a descrição de festas, rituais<sup>44</sup>, danças e artesanatos<sup>45</sup> de que os adultos ainda se recordassem. Foram seguidas, assim, as instruções de autores como Himmelmann (1998), que afirmam que, principalmente no caso de línguas ameaçadas de extinção, a documentação deve ser a mais abrangente possível, envolvendo não apenas dados que mostrem o sistema lingüístico, mas também diversas práticas e tradições lingüísticas da comunidade de fala pesquisada.

A metodologia de coleta e análise de diálogos e entrevistas é bastante usada em outros tipos de pesquisa, como as realizadas com variedades do português falado (cf., por exemplo, o Projeto NURC – Norma Urbana Culta) e na antropologia social (cf. Silva, 1998, 2003; Silva, 2005). Contudo, com línguas indígenas, a metodologia mais utilizada ainda é a *elicitação*. Em meu estudo, a coleta de dados foi feita de maneira formal, com gravações e elicitções, mas, principalmente, em momentos informais. As elicitções ocorreram basicamente à noite, com os jovens Avá-Canoeiro do Estado de Goiás, e à tarde, com os demais indígenas dos dois Estados. Em Canoanã foi impossível realizar gravações à noite, já que este é o momento de assistirem à TV. Conforme já mencionado por vários autores, como Duranti (1997), é preciso estar atento para se observar o melhor momento do dia para realizar as gravações.

Desse modo, utilizei os três tipos de contato apontados por Oliveira e Silva (2003): *interações livres* e *entrevistas*, principalmente, e alguns *testes*. Os dados elicitados referem-se basicamente ao léxico da língua. Segundo Mithun (2001), a *elicitação direta* é bastante útil tanto na observação do inventário fonológico de uma língua quanto na coleta de léxico referente a numerais, plantas, animais, partes do corpo, termos de parentesco, elementos da natureza e palavras

<sup>44</sup> Segundo estudos etnográficos, os Avá-Canoeiro possuem o ritual da *cachimbação*, ligado a um ritual de cura (pajelança), em que os adultos fumam seus cachimbos de argila e taboca, tocam e cantam ao som de maracás (cf. Pedroso (1994, 2005a), Tosta (1997) e Leitão (2002)). Os Avá-Canoeiro do Estado de Goiás gostam muito de fumo e o consideram como remédio. Por isso, estão sempre solicitando: “*Mônica, quando você vier, traz remédio para mim?*” Sabe-se que o fumo faz parte da vida mítico-religiosa de povos Tupi (cf. Müller (1993), sobre os Asurini; e Baldus (1970) e Wagley (1988), sobre os Tapirapé).

<sup>45</sup> O artesanato dos Avá-Canoeiro é basicamente utilitário, consistindo em arapucas, cestos, ninhos para galinhas e outras aves, costuras, cabaças, cachimbos de argila e taboca e maracás de cabaça. Jatulika e Nywatxima, principalmente Jatulika, confeccionam ainda, com papel, madeira e sucatas, brinquedos, como aviões, máscaras, revólveres, chapéus e relógios.



culturalmente significativas, tais como nomes relacionados a comidas, remédios, canções, danças, cerimônias, utensílios, relações genéticas e itens do vestuário. A referida autora esclarece que a elicitación direta é uma boa ferramenta para se coletar longas listas de palavras básicas, mas uma porção substancial do léxico só aparecerá na fala espontânea.

Foram gravadas vinte e quatro fitas cassete, de sessenta minutos cada, com os Avá-Canoeiro do Estado de Goiás, e cinco fitas com os Avá-Canoeiro do Estado do Tocantins. Além das fitas que gravei em Goiás, foram-me gentilmente cedidas seis outras, pela antropóloga Rosani Leitão, oriundas de sua pesquisa com o grupo entre os anos de 2001 e 2002. Também o antropólogo Cristhian Silva cedeu-me seis fitas de sua pesquisa, no ano de 2003. Com essas doze fitas, que contém diálogos, histórias e relatos em português, mas com muitas palavras Avá-Canoeiro, pude ampliar meu conhecimento sobre o léxico dessa língua, assim como confirmar dados que haviam sido por mim gravados e que não estavam muito claros.

As gravações no Estado do Tocantins, na aldeia Canoanã, aconteceram em 2004, nos meses de julho e setembro (de 13/07/2004 a 18/07/2004 e de 14/09/2004 a 17/09/2004), e em Goiás ocorreram em várias viagens, no decorrer dos anos de 2001 a 2003. Essas viagens foram realizadas nos seguintes períodos: 17-19/02/2001; 21-28/07/2001; 08-13/10/2001; 17-23/02/2002; 20-27/07/2002; 13-30/10/2003. Em Goiás foram contatados todos os falantes e os dados coletados partem de todos eles. Trata-se, afinal, de um grupo pequeno. Vários estudiosos, como Oliveira e Silva (2003), já apontaram que rara é a comunidade em que ter todos os indivíduos como interlocutores é possível. Esse foi, portanto, meu caso. Já com os Avá-Canoeiro do Tocantins, realizei gravações formais com Kawkama e com Agadmi, e informais com esses dois, bem como com Tutau, Tatxia e Angélica Tupuile.

Em Goiás foram ouvidos na maior parte do tempo Jatulika e, principalmente, Nywatxima, que sempre gostou muito de ensinar-me novas palavras, e revelou-se uma excelente professora da língua, dedicada e, sobretudo, paciente. Na maioria das vezes, a gravação foi feita com os dois juntos e um ia acrescentando informações e corrigindo a fala do outro. Os dois jovens demonstraram orgulho em ensinarem-me sua língua, de modo especial quando eu afirmava que eram meus professores de Avá-Canoeiro. Essa postura apontava, a meu ver, para uma atitude positiva deles no tocante à língua Avá-Canoeiro, do mesmo modo que vimos ocorrer com Angélica Tupuile (cf. Capítulo 1). Por outro lado, Jatulika e Nywatxima ficavam visivelmente chateados e decepcionados quando eu esquecia ou errava algo que já me haviam ensinado, e que, portanto, já deveria saber. Aí diziam que eu não iria aprender, porque a língua Avá-Canoeiro é difícil mesmo e que minha cabeça é fraca.

Apesar de terem sido gravadas todas essas fitas, poucos foram os dados sistemáticos conseguidos. Normalmente, deixava o gravador ligado para tentar obter sentenças, diálogos e textos que contribuíssem com a pesquisa. Porém, muita fita foi gasta e muito tempo foi despendido às vezes para a obtenção de dados proveitosos às análises fonológica e morfossintática. Há muitos ruídos, como barulhos de panelas, músicas diversas, cantos de pássaros e conversas simultâneas às vezes incompreensíveis. Segui, desse modo, o que estudiosos como Duranti (1997) consideram essencial: gravar o máximo possível, desde o começo da pesquisa, sem esperar ocasiões e eventos especiais. Além de ter a chance de obter dados preciosos desde o início de uma interação, a vantagem dessa atividade de constante gravação é que os participantes tornam-se rapidamente acostumados ao gravador.

Constam das gravações pequenas sentenças e longas listas de palavras referentes a cores, árvores, parentesco, insetos, peixes e partes do corpo, que foram coletadas a partir de questionários lexicais e gramaticais, mapas (etnográfico, lingüístico e geográfico), atlas anatômicos e livros específicos sobre animais e plantas, como, por exemplo, “Anatomia Humana (2001)” e “Insetos” (1999). Foram usados basicamente os questionários contidos em Kibrik (1977), Comrie & Smith (1977) e no SAILDP (South American Indian Languages Documentation Project), da Universidade de Berkeley (s/d). Nesse último caso, usei tanto o questionário lexical quanto o gramatical. Além desses, elaborei outros de acordo com os temas a serem investigados e com as hipóteses que foram sendo construídas ao longo da pesquisa.

Por outro lado, foram coletadas sentenças em momentos de descontração, como as caminhadas pelo mato, o descanso na rede à tardezinha e a observação das fotos que havia tirado durante visitas precedentes. Vários autores ressaltam a importância da *fotografia* na pesquisa etnográfica. Duranti (1997), por exemplo, considera que ela contribui para que o investigador possa perceber detalhes que lhe haviam escapado aos olhos no momento da cena, além de servir para lembrá-lo sobre quem estava presente e em que lugar estava localizado, próximo a quem. No meu caso, ela foi fundamental também na coleta de dados, motivando diálogos e questionamentos de minha parte. As fotografias funcionaram, portanto, como fonte de estímulo para evocar memórias e fatos relacionados aos Avá-Canoeiro, pois, como explica Loizos (2004: 143),

*“as imagens fazem ressoar memórias submersas e podem ajudar entrevistas focais, libertar suas memórias, criando um trabalho de “construção” partilhada, em que pesquisador e entrevistado podem falar juntos, talvez de uma maneira mais descontraída do que sem tal estímulo”.* (aspas do autor)

Foram gravados também alguns relatos e diálogos breves, especialmente no Estado de Goiás. Esse foi um grande avanço desde que comecei a trabalhar com esse grupo de Avá-Canoeiro. Iawi e Nakwatxa, por exemplo, que, no início não haviam concordado em gravar, e mostravam-se sempre arredios e impacientes com o gravador, posteriormente o fizeram com relativa boa vontade. A gravação com Iawi e Nakwatxa foi feita de uma maneira bem descontraída. Ele chegou para ver os filhos desenharem e encontrou o atlas “Anatomia Humana (2001)”, que havia sido levado justamente com esse objetivo. Logo se encantou com as fotos e suas cores, e começou a me indicar as partes do corpo, no meu e no seu, e a dizer seus nomes em Avá-Canoeiro. Riu muito das fotografias e comentou: “*esse aqui está morto mesmo, não é? Morreu tudo. Está todo cortado*”. Foi aí que lhe perguntei se poderia gravar, ao que respondeu afirmativamente, demonstrando um certo orgulho, inclusive, por me estar ensinando sua língua. Nakwatxa, por sua vez, desenhou uma onça. Então, lhe pedi para que me contasse uma história que tivesse uma onça como personagem ou que contasse uma experiência com onça. Assim, ela descreveu, no gravador, a onça e alguns de seus hábitos. Posteriormente Jatulika, mesmo com certa dificuldade em compreender a fala de Nakwatxa, ajudou-me a entender o que havia sido dito.

Muitas sentenças e palavras não foram gravadas, mas anotadas nos diários de campo, a partir da escuta direta, em situações informais, como na hora das refeições, nos momentos em que contava ou lia histórias para eles, nas horas em que ouvíamos músicas<sup>46</sup>, durante atividades como desenhos, leituras, jogos, recortes de jornais e revistas, trabalhos com massinhas de modelar coloridas<sup>47</sup>, nos momentos de tomarmos banho no rio e de lavarmos roupas e vasilhas<sup>48</sup>, ou manuseando livros (sobre botânica, zoologia, anatomia humana), bonecas de papel, fotos de minha família e deles, revistas, jornais (indígenas ou não), artefatos e postais de outros povos indígenas, desenhos variados, principalmente os confeccionados por eles mesmos.

<sup>46</sup> Os Avá-Canoeiro do Estado de Goiás adoram músicas, de todos os gêneros, especialmente as indígenas. Dentre seus cantores favoritos estão Luiz Gonzaga, a dupla Rio Negro & Solimões e a cantora Marlui Miranda, cuja música conhecem através de mim. Por essa razão, os CDs estiveram sempre presentes nas atividades de coleta de dados etnográficos e lingüísticos que com eles desenvolvi (cf. referências aos CDs utilizados, no Anexo 3). Um fato interessante, por exemplo, ocorreu durante o momento em que ouvíamos o CD dos Guarani *Ñande Reko Arandu*. Iawi, muito atento, começou a cantarolar as letras junto com os cantores, e, em seguida, foi traduzindo algumas frases para mim: “*ele está dizendo que a chuva está caindo. Está bonito*”. Nakwatxa também acompanhava as letras, cantando junto. Eles gostam bastante desse CD. Isso mostra a existência de um grau de inteligibilidade entre o Guarani (do Subgrupo I das línguas Tupi-Guarani, conforme Rodrigues & Cabral (2002)) e o Avá-Canoeiro.

<sup>47</sup> Algumas dessas atividades foram desenvolvidas no âmbito do “Projeto Avá-Canoeiro. Proposta de educação: vitalização da língua e da cultura”, anteriormente mencionado (cf. Capítulo 1).

<sup>48</sup> Vários autores são unânimes em mostrar a importância da convivência com o povo que se está estudando. Loving (1976), por exemplo, relata como foi importante em sua pesquisa com os Awas, na Nova Guiné, “gastar tempo” com eles, nas atividades cotidianas, como no preparo de alimentos, no cuidado com as plantas, nas festas e danças e nas cerimônias religiosas, tais como na iniciação da puberdade.

O momento do *desenho* foi bastante produtivo para a coleta de dados com os Avá-Canoeiro do Estado de Goiás (cf. a amostra no Anexo 4), especialmente com Nakwatxa, que gosta muito de desenhar animais e falava o tempo todo em Avá-Canoeiro, e só de vez em quando parava para me ensinar algo sobre o que estava sendo representado ou sobre a língua. Só falava comigo em Avá-Canoeiro, desconsiderando que sei pouco sobre essa língua. Os desenhos e escritos dos Avá-Canoeiro são de tipos variados e desempenham diversas funções. Há, por exemplo, cartas para dizer que estão com saudades, desenhos como presente para parentes meus, como meu pai e minha mãe, e bilhetes solicitando produtos diversificados, especialmente fumo e pilhas. A escrita até o momento parece ter um caráter utilitário: escrevem na maioria das vezes para obter algo. Como ainda não dominam nosso sistema de escrita, vão ditando e vou copiando, ou escrevem e depois lêem para mim, que anoto tudo<sup>49</sup>. Os Avá-Canoeiro do Estado do Tocantins ainda não se sentiram muito motivados para essa atividade.

Para as cores foram utilizados nos dois Estados lápis de cor, desenhos, figuras e peças do vestuário, que eram mostrados a Jatulika e Nywatxima, e estes iam dizendo os nomes em Avá-Canoeiro. Vários estudiosos, dentre eles Duranti (1997), mostram a validade dessa “definição ostensiva” na pesquisa lingüística, quando se trabalha com palavras que denotam coisas concretas e objetos facilmente visíveis.

Para confeccionar meus *diários de campo*, elementos fundamentais à minha pesquisa, segui os moldes de Galvão (1996), Malinovski (1997), Ribeiro (1996), Castro Faria (2001), Cardoso de Oliveira (2002) e Irmãzinhas de Jesus (2002). Nesses diários eu anotava em detalhes tudo o que ocorria durante as viagens: atividades, conversas, problemas da pesquisa, dificuldades encontradas, avanços e perspectivas de análise, impressões sobre pessoas e lugares, ansiedades e inquietações. A importância do *diário de campo* e da *caderneta de campo* é ressaltada por Cardoso de Oliveira (2000: 34), segundo o qual os dados contidos nesses instrumentos de pesquisa “*ganham em inteligibilidade sempre que rememorados pelo pesquisador*”. Cardoso de Oliveira (2002) acrescenta que, além de auxílio à memória, o diário de campo e a caderneta de campo servem para que o pesquisador vá neles esboçando suas primeiras análises dos dados a que vai tendo acesso. Foi o que aconteceu comigo.

Após as gravações feitas, quase tudo foi ouvido pelos Avá-Canoeiro. Expliquei-lhes como usaria aquele material em meu estudo, e de que modo ele poderia contribuir com a manuten-

---

<sup>49</sup> Cf., no Anexo 5, solicitações, presentes à minha mãe e manifestações de saudades de mim. As cartas de Jatulika e Nywatxima (na época Trumak e Putdjawa, respectivamente) para mim foram ditadas à antropóloga Rosani Leitão.

ção da língua e com o aprendizado do Avá-Canoeiro escrito (cf. o material escrito em Avá-Canoeiro no Anexo 6). Os Avá-Canoeiro do Estado de Goiás demonstraram satisfação com isso, e principalmente os mais velhos divertiram-se, rindo bastante, ao ouvirem suas vozes gravadas. Com os jovens Jatulika e Nywatxima o trabalho fluiu bem melhor. No entanto, com eles só foi possível gravar palavras isoladas referentes ao seu cotidiano na Terra Indígena. Sentenças descontextualizadas não foram conseguidas; somente obtive sentenças em seu contexto de produção (momento, lugar, interlocutores), como por exemplo, “estou tomando banho no rio” só foi dito quando de fato estávamos no rio tomando banho; “eu estou lavando roupa” só foi falado em Avá-Canoeiro dentro do rio, quando lavávamos roupa. Ao perguntar algo fora do contexto, ouvia como resposta, num tom meio bravo: “*No mato não tem!!*”, ou seja, “*Não se fala em Avá-Canoeiro isso que você solicita*”.

Dessa forma, a coleta de dados da língua demandou muito tempo, paciência e vivência com os Avá-Canoeiro. Some-se a isso minha limitação como pesquisadora, que não fala a língua Avá-Canoeiro, embora tenha buscado fazê-lo, pois, conforme instruem muitos autores, como Durante (1997), o pesquisador precisa fazer o possível para tornar-se familiarizado com a língua do povo que está estudando, não apenas para estar apto a conduzir entrevistas e diálogos sem intérpretes, mas, principalmente, para entender o que se passa com o povo e a língua.

Sendo impossível em muitos momentos anotar o que me diziam, por exemplo, durante os banhos de rio, repetia as sentenças e mais tarde lhes pedia para as falarem novamente, a fim de que pudesse anotar tudo. Em algumas ocasiões, eles mesmos faziam questão de que o gravador estivesse ligado. Ordenavam: “*Liga aí, pra gravar, senão você esquece, e eu não vou repetir não, não vou ensinar de novo não*”. Desse modo, em meu estudo sobre a língua, tentei aproveitar todos os momentos possíveis, criando situações propícias e respeitando as particularidades de cada um e sua vontade de gravar ou não. Não havia como ter pressa na coleta de dados. Por conseguinte, o estudo da língua foi lento e progressivo, o que demandou mais tempo do que o inicialmente esperado.

A *observação* foi mais importante e produtiva em minha pesquisa do que a *elicitação direta*, que produziu poucos frutos, conforme outros estudiosos já haviam notado. Mithun (1990: 24), por exemplo, afirma que, se o objetivo principal do pesquisador for registrar o conhecimento que os falantes retiveram de sua língua, ao invés de observar o que perderam, a estratégia mais efetiva é permitir que façam

*“o que naturalmente fazem melhor: falar. A elicitação direta de formas específicas comumente produz muitas respostas “erradas”, muitas lacunas e muito desconforto de todos os lados”.* (aspas da autora)

O que muitas vezes fiz foi sentar-me e ouvir o que me falavam e o que falavam entre si, buscando dados “no ar” (literalmente “*on the fly*” (Samarin, 1967: 131)). Segundo esse autor, nesse estágio da pesquisa, a *elicitação* é uma atividade extremamente cansativa e desagradável para os falantes da língua que se está estudando, já que o conhecimento que o pesquisador tem é tão incompleto que não há nenhum atrativo em conversar com ele. Samarin (*idem*) afirma que a sua ignorância rapidamente provoca a impaciência dos falantes. Foi muitas vezes o que se passou comigo.

Não foi uma observação contemplativa apenas, mas, como diz Cardoso de Oliveira (2000: 24), uma “*observação-participante*”, em que “ouvir” e “olhar” complementam-se na investigação. Conforme esse autor (*idem*),

*“(...) o pesquisador assume um papel perfeitamente digerível pela sociedade observada, a ponto de viabilizar uma aceitação senão ótima pelos membros daquela sociedade, pelo menos afável, de modo a não impedir a necessária interação”.*

E foi aqui que se colocou um problema já apontado por outros pesquisadores, como Grinevald (1998) e Everett (2001). É difícil descrever e analisar de modo satisfatório uma língua ameaçada de extinção num período tão curto de tempo, como é o do curso de doutorado. Por um lado, há os compromissos acadêmicos, os prazos e as exigências do programa ao qual se está vinculado. Quem nunca trabalhou com uma língua ameaçada de extinção dificilmente compreende como ocorre esse processo de estudo, e, muitas vezes, a demora na coleta de dados é tomada como limitação ou inabilidade (quando não incompetência!) do pesquisador<sup>50</sup>. Por outro, há a necessidade urgente de uma boa documentação e de um estudo minucioso sobre a língua ameaçada, inclusive para dar suporte a projetos de educação que visem a (re)vitalizar a língua e a cultura.

Um sentimento que freqüentemente tive foi o de frustração: por não obter respostas às minhas elicitções, por não conseguir chegar a paradigmas gramaticais completos e por não conseguir fazer testes sintáticos e trabalhar sempre com lacunas e dados que precisariam de outros para comparações e testes. Outros estudiosos já haviam vivenciado esse sentimento, como Crystal (2000: 147), que explica como pode ser emocionalmente estressante e desgastante

---

<sup>50</sup> Não raro ouvia comentários de lingüistas afirmando que seria impossível estudar o Avá-Canoeiro no doutorado, escrever tese sobre essa língua, especialmente porque outros antes de mim haviam tentando e não haviam obtido êxito. Cheguei a ouvir, certa vez, que para tal tarefa seria necessário uma lingüista mais experiente do que eu. Noutro momento ouvi: “Tomara que consiga. Parece que lá nos Avá-Canoeiro tem uma cabeça de burro enterrada” (numa alusão a outros lingüistas que antes de mim iniciaram estudos sobre a língua e não foram adiante).



trabalhar com línguas ameaçadas de extinção, por causa do contexto sócio-político em que estão inseridas.

Uma alternativa que se mostrou muito útil na coleta de dados com os Avá-Canoeiro dos Estados de Goiás e Tocantins foi usar sentenças de outras línguas Tupi-Guarani, especialmente do Subgrupo IV, para conseguir chegar aos equivalentes em Avá-Canoeiro. Mesmo assim, os Avá-Canoeiro, especialmente os de Goiás, ouviam tudo com desconfiança (“*Quem falou isso? Quem te ensinou?*”) e diziam que não falavam daquele jeito, sem quererem, contudo, na maioria das vezes, mostrar como falavam.

Aos poucos fui entendendo (e aceitando) que esta tese seria apenas o ponto de partida do estudo sobre o Avá-Canoeiro; a apresentação inicial do que já pôde ser analisado e o levantamento do que ainda necessitaria de mais investigação. Aceitei que, na impossibilidade de obter paradigmas completos, seria relevante pelo menos mostrar o pouco que havia obtido e as poucas certezas que possuía. Hoje tenho clareza de que um conhecimento mais abrangente e detalhado da gramática Avá-Canoeiro demandará mais tempo e ficará ainda por ser conquistado em anos seguintes, quando eu dominar a língua para usá-la na pesquisa de campo e quando conseguir motivar os Avá-Canoeiro para essa empreitada. Por conseguinte, vejo este trabalho como uma pesquisa ainda em curso.

Como os dados poderiam surgir a qualquer instante, e em qualquer situação comunicativa, trazia sempre comigo minha caderneta de campo. Jatulika e Nywatxima lembravam-se sempre de levá-la, se eu a esquecia, quando íamos ao mato apanhar frutas ou passear. Duranti (1997: 344) afirma que a gravação freqüente faz com que as pessoas pesquisadas vejam o gravador como parte da “*persona social*” do pesquisador. No meu caso, não foi o gravador que se tornou parte integrante de minha *persona*, mas a caderneta de campo.

Jatulika e Nywatxima normalmente mostravam-se entusiasmados e motivados em me ensinar Avá-Canoeiro. Nywatxima estava sempre me dizendo: “*O nome daquele passarinho/daquela planta você ainda não sabe. Anota aí no seu caderninho!*”. Aliás, estavam sempre dispostos e prontos a ensinar Avá-Canoeiro a todos que solicitavam: ensinaram um pouco aos caseiros e à enfermeira, que já falavam várias palavras, e se mostravam muito contentes por isso. Essa atitude positiva desses funcionários com relação à língua Avá-Canoeiro também contribuía um pouco para que esses jovens sentissem orgulho de sua língua e prazer em usá-la no dia-a-dia.

Iawi e Nakwatxa também expressavam satisfação quando me viam falando algo em Avá-Canoeiro, por exemplo, quando cheguei em sua casa cumprimentando a todos nessa

língua e falei algumas palavras referentes ao tema roça, no momento em que ele contava sobre a plantação de arroz que estava sendo feita na área. Por outro lado, demonstrava decepção e às vezes até irritação quando errava algo que já deveria saber. Um dia, por exemplo, enquanto falávamos sobre a roça, troquei involuntariamente a palavra /kui/ [ ' k<sup>h</sup>uj] ‘farinha, pó’ por /jui/ [ ' ʒuj] ‘sapo’. Inicialmente, ele riu muito da troca, e, em seguida, deu-me uma bronca, dizendo que eu precisava prestar mais atenção ao que me ensinavam. Demonstrava, ainda, orgulho ao saber que seus filhos eram meus professores de língua Avá-Canoeiro: “*Putdjawa sabe. Ela ensina você!*”.<sup>51</sup>

Em Goiás trabalhei mais de perto apenas com Nywatxima e Jatulika, que permaneciam mais tempo onde ficava hospedada, e tinham mais paciência e motivação em “perderem” tempo comigo. O problema é que falavam quase que apenas o português, embora entendessem muito bem o Avá-Canoeiro (Nywatxima aparentava ter uma compreensão ainda melhor que Jatulika). Por outro lado, tentei coletar dados com Matxa, Nakwatxa e Tuia, praticamente monolíngües em Avá-Canoeiro, o que dificultou muito as nossas interações.

Pelo seu quase completo desconhecimento do português, essas três indígenas usavam, na maior parte do tempo, o Avá-Canoeiro para falar comigo. O que notei ao longo da pesquisa é que elas não me entendiam bem, talvez pelo vocabulário que eu usava com elas (talvez não tivessem domínio de algumas palavras e expressões que eu usava), ou talvez porque eu não tenha sabido como elaborar minhas perguntas de forma a fazer-me compreendida. Assim, a elicitación com elas foi praticamente impossível, mas consegui grande parte dos meus dados por meio de observação e gravação de interações entre elas. Nesse contexto, como sugere Duranti (1997), a *mímica* foi uma estratégia bastante produtiva em nossas conversas.

Iawi, por sua vez, fala as duas línguas, usando o português com os filhos e o Avá-Canoeiro com as três mulheres, mas quase nunca se dispunha a me ensinar, devido às suas atividades cotidianas e ao seu espírito inquieto. A recomendação de uso de *intérpretes* numa pesquisa de base monolíngüe, feita por Samarin (1967), também não surtiu muitos efeitos. Raras vezes Jatulika, Nywatxima e Iawi dispuseram-se a me ajudar nas interações com Tuia, Matxa e Nakwatxa; mostravam descontentamento e impaciência ao fazê-lo. Portanto, mesmo havendo em Goiás indígenas Avá-Canoeiro que falam em Avá-Canoeiro na maior parte do tempo, não consegui avançar muito no trabalho com eles.

<sup>51</sup> Nessa época o nome de Putdjawa ainda não havia sido trocado para Nywatxima.



Os adultos, além de morarem na casa construída por eles mesmos, no alto do morro (“a casa do Iawi”, como era chamada pelos jovens)<sup>52</sup>, longe da parte central da Terra Indígena (onde estão localizadas a enfermaria – na qual me hospedava –, a garagem, uma casa dos Avá-Canoeiro, construída pela FUNAI, e as residências do caseiro e do Chefe do Posto, constituindo o que Cristhian Silva (2005) chama de ‘complexo tutelar’, num local de acesso restrito e difícil), são inquietos e têm pouca paciência para gravações, pois, afinal, essa não é uma atividade comum à sua cultura, além de estarem quase sempre muito ocupados com seus afazeres, tais como coleta de lenha, frutos e alimentação para seus animais de estimação<sup>53</sup>, criados dentro da “casa do Iawi”. Matxa passa todo o tempo deitada em sua rede, devido a problemas de saúde, relacionados a visão e locomoção.

Normalmente Iawi, Nakwatxa e Tuia desciam à residência do caseiro todos os dias para buscar gêneros alimentícios, velas, pilhas, e outros materiais de que necessitavam. Uma das mulheres sempre ficava cuidando de Matxa, que nunca era deixada sozinha. Assim, ou Iawi descia com Tuia ou com Nakwatxa, nunca com as duas. Aproveitavam também para pegar objetos e roupas em sua outra casa. Sendo assim, permaneciam lá por um curto período de tempo, insuficiente para se desdobrarem ainda na coleta de dados. E o tempo que passava com eles na casa do alto era também curto para gravações, e, quase sempre, estava acompanhada de muita gente, principalmente, de funcionários, que raras vezes me deixaram sozinha. É necessário ficar mais tempo nessa casa, conviver com eles. Precisaria fazer o que diz Oliveira e Silva (2003: 117): “penetrar” na comunidade para observar como está o uso da língua.

<sup>52</sup> Ao que tudo indicava, provavelmente os jovens referiam-se desse modo àquela casa por não a sentirem como sua, por não se identificarem com aquele espaço físico-cultural. Sua casa parecia ser a do centro da Terra Indígena ou a do caseiro, onde passavam grande parte do tempo, indo em direção à casa do alto quase que somente aos finais de semana, quando o caseiro ia para Minaçu (Borges, 2002). Os jovens preferiam a casa do centro da Terra Indígena e os adultos, a do alto. Estes afirmavam que a casa construída pela FUNAI (“a casa velha da FUNAI”, como diziam), era quente ou fria demais, aberta ou fechada demais, enfim, estavam sempre encontrando razões para não ficarem lá, e regressarem para sua casa do alto, aquela que aparentemente sentiam como sua. De lá têm uma visão privilegiada da área, enxergando todas as estradas e entradas, além de estarem longe dos habitantes e visitantes não-indígenas. É apenas quando se está lá no alto do morro que se entende a opção dos Avá-Canoeiro pela casa de cima. É um local de imensa beleza, de clima muito agradável e onde conseguem manter-se em maior privacidade, pois ficam distantes dos olhos atentos e vigilantes dos funcionários do posto, podendo levar uma vida mais a seu modo e sem muito controle. De acordo com Leitão (2002: 10), “*a construção da casa sinaliza um novo ânimo, uma disponibilidade do grupo em recomeçar, e a despeito da sua população reduzida, ousar uma autonomia nos limites possíveis, no contexto de experiência de quase 20 anos de uma vida administrada por instâncias assistenciais*”.

<sup>53</sup> Os Avá-Canoeiro do Estado de Goiás adoram animais, e cada um possui os seus. Dentre eles encontram-se pombos, periquitos, papagaios, araras e rolinhas, quase todos aos casais, e presos pelos pés, por um cordão amarrado a objetos pesados, tais como pedaços de madeira e tijolo. Na parte exterior da casa há um cão e um potrinho. Há ainda um galinheiro. Os Avá-Canoeiro do Estado do Tocantins também possuem gatos, cães, uma arara, uma ema e um casal de quatis, ficando estes últimos amarrados a troncos de árvores na área da casa.

O fato de haver constantemente algum funcionário por perto dificultava minhas interações com os Avá-Canoeiro do Estado de Goiás, porque os assuntos eram outros, normalmente relacionados à parte administrativa do Posto Indígena. Eles se distraíam, dispersavam-se e a intimidade e a cumplicidade necessárias não eram atingidas a contento. Aliás, essa é uma das recomendações de Samarin (1967) para o trabalho de campo: procurar um lugar com pouca possibilidade de distração para os informantes. Como ocorreu comigo junto aos Avá-Canoeiro, Baines (1990) vivenciou com os Waimiri-Atroari uma situação de vigilância quase completa, o que denominou “pesquisa vigiada”.

Todos os dados obtidos para este estudo foram transcritos com base nos símbolos e diacríticos do Alfabeto Fonético Internacional (IPA, 1999), seguindo a recomendação de Samarin (1967), segundo a qual o mais prudente é grafar tudo o que for percebido. Para a transcrição dos dados contei com a ajuda de Jatulika e Nywatxima, que ouviam comigo as fitas, embora às vezes apresentassem um pouco de dificuldade na compreensão do conteúdo das falas.

Na aldeia de Canoanã, a coleta de dados não foi mais frutífera. Os mais jovens não falam Avá-Canoeiro, somente palavras soltas, embora o compreendam bem. Inúmeras vezes, por exemplo, presenciei a seguinte situação discursiva: Tatxia, deitada em sua rede, chamava por Sirlene, Brena e Diego e com eles falava apenas em Avá-Canoeiro. Eles respondiam em português e atendiam aos seus pedidos. Esses três últimos Avá-Canoeiro só se comunicam em português.

Com Tatxia, que só falava Avá-Canoeiro e raríssimas palavras em português, a comunicação foi quase impossível, e mais difícil ainda do que a comunicação entre mim e Matxa, Tuia e Nakwatxa em Goiás. Tatxia nunca falou comigo em português, e o que constatei é que ela não me entendia, provavelmente porque desconhecia o vocabulário e as expressões que eu usava com ela, e eu, por outro lado, sabia muito pouco de Avá-Canoeiro. Portanto, o método de elicitación não foi utilizado, tendo sido empregadas apenas a observação e a mímica. Como em Goiás, também na Aldeia de Canoanã não consegui quem pudesse fazer o papel de intérprete entre mim e Tatxia, embora algumas poucas vezes Angélica tenha cumprido essa função. Tatxia praticamente só falava em português com Gildo, marido de Kawkama, para solicitar-lhe coisas de que necessitava, como alimentos e água, já que passava o tempo todo deitada em sua rede, devido aos seus problemas de saúde. Desse modo, o uso que fazia do português era restrito e utilitário e provavelmente distinto do português que usei com ela.

Tutau e Kawkama foram os falantes com quem mais trabalhei, embora nunca tivessem muito tempo, paciência e motivação para fazê-lo. Ele, muito ativo e sempre envolvido em suas atividades de caça, pesca e visitas à Fundação Bradesco para buscar leite, pão, carne e outros gêneros

alimentícios; ela, ocupada com seus afazeres domésticos, como a preparação da comida, o cuidado com a casa, as roupas e, principalmente, com o netinho Putxikao, filho de Angélica Tupuile.

Lamentavelmente Kawkama também não tem falado com frequência o Avá-Canoeiro. Só a ouvi usando essa língua em raríssimas situações e apenas para conversar com Tatxia. Mesmo com ela na maioria das vezes a situação era: Tatxia falava Avá-Canoeiro e Kawkama respondia em português. Com os demais, inclusive com Tutau, só a vi falando português. Na entrevista que realizei com Tupuile, transcrita na íntegra no Capítulo 1, obtive a seguinte explicação para Kawkama não usar mais o Avá-Canoeiro:

*“(...) minha mãe não quer falar. (...) Acho que foi muito discriminada. Aí, é aquele racismo. E vive ali, no Javaé, ouve só aquela língua. Aí não quer falar mais na língua dela”.*

Percebo essa recusa muito presente no dia-a-dia de Kawkama.

Com Agadmi, que dizia e demonstrou que infelizmente está esquecendo a língua Avá-Canoeiro, por não usá-la, fiz várias tentativas de gravação, pouco produtivas. Mesmo assim, consegui documentar algumas palavras. Imagino que com ele tenha ocorrido o mesmo que se passou com Kawkama: foi deixando de usar o Avá-Canoeiro, entre outras razões, por causa da discriminação sofrida na aldeia Javaé onde vivem.

Com os dois outros filhos de Kawkama que falam Avá-Canoeiro, David e Ciéle, não tive oportunidade de trabalhar. O jovem está sempre muito ocupado com suas tarefas cotidianas e com a preocupação em cuidar de seus filhos. Ela mora em outra aldeia, também Javaé, a de Boto Velho, próxima ao município de Lagoa da Confusão, a 290 quilômetros dali. Foi com Tupuile que consegui gravar quatro histórias em português: a da seriema, a do tatu, a do sol e a da lua<sup>54</sup>. Infelizmente com ela também não pude realizar seções de elicitación de dados em Avá-Canoeiro, porque morava na cidade de Formoso do Araguaia quando de minha primeira viagem à aldeia, em julho de 2004, e em minha última viagem, em que ela já morava lá, estava muito atarefada cuidando do filhinho, que começava a dar seus primeiros passos, principalmente porque sua mãe, que a ajudava nessa tarefa, estava viajando com o marido para a Bahia. As gravações com ela são de diálogos com o avô e Tatxia. Os dados oriundos dessa pesquisa também foram transcritos com símbolos e diacríticos do Alfabeto Fonético Internacional (IPA, 1999).

<sup>54</sup> A jovem disse saber, além dessas quatro histórias, a do tamanduá, a do jacu-cigano e a do gambá. Quando lhe pedi para que as contasse para mim em Avá-Canoeiro, respondeu não saber muito bem. Essa gravação foi feita por mim e pela antropóloga Rosani Leitão, em julho de 2002, na Terra Indígena Avá-Canoeiro, em Goiás. Ainda com essa indígena gravamos descrições de como as moças Avá-Canoeiro eram preparadas para o casamento, suas pinturas e adornos, quando as aldeias Avá-Canoeiro eram grandes e populosas. Tudo isso lhe fora ensinado pelo avô Tutau.

Infelizmente a falta de motivação em falar o Avá-Canoeiro, em decorrência da *discriminação* já sofrida e por não haver ali um espaço propício para o uso dessa língua, num universo onde imperam o Javaé e o português, foi a principal barreira a dificultar a pesquisa lingüística nessa aldeia. O que tenho tentado fazer é buscar contribuir para essa *motivação*, já que, como afirmam vários pesquisadores, dentre eles Crystal (2000), essa é uma das tarefas do linguista que trabalha com línguas ameaçadas de extinção<sup>55</sup>.

Por conseguinte, a coleta e a análise de dados buscaram conciliar os pressupostos teórico-metodológicos da *abordagem bilíngüe* com os da *abordagem monolíngüe*. Samarin (1967) explica que a escolha entre essas abordagens não é inteiramente pessoal, dependendo de muitas circunstâncias. No meu caso, a única opção foi conciliar as duas. Baseei-me também em estudos sobre línguas e povos ameaçados de extinção (cf. Anderson & Cox (1976), Cowan (1976), Loving (1976), McLeod (1976), Healey (1976; 1980), Grosjean (1982), Seki (1984), Romaine (1995), Grenoble & Whaley (1998), Himmelmann (1998), Crystal (2000), Everett (2001) e Silva (1998, 2003)). É com base nesses e noutros autores (mencionados ao longo desta tese), principalmente da *Tipologia Funcional* (cf., por exemplo, Shopen (1985), Comrie (1989) e Payne (1997)), que tenho construído meu “*olhar etnográfico*”, “*(...) sensibilizado pela teoria disponível (...), que estrutura o nosso olhar e sofisticada a nossa capacidade de observação*” (cf. Cardoso de Oliveira, 2000: 19; 21). Por terem sido usados dados das duas variedades da língua Avá-Canoeiro, a de Goiás e a do Tocantins, quando havia alguma diferença de forma, de significado ou de pronúncia, esta era apontada.

Como foi dito, o estudo da língua foi feito de uma maneira bem lenta, de modo a respeitar a situação social do povo Avá-Canoeiro, vítima de tantos massacres e torturas de várias espécies, ao longo de incontáveis anos. Assim, não foi possível gravar histórias antigas na língua Avá-Canoeiro, pois os mais velhos ainda não se dispuseram a contá-las. O texto mais longo que consegui foi gravado com Tutau, em setembro de 2004, quando me relatou a história dos Avá-Canoeiro que hoje habitam o Estado do Tocantins. Essa história ainda não foi transcrita, porque preciso da ajuda dos Avá-Canoeiro mais jovens, como Tupuile, que ainda não teve tempo, nem oportunidade de fazê-lo. Acredito que com o tempo, e quando ao Avá-Canoeiro estiverem mais familiarizados com a pesquisa, e principalmente mais motivados com ela, a gravação de histórias será possível<sup>56</sup>.

<sup>55</sup> O trabalho de Silva (2003) mostra como a *motivação* dos falantes é importante para que uma língua seja mantida. Segundo ela, que é antropóloga, os Xetá, sobreviventes de massacres como os Avá-Canoeiro, querem, por exemplo, que ela aprenda a falar o Xetá para entender a razão por que riem quando contam histórias, para perguntar e para conversar com ã, a única mulher que fala a língua.

<sup>56</sup> A historiadora Dulce Pedrosa, que conhece e convive com os Avá-Canoeiro do Estado do Tocantins há muitos anos, e tem com eles uma relação bem próxima, tem gravado com Tutau relatos e histórias antigas, em português, o que é objeto de análise em sua tese de Doutorado em História, na Universidade Federal de Goiás.

Uma atitude que adotei com frequência nos dois Estados foi usar tudo que ia aprendendo ou as hipóteses que ia construindo sobre a língua, de modo especial sentenças, como sugerido em Loving (1976), Cowan (1976) e Everett (2001). Essa atitude mostrou-se relevante por dois motivos. Primeiramente, porque servia de estímulo para que os Avá-Canoeiro continuassem usando sua língua; e, em segundo lugar, para motivá-los a continuar me ensinando, já que esse uso certificava que eu estava aprendendo o que me haviam ensinado.

Lembro-me, por exemplo, da satisfação de Jatulika e Nywatxima numa ocasião ao perceberem que eu conseguia entender pelo menos o tópico da conversa entre os adultos na “casa do Iawi”. Lá presenciei um diálogo entre Tuia, Matxa e Nakwatxa, em que esta última relatava às outras que havia ido ao mato e até à parte central da Terra Indígena procurando comida e insetos para seus animais de estimação. Não consegui entender tudo que ouvi, mas escutei tudo com a máxima atenção, anotando todas as palavras e sentenças que já sabia e podia apreender das falas. Samarin (1967: 132) explica que o investigador precisa ser ‘engenhoso’ para usar as palavras e frases que vai adquirindo, e ao mesmo tempo ‘sensível’ para obter as respostas que essa atividade estimula.

Assim, pude perceber que Nakwatxa falava sobre a alimentação trazida para cada um de seus bichos, como lagartixas para seu gavião e para o de Matxa. Jatulika, ao verificar que eu compreendia algo da conversa, ria e comentava: *“você entendeu? Agora você entendeu. Depois que eu ensinei”*. Também em Canoanã percebi a satisfação de Kawkama ao me ouvir falando um pouquinho de Avá-Canoeiro: *“você já está sabendo falar um pouco nossa língua!”* E com os filhos comentou: *“ela está aprendendo mesmo”*. Esse comentário, que expressa uma atitude positiva de Kawkama com relação à língua Avá-Canoeiro, inclusive chamando-a de “nossa”, deixou-me muito feliz, já que, como já disse anteriormente, ela não tem tido muitas razões para utilizar essa língua em seu dia-a-dia.

Por tudo o que foi descrito acima, ficou claro para mim que não será possível realizar um estudo aprofundado da língua Avá-Canoeiro, como é o objetivo, sem que esteja entre eles mais tempo, principalmente com Matxa, Nakwatxa e Tuia, no Estado de Goiás, e com Tutau no Estado do Tocantins, que falam com maior frequência o Avá-Canoeiro. É necessário estar com eles, andando pelo mato, tomando banho e lavando roupa no rio, enfim, vivendo com eles. É imprescindível “gastar” tempo com os Avá-Canoeiro, ouvindo o máximo possível à língua e utilizando tudo que dela aprendi. Isso é importante, porque, além de ser uma oportunidade para que possam ensinar-me Avá-Canoeiro, serve para mostrar-lhes que seu trabalho como professores de sua língua não foi em vão. Aos poucos é também uma gotinha de motivação para que usem essa língua em sua comunicação cotidiana.

Acredito ser relevante aprender um pouco da língua, em seus diversos contextos de produção, para compreender o que falam em Avá-Canoeiro, e poder, desse modo, obter outros dados requeridos para a análise lingüística. Creio que, para se trabalhar com uma língua ameaçada de extinção, e com um grupo reduzido de falantes, é necessário que o pesquisador tenha muita habilidade e sensibilidade para fazer de cada situação um momento adequado para o aprendizado da língua, e para não desrespeitar as peculiaridades do povo e as características de cada um. Como explicam vários autores, dentre eles, Tarallo (1986), o pesquisador deve estar afinado ao máximo com a comunidade que está pesquisando, buscando, como diz Cardoso de Oliveira (2000), construir um “*encontro etnográfico*”, ao invés de um confronto entre línguas e culturas.

Tenho certeza de que não há como querer elicitar dados descontextualizados, pois os Avá-Canoeiro, especialmente os de Goiás, recusam-se a pronunciar sentenças ‘abstratas’, que estejam fora de seu contexto situacional, o que é bastante compreensível, afinal a língua não existe sem seu contexto de produção. Venho tentando obter sentenças com fotografias e postais que representem cenas de cotidianos indígenas, como um Kamaiurá pescando com arco e flecha e uma Karajá amamentando seu filho, mas esta é uma tarefa que demanda tempo e paciência e os resultados nem sempre são favoráveis. Esses postais ajudaram-me a construir o que Duranti (1997) chama de *cenário*, que evoca conceitos. Já possuo muitas listas de palavras isoladas, mas a língua não é composta apenas do léxico. Não estou aqui desmerecendo o léxico, mas creio que um bom estudo da língua não deve a ele se restringir<sup>57</sup>.

Uma outra prática que rendeu bons frutos com os Avá-Canoeiro de Goiás foi elicitar à noite frases relacionadas a situações que haviam vivenciado durante o dia, por exemplo, quando uma cobra foi encontrada na beira do rio e Iawi foi chamado para matá-la. Sentenças relativas a todo o contexto e aos procedimentos foram elicitadas. Essa atividade foi realizada com Nywatxima e Jatulika, que buscavam, em suas memórias recentes, as respostas às minhas perguntas.

Assim sendo, em anos vindouros, pretendo passar mais tempo com os Avá-Canoeiro para aprender a falar um pouco da sua língua, e tentar documentá-la nos moldes sugeridos por Himmelmann (1998), com diversos tipos de textos: expositivos, procedurais, narrativos, exortativos, mitológicos e conversacionais. Por conseguinte, não há como “controlar” totalmente a coleta de dados, pois se faz necessário aproveitar cada situação, cada acontecimento favorável e cada sen-

<sup>57</sup> A classificação do Avá-Canoeiro foi feita com base exclusivamente em listas de palavras comparadas às reconstruções estabelecidas para o Proto-Tupi-Guarani (cf. Lemle, 1971; Rodrigues, 1984/1985; Rodrigues & Cabral, 2002; Borges, 2004c). É necessário ampliar essa classificação, de posse de informações morfossintáticas, e assim confirmar ou reelaborar sua inclusão nos subgrupos das línguas Tupi-Guarani (cf. Borges, 2004c).



tença que surge espontaneamente, o que vai deixando lacunas na documentação, que nem sempre podem ser preenchidas depois.

Dessa forma, os Avá-Canoeiro têm sido meus “*interlocutores*” e não meus “*informantes*”, e, assim, temos buscado o “*encontro etnográfico*” almejado por Cardoso de Oliveira (2000: 23):

*“a rigor, não há verdadeira interação entre nativo e pesquisador; porquanto na utilização daquele como informante, o etnólogo não cria condições de efetivo diálogo. A relação não é dialógica. Ao passo que transformando esse informante em “interlocutor”, uma nova modalidade de relacionamento pode – e deve – ter lugar”.* (aspas do autor)

Portanto, esse foi sempre meu desafio e continuará sendo: fazer dos Avá-Canoeiro meus interlocutores para que possamos juntos documentar e estudar sua língua.

Creio que o fato de eu estar estudando o Avá-Canoeiro pode contribuir um pouco para que possa ser prestigiado e continuar sendo usado<sup>58</sup>. Essa atitude positiva com respeito à língua e à cultura Avá-Canoeiro pode colaborar para que sintam orgulho de falarem Avá-Canoeiro. Em muitas situações, vi os Avá-Canoeiro do Estado de Goiás motivados e alegres. Lembro-me da felicidade de Nakwatxa ao me ouvir dizer, certo dia, /kawaʒu i-ete/ ([k<sup>h</sup>a 'waʒu je 't<sup>h</sup>e]) (cavalo 3-ser gostoso) (‘o cavalo é gostoso’), quando íamos buscar sua égua no pasto, e brinquei com ela dizendo-lhe que iria comer o animal, pois sua carne é saborosa, numa alusão a um episódio em que um cavalo que andava nas redondezas, quando os Avá-Canoeiro ainda não haviam sido contatados e instalados naquele local, foi comido pelo grupo. Ela ria muito e me abraçava, dando explicações polidas, e falando com muita gentileza que eu não poderia fazer aquilo, porque aquela égua lhe pertencia e porque o chefe do posto ficaria bravo e brigaria muito comigo. Percebi que ela estava contente naquele momento por eu de certa forma fazer parte de seu mundo e por entender algo em sua língua.

Notei ali que, ao dizer aquela sentença, compartilhava com Nakwatxa um pouco de sua língua, de sua vida; estabelecíamos um elo de amizade entre nós e partilhávamos um conhecimento comunicativo. Seki (1984) vivenciou situação semelhante com os Krenák, de Minas Gerais e São Paulo, e afirma que seu trabalho junto a esse povo, além de contribuir para reavivar a memória lingüística de seus interlocutores, também colaborou para uma maior valorização da língua

<sup>58</sup> Tucanambá José Paraná (Anambu Guaka), o Tuca, um dos sobreviventes Xetá, de 53 anos, apontou o estudo da língua Xetá como uma razão para que a continuasse usando, mesmo com o extermínio de sua sociedade: “*Não esqueci não, acho que não esqueci porque até grande sempre pratiquei a língua com a minha gente e depois ajudando o Aryon* (Prof. Aryon Rodrigues, pesquisador dessa língua)” (cf. Silva, 2003: 34; grifos meus).

Krenák pela comunidade<sup>59</sup>. Creio que estou dando uma contribuição similar aos Avá-Canoeiro, tanto de Goiás quanto do Tocantins. Na última vez em que estive na aldeia de Canoanã, os mais jovens, que não falam Avá-Canoeiro, apenas algumas palavras, embora o entendam bem, faziam perguntas para mim e para Kawkama, sua mãe, acerca da língua Avá-Canoeiro e falavam algumas palavras comigo. Infelizmente, como já foi dito, ainda não consegui motivar de maneira satisfatória os Avá-Canoeiro do Estado do Tocantins. Estão ainda um pouco alheios ao meu estudo, o que certamente é fruto das discriminações e dos sofrimentos que sofreram (e sofrem) por usarem a língua Avá-Canoeiro. Essa situação é tão grave que Kawkama manifesta uma certa recusa em usar o Avá-Canoeiro.

Quero enfatizar aqui, que, a despeito das dificuldades que aponte e do que acreditam e me disseram muitos pesquisadores em línguas indígenas brasileiras, e de todos os problemas e situações adversas, creio ser absolutamente possível o trabalho de documentar, analisar e descrever uma língua ameaçada de extinção. Evidentemente, os obstáculos e limitações são vários e não há como querer negá-los. Porém, cada novo dado que se obtém e cada descoberta que se faz sobre a gramática da língua são grandes conquistas. Além disso, fica o sentimento de estar colaborando para que não se perca mais uma das riquezas lingüísticas das cerca de cento e oitenta de que dispomos no Brasil e de estar tentando contribuir para que o povo que utiliza essa língua não desapareça. O grande desafio foi e será de agora em diante fazer com que os Avá-Canoeiro, de maneira especial os do Estado do Tocantins, fiquem motivados com essa pesquisa e, principalmente, sintam vontade de usar o Avá-Canoeiro em seu dia-a-dia<sup>60</sup>.

## Conclusão

Neste capítulo relatei a metodologia empregada na coleta e na análise dos dados para este trabalho, com ênfase na primeira, objetivando esclarecer em que contexto se deu essa pesquisa, em que conjuguei técnicas e métodos das abordagens monolíngüe e bilíngüe à Tipologia Funcional,

---

<sup>59</sup> Mithun (1990: 25) relata experiência semelhante junto aos Pomo Central. Segundo ela, todos os falantes, principalmente os considerados menos fluentes, tornaram-se mais fluentes no decorrer da pesquisa, produzindo inclusive construções gramaticais mais complexas e vocabulário mais variado.

<sup>60</sup> Eduardo Rivail Ribeiro (em comunicação pessoal), por exemplo, conta como os Ofayé (do Mato Grosso do Sul) estão motivados com a documentação e o estudo que ele vem realizando sobre a língua Ofayé, pertencente ao Tronco Macro-Jê (Rodrigues, 1986), também ameaçada de extinção.



e como está a documentação dessa língua, bem como buscando oferecer uma contribuição a outros pesquisadores que porventura venham a vivenciar um universo de estudo semelhante a esse que encontrei junto aos Avá-Canoeiro: uma língua e um povo ameaçados de extinção. Há, de um lado, falantes mais idosos, como Matxa, Nakwatxa, Tuia e Tutau, que praticamente só usam o Avá-Canoeiro para se comunicarem, e, de outro, os mais jovens, como Tupuile, Jatulika e Nywatxima, cujas possibilidades de uso da língua Avá-Canoeiro tornam-se a cada dia mais restritas, além de Brena, Sirlene e Diego, que já não falam mais a língua Avá-Canoeiro, apesar de compreenderem-na, usando apenas o português em seus diálogos.

Para isso, busquei mostrar ao leitor a evolução da pesquisa nas duas aldeias, as dificuldades enfrentadas, as limitações da análise e o avanço do estudo do Avá-Canoeiro, de modo especial sua *documentação*. Evidentemente nenhuma língua foi salva só pelo fato de estar documentada, mas esse é sem dúvida um aspecto importante na difícil tarefa de envidar esforços para se evitar o desaparecimento de uma língua, de um povo. Foi imbuída desse espírito que realizei esta tese, na esperança de que ela possa no futuro de alguma forma contribuir para a continuidade da língua e do povo Avá-Canoeiro, como, por exemplo, no registro escrito das histórias ainda lembradas e na confecção de material didático, no caso de projetos educacionais que venham a ser desenvolvidos com esse povo. Vários autores, como Crystal (2000), ressaltam a importância de uma boa documentação de uma língua ameaçada para futuros projetos de revitalização lingüístico-cultural.

No capítulo seguinte abordarei a fonologia dessa língua, tratando de seus fonemas consonantais e vocálicos, seus alofones, seus principais processos fonológicos e morfofonológicos, além de discutir um pouco o acento e os padrões silábicos. Tratarei também de aspectos diacrônicos da fonologia do Avá-Canoeiro e de algumas semelhanças entre ela e a fonologia de outras línguas Tupi-Guarani do Subgrupo IV.



## Capítulo 3

### Aspectos Fonológicos da língua Avá-Canoeiro

A language learner, for instance, must master the production and perception of the sounds of a given language. He must also, however, learn *when* to use these sounds. (...) The goal of phonology is, then, to study the properties of the sound systems which speakers must learn or internalize in order to use their language for the purpose of communication.<sup>61</sup>

Hyman (1975: 1)

### 3. Introdução

A fonologia do Avá-Canoeiro, como já dito, foi parcialmente descrita por Paiva (1996). No entanto, como afirma o próprio autor, muitos pontos permaneceram em aberto, por falta de dados e pela pesquisa ter se restringido à variedade da Ilha do Bananal. É nesse sentido a contribuição deste capítulo. À luz de novos dados e de um corpus maior, abrangendo as duas variedades do Avá-Canoeiro, e de posse de vários pares mínimos não encontrados pelo referido autor, apresento uma revisão da análise por ele proposta, buscando melhor explicitar os fonemas da língua, suas realizações fonéticas, seus processos fonológicos e morfofonológicos, seu acento e seus padrões silábicos, com base nos pressupostos teórico-metodológicos de Gleason (1985). No entanto, não tecerei uma comparação exaustiva entre minha análise e a de Paiva (1996), o que não é meu objetivo. Apenas apontarei os aspectos semelhantes ou conflituosos entre as duas abordagens que julgar mais pertinentes.

<sup>61</sup> *Tradução livre*: “O aprendiz de línguas deve dominar a produção e a percepção dos sons de uma dada língua. Ele precisa aprender *quando* usar esses sons. (...) O objetivo da fonologia é, então, estudar as propriedades dos sistemas sonoros que os falantes precisam aprender ou internalizar a fim de usar suas línguas com o propósito de comunicação”.

Embora esta tese não seja de cunho diacrônico, serão feitas também algumas considerações acerca do desenvolvimento histórico do sistema fonológico da língua<sup>62</sup>, buscando uma maior compreensão do que se tem hoje e, quando possível, estabelecidas comparações com outras línguas Tupi-Guarani, especialmente do Subgrupo IV. Contudo, não será realizada uma análise aprofundada de aspectos específicos e selecionados da fonologia do Avá-Canoeiro com base em modelos fonológicos mais recentes, tais como os da Fonologia Autossegmental e Fonologia Métrica, o que extrapolaria meu objetivo no momento, ficando essa tarefa para estudos subsequentes. As reflexões que se seguem têm por meta contribuir para um conhecimento geral sobre a fonologia dessa língua, bem como fornecer subsídios para os capítulos seguintes sobre morfosintaxe, nos quais reside a maior contribuição dessa tese, uma vez que nada ainda foi feito sobre o Avá-Canoeiro.

### 3.1 Os fonemas consonantais

Paiva (1996) postulou a existência de doze fonemas consonantais, sendo: cinco oclusivas (/p, t, d, k, g/); duas africadas (/tʃ, dʒ/); duas nasais (/m, n/); uma lateral (/ʎ/); e duas aproximantes (/w, y/). Minha análise, por outro lado, demonstra a existência de doze fonemas no Avá-Canoeiro, assim distribuídos: três oclusivas simples (/p, t, k/); uma oclusiva labializada velar (/k<sup>w</sup>/); uma africada álveo-palatal (/tʃ/); uma fricativa uvular (/ɣ/); três nasais (/m, n, ŋ/); e três aproximantes (/w, r, j/), conforme a Tabela 2 abaixo.

Tabela 2: Consoantes do Avá-Canoeiro

	<b>Bilabiais</b>	<b>Alveolares</b>	<b>Álveo-palatais</b>	<b>Velares</b>	<b>Uvular</b>
<b>Oclusivas simples</b>	p	t		k	
<b>Oclusiva labializada</b>				k <sup>w</sup>	
<b>Africada</b>			tʃ		
<b>Fricativa</b>					ɣ
<b>Nasais</b>	m	n		ŋ	
<b>Aproximantes</b>	w	r	j		

<sup>62</sup> Um esboço dessa análise histórica do Avá-Canoeiro encontra-se em Borges (2004c), feito sob orientação das Profas. Dras. Lucy Seki e Alexandra Aikhenvald.

Esses fonemas possuem os seguinte alofones, discutidos adiante:

- |      |                    |   |
|------|--------------------|---|
| (1)  | /p/:               | [p], [p <sup>h</sup> ], [p <sup>ʔ</sup> ]       |
| (2)  | /t/:               | [t], [t <sup>h</sup> ], [t <sup>ʔ</sup> ], [tʃ] |
| (3)  | /k/:               | [k], [k <sup>h</sup> ], [k <sup>ʔ</sup> ], [q]  |
| (4)  | /k <sup>w</sup> /: | [k <sup>w</sup> ]                               |
| (5)  | /tʃ/:              | [tʃ], [ʃ], [ʒ], [j]                             |
| (6)  | /ɣ/:               | [ɣ], [g], [G]                                   |
| (7)  | /m/:               | [m], [m <sup>b</sup> ], [b]                     |
| (8)  | /n/:               | [n], [n <sup>d</sup> ], [d]                     |
| (9)  | /ŋ/:               | [ŋ]   |
| (10) | /w/:               | [w], [β], [G <sup>w</sup> ], [w̃]               |
| (11) | /r/:               | [r], [l], [r̃]                                  |
| (12) | /j/:               | [j], [ʃ], [ʒ], [tʃ], [dʒ], [j], [ʎ], [ɲ], [j̃]  |

Note-se que em Avá-Canoeiro não há a série glotal presente em todas as demais línguas do Subgrupo IV (cf. para o Tapirapé: Leite (1995); para o Asurini do Tocantins: Cabral & Rodrigues (2003); para o Suruí do Tocantins: Barbosa (1993); para o Parakanã: Silva (1999) e Gomes (1991); para o Guajajára: Bendor-Samuel (1972); para o Tembé: Eiró (2001, 2001a)). A oclusiva \*ʔ, a única consoante glotal reconstruída para o Proto-Tupi-Guarani<sup>63</sup>, desapareceu totalmente do sistema fonológico da língua Avá-Canoeiro<sup>64</sup>, como demonstram os seguintes exemplos:

- |     |                  |                        |   |                       |                          |
|-----|------------------|------------------------|---|-----------------------|--------------------------|
| (1) | ∅ (*ʔ > ∅/ #_V)  | 71. *ʔu                | > | u                     | ‘comer’                  |
| (2) | ∅ (*ʔ > ∅/ V__V) | 30. <sup>65</sup> *iʔu | > | i u                   | ‘beber’                  |
| (3) | ∅ (*ʔ > ∅/ V__V) | 38. *iʔa               | > | i a                   | ‘cabaça’                 |
| (4) | ∅ (*ʔ > ∅/ V__V) | 76. *poʔi r            | > | po i ɣa <sup>66</sup> | ‘contas, miçanga, colar’ |
| (5) | ∅ (*ʔ > ∅/ V__V) | 124. *kuʔi             | > | kui                   | ‘farinha’                |

<sup>63</sup> A lista de cognatos utilizada aqui foi a mesma que usei em Borges (2004c), no Anexo 7, ou seja, a de Seki (2000a), feita a partir das reconstruções de Lemle (1971) e de Rodrigues & Dietrich (1997). Estas diferem pela inclusão da africada /tʃ/ e das séries de oclusivas e nasais labializadas e palatalizadas nesta última, tendo sido consideradas seqüência de consoantes por Lemle (1971).

<sup>64</sup> Em Paiva (1996: 51) a eliminação da oclusiva glotal \*ʔ do Proto-Tupi-Guarani do sistema fonológico do Avá-Canoeiro é mencionada.

<sup>65</sup> Os números aqui apresentados foram mantidos como nas listas originais a que tive acesso (cf. Lemle (1971), Rodrigues & Dietrich (1997) e Seki (2001a)).

<sup>66</sup> No Capítulo 4, em (4.1.3.1), trato da lexicalização do morfema de caso nuclear {-a} em Avá-Canoeiro.

Quando essa consoante ocorria entre duas vogais idênticas, houve fusão<sup>67</sup> destas, restando uma única. Esse processo ocorreu também devido à queda das consoantes \*ts e \*β, como se segue:

(6)	∅ (*ʔ > ∅/ V__V)	11. *tapiʔir	>	tapira	‘anta’
(7)	∅ (*ʔ > ∅/ V__V)	48. *oʔo	>	o	‘carne’
(8)	∅ (*ʔ > ∅/ V__V)	53. *joʔok	>	jok	‘cavar’
(9)	∅ (*ʔ > ∅/ V__V)	98. *eʔe	>	e	‘doce, salgado’
(10)	∅ (*ʔ > ∅/ V__V)	321. *weʔen	>	wen	‘vomitar’
(11)	∅ (*ʔ > ∅/ V__V)	170. *kaʔa	>	ka	‘mato’
(12)	∅ (*ʔ > ∅/ V__V)	176. *tʃuʔu	>	tʃu	‘morder’
(13)	∅ (*ts > ∅/ V__V)	2. *pʔtsɪk	>	jepɪk <sup>68</sup>	‘agarrar, pegar’
(14)	∅ (*β > ∅/ V__V)	16. *ɪβɪrapar	>	ɪβapax	‘arco’
(15)	∅ (*β > ∅/ V__V)	307. *ɪβɪtu	>	ɪtu	‘vento’

A seguir apresento a análise dos fonemas da língua.

### 3.1.1 As consoantes oclusivas

Segundo minha análise, o Avá-Canoeiro possui três consoantes oclusivas: a bilabial /p/, a alveolar /t/ e a velar /k/, cujos contrastes verificamos nos exemplos a seguir, em que esses fonemas aparecem em ambientes idênticos, caracterizando pares mínimos<sup>69</sup>.

<sup>67</sup> Campbell (2001) explica que *fusão* é um termo técnico usado para descrever um processo por meio do qual dois ou mais segmentos são substituídos por um único. Já o termo *split* refere-se à troca de um segmento por dois ou mais, em diferentes contextos fonéticos.

<sup>68</sup> Poder-se-ia aqui lançar a hipótese de lexicalização do pronome ‘reflexivo’ {je-}, tratado no Capítulo 5, através da qual este teria se juntado à raiz verbal \*pɪk. O mesmo teria acontecido a \*upir ‘subir’ (> jepir) e a pɪk ‘pegar’ (> jepɪk).

<sup>69</sup> A análise de Paiva (1996) é bem distinta, pois o autor considera que há 5 oclusivas (/p/, /t/, /d/, /k/ e /g/), um sistema que seria bem incomum para as línguas Tupi-Guarani. Todavia, sua abordagem não é muito convincente. /p/ é comparado a [b], em ambientes análogos, e a conclusão a que chega o autor é que esse último é alofone do primeiro. Mas /p/ não é comparado aos outros fonemas oclusivos considerados por Paiva. /t/ e /d/ são comparados em ambientes semelhantes, mas /k/ e /g/ não o são. /k/ é comparado a [k<sup>h</sup>], seu alofone, e /g/ é comparado a [ŋ] e [G]. Nesse último caso, segundo Paiva (p. 35), o fonema é /g/ e os demais são alofones. Em minha análise, ao contrário, não considero [d] um fonema da língua, já que ocorre em meus dados apenas em variação livre com /n/, na variedade do Tocantins (cf. (3.3.1.7)). Quanto ao fonema /g/, onde Paiva (1996) postulou sua existência, verifiquei normalmente a fricativa uvular /ɣ/. [G] e [g] ocorrem em meus dados como alofones desse último fonema (cf. (3.3.1.5)).

(16)	/p/ e /t/	/ɛ̃paw/ /ɛ̃taw/	[ɛ̃ 'p <sup>h</sup> a:w] [ɛ̃ 't <sup>h</sup> a:w]	‘lago’ ‘nadar’
(17)	/p/ e /k/	/i-pɛ̃au/ 3-ser novo /i-kɛ̃au/ 3-rede	[, ɪpɛ̃ 'a:w] [, ɪkɛ̃ 'a:w]	‘ela é nova’ ‘rede dele’
(18)	/t/ e /k/	/tui/ /kui/	[ 't <sup>h</sup> u:] [ 'k <sup>h</sup> u:]	‘periquito’ ‘farinha, pó’

Essas consoantes possuem, além dos alofones oclusivos simples ([p], [t], [k]), mostrados acima, os aspirados ([p<sup>h</sup>], [t<sup>h</sup>], [k<sup>h</sup>]) e os não-explodidos ([p<sup>ʷ</sup>], [t<sup>ʷ</sup>], [k<sup>ʷ</sup>]) homorgânicos. A oclusiva alveolar /t/ possui também um alofone palatalizado [tʃ], e a velar /k/, um alofone uvular [q]. Todas essas realizações fonéticas de /p/, /t/ e /k/ serão discutidas na seção (3.3), dedicada aos processos fonológicos do Avá-Canoeiro.

A oclusiva bilabial /p/ da língua Avá-Canoeiro originou-se do proto-fonema \*p e, em final de palavra, da fricativa bilabial \*β:

(19)	<b>p</b> (*p > p/ #__)	94. *pɛ̃pe	>	pupe	‘dentro’
(20)	<b>p</b> (*p > p/ \$__)	82. *kupe	>	kupe	‘costas’
(21)	<b>p</b> (*β > p/ a__#)	40. *ʔaβ	>	-ap <sup>70</sup>	‘cabelo’
(22)	<b>p</b> (*β > p/ u__#)	251. *akuβ	>	akup	‘quente’
(23)	<b>p</b> (*β > p/ e__#)	57. *peβ	>	pep	‘chato, plano’

O fonema alveolar /t/ do Avá-Canoeiro teve duas origens distintas no Proto-Tupi-Guarani: a oclusiva \*t e a africada \*ts, como se segue.

(24)	<b>t</b> (*t > t/ #__)	141. *tuβitsaβ	>	tuiaw	‘grande’
(25)	<b>t</b> (*t > t/ \$__)	95. *k <sup>w</sup> atiar	>	k <sup>w</sup> atiaɛ	‘desenhar’ <sup>71</sup>
(26)	<b>t</b> (*ts > t/ #__a)	20. *tsakɛ̃p <sup>w</sup> ri	>	takɛ̃wɪrap	‘atrás de’
(27)	<b>t</b> (*ts > t/ i\$__u)	244. *pitsun	>	pitun	‘preto’

A africada alveolar \*ts do Proto-Tupi-Guarani desapareceu do sistema fonológico do Avá-Canoeiro, fundindo-se com a oclusiva /t/ em início de palavra ou de sílaba medial, como

<sup>70</sup> Serão indicados nesses exemplos, por meio do sinal (-), os nomes inalienavelmente possuídos (cf. o Capítulo 4).

<sup>71</sup> Este verbo também pode ser usado para ‘escrever’, ou seja, houve uma *extensão do significado* de **k<sup>w</sup>atiaz**.

explicitado acima, ou dando origem à fricativa uvular /Ɂ/, em início de palavras, antes de /u/ (cf. (3.1.4.1)). Em outros casos, foi apagada, tanto em início de palavra fonológica quanto em início de sílaba medial<sup>72</sup>. É o que demonstram os dados abaixo:

(28)	Ɂ (*ts > Ɂ/ #__u)	21. *tsupi	>	Ɂupi <sup>73</sup>	‘através’
(29)	∅ (*ts > ∅/ #__e)	237. *tseta	>	eta	‘muitos’
(30)	∅ (*ts > ∅/ #__i)	58. *tsik	>	ik	‘chegar’
(31)	∅ (*ts > ∅/ #__a)	237. *tsaβ	>	-awa	‘plumagem’
(32)	∅ (*ts > ∅/ #__o)	145. *tso	>	o	‘ir’
(33)	∅ (*ts > ∅/ o\$__a)	297. *motsapir	>	moapirɁan	‘três’
(34)	∅ (*ts > ∅/ a\$__u)	242. *tajatsu	>	tajau	‘porco do mato’
(35)	∅ (*ts > ∅/ i\$__i)	221. *pitsik	>	jepik	‘pegar’
(36)	∅ (*ts > ∅/ i\$__a)	141. *tuβitsaβ	>	tuiaw	‘grande’
(37)	∅ (*ts > ∅/ i\$__a)	188. *pitsa	>	ipiraj	‘noite’
(38)	∅ (*ts > ∅/ o\$__i)	230. *potsij	>	poij	‘pesado’

A oclusiva velar desvozeada /k/ do Avá-Canoeiro teve duas origens: a oclusiva velar desvozeada \*k do Proto-Tupi-Guarani e a fusão desta com a oclusiva palatalizada velar \*k<sup>j</sup>, como nos seguintes exemplos.

(39)	k (*k > k/ #__)	14. *karāj	>	kaɁaj	‘arranhar’
(40)	k (*k > k/ #__)	53. *joʔok	>	jok	‘cavar’
(41)	k (*k <sup>j</sup> > k/ #__)	101. *k <sup>j</sup> er	>	ker <sup>74</sup>	‘dormir’
(42)	k (*k <sup>j</sup> > k/ #__)	101. *k <sup>j</sup> er	>	kir	‘dormir’
(43)	k (*k <sup>j</sup> > k/ \$__)	108. *ek <sup>j</sup> e, ik <sup>j</sup> e	>	ike	‘entrar’

Outras línguas Tupi e Tupi-Guarani perderam as consoantes palatalizadas \*p<sup>j</sup> e \*k<sup>j</sup> do Proto-Tupi-Guarani, como é o caso do Sateré-Mawé e do Kamaiurá. Em Sateré-Mawé, \*k<sup>j</sup> do Proto-Tupi-Guarani fundiu-se ao \*k como em \*k<sup>j</sup>er > ket ‘dormir’ e \*-ek<sup>j</sup>e > -eke ‘entrar’ (cf. Rodrigues & Dietrich (1997: 274)). No Kamaiurá, \*p<sup>j</sup> e \*k<sup>j</sup> passaram por um processo de africativização, fundindo-se com a africada alveolar desvozeada /ts/, como em \*ek<sup>j</sup>e; ik<sup>j</sup>e > itse ‘en-

<sup>72</sup> Paiva (1996: 51) menciona rapidamente essa eliminação de \*ts.

<sup>73</sup> Como será visto no Capítulo 7, essa é uma posposição perlativa, que indica um lugar não especificado ‘em, pelo, por’ (cf. Ɂ-upi, onde temos ‘morfema relacional-posposição’).

<sup>74</sup> ker significa ‘dormir’ na variedade do Estado do Tocantins. Já na variedade de Goiás, o verbo é kir.



trar’ e \*ep<sup>j</sup>ak > etsak ‘ver’ (cf. Seki (2000a: 573)). Infelizmente, devido ao fato de a reconstrução existente apresentar um único exemplo da oclusiva palatalizada bilabial \*p<sup>j</sup> (cf. item (308) \*ep<sup>j</sup>ak ‘ver’) e de eu não ter obtido um cognato para essa palavra no Avá-Canoeiro, a análise da provável história do \*p<sup>j</sup> do Proto-Tupi-Guarani para essa língua permanece em aberto.

### 3.1.2 A oclusiva labializada /k<sup>w</sup>/

A língua Avá-Canoeiro possui uma oclusiva labializada velar desvozeada /k<sup>w</sup>/, que apresenta uma única realização fonética (o alofone [k<sup>w</sup>]), em oposição à oclusiva velar desvozeada /k/, em ambiente análogo. É o que ocorre em (44), onde /k<sup>w</sup>/ e /k/ estão em início de sílaba final tônica, antecedendo as vogais centrais baixas /a/ e /ã/ e seguindo a vogal anterior alta /i/.

(44)	<b>/k<sup>w</sup>/ e /k/</b>	/tʃi=Ø-k <sup>w</sup> ã/ 1poss=rel-dedo	[tʃɪ <sup>1</sup> k <sup>w</sup> ə:] <sup>75</sup>	‘meu dedo’
		/tʃi=Ø-kam/ 1poss=rel-seio	[tʃɪ <sup>1</sup> k <sup>h</sup> ə:m]	‘meu seio’

No exemplo (45), /k<sup>w</sup>/ e /k/ também estão em ambientes análogos, ocorrendo em início de sílaba tônica medial, antecedendo a central alta /ɨ/ e seguindo a posterior média fechada arredondada /o/.

(45)	<b>/k<sup>w</sup>/ e /k/</b>	/o-k <sup>w</sup> ɨɐ/ 3sg-chover	[o <sup>1</sup> k <sup>w</sup> ɨ:ɐθ] <sup>76</sup>	‘choveu’
		/o-kɨti/ 3sg-cortar	[o <sup>1</sup> k <sup>h</sup> ɨ:tɪ] <sup>77</sup>	‘ele cortou’

A oclusiva labializada /k<sup>w</sup>/ do Avá-Canoeiro teve sua origem na fusão da bilabial \*p<sup>w</sup> e da velar \*k<sup>w</sup> do Proto-Tupi-Guarani, resultando na velar /k<sup>w</sup>/, apenas<sup>78</sup>, ou seja, mantiveram-se todos os aspectos fonéticos de \*p<sup>w</sup> e \*k<sup>w</sup> (oclusivos, labializados, desvozeados), exceto o ponto de articulação bilabial. É o que comprovam os seguintes dados:

<sup>75</sup> A realização da central nasal /ã/ e da central baixa /a/ antecedendo consoantes nasais é mais fechada, ou seja, [ə̃]. Levantamento vocálico semelhante ocorre no Tapirapé, onde o fonema /ã/ realiza-se também como [ə̃] (Leite, 1977).

<sup>76</sup> Em ambas as variedades do Avá-Canoeiro, insere-se opcionalmente uma vogal [ə] em final de palavras terminadas em consoante, o que será discutido em (3.3.2.6.).

<sup>77</sup> A oclusiva alveolar /t/ realiza-se como palatalizada [tʃ], antes das vogais altas /i/, /i/ e /u/ (cf. (3.3.1.3.)).

<sup>78</sup> Ainda não foram encontrados cognatos para os exemplos de \*p<sup>w</sup> em posição medial.

(46) Fusão de /p<sup>w</sup>/ e /k<sup>w</sup>/

k <sup>w</sup> (*p <sup>w</sup> > k <sup>w</sup> / # __)	08. *p <sup>w</sup> ar	>	jok <sup>w</sup> ɛɛ <sup>79</sup>	‘amarrar’
k <sup>w</sup> (*p <sup>w</sup> > k <sup>w</sup> / # __)	88. *p <sup>w</sup> ã	>	-k <sup>w</sup> ã	‘dedo, mão’
k <sup>w</sup> (*k <sup>w</sup> > k <sup>w</sup> / # __)	95. *k <sup>w</sup> atiar	>	k <sup>w</sup> atiaz	‘desenhar’
k <sup>w</sup> (*k <sup>w</sup> > k <sup>w</sup> / # __)	247. *k <sup>w</sup> ati	>	k <sup>w</sup> ati	‘quati’
k <sup>w</sup> (*k <sup>w</sup> > k <sup>w</sup> / \$ __)	286. *tak <sup>w</sup> ar	>	tak <sup>w</sup> ar	‘taquara’

Outras línguas da família Tupi-Guarani, como o Guajábara, o Parintintin e o Wayampi passaram pelo mesmo processo que o Avá-Canoeiro, como demonstram os seguintes dados:

## (47)

Proto-Tupi-Guarani	Guajábara	Parintintin	Wayampi (do Jarí)
*p <sup>w</sup> ár ‘amarrar’	k <sup>w</sup> ár	k <sup>w</sup> ár	ók <sup>w</sup> a

Fonte: Jensen (1999: 141).

A mudança de \*p<sup>w</sup> em k<sup>w</sup> é um dos critérios que Rodrigues (1984/1985) aponta como classificatórios para o Subgrupo IV das línguas Tupi-Guarani.

### 3.1.3 A Africada /tʃ/

A língua Avá-Canoeiro possui uma única consoante africada, a álveo-palatal /tʃ/<sup>80</sup>, que ocorre em contraste em ambiente análogo, conforme demonstram os exemplos a seguir. Em (48)

<sup>79</sup> Poder-se-ia aqui levantar a hipótese de que o verbo **jok<sup>w</sup> ɛɛ** ‘amarrar’ seria formado de um pronome **{jo-}** ‘recíproco’, seguido da raiz verbal **k<sup>w</sup> ɛɛ**. O mesmo poderia ser pensado para **jopoj** ‘alimentar’, em que a raiz seria **poj**. Em outras línguas Tupi-Guarani, como Asurini do Tocantins, **{jo-}** é reflexivo e **kwát**, cognato de **k<sup>w</sup> ɛɛ**, é ‘amarrar’ (cf. Cabral & Rodrigues, 2003). Em Kamaiurá, **poj** é ‘alimentar’ e **{jo-}** ‘recíproco’ (cf. Seki, 2000a). Haveria, assim, um processo de lexicalização. No entanto, no momento, não disponho de mais dados para averiguar essa hipótese. Fica aqui, portanto, apenas a observação.

<sup>80</sup> Para Paiva (1996) o Avá-Canoeiro possui duas africadas álveo-palatais: a desvozeada /tʃ/ e a vozeada /dʒ/. Para considerar /tʃ/ um fonema, esse autor o compara à oclusiva /t/, em ambientes semelhantes. Para estabelecer /dʒ/ como fonema, ele o compara à aproximante /y/ e explica que “as chances de [y] e [dʒ] serem fonemas diferentes são muito grandes, apesar de não ter sido possível encontrar ambiente idêntico para contraste” (p. 33). As outras duas comparações são entre [d] e [dʒ] e [dʒ] e [tʃ]. No primeiro caso, Paiva explica que “[d] e [dʒ] não estão em distribuição complementar, não existindo relação de alofonia entre eles” (p. 34); no segundo, explica que “não estão em distribuição complementar” (p. 34). Embora não diga claramente, percebe-se que o autor considera /d/ e /dʒ/ e /tʃ/ e /dʒ/ fonemas em ambientes semelhantes. Em minha análise, por outro lado, não há evidências para se considerar a existência de um fonema /dʒ/, que tem ocorrência limitada, e sempre em variação livre com [j], alofone da aproximante /j/.

/tʃ/ e /t/ estão em início de sílaba inicial tônica, antecedendo a vogal central baixa /a/. Já em (49) /tʃ/ e /t/ encontram-se em início de sílaba medial, precedendo a vogal posterior alta /u/ e seguindo a central baixa /a/.

(48)	/tʃ/ e /t/	/tʃapaʒa/	[ <sup>1</sup> tʃa:pəʒə]	‘pôr-do-sol’
		/tata/	[ <sup>1</sup> t <sup>h</sup> a:tə]	‘fogo’ <sup>81</sup>
(49)	/watʃuaja/	[ <sub>1</sub> watʃu <sup>1</sup> a:ʒə]		‘cagaita’
	/i-katu=ete/ 3-ser bonito=part.	[ɪ, katu <sup>1</sup> t <sup>h</sup> e:]		‘ele é bonito mesmo’

/tʃ/ e /j/ também encontram-se em contraste em ambientes análogos: ocorrem em início de sílaba medial tônica, seguindo e precedendo a vogal posterior média /o/, em (50). Em (51) /tʃ/ e /j/ ocorrem em início de palavra, antecedendo a vogal central alta /ɨ/<sup>82</sup>.

(50)	/tʃ/ e /j/			
	/o-tʃo/	[o <sup>1</sup> tʃo:]		‘ele puxou’
	3sg-puxar			
	/o-jot/	[o <sup>1</sup> jo:t <sup>ʔ</sup> ] ~ [o <sup>1</sup> jo:tə]		‘ele foi’
	3sg-ir			
(51)	/tʃɨapaʒ/	[tʃɨ <sup>1</sup> a:pəʒə]		‘cavadeira’
	/jɨatau/	[ <sub>1</sub> jɨə <sup>1</sup> t <sup>h</sup> a:w] ~ [ <sub>1</sub> ʒɨə <sup>1</sup> t <sup>h</sup> a:w]		‘grande’

A africada /tʃ/ do Avá-Canoeiro originou-se da africada \*tʃ do Proto-Tupi-Guarani:

(52)	tʃ (*tʃ > tʃ/ #__ɨ)	218. *tʃɨr	>	tʃɨapaʒ	‘pau de cavar’
(53)	tʃ (*tʃ > tʃ/ #__u)	176. *tʃuʔu	>	tʃu	‘morder’
(54)	tʃ (*tʃ > tʃ/ i\$__e)	120. *itʃe	>	itʃe <sup>83</sup>	‘eu’

<sup>81</sup> O significado de *tata* ‘fogo’ foi estendido para ‘vela’, na Área Avá-Canoeiro (GO), e para ‘lâmpada’, em Canoanã (TO). Houve, portanto, *extensão do significado* de *tata* nas duas variedades, conforme a chegada ou não de energia elétrica à aldeia. Ressalto que o significado original de ‘fogo’ foi mantido e que *tata* aparece também na formação de novas palavras do Avá-Canoeiro, como em *tata r-aɛj* (fogo rel-semente) ‘pilha’.

<sup>82</sup> Apesar de /tʃ/ e /j/ serem fonemas, há casos em que /tʃ/ possui um alofone [j] em variação livre com [tʃ], como será visto em (3.3.1.13.). Outras realizações fonéticas de /tʃ/, além de [tʃ] e [j], são [ʃ] e [ʒ], discutidas adiante.

<sup>83</sup> Conforme veremos no Capítulo 7, *itʃe* ‘eu’, apenas na variedade falada no Estado do Tocantins. Em Goiás, os Avá-Canoeiro usam o pronome *tʃitô*. Para a segunda e a terceira pessoas temos, respectivamente, *ene* e *ae*, no Tocantins, e *nitô* e *aetô*, em Goiás.

A álveo-palatal \*tʃ do Proto-Tupi-Guarani manteve-se no sistema fonológico do Avá-Canoeiro, em início de palavra fonológica ou em início de sílaba medial, como vimos. No entanto, houve modificações. Algumas vezes, em início de sílaba medial, \*tʃ tornou-se /ɸ/, antes da vogal posterior /u/, ou foi apagado em início de palavra fonológica ou de sílaba medial<sup>84</sup>.

(55)	ɸ (*tʃ > ɸ/ \$__u)	142. *utʃu	>	uɸu	‘grande’
(56)	∅ (*tʃ > ∅/ #__e)	268. *tʃem	>	em	‘sair’
(57)	∅ (*tʃ > ∅/ #__i)	164. *tʃi	>	-i	‘mãe’
(58)	∅ (*tʃ > ∅/ #__u)	285. *tʃuruʃi	>	uruwi	‘surubim’
(59)	∅ (*tʃ > ∅/ #__o)	233. *tʃok	>	ok	‘ pilar, socar’
(60)	∅ (*tʃ > ∅/ a\$__u)	239. *pikatʃu	>	pikau	‘pombo’
(61)	∅ (*tʃ > ∅/ e\$__a)	195. *etʃa	>	-ea	‘olho’
(62)	∅ (*tʃ > ∅/ a\$__a)	213. *atʃaʃ	>	aw	‘passar, atravessar’
(63)	∅ (*tʃ > ∅/ i\$__i)	65. *itʃipo	>	ipo	‘cipó’
(64)	∅ (*tʃ > ∅/ a\$__i)	100. *atʃi	>	-ai	‘dor’
(65)	∅ (*tʃ > ∅/ i\$__e)	121. *kitʃe	>	kie	‘faca’
(66)	∅ (*tʃ > ∅/ i\$__a)	202. *apitʃa	>	-apia	‘ouvido’

Pelo que foi exposto acima, percebe-se que houve um desdobramento das duas africadas do Proto-Tupi-Guarani (\*ts e \*tʃ), tendo sido diferenciadas em fonemas distintos. \*ts ou foi apagada ou passou a /t/ ou /ɸ/ em Avá-Canoeiro. \*tʃ também foi apagada ou passou a /t/, /tʃ/ ou /ɸ/ nos ambientes descritos. O fonema \*ts foi totalmente apagado dos sistemas fonológicos das línguas Tembé, Asurini do Tocantins, Tapirapé, Parakanã e Suruí do Tocantins ou deu origem a outras consoantes (cf. Eiró (2001, 2001a), Nicholson (1978), Leite (1995), Silva (1999) e Barbosa (1993)). Já a africada \*tʃ manteve-se como fonema nas línguas Asurini do Tocantins e Parakanã<sup>85</sup> (cf. Nicholson (1978) e Silva (1999))<sup>86</sup>.

<sup>84</sup> Paiva (1996: 51) menciona brevemente um processo de eliminação da africada \*tʃ do sistema fonológico do Avá-Canoeiro.

<sup>85</sup> Gomes (1991) apresenta uma análise distinta para o Parakanã. Segundo ela, existe [tʃ] apenas como alofone da fricativa /s/. [ts] também é alofone dessa consoante. Já para Silva (1999), não há o fonema /s/.

<sup>86</sup> Para o Tapirapé há duas análises diferentes. Segundo Leite (1977; 1995), não há o fonema /tʃ/ e [tʃ] ocorre apenas como alofone de /j/. Já para Praça (1999), /tʃ/ é fonema.

### 3.1.4 A fricativa /ɣ/

O Avá-Canoeiro possui apenas uma fricativa, a uvular vozeada /ɣ/<sup>87</sup>. Esse é o único fonema realizado através desse modo de articulação e tendo esse ponto. Os demais sons uvulares da língua, [q] e [G<sup>w</sup>], são alofones da oclusiva /k/ e da aproximante /w/, respectivamente. Os fonemas mais próximos de /ɣ/ de acordo com o ponto de articulação são os velares, quais sejam: as oclusivas simples /k/ e labializada /k<sup>w</sup>/ e a nasal /ŋ/. A seguir demonstro o contraste entre /ɣ/ e as consoantes velares mencionadas.

(67)	/ɣ/ e /k/		
	/o-ɨɣ/	[o' ɨ:ɣə]	‘ele caiu, nasceu’
	3sg-cair, nascer		
	/o-ɨk/	[o' ɨ:kə]	‘ele chegou’
	3sg-chegar		

Em (67), vemos que /ɣ/ e /k/ evidenciam contraste em ambientes idênticos, ou seja, ocorrem em pares mínimos. Já os contrastes entre /ɣ/ e /k<sup>w</sup>/, em (68a, b, c), e entre /ɣ/ e /ŋ/, em (69a, b), são demonstrados em ambientes análogos.

(68)	/ɣ/ e /k <sup>w</sup> /		
(68a)	/aɣakuɣ/	[a' ɣa:quɣə]	‘seriema’
	/tak <sup>w</sup> aɾ/	[t <sup>h</sup> a' k <sup>w</sup> a:ɾ]	‘taquara’
(68b)	/a-ka-kaɣaj/	[a , kaka' ɣa:j]	‘eu arranhei’
	1sg-redupl.-arranhar		
	/tak <sup>w</sup> aɾ/	[t <sup>h</sup> a' k <sup>w</sup> a:ɾ]	‘taquara’
(68c)	/ajuɣu/	[a' ɣu:ɣu]	‘papagaio’
	/o-jok <sup>w</sup> ɨɣ/	[o' ɣo:k <sup>w</sup> ɨɣə]	‘ele amarrou’
	3sg-amarrar		

[ɣ] e [k<sup>w</sup>] ocorrem em ambientes análogos. Em (68a) e (68b), acontecem em início de sílaba tônica, em contigüidade à vogal central /a/. Já em (68c) ocorrem precedendo vogais altas (/u/ e /ɨ/) e seguindo vogais posteriores (/u/ e /o/).

<sup>87</sup> Na análise de Paiva (1996) para o Avá-Canoeiro não aparecem fricativas, apenas africadas.

- (69) /ɣ/ e /ŋ/  
 (69a) /i-ɣ-upi/ [ɪ 'ɣu:pɪ] 'com ele'  
 3-rel-posp  
 /uŋua/ [ũ 'ŋu:ə] 'pilão'  
 (69b) /tʃ ãapaɣ/ [ʒĩ 'a:pəɣə] 'enxada, cavadeira'  
 /i-akaŋ/ ['ja:kəŋə]<sup>88</sup> 'cabeça dele'  
 3-cabeça

/ɣ/ e /ŋ/ ocorrem em ambientes análogos: aparecem em (69a) em início de sílaba medial tônica, precedendo a vogal posterior alta /u/ e seguindo as vogais altas /i/ e /u/. Nos exemplos em (69b), /ɣ/ e /ŋ/ encontram-se no final da palavra fonológica, seguindo a vogal central /a/ átona.

A fricativa uvular apresenta-se no Avá-Canoeiro por meio de três realizações fonéticas: [ɣ], já exemplificada, e as oclusivas vozeadas velar [g] e uvular [G], que serão discutidas na seção (3.3.1.5).

Há algumas palavras em que /ɣ/ e /r/ ocorrem em variação livre, como se segue:

- (70) /mapeɣa/ ['ma:peɣə] ~ ['ma:perə] 'papel'  
 (71) /k<sup>w</sup>aɣa/ ['k<sup>w</sup>a:ɣə] ~ ['k<sup>w</sup>a:rə] 'buraco'  
 (72) /o-ker/ ['o:kerə] ~ ['o:keɣə] 'ele dormiu'  
 3sg-dormir  
 (73) /o-kĩr/ ['o:kĩrə] ~ ['o:kĩɣə] 'ele dormiu'  
 3sg-dormir

No entanto, /ɣ/ e /r/ são fonemas, conforme mostram os exemplos em (74)<sup>89</sup>:

- (74) /ɣ/ e /r/  
 /kĩɣ/ ['k<sup>h</sup>ĩ:ɣə] 'verde, não-maduro'  
 /kĩr/ ['k<sup>h</sup>ĩ:rə] 'dormir'

Esses exemplos são referentes à variedade de Goiás, porque no Tocantins o verbo 'dormir' é **ker** e não **kĩr**. Nessa última, os fonemas /ɣ/ e /r/ ocorrem em ambientes análogos, como se segue:

<sup>88</sup> Nesse caso, a vogal anterior alta /i/ passa por um processo de consonantização, tornando-se [j] em início de palavra, antes da vogal /a/, o que será discutido em (3.3.2.5).

<sup>89</sup> Segundo a Profª. Alexandra Aikhenvald (em e-mail do dia 16/11/2004), as línguas ameaçadas de extinção possuem uma série de características diferentes das línguas 'saúdáveis'. Uma delas é a variação livre entre vários fonemas, tal como ocorre em Avá-Canoeiro entre /ɣ/ e /r/. Agradeço à professora o comentário. Essa variação ocorre inclusive na morfologia, como veremos no Capítulo 4, já que /r-/ e /ɣ-/ são alomorfes do prefixo relacional {r-} e esse último alomorfe pode ser substituído pelo primeiro. O contrário não ocorre.

(75)	/uʁuwu/	[u <sup>1</sup> ʁu:wʊ]	‘urubu’
	/uruwi/	[u <sup>1</sup> ru:wɪ]	‘surubim’

/ʁ/ e /r/ ocorrem em (75) em início de sílaba medial tônica, antecedendo e seguindo a vogal posterior alta /u/.

(76)	/k <sup>w</sup> aʁ/	[ <sup>1</sup> k <sup>w</sup> a:ʁ]	~	[ <sup>1</sup> k <sup>w</sup> a:ʁə]	‘sol’
	/tak <sup>w</sup> aɾ/	[t <sup>h</sup> a <sup>1</sup> k <sup>w</sup> a:ɾ]			‘taquara’

Em (76) os fonemas /ʁ/ e /r/ aparecem em final de sílaba final tônica, seguindo a vogal central baixa /a/.

### 3.1.4.1 Fontes do fonema /ʁ/

A fricativa uvular vozeada /ʁ/ do Avá-Canoeiro tem sua origem: 1) na vibrante simples alveolar \*r do Proto-Tupi-Guarani, em início ou final de palavras, ou seja, nas posições de ataque ou de coda silábicas<sup>90</sup> (cf. (77), (78) e (79)), ou em início de sílabas finais<sup>91</sup> (cf. de (80) e (81)); 2) nas africadas \*ts e \*tʃ, em início de sílabas iniciais e finais, respectivamente, antes de /u/, como anteriormente explicitado (cf. (82) e (83)). É o que ilustram os seguintes exemplos.

(77)	ʁ (*r > ʁ/ #_o)	133. *roʔi	>	ʁoʔi	‘frio’
(78)	ʁ (*r > ʁ/ i\$_#)	130. *potiɾ	>	potiʁa	‘flor’
(79)	ʁ (*r > ʁ/ i\$_#)	76. *poʔiɾ	>	poʔiʁa	‘contas, miçanga’
(80)	ʁ (*r > ʁ/ \$_u#)	54. *iɾu	>	-ip <sup>i</sup> ʁu <sup>92</sup>	‘cesta’
(81)	ʁ (*r > ʁ/ \$_u#)	304. *kaɾuk	>	kaʁuk	‘urinar’
(82)	ʁ (*ts > ʁ/ #_u)	21. *tsupi	>	ʁupi	‘através’
(83)	ʁ (*tʃ > ʁ/ \$_u#)	142. *utʃu	>	uʁu	‘grande’

<sup>90</sup> Na seção (3.5) discuto a estrutura silábica do Avá-Canoeiro e esses conceitos.

<sup>91</sup> Em suas considerações diacrônicas, Paiva (1996: 53) menciona um processo de velarização de \*r, que teria passado a /g/. Apesar de nada explicitar, pelos exemplos apresentados nota-se que esse processo teria ocorrido em final de palavra e em início de sílaba final. Nesses mesmos contextos verifiquei, ao contrário, a presença da fricativa uvular /ʁ/, não da oclusiva /g/.

<sup>92</sup> Em Goiás o significado de -ip<sup>i</sup>ʁu foi estendido para ‘bolsa, saco, sacola, mala, mochila’.

O aparecimento dessa fricativa no Avá-Canoeiro parece estar fortemente ligado às vogais não-antérieures da língua, quais sejam: /ĩ, ã, a, ã, u, ũ, o, õ/ (cf. a Tabela 4), ocorrendo, assim, um processo de assimilação condicionado por essas vogais, através do qual /ʁ/ é realizado na região posterior da cavidade bucal, ao contrário de \*r, \*ts e \*tʃ, produzidos na região anterior. É antes da vogal posterior alta /u/ que tanto \*ts quanto \*tʃ passam a /ʁ/. É também em contigüidade às vogais não-antérieures /ĩ/, /a/, /u/ e /o/ que \*r do Proto-Tupi-Guarani dá origem muitas vezes à /ʁ/ do Avá-Canoeiro, como se segue:

(84)

Glosa	Proto-Tupi-Guarani	Avá-Canoeiro
310. verde, não maduro	*kĩr	kĩʁ
280. sol	*k <sup>w</sup> aɾ	k <sup>w</sup> aʁ
231. pescoço	*ajuɾ	-ajuʁ
133. frio	*ɾoʔĩ	ʁoĩ

Portanto, as consoantes \*ts, \*tʃ, \*r do Proto-Tupi-Guarani dão origem a esse fonema no Avá-Canoeiro, em contigüidade às vogais não-antérieures.

No entanto, há vários casos em que \*r do Proto-Tupi-Guarani mantém-se como /r/ em Avá-Canoeiro (cf., por exemplo, na lista de cognatos no Anexo 7, (214) e (217) entre /ĩ/ e /a/; (224) antes de /a/; (286) depois de /a/; (173) e (285), antes e depois de /u/; e (152), depois de /o/). Por outro lado, há casos em que \*r do Proto-Tupi-Guarani passa à fricativa uvular /ʁ/ em Avá-Canoeiro em contigüidade a vogais anteriores (cf. (172), após /i/).

Por conseguinte, a mudança de \*r do Proto-Tupi-Guarani para /ʁ/ em Avá-Canoeiro pode ser considerada uma *mudança esporádica* (apesar de ser motivada pelas vogais não-antérieures) e não regular, já que ocorreu muitas vezes, embora não tenha afetado todos os \*r da língua em proximidade a essas vogais. Conforme Campbell (2001: 17),

*sporadic changes affect only one or a few words, and do not apply generally throughout the language; that is, a change is considered sporadic if we cannot predict which words in a language it will affect.*<sup>93</sup>

Das línguas do Subgrupo IV somente o Avá-Canoeiro possui essa fricativa uvular vozeada /ʁ/, que pode ser considerada sua marca distintiva dentro do Subgrupo, conforme a Tabela 3.

<sup>93</sup> Tradução livre: “As mudanças esporádicas afetam apenas uma ou algumas palavras de uma língua e não se aplicam de modo geral. Uma mudança é considerada esporádica se não pudermos prever quais palavras ela afetará”.



Tabela 3: Presença ou ausência de /ɸ/ no Subgrupo IV

Presença do /ɸ/	Ausência do /ɸ/
Avá-Canoeiro	Tapirapé, Asurini do Tocantins, Surui do Tocantins, Parakanã, Tembé, Guajajara

### 3.1.5 As nasais

O Avá-Canoeiro possui três consoantes nasais, sendo uma bilabial /m/, uma alveolar /n/ e uma velar /ŋ/<sup>94</sup>, conforme demonstram os seguintes exemplos, em que ocorrem em contraste em ambientes idênticos:

- (85) /m/ e /n/  
 (85a) /o-mano/ [o ' mɐ̃:nʊ] ‘ele morreu’  
           3sg-morrer  
        /o-nano/ [o ' nɐ̃:nʊ] ‘ele ouviu’  
           3sg-ouvir  
 (85b) /-eme/ [ɛ̃ ' me:] ‘lábio’  
        /ene/ [ɛ̃ ' ne:] ‘você’
- (86) /n/ e /ŋ/  
 (86a) /-men/ [ ' mɛ̃:n] ‘marido’  
        /meŋ/ [ ' mɛ̃:ŋ] ‘dar’  
 (86b) /tukan/ [ ' t<sup>h</sup>ukɐ̃n] ‘tucano’  
        /tukaŋ/ [ ' t<sup>h</sup>ukɐ̃ŋ] ‘formiga’
- (87) /m/ e /ŋ/  
        /ni=∅-kam/ [nɪ ' k<sup>h</sup>ɐ̃:m] ‘teu seio’  
           2poss=rel-seio  
        /ni=∅-kaŋ/ [nɪ ' k<sup>h</sup>ɐ̃:ŋ] ‘teu osso’  
           2poss=rel-osso

Os contrastes entre as consoantes nasais e as oclusivas com mesmo ponto de articulação são demonstrados abaixo:

<sup>94</sup> De acordo com Paiva (1996: 35), a nasal velar [ŋ] não é fonema: “em princípio, [ŋ] pode ser considerado um alofone de /g/, ocorrendo exclusivamente em ambientes nasais em posição medial e nos finais de sílaba”. A distinção nas abordagens talvez se deva ao fato de o referido autor não ter encontrado pares mínimos entre /m/, /n/ e /ŋ/.

- (88) /m/ e /p/  
 /tʃi=r-emireko/ [ , tʃɪrɛ 'mi: rɛqo] 'minha esposa'  
 |<sub>poss=rel-esposa</sub>  
 /i-pirik/ [ɪ 'p<sup>h</sup>i: rɪkə] 'pele dele'  
 |<sub>3-pele, casca</sub>

Em (88) /m/ e /p/ ocorrem em ambientes análogos, em início de sílaba medial tônica precedendo a vogal anterior alta /i/ e seguindo vogais anteriores.

- (89) /m̥/ e /p̥/  
 /m̥tũ/ [m̥<sup>h</sup> 't<sup>h</sup>ũ:] 'mutum'  
 /p̥tun/ [p̥<sup>h</sup> 't<sup>h</sup>ũ:n] 'noite'

No exemplo (89) /m/ e /p/ ocorrem em início de palavra, antecedendo a vogal central alta /ɨ/, em posição átona.

- (90) /n/ e /t/  
 /ene/ [ẽ 'ne:] 'você'  
 /ete/ [e 't<sup>h</sup>e:] 'ser gostoso'

Em (90) /n/ e /t/ ocorrem em ambientes idênticos.

- (91) /ŋ/ e /k/  
 /waŋ/ [ 'wã:ŋ]<sup>95</sup> 'vermelho'  
 /ɨwak/ [ɨ 'βa:k<sup>ʔ</sup>] 'céu'

Em (91) /ŋ/ e /k/ ocorrem em ambientes análogos, em final de palavra, seguindo a vogal central /a/, numa sílaba tônica.

- (92) /uŋua/ [ũ 'ŋu:ə] 'pilão'  
 /na=i-puku-uɣu=tõ/ [ , najpʊ 'k<sup>h</sup>u:wɣutõ] 'não é muito comprido não'  
 |<sub>neg-3-grande, comprido-aum=part.</sub>

No exemplo (92), /ŋ/ e /k/ ocorrem em ambientes semelhantes: ambos estão em início de sílaba medial tônica, em contigüidade à vogal posterior alta /u/.

<sup>95</sup> As aproximantes /w/, /r/ e /j/ do Avá-Canoeiro tornam-se opcionalmente nasalizadas ([w̃], [r̃] e [j̃]), respectivamente), quando precedem vogais nasalizadas, processo discutido na seção (3.3.1.8).

A nasal velar /ŋ/ possui apenas uma realização fonética: [ŋ], ilustrada anteriormente. Por outro lado, as nasais bilabial /m/ e alveolar /n/ possuem, além dos alofones nasais simples ([m] e [n]), exemplificados acima, os pós-oralizados vozeados ([<sup>m</sup>b] e [<sup>n</sup>d]) e os oclusivos vozeados ([b] e [d]), discutidos em (3.3).

As consoantes nasais /m/, /n/ e /ŋ/ do Avá-Canoeiro tiveram sua origem, respectivamente, nas nasais \*m, \*n e \*ŋ do Proto-Tupi-Guarani. /m/ também originou-se de \*β, após a vogal /a/ em final de palavra, como se segue:

(93)	<b>m</b> (*m > m/ # __)	152. *momor	>	momor	‘jogar, lançar’
(94)	<b>m</b> (*m > m/ __ #)	136. *petim	>	petim	‘fumo’
(95)	<b>m</b> (*m > m/ \$ __)	127. *memir	>	memir	‘filho (ego feminino)’ <sup>96</sup>
(96)	<b>m</b> (*β > m/ a __ #)	4. *taβ	>	etam	‘aldeia’
(97)	<b>n</b> (*n > n/ # __)	197. *nami	>	-nami	‘orelha’
(98)	<b>n</b> (*n > n/ __ #)	64. *aman	>	amana	‘chuva’
(99)	<b>n</b> (*n > n/ \$ __)	66. *enir	>	enir	‘claro, brilhante’
(100)	<b>ŋ</b> (*ŋ > ŋ/ __ #)	274. *tiniŋ	>	tiniŋ	‘secar’
(101)	<b>ŋ</b> (*ŋ > ŋ/ \$ __)	232. *uŋuʔa	>	uŋua	‘pilão’

### 3.1.6 As aproximantes

A língua Avá-Canoeiro possui três aproximantes: uma bilabial /w/; uma alveolar /r/ e uma álveo-palatal /j/<sup>97</sup>, cujos contrastes são demonstrados a seguir.

(102)	/w/ e /r/				
(102a)	/tʃi=Ø-kir/	[tʃɪ 'k <sup>h</sup> ir:w]		‘meu piolho’	
	1poss=rel-piolho				
	/i-pirikir/	[i,ɪpɪ 'k <sup>h</sup> ir:r]	~	[i,ɪpɪ 'k <sup>h</sup> ir:rə]	‘irmã mais nova dela’
	3-irmã (ego feminino)				

<sup>96</sup> Essa distinção entre ‘filho de ego feminino’ (-**memir**) e ‘filho de ego masculino’ (-**anir**) parece estar sendo perdida no Avá-Canoeiro, podendo as duas palavras ser utilizadas em ambas as situações, o que corrobora a posição de Crystal (2000), de acordo com a qual o campo semântico mais afetado no caso de atrito lingüístico é o parentesco. Essas palavras estão sendo usadas na língua intercambiavelmente, não dependendo dessa distinção sexual, por causa da situação sociolingüística dos Avá-Canoeiro, cujas relações de parentesco tornaram-se restritas pelos vários processos de dizimação que sofreram.

<sup>97</sup> Paiva (1996: 36) não fala em ‘aproximante’ para o Avá-Canoeiro. Segundo ele, há na língua dois semivocóides, /y/ e /w/. [r] é considerado como um alofone do fonema /ʀ/, do mesmo modo que [l].

(102b)	/i-waŋ/ 3-ser vermelho	[ɪ 'w̃ɛ:ŋ]	‘ele é vermelho’
	/pɪraŋ/ 3sg-queimar-se	[p <sup>h</sup> ɪ 'r̃ɛ:ŋ]	‘vermelho’

Esses dois fonemas aproximantes encontram-se em ambientes análogos. Em (102a), /w/ e /ɾ/ estão em final de palavra, em sílaba tônica, seguindo a vogal central alta /ɨ/. Em (102b), por sua vez, encontram-se em início de sílaba final tônica, antecedendo a vogal central baixa /a/ e seguindo a anterior alta /i/.

(103)	/w/ e /j/		
(103a)	/a-wen/ 1sg-vomitar	[a 'we:n]	‘eu vomitei’
	/a-jeŋ/ 1sg-falar	[a 'jẽ:ŋ]	‘eu falei’
(103b)	/i-kaw/ 3-gordura, banha	[ɪ 'k <sup>h</sup> a:w]	‘gordura, banha dele’
	/o-kaj/ 3sg-queimar-se	[o 'k <sup>h</sup> a:j]	‘ele se queimou’

/w/ e /j/ ocorrem em ambientes análogos. Em (103a), encontram-se em início de sílaba final tônica, antecedendo a vogal anterior /e/ e seguindo a central /a/. Em (103b), estão em final de palavra, após a vogal /a/.

(104)	/ɾ/ e /j/		
(104a)	/o-momoɾ/ 3sg-arremessar	[, omõ 'mo:ɾ]	‘ele arremessou’
	/o-jopoj/ 3sg-alimentar	[, oʒo 'p <sup>h</sup> o:j]	‘ele alimentou’
(104b)	/o-ejaɾ/ 3sg-deixar, abandonar	[oe 'ja:ɾ]	‘ele deixou, abandonou’
	/a-kaj/ 1sg-queimar-se	[a 'k <sup>h</sup> a:j]	‘eu me queimei’
(104c)	/o-jiwiɾok/ 3sg-rasgar	[o ,ʒɪwɪ 'ɾo:k <sup>ɾ</sup> ] ~ [o ,ʒɪwɪ 'ɾo:kə]	‘ele rasgou’
	/o-jok/ 3sg-cavar	[o 'jɔ:k <sup>ɾ</sup> ] ~ [o 'ʒo:kə]	‘ele cavou’

Os fonemas alveolar /ɾ/ e álveo-palatal /j/ estão em ambientes análogos nos exemplos apresentados em (104). Em (104a) e (104b), /ɾ/ e /j/ encontram-se em final de palavra, em sílaba

tônica, seguindo a vogal posterior /o/ em (104a) e a central /a/ em (104b). Já em (104c), /r/ e /j/ aparecem em início de sílaba final tônica, antecedendo a vogal posterior /o/.

(105)	<b>/w/ e /m/</b> <sup>98</sup>		
(105a)	/i-kaw/ 3-gordura, banha	[ɪ 'k <sup>h</sup> a:w]	‘gordura, banha dele’
	/i-kam/ 3-seio	[ɪ 'k <sup>h</sup> ə̃:m]	‘seio dela’
(105b)	/wen/ -men/	[ 'wē:n] [ 'mē:n]	‘vomitar’ ‘marido’
		~ [ 'mē:nə]	
(106)	<b>/r/ e /n/</b>		
	/pɪra/	[ 'p <sup>h</sup> i:rə]	‘peixe’
	/pina/	[ 'p <sup>h</sup> i:nə]	‘anzol’

Os contrastes entre /w/ e /m/ e entre /r/ e /n/ podem ser verificados através dos pares mínimos em (105a, b) e (106), que mostram esses fones em ambientes idênticos, causando mudança de significado das palavras. Em ‘seio dela’, em (105a), a vogal /a/ aparece nasalizada por influência da consoante nasal bilabial /m/ que a segue. O mesmo ocorre em ‘anzol’ (cf. (106) em que a vogal alta /i/ fica nasalizada por ação da nasal alveolar /n/, demonstrando, assim, um processo de nasalização (cf. a seção (3.3.2.1)).

(107)	<b>/w/ e /p/</b>		
	/waŋ/	[ 'wē:ŋ]	‘vermelho’
	/pam/	[ 'p <sup>h</sup> ē:m]	‘acabar, terminar’

Em (107) /w/ e /p/ ocorrem em início de palavra, antecedendo a vogal central /a/.

(108)	<b>/-uwɨ/</b>	[ʊ 'wɨ:]	‘sangue’
	/tɨpɨw/	[t <sup>h</sup> ɨ 'p <sup>h</sup> ɨ:w]	‘rio seco’

No exemplo (108) /w/ e /p/ aparecem em início de sílaba final tônica antes da vogal central alta /ɨ/ e seguindo vogais altas.

<sup>98</sup> De acordo com Ladefoged & Maddieson (1996), as consoantes nasais são articulatoriamente similares às oclusivas devido à oclusão oral, mas em outros aspectos são bastante similares às aproximantes. Por essa razão, os contrastes entre aproximantes e nasais são explicitados aqui.

(109)	/r/ e /t/		
	/pirat̃/	[p <sup>h</sup> ɪ ' r̃õ:ŋ]	‘vermelho’ <sup>99</sup>
	/p̃it̃at̃/	[p <sup>h</sup> ĩ ' t <sup>h</sup> õ:ŋ]	‘vermelho’

Em (109) /r/ e /t/ ocorrem em início de sílaba tônica, antecedendo a vogal /a/ e seguindo vogais altas.

(110)	/kurum/	[qʊ ' rũ:m]	‘menino’
	/p̃it̃un/	[p <sup>h</sup> ĩ ' t <sup>h</sup> ũ:n]	‘noite’

Em (110) /r/ e /t/ ocorrem em início de sílaba final tônica, precedendo a vogal posterior alta /u/ e seguindo vogais altas.

Tanto a aproximante alveolar /r/ quanto a bilabial /w/ possui alofones em variação livre. São três os alofones de /r/: [r], a nasalizada [r̃] e a lateral [l]<sup>100</sup>. /w/, por sua vez, tem quatro alofones: [w], a fricativa bilabial [β], a oclusiva labializada uvular vozeada [G<sup>w</sup>] e a nasalizada [w̃]. A aproximante álveo-palatal /j/ possui oito alofones: [j], as fricativas desvozeada [ʃ] e sua vozeada homorgânica [ʒ], as africadas desvozeada [tʃ] e vozeada [dʒ] e a lateral [ʎ]. Há ainda os alofones nasais [ɲ] e [j̃]<sup>101</sup>. Essas realizações serão discutidas na seção referente aos processos fonológicos, em (3.3).

As aproximantes alveolar /r/ e álveo-palatal /j/ do Avá-Canoeiro tiveram sua origem, respectivamente, nos proto-fonemas \*r e \*j, como se segue:

(111)	r (*r > r/ # _)	143. *ruru	>	ruɽu	‘inchar’
(112)	r (*r > r/ \$ _)	115. *emireko	>	-emireko	‘esposa’
(113)	r (*r > r/ _ #)	91. *ejar	>	ejar	‘deixar, abandonar’
(114)	j (*j > j/ # _)	163. *jĩ	>	jĩkĩwar	‘machado’
(115)	j (*j > j/ \$ _)	242. *tajatsu	>	tajau	‘porco do mato’
(116)	j (*j > j/ _ #)	230. *potsĩj	>	poĩj	‘pesado’

<sup>99</sup> No Capítulo 5, discuto a existência de várias palavras para se designar a cor ‘vermelho’ na língua Avá-Canoeiro.

<sup>100</sup> Há aqui divergências entre minha análise e a de Paiva (1996). De acordo com este autor, o fonema é /ʎ/ e seus alofones são [l], [r] e [ʎ]. Em minha análise, ao contrário, considero /r/ como o fonema e [l] e [ʎ] seus alofones. A ocorrência de [ʎ] na língua é bastante restrita e limita-se à variação livre com /j/ (cf. a seção (3.3.1.9)).

<sup>101</sup> Na língua Tapirapé, do mesmo modo que no Avá-Canoeiro, o fonema /j/ também possui como alofones [j], [tʃ], [ɲ] e [j̃], descritos por Leite (1995).

A aproximante bilabial /w/ do Avá-Canoeiro originou-se a partir da fricativa bilabial \*β do Proto-Tupi-Guarani. Este proto-fonema ou sofreu apagamento em início de sílaba medial ou fundiu-se com a aproximante bilabial /w/<sup>102</sup>, em início de sílabas inicial e medial ou no final de palavra fonológica, ou ainda com as bilabiais oclusiva /p/ (cf. (3.1.1)) e nasal /m/ em final de palavra fonológica, como ilustrado abaixo:

(117)	∅ (*β > ∅/ a\$ __ o)	149. *jaβoti	>	jaoti	‘jaboti’
(118)	∅ (*β > ∅/ e\$ __ o)	311. *tseβoʔi	>	eoi	‘verme’
(119)	∅ (*β > ∅/ i\$ __ i)	307. *iβi tu	>	i tu	‘vento’
(120)	∅ (*β > ∅/ u\$ __ i)	141. *tuβitsaβ	>	tuiaw	‘grande’
(121)	w (*β > w/ # __)	317. *βeβe	>	wewe	‘voar’
(121a)	(w (*β > w/ # __)	32. *βeβi j	>	wewi j	‘boiar’
(122)	w (*β > w/ i\$ __ a)	34. *jiβa	>	-ji wa	‘braço’
(122a)	w (*β > w/ i\$ __ a)	193. *iβatiŋ	>	i watiŋ	‘nuvem’
(123)	w (*β > w/ i\$ __ i)	289. *iβi	>	i wi	‘terra’
(124)	w (*β > w/ o\$ __ a)	122. *oβa	>	-owa	‘face’
(125)	w (*β > w/ a\$ __ a)	174. *aβati	>	awati	‘milho’
(126)	w (*β > w/ e\$ __ i)	32. *βeβi j	>	wewi j	‘boiar’
(127)	w (*β > w/ o\$ __ o)	254. *moβok	>	mowok	‘rachar’
(128)	w (*β > w/ u\$ __ i)	285. *tuβuβi	>	uruwi	‘surubim’
(129)	w (*β > w/ u\$ __ u)	305. *uruβu	>	uruwu	‘urubu’
(130)	w (*β > w/ o\$ __ i)	309. *oβi, tsoβi	>	owi	‘verde, azul’
(131)	w (*β > w/ e\$ __ e)	317. *βeβe	>	wewe	‘voar’
(132)	w (*β > w/ a __ #)	25. *kaβ	>	-kaw	‘banha’
(133)	w (*β > w/ i __ #)	235. *kiβ	>	-ki w	‘piolho’
(134)	w (*β > w/ o __ #)	132. *oβ	>	ow	‘folha’
(135)	w (*β > w/ u __ #)	6. *juβ	>	juwaj	‘amarelo’
(136)	p (*β > p/ e __ #)	57. *peβ	>	pep	‘chato, plano’
(137)	m (*β > m/ a __ #)	90. *ʔaβ	>	am	‘deitar’
(137a)	m (*β > m/ a __ #)	293. *paβ	>	pam	‘todos’

<sup>102</sup> Paiva (1996: 52) também menciona essa fusão, fornecendo inclusive alguns exemplos.

O fonema \*β fundiu-se com \*w em início de sílaba medial em Kamaiurá; em início de sílaba final em Sateré-Mawé e Waiampi (do Jari); e com \*p em final de palavra fonológica em Kamaiurá e Sateré-Mawé, como se segue.

- (138) \*β > w/ \$ \_\_\_
- |                     |         |   |        |         |                                   |
|---------------------|---------|---|--------|---------|-----------------------------------|
| - Kamaiurá          | *iβikoj | > | iwikoj | ‘cavar’ | (Seki, 2000a: 574)                |
| - Sateré-Mawé       | *uruβu  | > | uruwu  | ‘urubu’ | (Rodrigues & Dietrich, 1997: 275) |
| - Waiampi (do Jari) | *iβak   | > | iwa    | ‘céu’   | (Jensen, 1989: 21)                |
- (139) \*β > p/ \_\_\_#
- |               |      |   |     |                |                                   |
|---------------|------|---|-----|----------------|-----------------------------------|
| - Kamaiurá    | *oβ  | > | op  | ‘folha’        | (Seki, 2000a: 575)                |
| - Sateré-Mawé | *peβ | > | pep | ‘chato, plano’ | (Rodrigues & Dietrich, 1997: 273) |

A fusão entre \*β e \*w foi completa em Guajajara e em Araweté (Jensen, 1999; Vieira & Leite, 1998). Segundo Figueiredo (2004), em todas as línguas do Subgrupo IV \*β tornou-se /w/, embora haja variação fonética sincrônica entre [w] e [β], exceto em posição final, onde ocorre [m] em Parakanã e Asurini do Tocantins, e [w] em Tembé e Suruí do Tocantins. Em Avá-Canoeiro ocorrem /w/ e /m/ provenientes de \*β em final de palavra fonológica.

Em decorrência do apagamento ou fusão de \*β e \*w, da fusão das oclusivas labializadas \*p<sup>w</sup> e \*k<sup>w</sup>, da fusão das oclusivas velares \*k<sup>j</sup> e \*k e da perda da oclusiva glotal \*ʔ, houve uma redução no sistema consonantal do Proto-Tupi-Guarani. Esses apagamentos e fusões de consoante deram origem no Avá-Canoeiro a várias palavras homófonas, como exemplificado abaixo:

- |        |      |        |   |      |                      |
|--------|------|--------|---|------|----------------------|
| (140)  | 3.   | *ʔi    | > | i    | ‘água’               |
| (140a) | 164. | *tʃi   | > | -i   | ‘mãe’                |
| (141)  | 48.  | *oʔo   | > | -o   | ‘carne’              |
| (141a) | 145. | *tso   | > | o    | ‘ir’                 |
| (142)  | 97.  | *ʔe    | > | e    | ‘dizer’              |
| (142a) | 98.  | *tseʔẽ | > | e    | ‘ser doce, salgado’  |
| (143)  | 170. | *kaʔa  | > | ka   | ‘mato, mata’         |
| (143a) | 248. | *ka    | > | ka   | ‘quebrar’            |
| (144)  | 213. | *atʃaβ | > | awa  | ‘passar, atravessar’ |
| (144a) | 237. | *tσαβ  | > | -awa | ‘plumagem’           |



As outras consoantes do Proto-Tupi-Guarani mantiveram-se inalteradas ou sofreram ligeiras alterações na pronúncia em Avá-Canoeiro. Por outro lado, houve o surgimento da fricativa uvular vozeada /ʁ/, explicitado em (3.1.4.1). Essa redução do sistema fonológico do Proto-Tupi-Guarani ocorreu também nas línguas Tapirapé, Suruí do Tocantins e Parakanã, que não possuem consoantes palatalizadas e labializadas, exceto a oclusiva velar /k<sup>w</sup>/ (cf. Leite (1995), Barbosa (1993), Gomes (1991) e Silva (1999), respectivamente).

### 3.2 Os fonemas vocálicos

O Avá-Canoeiro possui seis vogais orais e seis nasais: quatro anteriores (as altas /i/ e /ĩ/ e as médias /e/ e /ẽ/), quatro centrais (as altas /ɨ/ e /ɛ̃/ e as baixas /a/ e /ã/) e quatro posteriores (as altas /u/ e /ũ/ e as médias /o/ e /õ/), sendo essas últimas as únicas vogais arredondadas da língua, conforme a Tabela 4.

Tabela 4: Vogais do Avá-Canoeiro

	Anteriores	Centrais	Posteriores
<b>Altas</b>	i ĩ	ɨ ɛ̃	u ũ
<b>Médias</b>	e ẽ		o õ
<b>Baixas</b>		a ã	

Esses fonemas possuem os seguintes alofones, abordados posteriormente:

- (1) /i/: [i], [ɪ], [j]
- (2) /e/: [e], [ɛ], [ɪ]
- (3) /ɨ/: [ɨ], [ə]
- (4) /a/: [a], [ə]
- (5) /u/: [u], [ʊ], [w]
- (6) /o/: [o], [ɔ], [ʊ]
- (7) /ĩ/: [ĩ]
- (8) /ẽ/: [ẽ]
- (9) /ɛ̃/: [ɛ̃]
- (10) /ã/: [ã]
- (11) /ũ/: [ũ]
- (12) /õ/: [õ]

Esse sistema fonológico difere daquele encontrado por Leite (1977; 1995) para o Tapirapé no que diz respeito às vogais posteriores<sup>103</sup>. Nessa língua não há /u/ e /ũ/, apenas /o/ e /õ/. O Suruí do Tocantins, por outro lado, não possui vogais intrinsecamente nasais (cf. Barbosa (1993)). Já o Parakanã e o Asurini do Tocantins não possuem a vogal posterior alta /u/, nem vogais nasais (cf. Gomes (1991) e Harrison (1971), respectivamente). As demais línguas do Subgrupo IV possuem sistemas vocálicos mais distintos. O Tembé, segundo Eiró (2001, 2001a, 2002), tem as seguintes vogais: /i, ε, ĩ, ə, a, u, o/. O Guajajára tem sete vogais, quais sejam: /i, e, ĩ, ə, a, u, o/ (cf. Bendor-Samuel, 1972).

Assim, o Avá-Canoeiro manteve as doze vogais do Proto-Tupi-Guarani, diferentemente do Tapirapé, em que ocorreu a neutralização do contraste entre \*u e \*o, que se fundiram em /o/, e \*ũ e \*õ, em \*õ<sup>104</sup>. Assim, enquanto no Avá-Canoeiro há quatro vogais posteriores (/u, o, ũ, õ/), no Tapirapé há apenas duas: /o, õ/ (cf. Facó Soares & Leite, 1991; Leite, 1995)<sup>105</sup>.

### 3.2.1 Vogais Orais

#### 3.2.1.1 Vogais anteriores, centrais e posteriores

Em meu corpus do Avá-Canoeiro foram encontrados vários pares mínimos que distinguem as vogais. Em (145a, b), (146a, b, c) e (147a, b e c), apresento os contrastes em ambientes idênticos entre as vogais /i/ e /e/, /ĩ/ e /a/ e /u/ e /o/<sup>106</sup>, cujas realizações fonéticas serão explicitadas na seção destinada aos processos fonológicos da língua, em (3.3).

<sup>103</sup> O sistema fonológico vocálico do Avá-Canoeiro é idêntico ao do Proto-Tupi-Guarani (cf. Lemle (1971); Rodrigues & Dietrich (1997); Seki (2000a); Borges (2004c)).

<sup>104</sup> Outra distinção entre o sistema vocálico do Avá-Canoeiro e do Tapirapé diz respeito à vogal \*o, que se manteve como /o/ em Avá-Canoeiro, mas passou a /a/ em Tapirapé, perdendo o traço [labial], em todos os ambientes (Facó Soares & Leite (1991: 39); Jensen (1999: 145)), como demonstram os exemplos a seguir:

Proto-Tupi-Guarani	Avá-Canoeiro	Tapirapé (dados de Walkíria Neiva Praça, em comunicação pessoal)
51. *mo- 'causativo'	mo-	ma-
67. *moj 'cobra'	moj	maj
154. *tso 'ir'	o	a
266. *ko 'roça'	ko	ka

<sup>105</sup> No Guajajára também ocorreu a fusão entre \*u e \*o, exceto em sílaba final ou em penúltima sílaba precedendo /o/. No Asurini, \*u e \*o fundiram-se em /o/, e \*ũ e \*õ, em /õ/ (cf. Facó Soares & Leite, 1991). No Avá-Canoeiro há pares mínimos entre /o/ e /u/, como /-o/ 'carne' (48. \*oʔo) e /u/ 'comer' (71. \*ʔu).

<sup>106</sup> Na matriz fonológica de Paiva (1996: 44) essas 6 vogais são também postuladas como fonemas vocálicos do Avá-Canoeiro, embora na seção destinada à análise dos pares de sons foneticamente semelhantes não apareça a central alta /ĩ/.

(145)	<i>/i/ e /e/</i>		
(145a)	<i>/ita/</i>	[ <sup>1</sup> i:tə]	‘pedra’
	<i>/eta/</i>	[ <sup>1</sup> e:tə]	‘muitos’
(145b)	<i>/-kupe/</i>	[ <sup>1</sup> qu:pe]	‘costas, parte de trás’
	<i>/kupi/</i>	[ <sup>1</sup> qu:pɪ]	‘cupim’

Os fonemas */i/ e /e/* possuem três alofones cada. São alofones de */i/*: [i], [ɪ] e [j]<sup>107</sup>; e de */e/*: [e], [ɛ] e [ɪ].

(146)	<i>/ɨ/ e /a/</i>		
(146a)	<i>/tʃi=Ø-kɨw/</i> 1poss=rel-piolho	[tʃɪ <sup>1</sup> k <sup>h</sup> ɨ:w]	‘meu piolho’
	<i>/tʃi=Ø-kaw/</i> 1poss=rel-gordura, banha	[tʃɪ <sup>1</sup> k <sup>h</sup> a:w]	‘minha gordura, banha’
(146b)	<i>/ɨ/</i>	[ <sup>1</sup> ɨ:]	‘água’
	<i>/a-a/<sup>108</sup></i> 1sg-ir	[ <sup>1</sup> a:]	‘eu fui’
(146c)	<i>/owɨ/</i>	[ <sup>1</sup> o:wɨ]	‘verde, azul’
	<i>/-owa/</i>	[ <sup>1</sup> o:wə]	‘face’

A vogal central alta */ɨ/* possui como alofones [ɨ] e [ə]. A central baixa */a/*, por sua vez, também possui dois alofones: [a] e [ə].

(147)	<i>/u/ e /o/</i>		
(147a)	<i>/o-puka/</i> 3sg-riir	[o <sup>1</sup> p <sup>h</sup> u:kə]	‘ele riu’
	<i>/o-poka/</i> 3sg-torcer	[o <sup>1</sup> p <sup>h</sup> o:kə]	‘ele torceu’
(147b)	<i>/-uwɨ/</i>	[ <sup>1</sup> u:wɨ]	‘sangue’
	<i>/owɨ/</i>	[ <sup>1</sup> o:wɨ]	‘ser verde, azul’
(147c)	<i>/joɸ/</i>	[ <sup>1</sup> ʒo:ɸə]	‘boca’
	<i>/juɸ/</i>	[ <sup>1</sup> ʒu:ɸə]	‘vir’

<sup>107</sup> Note-se aqui o fenômeno do ‘debordamento fonêmico’ (Hyman (1975)), já que o fone [j] ocorre no Avá-Canoeiro como realização fonética tanto da vogal alta */i/* quanto da consoante fricada */tʃ/* e da aproximante */j/*. O mesmo acontece com [ɪ], alofone de */i/ e /e/*; com [ə], alofone de */ɨ/ e /a/*, e com [ʊ], alofone das duas vogais posteriores */u/ e /o/*.

<sup>108</sup> O verbo ‘ir’ em Asurini do Tocantins é *-há* (Cabral & Rodrigues (2003: 84)) e em Avá-Canoeiro é *a*. Em ‘eu fui’, o que ocorreu foi a fusão das duas vogais */a/*, já que não há a fricativa glotal */h/* no sistema consonantal da língua. Na seção (3.4.3) discuto o processo de fusão de vogais idênticas no Avá-Canoeiro.

A vogal /u/ possui como alofones: [u], [ʊ] e [w]. /o/ também tem três alofones, quais sejam: [o], [ɔ] e [ʊ]. Essa distinção fonêmica entre /u/ e /o/ estabelecida no Avá-Canoeiro foi perdida nas línguas Parakanã, Asurini do Tocantins e Tapirapé, do Subgrupo IV<sup>109</sup>. Já no Guajajara, o /o/ do Proto-Tupi-Guarani tornou-se /u/, exceto em sílabas finais ou na penúltima sílaba, antes de /o/ (cf. Facó Soares (1979); Facó Soares & Leite (1991)).

### 3.2.1.2 Vogais altas

Nos pares mínimos a seguir, nota-se o contraste entre as vogais altas do Avá-Canoeiro: entre a anterior /i/ e a central /ɨ/, entre esta e a posterior /u/, e entre /i/ e /u/.

(148)	/i/ e /ɨ/		
(148a)	/i-po/ 3-mão	[ ' i:po]	‘mão dele’
	/ɨpo/	[ ' ɨ:po]	‘cipó’
(148b)	/ike/	[ ' i:ke]	‘entrar’
	/-ɨke/	[ ' ɨ:ke]	‘lado do corpo’
(148c)	/o-japɨti/ 3sg-amarrar	[ , oʒa ' p <sup>h</sup> ɨ:tʃɪ]	‘ele amarrou’
	/o-japiti/ 3sg-massacrar	[ , oʒa ' p <sup>h</sup> i:tʃɪ]	‘ele massacrrou’
(149)	/ɨ/ e /u/		
(149a)	/ɨwɨ/ -uwɨ/	[ ' ɨ:wɨ] [ ' u:wɨ]	‘terra’ ‘sangue’
(149b)	/-aɨ/ /a-u/ 1sg-comer	[a ' ɨ:] [a ' u:]	‘dor’ ‘eu como’
(150)	/i/ e /u/		
(150a)	/o-jika/ 3sg-quebrar	[o ' ʒi:kə]	‘ele quebrou’
	/o-juka/ 3sg-matar	[o ' ʒu:kə]	‘ele matou’
(150b)	/tiŋ/ /tuŋ/	[ ' tʃi:ŋ] <sup>110</sup> [ ' t <sup>h</sup> u:ŋ]	‘branco’ ‘pulga, bicho de pé’

<sup>109</sup> Segundo Eiró (2001), no Tembé o contraste entre as vogais posteriores se dá entre /u/ e /ɔ/.

<sup>110</sup> O processo de palatalização de /t/ será discutido na seção (3.3.1.3).

As vogais altas \*i, \*ĩ e \*u do Proto-Tupi-Guarani mantiveram-se idênticas em Avá-Canoeiro, em todas as posições silábicas, como se segue:

**\*i**

(151)	<b>i</b> (*i > i/ # __)	120. *itʃe	>	itʃe	‘eu’
(152)	<b>i</b> (*i > i/ __ #)	149. *jaβoti	>	jaoti	‘jaboti’
(153)	<b>i</b> (*i > i/ C __)	222. *potiʔa	>	-potia	‘peito’

**\*ĩ**

(154)	<b>ĩ</b> (*ĩ > ĩ/ # __)	30. *ĩʔu	>	ĩu	‘beber’
(155)	<b>ĩ</b> (*ĩ > ĩ/ __ #)	270. *enĩ	>	-enĩ	‘saliva’
(156)	<b>ĩ</b> (*ĩ > ĩ/ C __)	183. *mĩtũ	>	mĩtũ	‘mutum’

**\*u**

(157)	<b>u</b> (*u > u/ # __)	204. *upiʔa	>	-upia	‘ovo’
(158)	<b>u</b> (*u > u/ __ #)	209. *ajuɾu	>	ajuɾu	‘papagaio’
(159)	<b>u</b> (*u > u/ C __)	143. *ɾuɾu	>	ɾuɾu	‘inchar’
(160)	<b>u</b> (*u > u/ __ C)	245. *tuŋ	>	tuŋ	‘pulga, bicho de pé’

### 3.2.1.3 Vogais médias e baixas

Os exemplos (161a, b), (162a, b) e (163a, b) comprovam o contraste entre as vogais médias e baixas do Avá-Canoeiro: entre a anterior /e/ e a central /a/, entre esta e a posterior /o/ e entre /e/ e /o/.

(161)	<b>/e/ e /a/</b>	
(161a)	/o-em/ 3sg-sair	[o' ē:mə]      ‘ele saiu’
	/o-am/ 3sg-deitar	[o' ə:mə]      ‘ele deitou’
(161b)	/a-jeŋ/ 1sg-falar	[ə' nē:ŋə]      ‘eu falo’
	/a-jaŋ/ 1sg-correr	[ə' nə:ŋə]      ‘eu corro’

(162)	/a/ e /o/		
(162a)	/ko/	[ 'k <sup>h</sup> o:]	‘roça’
	/ka/	[ 'k <sup>h</sup> a:]	‘mato, mata’
(162b)	/-o/	[ 'o:]	‘carne’
	/a-a/	[ 'a:]	‘eu fui’
	1sg-ir		
(163)	/e/ e /o/		
(163a)	/-men/	[ 'mē:n]	‘marido’
	/mon/	[ 'mō:n]	‘dar’
(163b)	/-ape/	[ 'a:pe]	‘caminho’
	/a-po/	[ 'a:po]	‘eu depeno’
	1sg-depenar		

As vogais médias do Proto-Tupi-Guarani mantiveram-se iguais ou passaram por alguma transformação no Avá-Canoeiro. \*e permaneceu /e/, à exceção de um único caso (cf. o exemplo (161)), em que passou por um processo de posteriorização, tornando-se /o/, seguido de consoante. O \*o manteve-se como /o/, mas em (165) tornou-se /u/, em sílaba medial, evidenciando um processo de levantamento vocálico. É o que os exemplos abaixo confirmam.

## \*e

(164)	e (*e > e/ #__)	59. *etun	>	etun	‘cheirar’
(165)	e (*e > e/ __#)	1. *aemee, ajme	>	ajme	‘afiado’
(166)	e (*e > e/ C__)	252. *tsej	>	ej	‘querer’
(167)	e (*e > e/ __C)	238. *nem, rem	>	nem	‘podre’
(168)	o (*e > o/ __C)	157. *ej	>	joj	‘lavar’

## \*o

(169)	o (*o > o/ #__)	49. *ok	>	-oka	‘casa’
(170)	o (*o > o/ __#)	65. *itʃ ðpo	>	ðpo	‘cipó’
(171)	o (*o > o/ C__)	128. *poʔi	>	poi	‘fino’
(172)	u (*o > u/ C__)	83. *akoti	>	akuti	‘cotia’

A vogal central baixa \*a do Proto-Tupi-Guarani manteve-se em Avá-Canoeiro, exceto em **jo<sup>k</sup>ʷ ðɓ** ‘amarrar’, em que se tornou /ðɓ/, antecedendo consoante, como nos exemplos abaixo.

(173)	<b>a</b> (*a > a/ # __)	138. *akã	>	akã	‘galho’
(174)	<b>a</b> (*a > a/ __ #)	125. *pĩʔa	>	-pĩa	‘fígado’
(175)	<b>a</b> (*a > a/ C __)	304. *karuk	>	kaʒuk	‘urinar’
(176)	<b>a</b> (*a > a/ __ C)	253. *uwaj	>	-uwaj	‘rabo’
(177)	<b>ĩ</b> (*a > ĩ/ __ C)	8. *p <sup>w</sup> ar	>	jok <sup>w</sup> ĩʒ	‘amarrar’

Segundo Facó Soares & Leite (1991), houve mudança de \*a para /ĩ/ em Asurini do Tocantins, Asurini do Xingu, Parakanã e Tapirapé.

### 3.2.2 Vogais nasais

A língua Avá-Canoeiro possui seis vogais nasais (/ĩ, ĩ, ĩ̃, ã, ũ, õ/)<sup>111</sup>, que manifestam contraste em ambientes análogos, como explicitado a seguir. Cada uma dessas vogais apresenta uma única realização fonética, quais sejam, respectivamente: [ĩ], [ĩ̃], [ĩ̃̃], [ã̃], [ũ̃] e [õ̃].

(178)	<b>[ĩ] e [ĩ̃]</b>			
	/apĩpi/	[a <sup>1</sup> p <sup>h</sup> ĩ:pɪ]		‘jaburu’
	/tapitʃi/	[t <sup>h</sup> a <sup>1</sup> p <sup>h</sup> i:tʃɪ]		‘coelho’

Em (178) /i/ e /ĩ/ ocorrem em sílaba tônica medial após a oclusiva bilabial /p/.

(179)	<b>[e] e [ẽ]</b>				
	/ja=e-pam/ 1pl=dizer-asp.compl.	[, jae <sup>1</sup> p <sup>h</sup> ẽ:m]		‘nós dissemos’	
	/jaẽ-pepo/ panela-chata	[, jẽẽ <sup>1</sup> p <sup>h</sup> e:pu]	~	[, nẽẽ <sup>1</sup> p <sup>h</sup> e:pu]	‘panela, prato’

No exemplo (179) /e/ e /ẽ/ ocorrem em sílaba pré-tônica, entre a vogal central /a/ e a consoante oclusiva /p/.

<sup>111</sup> Paiva (1996: 44) postula a existência desses mesmos fonemas vocálicos nasais, embora não apresente evidências para sua análise. Segundo esse autor, tal lacuna deveu-se à falta de dados conclusivos, já que dispunha de um número restrito de ocorrências dessas vogais. Note-se, ainda, que /ĩ̃̃/ é incluído na matriz fonológica da língua (p. 44), mas não na parte destinada às vogais nasais, na página 39.

- (180) **[ĩ] e [ĩ̃]**  
 /tʃi=ɛ-apĩa/      [ , tʃɪɛa ' p<sup>h</sup>ĩ:ə ]      ‘meu ouvido’  
 lposs=rel-ouvido  
 /tʃi=ɛ-apĩj/      [ , tʃɪɛa ' p<sup>h</sup>ĩ:~j ]      ‘meu nariz’  
 lposs=rel-nariz

Em (180) /ĩ/ e /ĩ̃/ ocorrem em sílaba tônica, seguindo a oclusiva /p/.

- (181) **[a] e [ã]**  
 /o-kaj/      [ o ' k<sup>h</sup>a:j ]      ‘ele se queimou’  
 3sg-queimar-se  
 /i-ãj/      [ ɪ ' õ:~j ]      ‘dente dele’  
 3-dente

No exemplo (181) /a/ e /ã/ ocorrem em sílaba tônica, antecedendo a aproximante /j/.

- (182) /ka/      [ ' k<sup>h</sup>a: ]      ‘mato’  
 /-k<sup>w</sup>ã/      [ ' k<sup>w</sup>õ: ]      ‘dedo’

Nas palavras em (182) /a/ e /ã/ ocorrem em sílaba tônica, após as oclusivas velares simples /k/ e labializada /k<sup>w</sup>/.

- (183) **[u] e [ũ]**  
 /ĩtu/      [ ĩ ' t<sup>h</sup>u: ]      ‘vento’  
 /mĩtũ/      [ mĩ ' t<sup>h</sup>ũ: ]      ‘mutum’

Em (183) /u/ e /ũ/ ocorrem em sílaba tônica final, seguindo a oclusiva alveolar /t/.

- (184) **[o] e [õ]**  
 /o-jopoj/      [ o ' jo:poj ]      ‘ele alimentou’  
 3-alimentar  
 /o-jõpe/      [ õ ' jõ:pe ]      ‘ele torceu, trançou’  
 3-torcer, trançar

Em (184) /o/ e /õ/ aparecem em sílaba tônica medial, antecedendo a oclusiva bilabial /p/ e seguindo a aproximante /j/.



(185)	/tʃi=tõ/ pron.pess.=part	[ ' tʃi:tõ ]	‘eu’
	/tʃi=ko/ lposs=rel-roça	[ ' tʃi:ko ]	‘minha roça’

No exemplo em (185) /o/ e /õ/ ocorrem em final de palavra, em sílaba átona, seguindo consoantes oclusivas.

(186)	<b>[ũ] e [õ]</b>		
	/mĩtũ/ pron.pess.=part	[mĩ ' tu:]	‘mutum’
	/tʃi=Øtõ/ pron.pess.=part	[ ' tʃi:tõ ]	‘eu’

Em (186) /ũ/ e /õ/ ocorrem em final de palavra após a consoante oclusiva /t/.

Portanto, a língua Avá-Canoeiro possui consoantes e vogais nasais no nível fonêmico, podendo ser classificada como pertencente ao Tipo 4 de Cohn (1993) e Maddieson (1992) (*apud* Clements & Osu (2002)). Segundo esses autores, há quatro tipos de **sistemas nasais**: **Tipo 1**: não há nem consoantes nem vogais nasais distintivas; **Tipo 2**: as vogais nasais são contrastivas, mas as consoantes não; **Tipo 3**: as consoantes nasais são contrastivas, mas as vogais não; e **Tipo 4**: há vogais e consoantes nasais contrastivas. Assim como o Avá-Canoeiro, o Tapirapé pertence ao Tipo 4 (cf. Leite (2003)).

A vogal nasal central \*ĩ do Proto-Tupi-Guarani manteve-se no sistema fonológico do Avá-Canoeiro sem modificações, como indica o seguinte exemplo:

*ĩ					
(187)	ĩ (*ĩ > ĩ/ C__)	186. *-apĩj	>	-apĩj	‘nariz’

A central baixa \*ã, por seu turno, manteve-se como /ã/ em Avá-Canoeiro no início ou no final de palavras (cf. (188) e (189)), ou desnasalizou-se entre consoantes, como em (190):

*ã					
(188)	ã (*ã > ã/ #__)	93. *ãj	>	-ãj	‘dente’
(189)	ã (*ã > ã/ __#)	182. *kujã	>	kujã	‘mulher’
(190)	a (*ã > a/ C__C)	14. *karãj	>	kaʒaj	‘arranhar’

Já as vogais nasais *\*ĩ*, *\*ũ* e *\*õ* do Proto-Tupi-Guarani mantiveram-se idênticas em Avá-Canoeiro, como em (191), (192) e (193), ou sofreram um processo de desnasalização (cf. (198), (201) e (202)).

*\*ĩ*

(191) *ĩ* (*\*ĩ > ĩ/ \_\_ #*)      62. *\*aĩ*                      >      -aĩ                      ‘chifre’

*\*ũ*

(192) *ũ* (*\*ũ > ũ/ \_\_ #*)      236. *\*pi?ũ*                      >      piũ                      ‘pium’

*\*õ*

(193) *õ* (*\*õ > õ/ C \_\_*)      56. *\*enõj*                      >      enõj                      ‘chamar’

A anterior média *\*ẽ*, por sua vez, manteve-se como /*ẽ*/ em Avá-Canoeiro na maior parte dos casos; passou também por processo de desnasalização; desnasalizou-se e passou por levantamento, tornando-se /*i*/ em final de palavra, ou ainda, foi apagada nessa mesma posição, como confirmam os dados abaixo.

*\*ẽ*

(194) *ẽ* (*\*ẽ > ẽ/ \_\_ #*)      207. *\*ja?ẽ*                      >      jaẽ                      ‘panela’

(195) *ẽ* (*\*ẽ > ẽ/ \$ \_\_*)      208. *\*ja?ẽpepo*                      >      jaẽ-pepo                      ‘panela’

(196) *i* (*\*ẽ > i/ \_\_ #*)      209. *\*p<sup>w</sup>ã-pẽ*                      >      -k<sup>w</sup>ã-api                      ‘unha da mão’

(197)  $\emptyset$  (*\*ẽ >  $\emptyset$ / \_\_ #*)      319. *\*pe...ẽ*                      >      pe                      ‘vocês’

Portanto, houve tendência à desnasalização das vogais *\*ĩ*, *\*ẽ*, *\*ã*, *\*ũ* e *\*õ*, em final de palavra, como demonstram os exemplos a seguir.

(198) *i* (*\*ĩ > i/ \_\_ #*)      80. *\*kĩfi*                      >      kiti                      ‘cortar’

(199) *e* (*\*ẽ > e/ \_\_ #*)      295. *\*pẽ*                      >      pe                      ‘trançar’

(200) *a* (*\*ã > a/ C \_\_ C*)      14. *\*karãj*                      >      kaʒaj                      ‘arranhar’

(201) *u* (*\*ũ > u/ \_\_ #*)      180. *\*jati?ũ*                      >      tiu                      ‘mosquito’

(202) *o* (*\*õ > o/ \_\_ #*)      177. *\*manõ*                      >      mano                      ‘morrer’

Tendo visto os contrastes fonológicos existentes em Avá-Canoeiro e algumas considerações diacrônicas que as explicitam, passarei na próxima seção aos processos fonológicos verificados nos dados.

### 3.3 Processos Fonológicos

Nesta seção apresento os processos fonológicos consonantais e vocálicos evidenciados no corpus do Avá-Canoeiro. Esses processos não envolvem mudanças de segmentos em fronteira morfológica. Ao contrário, ocorrem em quaisquer posições da palavra.

#### 3.3.1 Processos fonológicos consonantais

##### 3.3.1.1 Aspiração de oclusivas

O processo de aspiração de oclusivas ocorre opcionalmente em sílaba tônica (cf. (203), (204) e (205)) e em início de palavras (cf. (206), (207), (208) e (209)), como mostram os exemplos a seguir.

(203)	/ipotĩɬa/	[ɪ'pʰɔ:tĩɬə]	~	[ɪ'pɔ:tĩɬə]	‘flor’
(204)	/jatĩta/	[ʒə'tʰĩ:tə]	~	[ʒa'tĩ:tə]	‘caracol’
(205)	/i-akup/ 3-ser/estar quente	[jə'kʰu:pʷ]	~	[jə'qu:pʷ]	‘ele está quente’
(206)	/petĩm/	[pʰetĩ:mə]	~	[petĩ:mə]	‘fumo’
(207)	/tupam/	[tʰʊ'pʰẽ:mə]	~	[tʊ'pẽ:mə]	‘corda’
(208)	/kĩe/	[kʰĩ:e]	~	[kĩ:e]	‘faca’
(209)	/ka-kĩɬ/ mata-verde	[kʰa:kĩɬə]	~	[ka:kĩɬə]	‘folha, mato’

##### 3.3.1.2 Realização não-explodida de consoantes oclusivas

As oclusivas do Avá-Canoeiro realizam-se como não-explodidas em final de palavras, se não houver inserção de uma vogal epentética [ə], processo explicado em (3.3.2.6).

(210)	/tatupep/	[,tʰətʊ'pʰɛ:pʷ]	~	[,tʰətʊ'pʰɛ:pə]	‘tatu-peba’
(211)	/ere-jot/ 2sg-ir	[,ere'jo:tʷ]	~	[,ere'jo:tə]	‘você foi embora’
(212)	/a-kaɬuk/ 1sg-urinar	[,əkə'ɬu:kʷ]	~	[,əkə'ɬu:kə]	‘eu urinei’

### 3.3.1.3 Palatalização de /t/

A oclusiva alveolar /t/ possui um alofone africado palatalizado [tʃ], que ocorre obrigatoriamente antecedendo as vogais altas /i/, /ĩ/ e /u/. Há ainda alguns casos dessa mesma palatalização precedendo opcionalmente a vogal alta /u/ em sílabas tônicas, em contigüidade a /i/ ou não. É o que se vê nos exemplos que se seguem.

(213)	/o-tiniŋ/ 3sg-secar	[o 'tʃĩ:nĩŋə]			‘ele secou’
(214)	/tata-tiŋ/ fogo-branco	[tʰə 'tʰa:tʃĩŋə]			‘fumaça’
(215)	/o-kĩti/ 3sg-cortar	[o 'kʰĩ:tʃɪ]			‘ele cortou’
(216)	/i-ŋi/ 3-bico	[ɪ 'tʃĩ:]			‘bico dele’
(217)	/kaititu/	[, kʰəjtʃɪ 'tʃu:]	~	[, kʰəjtʃɪ 'tʰu:]	‘caititu’
(218)	/pĩtun/	[pʰĩ 'tʃũ:n]	~	[pʰĩ 'tʰũ:n]	‘noite’

### 3.3.1.4 Realização uvular de /k/

A oclusiva velar /k/ possui, além dos alofones simples ([k]), aspirado ([kʰ]) e não-explodido ([k<sup>ˀ</sup>]), um alofone uvular [q], que ocorre antecedendo as vogais posteriores /u/, /o/, /ũ/ e /õ/, como se segue:

(219)	/kuũuʒa/	[qu 'ʒu:ʒə]			‘abóbora’
(220)	/takuũu/	[ 'tʰəqu:ʒu]			‘pássaro (espécie)’
(221)	/a-je-kok/ 1sg-reflex.-apoiar	[, aʒe 'qo:k <sup>ˀ</sup> ]			‘eu me apoiei’
(222)	/tʃi=r-apekũ/ 1poss=rel-língua	[, tʃɪra 'pʰe:qũ]			‘minha língua’
(223)	/mokõj/	[ 'mo:qõj]			‘dois’

### 3.3.1.5 Realizações oclusivas da consoante /ʁ/

A fricativa uvular /ʁ/ pode realizar-se como oclusivas vozeadas velar [g] e uvular [G], em variação livre, em qualquer ambiente. É o que demonstram os exemplos a seguir:

(224)	/iʁapəʁ/	[iˈga:pəgə]	~	[iˈGa:pəGə]	~	[iˈʁa:pəGə]	‘arco’
(225)	/uʁuku/	[uˈgu:qu]	~	[uˈGu:qu]	~	[uˈʁu:qu]	‘urucum’
(226)	/itapovogɛ/	[,ɪtapoˈgɔ:rɪ]	~	[,ɪtapoˈGɔ:rɪ]	~	[,ɪtapoˈʁɔ:rɪ]	‘enxada’

### 3.3.1.6 Realização pós-oralizada de consoantes nasais

As nasais bilabial /m/ e alveolar /n/ possuem como alofones em variação livre as consoantes pós-oralizadas vozeadas [<sup>m</sup>b] e [<sup>n</sup>d], respectivamente, que ocorrem de modo opcional no início de palavras (cf. (227)) ou de sílabas mediais (cf. (228))<sup>112</sup>. No entanto, esses alofones pós-oralizados só foram encontrados na variedade do Tocantins<sup>113</sup>. A seguir exemplifico-os.

(227)	#__				
(227a)	/moj-a/ cobra-CN	[ <sup>m</sup> bo:jə]	~	[ <sup>n</sup> mo:jə]	‘cobra’
(227b)	/mae/	[ <sup>m</sup> ba:e]	~	[ <sup>n</sup> mae]	‘caça’
(227c)	/mae-kaw/ caça-gordura, banha	[, <sup>m</sup> baeˈk <sup>h</sup> a:w]	~	[, <sup>n</sup> maeˈk <sup>h</sup> a:w]	‘óleo, banha’
(227d)	/ne=Ø-wɨp/ 2poss=rel-coxa	[ <sup>n</sup> deˈwɨ:pˀ]	~	[neˈwɨ:pˀ]	‘tua coxa’
(228)	\$__				
(228a)	/o-mapɨk/ 3sg-cozinhar	[oˈ <sup>m</sup> ba:pɨkə]	~	[oˈ <sup>n</sup> ma:pɨkˀ]	‘ela cozinhou’
(228b)	/ene/	[ <sup>n</sup> ɛˈde:]	~	[ <sup>n</sup> ɛˈne:]	‘você’

<sup>112</sup> Paiva (1996) também observou a ocorrência desses fones em Avá-Canoeiro, mas exclusivamente em início de palavra.

<sup>113</sup> Cabral (1998: 56) afirma que o Avá-Canoeiro, da mesma forma que o Tapirapé, o Asurini do Tocantins, o Parakanã, o Suruí do Tocantins, o Tembê e o Guajajára, do Subgrupo IV, não possui alofones pós-oralizados das consoantes nasais. É provável que a divergência entre as duas análises se deva novamente ao pouco conhecimento que se tinha do Avá-Canoeiro até o presente. Porém, uma hipótese que precisa ser averiguada é se esses alofones pós-oralizados de /m/ e /n/ não seriam influência, respectivamente, dos fonemas /b/ e /d/ do Javaé no Avá-Canoeiro. Note-se que em Goiás não ocorrem os alofones [<sup>m</sup>b] e [<sup>n</sup>d].

Na variedade de Goiás, essas palavras são pronunciadas, respectivamente, como se segue<sup>114</sup>:

(229)	/moj-a/ cobra-CN	[ 'mo:ʒə]		‘cobra’
(230)	/o-mapik/ 3sg-cozinhar	[o 'ma:pikə]		‘ele cozinhou’
(231)	/mae/	[ 'ma:e]		‘caça’
(232)	/mae-kaw/ caça-gordura, banha	[ ,mæe 'k <sup>h</sup> a:w]		‘óleo, banha’
(233)	/ene/	[ē 'ne:]		‘você’
(234)	/ne=Ø-wip/ 2poss=rel-coxa	[ne 'wi:p <sup>ʔ</sup> ] ~ [ne 'wi:pə]		‘tua coxa’

### 3.3.1.7 Realização oclusiva de consoantes nasais

As consoantes nasais bilabial /m/ e alveolar /n/ do Avá-Canoeiro possuem, além dos alofones pós-oralizados vozeados [ᵐb] e [ᵐd], descritos acima, os oclusivos simples bilabial [b] e alveolar [d], respectivamente, também em variação livre<sup>115</sup>. Esses alofones ocorrem opcionalmente no início de palavras (cf. (235)) ou de sílabas mediais (cf. (236)) e restringem-se à variedade do Estado do Tocantins. A seguir exemplifico esses alofones oclusivos.

(235)	#__				
(235a)	/mae-potikʷa/ coisa-flor	[ ,bae 'p <sup>h</sup> o:tikʷə]	~	[ ,mae 'p <sup>h</sup> o:tikʷə]	‘flor’
(235b)	/ne=Ø-pikir/ 2poss=rel-irmã mais nova	[ ,depik <sup>h</sup> i:rə]	~	[ ,nepik <sup>h</sup> i:rə]	‘tua irmã mais nova’
(236)	\$__				
(236a)	/o-mapik/ 3sg-cozinhar	[o 'ba:pikə]	~	[o 'ma:pikə]	‘ele cozinhou’
(236b)	/ene/	[e 'de:]	~	[ē 'ne:]	‘você’

<sup>114</sup> Dizer na variedade do Tocantins essas palavras com a pronúncia específica de Goiás ou vice-versa é motivo de risos e de correções por parte dos Avá-Canoeiro.

<sup>115</sup> Em sua coletânea da língua Avá-Canoeiro, Toral (1984) também registra a existência desses alofones oclusivos de /m/ e /n/ na variedade do Estado do Tocantins. Novamente aqui acredito que possa haver influência das consoantes /b/ e /d/ do Javaé.

### 3.3.1.8 Nasalização de aproximantes

As aproximantes /w/, /r/ e /j/ tornam-se nasalizadas precedendo ou seguindo vogais nasais, principalmente em sílabas tônicas. Esse processo é opcional no caso de /r/, mas obrigatório para /w/ e /j/. Esta última possui duas realizações nasalizadas: a aproximante [j̃] e a nasal [ɲ]. Os exemplos de nasalização de aproximantes em contigüidade a vogais nasais a seguir ilustram esse processo de assimilação consonantal.

#### (237) Nasalização de /w/:

(237a)	/i-waŋ/ 3-ser vermelho	[ɪ 'w̃ə̃:ŋə]		‘é vermelho’
(237b)	/wana/	[ 'w̃ə̃:nə]		‘coco (espécie)’
(237c)	/tʃi=Ø-k <sup>w</sup> ã-u/ 1poss=rel-dedo-aum	[tʃɪ 'k <sup>w</sup> ə̃:w̃]		‘meu polegar’

#### (238) Nasalização de /r/:

(238a)	/píraŋ/	[p <sup>h</sup> ɪ 'r̃ə̃:ŋ]	~	[p <sup>h</sup> ɪ 'r̃ə̃:ŋ]	~	[p <sup>h</sup> ɪ 'l̃ə̃:ŋ]	‘vermelho’
(238b)	/kurum/	[qu 'r̃ũ:m]	~	[qu 'r̃ũ:m]			‘menino’

#### (239) Nasalização de /j/:

(239a)	/itajaẽ/	[ ,ɪtə̃ 'j̃ə̃:ẽ]	~	[ ,ɪtə̃ 'ñə̃:ẽ]		‘panela’
(239b)	/o-jemim/ 3sg-esconder-se	[õ 'j̃ẽ:mĩm]	~	[õ 'ñẽ:mĩm]		‘ele se escondeu’
(239c)	/i-ãj/ 3-dente	[ĩ 'ə̃:j̃]				‘dente dele’
(239d)	/o-jeŋ/ 3sg-falar	[õ 'ñẽ:ŋə]	~	[õ 'j̃ẽ:ŋə]		‘ele está falando’
(239e)	/kujã/	[qũ 'ñə̃:]	~	[qũ 'j̃ə̃:]		‘mulher’

Na língua Avá-Canoeiro esse processo de nasalização de aproximantes (A) é bi-direcional, já que ocorre tanto da direita para a esquerda quanto da esquerda para a direita das vogais nasais, conforme indica o esquema abaixo, ao contrário do que se passa com as vogais, em que a nasalização é unidirecional e ocorre da direita para a esquerda (cf. (3.3.2.1)).

<sup>116</sup> Paiva (1996: 20) menciona a existência desse fone no Avá-Canoeiro, embora não explicita em que ambiente. Menciona ainda a existência de [j̃] em ambiente nasal.

<sup>117</sup> Esse processo de nasalização das aproximantes [w] e [j] ocorre inclusive quando estas são alofones de /u/ e /i/, respectivamente.

(240)

[Ã]	⇐	[V]	⇒	[V]	[Ã]
-----	---	-----	---	-----	-----

Pode-se afirmar que há no Avá-Canoeiro harmonia nasal, através da qual as aproximantes /w/, /r/ e /j/ tornam-se nasais por estarem contíguas a vogais nasais. Esse fenômeno, segundo Seki (2000), é uma marca específica do Kamaiurá e de outras línguas Tupi-Guarani. Cabral (1998) notou esse mesmo processo no Jo'ê, do Subgrupo VIII.

No que diz respeito especificamente ao Subgrupo IV, essa harmonia nasal é apontada por Leite (1995) para o Tapirapé. De acordo com essa autora, /r/ realiza-se como um tepe nasal [r̃] em ambiente da vogal nasal /ã/; e /j/ torna-se [j̃] em codas de sílabas tônicas e em ataques de sílabas postônicas, se a vogal do núcleo for nasal<sup>118</sup>.

### 3.3.1.9 Lateralização de /r/ e /j/

As aproximantes alveolar /r/ e álveo-palatal /j/ realizam-se de modo opcional, respectivamente, como as consoantes laterais [l] e [ɭ], tanto em posição tônica quanto átona. É o que os exemplos seguintes mostram.

(241)	/tʃi=r-ea/ lposs=rel-olho	[tʃɪ'le:ə]	~	[tʃɪ're:ə] <sup>119</sup>	‘meu olho’
(242)	/wɛra-miri/ pássaro-dim	[,wɛrə'mi:lɪ]	~	[,wɛrə'mi:rɪ]	‘pássaro pequeno’
(243)	/a-jauk/ lsg-banhar-se	[ə'ʎa:wkʰ]	~	[ə'ja:wkʰ] ~ [ə'ʒa:wkʰ]	‘eu tomo banho’
(244)	/wajoa/	[ 'wa:ʎuə]	~	[ 'wa:juə]	‘guariba’

Esta realização fonética lateral [ɭ] do fonema /j/ ocorre nas duas variedades da língua Avá-Canoeiro, exclusivamente em início de sílabas mediais.

<sup>118</sup> Segundo Clements & Osu (2002), muitas línguas que possuem nasalidade distintiva na superfície passam pelo processo de harmonia nasal ou assimilação. É o caso do Avá-Canoeiro e do Tapirapé (Leite, 1995).

<sup>119</sup> Essa variação livre entre [l] e [ɭ] é considerada também por Paiva (1996). No entanto, o fonema para ele é /ʎ/ e [l] e [ɭ] são seus alofones.



### 3.3.1.10 Realização oclusiva da aproximante /w/

A aproximante bilabial /w/ possui como realização fonética, além do [w], a oclusiva uvular sonora labializada [G<sup>w</sup>]<sup>120</sup>, demonstrando, assim, um fortalecimento desse fonema, que passa de aproximante a consoante oclusiva. Esses dois alofones de /w/, exemplificados abaixo, ocorrem em variação livre.

(245)	/o-wewe/ 3sg-voar	[o <sup>1</sup> G <sup>w</sup> e:G <sup>w</sup> e]	~	[o <sup>1</sup> we:we]	‘ele voou’
(246)	/i-uwaj/ 3-rabo	[ju <sup>1</sup> G <sup>w</sup> a:ʒə]	~	[ju <sup>1</sup> wa:ʒə]	‘rabo dele’
(247)	/kaʒamawaj/	[k <sup>h</sup> a <sub>1</sub> ʒamə <sup>1</sup> G <sup>w</sup> a:j]	~	[k <sup>h</sup> a <sub>1</sub> ʒamə <sup>1</sup> wa:j]	‘pássaro (espécie)’

No que diz respeito à frequência de uso, um mesmo falante emprega o alofone [G<sup>w</sup>] na fala mais lenta e [w] na mais rápida.

### 3.3.1.11 Realização fricativa da aproximante /w/

A consoante /w/ realiza-se opcionalmente como a fricativa bilabial [β], em variação livre, tanto em início de sílabas tônicas quanto átonas, iniciais ou mediais, como se segue<sup>121</sup>.

(248)	#__				
(248a)	/wîra/	[ <sup>1</sup> βî:rə]	~	[ <sup>1</sup> wî:rə]	‘pássaro’
(248b)	/wewe/	[βe <sup>1</sup> βe:]	~	[we <sup>1</sup> we:]	‘voar’
(249)	\$__				
(249a)	/îwîra/	[ə <sup>1</sup> βî:rə]	~	[ə <sup>1</sup> wî:rə]	‘árvore’
(249b)	/îwak/	[î <sup>1</sup> βa:k <sup>ʔ</sup> ]	~	[î <sup>1</sup> wa:kə]	‘céu’

<sup>120</sup> Ladefoged & Maddieson (1996) explicam que a labialização é a articulação consonantal secundária mais comum nas línguas do mundo, tanto no que diz respeito ao número de segmentos em que ocorre, quanto ao número de línguas em que é encontrada. Está muito presente em obstruintes velares e uvulares, como no fonema /k<sup>w</sup>/ do Avá-Canoeiro, bem como nesse alofone [G<sup>w</sup>] da aproximante /w/.

<sup>121</sup> Paiva (1996: 34-35) também considera [β] um alofone de /w/. Contudo, em seus dados, [β] só foi encontrado em início de sílabas mediais e finais.

- (249c) /awatu-a/      [ə 'βa:tuə]      ~      [ə 'wa:tuə]<sup>122</sup>      ‘besouro’  
 besouro-CN
- (249d) /kawure/      [ ,k<sup>h</sup>aβu 'rɛ:]      ~      [ ,k<sup>h</sup>awu 'rɛ:]      ‘coruja’

### 3.3.1.12 Realizações fricativa [ʒ] e africada [dʒ] da aproximante /j/

A aproximante álveo-palatal /j/ antecedendo vogais possui como alofones em variação livre a fricativa vozeada [ʒ] e a africada vozeada [dʒ]. É o que se nota nos exemplos abaixo.

- (250) /ajuɛu/      [a 'ʒu:ɛu]      ~      [a 'ju:ɛu]      ~      [a 'dʒu:ɛu]      ‘papagaio’
- (251) /ni=Ø-jɛwa/      [nɪ 'dʒɛ:wə]      ~      [nɪ 'jɛ:wə]      ~      [nɪ 'ʒɛ:wə]      ‘teu braço’  
 2poss=rel-braço

Da mesma forma que a escolha dos alofones [m], [b] e [ᵐb] e [n], [d] e [ᵐd] varia de acordo com as duas variedades da língua Avá-Canoeiro, como vimos em (3.3.1.6) e (3.3.1.7), assim também ocorre com os alofones [j] e [ʒ] do fonema /j/. Em Goiás, o alofone mais usado é o consonantal [ʒ], ao passo que, no Tocantins, usa-se com maior frequência o aproximante [j], conforme exemplificado na Tabela 5.

Tabela 5: Distribuição dos alofones [j] e [ʒ] nas variedades do Avá-Canoeiro

Variedade de Goiás			Variedade do Tocantins		
/jatɛta/	[ʒə 't <sup>h</sup> ɛ:tə]	‘caracol’	/jatɛta/	[ja 't <sup>h</sup> ɛ:tə]	‘caracol’
/jawaɛa/	[ 'ʒa:G <sup>w</sup> əɛə]	‘cachorro’	/jawaɛa/	[ 'ja:G <sup>w</sup> əɛə]	‘cachorro’
/o-joj/ 3sg-lavar	[o 'ʒo:j]	‘ele lavou’	/o-joj/ 3sg-lavar	[o 'jo:j]	‘ele lavou’

<sup>122</sup> Na verdade a palavra **awatu** em Avá-Canoeiro tem vários significados distintos, como ‘besouro’ e ‘trovão’, que, por meio de extensão, passaram também a significar ‘avião’. Segundo Costa (1992: 22), o **awato** é uma ‘divindade única e bondosa, que envia peixes, caça, flores e frutas do céu para os Avá-Canoeiro, através de fortes chuvas’.

### 3.3.1.13 Realizações fricativas ([ʃ] e [ʒ]) e aproximante ([j]) da africada /tʃ/

A africada álveo-palatal desvozeada /tʃ/ do Avá-Canoeiro possui como alofones em variação livre as fricativas álveo-palatais desvozeada [ʃ]<sup>123</sup> e vozeada [ʒ], além da aproximante álveo-palatal [j], como exemplificado abaixo:

(252)	/itʃe/	[ɪ 'ʃe]	~	[ɪ 'tʃe]	~	[ɪ 'je]	‘eu’
(253)	/tʃe=Ø-wi/ pron.pess.=rel-posp	[ 'ʃe:wɪ]	~	[ 'tʃe:wɪ]	~	[ 'je:wɪ]	‘para mim’
(254)	/tʃɨapaɛ/	[ʒɨ 'a:pəɛə]	~	[tʃɨ 'a:pəɛə]	~	[jɨ 'a:pəɛə]	‘enxada’
(255)	/tʃi=ɛ-apɨtum/ 1poss=rel-miolos	[jɪ , ɛəpɨ 't <sup>h</sup> ũ:mə]	~	[tʃɪ , ɛəpɨ 't <sup>h</sup> ũ:mə]			‘meus miolos’

Na Tabela 6, apresento todas as realizações fonéticas consonantais verificadas no corpus do Avá-Canoeiro, tanto da variedade do Tocantins, quanto na de Goiás, explicitadas acima.

Tabela 6: Fones Consonantais do Avá-Canoeiro.

	Bilabiais	Alveolares	Álveo-palatais	Velares	Uvulares
<b>Oclusivas Simples</b>	p b	t d		k g	q G
<b>Oclusivas Aspiradas</b>	p <sup>h</sup>	t <sup>h</sup>		k <sup>h</sup>	
<b>Oclusivas Não-explodidas</b>	p <sup>ʔ</sup>	t <sup>ʔ</sup>		k <sup>ʔ</sup>	
<b>Oclusivas labializadas</b>				k <sup>w</sup>	G <sup>w</sup>
<b>Fricativas</b>	β		ʃ ʒ		ɣ
<b>Africadas</b>			tʃ dʒ		
<b>Nasais</b>	m	n	ɲ	ŋ	
<b>Nasais Pós-oralizadas<sup>1</sup></b>	<sup>m</sup> b	<sup>n</sup> d			
<b>Laterais</b>		l	ʎ		
<b>Aproximantes</b>	w	r	j		
<b>Aproximantes Nasalizadas</b>	<sup>w̃</sup>	<sup>r̃</sup>	<sup>j̃</sup>		

<sup>1</sup> Notam-se aqui duas lacunas. Enquanto há quatro consoantes nasais (a bilabial, a alveolar, a álveo-palatal e a velar), há apenas duas nasais pós-oralizadas, a bilabial e a alveolar, e apenas na variedade do Estado do Tocantins.

<sup>123</sup> Esse alofone ocorre com maior frequência na variedade do Tocantins.

### 3.3.2 Processos fonológicos vocálicos

Os fonemas vocálicos do Avá-Canoeiro passam por processos de nasalização, abaixamento, levantamento, consonantização e apagamento. É o que será descrito nessa seção.

#### 3.3.2.1 Nasalização vocálica

Todas as vogais do Avá-Canoeiro são nasalizadas quando antecedem as consoantes nasais bilabial /m/, alveolar /n/ e velar /ŋ/, o que demonstra um processo de assimilação. Há, assim, nasalização regressiva, como se segue.

(256)	/kaju-apin/ caju-castanha, caroço	[ , k <sup>h</sup> ə ʒ u ' a : p i n ɪ ]	‘castanha-de-caju’
(257)	/o-nin/ 3sg-latir	[ ð ' n i : n ɪ ]	‘ele latiu’
(258)	/moj-pinin/ cobra-ser pintada	[ m o j ' p <sup>h</sup> i : n i m ə ]	‘cobra pintada’
(259)	/o-jeŋ/ 3sg-falar	[ ð ' j e : ŋ ə ]	‘ele está falando’
(260)	/a-wen/ 1sg-vomitar	[ a ' w ẽ : n ɪ ]	‘eu vomitei’
(261)	/koem/	[ q o ' ẽ : m ə ]	‘manhã’
(262)	/o-kĩnĩm/ 3sg-sumir	[ o ' k <sup>h</sup> ẽ : n ẽ m ə ]	‘ele sumiu’
(263)	/wama/	[ ' w ẽ : m ə ]	‘pasto’
(264)	/o-moam/ 3sg-amarrar	[ ð ' m o : ẽ m ə ]	‘ele amarrou’
(265)	/kaʒun/	[ ' k <sup>h</sup> a : ʒ ũ n ə ]	‘tarde’
(266)	/kumana/	[ q ũ ' m ẽ : n ə ]	‘feijão’
(267)	/o-momew/ 3sg-conversar	[ , ð m ð ' m e : w ]	‘ele conversou’

Desse modo, o processo de nasalização vocálica é unidirecional, ocorrendo da direita para a esquerda, conforme o esquema apresentado abaixo, diferentemente da nasalização de aproximantes, que, como vimos em (3.3.1.8), é bidirecional.

(268)

$\leftarrow$ <b>V]</b>	$\Rightarrow$ <b>C]</b> [+ nasal] <sup>124</sup>
---------------------------	--

Essa nasalização fonética, resultado de processo assimilatório das vogais antes de consoantes nasais, ocorre também no Suruí do Tocantins (Barbosa, 1993), no Parakanã (Gomes, 1991), no Tembê (Eiró, 2001, 2001a, 2002) e no Tapirapé (Leite, 1995).

### 3.3.2.2 Abaixamento de /e/ e /o/, em sílabas tônicas

As vogais médias anterior /e/ e posterior /o/ tornam-se opcionalmente mais baixas, ou seja, [ɛ] e [ɔ]<sup>125</sup>, em sílabas tônicas, como nos exemplos que se seguem.

(269)	/a-wewɨj/ 1sg-boiar	[ə 'wɛ:wɨj]	~	[ə 'βe:wɨj]	'eu boiei'		
(270)	/ɨpek/	[ɨ 'p <sup>h</sup> ɛ:k <sup>ʔ</sup> ]	~	[ɨ 'p <sup>h</sup> e:k <sup>ʔ</sup> ]	~	[ɨ 'p <sup>h</sup> e:kə]	'pato'
(271)	/mokau/	[ 'mbo:kaw]	~	[ 'mbo:kaw] <sup>126</sup>	'arma'		
(272)	/jaoti/	[ʒa 'o:tʃɪ]	~	[ʒa 'o:tʃɪ]	'jaboti'		

### 3.3.2.3 Abaixamento de /i/, /ɨ/ e /u/

As vogais altas /i/, /ɨ/ e /u/ apresentam obrigatoriamente realizações mais baixas, tornando-se [ɪ], [ə] e [ʊ], nessa ordem, em sílabas átonas, como mostram os exemplos a seguir.

(273)	/i-pirik/ 3-pele, casca	[ɪ 'p <sup>h</sup> i:rɪkə]	'pele dele'
(274)	/warani/	[wə 'lɔ:nɪ]	'pássaro (espécie)'
(275)	/ɨj-a/ terra-CN	[ 'ɨ:ʒə]	'terra'

<sup>124</sup> Conforme Leite (2003: 55), "a se ter um processo de harmonização é preciso determinar a fonte e a direcionalidade". No caso do Avá-Canoeiro, a fonte é a consoante nasal que segue a vogal e a direcionalidade parte da direita para a esquerda.

<sup>125</sup> Paiva (1996: 23) também registrou esse alofone de /o/ em posição tônica.

<sup>126</sup> Esses exemplos ilustram a variedade do Tocantins. Na variedade goiana, a palavra para 'arma, espingarda' pronuncia-se como [ 'mo:kaw] ~ [ 'mɔ:kaw].

- (276) /i-aĩɛa/            [ˈja:əGə]            ‘filho dele’  
 3-filho
- (277) /ukutiŋa/            [ʊˈqu:tʃĩŋə]            ‘areia’
- (278) /watʃuaja/            [ˌwatʃʊˈa:ʒə]            ‘cagaita’

### 3.3.2.4 Levantamento de /e/, /o/ e /a/

As vogais médias anterior /e/ e posterior /o/ e a central baixa /a/ realizam-se mais altas, de maneira opcional, respectivamente, como [ɪ], [ʊ] e [ə], em sílabas átonas, como demonstram os exemplos abaixo.

- (279) /aɛakaɾe/            [ˌəɛəˈkʰa:ɾɪ] ~ [ˌəgəˈkʰa:ɾɪ]            ‘galinha’
- (280) /kameawa/            [ˌkʰə̃mɪˈa:Gʷə]            ‘abelha-europa’
- (281) /tʃi=Ø-ko/            [ˈtʃi:qu]            ‘minha roça’  
 1poss=rel-roça
- (282) /o-peju/            [ʊˈpʰe:ʒʊ]            ‘ele soprou’  
 3sg-soprar
- (283) /maɾeɛa/            [ˈma:ɾeɛə]            ‘papel’
- (284) /waɓati/            [wəˈɓa:tʃɪ]            ‘melancia’

Enquanto nas sílabas tônicas do Avá-Canoeiro nota-se uma tendência ao abaixamento das vogais médias, como demonstra a Tabela 7 (cf. (3.3.2.2)), em sílabas átonas, há tendência tanto ao abaixamento quanto ao levantamento, conforme explicitado na Tabela 8 (cf. (3.3.2.3) e (3.3.2.4)).

Tabela 7: Abaixamento de vogais em sílabas tônicas

e ↓ ɛ		o ↓ ɔ
-------------	--	-------------

Tabela 8: Abaixamento e levantamento de vogais em sílabas átonas

i ↓ ɪ	ĩ ↓	u ↓ ʊ
e ↑	ə	o ↑
	a ↑	

Desse modo, os fenômenos de abaixamento e de levantamento de vogais fazem com que [ɪ] seja alofone tanto de /i/ quanto de /e/; [ə], por sua vez, é alofone dos fonemas /ɛ/ e /a/; por fim, [ʊ] também é alofone de dois fonemas, quais sejam: /u/ e /o/. Poder-se-ia, dessa maneira, falar em um processo de centralização vocálica, que, ao que tudo indica, é o que está ocorrendo em Avá-Canoeiro em posição átona. Em estudos futuros será necessário retomar essa discussão.

### 3.3.2.5 Consonantização de /i/ e /u/ <sup>127</sup>

As vogais altas anterior /i/ e posterior /u/ podem passar pelo processo de consonantização, realizando-se, respectivamente, como [j] e [w], seguindo vogais. Esse processo de consonantização é ilustrado abaixo.

(285)	/ita-i/ pedra-dim	[ɪ t <sup>h</sup> a:j]	‘açúcar’
(286)	/kui/	[ <sup>h</sup> k <sup>h</sup> u:j]	‘farinha’
(287)	/o-u/ 3sg-comer	[ <sup>h</sup> o:w]	‘ele comeu’
(288)	/pɪkau/	[p <sup>h</sup> ɪ t <sup>h</sup> a:w]	‘pombo, rolinha’

A vogal anterior alta /i/ pode ainda realizar-se como [j] antecedendo a central baixa /a/, em início de palavra:

(289)	/i-aɲ/ 3-alma	[ <sup>h</sup> j <sup>h</sup> ɛ:ɲ]	‘alma dele’
(290)	/i-ata=ete/ 3-duro=part.	[jə t <sup>h</sup> a:te]	‘é duro mesmo’

<sup>127</sup> Processos como consonantização e inserção ou apagamento de vogal são considerados por muitos autores (cf. Hyman (1975), por exemplo) como processos de estruturação silábica, através dos quais a distribuição de vogais e de consoantes nas palavras de uma língua é afetada e a estrutura original de uma sílaba é alterada. Assim, uma vogal pode realizar-se como aproximante, e consoantes e vogais podem ser inseridas na palavra, como ocorre no Avá-Canoeiro.

### 3.3.2.6 Inserção de vogal final<sup>128</sup>

As palavras terminadas em consoante no Avá-Canoeiro recebem opcionalmente uma vogal epentética [ə] ou [ɪ], como mostram os exemplos abaixo<sup>129</sup>. As palavras que terminam nas consoantes /n/ e /j/ recebem a inserção da vogal [ɪ]. Nos demais casos, é a vogal [ə] que se insere.

(291)	/i-pep/ 3-ser plano, chato	[ɪ'p <sup>h</sup> e:pə]	~	[ɪ'p <sup>h</sup> e:p <sup>ɪ</sup> ]	‘é chato, plano’
(292)	/ere-jot/ 2sg-ir	[,ere'jo:tə]	~	[,ere'jo:t <sup>ɪ</sup> ]	‘você foi embora’
(293)	/o-mowok/ 3sg-cortar <sup>130</sup>	[ð'mo:wokə]	~	[ð'mo:wok <sup>ɪ</sup> ]	‘ele cortou, rachou’
(294)	/o-meŋ/ 3sg-dar	[ð'mē:ŋə]	~	[ð'mē:ŋ]	‘ele deu’
(295)	/i-tuiaw/ 3-ser grande	[,ɪtɯj'a:wə]	~	[,ɪtɯj'a:w]	‘grande’
(296)	/ɛpɛaj/ 3sg-engolir	[,ɛpɛ'a:dʒɪ]	~	[,ɛpɛ'a:dʒ]	‘noite’ <sup>131</sup>
(297)	/o-mokon/ 3sg-engolir	[ð'mo:qõnɪ]	~	[ð'mo:qõn]	‘ele engoliu’

Esse processo de inserção vocálica é uma estratégia do Avá-Canoeiro para fazer com que as sílabas finais terminadas em consoantes adequem-se ao padrão silábico básico da língua, CV (cf. a seção (3.5)). Assim, uma sílaba final \$CV\$, por meio da inserção das vogais [ə] e [ɪ], torna-se \$CV\$CV\$. Esse processo, por outro lado, leva à manutenção do padrão acentual preferido da língua, como se verá em (3.6), fazendo com que palavras oxítonas tornem-se paroxítonas.

### 3.3.2.7 Alongamento vocálico

Todas as vogais tônicas da língua Avá-Canoeiro tendem a ser mais longas que as demais. É o que os seguintes dados confirmam:

<sup>128</sup> A estrutura silábica básica de uma língua, conforme vários autores, como Hyman (1975), é uma sílaba composta por consoante e vogal (sílabas CV) e qualquer processo que ocorra numa sílaba mais complexa e faça com que ela se torne CV pode ser considerado um processo que concorre para “uma estrutura silábica preferida” por essa língua.

<sup>129</sup> Em palavras finalizadas pelas consoantes oclusivas /p/, /t/ e /k/ ou ocorre esse processo ou a realização não-explodida, conforme descrito em (3.3.1.2).

<sup>130</sup> O verbo /mowok/ é empregado para cortar cabelo, rachar lenha. Aparentemente, é usado para objetos longos.

<sup>131</sup> Não foi encontrado nenhum exemplo com a oclusiva labializada /k<sup>w</sup>/, porque essa consoante não ocorre em final de palavras (cf. a seção (3.5)).



(298)	/aniʒa/	[ã <sup>1</sup> ni:ʒə]	‘morcego’
(299)	/ene/	[ẽ <sup>1</sup> ne:] ~ [e <sup>1</sup> de:] <sup>132</sup>	‘você’
(300)	/ne=ʒ-atɨp/ 2poss=rel-bochecha	[,neGa <sup>1</sup> t <sup>h</sup> ɨ:pə]	‘tua bochecha’
(301)	/tʃi=Ø-wape/ 1poss=rel-costas	[tʃɪ <sup>1</sup> wa:pə]	‘minhas costas’
(302)	/ni=r-ɨpuã/ 2poss=rel-umbigo	[,nɪrɨ <sup>1</sup> p <sup>h</sup> u:ã]	‘teu umbigo’
(303)	/a-je-kok/ 1sg-reflex.-apoiar	[,aʒe <sup>1</sup> k <sup>h</sup> o:k <sup>ɾ</sup> ]	‘eu me apoiei’
(304)	/o-enõj/ 3sg-chamar	[o <sup>1</sup> ẽ:nõ]	‘ele chamou’
(305)	/moapɨʒan/	[mo <sup>1</sup> apɨ <sup>1</sup> ʒə:nɪ]	‘três’

Seguem-se na Tabela 9 todos os fones vocálicos das duas variedades da língua.

Tabela 9: Fones Vocálicos do Avá-Canoeiro

	Anteriores		Centrais		Posteriores	
	Orais	Nasais	Orais	Nasais	Orais	Nasais
<b>Altas</b>	i i: ɪ	ĩ ĩ: ĩ	ɨ ɨ: ɨ	ẽ ẽ: ẽ	u u: ʊ	ũ ã: ũ
<b>Médias</b>	e e: ɛ ɛ:	ẽ ẽ: ẽ	ə	õ õ: õ	o o: ɔ ɔ:	õ õ: õ
<b>Baixas</b>			a a:			

### 3.4 Processos morfofonológicos

Os três processos morfofonológicos verificados no Avá-Canoeiro até o presente momento envolvem sempre a perda de segmentos em fronteira de morfemas, sejam eles consonantais ou vocálicos, afetando não apenas a constituição silábica, mas a estrutura morfológica das palavras, razão pela qual os trato separadamente dos processos discutidos em (3.3). Todavia, quero enfatizar que esse estudo é ainda embrionário e demandará abordagens futuras.

<sup>132</sup> Realização verificada apenas na variedade do Tocantins, como visto em (3.3.1.7.).

### 3.4.1 Apagamento de consoante

As consoantes finais de um morfema são apagadas quando o próximo inicia-se por consoante, como se vê nos dados abaixo<sup>133</sup>:

(306)	/ita-juw-miri/ metal-amarelo-dim /\$V\$CV\$CVC\$CV\$CV\$/ /SV\$CV\$CVC\$CV\$CV\$/	[ , ɪtəpũ 'mi:lɪ]	~	[ , ɪtə̃jũ 'mi:lɪ]	‘agulha’
(307)	/i-piraŋ-pam/ 3-ser vermelho-asp.compl. /\$V\$CV\$CVC\$CV\$/	[ɪ , pɪrə̃ 'p <sup>h</sup> ẽ:mə]	<sup>134</sup>		‘ele é todo vermelho’

Note-se que por meio desse processo, pouco produtivo no Avá-Canoeiro, sílabas \$CVC\$ tornam-se \$CV\$, ou seja, esse processo faz com que haja uma reestruturação silábica na palavra em que ocorre. No entanto, o que acontece com maior frequência é a inserção de uma vogal [ə] após a consoante final do primeiro morfema, o que já foi discutido em (3.3.2.6), e a adjunção do morfema seguinte, como se segue:

(308)	/ita-juw-miri/ metal-amarelo-dim /\$V\$CV\$CVC\$CV\$CV\$/ /SV\$CV\$CVC\$CV\$CV\$/	[ , ɪtə , pũwẽ 'mi:lɪ]	~	[ , ɪtə , jũwẽ 'mi:lɪ]	‘agulha’
(309)	/i-piraŋ-pam/ 3-ser vermelho-asp.compl. /\$V\$CV\$CVC\$CV\$/	[ , ɪpɪ , rẽŋə 'p <sup>h</sup> ẽ:mə]			‘ele é todo vermelho’

Esse apagamento consonantal em fronteira morfêmica foi documentado também para outras línguas Tupi-Guarani, por exemplo: para o Kamaiurá, por Seki (2000); para o Emérillon, por Rose (2003); e para o Tapirapé por Leite (1995).

### 3.4.2 Apagamento de vogal

Em Avá-Canoeiro ocorre opcionalmente apagamento de vogal quando dois morfemas se juntam. Nesse caso, a vogal a ser apagada é a última de um morfema que antecede um outro iniciado por vogal.

<sup>133</sup> Hyman (1975) esclarece que as fronteiras morfológicas (+) são importantes no condicionamento de processos fonológicos e morfofonológicos nas línguas.

<sup>134</sup> Observe-se aqui que a nasal velar /ŋ/ não se realiza como consoante, mas permanece sua nasalidade, que nasaliza a vogal /a/.

- (310) /jawaɣa-Ø=ete-uɣu/ [ʒə, Gʷəɣɪ tʰu:ɣu] ‘onça’  
 cachorro-CN=part.-aum  
 /\$CV\$CV\$CV\$V\$CV\$V\$CV\$V/\$ [ \$CV\$CV\$CV\$CV\$CV\$V\$ ]
- (311) /a-mo-akup/ [ə tʰma:qupʰ] ‘eu esquentei’  
 1sg-caus-ser quente  
 /\$V\$CV\$V\$CV\$V/\$ [ \$V\$CV\$CV\$CV\$ ]

O apagamento de vogais da mesma forma que o de consoantes faz com que haja um rearranjo na estrutura silábica das palavras do Avá-Canoeiro.

### 3.4.3 Fusão de vogais

A vogal final de um morfema funde-se à seguinte, quando são idênticas, como se segue, gerando reestruturação silábica nas palavras:

- (312) /a-ata/ [ tʰa:tə ] ‘eu andei’  
 1sg-andar  
 /\$V\$V\$CV\$V/\$ [ \$V\$CV\$ ]
- (313) /a-am/ [ tʰə:mə ] ‘eu deitei’  
 1sg-deitar  
 /\$V\$VCS/\$ [ \$V\$CV\$ ]
- (314) /e-re-e/ [ e tʰre: ] ‘você disse’  
 2sg-dizer  
 /\$V\$CV\$V\$V/\$ [ \$V\$CV\$ ]
- (315) /e-re-eko/ [ e tʰre:qu ] ‘você é, está’  
 2sg-ser, estar  
 /\$V\$CV\$V\$CV\$V/\$ [ \$V\$CV\$CV\$ ]
- (316) /e-re-em/ [ e tʰrē:mə ] ‘você saiu’  
 2sg-sair  
 /\$V\$CV\$VCS/\$ [ \$V\$CV\$CV\$ ]
- (317) /o-o/ [ tʰo: ] ‘ele foi’  
 3sg-ir  
 /\$V\$V\$V/\$ [ \$V\$ ]
- (318) /o-ok/ [ tʰo:kə ] ~ [ tʰo:kʰ ] ‘ele tirou’  
 3sg-tirar  
 /\$V\$VCS/\$ [ \$V\$CV\$ ] [ \$VCS\$ ]
- (319) /paku-uɣu/ [ pʰa tʰqu:Gu ] ‘pacu grande’  
 pacu-aum  
 /\$CV\$CV\$V\$CV\$V/\$ [ \$CV\$CV\$CV\$ ]

Esse processo ocorre principalmente entre a vogal final de um morfema de pessoa e a primeira da raiz verbal, o que também foi observado em outras línguas Tupi-Guarani, como o

Emérillon, do Subgrupo VIII (Rose, 2003). Em suma, esses três processos morfofonológicos observados concorrem para uma reestruturação silábica das palavras do Avá-Canoeiro.

### 3.5 Sílabas

A noção de *sílabas* que estou adotando aqui é a de Hyman (1975: 188), segundo a qual esta possui duas partes fonéticas: o *ataque* (ou *onset*) e o *núcleo*, subdividido em *pico* e *coda*. Destes o *núcleo* é o elemento obrigatório. As sílabas *abertas* terminam em vogal, ao passo que as *fechadas* têm uma consoante na posição de coda.

Fonologicamente, o Avá-Canoeiro possui quatro padrões silábicos, simbolizados por **(C)V(C)**<sup>135</sup>. Assim, há dois tipos de sílabas abertas, **V** e **CV**, e dois de sílabas fechadas, **CVC** e **VC**. Não há sílabas com posições complexas, ou seja, inexistem sílabas com ataque, núcleo ou coda compostos por mais de um segmento. Portanto, não há encontros consonantais e vocálicos na língua.

As sílabas do Avá-Canoeiro são exemplificadas a seguir. Note-se que nem sempre há coincidência entre sílabas fonológicas e fonéticas da língua, devido aos processos de inserção vocálica, apagamento de consoante e consonantização, explicitados anteriormente.

(320)	<b>SV\$</b>	/Se\$ta\$/\$ /SV\$CVCS/	[\$'e\$ <sup>h</sup> õ:\$mø\$] <sup>136</sup> [SV\$CV\$CV\$]	‘casa, aldeia’
		/ma\$e\$a\$pa\$/\$ /SCV\$SV\$CVCS/	[\$,ma\$e\$ø\$'p <sup>h</sup> a:\$rɪ\$] <sup>137</sup> [SCV\$SV\$CV\$CV\$]	‘banana’
(321)	<b>SCV\$</b>	/ka\$wu\$re\$/\$ /SCV\$CV\$CV\$/\$	[\$,k <sup>h</sup> a\$wu\$'rɛ:\$] [SCV\$CV\$CV\$]	‘coruja’
		/ne\$ra\$ma\$/\$ /SCV\$CV\$CV\$/\$	[\$ne\$'r̃õ:\$mø\$] <sup>138</sup> [SCV\$CV\$CV\$]	‘tua vagina’
(322)	<b>SCVCS</b>	/pa\$na\$/\$ /SCV\$CVCS/	[\$p <sup>h</sup> õ\$'nõ:\$mø\$] [SCV\$CV\$CV\$]	‘borboleta’
		/e\$re\$pu\$ta\$/\$ /SV\$CV\$CV\$CVCS/	[\$e\$,re\$pu\$'t <sup>h</sup> a:t <sup>ʔ</sup> \$] <sup>139</sup> [SV\$CV\$CV\$CVCS]	‘você gosta’

<sup>135</sup> O Kamaiurá possui esses mesmos padrões silábicos: V, CV, CVC, VC (cf. Seki, 2000).

<sup>136</sup> Embora se use **oka** para ‘casa’, a palavra mais utilizada é **etam**, cognata de **\*taβ** ‘aldeia’, que passou por um processo de *extensão de significado*. Assim, ampliou-se o significado da palavra **etam** de ‘aldeia’, para ‘aldeia’ e ‘casa’, formando novos sintagmas, como **awati r-etam** (milho rel-casa) ‘paiol (lit. ‘casa do milho)’.

<sup>137</sup> Em ‘banana’, temos a seguinte estrutura morfológica: /mae-apari/ (coisa-torta, recurvada). Diferentemente do Tapirapé, do Parakanã e do Asurini do Trocará, cuja palavra para ‘banana’ advém de uma palavra Karajá (idzaða), no Avá-Canoeiro usa-se esse termo descritivo (cf. Cabral, 2004).

<sup>138</sup> A estrutura morfológica de /ne=r-ama/ é: (2poss=rel-vagina).

<sup>139</sup> Em ‘você gosta’ a estrutura morfológica é a seguinte: /ere-putat/ (2sg-gostar, querer).

(323) <b>SVCS</b> <sup>140</sup>	/Se\$ <b>ei</b> \$a/	[\$e\$ ' i:\$ <b>æ</b> \$] <sup>141</sup>	‘mel’
	/SV\$VC\$V/	[\$V\$V\$CV\$]	
	/i\$po\$ <b>ɛ</b> j\$/	[\$ɪ\$ ' p <sup>h</sup> o:\$ <b>ɛ</b> \$] <sup>142</sup>	‘é pesado’
	/SV\$CV\$VC\$/	[\$V\$CV\$V\$CV\$]	

Em palavras fonológicas compostas por duas ou mais sílabas, os padrões **V** e **CV** ocorrem em qualquer posição (início de sílabas iniciais e início de sílabas mediais e finais), predominando esse último padrão. Já os padrões **CVC** e **VC** só ocorrem em final de palavras, diante de pausa, como no Tapirapé (Leite, 2003). Portanto, sílabas com coda só são permitidas em final de palavra.

Todos os quatro padrões, **V**, **CV**, **CVC** e **VC**, finalizam palavras da língua Avá-Canoeiro. O mesmo ocorria no Proto-Tupi-Guarani, segundo Jensen (1999). Assim, o Avá-Canoeiro manteve os mesmos padrões silábicos do Proto-Tupi-Guarani e nas mesmas posições. Na Tabela 10 apresento a localização desses padrões silábicos nas palavras da língua Avá-Canoeiro.

Tabela 10: Distribuição das sílabas nas palavras do Avá-Canoeiro

	Sílaba Inicial	Sílaba Medial	Sílaba Final
	#__	\$__	__#
<b>V</b> <sup>1</sup>	+	+	+
<b>CV</b>	+	+	+
<b>CVC</b>	-	-	+
<b>VC</b>	-	-	+

<sup>1</sup> Como vimos, os padrões silábicos **CV** e **V** ocorrem em quaisquer posições da palavra fonológica do Avá-Canoeiro, diferentemente de **CVC** e **VC**, que se restringem às sílabas finais. Conforme Hyman (1975), a sílaba não marcada é a sílaba **CV**, ‘a estrutura silábica ótima’, a única encontrada em todas as línguas e a primeira a ser adquirida pelas crianças. Os demais tipos silábicos são considerados mais ou menos marcados ou não naturais. Restará, portanto, para estudos futuros, explicar melhor a ocorrência de sílabas **V** em todas as posições silábicas na língua Avá-Canoeiro, do mesmo modo que a sílaba **CV**.

A Tabela 11, a seguir, mostra a distribuição das consoantes do Avá-Canoeiro respectivamente nas seguintes posições silábicas: início de palavra (#\_\_), início de sílaba medial (\$\_\_), final de sílaba medial (\_\_\$) e final de palavra (\_\_#).

<sup>140</sup> Paiva (1996) não trata da sílaba do Avá-Canoeiro, limitando-se a mencionar as expressões ‘no início de palavra’, ‘em posição medial’, ‘em final de palavra’ (cf. ps. 31 e 46, respectivamente).

<sup>141</sup> Em **ei**a, temos a seguinte composição morfológica: /ei-a/ (mel-CN).

<sup>142</sup> O significado de /i-po-ɛj/ é (3-ser pesado).

Tabela 11: Distribuição das consoantes na sílaba do Avá-Canoeiro

	Sílaba Inicial	Sílaba Medial	Sílaba Medial	Sílaba Final
	#__	\$__	__\$	__# <sup>1</sup>
<b>p</b>	+	+	+	+
<b>t</b>	+	+	+	+
<b>k</b>	+	+	+	+
<b>k<sup>w</sup></b>	+	+	-	-
<b>ɸ<sup>2</sup></b>	+	+	+	+
<b>tʃ</b>	+	+	-	-
<b>m</b>	+	+	+	+
<b>n</b>	+	+	+	+
<b>ŋ</b>	-	+	+	+
<b>w</b>	+	+	+	+
<b>r</b>	+	+	+	+
<b>j</b>	+	+	+	+

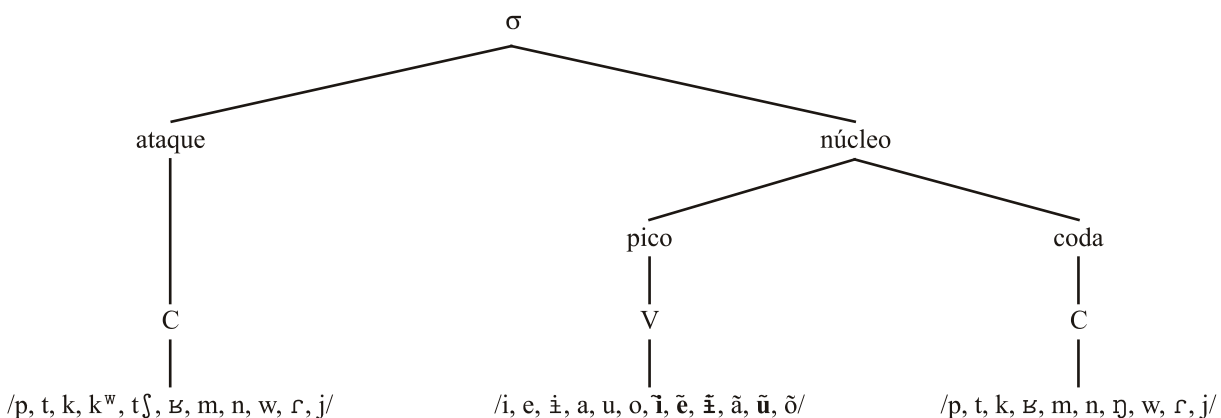
<sup>1</sup> Conforme Figueiredo (2004), todas as línguas do Subgrupo IV mantiveram consoantes em final de palavras. Segundo Rodrigues (1984/1985), a conservação das consoantes finais, com ou sem modificações, é um dos critérios classificatórios para o Subgrupo IV das línguas Tupi-Guarani.

<sup>2</sup> O maior número de ocorrências do fonema uvular /ɸ/ é em final de palavra, embora aconteça nas demais posições silábicas citadas.

A nasal velar /ŋ/ é a única consoante do Avá-Canoeiro que não inicia palavras. As únicas que não ocorrem nem em final de sílaba nem em final de palavras são a oclusiva velar labializada /k<sup>w</sup>/ e a africada /tʃ/. Portanto, não são permitidos esses dois segmentos complexos na posição de coda silábica. Quanto às vogais, todas podem ocorrer em todas as posições silábicas: início de palavra (#\_\_), início de sílaba medial (\$\_\_), final de sílaba (\_\_\$), final de palavra (\_\_#), em posição acentuada ou átona.

Pode-se representar como se segue a presença dos segmentos consonantais e vocálicos do Avá-Canoeiro na constituição silábica da língua:

(324) **Distribuição dos segmentos do Avá-Canoeiro na sílaba**



Foneticamente, há sílabas \$V\$ e \$CV\$, que ocorrem em qualquer posição da palavra fonológica, e \$CV\$ e \$VC\$, que, além de acontecerem em posições finais, ocorrem também em posições iniciais e mediais, resultantes do processo de consonantização das vogais altas /i/ e /u/ seguindo vogais (cf. (3.3.2.5)), como se segue:

(325)	/\$tu\$/\$aw\$/ /\$CV\$/\$VC\$/	[\$ <sup>h</sup> uj\$ 'a:w\$] [\$CV\$/\$VC\$]	‘é alto’
(326)	/\$pa\$/\$ku\$/\$u\$/ <sup>143</sup> /\$CV\$/\$CV\$/\$VC\$/	[\$p <sup>h</sup> a\$ 'qu:w\$/\$u\$] [\$CV\$/\$CV\$/\$VC\$]	‘pacu grande’
(327)	/\$o\$/\$i\$/\$ko\$/\$paw\$/ /\$V\$/\$VC\$/\$VC\$/	[\$oj\$ 'k <sup>h</sup> o:\$pəw\$] [\$VC\$/\$VC\$/\$VC\$]	‘par’
(328)	/\$a\$/\$u\$/\$pam\$/ <sup>144</sup> /\$V\$/\$VC\$/	[\$ 'a:w\$/\$pəm\$] [\$VC\$/\$VC\$]	‘comi tudo’

A consonantização da vogal anterior alta /i/ em [j] antecedendo a central baixa /a/, em início de palavra, conforme discutida em (3.3.2.5), pode ainda tornar a seqüência de sílabas \$V\$/\$VC\$ e \$V\$/\$V\$ em \$CV\$ e \$CV\$, nessa ordem.

No final de palavras, como já visto em (3.3.2.6), sílabas \$CV\$ tendem a realizar-se foneticamente como \$CV\$/\$CV\$ através do processo de inserção vocálica. Desse modo, uma sílaba final \$CV\$, por meio da inserção das vogais [ə] e [ɪ], torna-se \$CV\$/\$CV\$. Ao contrário, há sílabas \$CV\$ que passam a \$CV\$ através de apagamento de consoantes finais que compõem um morfema quando o próximo também começa por consoante (cf. (3.4.1)). Nos dois casos, sílabas \$CV\$ adequam-se ao padrão silábico básico da língua, CV.

Os quatro padrões silábicos \$V\$, \$CV\$, \$CV\$ e \$VC\$ do Avá-Canoeiro podem ocorrer como palavras isoladas. É o que comprovam os exemplos abaixo, nos quais sílabas fonológicas e fonéticas coincidem.

(329)	<b>\$V\$</b>	/\$ɛ\$/ /\$V\$/	[\$ 'ɛ:\$] [\$V\$]	‘água’
(330)	<b>\$CV\$</b>	/\$pe\$/ /\$CV\$/	[\$ 'p <sup>h</sup> e:\$] [\$CV\$]	‘vocês’
(331)	<b>\$CV\$</b>	/\$tam\$/ /\$CV\$/	[\$ 't <sup>h</sup> ə:m\$] [\$CV\$]	‘corda’
(332)	<b>\$VC\$</b>	/\$aɛ\$/ /\$VC\$/	[\$ 'a:ɛ\$] [\$VC\$]	‘dia’

<sup>143</sup> A composição morfológica de /paku-uɛu/ é (pacu-aum).

<sup>144</sup> A estrutura morfológica de ‘comi tudo’ é /a-u-pam/ (1sg-comer-asp.compl.).

Cabe ressaltar ainda que, da mesma forma que não há coincidência sempre entre sílabas fonéticas e fonológicas do Avá-Canoero, as fronteiras dessas últimas nem sempre coincidem com as fronteiras morfológicas, como demonstram os exemplos a seguir. Portanto, há morfemas que equivalem a uma única sílaba, bem como morfemas compostos por várias sílabas.

(333)	/+na+i+katu+i+/ /neg=3-ser bonito-neg/ /\$CV\$V\$CV\$CV\$V\$/ /neg=3-ser bonito-neg/ /\$CV\$V\$CV\$CV\$V\$/ /neg=3-ser bonito-neg/ /\$CV\$V\$CV\$CV\$V\$/		[\$ , naj\$ka\$ ' t <sup>h</sup> uj\$]		‘não é bonito’
(334)	/+tʃi+r+epoti+/ Iposs=rel-fezes /\$CV\$CV\$CV\$CV\$V\$/ Iposs=rel-fezes /\$CV\$CV\$CV\$CV\$V\$/		[\$ , tʃi\$re\$ ' p <sup>h</sup> o:\$tʃi\$]		‘minhas fezes’
(335)	/+tiʔamana+ jacaré /\$CV\$CV\$CV\$CV\$V\$	+ʔ+upia+/ rel-ovo \$CV\$CV\$V\$/ +ʔ+upia+/ rel-ovo \$CV\$CV\$V\$/	[\$tʃi\$ ' ʔm̃m̃ñ\$]	\$gU\$ ' p <sup>h</sup> i\$e\$]	‘ovo de jacaré’

As demais línguas do Subgrupo IV possuem esses mesmos padrões silábicos: \$V\$, \$CV\$, \$CVCS\$ e \$VCS\$ (cf. Eiró (2001, 2001a, 2002), para o Tembé; Barbosa (1993), para o Suruí do Tocantins; Gomes (1991) e Silva (1999), para o Parakanã; Harrison (1971), para o Asurini do Tocantins; Bendor-Samuel (1972), para o Guajajara; Leite (1995, 2003), para o Tapirapé).

### 3.6 Acento

Nesta seção, de forma ainda bastante embrionária, teço algumas considerações sobre o acento do Avá-Canoero, tendo como fundamentação teórica o trabalho de Hyman (1975), para quem o acento pode ser definido pelas suas propriedades fonéticas e por sua função lingüística.

Houve nessa língua o deslocamento do acento primário do Proto-Tupi-Guarani da primeira sílaba à direita para a esquerda, o que também ocorreu no Asurini do Tocantins<sup>145</sup>, do Subgrupo IV (cf. Rodrigues (1984/1985) e Harrison (1971)). Assim, a maior parte das palavras do Avá-Canoero recebe o acento primário nas penúltimas sílabas dos radicais, como se segue<sup>146</sup>:

<sup>145</sup> De acordo com Cabral (1998), houve esse deslocamento acentual também em Chiriguano (Subgrupo I), Guarayo (Subgrupo II) e Wayampi (Subgrupo VIII).

<sup>146</sup> Em Paiva (1996), as informações sobre o acento são bem resumidas. O autor restringe-se a dizer: “no Avá, as palavras podem ser oxítonas, paroxítonas (maioria) ou proparoxítonas”; “o acento oxítono tornou-se paroxítono” (ps. 50 e 58, respectivamente). No entanto, nada explica sobre a distinção entre esses padrões acentuais, limitando-se a fornecer alguns exemplos de cada. Além disso, apresenta uma hipótese para a qual tenho pelo menos um contra-exemplo. De acordo com ele, “quando a palavra termina em vogal nasal, o acento parece recair obrigatoriamente na última sílaba” (p. 51). Mas em /\$tʃi\$to\$/ /\$CV\$CV\$/ [\$ ' tʃi:\$to\$] ([\$CV\$CV\$]) ‘eu’, o acento recai na penúltima sílaba, não na última como se esperaria pela afirmação.



(336)	/\\$ja\\$ka\\$re\$/ /SCV\$CV\$CV\$/	[\$ja\$ 'k <sup>h</sup> a:\$rɪ\$] [SCV\$CV\$CV\$]	~	[\$ja\$ 'k <sup>h</sup> a:\$lɪ\$] [SCV\$CV\$CV\$]	‘jacaré’ <sup>147</sup>
(337)	/\\$a\\$wa\\$ti\$/ /SV\$CV\$CV\$/	[\$ə\$ 'wa:\$tʃɪ\$] [SV\$CV\$CV\$]	~	[\$ə\$ 'βa:\$tʃɪ\$] [SV\$CV\$CV\$]	‘milho’
(338)	/\\$o\\$-kɪ\\$ti\$/ 3sg-cortar /SV\$CV\$CV\$/	[\$o\$ 'k <sup>h</sup> ɪ:\$tʃɪ\$] [SV\$CV\$CV\$]			‘ele cortou’

Esse deslocamento acentual para a esquerda é um dos aspectos que diferem o Avá-Canoeiro do Tapirapé e do Tembé. Nesta última, de acordo com a análise de Eiró (2001, 2001a), o acento recai na sílaba final de palavras dissilábicas, e, em casos de flexão, as palavras são acentuadas na penúltima sílaba ou na antepenúltima, dependendo se o sufixo é monossilábico ou dissilábico. O Tapirapé também recebe acento primário na última sílaba da palavra fonológica, mas, como a maioria dos sufixos é átona, há palavras paroxítonas e proparoxítonas (cf. Leite, 1977, 2003)<sup>148</sup>.

A despeito do acento primário do Avá-Canoeiro ter se deslocado para a penúltima sílaba, há muitas palavras fonéticas oxítonas na língua, o que ocorre quando a última sílaba é pesada, ou seja, terminada em consoante (\$CVCS\$ e \$VC\$)<sup>149</sup>. É o que ilustram os exemplos abaixo:

(339)	/SV\$CV\$CVCS\$/	/a-jepɪk/ 1sg-pegar, agarrar	[\$ə\$ʒe\$ 'p <sup>h</sup> ɪ:k <sup>ʔ</sup> \$] [SV\$CV\$CVCS\$]	‘eu peguei, agarrei’
(340)	/V\$CV\$CV\$CVCS\$/	/o-jiwiɾok/ 3sg-rasgar	[\$o\$, ʒɪ\$wɪ\$ 'rɔ:k <sup>ʔ</sup> \$] [SV\$CV\$CV\$CVCS\$]	‘ele rasgou’
(341)	/SCV\$CV\$CV\$CVCS\$/	/takɪwɪɾap/ [SCV\$CV\$CV\$CVCS\$]	[\$t <sup>h</sup> ə\$, kɪ\$wɪ\$ 'ra:p <sup>ʔ</sup> \$] [SCV\$CV\$CV\$CVCS\$]	‘atrás de’

No entanto, a tendência da língua é tornar essas palavras paroxítonas, por meio do processo da inserção vocálica, explicitado em (3.3.2.6). Assim, as palavras acima realizam-se preferencialmente como se segue:

(339a)	/SV\$CV\$CVCS\$/	/a-jepɪk/ 1sg-pegar, agarrar	[\$, ə\$ʒe\$ 'p <sup>h</sup> ɪ:\$kə\$] [SV\$CV\$CV\$CV\$]	‘eu peguei, agarrei’
(340a)	/V\$CV\$CV\$CVCS\$/	/o-jiwiɾok/ 3sg-rasgar	[\$o\$, ʒɪ\$wɪ\$ 'rɔ:\$kə\$] [SV\$CV\$CV\$CV\$CV\$]	‘ele rasgou’
(341a)	/SCV\$CV\$CV\$CVCS\$/	/takɪwɪɾap/ [SCV\$CV\$CV\$CV\$CV\$]	[\$t <sup>h</sup> ə\$, kɪ\$wɪ\$ 'ra:\$pə\$] [SCV\$CV\$CV\$CV\$CV\$]	‘atrás de’

<sup>147</sup> Apesar de **jakare** existir na variedade de Goiás, a palavra mais usada é **tʃizamana** [tʃɪ 'ɛə:mə̃nə]. No Estado do Tocantins, no entanto, essa palavra parece ser desconhecida, sendo usada apenas **jakare**.

<sup>148</sup> Bastante parecido com o Tapirapé é o Parakanã. Silva (1999) explica que o acento nessa língua recai na última sílaba dos temas, inclusive com sufixos derivacionais. Há casos de palavras paroxítonas e proparoxítonas quando à raiz são acrescentados sufixos flexionais.

<sup>149</sup> Em muitas línguas o acento relaciona-se a sílabas pesadas, como em Árabe Clássico, em que o acento recai na primeira sílaba pesada da palavra (Hyman, 1975: 206).

O processo de inserção vocálica também faz com que haja no Avá-Canoeiro palavras fonéticas proparoxítonas, como nos exemplos seguintes. Assim, a ressilabificação cria uma sílaba a mais, provocando uma pronúncia proparoxítona. Esse processo de inserção mostra como sílaba e acento estão relacionados na língua.

(342)	/V\$CV\$CV\$CV\$VC\$/	/ere-k <sup>w</sup> atiaɸ/	[Se\$, re\$ka\$ 'tʃi:\$ə\$ɸə\$]	‘você escreveu’
		2sg-escrever, desenhar	[V\$CV\$CV\$CV\$V\$CV\$]	
(343)	/V\$CV\$CV\$C\$/	/o-kî:tîk/	[So\$ 'k <sup>h</sup> î:\$tî\$ke\$]	‘ele esfregou’
		3sg-esfregar	[V\$CV\$CV\$CV\$]	
(344)	/SCV\$CV\$C\$/	/ka-kîɸ/	[ 'k <sup>h</sup> a:\$kî\$ɸə\$]	‘folha, mato’
		mata-verde	[CV\$CV\$CV\$]	
(345)	/V\$CV\$CV\$C\$/	/î:watiŋ/	[î\$ 'wa:\$tʃi\$ŋə\$]	‘nuvem’
			[V\$CV\$CV\$CV\$]	

Em suma, o acento primário do Avá-Canoeiro é previsível, fixo, não-fonêmico: as palavras são paroxítonas, exceto quando a última sílaba é pesada (SCVC\$ e VC\$), situação em que podem ser oxítonas, caso não haja inserção de vogal<sup>150</sup>. Se houver, novamente se terá uma palavra fonética paroxítona. Essa inserção pode levar ainda ao aparecimento de palavras fonéticas proparoxítonas. Portanto, o acento do Avá-Canoeiro tem ‘função culminativa’, já que apenas uma sílaba de cada palavra é proeminente, recebendo o acento primário. Conforme as análises disponíveis, a única língua do Subgrupo IV que possui acento distintivo é o Suruí do Tocantins (cf. Barbosa, 1993).

Esse mesmo padrão acentual ocorre também em casos de sufixação (cf. (346), (347) e (348)), composição (cf. (349)) e em sintagmas posposicionais (formados por [nome + posposição]) (cf. (350)). É o que se vê nos exemplos a seguir, cujos acentos ocorrem na penúltima sílaba, tanto em palavras isoladas, não flexionadas e não derivadas, quanto nas compostas, naquelas com sufixação ou com posposição, exceto quando a última sílaba é pesada. Novamente aqui vemos a relação que se estabelece na língua entre sílaba e acento.

(346)	/So\$ka\$-pe\$/	[So\$ 'k <sup>h</sup> a:\$pe\$]	‘na casa’
	casa-loc		
	/V\$CV\$CV\$C\$/	[V\$CV\$CV\$]	
	(Compare-se com [ 'o:\$ke\$] ([V\$CV\$]) ‘casa’)		
(347)	/mo\$ka\$u\$-u\$ɸu\$/	[ , mo\$ka\$w\$ 'u:\$ɸu\$]	‘espingarda’
	arma-aum		
	/SCV\$CV\$V\$V\$CV\$C\$/	[CV\$CV\$CV\$V\$CV\$]	
	(Compare-se com [mo\$ 'k <sup>h</sup> a:w\$] ([CV\$CV\$C\$]) ‘arma’)		

<sup>150</sup> Hyman (1975) chama atenção para o fato de que as distinções relacionadas a peso silábico são variáveis importantes no estabelecimento da posição do acento numa dada língua.

- (348) /i\$ta\$-kĩ\$e\$-u\$/                      [ , ɪtə\$ki:~\$'εw\$]                      'facão'  
 pedra-faca-aum  
 /SV\$CV\$CV\$V\$V\$/                      [V\$CV\$CV\$V\$CV\$]  
 (Compare-se com [ \$'i:~tə\$ ] ([SV\$CV\$]) 'pedra' e [ \$'k^hĩ:~e\$ ] ([CV\$V\$]) 'faca')
- (349) /\$ta\$ja\$u\$                      \$o\$/                      [t^h a\$'za:~\$wo\$] ~ [t^h a\$'ja:~\$wo\$]                      'carne de porco'  
 porco                      carne  
 /\$CV\$CV\$V\$                      \$V\$/                      [CV\$CV\$CV\$]                      [CV\$CV\$CV\$]  
 (Compare-se com [t^h a\$'za:~\$w\$] ([CV\$CV\$]) 'porco' e [ \$'o\$ ] ([V\$]) 'carne')
- (350) /\$mo\$ni\$ka\$                      \$ɸ-u\$pi\$/                      [ , mō\$ni\$ke\$'ɸu:~\$pɪ\$]                      'com a Mônica'  
 nome próprio                      rel-posp  
 /\$CV\$CV\$CV\$                      \$CV\$CV\$/                      [CV\$CV\$CV\$CV\$CV\$]  
 (Compare-se com [ \$'mō\$ni\$ke\$ ] ([CV\$CV\$CV\$]) 'nome próprio' e [ \$'ɸu:~\$pɪ\$ ] ([CV\$CV\$]) 'com').

Em palavras polissilábicas ocorre também um acento secundário, à esquerda do primário, como demonstram (351), (352), (353) e (354). Esse acento recai sempre numa sílaba anterior àquela em que está o acento primário e intercala uma ou duas sílabas entre eles. Por conseguinte, temos a seguinte organização acentual nas palavras polissilábicas:

sílaba com acento secundário-sílaba 1-(sílaba 2)- sílaba com acento primário
--

- |       |                            |  |   |          |
|-------|----------------------------|--|---|----------|
| (351) | /CV\$CV\$CV\$CV\$CV\$/     | /tatu-piraj/<br>tatu-vermelho            | [t^h a\$ , tu\$pi\$'rẽ:~\$ŋə\$]<br>[CV\$CV\$CV\$CV\$CV\$] | 'tatu'   |
| (352) | /CV\$CV\$CV\$V\$CV\$/      | /mepenoan/                               | [me\$ , pẽ\$no\$'ẽ:n\$]<br>[CV\$CV\$CV\$V\$CV\$]          | 'um'     |
| (353) | /V\$CV\$CV\$V\$V\$V\$CV\$/ | /awa-r-ea-aĩj/<br>gente-rel-olho-semente | [Sa\$ , wa\$re\$'ẽ:\$ĩj\$]<br>[V\$CV\$CV\$V\$V\$CV\$]     | 'pupila' |
| (354) | /CV\$CV\$CV\$V\$V\$V\$/    | /tamanoa-i/<br>tamanoá-dim               | [t^h a , mẽnoa' i]<br>[CV\$CV\$CV\$V\$V\$V\$]             |          |

## Conclusão

Meu objetivo neste capítulo foi o de fornecer uma descrição o máximo possível detalhada e abrangente da fonologia do Avá-Canoeiro, baseando-me nos pressupostos teórico-metodológicos de Gleason (1985). Inicialmente apresentei os contrastes entre os fonemas consonantais e vocálicos, tendo chegado aos seguintes inventários: /p, t, k, k<sup>w</sup>, tʃ, ɸ, m, n, ŋ, w, r, j/ e /i, e, ã, a, u, o, ỹ, ẽ, ẽ, ã, ã, ã, õ/. Comparei, quando pertinente, o estudo de Paiva (1996) com os resultados que obtive, tentan-

do ainda confrontá-los aos dados de outras línguas Tupi-Guarani, particularmente do Subgrupo IV. Quando havia distinções entre as variedades de Goiás e do Tocantins, estas foram apontadas.

Em seguida, discuti os processos fonológicos pelos quais passam as consoantes e as vogais do Avá-Canoeiro e os processos morfofonológicos por elas evidenciados em junções morfêmicas. Ressalto, contudo, que esses processos deverão ser objetos de estudos futuros, por terem sido aqui apenas superficialmente discutidos, devido à carência de dados. Será necessário observar, por exemplo, como esses processos morfofonológicos atuam na reestruturação silábica da língua e explicar melhor a centralização vocálica em posição átona.

Na parte relativa à sílaba, mostrei quais são os tipos que ocorrem no Avá-Canoeiro, a distribuição das consoantes e das vogais nas sílabas e as sílabas fonológicas e fonéticas, bem como a distribuição dos tipos silábicos nas palavras da língua. O que se nota é que os padrões silábicos do Proto-Tupi-Guarani permaneceram no Avá-Canoeiro (V, CV, CVC, VC). Por fim, foi tratado de forma ainda preliminar o acento da língua, que se deslocou para a esquerda, fazendo com que as palavras sejam eminentemente paroxítonas, embora haja oxítonas e proparoxítonas, sendo estas resultantes também do processo de inserção de vogal epentética em final de palavras terminadas por consoantes, tratado em (3.3.2.6). No entanto, uma melhor compreensão do acento do Avá-Canoeiro, bem como da constituição silábica e dos processos de epêntese e alongamento vocálicos ainda demandará novos estudos, principalmente da prosódia da língua. Por hora, o que pude notar foi que o acento é previsível, fixo e não fonêmico, possuindo uma função culminativa.

Por meio de algumas considerações diacrônicas, mostrei que o sistema fonológico consonantal do Proto-Tupi-Guarani reduziu-se no Avá-Canoeiro, em decorrência da perda total da série palatalizada (\*p<sup>j</sup> e \*k<sup>j</sup>), da africada alveolar \*ts, da oclusiva glotal \*ʔ e da fricativa bilabial \*β. Por outro lado, houve ‘ganhos’. A mudança mais marcante parece ter sido o surgimento da fricativa uvular vozeada /ʁ/, inexistente nas demais línguas Tupi-Guarani, a partir de \*ts, \*tʃ, e \*r, em contigüidade a vogais não-antérieures. No entanto, ressalto, essa mudança não afetou todas as palavras da língua que tinham esse contexto fonológico propício. Ocorreu, portanto, mudança esporádica, como discutido em (3.1.4.1). As vogais do Proto-Tupi-Guarani, por sua vez, mantiveram-se inalteradas ou passaram por pequenas modificações em palavras específicas, não caracterizando mudança regular e sistemática. A mudança vocálica mais freqüente foi a desnasalização de vogais anteriores e posteriores em final de palavra.

Após ter feito essa descrição de aspectos fonológicos do Avá-Canoeiro, tratarei no próximo capítulo da classe de nomes da língua.

## Capítulo 4

### O nome na língua Avá-Canoeiro

While all languages make parts-of-speech distinctions, there are rather striking differences between languages with regard to both the kind and the number of such distinctions that they make. A field worker investigating an unfamiliar language may therefore find it useful to know what generalizations can be made about parts-of-speech systems.<sup>151</sup>

Schachter (1985: 03)

#### 4. Introdução

Com base nos trabalhos de Anderson (1985a, b), Andrews (1985), Comrie (1985), Schachter (1985), Payne (1997), DeLancey (2001), Givón (2001), Seki (2001, 2002) e Dixon (2002), neste e nos próximos três capítulos analiso as classes de palavras do Avá-Canoeiro. Conforme os critérios propostos por Schachter (1985), são reconhecidas sete classes nessa língua, sendo *três abertas* (nomes, verbos e formas adverbiais) e *quatro fechadas* (pronomes pessoais, demonstrativos, posposições e partículas). Neste capítulo abordo os nomes. Nos Capítulos 5 e 6, respectivamente, trato dos verbos e das formas adverbiais temporais, locativas, quantificadoras e de modo. Já as classes fechadas são discutidas no Capítulo 7.

Para a definição das classes de palavras do Avá-Canoeiro foram priorizadas as características morfossintáticas de cada uma, levando-se em consideração sua *estrutura interna* (cons-

---

<sup>151</sup> Tradução livre: “Todas as línguas estabelecem distinções entre as classes de palavras, mas há mais diferenças entre as línguas com relação ao tipo e ao número de distinções que essas manifestam. Para um pesquisador de campo que investiga uma língua desconhecida é importante saber quais generalizações podem ser feitas sobre os sistemas de classes de palavras”.

tituição, morfologia flexional e derivacional, processos fonológicos e morfofonológicos por que passam etc) e suas *propriedades funcionais* (sua distribuição em sintagmas e orações, funções que possuem – como argumentos, adjuntos e modificadores – e relações que estabelecem com outras palavras etc). Sigo, assim, o que recomendam os autores em que me baseio: que o reconhecimento das classes de palavras do Avá-Canoeiro seja feito fundamentando-se em *critérios gramaticais internos à língua*, os quais serão discutidos e exemplificados nos capítulos dedicados especificamente a cada uma das classes. Quando necessário, foram empregados ainda critérios semânticos como o da alienabilidade para o nome. Esta classe em Avá-Canoeiro, objeto de análise deste capítulo, caracteriza-se do ponto-de-vista morfológico por receber prefixos relacionais e sufixos de caso nuclear {-a}, caso não-marcado {-∅} e locativo {-pe} e, sintaticamente, por ocorrer como núcleo dos sintagmas nominais. Do ponto-de-vista semântico, os nomes designam entidades em geral.

#### 4.1 A Categoria de posse

No Avá-Canoeiro não há marcas específicas para posse alienável e inalienável. Assim como em muitas outras línguas, os nomes dividem-se em subclasses semânticas, que se distinguem ainda por propriedades morfossintáticas, como elementos que os estruturam e funções sintáticas que desempenham (cf. Nichols (1988)). Conforme a marcação de posse, os nomes do Avá-Canoeiro podem ser divididos, como se segue, de acordo com a ‘oposição de alienabilidade’. Segundo Nichols (1988), as línguas que manifestam essa ‘oposição’ diferem ‘posse alienável’ de ‘posse inalienável’.

1) **Nomes não-possuídos**: não recebem os prefixos relacionais ({i-} e {r-}), discutidos em (4.1.1.1), e quase nunca admitem a indicação de um possuidor. Apenas excepcionalmente aparecem como possuídos. Compõem essa subclasse palavras que designam elementos e fenômenos da natureza, tais como astros, formações geográficas, animais não domesticados, plantas, minerais e termos referentes a pessoas. Do ponto-de-vista sintático, os nomes não-possuídos quase nunca compõem o núcleo de um sintagma nominal genitivo. Exemplos dessa subclasse de nomes estão na Tabela 12.

Tabela 12: Nomes não-possuídos do Avá-Canoeiro

Glosas	Palavras em Avá-Canoeiro	Realizações Fonéticas
1. ‘sol’	k <sup>w</sup> aɕ	[ 'k <sup>w</sup> a:ɕə]
2. ‘manhã’	koem	[k <sup>h</sup> o'ẽ:mə]
3. ‘estrela’	jaĩtata	[ ,ʒaĩ't <sup>h</sup> a:tə]
4. ‘rio’	ĩakã	[ ,ĩa'k <sup>h</sup> ã:]
5. ‘capivara’	karĩwĩɕa	[k <sup>h</sup> a'p <sup>h</sup> i:wĩɕə]
6. ‘piabanha’	pioi	[p <sup>h</sup> ɪ'o:j]
7. ‘trairão’	tareĩuɕu	[ ,t <sup>h</sup> arej'u:ɕu]
8. ‘coco’	mukaja	[mu'k <sup>h</sup> a:ʒə]
9. ‘palmeira’	piɲuwa	[ 'p <sup>h</sup> ɪ:ɲuɔwə]
10. ‘fogo’	tata	[ 't <sup>h</sup> a:tə]
11. ‘pedra’	ita	[ 'i:tə]
12. ‘chuva’	amana	[ 'ə:mãnə]
13. ‘água’	ĩ	[ 'ĩ:]
14. ‘menino’	kuɾum	[k <sup>h</sup> u'fũ:m]
15. ‘mulher’	kujã	[k <sup>h</sup> ũ'ɲɛ:]
16. ‘nome próprio’	iawi	[ja'wi:]

Palavras que designam animais não selvagens ou criados nas casas dos Avá-Canoeiro<sup>152</sup>, por outro lado, recebem prefixos relacionais e marcadores de pessoa e fazem parte da classe dos nomes inalienavelmente possuídos, conforme veremos adiante. Os exemplos a seguir ilustram o que foi dito:

(355) **t**ɕi=∅-jawaɕa-∅ ‘é meu cachorro’  
**1**poss=**rel**-cachorro-CNM  
 [tɕɪ'ʒaG<sup>w</sup>əɕə]

(356) **ne**=∅-kawaɕu-∅ ‘é teu cavalo’  
**2**poss=**rel**-cavalo-CNM  
 [ ,neka'waɕu]

2) **Nomes alienavelmente possuídos**: ocorrem opcionalmente com os prefixos relacionais e marcadores de pessoa. Nessa subclasse estão incluídas palavras que designam utensílios domésticos, armas e ferramentas, como demonstram os exemplos na Tabela 13.

<sup>152</sup> Como vimos no Capítulo 2, os Avá-Canoeiro, principalmente os de Goiás, possuem muitos animais de estimação.

Tabela 13: Nomes alienavelmente possuídos do Avá-Canoeiro

Glosas	Palavras em Avá-Canoeiro	Exemplos		
1. ‘arco’	ĩɁapapɁ	tʃi=∅-ĩɁapapɁ-∅ 1poss=rel-arco-CN [tʃĩ 'Ɂa:pəpə]		‘meu arco’
2. ‘cesta, sacola, mala, bolsa, mochila’	ipĩɁu	ni=r- ipĩɁu-∅ 2poss=rel-cesta-CN [ , nɪrɪ 'pʰĩ:Ɂu]		‘tua cesta’
3. ‘cesta’	topetiŋ	topetiŋ-∅ cesta-CN [tʰo 'pʰe:tʃĩŋə]	katu ser bonita kʰa 'tʰu: ]	‘cesta bonita’
4. ‘panela’	itajaẽ	itajaẽ-∅ panela-CN [ , ɪtə 'nə:ẽ]	i-poĩj 3-ser pesada ɪ 'pʰo:ĩzə]	‘A panela é pesada’
5. ‘prato’	itajaẽpewa	matʃa-∅ nome próprio-CN [ 'ma:tʃə]	r-itajaẽpewa rel-prato [ , rɪtə 'nə:ẽ 'pʰe:wə]	‘o prato da Matxa’
6. ‘faca’	kĩe	kĩe-∅ faca-CN [ 'kʰĩ:e]	tuiaw ser velha tʰuɟ 'a:w]	‘faca velha’
7. ‘anzol’	itapina	iawi-∅ r-itapina nome próprio-CN [ja 'wi:	‘O anzol do lawi’ rel-anzol [ , rɪta 'pʰĩ:nə]	
8. ‘corda, arame’	tam	i- tam-∅ 3-corda-CN [ɪ 'tʰə:m]		‘corda dele’
9. ‘machado’	jĩkiwar	jĩkiwar-∅ machado-CN [zĩ 'kʰĩ:warə]	i-pĩaw 3-ser novo [ , ɪpʰĩ 'aw]	‘O machado é novo’
10. ‘enxada’	itapɔɔge	ko dem enxada-CN [qo , ɪtapo 'Ɂo:rɪ]	itapɔɔge-∅	‘esta enxada’

3) **Nomes inalienavelmente possuídos**: ocorrem obrigatoriamente antecidos pelo prefixo relacional {r-} (que se realiza como /r-/ ou /Ɂ-/ antes de vogal e como /∅-/ anteceden- do consoante) e apresentam sempre um possuidor, expresso por meio de sintagmas nominais, de marcas pessoais ou dos dois. Funcionam como nomes presos, já que nunca podem ocorrer sem o marcador possessivo. Entre os nomes inalienavelmente possuídos incluem-se palavras que designam partes do corpo humano, dos animais e de plantas, elementos diretamente ligados ao homem e aos animais, relações de parentesco e animais domésticos. Os exemplos na Tabela 14 ilustram essa subclasse nominal.



Tabela 14: Nomes inalienavelmente possuídos do Avá-Canoeiro

Glosas	Palavras em Avá-Canoeiro	Exemplos		
1. ‘calcanhar’	pîta	i-pîta-Ø 3-calcanhar-CN [ɪ'pʰi:tə]		‘calcanhar dele’
2. ‘joelho’	îpia	ni=r-îpia-Ø 2poss=rel-joelho-CN [,nɪrî'pʰi:ə]		‘teu joelho’
3. ‘orelha’	nami	tʃi=Ø-nami-Ø 1poss=rel-orelha-CN [tʃɪ'nə:mɪ]		‘minha orelha’
4. ‘asa’	pepo	i-pepo-Ø 3-asa-CN [ɪ'pʰe:pʊ]		‘asa dele’
5. ‘chifre’	añi	watʃu-Ø veado-CN ['wa:tʃʊ]	r-añi rel-chifre ra'tʃi:	‘o chifre do veado’
6. ‘galho’	akã	îwɛa-Ø árvore-CN ['i:wɛə]	ɛ-akã rel-galho ɛa'kʰə:	‘o galho da árvore’
7. ‘folha’	ow	petim-Ø r-ow fumo-CN ['pʰe:təmə]	‘a folha do fumo’ rel-folha 'ro:wə]	
8. ‘alma’	aŋ	ni=ɛ-aŋ-Ø 2poss=rel-alma-CN [nɪ'ɛə:ŋə]		‘tua alma’
9. ‘rede’	kiaú	i-kiaú-Ø 3-rede-CN [,ɪkî'a:w]		‘rede dela’
10. ‘fezes’	epoti	kawaɛu-Ø cavalo-CN [kʰa'wa:ɛʊ]	r-epoti rel-fezes re'pʰɔ:tʃɪ]	‘o cocô do cavalo’
11. ‘esposa’	emireko	iawi-Ø nome próprio-CN [ja'wi:	r-emireko rel-esposa	‘a mulher do Iawi’ re'mi:reqo]
12. ‘cancão (espécie de pássaro)’	akaj	tʃi=ɛ-akaj-Ø 1poss=rel-cancão-CN [,tʃɪɛa'kʰa:j]		‘meu câncão’

### 4.1.1 Marcadores de posse

A categoria de posse é codificada no nome, na primeira e na segunda pessoas, por meio de pronomes clíticos<sup>153</sup>, e na terceira pelo prefixo relacional {i-}, expostos na Tabela 15. Esses pronomes marcam o possuidor de nomes possuídos. Além desses pronomes clíticos, a posse é indicada pelos prefixos relacionais, de que trato na próxima seção.

Tabela 15: Pronomes Clíticos do Avá-Canoeiro

	Série III
<b>Pessoas verbais</b>	So/ P/Oposp/possuidor
<b>1ª sg</b>	tʃi= ~ tʃe=
<b>2ª sg</b>	ne= ~ ni= ~ na=
<b>1ª pl.incl.</b>	jane=
<b>1ª pl.excl.</b>	ore=
<b>2ª pl</b>	pe=
<b>3ª</b>	Prefixo Relacional {i-}

#### 4.1.1.1 Prefixos Relacionais<sup>154</sup>

Em Avá-Canoeiro os nomes possuíveis são marcados pelos prefixos relacionais {r-} e {i-}, os quais expressam a relação entre o possuidor e o nome possuído. Segundo a interpretação de Seki (2000), para o Kamaiurá, que parece ser a que melhor se aplica ao Avá-Canoeiro<sup>155</sup>, os prefixos relacionais demonstram se a referência ao possuidor é específica ou indefinida, levando-se em conta sua função gramatical, o tipo de construção e o tipo de referência expressa. A presença dos prefixos relacionais nos nomes do Avá-Canoeiro mostra uma marcação no núcleo, do tipo “*head-marking*” (cf. Nichols (1986)). Para essa autora a morfologia identifica as relações sintáticas que

<sup>153</sup> Os pronomes pessoais clíticos serão abordados em maior detalhe no Capítulo 7, dedicado às classes fechadas de palavras.

<sup>154</sup> Para descrições sobre os prefixos relacionais de línguas do Subgrupo IV, consultem-se os trabalhos de Cabral (1997), sobre o Asurini do Tocantins, e Duarte (2004), sobre o Tenetehára.

<sup>155</sup> A interpretação de prefixos relacionais tradicionalmente adotada nos trabalhos do Prof. Aryon Rodrigues (cf., por exemplo, Rodrigues (1996, 2001)) e de muitos outros pesquisadores de línguas Tupi-Guarani (cf. Cabral (1997, 2000a)) considera a contigüidade ou não do possuidor ao nome possuído, dependendo disso a ocorrência de um ou outro prefixo. Adoto aqui a análise de Seki (2000) e não as de Rodrigues, porque aquela privilegia também a função anafórica dos elementos, o que parece estar bastante presente nos dados do Avá-Canoeiro de que disponho.



## b) Alomorfe /ɓ-/ ( \_\_V)

- (361) tʃi=ɓ-upawa-Ø 'minha cama'  
 1poss=rel-cama-CN  
 [ , tʃɪɓʊ 'pʰawə]
- (362) tʃi=ɓ-ajikaŋ-a 'minha mandíbula'  
 1poss=rel-mandíbula-CN  
 [tʃɪ , ɓəʒɪ 'kʰəŋə]
- (363) ni=ɓ-owî-Ø 'teu sangue'  
 2poss=rel-sangue-CN  
 [nɪ 'ɓowî]
- (364) jaku-Ø                    ɓ-upia                    'ovo de jacu'  
 jacu-CN                    rel-ovo  
 [ʒa , qʊɓʊ 'pʰiə]

No entanto, ainda não sei precisar a distinção entre esses alomorfes. O que foi possível constatar com relação aos dois foi que, nos contextos onde o /ɾ-/ ocorre, o /ɓ-/ não pode ocorrer. Ao contrário, os nomes que recebem o alomorfe /ɓ-/ aceitam também o /ɾ-/. Creio que este seja mais um caso em que os fonemas /ɾ/ e /ɓ/, que coincidem aqui com os alomorfes do prefixo relacional {ɾ-}, estão em flutuação na língua Avá-Canoeiro, o que foi apontado em (3.1.4).

A seguir apresento exemplos do alomorfe /Ø-/, que precede nomes que começam com consoante.

## c) Alomorfe /Ø-/ ( \_\_C)

- (365) tʃi=Ø-men-a 'meu marido'  
 1poss=rel-marido-CN  
 [tʃɪ 'mēnə]
- (366) tʃi=Ø-jîwape-Ø 'meu ombro'  
 1poss=rel-ombro-CN  
 [tʃɪ 'ʒîwapɪ]
- (367) ni=Ø-jîwa-Ø 'teu braço'  
 2poss=rel-braço-CN  
 [nɪ 'ʒîwə]
- (368) monika -Ø                    Ø-jɔɓ                    'boca da Mônica'  
 nome próprio-CN                    rel-boca  
 [ 'mõnɪkə                    'ʒɔɓə]

O prefixo {r-} ocorre também com a função de objeto de posposições, como ilustram os seguintes exemplos:

(369)	<b>V</b>	<b>Sposp</b>			
(369a)	o-ata 3sg-andar	ɨpɨaj escuro	<b>ɤ-upi</b> rel-posp		‘Ele andou no/pelo escuro’
	[o'atə	,ɨp <sup>h</sup> ɨ'adʒɪ	'ɤupɪ]		
(370)	<b>V</b>	<b>Sposp</b>			
(370a)	a-ike 1sg-entrar	aɤakare-∅ galinha-CN	r-etam rel-casa	<b>ɤ-upi</b> rel-posp	‘Eu entrei no galinheiro’
	[a'ike	,aɤa'k <sup>h</sup> arɪ	'retəmə	'ɤupɪ]	
(370b)	o-juɤ 3sg-vir	ne=r- <b>enone</b> 2sg=rel-posp			‘Ele veio antes de você’
	[o'ʒuɤə	,nerẽ'nõne]			

## 2) O prefixo {i-}

O prefixo relacional {i-}, cujo único alomorfe é /i-/, tanto antes de vogais quanto de consoantes, possui três funções na língua: 1) marca o possuidor de uma terceira pessoa específica e definida, que havia sido mencionada antes na fala ou que se pode recuperar pelo contexto (cf. (371a) e (371b)); 2) indica um sujeito de terceira pessoa de verbos intransitivos descritivos (So), funcionando como um pronome de terceira pessoa (cf. (372a) e (372a)); e 3) marca o objeto de uma posposição (cf. (373a)), como se segue.

(371)	<b>SN</b>		
(371a)	i-apɨj-∅ 3poss-nariz-CN		‘nariz dele (do David)’
	[jə'p <sup>h</sup> ɨj]		
(371b)	i-ajuɤu-∅ 3poss-papagaio-CN		‘papagaio dele (do menino)’
	[,jaʒu'ɤu]		
(372)	<b>So</b>	<b>V</b>	
(372a)	jɨkɨwar-∅ machado-CN	i-ajme 3So-ser afiado	‘O machado está afiado’ (E)
	[ʒɨ'k <sup>h</sup> ɨwarə	'jəjmɪ]	

(373)	<b>[A</b>	<b>V1</b>	<b>P]</b>	
(373a)	[tatu-Ø tatu-CN [t <sup>h</sup> a ' t <sup>h</sup> u	o-kaʒaj 3sg-arranhar o ' k <sup>h</sup> aʒaj	tuia-Ø] nome próprio-CN ' t <sup>h</sup> ujə	
	<b>[So</b>	<b>V2]</b>		
	[i-api-Ø 3poss-unha-CN 'japɪ	i-puku-uʒu] 3So-ser comprido-aum , ɪpʊ ' quʒʊ]		‘O tatu arranhou a Tuia. A unha dele é muito comprida’
(374)	<b>V</b>	<b>adj</b>		
(374a)	ere-ítaw 2sg-nadar [e , rɪ ' t <sup>h</sup> aw	i=pire 3=posp ɪ ' p <sup>h</sup> iɾe]		‘Você nadou com ele (Trumak)’

A Tabela 16 ilustra contrastes entre os prefixos relacionais da língua Avá-Canoeiro:

Tabela 16: Prefixos relacionais {r-} e {i-}

	{r-} (alomorfes /r- ~ ʒ- ~ Ø-/: possuidor exposto por meio de sintagma nominal ou pronome clítico	{i-}: 3ª pessoa especificada e definida, anteriormente mencionada
<b>1. akaŋ ‘cabeça’</b>	tajau-Ø porco-do-mato-CN [t <sup>h</sup> a ' ʒaw <b>r-akaŋ</b> rel-cabeça ra ' k <sup>h</sup> əŋ]	‘cabeça do porco-do-mato’ <b>i-akaŋ-Ø</b> 3-cabeça-CN [ 'jakəŋ]
<b>2. apɪtum ‘miolos’</b>	tɪi=r-apɪtum-a 1poss=rel-miolo-CN [ , tɪɪrapɪ ' t <sup>h</sup> ūmə]	‘meus miolos’ <b>i-apɪtum-Ø</b> 3-miolo-CN [ , japɪ ' t <sup>h</sup> ūmə]
<b>3. ãj ‘dente’</b>	kuɾum-Ø menino-CN [k <sup>h</sup> u ' řūmə <b>ʒ-ãj</b> rel-dente ' ʒə]	‘dente do menino’ <b>i-ãj-Ø</b> 3-dente-CN [ 'jə]
<b>4. nami ‘orelha’</b>	nɪ=Ø-nami-Ø 2poss=rel-orelha-CN [nɪ ' nəmɪ]	‘tua orelha’ <b>i-nami-Ø</b> 3-orelha-CN [ɪ ' nəmɪ]

## 4.2 As noções de Gênero e Número

Não foram encontradas nos dados do Avá-Canoeiro marcas morfológicas nos nomes para indicar gênero ou número, não havendo, portanto, essas categorias na língua. As noções de gênero para os nomes que designam seres com os traços [+ animado] ou [+ humano] são expressas por palavras distintas, como em (375) e (376) e (377) e (378), ou pelas palavras para ‘homem,

macho’ (**ak<sup>w</sup>amae**) e ‘mulher, fêmea’ (**kujã**), seguindo os nomes, como em (379a, b) e (380a, b). Neste último caso, no entanto, o mais comum é o nome ocorrer sem a especificação para ‘macho’ ou ‘fêmea’, como em (379) e (380). Essa especificação aparece exclusivamente quando há necessidade de se precisar o sexo. Caso contrário, ocorrerá o nome apenas.

(375)	<b>ak<sup>w</sup>amae-Ø</b> homem-CN [ , ak <sup>w</sup> a ' mae]		‘homem’
(376)	<b>kujã-Ø</b> mulher-CN [k <sup>h</sup> ũ ' ɲõ]		‘mulher’
(377)	<b>kurum-Ø</b> menino-CN [k <sup>h</sup> u ' ɾũm]		‘menino’
(378)	<b>kujãtai-Ø</b> menina-CN [ , k <sup>h</sup> ũɲõ ' t <sup>h</sup> aj]		‘menina’
(379)	ɛpek-Ø pato-CN [ɛ ' p <sup>h</sup> ek <sup>ɾ</sup> ]		‘pato’ (genérico)
(379a)	ɛpek pato [ɛ ' p <sup>h</sup> ek <sup>ɾ</sup>	<b>ak<sup>w</sup>amae-Ø</b> homem, macho-CN , ak <sup>w</sup> a ' mae]	‘pato’
(379b)	ɛpek pato [ɛ ' p <sup>h</sup> ek <sup>ɾ</sup>	<b>kujã-Ø</b> mulher, fêmea-CN k <sup>h</sup> ũ ' ɲõ]	‘pata’
(380)	tapira-Ø anta-CN [t <sup>h</sup> a ' p <sup>h</sup> irə]		‘anta’ (genérico)
(380a)	tapira anta [t <sup>h</sup> a ' p <sup>h</sup> irə]	<b>ak<sup>w</sup>amae-Ø</b> homem, macho-CN , ak <sup>w</sup> a ' mae]	‘anta macho’
(380b)	tapira anta [t <sup>h</sup> a ' p <sup>h</sup> irə]	<b>kujã-Ø</b> mulher, fêmea-CN k <sup>h</sup> ũ ' ɲõ]	‘anta fêmea’

Já as noções de número, também não marcadas morfológicamente, são indicadas em Avá-Canoeiro por intermédio de palavras quantificadoras, como **mepenoan** ‘um, uma’; **mokōj** ‘dois, duas’; **moapaɓĩn** ‘três’; **upakatu** ‘tudo, todos, todas’; **eta** ‘muito (s), muita (s)’, que antecedem os nomes e que também funcionam como formas adverbiais quantificadoras, como será visto no Capítulo 6. Seguem-se exemplos.

(381)	<b>mepenoan</b> <b>uma</b> [me , pēno ' ēn]	taɓataɓape-∅ barata-CN t <sup>h</sup> a , ɓata ' ɓapɪ]	‘uma barata’
(381a)	<b>mokōj</b> <b>duas</b> [ ' mokōj]	taɓataɓape-∅ barata-CN t <sup>h</sup> a , ɓata ' ɓapɪ]	‘duas baratas’
(381b)	<b>moapaɓĩn</b> <b>três</b> [mo , apa ' ɓĩn]	taɓataɓape-∅ barata-CN t <sup>h</sup> a , ɓata ' ɓapɪ]	‘três baratas’
(381c)	<b>upakatu</b> <b>todas</b> [ , ɔpa ' k <sup>h</sup> atu]	taɓataɓape-∅ barata-CN t <sup>h</sup> a , ɓata ' ɓapɪ]	‘todas as baratas’ (E)
(381d)	<b>eta</b> <b>muitas</b> [ ' etə]	taɓataɓape-∅ barata-CN t <sup>h</sup> a , ɓata ' ɓapɪ]	‘muitas baratas’

### 4.3 Marcação de Caso

Na língua Avá-Canoeiro há três sufixos de caso, quais sejam: **{-a}** ‘caso nuclear’, **{-pe}** ‘caso locativo’ e **{-∅}** ‘caso não-marcado’, discutidos a seguir. Esses sufixos indicam as várias funções sintático-semânticas que os nomes desempenham nas construções em que se encontram.

#### 1) Caso Nuclear **{-a}**<sup>156</sup>

O sufixo **{-a}** de caso nuclear do Avá-Canoeiro, que identifica uma palavra como pertencente à classe de ‘nome’ na língua, realiza-se como **/-a/** ou **/-∅/**, seguindo tanto nomes terminados

<sup>156</sup> O ‘caso nuclear’ é chamado de ‘caso argumentativo’ por outros estudiosos de línguas Tupi-Guarani (cf. Rodrigues (1996, 2000, 2001) e Cabral (2000)).



em consoantes (cf. exemplos (382a), (383a), (384a), (385a), (388a), (389a), (390a) e (391a)), quanto vogais (cf. (382b), (383b), (386a) e (387a))<sup>157</sup>. À semelhança do que ocorre com outras línguas Tupi-Guarani, como o Tupinambá (Rodrigues, 1996) e o Kamaiurá (Seki, 2000), esse sufixo marca as seguintes funções sintáticas nos nomes, relacionando-os a vários outros elementos da oração.

**a) Sujeitos de verbos intransitivos ativos e descritivos (Sa e So):**

(382)	<b>Sa</b>	<b>V</b>	
(382a)	enem-a besouro-CN [e 'nēmə]	o-wewe 3sgSa-voar o 'G <sup>w</sup> eG <sup>w</sup> e]	‘O besouro está voando’
(382b)	tutau-a nome próprio-CN [t <sup>h</sup> ʊ 't <sup>h</sup> awə]	o-em 3sgSa-sair o 'ēmə]	‘Tutau saiu’
(383)	<b>So</b>	<b>V</b>	
(383a)	tukaŋ-a formiga-CN [t <sup>h</sup> ʊ 'k <sup>h</sup> əŋə]	i-aĩ 3So-ter dor 'jaĩ]	‘A (picada da) formiga doeu muito’
(383b)	mae-ɣ-o-a caça-rel-carne-CN [, mac 'ɣə]	i-pĩɣa 3So-estar, ser cru ɪ 'p <sup>h</sup> ĩɣə]	‘A carne está crua’

**b) Sujeitos de verbos transitivos (A):**

(384)	<b>A</b>	<b>V</b>	<b>P</b>	
(384a)	moj-a cobra-CN [ 'moʒə]	o-mokon 3sgA-engolir o 'moqõnɪ]	aɣakare-Ø <sup>158</sup> galinha-CN , aɣa 'k <sup>h</sup> arɪ]	‘A cobra engoliu a galinha’

**c) Objetos diretos (P):**

(385)	<b>P</b>	<b>V</b>	
(385a)	tam-a corda-CN [ 't <sup>h</sup> əmə]	a-jok <sup>w</sup> ĩɣ 1sgA-amarrar a 'ʒok <sup>w</sup> ĩɣə]	‘Eu amarrei a corda’
(386)	<b>V</b>	<b>P</b>	
(386a)	a-putat 1sgA- querer, gostar [a 'p <sup>h</sup> utat <sup>ʔ</sup> ]	ĩ-a água-CN 'ĩə]	‘Eu quero água’

<sup>157</sup> Em Suruí do Tocantins, segundo Neves (1999), a marca de caso {-a} também ocorre com nomes terminados em consoantes e nas vogais /i/, /e/, /ĩ/, /o/ e /u/.

<sup>158</sup> Note-se que, se houver dois argumentos nominais na oração, os dois receberão o caso nuclear.

(387)	<b>A</b>	<b>P</b>	<b>V</b>	
(387a)	tʃi=tõ pron.pess.=part. [ ' tʃitõ ]	jaoti-a jaboti-CN , ʒao ' tʃiə ]	o-juka 3sgA-matar o ' ʒukə ]	‘Eu matei um jaboti’

d) **Complementos da cópula eko ~ iko ‘ser, estar’:**

(388)	<b>cópula</b>	<b>complemento</b>	
(388a)	o-iko 3sg-ser, estar [o ' iqu ]	tʃi=Ø-pikĩr <sup>159</sup> -a lposs=rel-irmã mais nova-CN , tʃɪpĩ ' k <sup>h</sup> ĩrə ]	‘Ela (Makaqira) é minha irmã’

e) **Modificadores (possuidores) em construções possessivas:**

(389)	<b>possuidor</b>	<b>núcleo</b>	
(389a)	i-memĩɛ-a 3-filho-CN [ĩ ' mēmĩɛə ]	r-akaŋ rel-cabeça ra ' k <sup>h</sup> əŋə ]	‘A cabeça do filho dela (Tuia)’

f) **Objetos das posições:**

(390)	<b>Sa</b>	<b>V</b>	<b>adj</b>		
(390a)	tapiɾa-Ø=ete <sup>160</sup> anta-CN=part. [ , t <sup>h</sup> apɪɾɪ ' t <sup>h</sup> e ]	o-ike 3sgSa-entrar o ' ike ]	ĩj-a terra-CN , ĩʒə ' p <sup>h</sup> upe ]	<b>pupe</b> <b>posp</b>	‘A vaca entrou na terra (lama)’

g) **Predicados nominais:**

(391)	<b>Sujeito</b>	<b>Predicado</b>	
(391a)	putʃidzawa nome próprio [ , p <sup>h</sup> utʃɪ ' dzawə ]	tʃi=Ø-pikĩr-a lposs=rel-irmã-CN , tʃɪpĩ ' k <sup>h</sup> ĩrə ]	‘Putdjawa é minha irmã’

Contudo, nem todos os nomes do Avá-Canoeiro que exercem as funções acima exemplificadas recebem o alomorfe **/-a/** do caso nuclear. Há muitas situações em que ele não ocorre, aparecendo em seu lugar o alomorfe **/-Ø/**, o que sinaliza uma flutuação na língua, uma mudança

<sup>159</sup> Da mesma forma que como vimos, no Capítulo 3, a distinção entre ‘filho de ego feminino’ (**-memĩɾ**) e ‘filho de ego masculino’ (**-aĩɛ**) parece estar sendo perdida no Avá-Canoeiro, podendo as duas palavras ser utilizadas em ambas as situações, também essa distinção entre ‘irmã mais nova’ ou ‘irmã mais velha’ está sendo perdida, passando a palavra **pikĩr** a ser empregada para qualquer irmã, de qualquer idade. Provavelmente mais uma consequência da situação sociolinguística dos Avá-Canoeiro, cujas relações de parentesco tornaram-se restritas por causa do reduzido número de indígenas que compõem essa etnia.

<sup>160</sup> No Capítulo 7, veremos que a partícula **ete** ‘realmente, mesmo, muito’ segue a marca de caso nuclear **{-a}** nos nomes.

em curso. Em muitas palavras, que ainda precisam ser melhor definidas, o morfema {-a} do caso nuclear lexicalizou-se, tornando-se parte integrante das palavras<sup>161</sup>, como em **arara** ‘arara’, proveniente de **\*arara+a** (‘arara’ + CN) e em **k<sup>w</sup>aba** ‘buraco’ (**\*k<sup>w</sup>ara+a** ‘buraco’ + CN)<sup>162</sup>, podendo ser seguido inclusive pelo caso locativo {-pe}, como em **k<sup>w</sup>aba+pe** (‘buraco’ + locativo) ‘no buraco’, diferentemente do que ocorre, por exemplo, em Tapirapé, em que o morfema {-a} não se encontra lexicalizado (cf. **ywyk<sup>w</sup>ãr+ipe** (‘terra, buraco’ + locativo) ‘no buraco’<sup>163</sup>) e esses dois casos não co-ocorrem. Outros exemplos da lexicalização do morfema {-a} em Avá-Canoeiro estão na Tabela 17.

Tabela 17: Palavras com lexicalização do morfema {-a}

Proto-Tupi-Guarani <sup>1</sup>	Avá-Canoeiro	Glosas	Realizações Fonéticas
1. *tapiʔir	tapira	‘anta’	[t <sup>h</sup> a <sup>h</sup> p <sup>h</sup> i:rə]
2. *i̯ar	i̯aba	‘canoa’	[ <sup>h</sup> i̯:əɾə]
3. *ok	oka	‘casa’	[ <sup>h</sup> o:kə]
4. *aman	amana	‘chuva’	[ <sup>h</sup> ə:mənə]
5. *poʔir	po̯iba	‘contas (colar)’	[ <sup>h</sup> p <sup>h</sup> o:i̯ɪɾə]
6. *aʔir	a̯iba	‘filho’	[ <sup>h</sup> a:i̯ɪɾə]
7. *potir	potiba	‘flor’	[ <sup>h</sup> p <sup>h</sup> o:tɪɾə]
8. *eir	eiba	‘mel’	[ <sup>h</sup> e:jɪɾə]
9. *er	era	‘nome’	[ <sup>h</sup> e:rə]
10. *javar	jawaɓa	‘cachorro’	[ <sup>h</sup> ʒa:G <sup>w</sup> əɪɾə]
11. *tsaβ	-awa	‘plumagem’	[ <sup>h</sup> a:wə]

<sup>1</sup> A lista de cognatos utilizada aqui foi encontrada em Seki (2000a). Parte dessa discussão foi apresentada em Borges (2004c).

<sup>161</sup> Cabral (2001) divide as línguas Tupi-Guarani em dois grupos, conforme a presença ou ausência de reflexos do morfema \*-a do Proto-Tupi-Guarani (grupos 1 e 2, respectivamente). Segundo este estudo, o Avá-Canoeiro pertenceria ao grupo 1, juntamente com o Guarani Antigo, o Tupinambá, o Tupi de São Vicente, o Asurini do Tocantins, o Parakanã, o Suruí, o Tapirapé, o Tembê, o Asurini do Xingu, o Kayabi, o Apiaká, o Parintintin, o Tenharim, o Amondáva, o Uru-eu-uau-uau, o Kamaiurá, o Turiwára, o Anambé (de Eheinreich), o Wayampi do Amapari, o Émérillon e o Jo’ê. Esse grupo 1, por sua vez, subdivide-se em grupos (1a) e (1b), com relação à presença ou não do sufixo {-a} após consoante. Baseando-se nos dados disponíveis em Toral (1984), Cabral (idem, p. 139-140) considerou o Avá-Canoeiro pertencente ao subgrupo (1b), de línguas que possuem o alomorfe -a após temas terminados em consoantes e o alomorfe -∅ após vogais. Entretanto, hoje, de posse de mais dados, é possível perceber que o morfema {-a} ocorre tanto após consoantes quanto vogais. Assim, com base em Cabral e feita essa ressalva para o Avá-Canoeiro, podemos subdividir as línguas do Subgrupo IV, quanto à ocorrência dos alomorfes do morfema {-a}, da seguinte forma:

Morfema {-a}	Subgrupo IV
1) Presença do morfema {-a} após vogal e consoante (Grupo (1a), de Cabral)	Asurini do Tocantins, Parakanã, Suruí, Tembê, Avá-Canoeiro
2) Presença do alomorfe -a do morfema {-a}, após consoantes, e do alomorfe -∅, após vogais (Grupo (1b), de Cabral)	Tapirapé

<sup>162</sup> As formas reconstruídas para ‘arara’ **\*arara** e ‘buraco’ **\*k<sup>w</sup>ara** foram extraídas de Seki (2000a).

<sup>163</sup> Dado de Walkíria Neiva Praça em comunicação pessoal.

Essa lexicalização do sufixo {-a} em Avá-Canoeiro, que ocorreu preferencialmente em palavras com duas ou três sílabas, e terminadas em /r/, estaria ligada ao deslocamento do acento da última para a penúltima sílaba, passando o morfema {-a} a fazer parte da constituição fonológica das palavras da língua (cf. o Capítulo 3)<sup>164</sup>. O que os dados indicam é que o caso nuclear está deixando de ser rigorosamente marcado pelo alomorfe /-a/, sendo sinalizado apenas em alguns argumentos, e em outros pelo alomorfe /-Ø/, como demonstram os exemplos a seguir. Em (392a, b), o sintagma nominal objeto é opcionalmente marcado com o alomorfe /-a/; em (393a, b), o sujeito pode ou não vir com o /-a/; já em (394a), nenhum dos sintagmas nominais aparece marcado com o /-a/.

(392)	<b>V</b>	<b>P</b>		
(392a)	a-mae 1sg-ver [a' maj]	i-pikir-a 3-irmã-CN , ɪpɪ' kʰɪrə]		'Eu vi a irmã dele (Trumak)'
(392b)	a-mae 1sg-ver [a' maj]	i-pikir-Ø 3-irmã-CN , ɪpɪ' kʰɪr]		'Eu vi a irmã dele (Trumak)'
(393)	<b>A</b>	<b>P</b>	<b>V</b>	
(393a)	pikau-a pombo-CN [pʰɪ' kʰawə]	mae-Ø-kaŋ-Ø animal-rel-osso-CN , mae' kʰəŋ]	o-u 3sg-comer 'ow]	'O pombo comeu o osso'
(393b)	pikau-Ø pombo-CN [pʰɪ' kʰaw]	mae-Ø-kaŋ-Ø animal-rel-osso-CN , mae' kʰəŋ]	o-u 3sg-comer 'ow]	'O pombo comeu o osso'
(394)	<b>A</b>	<b>P</b>	<b>V</b>	
(394a)	kurum-Ø menino-CN [kʰu' r̄um]	eiza-Ø mel-CN 'ejɛə]	o-u 3sg-comer 'ow]	'O menino comeu mel'

<sup>164</sup> Cabral (2001: 141) trata em seu estudo de línguas que apresentam 'instâncias cristalizadas' do morfema {-a}, mencionando, por exemplo, o Guaraní Paraguaio, do Subgrupo I das línguas Tupi-Guarani, que, segundo Rodrigues (1995), possui várias palavras que teriam perdido esse morfema, mantendo o /a/ como última vogal. Suas características são: 1) ser nomes; 2) ter duas ou três sílabas; 3) possuir acento na penúltima sílaba; e 4) apresentar consoantes nasais ou continuantes fechando sílaba. O Avá-Canoeiro assemelha-se ao Guaraní Paraguaio em todos esses aspectos, diferenciando-se, contudo, por não ter perdido as consoantes finais, e pelo fato de as palavras onde ocorreu a cristalização do {-a} serem acentuadas na antepenúltima ou na penúltima sílabas. Estudos de prosódia a serem realizados no futuro certamente contribuirão para um melhor entendimento desse processo de lexicalização do morfema {-a} no Avá-Canoeiro.

Nesse sentido, o Avá-Canoeiro e o Émérillon (do Subgrupo VIII das línguas Tupi-Guarani) compartilham uma característica comum, já que, como demonstram Queixalós (2001a) e Couchili, Maurel & Queixalós (2002), essa última língua também já não apresenta uma marcação rigorosa do {-a} (cf. **iat** # **oike** ('canoa' # 'ela afundou') 'a canoa afundou'; **iat** # **pe-potat** ('canoa' # 'vocês a querem') 'vocês querem a canoa', em que não ocorre o sufixo {-a} em **iat** 'canoa'). Segundo Queixalós (2005), haveria um "corolário diacrônico", em que o Kamaiurá, o Émérillon e o Wayampi estariam num continuum, representando três estágios sucessivos de evolução do {-a} na família Tupi-Guarani: no Kamaiurá ele seria sempre marcado; o Émérillon teria uma distribuição limitada desse sufixo; e o Wayampi já não mais o teria. O Avá-Canoeiro estaria junto ao Émérillon a meu ver. Outra língua do Subgrupo IV em que o morfema {-a} estaria sendo enfraquecido é o Suruí (cf. Cabral, 2001).

Em decorrência desse processo, haveria o surgimento de *cópula* nessas línguas, o que não é uma característica marcante da família Tupi-Guarani<sup>165</sup>. De acordo com a hipótese da 'onipredicatividade em recessão' (Queixalós, 2005),

*'one innovation resulting from the loss of onipredicativity should be the generation of copulative elements stages following the initial period, i.e. elements to be used to construct predicates with those itens that can no longer do it for themselves'*.<sup>166</sup>

Há verbos copulativos em Kamaiurá e em Émérillon e, conforme discuto no Capítulo 5, também em Avá-Canoeiro (**eko** ~ **iko** 'ser, estar')<sup>167</sup>.

A presença do alomorfe /-a/ do caso nuclear é obrigatória no Avá-Canoeiro quando houver necessidade de se diferenciarem sintagmas nominais possessivos e orações possessivas, discutidas no Capítulo 8. Essa diferenciação é dada pela presença do caso nuclear {-a} nos primeiros, em oposição ao caso não-marcado {-Ø} nessas últimas. Comparem-se os exemplos a seguir.

<sup>165</sup> Cf., por exemplo, o Tupinambá, em que não há nem partículas nem verbos copulativos (Rodrigues, 2001).

<sup>166</sup> Tradução livre: 'uma inovação que resulta da perda da onipredicatividade seria a geração de elementos copulativos em estágios subseqüentes ao inicial, ou seja, elementos a serem usados para construir predicados com aqueles itens que já não podem mais fazê-lo sozinhos'.

<sup>167</sup> De acordo com a hipótese de Queixalós (2005) para o Avá-Canoeiro, com base em dados por mim coletados, esta língua estaria em um estágio um pouco mais avançado do que o Émérillon, porque a cópula pode ser utilizada para as três pessoas, ao passo que em Émérillon só há formas para as duas primeiras pessoas. Além disso, em Avá-Canoeiro há casos em que o {-a} ainda pode ser considerado um sufixo e em outros apenas um fonema da raiz. No Capítulo 5 discuto a cópula do Avá-Canoeiro.

## 1) Sintagmas Nominais Possessivos:

### (395) pronominal=rel-nome-CN

(395a)	tʃi=r-etam-a lsg=rel-casa-CN [ , tʃɪrɛ 'tʰẽmə]	‘minha casa’
--------	--	--------------

### (396) SN (possuidor)-CN

(396a)	tapiɾa-Ø=ete anta-CN=part. [tʰə , pɪrɪ 'tʰe]	<b>pessoa-nome</b> Ø-memɪɛ rel-filho 'mẽmɪɛ]	‘Os bezerrinhos (os filhotes) da vaca’
--------	--	---	--

## 2) Orações Possessivas:

### (397) pronominal=rel-nome-CNM

(397a)	tʃi=r-etam-Ø lsg=rel-casa-CNM [ , tʃɪrɛ 'tʰẽm]	‘Eu tenho casa’
--------	--	-----------------

### (398) SN (possuidor)-CN

(398a)	tapiɾa-Ø=ete anta-CN=part. [tʰə , pɪrɪ 'tʰe]	<b>pessoa-nome-CNM</b> i-memɪɛ-Ø 3-filho-CNM ɪ 'mẽmɪɛ]	‘A vaca tem bezerrinhos (filhotes)’
--------	--	---	-------------------------------------

## 2) Caso Locativo

Em Avá-Canoeiro o caso locativo é marcado nos nomes pelo sufixo {-pe}<sup>168</sup>, que possui três realizações: [-p], após vogais, como em (399a) e (400a); [-pe], que além de seguir vogais, ocorre também após consoantes (cf. (399b), (399c), (402a) e (403a))<sup>169</sup>; e [-m], que segue vogais nasais, como em (401a). Esse sufixo pode opcionalmente receber acento. A função dos sintagmas nominais marcados pelo caso locativo é a de adjunto da oração, que pode preceder ou seguir o verbo.

<sup>168</sup> Outras línguas Tupi-Guarani do Subgrupo IV, como o Parakanã e o Asurini do Tocantins, distinguem três tipos de locativo: o pontual (Parakanã: -pe ~ -me ~ -ime ~ -ipe; Asurini do Tocantins: -pe ~ -ɪpe ~ -ɪme), o difuso (Parakanã: -mo ~ -imo; Asurini do Tocantins: -wo ~ -ɪmo) e o situacional ou partitivo (Parakanã: -i; Asurini do Tocantins: -i ~ -j) (cf. Silva (1999; 1999a), para o Parakanã, e Cabral (2000), para o Asurini do Tocantins). Em meus dados do Avá-Canoeiro ainda não foi observada essa distinção. Segundo Jensen (1998: 508), dos três sufixos do Proto-Tupi-Guarani (respectivamente, \*-pe, \*βo e \*-i), o primeiro é o mais freqüente nas línguas atuais.

<sup>169</sup> Ainda não sei explicar qual a diferença entre os sintagmas nominais locativos com os alomorfes /-p/ e /-pe/ seguindo vogais.

(399)	<b>V</b>	<b>adj</b>		
(399a)	o-ĩɛ 3sg-cair [o'ĩɛə]	k <sup>w</sup> aɓa-p buraco-loc k <sup>w</sup> a'ɓap <sup>ɾ</sup> ]		'Ela caiu no buraco'
(399b)	a-in 1sg-sentar-se [ 'ajɲɪ	ita-pe pedra-loc ɪ' t <sup>h</sup> ape]		'Eu estou sentada na pedra'
(399c)	ere-kĩr 2sg-dormir [, ere' k <sup>h</sup> ĩrə	ni=∅-kĩau-pe 2poss=rel-rede-loc , nɪkĩ' awpe]		'Você dormiu na sua rede' (variedade de Goiás)
(400)	<b>Sa</b>	<b>V</b>	<b>adj</b>	
(400a)	jawaɓa-∅=ete-uɓu cachorro-CN=part.-aum [ɓə, G <sup>w</sup> əɓɪ' t <sup>h</sup> u:ɓu	o-kĩr 3sg-dormir 'okĩrə	ita-k <sup>w</sup> aɓa-p pedra-buraco-loc ɪ, tak <sup>w</sup> a' rap <sup>ɾ</sup> ]	'A onça dorme na caverna (no buraco de pedra)'
(401)	<b>Sa</b>	<b>V1</b>	<b>V2</b>	<b>adj</b>
(401a)	ni=tõ pron.pess.clit.=part. [ 'nitõ	ere-o 2sg-ir e' reo	ere-jauk 2sg-banhar-se , ere' ɓawkə	ĩakã-m rio-loc , ĩa' k <sup>h</sup> õm]

Do ponto-de-vista semântico, o caso locativo indica localização espacial, como nos exemplos acima e em (402a), além de direção (cf. (403a)).

(402)	<b>adj</b>	<b>V</b>		
(402a)	ĩwĩra-pe árvore-loc [, ĩɓĩ' rape	ere-jeupir 2sg-subir , ere' ɓewpɪrə]		'Você subiu na árvore'
(403)	<b>V</b>	<b>P</b>	<b>adj</b>	
(403a)	a-ɛur 1sg-trazer [a' ɛurə	ĩ-a água-CN ' ĩə	oka-pe casa-loc o' k <sup>h</sup> ape]	'Eu trouxe água para casa'

### 3) Caso Não-Marcado:

O caso não-marcado {-∅} ocorre em Avá-Canoeiro em duas situações: 1) nas formas citacionais, quando os nomes aparecem isoladamente, fora de uma oração, por exemplo, em resposta a uma pergunta, como em (404); e 2) em orações possessivas (cf. (405a)), diferenciando-as de sintagmas nominais possessivos, que vêm marcados pelo caso nuclear {-a}, indicando o modi-

ficador, como foi visto nos exemplos (395a) e (397a), (396a) e (398a). Nas orações possessivas, como o nome não está na função de argumento, não recebe o caso nuclear {-a}.

(404) **Forma citacional**

- (404a) 1. **mae** ko 'O que é isso?'  
           **coisa** dem  
           [ , mae ' qo]  
       2. **wewe-∅** 'é flauta'  
           **flauta-CNM**  
           [G<sup>w</sup>e ' G<sup>w</sup>e]

(405) **Oração Possessiva**

- (405a) tʃi=∅-kɨw-∅ 'Tenho piolho' (E)  
           l<sub>poss</sub>=rel-piolho-CNM  
           [tʃɪ ' k<sup>h</sup>ɨw]

(Compare-se com tʃi=∅-kɨw-a 'meu piolho', onde se tem l<sub>poss</sub>=rel-piolho-CN)

#### 4.4 O Sintagma Nominal

Os sintagmas nominais do Avá-Canoeiro são constituídos por um núcleo nominal obrigatório e por elementos periféricos opcionais (os modificadores). Os sintagmas nominais da língua podem ser assim configurados: 1) um núcleo, formado apenas por um nome, possuível ou não-possuível, marcado pelo caso nuclear {-a}, ou um pronome pessoal livre (N); 2) um nome-núcleo seguido por um modificador (N Mod); 3) um nome-núcleo antecedido por um ou dois modificadores (Mod N; Mod1 Mod2 N); ou 4) um nome-núcleo precedido por um modificador e seguido por outro modificador (Mod N Mod). Abaixo represento a composição do sintagma nominal:

SN = (Mod1)	(Mod2)	Núcleo	(Mod)
-------------	--------	--------	-------

O núcleo do sintagma nominal é sempre composto por um nome marcado pelo caso nuclear {-a}, ou pronome pessoal livre, que é o constituinte obrigatório (cf. exemplos em (406a), (406b), (407a) e (407b)). Os modificadores que seguem os nomes-núcleos podem ser descritivos (cf. (408a)) ou nomes marcados pelo morfema casual {-a} (cf. (408b)), e aqueles que os antecedem são demonstrativos, numerais ou genitivos (cf. (409a), (410a), (410b) e (411b); (409b) e (410a); e



(409c), respectivamente). Esses modificadores são elementos facultativos no sintagma nominal. A seguir ilustro esses tipos de sintagmas da língua.

(406)	<b>N-CN</b>		
(406a)	<b>kapiwĩɛa-Ø</b> capivara-CN [k <sup>h</sup> a ' p <sup>h</sup> iwiɛə]		‘capivara’
(406b)	<b>jitĩka-Ø</b> batata-doce-CN [ ' ʒitĩkə]		‘batata-doce’
(407)	<b>N (pronome pessoal livre)</b>		
(407a)	<b>itʃe<sup>170</sup></b> pron.pess. [ɪ ' tʃe]		‘eu’ (variedade do Estado do Tocantins)
(407b)	<b>tʃi=tõ</b> pron.pess.=part. [ ' tʃitõ]		‘eu’ (variedade do Estado de Goiás)
(408)	<b>N-CN</b>	<b>Mod</b>	
(408a)	<b>k<sup>w</sup>aɛ-a</b> sol-CN [ ' k <sup>w</sup> aɛə]	katu ser bom, bonito k <sup>h</sup> a ' t <sup>h</sup> u]	‘sol bonito, forte’
(408b)	<b>inaje-Ø</b> gavião-CN [ɪ ' nadʒɪ]	kujã mulher, fêmea k <sup>h</sup> ũ ' ɲõ]	‘gavião fêmea’ (E)
(409)	<b>Mod</b>	<b>N</b>	
(409a)	ko dem [ ' qo]	<b>ĩpaw-a</b> lago-CN ĩ ' p <sup>h</sup> awə]	‘este lago’
(409b)	mokõj dois [mo ' qõj]	<b>tĩɛamana-Ø</b> jacaré-CN tʃɪ ' ɛəməɛnə]	‘dois jacarés (espécie)’
(409c)	kuɾum-a menino-CN [k <sup>h</sup> u ' ɾũmə]	<b>ɛ-atĩpĩ</b> rel-bochecha ɛa ' t <sup>h</sup> ĩpĩ]	‘a bochecha do menino’
(410)	<b>Mod1</b>	<b>Mod2</b>	<b>N</b>
(410a)	pe dem [ ' p <sup>h</sup> e]	tʃitʃa-Ø chichá-CN tʃɪ ' tʃa]	<b>ɾ-aĩj</b> rel-semente, caroço ' ɾəĩj]

<sup>170</sup> No Capítulo 6 tratarei dos pronomes pessoais da língua conforme as variedades faladas nos dois Estados.

(410b)	pe dem [ 'p <sup>h</sup> e	awati-Ø milho-CN a 'βatʃɪ	<b>r-etam</b> <b>rel-casa</b> re 't <sup>h</sup> əmə]	'aquele paiol' (lit. 'aquela casa do milho')
(411)	<b>Mod</b>	<b>N</b>	<b>Mod</b>	
(411a)	mepenoan um [me ,pēno 'ēn	<b>wɛra-Ø</b> <b>pássaro-CN</b> 'wɛrə	pitun preto p <sup>h</sup> ɪ 't <sup>h</sup> ũn]	'um pássaro preto'
(411b)	pe dem [ 'p <sup>h</sup> e	<b>ow-a</b> <b>folha-CN</b> 'owə	tiniŋ ser, estar seca 'tʃinĩŋ]	'aquela folha seca'

Assim, segue-se a estrutura do sintagma nominal do Avá-Canoeiro.

SN =	(Mod1)	(Mod2)	<b>Núcleo</b>	(Mod)
	(numeral)	(genitivo)	<b>nome</b>	(descriptivo)
	(demonstrativo)		<b>pronome pessoal</b>	(nome)

Os **modificadores descritivos** e os **predicados** diferem por possuir esses últimos o prefixo relacional {i-}, que antecede os verbos descritivos, indicando um sujeito de terceira pessoa. Comparem-se os sintagmas nominais **k<sup>w</sup>aʒa katu** 'sol bonito, forte' e **inaje kujã** 'gavião fêmea', em (408a, b), onde **katu** e **kujã**, respectivamente, funcionam como modificadores, com (412a, b), em que essas palavras formam predicados. Além dessa distinção, não foi notada nenhuma outra, por exemplo, de cunho fonológico, como ocorre no Kamaiurá, em que pode haver um deslocamento do acento do nome núcleo para a marca de caso nuclear (Seki, 2000). Comparem-se ainda (411b) com (413a).

(412)	<b>So</b>	<b>Predicado</b>		
(412a)	k <sup>w</sup> aʒ-a sol-CN [ 'k <sup>w</sup> aʒə	<b>i-katu</b> 3-ser bom, bonito , ɪka 't <sup>h</sup> u]	'O sol está bonito, forte'	
(412b)	inaje-Ø gavião-CN [ɪ 'nadʒɪ	<b>i-kujã</b> 3-fêmea , ɪkũ 'ɲē]	'O gavião é fêmea' (E)	
(413)	<b>So</b>	<b>Predicado</b>		
(413a)	pe dem [ 'p <sup>h</sup> e	<b>ow-a</b> <b>folha-CN</b> 'owə	<b>i-tiniŋ</b> 3-ser, estar seca ɪ 'tʃinĩŋ]	'Aquela folha está seca'

Os sintagmas nominais da língua podem desempenhar as seguintes funções sintáticas:

### 1) Sujeitos de verbos intransitivos ativos e descritivos (Sa e So):

(414)	<b>Sa</b>	<b>V</b>	
(414a)	<b>itajaẽ-Ø</b> panela-CN [ , ɪtẽ 'ɲõẽ ]	o-jĩpĩra 3sgSa-cair (de bruços) o 'ʒĩpĩrə]	‘A panela caiu’
(414b)	<b>ae=tõ<sup>171</sup></b> dem=part. [a 'etõ ]	o-wen 3sgSa-vomitou o 'wẽnɪ]	‘Ela (a cadelinha) vomitou’
(415)	<b>So</b>	<b>V</b>	
(415a)	<b>mae-potĩɓa-Ø</b> coisa-flor-CN [ , mae 'p <sup>h</sup> otĩɓə ]	i-pĩraŋ 3-ser vermelho , ɪpɪ 'rõŋə]	‘A flor é vermelha’
(415b)	<b>ae=tõ</b> dem=part. [a 'etõ ]	i-maɓan 3-estar doente ɪ 'maɓõnɪ]	‘Ela (Matxa) está doente’

### 2) Sujeitos de verbos transitivos (A):

(416)	<b>A</b>	<b>P<sup>172</sup></b>	<b>V</b>	
(416a)	<b>maɓakaja-Ø</b> gato-do-mato-CN [ , maɓa 'k <sup>h</sup> aʒə ]	aɓakare-Ø galinha-CN , aɓa 'k <sup>h</sup> aɾɪ ]	o-juka 3sgA-matar o 'ʒukə]	‘O gato-do-mato matou a galinha’
(416b)	<b>ni=tõ</b> pron.pess=part. [ 'nitõ ]	tak <sup>w</sup> ar-e-a taquara-doce-CN , t <sup>h</sup> ak <sup>w</sup> a 'rɛə ]	o-poka 3sgA-moer o 'p <sup>h</sup> okə]	‘Você moeu a cana’

<sup>171</sup> No capítulo 7, veremos a formação dos pronomes pessoais nas duas variedades da língua Avá-Canoeiro.

<sup>172</sup> Em Tapirapé, segundo Leite (2001: 90), ‘a ordem não expressa as funções gramaticais de sujeito e objeto. Antes têm uma função pragmática, indicando informação nova ou velha, foco, tópico, contraste etc’. Em Avá-Canoeiro essa ordem também não é muito rígida, embora a preferencial seja que o sintagma nominal sujeito preceda o de objeto (APV). No Capítulo 7, em (7.4), trato da ordem dos constituintes nas orações independentes.

3) **Objetos diretos (P):**

(417)	<b>A</b>	<b>P</b>	<b>V</b>	
(417a)	ak <sup>w</sup> amae-∅ homem-CN	<b>iakaj</b> -∅ <b>lenha</b> -CN	o-ka-kaj 3sgA-redupl.-queimar	‘O homem queimou a lenha’
	[ , ak <sup>w</sup> a 'mae	'jakaj	o 'k <sup>h</sup> akaj]	

4) **Complementos da cópula eko ~ iko ‘ser, estar’:**

(418)	<b>Cópula</b>	<b>Complemento</b>	
(418a)	o-iko 3sg-ser, estar	<b>tʃiɛapitʃiɛa</b> -∅ <b>indígena</b> -CN	‘Ele é indígena’
	[o 'iqʉ	, tʃiɛa 'p <sup>h</sup> itʃiɛə]	

5) **Objetos das posições:**

(419)	<b>V</b>	<b>N</b>	<b>posp</b>	
(419a)	o-ata 3sg-andar	<b>ɛj-a</b> <b>terra</b> -CN	ɛ-upi rel-posp	‘Ele andou na terra’
	[o 'atə	'ɛʒə	'ɛupɪ]	

6) **Predicados nominais:**

(420)	<b>Sujeito</b>	<b>Predicado</b>	
(420a)	kujã-∅ mulher-CN	<b>i-memɛɛ</b> -∅ <b>3-filho</b> -CNM	‘A mulher tem filho’
	[k <sup>h</sup> ũ 'ɲɛ	ɪ 'mēmɛɛə]	

7) **Palavras interrogativas:**

Em Avá-Canoeiro há dois sintagmas, compostos pelos nomes **awa** ‘gente, pessoa’ e **mae** ‘animal, caça, coisa’, que podem funcionar como palavras interrogativas, expressando as noções de ‘quem’ e ‘o que’, respectivamente. Esses nomes, quando usados para questionar elementos [+ humano] e [- humano], nessa ordem, formam o núcleo das orações interrogativas e ocorrem sempre na primeira posição oracional, como demonstram os seguintes exemplos:

(421)	<b>nome com função interrogativa</b>	<b>V</b>	
(421a)	<b>awa</b> quem [ 'awə	o-ɨ̄taw 3sg-nadar o 'ɨ̄taw]	‘Quem nadou?’
(422)	<b>nome com função interrogativa</b>	<b>dem</b>	
(422a)	<b>mae</b> o que [ ,mae 'qo]	ko dem	‘O que é isso?’

#### 4.4.1 O Sintagma Nominal Genitivo

Como discutido na última seção, os sintagmas nominais do Avá-Canoeiro possuem como constituinte obrigatório um núcleo nominal (**N**), composto por um pronome pessoal livre ou por um nome possuído ou não-possuído.

Quando o nome for possuído, será antecedido por um modificador (**Mod**), que indica seu possuidor, como nos exemplos em (423)<sup>173</sup>. Esse modificador será sempre formado por um nome, marcado pelo caso nuclear {-a} (cf. (423a) e (423b)). O nome-núcleo, por sua vez, é sempre marcado por prefixos pessoais e pelo relacional {r-} (cf. (423c), (423d) e (423e)). Seguindo Nichols (1988), podemos dizer que se tem aqui uma estrutura de ‘núcleo marcado’ (*head-marked*), já que é o nome que desempenha a função de núcleo do sintagma genitivo, que vem com as marcas de posse.

(423)	<b>SN=Mod-CN</b>	<b>rel-N</b>	
(423a)	awa-∅ gente-CN [ 'awə	r-amutaw rel-barba , rə̃mʊ 'tʰawə]	‘barba (de gente)’
(423b)	kai-a macaco-CN [ 'kʰajə	r-aɨ̄ɓa rel-filho, filhote ' r aɨ̄ɓə]	‘filhote de macaco’
(423c)	awa-∅ gente-CN [ 'awə	ɓ-ajikaŋ rel-mandíbula , ɓə̄ʒɪ 'kʰə̄ŋə]	‘mandíbula (de gente)’
(423d)	mae-∅ caça, bicho-CN [ 'mae	ɓ-upia rel-ovo ɓʊ 'pʰiə]	‘ovo’ (lit. ‘ovo de bicho’)

<sup>173</sup> Segundo Nichols (1988), a estrutura do sintagma nominal genitivo é a seguinte: o nome possuído, desempenhando a função de núcleo, e o possuidor como seu modificador ou elemento dependente.

- (423e) peki-Ø                      Ø-**pirik**                      ‘casca/pele do pequi’  
           pequi-CN                      **rel-casca, pele**  
           [p<sup>h</sup>e 'k<sup>h</sup>i                      'p<sup>h</sup>i rɪkə]
- (423f) mae-potɪβa-Ø              Ø-**juati**                      ‘espinho da rosa’  
           coisa-flor-CN                      **rel-espinho**  
           [ ,mae 'p<sup>h</sup>otɪβə              ,ʒu 'atʃɪ]

A relação expressa nesses sintagmas é a seguinte:

SN=	possuidor-CN	rel-nome possuído
-----	--------------	-------------------

Outra possibilidade de composição do sintagma nominal genitivo é com um pronome clítico de 1ª ou 2ª pessoas (indicando o possuidor), seguido de um prefixo relacional e do nome-núcleo, marcado pelo caso nuclear {-a}, como na representação e nos exemplos abaixo:

SN=	pronome pessoal clítico-rel-N-CN
-----	----------------------------------

- (424) **So**                                      **V**
- (424a) tʃi=r-ãj-a                              i-aɪ                              ‘Meu dente está doendo’  
           1poss=rel-dente-CN                      3So-ter dor  
           [tʃɪ 'rãjə                              'jaɪ]
- (425) **Sa**                                      **V**
- (425a) ni=r-emireko-Ø                      o-em                              ‘Tua esposa/mulher saiu’  
           2poss=rel-esposa/mulher-CN                      3sgSa-sair  
           [ ,nɪre 'mireko                      o 'ẽmə]

Quando se trata de um sintagma nominal pronominal em que o possuidor é de 3ª pessoa especificada e definida, usa-se o prefixo relacional {i-} precedendo o nome-núcleo, que é seguido pelo caso nuclear {-a}.

- (426) **i-N-CN**
- (426a) i-pɪa-Ø                      ‘fígado dele’ (do Tutau. O referente é especificado e definido, já conhecido pelo contexto)  
           rel-fígado-CN  
           [ɪ 'p<sup>h</sup>ɪə]
- (427b) i-men-a                      ‘marido dela’ (da Angélica. O referente é especificado e definido, já conhecido pelo contexto)  
           rel-marido-CN  
           [ 'ĩmənə]

As relações semânticas existentes entre os elementos que compõem os sintagmas nominais são semelhantes àquelas que se estabelecem entre os elementos que constituem os compostos, que serão tratados na seção (4.7). Contudo, como veremos, nos compostos há apenas um acento principal, que forma uma única palavra fonológica, diferentemente dos sintagmas nominais, em que existem dois ou mais acentos, dependendo da quantidade de palavras que houver. Além disso, nos compostos não ocorrem afixos flexionais (os prefixos relacionais e o morfema de caso nuclear {-a}) entre as raízes, ao contrário dos sintagmas nominais, onde esses elementos podem estar presentes.

#### 4.5 Coordenação de sintagmas

Em Avá-Canoeiro os sintagmas nominais sujeitos e objetos podem ser coordenados, sem conectivos, apenas por meio da *justaposição*, sendo todos marcados pelo caso nuclear {-a}, como nos exemplos que se seguem.

(428)	<b>A1</b>	<b>A2</b>	<b>V</b>	<b>P</b>	
(428a)	<b>matʃõ-∅</b> nome próprio-CN [ma 'tʃõ]	<b>iawi-∅</b> nome próprio-CN 'jawɪ	<b>o-juka</b> 3pl-matar o 'ʒukə	<b>moj-a</b> cobra-CN 'moʒə]	'Sebastião e Iawi mataram a cobra'
(429)	<b>A</b>	<b>V</b>	<b>P1</b>	<b>P2</b>	
(429a)	<b>papaj-∅</b> papai-CN [p <sup>h</sup> a 'p <sup>h</sup> aj]	<b>o-atɛm</b> 3sg-plantar o 'atɛmə	<b>maniok-∅</b> mandioca-CN , mani 'ɔk <sup>ɾ</sup>	<b>awati-∅</b> milho-CN a 'watʃɪ	
	<b>P3</b>	<b>P4</b>	<b>P5</b>	<b>P6</b>	
	<b>kuʒuʒa-∅</b> abóbora-CN k <sup>h</sup> u 'ʒuʒə	<b>kaʒa-∅</b> cará-CN 'k <sup>h</sup> aʒə	<b>maeʒo-∅</b> mamão-CN , mae 'aʒu	<b>maeapɾ-∅</b> banana-CN , maea 'p <sup>h</sup> arɪ	
	<b>P7</b>	<b>adj</b>			
	<b>tak<sup>w</sup>ar-e-a</b> cana-doce-CN , t <sup>h</sup> ak <sup>w</sup> a 'reə	<b>oka-pe</b> casa-loc o 'k <sup>h</sup> apɪ]			
					'O papai plantava mandioca, milho, abóbora, cará, mamão, banana, cana-de-açúcar na casa'

Na fala dos Avá-Canoeiro mais jovens do Estado de Goiás são comuns as construções com coordenação de sintagmas nominais, usando-se entre eles a conjunção 'mais' do português, como demonstra o exemplo (430a).

(430)	<b>Sa1</b>	<b>conj</b>	<b>Sa2</b>
(430a)	trumak-Ø nome próprio-CN [trʊ 'mak ɿ]	<b>mais</b> <b>mais</b> 'majs	putʃijawa-Ø nome próprio-CN ,p <sup>h</sup> ʊtʃɪ 'dʒawə
	<b>V</b>		
	itapina-Ø anzol-CN ,ɪta 'p <sup>h</sup> ɪnə	o-itik 3pl-jogar, atirar o 'itɪkə]	
	‘Trumak <b>mais</b> Putdjawa pescaram’ (lit. ‘Trumak e Putdjawa jogaram, atiraram o anzol’)		

#### 4.6 Derivação Nominal

Em Avá-canoeiro nomes podem ser constituídos com base em outros nomes, através de dois processos: 1) o de afixação, com os sufixos de diminutivo (**{-miri}** e **{-i}**) e de aumentativo (**{-uβu}** e **{-u}**); e 2) o de composição, com o uso de duas raízes nominais ou de uma nominal e uma intransitiva descritiva. Ainda não foram verificados casos de nomes que são formados a partir de outras classes de palavras. A seguir mostro como ocorrem esses processos na língua.

##### 1) Os sufixos **{-miri}** e **{-i}** ‘diminutivo’

Em Avá-Canoeiro o diminutivo é feito por meio principalmente do sufixo derivacional **{-miri}**, que se realiza como tônico ou átono (cf. exemplos de (431) a (436)). Contudo, pode-se ainda formar o diminutivo na língua com o sufixo **{-i}**, de ocorrência mais restrita (cf. (437) e (438)), e que possui duas realizações: **[-i]**, depois de segmentos orais, e **[-ɨ]**, depois de segmentos nasais (cf. (437) e (438), respectivamente). Essa última pode também ocorrer como tônica ou átona.

(431)	awati milho [a 'watʃɪ]	‘milho’	→	awati- <b>miri</b> milho- <b>dim</b> [a ,watʃɪ 'mirɪ]	‘pipoca, milho nascendo’
(432)	maβakaja gato-do-mato [ ,maβa 'k <sup>h</sup> aʒə]	‘gato-do-mato’	→	maβakaja- <b>miri</b> gato-do-mato- <b>dim</b> [ ,maβa ,kaʒə 'mirɪ]	‘filhote de gato-do-mato’
(433)	wɨra pássaro [ 'wɨrə]	‘pássaro’	→	wɨra- <b>miri</b> pássaro- <b>dim</b> [ ,wɨrə 'mirɪ]	‘passarinho’



(434)	tatu tatu [t <sup>h</sup> a ' t <sup>h</sup> u]	‘tatu’	→	tatu- <b>miri</b> tatu- <b>dim</b> [, t <sup>h</sup> atʊ ' mirɪ]	‘tatu pequeno’
(435)	ita-juw pedra-amarelo [, ɪtə ' juw]	‘agulha’	→	ita-juw- <b>miri</b> pedra-amarelo- <b>dim</b> [, ɪtəpũ ' mi:lɪ]	‘agulha pequena’
(436)	tʃi=∅-k <sup>w</sup> ã lposs=rel-dedo [tʃɪ ' k <sup>w</sup> õ]	‘meu dedo’	→	tʃi=∅-k <sup>w</sup> ã- <b>miri</b> lposs=rel-dedo- <b>dim</b> [, tʃɪk <sup>w</sup> õ ' mirɪ]	‘meu dedinho mínimo’
(437)	tamanoa tamanduá [t <sup>h</sup> a , mɛno ' a]	‘tamanduá’	→	tamanoa- <b>i</b> tamanduá- <b>dim</b> [t <sup>h</sup> a , mɛnoa ' i]	‘tamanduazinho’
(438)	tukan tucano [t <sup>h</sup> ʊ ' k <sup>h</sup> õn]	‘tucano’	→	tukan- <b>i</b> tucano- <b>dim</b> [, t <sup>h</sup> ʊk <sup>h</sup> õ ' nĩ]	‘tucano pequeno’

Além do número de ocorrências na língua, maior para o sufixo **{-miri}** e menor para **{-i}**, ainda não sei precisar quais distinções existem no uso de um ou de outro. Há somente um caso em que ocorre uma distinção semântica clara, como se segue. Em (439), temos o diminutivo de ‘pedra’. Já em (440), vemos que um novo conceito se constitui, a partir provavelmente, do formato das pedrinhas, análogo ao do açúcar cristal.

(439)	ita- <b>miri</b> pedra- <b>dim</b> [, ɪta ' mirɪ]	‘pedrinha’ <sup>174</sup>
(440)	ita- <b>i</b> pedra- <b>dim</b> [, ɪta ' i]	‘açúcar cristal’

Um outro modo de se expressar a noção de ‘pequeno’ em Avá-Canoeiro é através do uso do nome **aĩɛa** ‘filho (a)’, precedido do prefixo relacional **{r-}**, que pode ser empregado tanto para seres animados quanto inanimados, como ilustram os exemplos a seguir.

<sup>174</sup> A expressão mais corrente para ‘pedrinha’, no entanto, é:

(a) ita-∅ pedra-CN [ ' itə	r-aĩɛa rel-filho [ r aĩɛə]	‘pedrinha’ (lit. ‘o filhote da pedra’)
----------------------------------	----------------------------------	--



(448)	jaoti jaboti [ʒaˈo:tʃɪ]	‘jaboti’	→	jaoti- <b>uɓu</b> jaboti- <b>aum</b> [ , ʒaoˈtʃiwɓu]	‘jaboti grande’
(449)	oka casa [ˈokə]	‘casa’	→	oka- <b>uɓu</b> casa- <b>aum</b> [oˈkʰawɓu]	‘casa grande’
(450)	iakaj cancão [ˈjakaj]	‘cancão’	→	iakaj- <b>uɓu</b> cancão- <b>aum</b> [ , jakajˈuɓu]	‘cancão grande’
(451)	ita-kɪe pedra-faca [ , ɪtaˈkʰɪe]	‘faca’	→	ita-kɪe- <b>u</b> pedra-faca- <b>aum</b> [ , ɪtakɪˈew]	‘facão’
(452)	tʃi=Ø-kʷã 1poss=rel-dedo [tʃɪˈkʷã]	‘meu dedo’	→	tʃi=Ø-kʷã- <b>u</b> 1poss=rel-dedo- <b>aum</b> [tʃɪˈkʷãw]	‘meu dedão, o polegar’

Ainda não sei esclarecer com certeza quais implicações há em se utilizar o sufixo **{-u}** ao invés de **{-uɓu}**. Há casos em que ambas as formas podem ser usadas intercambiavelmente, como no seguinte exemplo:

(453)	ita-kɪe pedra-faca [ , ɪtaˈkʰɪe]	‘faca’	→	ita-kɪe- <b>u</b> pedra-faca- <b>aum</b> [ , ɪtakɪˈew]	~	ita-kɪe- <b>uɓu</b> pedra-faca- <b>aum</b> [ , ɪtakɪˈewɓu]	‘facão’
-------	--	--------	---	--	---	--	---------

Há pelo menos um caso em que o sufixo **{-uɓu}** segue verbos descritivos (cf. (454)). **{-u}**, ao contrário, nunca foi encontrado nessa posição.

(454)	i-api-Ø 3poss-unha-CN [ˈjapɪ]	i-puku- <b>uɓu</b> 3So-ser comprido- <b>aum</b> [ , ɪpuˈquɓu]	‘A unha dele (tatu) é muito comprida’
-------	-------------------------------------	---	---------------------------------------

#### 4.7 Composição Nominal

Em Avá-Canoeiro novos nomes podem ser formados através da combinação de duas raízes nominais (N + N) (em que a primeira funciona como modificador e a segunda como núcleo) ou

de uma raiz nominal, seguida de uma intransitiva descritiva (N + v.intrans.descr.). Nesses casos o nome funciona como núcleo (cf. (458) a (462)) e o verbo como modificador (cf. (463) a (469))<sup>175</sup>.

As relações semânticas que se estabelecem entre os elementos do composto são similares àquelas existentes entre elementos de sintagmas nominais (cf. (4.4)) e orações (cf. o Capítulo 8). Contudo, há alguns critérios fonológicos e morfossintáticos que diferem os compostos de sintagmas nominais e orações, quais sejam:

- 1) nos compostos há apenas um acento principal, formando uma única palavra fonológica, ao contrário dos sintagmas nominais e das orações, em que há tantos acentos quanto palavras houver que os constituam (cf. exemplos de (458) a (462) e de (463) a (469)). Dos três critérios apontados, esse é o mais produtivo;
- 2) nos compostos observa-se a ocorrência de processos morfofonológicos descritos no Capítulo 3, como o apagamento da última vogal de uma palavra quando a próxima também se inicia por vogal (cf. (458) e (461)), processo descrito em (3.4.2);
- 3) nos compostos não ocorrem afixos flexionais (os prefixos relacionais e o morfema de caso nuclear {-a}) entre as raízes, diferentemente dos sintagmas nominais e das orações, onde esses elementos aparecem (cf. (458) e (463)).

A seguir apresento, respectivamente nos exemplos (455), (456) e (457), o contraste entre um composto, um sintagma nominal e uma oração. No composto em (455a), há uma única palavra fonológica e não existem afixos flexionais (o caso nuclear {-a} no núcleo **moj** ‘cobra’ e um prefixo relacional no modificador **pinim** ‘pintada’); no sintagma nominal, em (456a), observa-se a presença de dois acentos e do caso nuclear {-a}, marcando o núcleo da construção genitiva **moj** ‘cobra’, o possuidor; em (457a), a presença do caso nuclear no nome **moj** ‘cobra’ e do prefixo relacional {-i-} no verbo intransitivo descritivo **pinim** ‘ter pintas’ marca uma oração.

1)	<b>Composto:</b>		<b>N+ v.intrans.descr.</b>		
(455)	N		<b>Mod</b>		
(455a)	moj-∅	+	∅-pinim	→	mojpinim
	cobra-CN		rel-ter pintas		‘cobra pintada’
	[ ' moj ]		[ ' p <sup>hr</sup> inĩmə ]		[ moj ' p <sup>hr</sup> inĩmə ]

<sup>175</sup> Para uma descrição de nomes compostos em uma língua do Subgrupo IV, consulte-se Silva (1999) e Silva (2003), que analisaram o Parakanã. Nessa língua, nomes são formados a partir de: 1) nome + nome; 2) nome + verbo (transitivo e intransitivo).

2) **Sintagma Nominal**

- (456) **Mod**                    **N**  
 (456a) **moj-a**                    Ø-pinim                    ‘as pintas da cobra’ (E)  
           cobra-CN                    rel-ter pintas  
           [ 'moʒə ]                    ' p<sup>h</sup>ɪnɪmə ]

3) **Oração**

- (457) **So**                    **V**  
 (457a) **moj-a**                    i-pinim                    ‘A cobra é pintada’  
           cobra-CN                    3-ter pintas  
           [ 'moʒə ]                    ɪ p<sup>h</sup>ɪnɪmə ]

Seguem-se alguns exemplos de compostos do Avá-Canoeiro. Note-se que estes se comportam como um todo, desempenhando funções de sintagmas nominais.

1) **N + N (modificador + núcleo)**

- (458) tata            +    ðwɪra                    →    tataðwɪra                    ‘fósforo’  
       fogo                    pau, árvore  
       [ 't<sup>h</sup>atə ]                    [ ð 'βɪrə ]                    [ , t<sup>h</sup>atɪ ð 'βɪrə ]
- (459) oka            +    k<sup>w</sup>aʒa                    →    okak<sup>w</sup>aʒa                    ‘porta, janela’  
       casa                    buraco  
       [ 'okə ]                    [ 'k<sup>w</sup>aʒə ]                    [ o 'k<sup>h</sup>ak<sup>w</sup>aʒə ]
- (460) paka            +    k<sup>w</sup>aʒa                    →    pakak<sup>w</sup>aʒa                    ‘buraco de paca’  
       paca                    buraco  
       [ 'p<sup>h</sup>akə ]                    [ 'k<sup>w</sup>aʒə ]                    [ p<sup>h</sup>a 'k<sup>h</sup>ak<sup>w</sup>əʒə ]
- (461) ita            +    ðaʒa                    →    itaðaʒa                    ‘barco a motor’  
       pedra                    canoa  
       [ 'itə ]                    [ 'ðəʒə ]                    [ ɪ 't<sup>h</sup>ðaʒə ]
- (462) ne=Ø-k<sup>w</sup>ã +    pina-i                    →    nek<sup>w</sup>ãpinai                    ‘teu anel’  
       2poss=rel-dedo    anzol-dim  
       [ ne 'k<sup>w</sup>ã ]                    [ 'p<sup>h</sup>ɪnaj ]                    [ , nek<sup>w</sup>ã 'p<sup>h</sup>ɪnaj ]

2) **N + v.intrans.descr. (núcleo + modificador)**

- (463) tatu            +    pep                    →    tatupep                    ‘tatupeba’  
       tatu                    ser chato, plano  
       [ t<sup>h</sup>a 't<sup>h</sup>u ]                    [ 'p<sup>h</sup>ɛp<sup>ɿ</sup> ]                    [ , t<sup>h</sup>atɪ 'p<sup>h</sup>ɛp<sup>ɿ</sup> ]
- (464) moj            +    piɾaŋ                    →    mojpɾaŋ                    ‘cobra coral’  
       cobra                    ser vermelha  
       [ 'moj ]                    [ 'p<sup>h</sup>iɾəŋ ]                    [ moj 'p<sup>h</sup>iɾəŋ ]

(465)	ipotĩɰa flor [ɪ'pʰotĩɰə]	+	pirɑŋ ser vermelha [pʰirǝŋ]	→	ipotĩɰapirɑŋ [ɪ, potĩɰə'pʰirǝŋ]	‘flor vermelha’
(466)	wĩra pássaro [wĩrə]	+	tiŋ ser branco [tʃiŋ]	→	wĩratĩŋ [, wĩra'tʃiŋ]	‘garça’
(467)	tata fogo [tʰatə]	+	eni ser claro, brilhante [ɛni]	→	tataeni [, tʰata'ɛni]	‘luz do fogo’
(468)	pira peixe [pʰira]	+	puku ser comprido [pʰuqu]	→	pirapuku [pʰɪ, rapu'qu]	‘espécie de peixe’
(469)	watʃu veado [watʃu]	+	puku ser comprido [pʰuqu]	→	watʃupuku [, watʃu'pʰuqu]	‘espécie de veado’

Observa-se, portanto, que basicamente o que caracteriza os compostos no Avá-Canoeiro é o fato de haver um único acento principal, formando uma única palavra fonológica.

Desse modo, finalizo a descrição da categoria de nome do Avá-Canoeiro.

## Conclusão

Neste capítulo tratei da classe de nomes do Avá-Canoeiro, que, do ponto-de-vista semântico, designam entidades em geral. Para isso busquei, por meio de critérios gramaticais internos, compreender a estrutura dessa categoria, as relações que ela estabelece com as demais classes e a configuração morfossintática que a difere das outras classes de palavras abertas e fechadas da língua.

Morfologicamente, o nome caracteriza-se por ser marcado pelos sufixos de caso nuclear **{-a}** e locativo **{-pe}** e, sintaticamente, por desempenhar a função de núcleo dos sintagmas nominais. O sufixo de *caso nuclear* **{-a}** segue nomes terminados em consoantes e vogais e marca várias funções nos nomes, ligando-os a vários outros elementos sintáticos. Mostrei a tendência à lexicalização desse morfema em Avá-Canoeiro, que parece estar relacionada ao deslocamento do acento da última para a penúltima sílaba, passando o **{-a}** a fazer parte da constituição fonológica

das palavras da língua. No entanto, serão necessários ainda mais estudos, inclusive de prosódia, para que esse processo possa ser melhor compreendido. Já a função dos sintagmas nominais marcados pelo *caso locativo* é a de adjunto da oração, que pode preceder ou seguir o verbo. Semânticamente, o caso locativo indica localização espacial.

A categoria de *posse* é codificada nos nomes por meio de pronomes clíticos de primeira e segunda pessoas e por prefixos relacionais. Esses prefixos demonstram a referência ao possuidor, considerando-se sua função gramatical, o tipo de construção e o tipo de referência expressa. No Avá-Canoeiro não há marcas específicas para posse alienável ou inalienável. À semelhança do que se vê em muitas outras línguas do mundo, os nomes subdividem-se em três subclasses semânticas (não-possuídos, alienavelmente possuídos e inalienavelmente possuídos), que se diferenciam também por propriedades morfossintáticas, como elementos que os estruturam e funções sintáticas que desempenham.

Não há marcas morfológicas nos nomes do Avá-Canoeiro para indicar gênero e número, não havendo, portanto, essas categorias na língua. As noções de *gênero* para os nomes que designam seres com os traços [+ animado] ou [+ humano] são expressas pelas palavras para ‘homem, macho’ e ‘mulher, fêmea’, ou por essas palavras pospostas aos nomes. As noções de *número*, por sua vez, são indicadas em Avá-Canoeiro por intermédio de palavras quantificadoras, que precedem os nomes e que também funcionam como formas adverbiais quantificadoras.

Os *sintagmas nominais* do Avá-Canoeiro são constituídos por um núcleo nominal obrigatório (um pronome pessoal livre ou um nome possuível ou não-possuível) e pelos modificadores, que são elementos periféricos opcionais. Os modificadores que ocorrem após os nomes-núcleos podem ser descritivos ou nomes, marcados pelo morfema de caso {-a}, e aqueles que os antecedem são demonstrativos, numerais ou genitivos. Os sintagmas nominais do Avá-Canoeiro desempenham as funções sintáticas de: 1) sujeito de verbos intransitivos ativos, transitivos e descritivos; 2) objeto direto; 3) complemento da cópula **eko** ~ **iko** ‘ser, estar’; 4) objeto das posposições e 5) predicado nominal. Os sintagmas nominais sujeitos e objetos podem ser coordenados por meio da justaposição, todos marcados pelo caso nuclear {-a}, sem o uso de elementos conectivos.

Na língua Avá-Canoeiro, os nomes podem ser formados por meio de outros nomes, através do processo de *afixação*, com os sufixos de diminutivo ({-miri} e {-i}) e de aumentativo ({-uɓu} e {-u}) ou de *composição*, como o uso de duas raízes nominais (em que a primeira exerce a função de modificador e a segunda a de núcleo) ou de uma nominal e uma intransitiva descritiva. Nesses casos o nome funciona como núcleo e o verbo como modificador.

As relações semânticas que se estabelecem entre os elementos do composto são semelhantes àquelas que ocorrem entre os elementos de sintagmas nominais e de orações. Porém, há critérios fonológicos e morfossintáticos que distinguem os compostos de sintagmas nominais e orações, como acentuação, processos morfofonológicos e o aparecimento ou não de afixos flexionais (os prefixos relacionais e o morfema de caso nuclear {-a}) entre as raízes. Desses o mais importante é o critério da acentuação, já que há apenas um acento principal, constituindo uma única palavra fonológica.

No capítulo seguinte tratarei da classe de verbos do Avá-Canoeiro.



## Capítulo 5

### O verbo da língua Avá-Canoeiro

Morphosyntactic properties of verbs fall into two groups: distributional (or configurational) and structural. Distributional properties have to do with how words function in phrases, clauses, and texts. For example, verbs can serve as heads of verb phrases, predicates of clauses, and they code events in a text. Structural properties have to do with the internal structure of the verb itself. For example, in some languages verbs exhibit subject agreement, tense/aspect/mode marking, etc., whereas forms that belong to other grammatical categories do not.<sup>176</sup>

Payne (1997: 47)

#### 5. Introdução

Neste capítulo discuto a classe de verbos do Avá-Canoeiro e suas propriedades, com base nos trabalhos de Schachter (1985), Anderson (1985a, b), Comrie (1985), Payne (1997), Seki (2000) e Givón (2001), dentre outros. Trato dos tipos de verbos existentes na língua: os transitivos, os intransitivos ativos e descritivos e a cópula **eko** ~ **iko** ‘ser, estar’. Abordo também alguns aspectos morfossintáticos do verbo, como a marcação de pessoa, os morfemas aspectuais e a hierarquia de referências. Quando possível, serão estabelecidas comparações entre o Avá-Canoeiro e outras línguas Tupi-Guarani, especialmente do Subgrupo IV.

<sup>176</sup> Tradução livre: “As propriedades morfossintáticas dos verbos subdividem-se em dois grupos: distribucionais (ou configuracionais) e estruturais. As propriedades distribucionais dizem respeito à função das palavras nos sintagmas, nas orações e nos textos. Por exemplo, os verbos podem ocorrer como núcleos de sintagmas verbais, como predicados de orações, e codificam eventos no texto. As propriedades estruturais têm a ver com a estrutura interna do verbo. Por exemplo, em algumas línguas os verbos indicam concordância de sujeito, marcação de tempo/aspecto/modo etc, enquanto formas que pertencem a outras categorias gramaticais não o fazem”.

O verbo do Avá-Canoeiro flexiona-se com elementos pronominais diversos, quais sejam: prefixos pessoais subjetivos, prefixos relacionais e pronomes clíticos. Funciona como predicado oracional e, por ser marcado por esses elementos pronominais, pode ser o constituinte único de uma oração.

## 5.1 Tipos de verbos

No Avá-Canoeiro existem quatro subclasses de verbos: os *transitivos* (cf. (5.1.1)), os *intransitivos ativos*<sup>177</sup> (cf. (5.1.2)), os *intransitivos descritivos* (cf. (5.1.3)) e a *cópula eko ~ iko* ‘ser, estar’ (cf. (5.1.4)). Esses verbos distinguem-se pelo número de argumentos que aceitam e, principalmente, pelas séries de elementos pronominais distintos que recebem. Existem na língua três séries diferentes de marcadores de pessoa verbais (prefixos pessoais, prefixos relacionais e pronomes clíticos), como já dito, sendo somente um argumento, o sujeito ou o objeto, indicado de cada vez.

Em outras línguas Tupi-Guarani, como o Kamaiurá, por exemplo, há uma série de prefixos pessoais *portmanteau*, pertencentes à Série IV, que ocorrem em verbos transitivos, nos modos exortativo e indicativo, marcando uma referência simultânea ao sujeito e ao objeto: {oro-} ‘2ª pessoa singular’ e {opo-} ‘2ª pessoa plural’ (cf. Seki, 2000). Em meus dados ainda não foram constatados exemplos desses prefixos em Avá-Canoeiro.

Nesta língua, os sujeitos dos verbos transitivos (A) e intransitivos ativos (Sa) são codificados pelos prefixos pessoais da Série I, nas orações declarativas, e pelos da Série II nas imperativas. Os sujeitos dos verbos intransitivos descritivos (So) e os objetos dos transitivos (P), por seu turno, são marcados pelos pronomes clíticos da Série III. Nas orações imperativas, os verbos intransitivos descritivos recebem os prefixos da Série II, como os transitivos e intransitivos ativos. Como não há um pronome clítico específico à terceira pessoa, essa função é desempenhada pelo prefixo relacional {i-}<sup>178</sup>.

<sup>177</sup> A distinção estabelecida aqui entre ‘verbos intransitivos ativos’ e ‘verbos intransitivos descritivos’ segue Dixon (1994: 71), de acordo com o qual em algumas línguas ‘verbos intransitivos são divididos em dois conjuntos, um com Sa (S marcado como A) e outro com So (S marcado como O)’, constituindo-se, assim, um ‘Sistema Cindido’ (‘Split-S System’), onde há uma cisão morfológica na marcação de verbos intransitivos. S é o sintagma nominal que ocorre como o único argumento de verbos intransitivos. Se S funcionar morfológicamente como os sujeitos dos verbos transitivos (A), será rotulado como Sa, ao passo que, se se comportar como o objeto (O), receberá So como rótulo (Sa=A e So=O). O referido autor e Mithun (1991) mencionam o Guarani Paraguaio como língua Tupi que possui esse sistema.

<sup>178</sup> Como será visto no Capítulo 6, à semelhança do que ocorre em várias outras línguas Tupi-Guarani, como o Tupinambá (cf. Rodrigues (1990)), o Kamaiurá (cf. Seki (1982, 1987, 1990, 2000)), o Tapirapé (cf. Praça (1999)) e o Tembé (Duarte, 2003), no Avá-Canoeiro não há um pronome de terceira pessoa, cumprindo essa função um demonstrativo ou um sintagma nominal. Conforme Benveniste (1991a: 250, 259), há distinção entre a primeira e a segunda pessoas (‘aquele que fala’ e ‘aquele a quem nos dirigimos’), consideradas a ‘pessoa subjetiva’ e a ‘pessoa não-subjetiva’, respectivamente, versus a terceira, denominada ‘não-pessoa’ (‘aquele que está ausente’).

Na Tabela 18 estão esses elementos pronominais.

Tabela 18: Marcadores de Pessoa no verbo Avá-Canoeiro

	Série I	Série II	Série III
Pessoas verbais	A/Sa	Imperativas	P/So <sup>1</sup>
1ª sg	a-		tʃi= ~ tʃe=
2ª sg	ere-/e-	e-	ne= ~ ni= ~ na=
1ª pl.incl.	jane-		jane=
1ª pl.excl.	oro-		ore=
2ª pl	pe-	pe-	pe=
3ª	o-		Prefixo Relacional ({i-}) <sup>2</sup>

<sup>1</sup> Como vimos anteriormente, a Série III marca, além do sujeito de verbos intransitivos descritivos e os objetos diretos, os objetos de posposição e os possuidores no nome.

<sup>2</sup> No Capítulo 4, vimos que o prefixo relacional {r-} (/r- ~ ʁ- ~ Ø-/) marca os nomes.

A troca de série de marcadores de pessoa num determinado verbo faz com que este mude seu estatuto, como nos exemplos a seguir. Em (470), (471) e (475), os verbos aparecem codificados pela Série I, marcando os sujeitos de verbos intransitivos ativos e transitivos, respectivamente. Já em (472) e (474), com o uso do marcador da Série III, temos verbos intransitivos descritivos.

(470) **v.intrans.at.**

(470a) **o-tiniŋ** ‘Ele secou’  
 3Sa-secar  
 [o<sup>1</sup> tʃinĩŋ]

(471) **A**

**P**

**v.trans.**

(471a) **k<sup>w</sup>aɛ-Ø** **i-awa-Ø** **o-tiniŋ** ‘O sol secou a roupa’  
 sol-CN 3-roupa-CN 3A-secar  
 [<sup>1</sup>k<sup>w</sup>aɛə] [jawaə] [o<sup>1</sup> tʃinĩŋ]

(472) **So**

**v.intrans.descr.**

(472a) **i-awa-Ø** **i-tiniŋ** ‘A roupa dele está seca’  
 3-roupa-CN 3So-secar  
 [<sup>1</sup>jawaə] [i<sup>1</sup> tʃinĩŋ]

(473) **A**

**P**

**v.trans.**

(473a) **tʃi=tō** **trumak-Ø** **r-awa** **a-jiwirok** ‘Eu rasguei a roupa do Trumak’ (E)  
 pron.pess.=part. nome próprio-CN rel-roupa 1sgA-rasgar  
 [<sup>1</sup>tʃitō] [tru<sup>1</sup>mak<sup>ʔ</sup>] [rawa] [a<sub>1</sub>dʒɪwɪɪ<sup>1</sup>rɔk<sup>ʔ</sup>]

(474)	<b>So</b>		<b>v.intrans.descr.</b>	
(474a)	trumak-Ø	r-awa	i-jiwirok	‘A roupa do Trumak está rasgada’ (E)
	nome próprio-CN	rel-roupa	3So-rasgar	
	[truˈmakˀ	ˀrawa	ɪˀdʒɪwɪˀrɔkˀ]	

Nas próximas seções veremos os tipos de verbos do Avá-Canoeiro.

### 5.1.1 Verbos Transitivos

Os verbos transitivos, do mesmo modo que os intransitivos ativos, expressam predominantemente ações e atos volicionais, ao contrário dos verbos intransitivos descritivos, que denotam estados e processos involuntários, como ‘tossir’, ‘espirrar’, ‘ter febre’ e ‘ter dor’<sup>179</sup>. Os verbos transitivos podem receber dois argumentos nominais, um desempenhando a função de sujeito (A) e outro a de objeto (P) (cf. (476a) e (476b)), mas podem receber apenas um nominal, na função de A ou P, sendo o outro argumento marcado exclusivamente no verbo (cf. (475a) e (477a)). O verbo é codificado por apenas um marcador de pessoa de cada vez<sup>180</sup>, recebendo os prefixos da Série I para indicar sujeito ou os da Série III para expressar o objeto. Opera na língua uma hierarquia de referência, abordada em (5.2.1.1). A seguir, na Tabela 19, temos alguns verbos transitivos da língua.

Tabela 19: Alguns verbos transitivos do Avá-Canoeiro

Verbos transitivos do Avá-Canoeiro	Glosas
1. <b>juka</b>	‘matar’
2. <b>jepik</b>	‘pegar, segurar’
3. <b>mopu</b>	‘tocar (violão)’
4. <b>pitim</b>	‘beliscar’
5. <b>mowok</b>	‘cortar (cabelo, lenha)’

<sup>179</sup> Segundo Hopper & Thompson (1980), pode-se falar num contínuo de transitividade porque, mesmo entre os verbos intransitivos há aqueles que são mais transitivos. Quando um sintagma nominal é mais alto em transitividade, é mais semelhante a **A** do que um sintagma mais baixo em transitividade. Assim, os verbos intransitivos ativos são mais altos em transitividade do que os intransitivos descritivos e tem-se a seguinte hierarquia de agentividade, de controle: verbos transitivos > verbos intransitivos ativos > verbos intransitivos descritivos.

<sup>180</sup> Ao contrário do que ocorre em Avá-Canoeiro, em Guarani-Mbyá é possível marcar simultaneamente o sujeito e o objeto nas construções com dois argumentos e objeto de 3ª pessoa, como no seguinte exemplo:

(a) João            o-i-peju            ‘João soprou-o’ (Martins, 1996: 30-31)  
 João            3sg/plA-3sg/plO-soprar

6. <b>ejar</b>	‘deixar, abandonar’
7. <b>mapik</b>	‘cozinhar’
8. <b>momot</b>	‘jogar, atirar’
9. <b>ekij</b>	‘puxar’
10. <b>apik</b>	‘tecer, trançar’

Os exemplos que se seguem mostram orações compostas por verbos transitivos, marcados pela Série I, para sujeito (A) (cf. (475) e (476)), e pela Série III, para objeto (P) (cf. (477)).

(475)	<b>A-v.trans</b>	<b>P</b>		
(475a)	<b>a-jok<sup>w</sup>ik</b> 1sgA-amarrar [a <sup>1</sup> ʒok <sup>w</sup> ikə]	<b>jawaka-∅</b> cachorro-CN [ʒaG <sup>w</sup> əkə]		‘Eu amarrei o cachorro’
(476)	<b>A</b>	<b>P</b>	<b>A-v.trans.</b>	
(476a)	<b>trumak-∅</b> nome próprio-CN [tru <sup>1</sup> mak <sup>ʔ</sup> ]	<b>iwik-∅</b> terra-CN [iwik]	<b>o-jok</b> 3sgA-cavar [o <sup>1</sup> ʒokə]	‘Trumak cavou a terra’
(476b)	<b>iawi-∅</b> nome próprio-CN [ja <sup>1</sup> wi]	<b>ka-∅</b> mato-CN [k <sup>h</sup> a]	<b>o-kiti</b> 3sgA-cortar [o <sup>1</sup> k <sup>h</sup> itʃɪ]	‘Iawi cortou o mato’
(477)	<b>A</b>	<b>P=v.trans.</b>		
(477a)	<b>tataira-∅</b> abelha de fogo-CN [t <sup>h</sup> atə <sup>1</sup> ilə]	<b>ni=pirok</b> 2sgP=queimar [nɪ <sup>1</sup> p <sup>h</sup> irokə]		‘A abelha de fogo te queimou’ (E)

### 5.1.2 Verbos Intransitivos Ativos

Os verbos intransitivos ativos, à semelhança dos transitivos, indicam a categoria de pessoa por meio dos prefixos da Série I e expressam predominantemente atividades e atos de vontade e controle do participante da ação. Os verbos intransitivos ativos possuem como argumento único o sujeito Sa, sempre manifestado pela marcação de pessoa e às vezes por um sintagma nominal. A Tabela 20 traz alguns verbos intransitivos ativos da língua.

Tabela 20: Alguns verbos intransitivos ativos do Avá-Canoeiro

Verbos Intransitivos Ativos do Avá-Canoeiro	Glosas
1. <b>napume</b>	‘mergulhar’
2. <b>jip</b>	‘descer’
3. <b>jipiak</b>	‘pensar’
4. <b>itaw</b>	‘nadar’
5. <b>puam</b>	‘levantar-se’
6. <b>puka</b>	‘rir’
7. <b>apik</b>	‘sentar-se’
8. <b>kae</b>	‘sasar, cicatrizar’
9. <b>ajpukuj</b>	‘remar’
10. <b>por</b>	‘saltar, pular’
11. <b>am</b>	‘estar em pé’
12. <b>jot</b>	‘vir’

A seguir alguns exemplos de orações com verbos intransitivos ativos do Avá-Canoeiro, marcados pelos prefixos pessoais da Série I.

(478) **v.intrans.at.**

(478a) **a-jaeo** ‘Eu chorei’  
**1sgSa**-chorar  
[a 'ʒaew]

(479) **Sa** **v.intrans.at.**

(479a) **ni=tō** **ere-por** ‘Você saltou, pulou’  
pron.pess=part. **2sgSa**-saltar, pular  
[ 'nitō e 'lepore]

(480) **Sa** **v.intrans.at.**

(480a) **tʃi=r-aiwa-∅** **o-kae** ‘Meu machucado sarou/secou’  
lposs=rel-machucado-CN **3sgSa**-sarar  
[ ,tʃɪra 'iwə o 'k<sup>h</sup>ae]

### 5.1.3 Verbos Intransitivos Descritivos<sup>181</sup>

Os verbos intransitivos descritivos do Avá-Canoeiro exprimem conceitos que em muitas outras línguas, inclusive o português, são codificados por meio de adjetivos. Semanticamente expressam conceitos referentes a dimensão, idade, valor, cor, propriedade física, propensão humana e velocidade, que são os tipos semânticos associados à classe de palavra ‘adjetivo’, segundo Dixon (1977, 2002). Na Tabela 21, exemplifico esses conceitos, expressos em Avá-Canoeiro por meio de verbos intransitivos descritivos.

Tabela 21: Verbos Intransitivos Descritivos do Avá-Canoeiro

Tipos Semânticos propostos por Dixon (1977, 2002) para a classe ‘adjetivo’	Exemplos
1. Dimensão	<b>puku</b> ‘comprido’, <b>jeia</b> ‘alto’, <b>ati</b> ‘baixo, pequeno’
2. Idade	<b>piau</b> ‘novo’, <b>tuiaw</b> ‘velho’
3. Valor	<b>katu</b> ‘bom, bonito’, <b>ari</b> ‘bonito’, <b>aiw</b> ‘mal’
4. Cor	<b>tiŋ</b> ‘branco’, <b>pitun</b> ‘preto’, <b>juw</b> ‘amarelo’, <b>owi</b> ‘verde, azul’, <b>piran</b> ‘vermelho’, <b>pitan</b> ‘vermelho’, <b>wan</b> ‘vermelho’
5. Propriedade Física	<b>boi</b> ‘frio’, <b>akup</b> ‘quente’, <b>ata</b> ‘duro’, <b>pep</b> ‘chato, plano’, <b>eni</b> ‘claro, brilhante’, <b>e</b> ‘doce’, <b>ete</b> ‘gostoso’, <b>poi</b> ‘pesado’, <b>poi</b> ‘fino’, <b>kia</b> ‘sujo’, <b>k<sup>w</sup>eʒaj</b> ‘cansado’, <b>maʒan</b> ‘doente’
6. Propensão Humana	<b>potʒi</b> ‘bravo, nervoso’
7. Velocidade	<b>wapiaj</b> ‘lento, demorado’

Embora do ponto-de-vista semântico essas palavras pudessem ser consideradas ‘adjetivos’ em Avá-Canoeiro, morfológica e sintaticamente os descritivos não possuem propriedades específicas que justifiquem agrupá-los numa classe ‘adjetivo’ à parte<sup>182</sup>, além de compartilharem com os verbos intransitivos ativos algumas características, discutidas nas próximas seções, tais como:

<sup>181</sup> Os descritivos possuem comportamento distinto nas diversas línguas Tupi-Guarani. Em algumas, como o Tupinambá, são considerados uma subclasse dos nomes; em outras, como o Kamaiurá, o Tapirapé e o Kayabi, são tratados como uma subclasse dos verbos (cf. Cabral, 2001).

<sup>182</sup> Em outras línguas Tupi também não há uma classe separada de ‘adjetivo’ e os descritivos funcionam como verbos, apesar de serem denominados de modo distinto. Esse é o caso do Juruna (Fargetti, 2003: ‘verbos estativos’); do Tapirapé (Leite, 1990a: ‘verbos de estado’); do Kamaiurá (Seki, 2000: ‘verbos intransitivos descritivos’) e do Tenetehára (Duarte, 2005: ‘verbos inacusativos’). Isso contraria o que preconiza Dixon (2002: 01), segundo o qual uma classe de adjetivos pode ser reconhecida para todas as línguas, da mesma forma que se distinguem as classes de ‘nome’ e ‘verbo’. Para ele, há sempre algum critério gramatical, mesmo que sutil, que distinga a classe de adjetivos das demais. Entretanto, no Avá-Canoeiro não encontrei por enquanto nenhuma propriedade morfológica ou sintática que justificasse a divisão ‘nome’, ‘verbo’ e ‘adjetivo’.

- 1) apresentam reduplicação monossilábica e dissilábica, indicando os aspectos intensivo e iterativo (cf. (5.2.2));
- 2) o aspecto completivo é marcado pelo sufixo **{-pam}** (cf. (5.2.2));
- 3) a negação realiza-se por meio do morfema descontínuo **{n(a)=...-i(te)}** (cf. (5.2.4));
- 4) apresentam o prefixo causativo **{mo-}** (cf. (5.2.5)).

Por essa razão, os descritivos da língua podem ser tratados como uma subclasse dos verbos intransitivos.

Os verbos intransitivos descritivos, do mesmo modo que os intransitivos ativos, recebem um argumento apenas, o sujeito So, e podem sozinhos funcionar como um predicado, como demonstram os exemplos em (481) e (482):

- (481) **So**                      **v.intrans.descr.**
- (481a) *miɾaw-∅*                **i-ete=tõ**                      ‘O mingau está muito gostoso’  
           *mingau-CN*                **3So-estar gostoso=part.**  
           [miɾ 'ɾaw                je 't<sup>h</sup>etõ]
- (482) **v.intrans.descr.**
- (482a) **i- maʒan**                      ‘Ele está doente’  
           **3So-estar doente**  
           [ɪ 'maʒə̃nɪ]

Os exemplos a seguir ilustram alguns verbos intransitivos descritivos, codificados pela Série III de marcadores de pessoa<sup>183</sup>:

- (483) **v.intrans.descr.**
- (483a) **tʃi=maʒan**                      ‘Eu estou doente’  
           **1sgSo=estar doente**  
           [tʃɪ 'maʒə̃nɪ]
- (483b) **ne=katu=ete**                      ‘Você é muita bonita’  
           **2sgSo=ser bonito=part.**  
           [ne ,katu 't<sup>h</sup>e]

<sup>183</sup> Nesse aspecto, os descritivos assemelham-se aos nomes: recebem os mesmos marcadores de pessoa que eles recebem, ou seja, os prefixos relacionais e os pronomes clíticos. No entanto, os nomes distinguem-se dos descritivos por apresentarem os sufixos de caso anteriormente vistos (nuclear **{-a}** e locativo **{-pe}**).



(484)	<b>So</b>	<b>v.intrans.descr.</b>	
(484a)	jawaʒa-Ø cachorro-CN	i-tuiaw 3So-ser velho, grande	‘O cachorro é velho, grande’
	[ 'ʒaG <sup>w</sup> əʒə	, ɪtuʒ 'aw]	
(484b)	kɪe-Ø faca-CN	i-ajme 3So-ser afiado	‘A faca está afiada’ (E)
	[ 'k <sup>h</sup> ɪe	'jajmɪ]	

### 5.1.3.1 Os verbos intransitivos descritivos para cores: algumas considerações

Os verbos intransitivos descritivos que designam cores merecem algumas considerações. Para a cor ‘branco’, os Avá-Canoeiro empregam, além do termo **tiŋ**, a palavra **tatatiŋ**, que denomina a fumaça. A palavra utilizada para a cor ‘preto’ é **pitun**, embora os Avá-Canoeiro tenham uma preferência pelo termo **jak<sup>w</sup>azuna**, que significa ‘carvão’. **pitun** é pouco usada por eles. Para designar ‘vermelho’, os Avá-Canoeiro possuem três termos, quais sejam: **piranŋ**, **pɪtanŋ**, **waŋ**<sup>184</sup>. Além disso, incluem ainda a palavra **ɪwɪ** ‘terra, chão’, indicando a cor ‘vermelho’, em suas diversas nuances, ou ainda ‘marrom’, quando se solicita com veemência a palavra para essa cor. Englobando as cores ‘verde’ e ‘azul’, emprega-se em Avá-Canoeiro a palavra **owɪ**<sup>185</sup>, mas principalmente **kakɪʒ**, uma palavra composta a partir das raízes **ka** ‘mata’ e **kɪʒ** ‘verde’, que significa ‘folha’<sup>186</sup>.

Na Tabela 22 apresento os termos para cores em Avá-Canoeiro, alguns dos quais constam da Tabela 21, em que tratei dos tipos semânticos dos adjetivos, cujos significados se expressam em Avá-Canoeiro por intermédio dos verbos descritivos.

<sup>184</sup> Outras línguas Tupi-Guarani, como o Kamaiurá, possuem palavras distintas para a cor ‘vermelho’ (Seki, 2000a).

<sup>185</sup> A palavra **owɪ** significava ‘verde, azul’ já no Proto-Tupi-Guarani, conforme demonstrei em Borges (2004c), tendo se originado de \*oβɪ, \*tsoβɪ.

<sup>186</sup> **kakɪʒ** designa ‘folha’ como termo genérico, bem como ‘couve’, ‘alface’, ‘salsa’, ‘cebolinha’ e outras folhas específicas.

Tabela 22: Cores em Avá-Canoeiro<sup>187</sup>

Cores	Palavras Avá-Canoeiro
1. ‘branco’	tiŋ; tatatiŋ (‘fumaça’)
2. ‘preto’	pitun; jak <sup>w</sup> aʒuna (‘carvão’)
3. ‘vermelho, marrom’	piɾaŋ, pɛtaŋ, waŋ; ɛwɛ (‘terra, chão’)
4. ‘verde, azul’	owɛ; kakɛɛ (‘folha’)
5. ‘amarelo’	juw

Por conseguinte, percebe-se em Avá-Canoeiro uma tendência para se aproximar de elementos da natureza (fumaça, carvão, terra e folha) a terminologia para expressar cores.

#### 5.1.4 Cópula (eko ~ iko ‘ser, estar’)

Em Avá-Canoeiro há um verbo copulativo **eko** ~ **iko**<sup>188</sup>, que indica as noções ‘ser, estar’, expressando estados e localizações, e constitui o núcleo das orações copulativas, discutidas no Capítulo 8. Essa cópula flexiona-se de modo igual aos verbos intransitivos ativos da língua<sup>189</sup>, sendo, assim, marcada pelos prefixos pessoais da Série I. A seguir apresento exemplos da cópula, que pode preceder e/ou seguir um sintagma nominal, com função de sujeito e de objeto da cópula, respectivamente, como em (485), (486) e (487), indicando *identidade* entre os elementos, ou expressando lugar, como em (488):

<sup>187</sup> A partir do estudo de cerca de 100 línguas, Berlin & Kay (1969) propõem a existência de um inventário universal de 11 categorias de cores básicas, hierarquicamente estruturadas: branco, preto, vermelho, verde, amarelo, azul, marrom, púrpura, rosa, laranja e cinza. Apesar de o Avá-Canoeiro possuir palavras para as cinco primeiras, não as estou considerando ainda como ‘cores básicas’, na acepção daqueles autores, já que como explicam, os termos para cores básicas são monolexêmicos. Em Avá-Canoeiro a mesma palavra **owɛ** engloba as noções de ‘verde’ e ‘azul’. Além disso, uma mesma cor pode ser denominada pelo menos de duas maneiras distintas (cf. termos para ‘branco’, ‘preto’, ‘vermelho’ e ‘verde, azul’). Uma investigação mais acurada sobre o tema somente poderá ser realizada quando se souber mais sobre a cultura Avá-Canoeiro.

<sup>188</sup> Outras línguas Tupi-Guarani do Subgrupo IV possuem verbos cognatos ao do Avá-Canoeiro. No entanto, nessas línguas esses verbos funcionam não como cópulas, mas como verbos auxiliares. Esse é o caso de **iko** ‘estar’ do Tembé. Segundo Duarte (2003: 110, 114), esse verbo é um auxiliar que ocorre sistematicamente seguindo o verbo principal da oração, havendo, assim, as ordens **SVOAux** e **VSOAux**, como nos exemplos a seguir:

- (a) puruto w-ekar tapiʔir **iko** ‘Puruto está procurando anta’  
Puruto 3-procurar anta **estar**
- (b) u-dapo awa tɛrəm **iko** aʔe ‘Ele, homem, está fazendo farinha’  
3-fazer homem farinha estar ele

<sup>189</sup> Payne (1997: 115) chama atenção para esse fato: em algumas línguas do mundo a cópula apresenta as propriedades morfossintáticas que caracterizam outros verbos.

(485)	<b>SN (sujeito)</b>	<b>pref.pess.I-cópula</b>	<b>SN (objeto)</b>	
(485a)	əʒɛlika-∅ nome próprio-CN [ə 'ʒɛli:kə 'Angélica é filha da Makaquira'	<b>o-iko</b> 3sg-ser, estar o 'iko	makakira-∅ nome próprio-CN , maka 'k <sup>h</sup> irə	r-aɪʒa rel-filha 'raɪʒə]
(486)	<b>pref.pess.I-cópula</b>	<b>SN(objeto)</b>		
(486a)	ere-eko 2sg-ser, estar [e 'reɣu	tʃiʒapitʃiʒa-∅ <sup>190</sup> indígena-CN , tʃiʒa 'p <sup>h</sup> itʃiʒə]		'Você é indígena' (E)
(487)	<b>SN(objeto)</b>	<b>pref.pess.I-cópula</b>		
(487a)	maira-∅ <sup>191</sup> não-indígena-CN [ 'maj]ə	<b>o-iko</b> 3sg-ser, estar o 'iko]		'Ele é não-indígena'
(488)	<b>SN(sujeito)</b>	<b>Sposp</b>	<b>pref.pess.I-cópula</b>	
(488a)	mapɛʒa-∅ papel-CN [ 'mapɛʒə	meza mesa 'mezə	ɪwati posp ɪ 'watʃɪ	<b>o-eko</b> 3sg-ser, estar o 'eko]
	'O papel está em cima da mesa'			

A cópula também precede ou segue um outro verbo, como nos exemplos (489) e (490):

(489)	<b>Cópula</b>	<b>Verbo</b>	
(489a)	<b>o-iko</b> 3sg-ser, estar [ 'ojqo	o-in 3sg-estar sentado o 'ɪnɪ]	'Ela (a vaca) está viva e sentada (está afundada na lama)'
(490)	<b>SN</b>	<b>Verbo</b>	<b>Cópula</b>
(490a)	tutau-a nome próprio-CN [t <sup>h</sup> ɯ 't <sup>h</sup> awə	o-em 3sg-sair o 'ɛmə	<b>o-iko</b> 3sg-ser, estar 'ojqo]
	'Tutau está saindo'		

<sup>190</sup> No Capítulo 8, mostro que a noção de identidade pode ser expressa tanto por orações compostas por cópula, quanto por orações equativas, sem cópula, como no seguinte exemplo:

(a) itʃe pron.pess. [ɪ 'tʃe (compare-se com itʃe e a-iko	tʃiʒapitʃiʒa-∅ indígena-CN tʃiʒa 'p <sup>h</sup> itʃiʒə]	'Eu sou indígena' (E)
	<b>tʃiʒapitʃiʒa-∅</b>	'eu sou indígena', onde temos: <b>pronome pessoal 1sg-cópula indígena-CN</b>

As orações **itʃe e a-iko tʃiʒapitʃiʒa** e **itʃe tʃiʒapitʃiʒa** podem ser usadas intercambiavelmente, embora eu ainda não saiba precisar quais são as implicações semânticas do uso de uma ou outra forma.

<sup>191</sup> Note-se que o Avá-Canoeiro, diferentemente de outras línguas do Subgrupo IV, como o Tapirapé, o Asurini do Trocará e o Parakanã, não possui a palavra **tori** de origem Karajá para 'não-indígena' (Cabral, 2004).

À cópula pode cliticizar-se a partícula **tõ** ‘intensivo’ (‘muito’), como no exemplo (491). Compare-se com (489).

(491)	<b>cópula</b>	<b>V</b>	
(491a)	<b>o-iko=tõ</b> 3sg-estar=part.	<b>o-in</b> 3sg-estar sentado	‘Ela (a vaca) está viva e sentada (mesmo, de verdade)’
	[ , ojɔo ' t <sup>h</sup> õ	o ' ãnɪ]	

**eko** ~ **iko** pode ainda expressar os significados de ‘ter, criar, cuidar, zelar’ e ‘viver, morar’, como nos exemplos que se seguem:

(492)	<b>P</b>	<b>V</b>	
		/	
(492a)	<b>wĩra-miri-∅</b> pássaro-dim-CN	<b>ere-eko</b> <sup>192</sup> 2sg-ter, criar	‘Você tem/cria passarinho?’
	[ , wĩrə ' mirɪ	e ' reɔʋ]	
(493)	<b>S</b>	<b>V</b>	<b>P</b>
(493a)	<b>trumak-∅</b> nome próprio-CN	<b>o-iko</b> 3sg-criar	<b>wĩra-∅</b> pássaro-CN
	[trɯ ' mak ʔ	o ' iɔo	' wĩrə]
(494)	<b>V</b>	<b>Sadv</b>	
(494a)	<b>o-iko</b> 3sg-viver	<b>puku</b> adv	‘Ele vive muito (é muito velho)’
	[ ' ojɔo	' p <sup>h</sup> uɔʋ]	
(494b)	<b>a-iko</b> 1sg-morar	<b>ko</b> aqui	‘Eu moro aqui’
	[a ' iɔʋ	' k <sup>h</sup> o]	

Conforme vimos no Capítulo 4, o surgimento da cópula do Avá-Canoeiro parece relacionar-se ao apagamento do morfema de caso nuclear {-a}, que pode marcar com {-a} ou {-∅} sujeitos de verbos intransitivos ativos e descritivos (Sa e So); sujeitos de verbos transitivos (A); objetos diretos (P); complementos da cópula **eko** ~ **iko** ‘ser, estar’; possuidores em construções possessivas; objetos das posposições e predicados nominais, uma mudança que está aparentemente em curso na língua.

<sup>192</sup> Como veremos no Capítulo 8, há tom ascendente nas orações interrogativas.

## 5.2 Aspectos Morfosintáticos do Verbo Avá-Canoeiro

Nessa seção, serão abordados os seguintes aspectos do verbo Avá-Canoeiro: os marcadores de pessoa e a hierarquia de referências; os aspectos intensivo e iterativo; os morfemas desiderativos {-ej} e {-putat}; a negação; o morfema causativo {mo-}; o morfema reflexivo {je-} e a incorporação nominal. Iniciarei pela categoria verbal de pessoa.

### 5.2.1 Marcadores de Pessoa<sup>193</sup>

Em Avá-Canoeiro, as pessoas do sujeito e do objeto são codificadas no verbo por prefixos pronominais, pronomes clíticos e morfemas relacionais. Há três séries distintas de marcadores de pessoa verbais (prefixos pessoais, prefixos relacionais e pronomes clíticos), sendo apenas um argumento, o sujeito ou o objeto, codificado de cada vez. Os sujeitos dos verbos transitivos (A) e intransitivos ativos (Sa) são marcados pelos prefixos pessoais da Série I, nas orações declarativas, e pelos da Série II nas imperativas. Já os sujeitos dos verbos intransitivos descritivos (So) e os objetos dos transitivos (P) são codificados pelos pronomes clíticos da Série III. Em orações imperativas, os verbos descritivos são marcados pelos prefixos da Série II, do mesmo modo que os verbos transitivos e os intransitivos ativos. Como não há um pronome clítico específico à terceira pessoa, essa função é desempenhada pelo prefixo relacional {i-}. Há ainda, correlacionada à categoria de pessoa, a de número, subdividindo as pessoas em singular e plural, com a distinção entre as primeiras pessoas inclusiva ('eu' + 'você') e exclusiva ('eu' + 'ele') do plural. A Tabela 18, aqui repetida como Tabela 23, para maior comodidade do leitor, contém os marcadores de pessoa nos verbos da língua.

<sup>193</sup> Para uma discussão detalhada sobre a codificação de argumentos nos verbos de uma língua Tupi-Guarani do Subgrupo IV, consulte-se Duarte (1997, 2005) sobre o Tembê. Segundo esse autor, os prefixos pessoais codificam as funções de A e Sa e os prefixos relacionais e os acusativos marcam O e So.

Tabela 23: Marcadores de Pessoa no verbo Avá-Canoeiro

	Série I	Série II	Série III
Pessoas verbais	A/Sa	Imperativas	P/So
1ª sg	a-		tʃi= ~ tʃe=
2ª sg	ere-/e-	e-	ne= ~ ni= ~ na=
1ª pl.incl.	jane-		jane=
1ª pl.excl.	oro-		ore=
2ª pl	pe-	pe-	pe=
3ª	o-		Prefixo Relacional ({i-})

A seguir apresento exemplos de verbos marcados, respectivamente, pelas Séries I, II e II:

(495) **Série I: A/Sa**

(495a) a-jîpîak  
1sgSa-pensar  
[a, ʒîpî 'akə]

‘Eu pensei’

(495b) ni=tō                    ere-mapîk                    mae-ʒ-upia-∅  
pron.pess.=part.            2sgA-cozinhar                caça, animal-rel-ovo-CN  
[ 'nitō                        , ere 'mapîkə                , maeʒu 'pʰiə]

‘Você cozinhou o ovo’ (E)

(495c) e-k<sup>w</sup>a-k<sup>w</sup>aʒ                jawaba-∅  
2sgA-redupl.-bater            cachorro-CN  
[e 'k<sup>w</sup>ak<sup>w</sup>əʒə                'ʒaG<sup>w</sup>əʒə]

‘Você bateu muito no cachorro’ (E)

(495d) jane-nano                    ipo-∅  
1pl.incl.A-ouvir                música-CN  
[ , nəne 'nənu                'ipʊ]

‘Nós ouvimos música’ (E)

(495e) jane                        oro-jauk  
pron.pess.                        1pl.excl.Sa-tomar banho  
[ 'nənɪ                        , oro 'zawkə]

‘Nós tomamos banho’

(495f) iakaj-∅                        pe-mowok  
lenha-CN                        2plA-cortar  
[ja 'k<sup>h</sup>aj                        p<sup>h</sup>e 'mowokə]

‘Vocês cortaram lenha’ (E)

(495g) o-kam                        mitaŋ-a  
3sgA-amamentar                bebê-CN  
[o 'k<sup>h</sup>əmə                        'mitəŋə]

‘Ela amamentou o bebê’

(496) **Série II: Imperativas**

(496a) e-japîti  
2sgSa-amarrar  
[ , eʒa 'p<sup>h</sup>îtiɪ]

‘Amarre!’

(496b)	<b>pe-pipik</b> 2plSa-apertar [ , p <sup>h</sup> epi ' p <sup>h</sup> ikə]		‘Apertem!’ (E)
(496c)	<b>e-kaβati</b> 2imp.sg.Sa-ser cheiroso [ , eka ' βatʃɪ]		‘Seja cheiroso de verdade!’ (E)
(496d)	<b>pe-kaβati</b> 2imp.pl.Sa-ser cheiroso [ , p <sup>h</sup> eka ' βatʃɪ]		‘Sejam cheirosos de verdade!’ (E)
(497)	<b>Série III: P/So</b>		
(497a)	tʃi=tō pron.pess.=part. [ ' tʃitō]	tʃi=atom 1sgSo=espirrar [ ' tʃatōm]	‘Eu espirrei’
(497b)	ni=tō pron.pess.=part. [ ' nitō]	ne=ari 2sgSo=ser bonito ne ' alɪ]	‘Você é bonita’
(497c)	ni=tō pron.pess.=part. [ ' nitō]	ni=u 2sgSo=tossir [ ' niw]	‘Você tossiu’
(497d)	wiβa-∅ pau-CN [ ' wiβə]	na=potok 2sgP=machucar na ' p <sup>h</sup> otokə]	‘O pau te machucou’
(497e)	<b>jane=nupã</b> 1pl.incl.P=bater [ , nãne ' nupã]		‘Eles nos bateram’ (E)
(497f)	<b>ore=moe</b> 1pl.excl.P=ensinar [ , ore ' moe]		‘Ela nos ensinou’ (E)
(497g)	<b>pe=pak</b> 2plP=acordar [p <sup>h</sup> e ' p <sup>h</sup> akə]		‘Ele acordou vocês’ (E)
(497h)	ẽzelika-∅ nome próprio-CN [ẽ ' zelikə]	i-memib 3So=estar grávida ɪ ' mĩmib]	‘Angélica está grávida’

Assim, o sistema de marcação pessoal do Avá-Canoeiro é um dos critérios morfológicos para se subdividirem os verbos em transitivos e intransitivos ativos e descritivos. Na próxima seção trato da hierarquia de referências verbal.

### 5.2.1.1 Hierarquia de Referências

Como vimos, no Avá-Canoeiro, do mesmo modo que em outras línguas Tupi, como o Aweti (cf. Monserrat (1976)), o Tapirapé (cf. Leite (1990)), o Tembé (cf. Duarte (1997, 2005)) e o Kamaiurá (cf. Seki (1982, 1987, 1990, 2000)), observa-se que somente um participante da ação, o sujeito ou o objeto, é codificado no verbo transitivo<sup>194</sup>. Assim, os prefixos subjetivos da Série I (que marcam o agente A) e os pronomes clíticos (que indicam o objeto P) jamais co-ocorrem nesses verbos. A pessoa a ser marcada na forma verbal dependerá de uma ‘*hierarquia de referências*’, sendo marcada a mais alta (cf. Zwicky, 1977): se o paciente (P) é hierarquicamente superior ao agente (A), o verbo será marcado com o prefixo de objeto; por outro lado, se o agente for hierarquicamente superior ao paciente, ocorrerá o prefixo de sujeito no verbo. A primeira pessoa tem precedência sobre a segunda (1 > 2) e esta sobre a terceira (2 > 3) e o agente tem precedência sobre o objeto (A > P), conforme se segue:

a) **1 > 2 > 3**

b) **A > P**

De acordo com essa hierarquia de referências exposta em (a, b), acima, será marcado no verbo o participante hierarquicamente mais alto. Se esse elemento for o sujeito (A > P), o verbo transitivo será marcado pelos prefixos pessoais da Série I (pref.pess.I-V), como nos exemplos em (498); se for o objeto (P > A), codificarão o verbo os pronomes clíticos (pron.clit.-V), como demonstram os exemplos em (499) e (500):

(498)	<b>A</b>	<b>P</b>	<b>pref.pess.I-V</b>
(498a)	tʃi=tõ	ni=tõ	a-kutuk <sup>195</sup>
	pron.pess.=part.	pron.pess.=part.	1sgA-furar
	[ ' tʃitõ	' nitõ	a ' qutuk ' ]
	'Eu furei você'		<b><u>1A &gt; 2P</u></b>

<sup>194</sup> Em uma pesquisa feita com 17 línguas Tupi, inclusive Tupi-Guarani, Monserrat & Facó Soares (1983) observaram a existência dessa hierarquia referencial em 14, quais sejam: Tupinambá, Guarani Paraguaio, Kaióá, Guajajára, Tembé, Asurini, Tapirapé, Kamaiurá, Parintintim, Kayabi, Wayampi, Aweti, Sateré e Munduruku. Em outras línguas brasileiras, de outras famílias, também se verifica essa hierarquia. É o que ocorre em Ikpeng (Karib), segundo Pachêco (2001).

<sup>195</sup> O verbo **kutuk** pode ser traduzido como ‘furar, costurar, dar injeção, vacinar, picar, cutucar, fazer cócegas’. Portanto, o significado básico de **kutuk** parece ser ‘furar’ e os demais são secundários, advindos daquela noção.



- (498b) tʃi=tõ                      tʃi=r-awa-Ø                      a-poʒu  
 pron.pess.=part.                      1poss=rel-roupa-CN                      1sgA-usar, vestir  
 [ ' tʃitõ                      tʃɪ ' rawə                      a ' pʰoʒu ]  
 ‘Eu vou vestir minha roupa’                      **1A > 3P**
- (498c) a-pitĩm  
 1sgA-beliscar  
 [ , apɪ ' tʰĩmə ]  
 ‘Eu o belisquei’                      **1A > 3P**
- (498d) o-ro-momot  
 1pl.excl.A-jogar, atirar  
 [ o , romo ' motə ]  
 ‘Nós o jogamos/atiramos’                      **1A > 3P**
- (498e) ni=tõ                      jawaʒa-Ø                      e-kʷaʒ  
 pron.pess.=part.                      cachorro-CN                      2sgA-bater  
 [ ' nitõ                      ' ʒaGʷəʒə                      e ' kʷaʒə ]  
 ‘Você bateu no cachorro’                      **2A > 3P**
- (498f) pe-mae  
 2sgA-olhar  
 [ , pʰema ' ɛ ]  
 ‘Vocês o olham’                      **2A > 3P**
- (498g) o-apĩk  
 3sgA-trançar  
 [ o ' apĩkə ]  
 ‘Ele o trançou’                      **3A > 3P**
- (499) A                      pron.pess.clit.P.=V  
 →                      →
- (499a) ni=tõ                      tʃi=kutuk  
 pron.pess.=part.                      1sgP=furar  
 [ ' nitõ                      tʃɪ ' kʰutukə ]  
 ‘Você me furou’                      **1P > 2A**
- →
- (499b) aniʒa-Ø                      tʃi=tʃu  
 morcego-CN                      1sgP=morder, chupar  
 [ ẽ ' niʒə                      tʃɪ ' tʃu ]  
 ‘O morcego me mordeu’<sup>196</sup>                      **1P > 3A**
- →

<sup>196</sup> Enunciado produzido por Tuia, em um de seus relatos.

- (499c) juati-Ø                    tʃi=kutuk  
 espinho-CN                    1sgP=furar  
 [jʊ 'atʃɪ                    tʃɪ 'qutʊkə]  
 ‘O espinho me furou’                    **1P > 3A**  
 →                    →
- (499d) tatai ra-Ø                    tʃi=pirok  
 abelha de fogo-CN                    1sgP=queimar  
 [ , tʰatə 'iɪlə                    tʃɪ 'pʰiɾokə]  
 ‘A abelha de fogo me queimou’                    **1P > 3A**  
 →                    →
- (499e) wiɛa-Ø                    na=potok  
 pau-CN                    2sgP=machucar  
 [ 'wiɛə                    na 'pʰɔtokə]  
 ‘O pau te machucou’<sup>197</sup>                    **2P > 3A**
- (500) **pron.pess.clit.P.=V**                    **A**  
 ↗                    ↘
- (500a) tʃi=juka                    awatu-a  
 1sgP=matar                    trovão-CN  
 [tʃɪ 'ʒukə                    ə 'watʊə]  
 ‘O trovão vai me matar!’                    **1P > 3A**  
 ↗                    ↘
- (500b) ni=juka                    awatu-a  
 2sgP=matar                    trovão-CN  
 [nɪ 'ʒukə                    ə 'watʊə]  
 ‘O trovão vai te matar!’                    **2P > 3A**  
 ↗                    ↘
- (500c) ni=kutuk                    kameawa-Ø  
 2sgP=picar                    abelha-europa-CN  
 [nɪ 'qutʊkə                    , kʰə̃mɪ 'a:Gʷə]  
 ‘A abelha-europa te picou!’                    **2P > 3A**

A ordem frasal encontrada nos exemplos em (499) é *Sintagma Nominal* (composto exclusivamente por um nome) e *Sintagma Verbal* (formado pela raiz verbal precedida de um pronome pessoal clítico que indica a pessoa do paciente). Nesses casos, as orações apresentam tom nivelado (→). Já em (500), ao contrário, nota-se a ordem *Sintagma Verbal* seguido de *Sintagma Nominal*, constituídos do mesmo modo que em (499). Contudo, os tons são ascendentes (↗) nos sintagmas

<sup>197</sup> Esse enunciado foi produzido por Iawi, ao ver uma mancha roxa em minha perna, e após eu lhe explicar que se tratava de um esbarrão.

verbais e descendentes (↘) nos nominais. O que se percebe é que a ordem oracional e os tons em (500) relacionam-se a orações enfáticas. Ficará para estudos posteriores explicitar melhor essa relação entre prosódia e ordem frasal.

### 5.2.1.2 Marcação de Pessoa em Verbos Dependentes

Embora eu não trate de orações dependentes nesta tese, dada a exigüidade dos dados disponíveis, pude observar que os verbos dependentes na terceira pessoa<sup>198</sup> são codificados pelos marcadores da Série III e não pelos da Série I, independentemente de serem transitivos ou intransitivos ativos e descritivos. Assim, nas orações dependentes contendo a terceira pessoa, não se marcam os verbos como intransitivos ativos e transitivos, usando-se a Série I, mas exclusivamente como intransitivos descritivos, com o emprego da Série III. É o que os exemplos a seguir demonstram. Note-se que a alteração do marcador da Série III (**{i-}**) pelo da Série I (**{o-}**) nos verbos transitivos e intransitivos ativos em (501), (502), (503) e (504) transformaria as orações em coordenadas, conforme discuto no Capítulo 8.

(501)	<b>[Vdep]</b>		<b>[V]</b>	
(501a)	<b>i-katiŋ</b>		<b>o-em</b>	‘Ela (a vaca) saiu fedendo’
	<b>3So-ser fétido</b>		<b>3Sa-sair</b>	
	[ , ɪka 'tʃiŋə		o 'ẽmə]	
(502)	<b>[A</b>	<b>P</b>	<b>V]</b>	
(502a)	<b>iawi-∅</b>	<b>moj-a</b>	<b>o-eɣur</b>	
	<b>nome próprio-CN</b>	<b>cobra-CN</b>	<b>3sgA-trazer</b>	
	[ja 'wi	'moʒə	o 'eɣur]	
	<b>[Vdep]</b>			
	<b>i-atɪm</b>			‘Iawi trouxe a cobra para ser enterrada’
	<b>3So-enterrar</b>			
	[ɪ 'atɪmə]			
	(Compare-se com <b>iawi moja oɣur onatɪm</b> ‘Iawi trouxe a cobra e a enterrou’)			

<sup>198</sup> Menciono apenas a terceira pessoa por ser a única disponível no corpus investigado.

- (503) [A                      A                      V                      P]
- (503a) trumak-Ø              matʃõ-Ø              o-eʒur              i-awa-Ø  
 nome próprio-CN      nome próprio-CN      3A-trazer              3-roupa-CN  
 [tru 'mak ʔ              ma 'tʃõ              o 'eʒur              'jawə]
- [Vdep]
- i-joj    ‘Trumak e Sebastião trouxeram suas roupas para serem lavadas’  
 3So-lavar  
 [ɪ 'ʒoj]
- (Compare-se com **trumak matʃõ oeʒur iawa ɔjoj** ‘Trumak e Sebastião trouxeram as roupas e as lavaram’)
- (504) [A                      P                      V]
- (504a) ni=tõ                      jawaʒa-Ø              ere-nano  
 pron.pess.=part.              cachorro-CN              2sgA-ouvir  
 [ 'nitõ                      'ʒaG<sup>w</sup>əʒə              ,ere 'nõnu]
- [Vdep]
- i-wa-wak    ‘Você ouviu o cachorro correndo’  
 3So-redupl.-correr  
 [ɪ 'wawakə]
- (Compare-se com **nitõ jawaʒa erenano ɔwawak** ‘Você ouviu o cachorro e ele correu’)

Ao que tudo indica, ocorre no Avá-Canoeiro o mesmo que em outras línguas Tupi-Guarani, como o Kamaiurá (Seki, 2000) e o Guajajára (Harrison, 1995/1996): os elementos pronominais a serem usados nas orações dependentes são os mesmos que codificam o sujeito de verbos descritivos (So) e o objeto (P) nas orações independentes. No entanto, nessas línguas há também o uso de complementizadores e afixos nominalizadores. Será necessário aprofundar essa discussão em trabalhos futuros sobre o Avá-Canoeiro.

### 5.2.2 Aspecto

Em Avá-Canoeiro as distinções de aspecto são marcadas no verbo de dois modos. Os aspectos intensivo e iterativo são indicados por meio de reduplicação (monossilábica e dissilábica). Já o aspecto completivo é assinalado pelo sufixo {-pam}, que se liga ao verbo principal da oração, como se segue.

## 1) Aspectos Intensivo e Iterativo

Em Avá-Canoeiro, a reduplicação ocorre nos verbos intransitivos e transitivos da língua, imprimindo-lhes um valor aspectual de intensidade, repetição e continuidade da ação, ou seja, as ações expressas pelos verbos que são reduplicados são inconclusas. Infelizmente, por carência de dados, ainda não sei precisar todos os significados da reduplicação na língua, nem tampouco a relação entre os significados expressos e os tipos encontrados<sup>199</sup>.

Há dois tipos de reduplicação em Avá-Canoeiro: a monossilábica e a dissilábica. A *reduplicação monossilábica* ocorre quando há a repetição da primeira<sup>200</sup> sílaba da raiz verbal (cf. (505a)) ou quando os verbos reduplicados são compostos por somente uma sílaba (cf. (505b) e (506)). Se esta sílaba finalizar em consoante, esta será excluída (cf. (505b), (506a) e (506b)), ou não (cf. (506c)), se a raiz verbal iniciar-se por vogal<sup>201</sup>. É o que os exemplos a seguir ilustram.

### (505) Verbos Transitivos: **kaʒaj** ‘arranhar, coçar’ e **kʷaʒ** ‘bater’

(505a)	<b>a-ka-kaʒaj</b> 1sg-redupl.-arranhar, coçar	tʃi=∅-po-∅ 1poss=rel-mão-CN	‘Eu cocei muito, seguidamente minha mão’
	[ə, kəkəʔ ʒaj]	ʔtʃipʊ]	
(505b)	<b>e-kʷa-kʷaʒ</b> 2sg-redupl.-bater	jawaʒa-∅ cachorro-CN	‘Você bateu muito no cachorro’ (E)
	[eʔ kʷakʷəʒə]	ʔʒaGʷəʒə]	

### (506) Verbo Intransitivo Ativo: **jaŋ** ‘correr’, **wak** ‘correr’ e **ɬɬ** ‘nascido’

(506a)	<b>a-ja-jaŋ</b> 1sg-redupl.-correr		‘Eu corri muito’
	[, əŋəʔ ɬəŋ]		
(506b)	<b>o-wa-wak</b> 3-redupl.-correr		‘Ele (Iawi) correu demais’
	[oʔ wawakə]		

<sup>199</sup> Lemos Barbosa (1956: 321) explica que em Tupinambá “a reduplicação da sílaba final exprime o aspecto iterativo e a reduplicação das duas últimas sílabas exprime o aspecto durativo da ação verbal”. Pretendo em trabalhos posteriores tentar explicar melhor esses aspectos do Avá-Canoeiro.

<sup>200</sup> O que ocorre em Avá-Canoeiro foi verificado também por Rose (2003) para o Eméillon: a reduplicação monossilábica da sílaba inicial da raiz, diferentemente do que se nota em outras línguas Tupi-Guarani, como o Waiampi (Jensen, 1989), o Kamaiurá (Seki, 2000) e o Asurini do Tocantins (Cabral & Rodrigues, 2003), em que há repetição apenas das sílabas finais das raízes. Em Avá-Canoeiro não foram verificados exemplos de reduplicação monossilábica da última sílaba de verbos dissilábicos, nem tampouco reduplicação monossilábica em verbos intransitivos descritivos.

<sup>201</sup> Futuramente pretendo realizar estudos prosódicos do Avá-Canoeiro, inclusive para tentar esclarecer melhor os processos que ocorrem nos verbos em caso de reduplicação.

- (506c) o-**ĩɛ-ĩɛ** ‘Ela (a lua) foi nascendo’  
 3-redupl.-nascer  
 [o'ĩɛĩɛə]

O outro tipo de reduplicação que acontece em Avá-Canoeiro é a *reduplicação dissilábica*, por meio da qual as duas últimas sílabas da raiz verbal são repetidas, como nos exemplos que se seguem. Do mesmo modo que na reduplicação monossilábica, se o verbo terminar em consoante, esta não aparecerá na forma reduplicada (cf. (508b)).

(507) **Verbos Transitivos: k̄iti ‘cortar’ e ap̄i ‘queimar’**

- (507a) o-**k̄iti-k̄iti** i-k<sup>w</sup>ã-∅ ‘Ele cortou o dedo dele (bem fundo)’  
 3sg-redupl.-cortar 3-dedo-CN  
 [o, k̄it̄ɕɪ'k<sup>h</sup>̄it̄ɕɪ'ik<sup>w</sup>ã]
- (507b) tata<sup>ɛ</sup>ra-∅ iawi-∅ o-**ap̄i-ap̄i** ‘A abelha de fogo queimou bastante o Iawi’  
 abelha de fogo-CN nome próprio-CN 3sg-redupl.-queimar  
 [,t<sup>h</sup>atə'ĩlə jə'wi o, ap̄i'a'p<sup>h</sup>̄i]

(508) **Verbos Intransitivos Ativos: jika ‘quebrar-se’ e apukaj ‘gritar’**

- (508a) o-**jika-jika** ‘Ele quebrou-se (em várias partes menores)’  
 3sg-redupl.-quebrar-se  
 [o, ʒɪkə'ʒikə]
- (508b) a-**puka-pukaj**<sup>202</sup> ‘Gritei muito’  
 1sg-redupl.-gritar  
 [a, puka'p<sup>h</sup>ukaj]

(509) **Verbo Intransitivo Descritivo: poka ‘enrolar, amarrar’**

- (509a) i-**poka-poka** ‘Ele (o cabelo) está todo enrolado, amarrado’ (E)  
 3-redupl.-enrolar, amarrar  
 [ɪ, pokə'p<sup>h</sup>okə]

A reduplicação verbal exprimindo aspecto ocorre também em outras línguas do Subgrupo IV, como o Asurini do Tocantins, o Parakanã e o Tapirapé, conforme mostra a Tabela 24.

<sup>202</sup> Nesse exemplo, além do apagamento da aproximante /j/, vemos ainda a aplicação do processo morfofonológico de fusão de vogais, descrito no Capítulo 3, em (3.4.3).

Tabela 24: Reduplicação em outras línguas do Subgrupo IV

Línguas	Significados da Reduplicação	Tipos de Reduplicação	Referências
<b>Asurini do Tocantins</b>	Aspecto verbal: ações sucessivas e repetidas	Monossilábica (ação realizada de forma sucessiva): uma sílaba do tema; Dissilábica (ação realizada muitas vezes ou freqüentemente): repetição das duas últimas sílabas do tema verbal. Caso o tema seja composto por uma única sílaba, a sílaba precedente também será repetida.	Cabral & Rodrigues (2003)
<b>Parakanã</b>	Aspecto verbal: ‘ação freqüentativa’, ‘ação sucessiva’, ‘ação intensiva’	Monossilábica e dissilábica: repetição da última ou das últimas sílabas do tema	Silva (1999); Silva (2003)
<b>Tapirapé<sup>1</sup></b>	Aspecto verbal: ações repetidas, iterativas e atenuativas	Monossilábica (repetição da sílaba acentuada) e dissilábica (repetição da sílaba acentuada e da precedente)	Praça (em andamento)

<sup>1</sup> Em Tapirapé a reduplicação ocorre também com predicados nominais, indicando intensidade, e com nomes em função argumental, expressando plural. Há ainda casos de reduplicação de posposições, numerais e advérbios (Praça, em andamento).

Em línguas Tupi-Guarani pertencentes a outros grupos a reduplicação verbal indicando aspecto também está presente. É o que se nota em Kamaiurá (Everett & Seki (1985), Seki (2000)) e Waiampi (Jensen, 1989). Em Tupinambá, há a reduplicação de substantivos e pronomes (para pluralidade e multiplicidade), em adjetivos e advérbios (para superlativo) e em verbos (expressando continuidade ou duração, multiplicidade de agentes e pacientes e a subdivisão do processo verbal) (cf. Lemos Barbosa (1956)). Em Emérillon, além da reduplicação ocorrer nos predicados, acontece ainda em nomes e advérbios, indicando multiplicidade, repetição e intensidade (Rose, 2003).<sup>203</sup> Assim, percebe-se que em geral a reduplicação exprime noções aspectuais nas línguas em que ocorre.

## 2) Aspecto Completivo

O aspecto completivo no Avá-Canoeiro é marcado pelo sufixo {-pam}, que, ligado à raiz de um verbo principal (V-pam), indica que a ação por ele expressa completou-se. É o que demonstram os seguintes exemplos, respectivamente, onde o sufixo aspectual segue verbos transitivos e intransitivos ativo e descritivo:

<sup>203</sup> A reduplicação é também bastante freqüente em línguas Tupi. Em Juruna, ela expressa aumentativo em geral e ocorre em nomes e verbos, indicando plural e reiteração (cf. Fargetti, 1997). Em Mundurucu, além de ocorrer no verbo, indicando *graus de intensidade* (duração (progressão e/ou iteração), *intensificação ou atenuação* do significado do verbo e *pluralização* dos participantes) (cf. Gomes, 2004), a reduplicação acontece ainda em outras classes de palavras, como em nomes e numerais, expressando, respectivamente, predicação possessiva e multiplicidade (cf. Crofts, 1971).

**Verbo Transitivo**

- (510) **A** **V**  
 (510a) tʃi=tõ a-u-**pam**<sup>204</sup> ‘Eu comi tudo’  
 pron.pess.=part. 1sg-comer-**asp.compl.**  
 [ ' tʃ itõ a ' upẽm ]

**Verbo Intransitivo Ativo**

- (511) **V**  
 (511a) n=ere-kĩr-i-**pam** ‘Você não dormiu ainda’  
 neg=2sg-dormir-neg-**asp.compl.**  
 [ ne , rekĩrɪ ' p<sup>h</sup>ẽm ]

**Verbo Intransitivo Descritivo**

- (512) **V**  
 (512a) i-pirarj-**pam** ‘Ele é todo vermelho’  
 3-ser vermelho-**asp.compl.**  
 [ ɪ , pɪrẽ ' p<sup>h</sup>ẽmẽ ]

- (513) **So** **V**  
 (513a) tʃi=r-epoj-∅ i-aĩ-**pam** ‘Minha barriga parou de doer’  
 1poss-rel-tripa-CN 3-doer-**asp.compl.**  
 [ , tʃ ɪ r e ' p<sup>h</sup>oj ja ' ãpẽm ]

**pam** ocorre ainda como um verbo intransitivo ativo independente, expressando as noções de ‘acabar, completar, terminar, concluir’, como se segue:

- (514) **V**  
 (514a) ere-**pam** ‘Você terminou, acabou (de comer)’  
 2sg-**acabar**  
 [ e ' repẽm ]
- (515) **Sa** **V**  
 (515a) ã-a o-**pam** ‘A água acabou’  
 água-CN 3sg-**acabar**  
 [ ' ã ɐ ' opẽm ]

<sup>204</sup> Aparentemente, do mesmo modo que no Kamaiurá (Seki, 2000: 133-134), ao sufixar-se ao verbo transitivo de uma oração, o morfema {-**pam**} do Avá-Canoeiro indica que “a ação se completou por atingir a totalidade dos objetos”. Também no Kamaiurá existem o verbo **pap** ‘acabar, terminar’ e o sufixo de aspecto completivo {-**pap**}, cognatos do Avá-Canoeiro.



O sufixo {-pam} e o verbo **pam** do Avá-Canoeiro possuem vários cognatos em outras línguas do Subgrupo IV. Para o Tembé-Ténétéhar, Boudin (1978: 12, 334-Vol. II) registra o verbo **paw** como ‘acabar, terminar’. Em Parakanã, há o sufixo completivo {-pam} (Silva, 2003: 129). Já no Tapirapé e no Asurini do Tocantins verifica-se a mesma situação do Avá-Canoeiro. Em Asurini do Tocantins, há o verbo intransitivo **-páp** ‘acabar’ e o aspecto completivo **-pap** (cf. Cabral & Rodrigues (2003: 180)). No Tapirapé, encontram-se o sufixo {-pam}, que indica ‘conclusão, completude’, e o verbo **pam** ‘concluir’ (cf. Almeida, Irmãzinhas de Jesus & Paula (1983: 41-42)).

Da mesma forma que **pam** ocorre em Avá-Canoeiro como sufixo de aspecto completivo e como verbo independente (‘acabar, completar, terminar, concluir’), **putat** também existe na língua como sufixo aspectual (‘desiderativo’) e como verbo (‘querer, gostar’), como veremos na próxima seção.

### 5.2.3 Os Morfemas Desiderativos {-ej} e {-putat}

O modo desiderativo em Avá-Canoeiro é expresso por dois verbos dependentes, **-ej**<sup>205</sup> e **-putat**<sup>206</sup>, que indicam as noções de ‘querer, desejar, gostar, ter vontade’, e ocorrem sufixados ao verbo principal (**V-ej**; **V-putat**), compondo com este uma palavra fonológica e um predicado complexo, como se segue:

(516) V

(516a) a-mae-u-**ej**<sup>207</sup> ‘Quero comer; estou com fome’

1sg-coisa, caça, animal-comer-**des**

[, ama<sup>1</sup> ewej]

(516b) tʃi=a-**ĩ**-u-**ej**<sup>208</sup> ‘Quero beber água; estou com sede’

1sg=1sg-água-ingerir-**des**

[tʃə<sup>1</sup> ĩwej]

<sup>205</sup> Essa forma verbal tem sua origem em \***tsej** ‘querer’, do Proto-Tupi-Guarani, como demonstro em Borges (2004c) e possui cognatos em outras línguas do Subgrupo IV. Cabral & Rodrigues (2003: 123,125), por exemplo, registram para o Asurini do Tocantins a forma transitiva **-’ohéj** ‘ter vontade de ingerir algo’, ‘desejar ingerir algo’ e a intransitiva **-y’óhéj** ‘desejar beber água’. Para o Parakanã, Silva (2003: 162) noticia a forma **’y’ohei** como ‘ter sede’.

<sup>206</sup> No Tembé, conforme Duarte (2003), há o sufixo **-tar** (que indica vontade, desejo do falante em realizar o evento), que provavelmente originou-se do verbo **-(pu)tar** ‘querer’.

<sup>207</sup> Em (5.2.7) teço algumas considerações sobre incorporação em Avá-Canoeiro.

<sup>208</sup> Em alguns contextos a forma pronominal independente de primeira pessoa do singular, constituída pelo pronome clítico (**tʃi=**), seguido da partícula **tō** (**tʃi=tō**), é substituída pela forma clítica (**tʃi=**). Nesse caso, compõe-se uma única palavra fonológica, como discuto no Capítulo 7.

- (516c) a-a-**putat**<sup>209</sup> ‘Eu quero ir’  
 1sg-ir-des  
 [a 'p<sup>h</sup>utat ʔ]

**putat** ocorre ainda na língua como um verbo independente e transitivo, com os significados ‘querer, gostar’, e recebendo as marcas pronominais da Série I, como nos seguintes exemplos:

- |        |  |  |                            |
|--------|--|--|----------------------------|
| (517)  | <b>V</b>   | <b>P</b>   |                            |
|        |  | ʔ  |                            |
| (517a) | ere- <b>putat</b><br>2sg-querer, gostar<br>[ ,ere 'p <sup>h</sup> utat ʔ ] | pira-Ø<br>peixe-CN<br>'p <sup>h</sup> irə]                     | ‘Você gosta de peixe?’ (E) |
| (517b) | a- <b>putat</b><br>1sg-querer, gostar<br>[a 'p <sup>h</sup> utat ʔ ]       | mae-apaɾ-Ø<br>coisa-recurvada-CN<br>,maea 'p <sup>h</sup> arɪ] | ‘Eu gosto de banana’       |

Já o verbo **-ej**, de frequência limitada na língua, só ocorre como forma dependente e exclusivamente posposto ao verbo **u** ‘ingerir, comer’. Como se verifica com seu cognato Tupinambá **seî** ‘ter vontade de, querer’ (cf. Lemos Barbosa (1956: 309-310)), **-ej** é transitivo, refere-se somente a ‘apetites fisiológicos’ e emprega-se apenas com objetos incorporados, como demonstraram os exemplos (516a) e (516b).

#### 5.2.4 A Negação

A negação de orações independentes em Avá-Canoeiro é feita por meio do uso de um morfema descontínuo constituído pelo proclítico **n(a)=** e pelo sufixo **-i(te)**<sup>210</sup> **{n(a)=...-i(te)}**, que aparecem, respectivamente, no início da forma verbal, antecedendo as marcas de pessoa, e no final dessa forma, seguindo a raiz do verbo. Esse morfema é utilizado para se negar todos os tipos de predicados da língua, nas orações independentes, como será visto no Capítulo 8. A seguir apresento exemplos do morfema de negação com verbos transitivos e intransitivos ativos e descritivos.

<sup>209</sup> Nessa forma verbal nota-se a aplicação do processo de fusão vocálica, descrito no Capítulo 3. A vogal do morfema de pessoa funde-se à da raiz verbal, por serem idênticas.

<sup>210</sup> Acredito que talvez se pudesse defender para o Avá-Canoeiro a mesma hipótese que Jensen (1998: 581) defende para o Kamaiurá: o sufixo **-ite** teria sido formado por meio da combinação do sufixo negativo **\*-i** e da partícula **te**, relacionada a **ete** ‘genuíno, verdadeiro’. Entretanto, ainda não disponho de dados suficientes para averiguar essa hipótese.

### 1) Negação com Verbos Transitivos

(518)	<b>A</b>		<b>P</b>	<b>V</b>	
(518a)	jawaɓa-∅ cachorro-CN [ 'ʒaG <sup>w</sup> əɓə		miɾun-∅ lagartixa-CN mɪ ' rũnɪ	<b>n=o-u-i</b> <b>neg=3sg-comer-neg</b> 'nowɪ]	'Madona não comeu a lagartixa' <sup>211</sup>
(518b)	ne=∅-jawaɓa-un-∅ <sup>212</sup> 2poss=rel-gato-preto-CN [ne , jawə ' ɓũnɪ	r-aɓɓa rel-filhote ' raɓɓə	i-kaŋ-a 3-osso-CN ' ikəŋə	<b>n=o-mokon-i</b> <b>neg=3sg-engolir-neg</b> no ' moqõnɪ]	'O teu gatinho não engoliu o osso'

### 2) Negação com Verbos Intransitivos Ativos

(519)	<b>[Sa</b>	<b>V1]</b>	<b>[V2]</b>	
(519a)	jatɓita-∅ caracol-CN [ʒə ' t <sup>h</sup> ɓitə	<b>n=o-ata-i</b> <b>neg=3sg-andar-neg</b> no ' ataj	o-mano 3sg-morrer o ' mɛnu]	'O caracol não andou. Morreu'
(520)	<b>Sa</b>	<b>V</b>		
(520a)	tʃi=tõ pron.pess.=part. [ ' tʃitõ	<b>n=a-jemim-i</b> <b>neg=1sg-esconder-se-neg</b> na ' nɛmɪmɪ]		'Eu não me escondi' (E)

### 3) Negação com Verbos Intransitivos Descritivos

(521)	<b>So</b>	<b>V</b>	
(521a)	itajã-∅ panela-CN [ , ɪtã ' nãẽ	<b>n=i-katu-ite</b> <b>neg=3-ser bom, bonito, limpo-neg</b> , nɪka ' t <sup>h</sup> ujte]	'A panela está suja' (lit. 'a panela não está limpa')
(522)	<b>V</b>		
(522a)	<b>na=tʃi=ɓoɓ-i</b> <b>neg=1sg=estar frio-neg</b> [ , natʃɪ ' ɓoɓj]		'Eu não estou com frio'
(522b)	<b>n=i-ata-i</b> <b>neg=3-ser duro-neg</b> [ , nɪa ' t <sup>h</sup> aj]		'Ela (a carne) é mole' (lit. 'ela não é dura')

<sup>211</sup> Madona era o nome da cadela do caseiro. No momento em que esse enunciado foi proferido ela havia matado uma lagartixa e brincava com ela, carregando-a de um lado para outro, na boca.

<sup>212</sup> Esse enunciado foi obtido junto aos Avá-Canoeiro do Estado do Tocantins. Para eles, 'gato' é **ne=∅-jawaɓa-un-∅**. Já para os Avá-Canoeiro de Goiás, é **gato**, como em **gato leite ou** 'o gato tomou leite'.

O morfema de negação possui os seguintes alomorfes condicionados fonologicamente: antes de verbos que se iniciam por consoante ocorre o alomorfe /**na=C...-i**/ (cf. (522a) e (523a)), e antes daqueles que começam com vogal ocorrem as variantes /**n=V...-i**/ (cf. (518a), (518b), (519a), (520a), (522b) e (523b)) e /**n=V...-ite**/ (cf. (521a)).

Na variedade do Avá-Canoeiro de Goiás, ao sufixo de negação pode-se opcionalmente cliticizar a partícula intensiva **tõ** ‘muito’, discutida no Capítulo 7, como se segue:

(523) **V**

(523a) **na=tʃi=ɛu-ej-i=tõ** ‘Não estou com muita sede’

**neg=1sg=beber água-querer-neg=part.**

[na, tʃɛwejɪˈtʰõ]

(523b) **n=i-puku-uɛu-i=tõ** ‘Não é comprido demais não’

**neg.=3-ser comprido-aum-neg.=part.**

[, nɪpu, quɛujˈtʰõ]

Portanto, a negação de orações independentes em Avá-Canoeiro pode ser representada pelo seguinte esquema:

<b>negação=pessoa(-reduplicação)-raiz verbal-negação(=partícula intensiva tõ)</b>
---

### 5.2.5 O Morfema Causativo {mo-}

Em Avá-Canoeiro há um prefixo causativo **{mo-}**, por meio do qual verbos intransitivos tornam-se transitivos<sup>213</sup> (**{mo-}** + verbo intransitivo → verbo transitivo). Assim, esse morfema funciona na língua como um mecanismo de aumento de valência verbal. É o que vemos com os verbos intransitivos descritivos **akup** ‘ser, estar quente’ e **boɛ** ‘ser, estar frio’, e com o ativo **wew** ‘apagar’ (cf. (524a), (524b) e (525a)), que passam a significar, respectivamente, ‘esquentar’, ‘esfriar’ e ‘apagar’ (cf. (526a), (526b) e (527a)), todos transitivos, quando do uso desse prefixo causativo.

<sup>213</sup> Não foram verificados em Avá-Canoeiro exemplos com o sufixo formador de verbos transitivos **{-okat}** em Asurini do Tocantins (cf. Cabral & Rodrigues, 2003), **{-kar}** em Guajajára (cf. Harrison, 1995/1996) e **{-ukat}** em Kamaiurá (cf. Seki, 2000). Contudo, não é possível explicar se os dados ainda não apareceram em meu corpus ou se se trata de alguma mudança na expressão de causatividade na língua. Ficará para trabalhos posteriores ter mais elementos para discutir esse tópico.

Esse morfema causativo, que segue o prefixo indicador de pessoa, e antecede a raiz do verbo, constitui-se, portanto, num mecanismo de derivação verbal em Avá-Canoeiro. Possui dois alomorfes fonologicamente condicionados: /**m-**/, que ocorre antes de raízes verbais iniciadas por vogais (cf. (526a)), e /**mo-**/, antecedendo raízes que começam por consoante (cf. (526b) e (527a)).

Seguem-se os exemplos das orações não-causativas e das causativas correspondentes.

(524)	<b>So</b>	<b>Verbo Intransitivo Descritivo</b>		
(524a)	ĩ-a água-CN [ ' ĩə ]	i-akup 3-ser, estar quente ' jakup ʔ ]		‘A água está quente’
(524b)	ĩ-∅ água-CN [ ' ĩ ]	i-ɓoĩ 3-ser, estar frio ɪ ' ɓoĩ ]		‘A água está fria’
(525)	<b>Sa</b>	<b>Verbo Intransitivo Ativo</b>		
(525a)	tata-∅ fogo-CN [ ' t <sup>h</sup> atə ]	o-wew 3sg-apagar o ' G <sup>w</sup> ew ]		‘O fogo apagou-se’
(526)	<b>Verbo Transitivo</b>	<b>P</b>		
(526a)	a- <b>m</b> -akup 1sg- <b>caus</b> -ser, estar quente [ , ama ' k <sup>h</sup> up ʔ ]	ĩ-∅ água-CN ' ĩ ]		‘Eu esquentei a água’
(526b)	o- <b>mo</b> -ɓoĩ 3sg- <b>caus</b> -ser, estar frio [ , omo ' ɓoĩ ]	ĩ-∅ água-CN ' ĩ ]		‘Ele esfriou a água’
(527)	<b>A</b>	<b>P</b>	<b>Verbo Transitivo</b>	
(527a)	matʃõ-∅ nome próprio-CN [ ma ' tʃõ ]	tata-∅ fogo-CN ' t <sup>h</sup> atə ]	o- <b>mo</b> -wew 3sg- <b>caus</b> -apagar o ' moG <sup>w</sup> ew ]	‘Sebastião apagou o fogo’ (E)

A ordem do morfema causativo na palavra verbal do Avá-Canoeiro pode ser assim representada:

prefixo pessoal-morfema causativo-raiz verbal
---

Nas orações causativas em (526a), (526b) e (527a), nota-se a presença de um elemento sintático inexistente nas orações não-causativas correspondentes, o **causer**<sup>214</sup>, que se exprime em (526a) e (526b) pelos prefixos de 1ª e 3ª pessoas respectivamente (**{a-}** e **{o-}**) e pelo sintagma nominal **matʃõ** ‘Sebastião’, em (527a). O **causer** é um participante a mais, o agente, que é incluído no evento descrito. Por conseguinte, a estrutura das orações causativas do Avá-Canoeiro é a seguinte:

1)	<b>prefixo pessoal (causer)-Verbo</b>	<b>P</b>	
	<b>OU</b>		
2)	<b>A (causer)</b>	<b>P</b>	<b>V</b>

### 5.2.6 O Morfema Reflexivo {je-}

Ao contrário do morfema causativo **{mo-}**, que funciona em Avá-Canoeiro como um mecanismo de aumento de valência, formando verbos transitivos a partir de intransitivos, o prefixo reflexivo **{je-}**, invariável, muda os verbos transitivos em intransitivos (**{je-}** + verbo transitivo → verbo intransitivo), como demonstram os exemplos em (529a), (531a) e (533a), antecedidos pelas formas equivalentes sem reflexivização e com um objeto direto, em (528a), (530a) e (532a). O morfema reflexivo ocorre entre o prefixo marcador de pessoa e a raiz verbal (pref.pess-**je**-raiz verbal).

(528)	<b>Vtrans</b>	<b>P</b>
(528a)	eɾe-ka-kaʒaj 2sg-redupl.-arranhar, coçar [ , eɾe , kəkə ' ʒaj ‘Você está coçando seu braço’	ni=∅-jɨwa-∅ 2poss=rel-braço-CN nɪ ' ʒɨwə] <b>S≠P</b>
(529)	<b>Vintrans</b>	
(529a)	eɾe-je-ka-kaʒaj 2sg-reflex-redupl.-arranhar, coçar [e , ɾe ʒe , kəkə ' ʒaj] ‘Você se coçou’	<b>S=P</b>

<sup>214</sup> Segundo Comrie (1985), a ‘situação causativa’, ou a ‘semântica da causação’ envolve um **causer** (pessoa, coisa ou força), uma **situação** que se põe, uma **causa** (a ação do causer) e o **efeito** (a situação que resulta do processo).

(530)	<b>Vtrans</b>	<b>P</b>	
(530a)	o-kok 3sg-apoiar [o 'k <sup>h</sup> ok <sup>ʔ</sup> ] 'Ele apoiou sua cabeça'	i-akaŋ-Ø 3-cabeça-CN 'jakəŋ]	<u>S≠P</u>
(531)	<b>Vintrans</b>		
(531a)	o-je-kok 3sg-reflex-apoiar [ ,odʒe 'k <sup>h</sup> ok <sup>ʔ</sup> ] 'Ele se apoiou'		<u>S=P</u>
(532)	<b>Vtrans</b>	<b>P</b>	
(532a)	a-kɨti 1sg-cortar [a 'k <sup>h</sup> ɨtɨ] 'Eu cortei a fruta'	a-Ø fruta-CN 'a]	<u>S≠P</u>
(533)	<b>Vintrans</b>		
(533a)	a-je-kɨti 1sg-reflex-cortar [ ,aʒe 'k <sup>h</sup> ɨtɨ] 'Eu me cortei'		<u>S=P</u>

Do ponto-de-vista semântico, o morfema reflexivo {je-}<sup>215</sup> estabelece identidade entre o sujeito da oração e o objeto direto (S=P), distintos nas orações em que ele não ocorre (S≠P). Com o uso desse reflexivo, a ação é desempenhada pelo sujeito sobre si mesmo.

### 5.2.7 Incorporação Nominal de Objeto

A incorporação do sintagma nominal objeto à forma verbal transitiva em Avá-Canoeiro é um processo de formação de verbos por composição. Esses verbos recebem as mesmas marcas pessoais do verbo transitivo sem incorporação, ou seja, os elementos da Série I. Desse modo, forma-se uma única palavra fonológica, como nos exemplos (534a) e (535a), em que os sintagmas

<sup>215</sup> Esse morfema do Avá-Canoeiro possui cognatos em outras línguas Tupi-Guarani. No Subgrupo IV, por exemplo, temos: {se-} em Asurini do Tocantins (Cabral & Rodrigues, 2003); {ze-} em Guajajára (Bendor-Samuel, 1972); {xe-} em Tapirapé (Almeida, Irmãzinhas de Jesus & Paula, 1983) e {tʃe-} em Parakanã (Silva, 1999).

nominais **ĩ** ‘água’ e **mae**<sup>216</sup> ‘caça, animal’ são incorporados às formas verbais com marcação de sujeito. Note-se que esse processo só foi verificado com os verbos **eʒur** ‘trazer’ e **u** ‘comer, ingerir’. Esses verbos, originalmente transitivos, por meio da incorporação comportam-se como intransitivos, uma vez que só admitem um argumento, que desempenha a função de sujeito (Sa).

(534) V

(534a) jane=**ĩ**-r-eʒur ‘Nós trouxemos água’  
 1pl.incl.=água-rel-trazer  
 [ ,jẽnĩ 'rɛʒur ]

(535) A

(535a) tʃi=tõ ‘Eu comi’  
 pron.pess.=part. a-mae-u<sup>217</sup>  
 1sg-coisa, caça, animal-ingerir  
 [ 'tʃitõ ,ama 'ew ]

Assim, a forma verbal com objeto incorporado possui a seguinte estrutura:

**prefixo de pessoa-objeto incorporado-prefixo relacional-raiz verbal**

Os verbos **eʒur** ‘trazer’ e **u** ‘comer, ingerir’ ocorrem também com os objetos sem incorporação, como nos exemplos (536a) e (537a), onde os sintagmas nominais objetos **ĩ** ‘água’ e **maeʒupia** ‘ovo’ aparecem independentemente das formas verbais:

(536) P V ‘Ela trouxe água’

(536a) **ĩ**-a o-eʒur  
 água-CN 3sg-trazer  
 [ 'ĩə o 'ɛʒur ]

(537) A

(537a) ae=tõ mae-ʒ-upia-∅ o-u ‘Ele comeu ovo’  
 dem=part. caça, animal-rel-ovo-CN 3sg-comer  
 [ a 'etõ ,maeʒu 'p<sup>h</sup>iə 'ow ]

<sup>216</sup> Jensen (1998: 536) trata da incorporação de **\*ma'e** ‘coisa’ e **\*poro** ‘pessoa’ em Tupinambá, chamando-a de ‘incorporação de objeto genérico’, um mecanismo de formação de verbos intransitivos. Esse parece ser também o caso do Avá-Canoeiro, embora a palavra **poro** não tenha sido encontrada nessa língua. Em seu lugar ocorre **awa** ‘pessoa, gente’, mas a forma incorporada ainda não foi atestada nos dados.

<sup>217</sup> Essa forma verbal com objeto incorporado é utilizada em duas circunstâncias: 1) quando o elemento comestível já tiver sido previamente mencionado no discurso; ou 2) quando não houver interesse ou necessidade em se precisá-lo. **a-mae-u** ‘eu comi’ indica que qualquer alimento (carnes, grãos, folhas) foi ingerido, ou seja ‘eu comi algo, alguma coisa’.



Há ainda uma forma lexicalizada para ‘tomar, beber água’ (**ĩu**), exemplificada a seguir.

- (538) V  
 (538a) ere-**ĩ-u**<sup>218</sup> ‘Você tomou água’  
 2sg-água-ingerir  
 [ , ere<sup>1</sup> ĩw]

Para expressar as noções de ‘tomar, beber outros elementos líquidos’, como leite, suco e café, usa-se o verbo **u** ‘ingerir, beber’, mas com o objeto não incorporado<sup>219</sup>. É o que comprova o seguinte exemplo:

- |        |  |  |   |                        |
|--------|--|--|---|------------------------|
| (539)  | <b>A</b>                                 | <b>P</b>                                     | <b>V</b>                                      |                        |
| (539a) | gato-Ø<br>gato-CN<br>[ <sup>1</sup> gatU | leite-Ø<br>leite-CN<br>[ <sup>1</sup> lejtʃɪ | <b>o-u</b><br>3sg-beber<br>[ <sup>1</sup> ow] | ‘O gato tomou o leite’ |

Termino, dessa maneira, a descrição do verbo do Avá-Canoeiro.

## Conclusão

Neste capítulo abordei a categoria ‘verbo’ da língua Avá-Canoeiro, tratando das quatro subclasses encontradas: verbos *transitivos*, verbos *intransitivos ativos*, verbos *intransitivos descritivos* (com destaque para os que expressam as noções de cores) e a **cópula eko ~ iko** ‘ser, estar’. Esses quatro tipos de verbos diferenciam-se pelo número de argumentos que aceitam e, de modo especial, pelas séries de elementos pronominais distintos que recebem. Existem *três séries diferentes de marcadores de pessoa verbais* (prefixos pessoais, prefixos relacionais e pronomes clíticos). Os sujeitos dos verbos transitivos (A) e intransitivos ativos (Sa) são marcados pelos prefixos pessoais da Série I, nas orações declarativas, e pelos da Série II nas imperativas. Os sujeitos dos verbos intransitivos descritivos (So) e os objetos dos transitivos (P), por sua vez, são codificados

<sup>218</sup> Há formas cognatas e também lexicalizadas em outras línguas Tupi-Guarani. Em Tupinambá, por exemplo, há a forma **y-ũ** (Lemos Barbosa, 1956: 207); em Parakanã encontra-se a forma **y’o** ‘beber’ (cf. Silva, 2003: 162); em Kamaiurá, existe o verbo **-y’u** ‘ingerir água ou líquido’ (Seki, 2000: 146), mas com um sentido mais amplo que o do Avá-Canoeiro, que só indica a ingestão de água, não de outros líquidos. Para o Tembê-Tênêthar, Boudin (1978: 48-Vol. II) registra a forma **’u** para ‘beber’ e **ĩ’u** para ‘beber água’.

<sup>219</sup> Ao contrário do que ocorre no Avá-Canoeiro, em Guarani-Mbyá, conforme mostra Martins (1996), além de **-y-’u** ‘beber água’, são possíveis também estruturas como **-cerveja-’u** ‘cerveja-beber’ e **sucoy-’u** ‘suco-beber’.

pelos pronomes clíticos da Série III. Nas orações imperativas, os verbos intransitivos descritivos também recebem os prefixos da Série II. Como não há um pronome clítico específico à terceira pessoa, essa função é desempenhada pelo prefixo relacional {i-}. Cabe esclarecer ainda que as classes dos verbos transitivos e intransitivos ativos da língua não são homogêneas do posto-de-vista semântico, incluindo predominantemente verbos que expressam ações e atos volicionais, mas não apenas essas noções.

Foram abordados vários *aspectos morfossintáticos do verbo Avá-Canoeiro*, como essas *três séries diferentes de marcadores de pessoa*, sendo somente um argumento, o sujeito ou o objeto, codificado de cada vez. Existe ainda, correlacionada à categoria de pessoa, a de *número*, subdividindo as pessoas em singular e plural, com a distinção entre a ‘primeira pessoa inclusiva’ e a ‘primeira pessoa exclusiva’ do plural. O sistema de marcação pessoal do Avá-Canoeiro é um dos critérios morfológicos para se subdividirem os verbos em transitivos e intransitivos ativos e descritivos. Ainda com relação à categoria de pessoa, abordei a *hierarquia de referências* que opera na língua e mencionei brevemente a *marcação de pessoa nos verbos dependentes*, o que não pode ser aprofundado, dada a exigüidade dos dados.

Discuti ainda: 1) os dois tipos de *reduplicação* que ocorrem nos verbos intransitivos e transitivos da língua, com *valor aspectual* de intensidade, repetição e continuidade da ação: a *reduplicação monossilábica* e a *dissilábica*. Assim, as ações descritas pelos verbos que são reduplicados são inconclusas; 2) o *aspecto completivo* do Avá-Canoeiro, que é marcado pelo sufixo {-pam}, indicando que a ação que ele expressa completou-se; 3) o *modo desiderativo*, que se manifesta por meio de dois verbos dependentes, -ej e -putat, que indicam as noções de ‘querer, desejar, gostar, ter vontade’ e ocorrem sufixados ao verbo principal da oração, constituindo com ele uma palavra fonológica e um predicado complexo; 4) a *negação de orações independentes*, feita com um morfema descontínuo constituído pelo proclítico n(a)= e pelo sufixo -i(te) ({n(a)=...-i(te)}), que ocorrem, respectivamente, no início da forma verbal, antecedendo as marcas de pessoa, e no final dessa forma, seguindo a raiz do verbo; 5) o *prefixo causativo* {mo-}, por meio do qual verbos intransitivos tornam-se transitivos; 6) o *morfema reflexivo* {je-}, que muda os verbos transitivos em intransitivos; e 7) a *incorporação do sintagma nominal objeto*. No entanto, alguns desses temas, como as reduplicações e as diferentes ordens frasais ligadas à hierarquia de referências verbal, necessitarão de estudos posteriores mais aprofundados, quando se souber mais sobre a prosódia da língua.

No próximo capítulo tratarei das formas adverbiais do Avá-Canoeiro.

## Capítulo 6

### As formas adverbiais da língua Avá-Canoeiro

Adverb is a “catch-all” category. Any word with semantic content (i.e., other than grammatical particles) that is not clearly a noun, a verb, or an adjective is often put into the class of adverbs. Semantically, forms that have been called adverbs cover an extremely wide range of concepts. For this reason they cannot be identified in terms of time stability or any other well-defined semantic parameter. Also, they typically function on the clause or discourse level, i.e., their semantic effect (scope) is relevant to entire clauses or larger units rather than simply to phrases. As with adjectives, there are no prototypical adverbs. Formally, adverbs can be characterized primarily in terms of their distribution. They are typically the most unrestricted grammatical category in terms of their position in clauses<sup>220</sup>.

Payne (1997: 69)

## 6. Introdução

Neste capítulo trato das palavras que desempenham funções adverbiais no Avá-Canoeiro. Conforme Schatcher (1985), o termo ‘advérbio’ aplica-se a diferentes palavras que não necessariamente possuam características gramaticais e conceituais em comum, sendo a classe de palavras menos homogênea do ponto-de-vista morfossintático e semântico, como afirma Givón (2001: 87).

<sup>220</sup> Tradução livre: “Os advérbios são uma categoria ‘comporta tudo’. Qualquer palavra com conteúdo semântico, que não sejam as partículas gramaticais ou claramente um nome, um verbo ou um adjetivo, é frequentemente classificada como um advérbio. Semânticamente, as formas que são chamadas de advérbios cobrem um amplo conjunto de conceitos. Por essa razão eles não podem ser identificados em termos de ‘estabilidade no tempo’ ou por qualquer outro parâmetro semântico. Os advérbios tipicamente funcionam na oração ou no nível do discurso, isto é, seu efeito semântico, seu escopo, é relevante para as orações como um todo ou para unidades maiores que os sintagmas. Do mesmo modo que os adjetivos, não há advérbios prototípicos. Formalmente, os advérbios podem ser caracterizados primeiramente por sua distribuição. São tipicamente a categoria gramatical mais irrestrita com respeito à sua posição nas orações”.

No Avá-Canoeiro palavras que pertencem a classes distintas, como nomes, posposições, demonstrativos, quantificadores e verbos descritivos, podem exercer funções adverbiais que expressam conceitos temporais, locativos, quantificadores e de modo<sup>221</sup>. Poucas formas adverbiais parecem não estar sincronicamente relacionadas a outras classes de palavras da língua, como as formas locativa **amoete** ‘longe’ e quantificadora **upakatu**<sup>222</sup> ‘tudo, todos, todas’. Por essa razão, embora ainda não dispondo de um inventário amplo das formas adverbiais, assumo que essa classe é aberta, podendo a ela pertencer vários elementos de outras classes.

As palavras que possuem função adverbial no Avá-Canoeiro são invariáveis e independentes, e não possuem traços morfossintáticos específicos<sup>223</sup>, sendo caracterizadas por suas propriedades distribucionais: demonstram uma relativa mobilidade sintática, podendo ocorrer no início ou no final dos enunciados (apesar de sua posição mais usual ser após os nomes e os verbos que modificam) e funcionam como adjuntos. As formas adverbiais do Avá-Canoeiro compõem o núcleo do sintagma adverbial da língua. De acordo com Anderson (1985), ao contrário de nomes, verbos e adjetivos, os advérbios não manifestam categorias inerentes.

Este capítulo está dividido em quatro seções. Em (6.1), abordo as *formas adverbiais temporais* do Avá-Canoeiro; a seguir, em (6.2), trato da *formas adverbiais locativas*. Em (6.3), as *formas adverbiais quantificadoras* são discutidas. Em seguida, em (6.4), discuto as *formas adverbiais de modo*.

## 6.1 Formas adverbiais temporais

Em Avá-Canoeiro há pelo menos as cinco formas da Tabela 25 a seguir (quatro nomes e uma posposição, respectivamente) que funcionam como adverbiais temporais e ocorrem no início ou no final das orações, sendo esta última posição a mais freqüente.

<sup>221</sup> Schatcher (1985: 22) menciona essa possibilidade: a de significados equivalentes a determinados advérbios numa língua serem expressos por verbos ou nomes em outra.

<sup>222</sup> Essa mesma forma é registrada por Boudin (1978: 182-183) (Vol. I) para o Tembê-Tênêthar.

<sup>223</sup> Diferentemente do Avá-Canoeiro, em outras línguas Tupi-Guarani as formas adverbiais possuem certas características morfossintáticas específicas. É o que ocorre, por exemplo, em Kamaiurá, em que os advérbios são nominalizados com **wat** (‘nominalizador de circunstância’), e *ao precederem na oração o predicado verbal ativo, condicionam a ocorrência do verbo no modo circunstancial, nas situações em que o sujeito é uma terceira pessoa* (Seki, 2000: 76). No Parakanã, os advérbios diferem das demais classes de palavras por acionarem o modo indicativo II, ao precederem um predicado (cf. Silva, 1999: 54). Para a descrição dos advérbios de algumas línguas do Subgrupo IV, consultar, por exemplo, além de Silva (1999: 53-55), para o Parakanã, já mencionado, Bendor-Samuel (1972: 132-135), para o Guajajára; Harrison (1975: 81-82), para o Asurini do Tocantins; e Almeida, Irmãzinhas de Jesus & Paula (1983: 53-54), para o Tapirapé.

Tabela 25: Formas adverbiais temporais<sup>224</sup>

<b>koem</b>	‘de manhã’
<b>kaʒun</b>	‘à tarde’
<b>ĩpĩtun</b>	‘à noite’
<b>ĩpĩaj</b>	‘à noite’ (bem mais tarde)
<b>enone</b> <sup>1</sup>	‘primeiro’

<sup>1</sup> **enone** é uma posposição ‘locativa temporal’ em Avá-Canoeiro e recebe o prefixo relacional {r-}, como será discutido no Capítulo 7.

Essas formas adverbiais são ilustradas abaixo.

(540) P	V	adv	
(540a) kajkaj-Ø pássaro (espécie)-CN [k <sup>h</sup> aj <sup>1</sup> k <sup>h</sup> aj]	o-jopoj 3sg-alimentar o <sup>1</sup> ʒopoj	<b>koem</b> adv k <sup>h</sup> o <sup>1</sup> ẽmə]	‘Ela alimentou o pássaro de manhã’
(541) adv	P	V	
(541a) <b>koem</b> adv [k <sup>h</sup> o <sup>1</sup> ẽmə]	kajkaj-Ø pássaro (espécie)-CN k <sup>h</sup> aj <sup>1</sup> k <sup>h</sup> aj]	o-jopoj 3sg-alimentar o <sup>1</sup> ʒopoj]	‘Ela alimentou o pássaro de manhã’
(542) Sa	V	adv	
(542a) amana-Ø chuva-CN [ <sup>1</sup> ẽmẽnə]	o-k <sup>w</sup> ĩɛ 3sg-cair (chuva) <sup>1</sup> ok <sup>w</sup> ĩɛə]	<b>kaʒun</b> adv <sup>1</sup> k <sup>h</sup> aʒũnɪ]	‘Choveu à tarde’
(542b) tuia-Ø nome próprio-CN [ <sup>1</sup> t <sup>h</sup> ujə]	o-poʒaj 3sg-dançar ,opo <sup>1</sup> ɛaʒə]	<b>ĩpĩtun</b> adv ,ĩpĩ <sup>1</sup> t <sup>h</sup> ũn]	‘Tuia dançou à noite’
(542c) jawaʒa-Ø=ete-uʒu cachorro-CN=part.-aum [ʒa <sup>1</sup> G <sup>w</sup> arɪ <sup>1</sup> t <sup>h</sup> uʒu]	o-ata 3sg-andar o <sup>1</sup> atə]	<b>ĩpĩaj</b> adv ,ĩpĩ <sup>1</sup> adʒɪ]	‘A onça anda à noite’
(542d) tʃi=tõ pron.pess.=part. [ <sup>1</sup> tʃitõ]	a-a 1sg-ir <sup>1</sup> a]	<b>enone</b> adv e <sup>1</sup> nõne]	‘Eu fui primeiro’

<sup>224</sup> Formas cognatas às do Avá-Canoeiro são encontradas em outras línguas do Subgrupo IV, seguidas dos sufixos {-amo} ‘modo subjuntivo’ e {-imo} ‘locativo difuso’, ainda não verificadas nos dados do Avá-Canoeiro. Em Parakanã, encontram-se as formas adverbiais **ko’emamo** ‘de manhã’, **karowamo** ‘de tarde’ e **ypytonimo** ‘de noite’ (cf. Silva, 2003: 66); em Asurini do Tocantins, temos: **ko’emamo** ‘quando amanheceu’; **ypytonimo** ‘de noite, à noitinha’; **ypyaséjramo** ‘à meia-noite’ (cf. Cabral & Rodrigues, 2003: 104, 89, 262). Em Harrison (1975: 82) aparecem: **kóʔemamo** ‘de madrugada’, **károwamo** ‘de tarde’ e **ĩpĩtonimo** ‘de noite’.

## 6.2 Formas adverbiais locativas

Nos dados de que disponho, foram encontradas três formas adverbiais locativas, quais sejam: **ko**<sup>225</sup> ‘aqui’, **amoete** ‘longe’ e **iwati**<sup>226</sup> ‘alto, sobre, em cima de’, que ocorrem no final das orações, e são exemplificadas a seguir:

(543)	<b>SN</b>	<b>cópula</b>	<b>adv</b>	
(543a)	ĩ-a água-CN [ ' ĩə	o-iko 3sg-ser, estar o ' iqo	<b>ko</b> <b>adv</b> ' k <sup>h</sup> o]	‘Aqui está a água’ <sup>227</sup>
(544)	<b>V</b>	<b>adv</b>		
(544a)	o-ata 3sg-andar [o ' atə	<b>amoete</b> <b>adv</b> , amo ' ete]		‘Ele andou longe’
(544b)	o-mae 3sg-olhar [o ' mae	<b>iwati</b> <b>adv</b> ĩ ' watʃɪ]		‘Ele olhou para o alto’

Conforme foi visto no Capítulo 4, conceitos locativos podem ser expressos também por nomes marcados pelo caso locativo, como em (545a):

(545)	<b>V</b>	<b>adv</b>		
(545a)	o-napume 3sg-mergulhar [ , ona ' p <sup>h</sup> ũmɪ	<b>iakã-m</b> <b>rio-loc</b> , ĩa ' k <sup>h</sup> ẽm]		‘Ele mergulhou no rio’

<sup>225</sup> Como se verá no próximo capítulo, **ko** é um demonstrativo do Avá-Canoeiro, que significa ‘este’ (visível e próximo ao falante).

<sup>226</sup> **iwati** é uma posposição superessiva em Avá-Canoeiro (cf. o Capítulo 7). Em Asurini do Tocantins, **iwate** indica ‘lá no alto’ (cf. Harrison, 1975: 82) (**ywaté** ‘alto’ em Cabral & Rodrigues (2003: 265)). Já em Guajajara, **ywate** significa ‘no céu’ (cf. Bendor-Samuel, 1972: 135).

<sup>227</sup> Esse enunciado foi produzido por Angélica Tupuile, ao entregar um copo de água para Tatxia.

### 6.3 Formas adverbiais quantificadoras

Em Avá-Canoeiro as palavras quantificadoras<sup>228</sup> **mepenoan** ‘um’, **mokōj** ‘dois’ e **moapaɣɨn** ‘três’ são usadas com função adverbial no início e no final das orações para indicar quantas vezes uma ação é feita, como nos exemplos (546a), (546b) e (548a), ou como adjuntos nominais, antes ou depois dos nomes, expressando a quantidade de objetos designados, como em (547a). Além desses quantificadores, usam-se também as palavras **upakatu** ‘tudo, todos, todas’ (cf. (546c) e (549a)) e **eta** ‘muito (s), muita (s)’ (cf. (550a)), no sentido de completude e grande quantidade, respectivamente, e o verbo descritivo defectivo **ipɨɨj**<sup>229</sup> ‘muito, em grande quantidade’ (cf. (548b)) para expressar a existência de muitos exemplares de um mesmo item. Essas formas adverbiais estão na Tabela 26.

Tabela 26: Formas adverbiais quantificadoras

<b>mepenoan</b>	‘um, uma, uma vez’
<b>mokōj</b>	‘dois, duas, duas vezes’
<b>moapaɣɨn</b>	‘três, três vezes’
<b>upakatu</b>	‘tudo, todos, todas’
<b>eta</b>	‘muito (s), muita (s)’
<b>ipɨɨj</b>	‘muito, em grande quantidade’

A seguir ilustro essas formas adverbiais quantificadoras.

- (546) V                      **adv**
- (546a) eɾe-o                      **mepenoan**                      ‘Você foi uma vez’  
           2sg-ir                      **adv**  
           [ , eɾe 'o                      me , pēno ' ēn]

<sup>228</sup> Não considero a existência da classe de palavra ‘numeral’ em Avá-Canoeiro, porque os itens do léxico que expressam os conceitos numéricos funcionam na língua como as demais palavras com função adverbial, ou seja, como adjuntos, modificando nomes e verbos, além de serem invariáveis.

<sup>229</sup> Esse verbo é encontrado apenas na 3ª pessoa, com o prefixo {i-}, como no exemplo abaixo, quando ocorre fusão de /i/ (cf. o processo descrito em (3.4.3)):

- (a) aɣakaɾe-∅            ɾ-aɨɣa                      **i-ipɨɨj**                      ‘Há/existe/tem muitos pintinhos’  
           galinha-CN            rel-filho                      3-existir em grande quantidade  
           [ , aɣa 'kʰaɾɪ            'ɾaɨɣə                      , ɪpɨ 'ɨj]

No Kamaiurá também há um verbo descritivo, **i'ajaŋ**, que significa ‘ser, existir em grande quantidade’, que só se flexiona na 3ª pessoa, com o prefixo {i-} (cf. Seki, 2000: 165). No Capítulo 8 trato das orações existenciais do Avá-Canoeiro, cujo constituinte principal é o verbo **ipɨɨj**.

(546b)	o-kĩr 3sg-dormir [ 'ɔkĩrə ]	<b>moapaɪ̃n</b> <b>adv</b> mo ,apa 'ɪ̃n]			‘Ele dormiu três (noites)’ <sup>230</sup>
(546c)	a-u 1sg-comer [ 'aw ]	<b>upakatu</b> <b>adv</b> ,upa 'k <sup>h</sup> atɯ]			‘Comi tudo’
(547)	<b>adv</b>	<b>Sa</b>	<b>V</b>		
(547a)	<b>mokōj</b> <b>adv</b> [ 'mokōj ]	kurum-∅ menino-CN k <sup>h</sup> ɯ 'r̃ũm	o-em 3sg-sair o 'ẽmə]		‘Dois meninos saíram’
(548)	<b>V</b>	<b>P</b>	<b>adv</b>		
(548a)	a-joj 1sg-lavar [a 'zɔj ]	itajaẽpepo-∅ panela-CN ɪ ,tə̃nə̃ 'p <sup>h</sup> epɯ	<b>mokōj</b> <sup>231</sup> <b>adv</b> 'mokōj]		‘Lavei a panela duas vezes’
(548b)	o-eɪur 3sg-trazer [o 'eɪur ]	peki-∅ pequi-CN p <sup>h</sup> e 'k <sup>h</sup> i	<b>ipĩĩj</b> <b>adv</b> ɪ 'p <sup>h</sup> ĩĩj]		‘Ele trouxe muito pequi’
(549)	<b>V</b>	<b>adv</b>	<b>P</b>		
(549a)	o-joj 3sg-lavar [o 'zɔj ]	<b>upakatu</b> <b>adv</b> ,upa 'k <sup>h</sup> atɯ	i-awa-∅ 3-roupa-CN 'jawə]		‘Ela lavou muita roupa’
(550)	<b>Sa</b>	<b>V</b>	<b>adv</b>		
(550a)	<b>eta</b> <b>adv</b> [ ,eta 'zaG <sup>w</sup> əɪ̃ə ]	jawaɪ̃a-∅ onça-CN	o-ata 3pl-andar o 'atə	<b>ipĩaj</b> <b>adv</b> ,ipĩ 'adzɪ]	‘Muitas onças andaram à noite’

<sup>230</sup> Exemplo da variedade goiana do Avá-Canoeiro. Essa expressão é bastante corrente também no português falado pelos Avá-Canoeiro: ‘vou dormir dois/duas’; ‘ele dormiu um/uma’, indicando a quantidade de noites a serem contadas.

<sup>231</sup> Para ‘lavei duas panelas’, o enunciado seria **ajoj mokōj itajaẽpepo**, com a palavra quantificadora **mokōj** antecedendo o nome. Assim, o escopo de **mokōj** em ‘lavei a panela duas vezes’ é o enunciado todo, ao passo que em ‘lavei duas panelas’ o escopo é apenas o nome **itajaẽpepo**. Esquemáticamente temos:

(a)	a-joj S-Vb	itajaẽpepo-∅ N-CN	<b>mokōj</b> <b>adv</b>	‘Lavei a panela duas vezes’
(b)	a-joj S-Vb	<b>mokōj</b> <b>adv</b>	itajaẽpepo-∅ N-CN	‘Lavei duas panelas’

Portanto, o que define se **mepenoan** ‘um’, **mokōj** ‘dois’ e **moapaɪ̃n** ‘três’ funcionam como formas adverbiais ou como modificadores nominais é a posição que ocupam na oração.



## 6.4 Formas adverbiais de modo

Os verbos intransitivos descritivos **katu** ‘ser bom, bonito’ e **puku** ‘ser comprido, longo’ podem ser usados com função adverbial de modo, modificando o verbo da oração<sup>232</sup>, sem nenhuma marca específica<sup>233</sup>. Nesse caso, ocorrem após a forma verbal que modificam, sem as marcas flexionais de pessoa<sup>234</sup>, e podem ser opcionalmente seguidos pela partícula intensificadora **ete**<sup>235</sup> ‘realmente, mesmo, de verdade’, como demonstram o esquema e os seguintes exemplos:

	V		adv. (ete)			
(551)	V		adv			
(551a)	o-iko 3sg-viver		<b>puku</b> <sup>236</sup> comprido			
	[ 'ojqo		'p <sup>h</sup> uqʊ]			
	‘Ele (Tutau) vive muito (é muito velho)’					
(551b)	jaɪ lua	o-ata 3sg-andar	<b>puku</b> comprido	o-ata 3sg-andar	<b>puku</b> comprido	
	[ 'ʒaɪ	o 'atə	'p <sup>h</sup> uqʊ	o 'atə	'p <sup>h</sup> uqʊ]	
	‘a lua andou muito, andou muito’					
(551c)	o-roʒaj 3sg-dançar	<b>katu=ete</b> bonito=part.				
	[ ,oro 'ʒaj	,k <sup>h</sup> atu 't <sup>h</sup> e]				
	‘Ela dançou muito bem, bonito’					
(552)	Sa		V		adv	
(552a)	kaʒamawaj-∅ pássaro (espécie)-CN	∅-memɪʒ rel-filho	o-nin 3sg-cantar, piar	<b>katu=ete</b> bonito=part		
	[k <sup>h</sup> a ,ʒama 'G <sup>w</sup> aj	'mēmɪʒə	ō 'nɪnɪ	,k <sup>h</sup> atu 't <sup>h</sup> e]		
	‘O filhote do passarinho (espécie) cantou muito bonito’					

<sup>232</sup> Hengeveld, Rijkhoff & Siewierska (2004) definem o advérbio de modo como o modificador do sintagma predicativo.

<sup>233</sup> Em Kamaiurá, por exemplo, quando os descritivos funcionam como advérbios, são precedidos pelo prefixo de 3ª pessoa {i-} (cf. Seki, 2000: 69, 82).

<sup>234</sup> Segundo Anderson (1985: 200), os advérbios normalmente não manifestam concordância.

<sup>235</sup> Essa partícula será discutida no Capítulo 7.

<sup>236</sup> Várias vezes registrei essa oração funcionando como um sintagma nominal. É o que o exemplo a seguir demonstra:

	Sa	SV	
(a)	<b>o-iko=puku</b>	o-mano	‘O velho morreu’
	<b>3sg-viver=comprido</b>	3sg-morrer	
	[ ,ojko 'p <sup>h</sup> uqʊ	o 'mənʊ]	

Os **sintagmas adverbiais** podem ser compostos unicamente pelas formas adverbiais temporais, locativas e quantificadoras, como nos exemplos de (540) a (544) e (546a-c). As noções locativas podem ser expressas igualmente por formas adverbiais ou por nomes marcados pelo sufixo de caso locativo {-pe} (**SN-loc**), como em (545a). Já as formas adverbiais quantificadoras podem constituir-se de um quantificador precedendo ou seguindo um nome, como em (548a), (548b), (549a) e (550a), respectivamente. Por fim, podem compor-se de uma forma adverbial de modo, seguida opcionalmente da partícula intensificadora **ete** ‘realmente, mesmo, de verdade’ (cf. (551a), (551b) e (552a)). Assim, o sintagma adverbial do Avá-Canoeiro configura-se da seguinte forma:

1)	<b>forma adverbial</b> (temporal/locativo/quantificador)	
2)	SN-loc	
3)	<b>forma adverbial quantificadora</b>	N
3a)	N	<b>forma adverbial quantificadora</b>
4)	<b>forma adverbial de modo</b>	(ete)

Termino, assim, a discussão das formas adverbiais em Avá-Canoeiro.

## Conclusão

Neste capítulo dediquei-me às palavras que funcionam como *formas adverbiais* no Avá-Canoeiro, iniciando pelas temporais. Foram encontradas cinco formas, quatro nomes (**koem** ‘de manhã’; **kaʒun** ‘à tarde’; **ᶇpᶇtun** ‘à noite’; **ᶇpᶇaj** ‘à noite, bem mais tarde’) e uma posposição (**enone** ‘primeiro’), que exercem o papel sintático de *adverbiais temporais* e ocorrem no início ou no final das orações, sendo esta última posição a mais freqüente.

Foram abordadas em seguida as *formas adverbiais locativas*, quais sejam: **ko** ‘aqui’, **amoete** ‘longe’ e **ᶇwati** ‘alto, sobre, em cima de’, que ocorrem no final das orações. Além delas, os conceitos locativos podem ser expressos também por nomes marcados pelo caso locativo.

As *formas adverbiais quantificadoras* foram objeto de discussão em (6.3). Na língua Avá-Canoeiro os quantificadores **mepenoan** ‘um’, **mokōj** ‘dois’ e **moapaʒᶇn** ‘três’ são empregados com função adverbial no início e no final das orações para indicar quantas vezes uma ação é feita, ou como adjuntos nominais, antecedendo ou seguindo nomes, para expressar a quantidade de

objetos mencionados. Além desses quantificadores, usam-se também as formas adverbiais **upaku-tu** ‘tudo, todos, todas’ e **eta** ‘muito, muita, muitos, muitas’, a fim de expressar completude e grande quantidade, respectivamente, e o verbo descritivo defectivo **ipĩĩj** ‘muito, em grande quantidade’, denotando a existência de muitos exemplares de um mesmo item.

Na seção (6.4.) discuti as *formas adverbiais de modo* da língua. Os verbos intransitivos descritivos **katu** ‘ser bom, bonito’ e **puku** ‘ser comprido, longo’ podem funcionar como formas adverbiais de modo, sem nenhuma marca específica, modificando o verbo da oração. Nesse caso, ocorrem após o verbo que modificam, sem as marcas flexionais de pessoa, e podem facultativamente ser seguidos pela partícula intensificadora **ete** ‘realmente, mesmo, de verdade’.

Os *sintagmas adverbiais* do Avá-Canoeiro podem ser constituídos somente pelas formas adverbiais temporais, locativas e quantificadoras. As noções locativas podem ser expressas tanto por formas adverbiais quanto por nomes marcados pelo caso locativo. As formas adverbiais quantificadoras podem ser compostas por um quantificador precedendo ou seguindo um nome. Por fim, podem compor-se de uma forma adverbial de modo, seguida opcionalmente da partícula intensificadora **ete** ‘realmente, mesmo, de verdade’.

No próximo capítulo serão abordadas as classes fechadas de palavras do Avá-Canoeiro.



## Capítulo 7

### As classes fechadas de palavras da língua Avá-Canoeiro

Languages differ more from one another in the closed-class distinctions they recognize than the open-class distinctions. (...) however diverse the closed-class systems of different languages may be, all languages do in fact have closed, as well as open, parts-of-speech classes<sup>237</sup>.

Schachter (1985: 23)

## 7. Introdução

Neste capítulo tratarei das quatro classes fechadas de palavras da língua Avá-Canoeiro, quais sejam: os pronomes pessoais (7.1), os demonstrativos (7.2), as posições (7.3) e as partículas (7.4). Fundamentarão esta análise os trabalhos de Blake (1994), Schachter (1985), Comrie (1989), Payne (1997), Seki (2000) e Givón (2001), e, quando possível, serão estabelecidas comparações entre o Avá-Canoeiro e outras línguas Tupi-Guarani, principalmente do Subgrupo IV.

### 7.1 Pronomes Pessoais

Os pronomes pessoais são, conforme afirma Schachter (1985), palavras que fazem referência ao falante ('eu'), à pessoa a quem se fala, o ouvinte ('tu'), e a outras pessoas ou coisas

<sup>237</sup> Tradução livre: "As línguas diferem entre si mais pelas distinções que estabelecem nas classes fechadas do que nas abertas (...) Por mais diferentes que os sistemas de classes fechadas de línguas diversas possam ser, todas as línguas têm classes fechadas de palavras, assim como também têm classes abertas".



Tabela 28: Pronomes pessoais do Avá-Canoeiro

	Pronomes Livres <sup>1</sup>	Pronomes Livres	Pronomes Clíticos
	Avá-Canoeiro (Go)	Avá-Canoeiro (To)	Avá-Canoeiro (Go e To)
1ª sg	tʃi=tõ <sup>2</sup>	itʃe	tʃi= ~ tʃe=
2ª sg	ni=tõ	ene ~ ne	na= ~ ne= ~ ni=
1ª pl. incl.	jane	jane	jane=
1ª pl. excl.	ore	ore	ore=
2ª pl. <sup>3</sup>	pe	pe	pe=

<sup>1</sup> Em Borges (2004c), a partir das reconstruções de Rodrigues & Dietrich (1997), trato da fonte histórica desses pronomes livres do Avá-Canoeiro, quais sejam: \*itʃe ‘eu’, \*ene, ne ‘você’, \*jane ‘nós inclusivo’, \*ore ‘nós exclusivo’ e \*pe...ẽ ‘vocês’, além de \*aʔe ‘ele, esse’, que será discutido adiante.

<sup>2</sup> tõ, como veremos em (7.4), é uma partícula intensiva, que significa ‘muito, mesmo’.

<sup>3</sup> Constitui um universal lingüístico a presença de um sistema dêitico de referência ao falante e ao ouvinte (1ª e 2ª pessoas), em oposição à terceira (Comrie, 1989): **1, 2 > 3**.

Os pronomes pessoais livres ocorrem como sujeitos em sentenças com predicados nominais, como em (553), e como o único elemento de um sintagma responsivo, como em (554). Assim, constituem sozinhos sintagmas nominais<sup>240</sup>.

(553)	<b>itʃe</b> pron.pess. [ɪ 'tʃe]	tʃiʔapitʃiʔa-∅ índio-CN , tʃiʔa 'p <sup>h</sup> itʃiʔa]	‘Eu sou índio’
(554)	(a) awa quem [a 'wa]	ʒiwdu nome próprio 'ʒiwdu	kujã? mulher k <sup>h</sup> ũ 'ɲã]
	(b) <b>itʃe</b> pron.pess. [ɪ 'tʃe]		‘Eu’

Os pronomes pessoais livres ocorrem ainda como sujeitos enfáticos de verbos intransitivos ativos (cf. (555)), intransitivos descritivos (cf. (556)) e transitivos (cf. (557)), podendo ser omitidos, devido à presença das marcas verbais de pessoa (cf. (555a), (556a) e (557a)), como comprovam os seguintes exemplos<sup>241</sup>:

<sup>240</sup> Segundo Schachter (1985: 25), pronome é uma palavra que substitui nomes e sintagmas nominais.

<sup>241</sup> Figueiredo (2004) aponta esse uso enfático dos pronomes livres, além do Avá-Canoeiro, para as línguas Asurini, Parakanã, Suruí e Tapirapé.

(555)	<b>tʃi=tõ</b> pron.pess.=part. [ ' tʃitõ ]	a-kĩr 1sg-dormir ' akĩrə ]		'Eu dormi' (variedade de Goiás)
(555a)	<b>a-kĩr</b> 1sgSa-dormir [ ' akĩrə ]			'Eu dormi' (variedade de Goiás)
(556)	<b>ni=tõ</b> pron.pess.=part. [ ' nitõ ]	ne=poĩj 2sg=ser, estar gordo ne ' poĩzə ]		'Você é gordo'
(556a)	<b>ne=poĩj</b> 2sgSo=ser, estar gordo [ne ' poĩzə ]			'Você é gordo'
(557)	<b>ene</b> pron.pess. [e ' ne ]	ere-putat 2sg-querer, gostar , ere ' p <sup>h</sup> utat <sup>ʔ</sup> ]	pira-Ø peixe-CN ' p <sup>h</sup> irə ]	'Você quer/gosta de peixe'
(557a)	<b>ere-putat</b> 2sgA-querer, gostar [ , ere ' p <sup>h</sup> utat <sup>ʔ</sup> ]	pira-Ø peixe-CN ' p <sup>h</sup> irə ]		'Você quer/gosta de peixe'

Do mesmo modo que em outras línguas Tupi-Guarani, como o Tupinambá (Rodrigues, 1990), o Kamaiurá (Seki, 2000) e o Emérrillon (Rose, 2003), o Avá-Canoeiro não possui pronomes de terceira pessoa singular ou plural. Suprem essa lacuna do sistema pronominal da língua as formas **ae=tõ**, em Goiás, e **ae**, no Tocantins, que são um demonstrativo, como veremos na próxima seção deste capítulo, e funcionam como pronomes, tendo as mesmas funções que os pronomes livres possuem e que foram descritas acima<sup>242</sup>. A seguir exemplifico o uso de **ae=tõ** e **ae**.

(558)	<b>ae=tõ</b> dem=part. [a ' etõ ]	tʃi=Ø-pĩkĩr-a 1poss.sg=rel-irmã-CN , tʃɪpĩ ' k <sup>h</sup> ĩrə ]		'Ela é minha irmã'
(559)	<b>ae</b> dem [a ' e ]	mae-ʒ-o-a caça-rel-carne-CN , mae ' ʒoə ]	o-tʃu 3sg-morder o ' tʃu ]	'Eles morderam a carne'

<sup>242</sup> Esse é um processo bastante citado na literatura, por ser bem recorrente nas línguas. Schachter (1985), por exemplo, afirma que no Paiute não há distinção entre o demonstrativo e o pronome pessoal de terceira pessoa, à semelhança do que ocorre no Avá-Canoeiro. Segundo Benveniste (1991: 283), uma das características distintivas da 3ª pessoa, a 'não-pessoa', é a possibilidade *de comportar um número às vezes bastante grande de variantes pronominais ou demonstrativas*.



Assim, nos pronomes de primeira e segunda pessoas há uma distinção de número (singular X plural) que não se verifica na terceira pessoa ('ele (s), ela (s)'). Há ainda a distinção entre pronomes de primeira pessoa inclusiva e exclusiva, do mesmo modo em que ocorrem marcadores verbais distintos para elas (cf. o Capítulo 5).

Note-se que, no Avá-Canoeiro de Goiás, as formas pronominais independentes para as pessoas do singular são, respectivamente, **tʃi=tõ**, **ni=tõ** e **ae=tõ**. A constituição dessas formas é 'pronome pessoal clítico' ou 'demonstrativo' + 'partícula **tõ**':

- (560) **tʃi=tõ** 'eu'  
1sg=part.  
[<sup>1</sup>tʃitõ]
- (561) **ni=tõ** 'você'  
2sg=part.  
[<sup>1</sup>nitõ]
- (562) **ae=tõ** 'esse, ele'  
dem=part.  
[a<sup>1</sup>etõ]

A partícula **tõ**, que será discutida em (7.4.), indica 'intensivo' na língua, ocorrendo com verbos intransitivos ativos, intransitivos descritivos, transitivos e com a cópula **eko** ~ **iko** 'ser, estar'. **tʃi=** e **ni=** nas formas acima são os pronomes clíticos e **ae**, o demonstrativo (cf. (7.2)). Há, por conseguinte, a junção dessa partícula a esses pronomes clíticos e ao demonstrativo na variedade goiana da língua Avá-Canoeiro.

Em alguns casos há coexistência entre duas formas, inclusive faladas pela mesma pessoa, no Avá-Canoeiro de Goiás: a forma independente de primeira pessoa do singular, constituída pelo pronome clítico (**tʃi=**), seguido da partícula **tõ** (**tʃi=tõ**) e a forma clítica (**tʃi=**). Quando isso ocorre, compõe-se uma única palavra fonológica, como nos exemplos que se seguem. Entretanto, **tʃitõ** é a forma mais usada.

- (563) **tʃi=a-kaʒuk** 'Eu vou urinar'  
pron.pess.=1sg-urinar  
[tʃə<sup>1</sup>k<sup>h</sup>aʒukə]  
(compare-se com **tʃi=tõ**            **a-kaʒuk**)

- (564) **tʃi=a-kɨje** ‘Eu temo’  
 pron.pess.=1sg-temer  
 [tʃə 'kʰɨʒɪ]  
 (compare-se com **tʃi=tõ**            **a-kɨje**)

Os pronomes pessoais clíticos possuem quatro funções na língua, indicando: 1) o possuidor de nomes possuídos (cf. (565)); 2) o objeto de verbos transitivos (cf. (566)); 3) o objeto de posições (cf. (567)); e 4) o sujeito de verbos intransitivos descritivos (cf. (568))<sup>243</sup>. Respectivamente, os exemplos a seguir ilustram a ocorrência desses pronomes:

- (565) **ne=ʔ-atɨp-a** ‘tua bochecha’  
 2poss=rel-bochecha-CN  
 [ , neʔa 'tʰɨpə]
- (566) **ni=tõ**            **tʃi=kaʔaj**<sup>244</sup> ‘Você me arranhou’  
 pron.pess.=part.    1sgP=arranhar  
 [ 'nitõ            , tʃɪka 'ʔaj]
- (567) **o-jɨwa**            **jane=ʔupe** ‘Ele voltou conosco’  
 3sg-voltar            1pl.incl.=posp  
 [o 'ʒɨwə            , tʃəne 'ʔupɪ]
- (568) **tʃi=ʔoɨ**            ‘Eu estou com frio’  
 1sgSo=ser, estar frio  
 [tʃɪ 'ʔoɨ]

Quanto à terceira pessoa do paradigma de pronomes pessoais clíticos, como discutido no Capítulo 4, novamente se nota uma lacuna na língua Avá-Canoeiro, que é suprida pelo uso do prefixo relacional {i-}, como se segue. Esse prefixo apresenta as mesmas funções que os pronomes clíticos desempenham e que foram indicadas acima.

- (569) **a-ɨtaw**            **i-pire**            ‘Eu nadei com ele’  
 1sg-nadar            3-posp  
 [ , aɨ 'tʰaw            ɪ 'pʰire]

<sup>243</sup> Nas línguas Asurini, Suruí, Tembê e Tapirapé, os pronomes clíticos possuem essas mesmas funções (cf. Figueiredo, 2004).

<sup>244</sup> Temos aqui novamente um exemplo da realização da hierarquia de pessoas na língua 1, 2 > 3, segundo a qual o objeto de 1ª pessoa tem precedência sobre o sujeito de 2ª, na marcação verbal, ou seja, 1 > 2 e P > A, conforme descrito no Capítulo 5.

- (570) **i-jeia** ‘Ele é alto’  
 3-ser alto  
 [ɪ 'ʒeɪə]

Tendo visto os pronomes pessoais livres e clíticos do Avá-Canoeiro, discutirei na próxima seção os demonstrativos da língua.

## 7.2 Demonstrativos

Em meu corpus do Avá-Canoeiro foram encontrados apenas três demonstrativos, distribuídos na língua de acordo com os parâmetros de proximidade em relação ao falante e ao ouvinte e visibilidade<sup>245</sup>, conforme se segue:

Tabela 29: Demonstrativos do Avá-Canoeiro

<b>ae</b>	‘aquele sobre quem se fala’ (distante do falante e do ouvinte, visível ou não)
<b>pe</b>	‘aquele’ (distante do falante e do ouvinte, visível ou não)
<b>ko</b>	‘este’ (próximo ao falante, visível)

Esses demonstrativos são acentuados e, do mesmo modo que os pronomes pessoais, não recebem sufixos casuais<sup>246</sup>. São usados como modificadores, antecedendo os nomes (cf. (571)) e como núcleos de sintagmas nominais sujeitos e objetos (cf. (572), (573) e (574)).

- (571) **ko**<sup>247</sup> etam-∅ i-piauw ‘Esta casa é nova’  
**dem** casa-CN 3-ser novo  
 [ 'k<sup>h</sup>o 'etəmə ɪ 'p<sup>h</sup>iauw]

<sup>245</sup> Os demonstrativos (ou ‘dêiticos’) indicam referência espacial, ou seja, a localização do falante e/ou do ouvinte, e em algumas línguas indica ainda uma referência temporal (Givón, 2001). No Tupinambá, segundo Rodrigues (1981: 15), os demonstrativos possuem os seguintes ‘componentes semânticos’: 1) proximidade do falante; 2) proximidade do ouvinte; 3) visibilidade; e 4) indeterminação. As formas do Avá-Canoeiro possuem cognatos em outras línguas do Subgrupo IV, como em Tembé: **aʔe** ‘ele’ e **ko** ‘este’ (cf. Duarte, 2003).

<sup>246</sup> Nota-se nesse aspecto uma distinção entre o Avá-Canoeiro e o Kamaiurá, em que os demonstrativos recebem sufixos casuais (cf. Seki, 2000: 64).

<sup>247</sup> Conforme Payne (1997), os demonstrativos normalmente são formas livres usadas em contigüidade aos nomes com os quais co-ocorrem.

(572)	<b>mae</b> o que [ma 'ɛ	<b>ko?</b> <sup>248</sup> <b>dem</b> 'k <sup>h</sup> o]		'O que é isto?'
(573)	<b>ae</b> <b>dem</b> [a 'e	i-awa-Ø 3-roupa-CN 'jawə	o-joj 3sg-lavar o 'ʒɔj]	'Ele lavou sua própria roupa'
(574)	<b>pe</b> <b>dem</b> [ 'p <sup>h</sup> e	a-jepik 1sg-pegar ,aʒe 'p <sup>h</sup> ik ]		'Eu peguei aquele'

Como ocorre com os pronomes pessoais livres, os demonstrativos constituem sozinhos sintagmas nominais (cf. (571), (573) e (574)).

O demonstrativo **ae** é bastante usado como pronome de terceira pessoa, inclusive seguido pela partícula **tõ**, como se viu em (7.1.)<sup>249</sup> e, ainda, nos exemplos abaixo:

(575)	<b>A (tõ)</b>	<b>P</b>	<b>V</b>	
(575a)	<b>ae</b> <b>dem</b> [a 'e	kuɾum-Ø menino-CN k <sup>h</sup> u 'ĩũm	o-pitim 3sg-beliscar o 'p <sup>h</sup> itimə]	'Ela beliscou o menino'
(575b)	<b>ae=tõ</b> <b>dem.=part.</b> [a 'etõ	kuɾum-Ø menino-CN k <sup>h</sup> u 'ĩũm	o-pitim 3sg-beliscar o 'p <sup>h</sup> itimə]	'Ela beliscou o menino' (ou 'Foi ela quem beliscou o menino') <sup>250</sup>

Jensen (1998) esclarece que os demonstrativos em línguas Tupi-Guarani desempenham um grande número de funções, podendo referir-se a pessoas, objetos, tempo, localização e elementos discursivos. Infelizmente no momento ainda não é possível avançar muito na análise dos demonstrativos do Avá-Canoeiro, dada a exigüidade dos dados disponíveis.

A próxima seção será dedicada às posposições da língua.

<sup>248</sup> Essa sentença ocorreu no seguinte contexto: estávamos sentadas eu, Tuia e Angélica, na varanda da enfermaria, na área Avá-Canoeiro, em Goiás, quando Tuia virou-se e viu uma tatuagem em Angélica. Imediatamente indagou **mae ko?**. **ko**, como já vimos no Capítulo 6, possui também função adverbial locativa.

<sup>249</sup> Em Kamaipurá, são usados como pronomes de 3ª pessoa os demonstrativos **aʔe** 'aquele de que se fala' e **pe** 'aquele' (Seki, 2000).

<sup>250</sup> Como se verá em (7.4), a hipótese que levanto para a partícula **tõ** é a de que ela marque **foco** na língua Avá-Canoeiro.

### 7.3 Posposições<sup>251</sup>

Em meu corpus do Avá-Canoeiro foram encontradas nove posposições, quais sejam: **wi** ‘ablativo’, ‘dativo’; **ĩwati** ‘superessivo’; **pupe** ‘inessivo’, ‘ilativo’; **upi** ‘perlativo’, ‘comitativo’; **enone** ‘locativo temporal’; **pire** ‘comitativo’; **ri** ‘fonte’; **ɣupe** ‘dativo’; **takĩwĩrap** ‘locativo’ (‘atrás de’), conforme a Tabela 30.

Tabela 30: Posposições da língua Avá-Canoeiro

Posposições do Avá-Canoeiro <sup>1</sup>	Funções das posposições	Significados das Posposições
<b>wi</b>	1. ‘ablativo’; 2. ‘dativo’	1. ‘de (procedência)’; 2. ‘para’, ‘a’
<b>ĩwati</b>	‘superessivo’ <sup>2</sup>	‘sobre’, ‘em cima de’
<b>pupe</b>	1. ‘inessivo’ <sup>3</sup> ; 2. ‘ilativo’	1. ‘em’, ‘dentro’; 2. ‘para dentro’
<b>upi</b>	1. ‘perlativo’ <sup>4</sup> ; 2. ‘comitativo’	1. ‘em’, ‘pelo’, ‘por’; 2. ‘com’, ‘em companhia de’
<b>enone</b>	‘locativo temporal’ <sup>5</sup>	‘antes de’, ‘na frente de’, ‘anteriormente a’
<b>pire</b>	‘comitativo’	‘com’, ‘em companhia de’
<b>ri</b> <sup>6</sup>	‘fonte’ (‘relativo’)	‘de’
<b>ɣupe</b>	‘dativo’	‘para’, ‘a’
<b>takĩwĩrap</b> <sup>7</sup>	‘locativo’	‘atrás de’

<sup>1</sup> Das nove posposições verificadas em Avá-Canoeiro, cinco encontram reconstruções em Jensen (1998: 514-516; 598-600). São elas: \***cupé** ‘para’ (**ɣupe** em Avá-Canoeiro); \***enoné** ‘em frente de’ (**enone** em Avá-Canoeiro); \***pupé** ‘em’ (**pupe** em Avá-Canoeiro); \***upi** ‘com, por meio de, de acordo com, dentro de uma área’ (**upi** em Avá-Canoeiro); \***cuwi** ‘de’ (**wi** em Avá-Canoeiro).

<sup>2</sup> De acordo com Blake (1994: 206), o termo **superessivo** significa ‘on top of’, ‘over’, ‘above’ (sobre, acima, em cima de).

<sup>3</sup> A terminologia aqui empregada é a de Blake (1994: 202), segundo a qual **inessivo** significa ‘inside’ (dentro). Seki (2000: 74) usa o termo ‘locativo estático’, em oposição a ‘locativo dinâmico’, que chamo de **ilativo**, como aquele autor. Para ele, **ilativo** indica ‘into’ (para dentro). O termo **inessivo** foi utilizado também por Rodrigues (2000).

<sup>4</sup> O termo **perlativo**, segundo Blake (1994: 204), expressa ‘through’, ‘across’, ‘along’ (através de, ao longo de). Rodrigues (2000) noticia essa mesma posposição para o Tupinambá.

<sup>5</sup> A terminologia empregada aqui é a mesma de Seki (2000).

<sup>6</sup> Em Rodrigues (1981), **ri** aparece como ‘por, em relação a’. Daí o termo ‘relativo’.

<sup>7</sup> Essa posposição em Avá-Canoeiro parece corresponder ao que Seki (2000: 76) explica como ‘*posposições locativas derivadas de radicais de natureza nominal pelo acréscimo de sufixos locativos*’ para o Kamaiurá.

As posposições do Avá-Canoeiro formam o núcleo do sintagma posposicional, são flexionadas com o prefixo relacional {**r-**} /**r-** ~ **ɣ-** ~ **Ø-**/ e ocorrem com os pronomes pessoais clíticos (**tʃi=** ~ **tʃe=**, **na=** ~ **ne=** ~ **ni=**, **jane=**, **ore=**). À semelhança do que se passa com os nomes e os verbos da língua, as posposições são divididas em três classes, de acordo com o alomorfe do prefixo relacional {**r-**} que recebem: à classe /**r-**/ pertence a posposição **enone** ‘antes de’, ‘na frente

<sup>251</sup> Em Borges (2004e) apresento algumas considerações preliminares sobre as posposições da língua.

de’, ‘anteriormente a’ (cf. (581a, b)); a posposição **upi** ‘em, pelo, por, ‘com’, ‘em companhia de’ pertence à classe /**u-**/ (cf. (579a, b, c, d, e, f, g, h)); as demais pertencem à classe /**Ø-**/. Por fim, as posposições da língua podem ocorrer com o prefixo relacional **{i-}**, indicando ‘terceira pessoa’ (cf. (578c), (583a, b)).

Os sintagmas posposicionais, compostos por nomes e pronomes seguidos de posposições, ocorrem em Avá-Canoeiro principalmente em posição final de enunciado, após o verbo (cf. (576) e (578)), e raras vezes em posição medial, antecedendo o verbo (cf. (577b) e (581c)).

### 7.3.1 Formas e significados das posposições

Assim como ocorre em Asurini do Tocantins (cf. Cabral, 2000), as posposições do Avá-Canoeiro associam-se a casos distintos (cf., por exemplo, a posposição **wi**, associada aos casos ablativo e dativo)<sup>252</sup>, da mesma maneira que um único caso é indicado por várias posposições (cf. o caso dativo, com as posposições **wi** e **ɓupe**; e o caso comitativo, representado pelas posposições **pire** e **upi**)<sup>253</sup>. As posposições do Avá-Canoeiro possuem as formas e os significados explicitados a seguir.

(576) **wi** (indica um ponto de partida, o início de uma trajetória)<sup>254</sup>

#### 1. ‘ablativo’ (‘de’) - procedência

(576a)	a-jɨwa 1sg-voltar [a' dʒɨwə	goiania-Ø Goiânia-CN , Goɪ' ɛnjəwɪ]	<b>wi</b> <b>posp</b>	‘Eu voltei de Goiânia’
(576b)	ere-juɓ 2sg-vir [, ere' ʒuɓə	gurupi-Ø Gurupi-CN , Guɾu' p <sup>h</sup> iwɪ]	<b>wi</b> <b>posp</b>	‘Você veio de Gurupi’

<sup>252</sup> Rose (2003) mostra como as posposições em Emérillon são polissêmicas.

<sup>253</sup> Para Lyons (1979: 318), ‘*embora a categoria de caso se restrinja à variação flexional, é claro que tanto as funções “gramaticais” como as “locativas” (...) são logicamente independentes da maneira pela qual elas se realizam nas diversas línguas. Além disso, essas funções “gramaticais” e “locativas” podem realizar-se numa mesma língua, em parte pelas flexões de caso e em parte por outros meios, mais comumente pelas preposições ou “posposições”, ou pela ordem das palavras. Isso quer dizer que a categoria de caso não pode ser discutida apenas do ponto de vista morfológico*’. Em Avá-Canoeiro o **caso** é expresso por meio desses três mecanismos: flexões (casos nuclear e locativo), posposições e ordem.

<sup>254</sup> A posposição **wi** cliticiza-se sempre aos nomes, mostrando uma tendência daquela classe de palavras, conforme explica Anderson (1985).

## 2. ‘dativo’ (‘para’; ‘a’)<sup>255</sup>

- (576c) ni=tō                    mapeʒa-Ø                    ere-mon                    iawi-Ø                    **wi**  
 pron.pess.=part.            papel-CN                    2sg-dar                    nome próprio-CN            **posp**  
 [ 'nitō                    ' mapeʒə                    , ere ' mōn                    ja ' wiwɪ ]  
 ‘Você deu papel ao Iawi’
- (576d) tʃi=tō                    ipotĩʒa-Ø                    a-mon                    ne=Ø-**wi**  
 pron.pess.=part            flor-CN                    1sg-dar                    2sg=rel-**posp**  
 [ 'tʃitō                    ɪ ' pʰɔtĩʒə                    , amō ' newɪ ]  
 ‘Eu dei uma flor para você’
- (576e) tɾumak-Ø                    o-momew                    ne=Ø-**wi**  
 nome próprio-CN            3sg-chamar                    2sg=rel-**posp**  
 [ tɾu ' mak ʔ                    , omō ' mew                    ' newɪ ]  
 ‘Trumak vai te chamar’
- (576f) o-mae=tō<sup>256</sup>                    tʃe=Ø-**wi**  
 3sg-olhar=part.            1sg=rel-**posp**  
 [ , oma ' etō                    ' tʃewɪ ]  
 ‘Ele olhou muito para mim’

## (577) **ĩwati** ‘superessivo’ (‘sobre’; ‘em cima de’)

- (577a) iawi                    moj-a                    o-noŋ                    ita-Ø                    **ĩwati**<sup>257</sup>  
 nome próprio                    cobra-CN                    3sg-colocar                    pedra-CN                    **posp**  
 [ ja ' wi                    ' moʒə                    õ ' nōŋ                    ' itə                    ĩ ' watʃɪ ]  
 ‘Iawi colocou a cobra em cima da pedra’
- (577b) itajã-Ø                    meza-Ø                    **ĩwati**  
 panela-CN                    mesa-CN                    **posp**  
 [ , ita ' ãẽ                    ' mezə                    ĩ ' watʃɪ                    ' oeko ]  
 ‘A panela está sobre a mesa’

## (578) **pupe**

### 1. ‘inessivo’ (‘em’; ‘dentro’) – local específico

- (578a) matʃō                    peki-Ø                    o-mapĩk                    uj-Ø                    **pupe**  
 nome próprio                    pequi-CN                    3sg-cozinhar                    arroz-CN                    **posp**  
 [ ma ' tʃō                    pʰe ' kʰi                    o ' mapĩkə                    uj ' pʰupe ]  
 ‘Sebastião cozinhou pequi no arroz’
- (578b) a-kĩɾ                    i-kĩau-Ø                    **pupe**  
 1sg-dormir                    3-rede-CN                    **posp**  
 [ ' akʰĩɾə                    , ɪkĩ ' aw                    ' pʰupe ]  
 ‘Eu dormi na rede dele’ (variedade de Goiás)
- (578c) o-noŋ                    tomate-Ø                    i-**pupe**  
 3sg-colocar                    tomate-CN                    3-**posp**  
 [ õ ' nōŋ                    tʰɯ ' matʃɪ                    ɪ ' pʰupe ]  
 ‘Ele colocou o tomate dentro dela (da panela)’

<sup>255</sup> A posposição **wi** é usada, além do ablativo, tanto para o dativo (cf. (579c) e (579d)) quanto para o que tradicionalmente se chama de ‘objeto indireto’ (cf. (579e) e (579f)).

<sup>256</sup> Cf., na seção (7.4) os empregos da partícula intensiva **tō**.

<sup>257</sup> Esse foi o relato de Nywatxima sobre um episódio ocorrido à beira do rio, onde uma cobra foi encontrada e Iawi foi chamado para matá-la. Essa cobra estava debaixo de uma pedra, quando Iawi a pegou com um pau e a matou. Após isso, colocou-a sobre outra pedra, a fim de mostrá-la aos presentes.

(578d)	ae=tō pron.pess.=part. [a'etō	o-joj 3-lavar o'zɔj	i-awa-∅ 3-roupa-CN 'jawə	iakā-∅ rio-CN ,i'a'k <sup>h</sup> ə	<b>pupe</b> <b>posp</b> 'p <sup>h</sup> upe]
--------	-------------------------------------	---------------------------	--------------------------------	---	--

‘Ele lavou roupa dentro do rio’

## 2. ‘ilativo’ (‘para dentro’) – indica movimento para o interior de algo

(578e)	ni=tō pron.pess.=part. [ 'nitō	e <sub>r</sub> e-ike <sup>258</sup> 2sg-entrar e'rike	oka-∅ casa-CN ,oka'p <sup>h</sup> upe]	<b>pupe</b> <b>posp</b>	‘Você entrou na casa’
(578f)	itʃe pron.pess. [ɪ'tʃe	a-ata <sup>259</sup> 1sg-andar 'ata	hariana-∅ <sup>260</sup> nome próprio-CN ,harɪ'ə̃nə	<b>pupe</b> <b>posp</b> 'p <sup>h</sup> upe]	‘Eu entrei na casa do Hariana’
(578g)	tapi <sub>r</sub> a-∅=ete anta-CN=part. [t <sup>h</sup> a,pɪɪɪ't <sup>h</sup> e	o-ike 3sg-entrar o'ike	ij-a terra-CN ,iʒə'p <sup>h</sup> upe]	<b>pupe</b> <b>posp</b>	‘A vaca entrou na terra (lama)’

## (579) **upi**

### 1. ‘perlativo’ (‘em’; ‘pelo, por’) - lugar não especificado

(579a)	tʃi=tō pron.pess.=part. [ 'tʃitō	tʃi=r-awa-∅ 1poss=rel-roupa-CN tʃɪ'rəwə	a-joj 1sg-lavar a'zɔj	iakā-∅ rio-CN ,i'a'k <sup>h</sup> əʒɪpɪ]	<b>ɛ-upi</b> rel- <b>posp</b>
--------	--	---	-----------------------------	--	----------------------------------

‘Eu lavei minha roupa no rio’

(579b)	o-ata 3sg-andar [o'atə	ipiaj adv ,ip <sup>h</sup> i'adʒɪ	<b>ɛ-upi</b> rel- <b>posp</b> 'ɛɪpɪ]		‘Ele andou no/pelo escuro’
(579c)	o-ike 3sg-entrar [o'ike	ij-a terra-CN 'iʒə	<b>ɛ-upi</b> rel- <b>posp</b> 'ɛɪpɪ]		‘Ela afundou na terra’ (lit. ‘Ela (a vaca) entrou, foi para dentro da terra’)
(579d)	a-ike 1sg-entrar [a'ike	oka-∅ casa-CN ,okə'ɛɪpɪ]	<b>ɛ-upi</b> rel- <b>posp</b>		‘Eu entrei na casa’

### 2. ‘comitativo’ (‘com’; ‘em companhia de’)<sup>261</sup>

(579e)	kawaɛu-∅ cavalo-CN [k <sup>h</sup> a'waɛu	o-ata 3sg-andar o'atə	tʃi=ɛ- <b>upi</b> 1sg=rel- <b>posp</b> tʃɪ'ɛɪpɪ]		‘O cavalo andou comigo’
--------	---	-----------------------------	--	--	-------------------------

<sup>258</sup> Cf. em (3.4.2) a descrição do processo de apagamento de vogal em fronteira de morfemas.

<sup>259</sup> Ocorre aqui o processo de fusão vocálica, descrito em (3.4.3).

<sup>260</sup> Hariana é um nome de um dos vizinhos Javaé dos Avá-Canoeiro do Estado do Tocantins.

<sup>261</sup> Para expressar ‘comitativo’, além da posposição **upi**, a língua Avá-Canoeiro possui a posposição **pire** (cf. os exemplos em (584)). Contudo, ainda não sei precisar quais as diferenças de significado e de uso entre ambas. Em meus dados, **upi** ocorre junto a nomes próprios e a pronomes clíticos. **pire**, por seu turno, ocorre com nomes comuns e com pronomes clíticos.



- (579f) a-jaŋ                      monika-Ø                      **ɛ-upi**                      ‘Eu corri com a Mônica’  
 1sg-correr                      nome próprio-CN                      rel-**posp**  
 [ə̃ˈ ɲəŋ]                      ˈ mɔ̃nɪkə                      ˈ ɛupɪ]
- (579g) o-ike                      jane=**ɛ-upi**                      ‘Ele entrou conosco’  
 3sg-entrar                      1pl.incl.=rel-**posp**  
 [oˈ ike                      ,jə̃nɪ ˈ ɛupɪ]
- (579h) ni=tõ                      ere-ata                      trumak-Ø                      **ɛ-upi**                      ‘Você andou com o Trumak’  
 pron.pess.=part.                      2sg-andar                      nome próprio-CN                      rel-**posp**  
 [ˈ nitõ                      ,ereˈ atə                      tɾuˈ makˀ                      ˈ ɛupɪ]
- (580) **enone** ‘**locativo temporal**’ (‘antes de’; ‘na frente de’; ‘anteriormente a’)
- (580a) ere-o                      tʃi=r-**enone**                      ‘Você vai antes de mim’  
 2sg-ir                      1sg=rel-**posp**  
 [ ,ereˈ o                      ,tʃɪreˈ nõne]
- (580b) o-juɛ                      ne=r-**enone**                      ‘Ele veio antes de você’  
 3sg-vir                      2sg=rel-**posp**  
 [oˈ ʒuɛə                      ,nereˈ nõne]
- (581) **pire**                      ‘**comitativo**’ (‘com’, ‘em companhia de’)
- (581a) a-u                      ne=Ø-**pire**                      ‘Eu vou comer com você’  
 1sg-comer                      2sg=rel-**posp**  
 [ˈ aw                      ˈ nepɪre]
- (581b) tʃi=tõ                      a-kɪr                      pe=Ø-**pire**  
 pron.pess.=part.                      1sg-dormir                      2pl=rel-**posp**  
 [ˈ tʃitõ                      ˈ akʰɪrə                      ˈ pʰepɪre]
- ‘Eu vou dormir com vocês’ (variedade de Goiás)
- (581c) tʃi=tõ                      iakaj-Ø                      **pire**                      a-jɪwa  
 pron.pess.=part.                      lenha-CN                      **posp**                      1sg-voltar  
 [ˈ tʃitõ                      jaˈ kʰaj                      ˈ pʰɪre                      aˈ ʒɪwə]
- ‘Eu trouxe lenha’ (lit. ‘Eu voltei com lenha’)
- 582) **ri** ‘**fonte**’ (‘de’) (segundo terminologia de Seki, 2000); ‘**relativo**’ (segundo terminologia de Rodrigues, 2000)
- 582a) tʃi=tõ                      a-eko=ete                      ne=Ø-**ri**  
 pron.pess.=part.                      1sg-ser, estar=part.                      2sg=rel-**posp**  
 [ˈ tʃitõ                      a ,ekoeˈ tʰe                      ˈ nerɪ]
- ‘Eu gosto de você’ (lit. ‘Eu estou com você’)<sup>262</sup>
- (582b) ni=tõ                      ere-eko=ete                      tʃi=Ø-**ri**  
 pron.pess.=part.                      2sg-ser, estar=part.                      1sg=rel-**posp**  
 [ˈ nitõ                      e ,rekoˈ eˈ tʰe                      ˈ tʃɪrɪ]
- ‘Você gosta de mim’ (lit. ‘Você está comigo’)

<sup>262</sup> Mantenho aqui e em (585b) as traduções que me foram dadas por Nywatxima e Jatulika.

(583)	<b>ɣupe</b> ‘dativo’ (‘para’; ‘a’) <sup>263</sup>			
(583a)	e-meŋ 2imp-dar [ẽ ' mēŋ]	ĩ-a água-CN 'ĩə	i-ɣupe 3-posp ɪ ' ɣupɪ]	‘Dê água a ela (Tatxia)’
(583b)	itʃe pron.pess. [ɪ ' tʃe]	a-eɣur 1sg-trazer a ' eɣurə	i-ɣupe 3-posp ɪ ' ɣupɪ]	‘Eu trouxe para ela (Tatxia)’
(583c)	o-k <sup>w</sup> atiaɣ 3sg-escrever [ ,ok <sup>w</sup> ə ' tʃiəɣə]	ne=∅-ɣupe 2sg=rel-posp ne ' ɣupɪ]		‘Ele escreveu para você’
(584)	<b>takĩwĩrap</b>	‘atrás de’		
(584a)	o-ata 3sg-andar [o ' atə]	monika-∅ nome próprio-CN 'mõnɪkə	<b>takĩwĩrap</b> posp t <sup>h</sup> a ,kĩwĩ ' rapʔ]	‘Ele andou atrás da Mônica’

Os sintagmas posposicionais do Avá-Canoeiro são compostos por nome seguido de posposição (cf. (576a, b, c), (577a, b), (578a, b, d, e, f, g), (579a, b, c, d, f, h), (581c) e (584a)) ou pronome pessoal clítico seguido de posposição (cf. (576d, e, f), (579e, g), (580b), (581a, b), (582a, b) e (583c)), sendo antecedida pelo prefixo relacional nos dois casos. Assim, a constituição do sintagma posposicional da língua é a seguinte:

N pron.pess.clit.=rel-posp	rel-posp
-------------------------------	----------

A seguir apresento na Tabela 31 um resumo das posposições do Avá-Canoeiro e de algumas formas correspondentes em línguas Tupi-Guarani do Subgrupo IV<sup>264</sup>.

<sup>263</sup> Pelos meus dados, há duas posposições dativas em Avá-Canoeiro: **wi** e **ɣupe**. No entanto, ainda não consegui apreender as distinções de uso e de significado entre elas. **wi** ocorre com pronomes clíticos e nomes próprios (cf. (579)). Já **ɣupe** só ocorreu com pronomes clíticos.

<sup>264</sup> A tabela seguinte tem um caráter apenas ilustrativo, sem pretensões de esgotar as possibilidades de posposições nas línguas do Subgrupo IV, nem tampouco as correspondências entre todos os cognatos do Avá-Canoeiro e das demais línguas. Para uma descrição detalhada das posposições de línguas Tupi-Guarani de outros subgrupos, confira-se, por exemplo, Anchieta (1990) e Rodrigues (2000), para o Tupinambá; Gudschinsky & Aaron (1971), para o Guaraní; Seki (2000), para o Kamaiurá e Rose (2003), para o Eméillon.

Tabela 31: Posposições do Avá-Canoeiro e de outras línguas do Subgrupo IV

Posposições do Avá-Canoeiro: funções	Posposições do Avá-Canoeiro: significados	Algumas posposições de outras línguas do Subgrupo IV: funções e significados
<b>wi</b> 1) ‘ablativo’; 2) ‘dativo’	1) ‘de (procedência)’; 2) ‘para’, ‘a’	<b>Tapirapé:</b> <b>we</b> ‘dativo’; <b>wi</b> ‘da, de, para’ (cf. Almeida, Irmãzinhas de Jesus & Paula, 1983; Praça, 1999); <b>Tembé:</b> <b>wi</b> ‘de’ (cf. Duarte, 1998); ‘originário de’ (cf. Duarte, 2005); <b>we ~ me</b> ‘para’; <b>wi</b> ‘de’ (cf. Carvalho, 2001); <b>Guajajára:</b> <b>wi</b> (cf. Bendor-Samuel, 1972); <b>Suruí do Tocantins:</b> <b>wí</b> ‘de’ (Neves, 1999).
<b>îwati</b> ‘superessivo’	‘sobre’, ‘em cima de’	<b>Parakanã:</b> <b>ywate</b> ‘para cima, em cima’ (Silva, 2003: 163) <sup>1</sup> ; <b>Tembé:</b> <b>iwa-tê</b> ‘no céu, no ar, em cima, alto, acima de, em cima de, a parte alta, a parte de cima’ (Boudin, 1978: 86 (Vol. I)).
<b>pupe</b> 1) ‘inessivo’; 2) ‘ilativo’	1) ‘em’, ‘dentro’; 2) ‘para dentro’	<b>Parakanã:</b> <b>pope</b> ‘dentro de, em, no interior’ (cf. Silva, 1999; Silva, 2003); <b>Tapirapé:</b> <b>pype</b> ‘dentro de’ (Walkíria Neiva Praça, c.p.); <b>Tembé:</b> <b>pupe</b> ‘dentro de’ (cf. Duarte, 1998); <b>pupe</b> ‘para’ (cf. Carvalho, 2001) <sup>2</sup> ; <b>Asurini do Tocantins:</b> <b>pype</b> ‘dentro de’ (cf. Nicholson, 1978); <b>pîpe</b> ‘no interior de, em e através de, tomando a direção do interior de, dirigindo-se entre’ (cf. Cabral, 2000); <b>Guajajára:</b> <b>pîpe</b> ‘dentro’ (cf. Harrison, 1975); <b>pupe</b> (Bendor-Samuel, 1972); <b>Suruí do Tocantins:</b> <b>pupe</b> ‘dentro, em’ (Neves, 1999).
<b>upi</b> 1) ‘perlativo’; 2) ‘comitativo’	1) ‘em’, ‘pelo’, por’; 2) ‘com’, ‘em companhia de’	<b>Parakanã:</b> <b>opi</b> ‘com (companhia), por’ (cf. Silva, 1999; Silva, 2003); <b>Tapirapé:</b> <b>opi</b> ‘por, através de, com’ (Walkíria Neiva Praça, c.p.); <b>Tembé:</b> <b>upi</b> ‘por, em’ (cf. Duarte, 1998; Carvalho, 2001); <b>Asurini do Tocantins:</b> <b>opí</b> ‘junto com, por, através de, através e dentro de’ (cf. Cabral, 2000); <b>Guajajára:</b> <b>upi</b> ‘com, por meio de, de acordo com, dentro de uma área’ (cf. Jensen, 1998); <b>Suruí do Tocantins:</b> <b>upí</b> ‘com’ (Neves, 1999).
<b>enone</b> ‘locativo temporal’	‘antes de’, ‘na frente de’, ‘anteriormente a’	<b>Parakanã:</b> <b>enone</b> ‘à frente de’ (cf. Silva, 1999; Silva, 2003); <b>Tapirapé:</b> <b>enone</b> ‘frente’ (cf. Praça, 1999); <b>Asurini do Tocantins:</b> <b>enoné</b> ‘dirigindo-se a um ponto à frente de’ (cf. Cabral, 2000); <b>Guajajára:</b> <b>enune</b> ‘em frente de’ (cf. Jensen, 1998); <b>nune</b> (Bendor-Samuel, 1972).
<b>pîre</b> ‘comitativo’	‘com’, ‘em companhia de’	<b>Tapirapé:</b> <b>pyri</b> ‘junto com’ (Walkíria Neiva Praça, c.p.); <b>Tembé:</b> <b>pîri</b> ‘com’ (cf. Carvalho, 2001); <b>Guajajára:</b> <b>pîri</b> ‘com, na casa de’ (cf. Harrison, 1975).
<b>ri</b> ‘fonte’ (‘relativo’)	‘de’	<b>Asurini do Tocantins:</b> <b>hé ~ ehé ~ é</b> ‘relativo’ (‘com respeito a’, em relação a’); locativo-instrumental (‘em’, ‘por meio de’); dativo (‘para’) (Cabral, 2000).
<b>zupe</b> ‘dativo’	‘para’, ‘a’	<b>Parakanã:</b> <b>ope ~ tsope</b> ‘para (aproximação)’ (cf. Silva, 1999); <b>Tembé:</b> <b>zupe</b> ‘para’ (cf. Duarte, 1997; Carvalho, 2001); <b>pe ~ upe</b> ‘para’ (cf. Carvalho, 2001); <b>Suruí do Tocantins:</b> <b>upe</b> ‘para’ (cf. Barbosa, 1993); <b>Asurini do Tocantins:</b> <b>pé ~ opé ~ sopé</b> ‘caso dativo’ (cf. Cabral, 2000) <sup>3</sup> ; <b>Guajajára:</b> <b>nopi/ropi</b> ‘com, em, em cima’; <b>(o)pe</b> ‘a’ (cf. Harrison, 1986); <b>upe</b> ‘para’ (Bendor-Samuel, 1972); <b>Suruí do Tocantins:</b> <b>upé</b> ‘para’ (Neves, 1999).
<b>takîwîrap</b> ‘locativo’	‘atrás de’	Não encontrada nos dados disponíveis

<sup>1</sup> Cabral & Rodrigues (2003: 265) registram **ywate** ‘alto’ como uma *partícula adverbial* na língua Asurini do Tocantins. Em Avá-Canoeiro, como vimos no Capítulo 6, **îwati** também funciona como uma forma adverbial locativa.

<sup>2</sup> Em Carvalho (2001: 85), **pupe** ocorre no seguinte contexto: ‘(...) *agora eu trabalho na FUNAI*’ (no sentido de ‘para a FUNAI’).

<sup>3</sup> Segundo Cabral (2000: 01), essa posposição em Asurini do Tocantins ‘*sinaliza uma entidade para a qual uma ação é dirigida (recipiente/alvo/beneficiário/malefício)*’.

Na próxima seção, tratarei de modo ainda incipiente das partículas verificadas no Avá-Canoeiro.

#### 7.4 Partículas<sup>265</sup>

As partículas encontradas em meu corpus do Avá-Canoeiro são formas não-flexionáveis, muito recorrentes nos enunciados da língua, que podem ser extraídas sem causar agramaticalidade. Ocorrem cliticizadas, já que se unem, de modo especial a verbos, por não serem pronunciadas isoladas<sup>266</sup>. São fonologicamente ligadas às palavras que as precedem e com elas compõem uma única palavra fonológica. Embora as partículas assemelhem-se aos afixos e clíticos, por exemplo, por sofrerem alguns processos morfofonológicos idênticos<sup>267</sup>, diferenciam-se desses por ocuparem posições fixas no enunciado, seguindo palavras pertencentes a categorias morfossintáticas distintas<sup>268</sup>. A seguir apresento as quatro partículas, **ete**, **tõ**, **ajun** e **katu**<sup>269</sup>, evidenciadas em meus dados<sup>270</sup>.

##### 1) **ete** - ‘realmente, mesmo, de verdade’<sup>271</sup>

A partícula **ete**<sup>272</sup> ocorre em posição final de enunciados, após verbos intransitivos ativos, como em (585), e descritivos (cf. exemplos (586), (587) e (589)); e, ainda, após o primeiro

<sup>265</sup> Segundo Dooley (1990), as partículas nas línguas amazônicas são freqüentes e numerosas, possuindo inclusive sintaxe distintiva. Para o estudo detalhado de partículas em algumas línguas Tupi-Guarani remeto o leitor a trabalhos como os de Bendor-Samuel (1972), para o Guajajára; Seki (2000), para o Kamaiurá; e Rose (2003), para o Eméillon.

<sup>266</sup> Dooley (1990: 459) explica que muitas partículas em línguas da América do Sul são fonologicamente clíticas.

<sup>267</sup> Como ocorre em Kamaiurá (Seki, 2000), em Avá-Canoeiro as partículas passam por processos morfofonológicos semelhantes àqueles que afetam os afixos. É o que se nota, por exemplo, em (596a), onde a consoante /r/ da raiz **ebur** ‘trazer’ é apagada, por estar em fronteira morfêmica, antes da partícula **tõ**, iniciada por consoante, processo descrito em (3.4.1).

<sup>268</sup> Conforme Zwicky (1985: 290), as partículas possuem ‘semântica peculiar’ e ‘distribuições idiossincráticas’. No Avá-Canoeiro as partículas ocorrem com radicais de diferentes classes, bem como com constituintes. Já os afixos e os clíticos, como foi visto nos Capítulos 4, 5 e 6, ocorrem com radicais específicos.

<sup>269</sup> Seki (2000: 84) subdivide as partículas em intra-sentenciais e extra-sentenciais. Essas quatro partículas encontradas para o Avá-Canoeiro podem ser consideradas intra-sentenciais.

<sup>270</sup> De acordo com Zwicky (1985: 292), as partículas são diferenciadas negativamente, já que podem ser consideradas aqueles elementos que não se encaixam em outra categoria sintática. Com base nisso, e no fato de que as partículas do Avá-Canoeiro juntam-se a elementos de classes distintas, ao contrário do que ocorre com os clíticos e os afixos, assumo a existência de uma classe de palavras ‘partículas’ no Avá-Canoeiro.

<sup>271</sup> Bendor-Samuel (1972) registra a partícula **et** como ‘enfática’ em Guajajára. Já para o Tapirapé, Almeida, Irmãzinhas de Jesus & Paula (1983: 46) explicam que **ete** ‘muito’ é um quantificador global, ou seja, indica ‘quantidade sem especificar número’. Cabral & Rodrigues (2003: 80), por sua vez, consideram **-eté** como um nome descritivo em Asurini do Tocantins.

<sup>272</sup> Jensen (1998: 553) explica que a partícula **ete** codifica sentimentos do falante.

elemento do enunciado, no caso de nomes com função de sujeito (cf. (587b) e (588)). Nos nomes essa partícula pospõe-se à marca de caso nuclear {-a} (cf. (588a, b, c) e (597a)), podendo preceder o sufixo de aumentativo {-uɓu} (cf. (588c)).

(585) **Vintrans.at.**

(585a) a-ja-jaŋ=ete ‘Corri de verdade’  
 1sg-redupl.-correr=part.<sup>273</sup>  
 [ , əŋəŋə 'ŋete]

(586) **Vdescr.**

(586a) ni=ɓoɪ=ete ‘Você está com frio mesmo’  
 2poss=ser, estar frio=part.  
 [nɪ , ɓoɪe 't<sup>h</sup>e]

(587) **So**

**V**

(587a) iakaj-Ø ‘A lenha está pesada mesmo’  
 lenha-CN  
 [ja 'k<sup>h</sup>aj  
 , ɪpo 'ɪzete]

i-poɪj=ete  
 3-ser, estar pesado=part.

(587b) kanine-Ø=ete ‘A maritaca (espécie) é muito bonita’  
 maritaca-CN=part.  
 [k<sup>h</sup>ə 'nɪnete  
 ɪ , katue 't<sup>h</sup>e]

i-katu=ete  
 3-ser, estar bonito=part.

(588) **N**

(588a) k<sup>w</sup>aɓ-a=ete ‘sol muito quente’  
 sol-CN=part.  
 [k<sup>w</sup>a , ɓae 't<sup>h</sup>e]

(588b) tatatiŋ-a=ete ‘fumaça muito forte’  
 fumaça-CN=part.  
 [t<sup>h</sup>a , tatɪŋe 't<sup>h</sup>e]

(588c) jawaɓa-Ø=ete-uɓu ‘onça’ (lit. ‘cachorro muito grande’)  
 cachorro-CN=part.-aum  
 [ʒə , G<sup>w</sup>əɓɪ 't<sup>h</sup>u:ɓu]

Nos verbos intransitivos descritivos, a essa partícula pode-se afixar o sufixo aspectual completivo {-pam}, como demonstra o exemplo (589a):

(589) **So**

**V**

(589a) na=r-akaŋ-Ø ‘Sua cabeça parou de doer demais’  
 2poss=rel-cabeça-CN  
 [ , naɾa 'k<sup>h</sup>əŋə  
 , jaɪe 't<sup>h</sup>epəm]

i-aɪ=ete-pam  
 3-ter dor=part.-asp.compl.

<sup>273</sup> Com esse enunciado, Kawkama expressava o quanto corria, porque, além do uso dessa partícula, há o emprego do processo de duplicação verbal, indicando intensidade da ação, conforme já visto no Capítulo 5.

2) **tõ** - ‘intensivo’ (‘muito, mesmo’)

A partícula **tõ** da língua Avá-Canoeiro restringe-se à variedade goiana<sup>274</sup> e ocorre em final de enunciados ou em posição medial, após verbos intransitivos ativos (cf. (590a)) e descritivos (cf. (591a) e (592a)) e também com verbos transitivos (cf. (593a)), bem como a cópula **eko** ~ **iko** ‘ser, estar’ (cf. (594a)), como se segue.

(590) **Vintrans.**

- (590a) na=tʃi=ɛu-ej-i=tõ ‘Não estou com muita sede’  
 neg-1sg=beber água-querer-neg=part.  
 [na, tʃi ɛwejɪ tʰõ]

(591) **So****Vdescr.**

- (591a) i-memɛɛ-a i-ari=tõ ‘O filhote dela (da cadela) é bonito mesmo’  
 3-filhote-CN 3-ser, estar bonito=part.  
 [ɪ mēmɛɛə 'jalɪtõ]
- (591b) akaj-∅ i-ete=tõ ‘O canção é muito gostoso’  
 canção-CN 3-ser, estar gostoso=part.  
 [a kʰaj je tʰetõ]

(592) **Vdescr.**

- (592a) i-katiŋ=tõ ‘Ele (o gambá) é fedido demais’  
 3-ser, estar fedido=part.  
 [ɪ ka tʃiŋtõ]

593) **A****Vtrans****P**

- 593a) jawaɛa-∅ o-eɛur=tõ mirun-∅ ‘O cachorro trouxe a lagartixa’<sup>275</sup>  
 cachorro-CN 3sg-trazer=part. lagartixa-CN  
 [ʰʒaGʷəɛə o' eɛutõ mɪ lünɪ]

(594) **Sa****cópula****V**

- (594a) tapir-a-∅=ete o-iko=tõ o-in ‘A vaca está sentada mesmo’<sup>276</sup>  
 anta-CN=part. 3sg-cópula=part. 3-estar sentado  
 [tʰa pɪrɪ tʰe o, ɪko tʰõ o'ɪnɪ]

<sup>274</sup> Não encontrei cognatos em outras línguas do Subgrupo IV. Ficará para trabalhos futuros tentar buscar a origem dessa partícula na língua Avá-Canoeiro e entender porque ela se restringe à variedade do Estado de Goiás.

<sup>275</sup> Esse enunciado foi produzido após o cachorrinho do caseiro ter encontrado uma lagartixa morta e ficar carregando-a na boca de um lado para o outro, trazendo-a até nós e levando-a para outro lugar, muitas vezes. O uso da partícula aqui parece está associado a esse movimento repetitivo do animal.

<sup>276</sup> Esse enunciado foi encontrado num relato de Nakwatxa sobre uma vaca de posseiros que havia caído, machucado-se e estava totalmente atolada num lamaçal e correndo risco de ser morta, caso não a tirassem de lá.

Essa partícula ocorre também após os clíticos **tʃi=** e **ni=** e o demonstrativo **ae=**, na formação dos pronomes pessoais de 1ª, 2ª e 3ª pessoas do singular **tʃi=tõ**, **ni=tõ** e **ae=tõ**, como foi visto na seção (7.1), e seguindo nomes na primeira posição do enunciado, com a função de sujeito, após a marca de caso nuclear **{a-}**, como no seguinte exemplo:

(595)	<b>Sa</b>	<b>V</b>	
(595a)	amana-Ø= <b>tõ</b> chuva-CN= <b>part.</b>	o-k <sup>w</sup> ĩɛ 3sg-cair (chuva)	‘Choveu demais’
	[ã <sup>h</sup> mãñətõ]	[ <sup>h</sup> okĩɛ]	

Nos verbos descritivos, a partícula **tõ** pode ainda ocorrer após a partícula **ete**, em final de enunciado (cf. (596a, b)) ou após o sufixo de aumentativo **{-uɓu}** (cf. (596c)):

(596)	<b>So</b>	<b>V</b>	
(596a)	tʃi=r-apĩtum-Ø 1poss=rel-miolas, cérebro-CN	i-aĩ= <b>ete=tõ</b> 3-ter dor= <b>part.=part</b>	‘Minha cabeça dói demais mesmo’
	[ <sup>h</sup> tʃɪrəpĩ t <sup>h</sup> ũmə]	[ <sup>h</sup> jaĩ e t <sup>h</sup> etõ]	
(596b)	mair-a-Ø não-indígena-CN	i-potʃĩ= <b>ete=tõ</b> 3-ser bravo, nervoso= <b>part.=part.</b>	‘O não-indígena é muito bravo’
	[ <sup>h</sup> majlə]	[ <sup>h</sup> potʃĩ e t <sup>h</sup> etõ]	
(596c)	na-i-puku- <b>uɓu=tõ</b> neg-3-grande, comprido- <b>aum=part.</b>		‘não é muito comprido não’
	[ <sup>h</sup> najpu <sup>h</sup> k <sup>h</sup> uwɓutõ]		

Ainda não sei precisar bem todos os significados e usos de **tõ** na variedade goiana da língua Avá-Canoeiro. Porém, mesmo não dispondo de muitos dados que me permitam ousar na explanação dessa partícula, creio que ela se relacione a aspectos prosódicos e pragmáticos, como **foco**, enfatizando verbos, nomes e pronomes com os quais co-ocorre. Nos pronomes pessoais o que estaria acontecendo seria a gramaticalização dessa partícula. Os exemplos em (575a) e (575b), aqui repetidos como (597a) e (597b), para maior comodidade do leitor, parecem reforçar essa hipótese.

(597)	<b>A (tõ)</b>	<b>P</b>	<b>V</b>	
(597a)	<b>ae</b> <b>dem</b>	kurum-Ø menino-CN	o-pitĩm 3sg-beliscar	‘Ela beliscou o menino’
	[a <sup>h</sup> e]	[k <sup>h</sup> u <sup>h</sup> r̃ũm]	[o <sup>h</sup> pitĩmə]	

- (597b) **ae=tõ**                      kurum-Ø                      o-pitãm  
**dem.=part.**                      menino-CN                      3sg-beliscar  
 [a'etõ                      k<sup>h</sup>u'ĩũm                      o'p<sup>h</sup>itãmə]  
 'Ela mesma beliscou o menino' (ou 'Foi ela quem beliscou o menino')

Portanto, o que estou sustentando para o Avá-Canoeiro é que a partícula **tõ** marca **foco**. Em trabalhos futuros buscarei averiguar essa hipótese, entender a origem dessa partícula e sua cliticização aos pronomes pessoais e ao demonstrativo na variedade goiana. Um maior conhecimento da prosódia da língua poderá em muito contribuir para essa discussão.

### 3) **ajun**                      'somente, só, apenas'

A partícula **ajun** 'somente, só, apenas' ocorre no Avá-Canoeiro seguindo verbos intransitivos ativos como **mae** 'olhar', em (598a), ou nomes como **iawi** 'nome próprio', em (598a). Nos nomes essa partícula segue a marca de caso nuclear {a-}.

- (598) **Sa**                                      V                                      V  
 (598a) trumak-Ø                              o-mae=**ajun**                              o-mae                                      'Trumak ficou só olhando'  
           nome próprio-CN                              3sg-olhar=**part.**                              3sg-olhar  
           [tru'mak<sup>7</sup>                              o,maea'pũn                              o'mae]
- (599) **Sa**                                      V  
 (599a) iawi-Ø=**ajun**                              o-juʒ                                      'Só o Iawi veio'  
           nome próprio-CN=**part.**                              3sg-vir  
           [ja,wia'pũn                              o'ʒuʒə]

### 4) **katu**                      'intensivo (muito, bem)'

A partícula intensiva **katu** do Avá-Canoeiro só foi encontrada com verbos intransitivos descritivos, como ilustra o exemplo a seguir:

- (600) **So**                                      Vdescr.  
 (600a) jawaʒa-Ø                              i-atĩ=**katu**                                      'O cachorro é muito, bem pequeno'  
           cachorro-CN                              3-ser baixo, pequeno=**part.**  
           [ʒaG<sup>w</sup>əʒə                              ja,tĩ'k<sup>h</sup>atu]



Desse modo, concluo aqui o tratamento das classes fechadas de palavras da língua Avá-Canoeiro.

## Conclusão

Neste capítulo abordei as quatro classes fechadas de palavras do Avá-Canoeiro, buscando apresentar características morfossintáticas que as distingam entre si, bem como de outras categorias sintático-funcionais da língua.

Os *pronomes pessoais* dividem-se em *livres* e *clíticos*. Os *livres* distinguem-se na primeira e na segunda pessoas do singular, de acordo com as variedades do Avá-Canoeiro. Em Goiás, a primeira pessoa do singular é **tʃi=tõ** e a segunda, **ni=tõ**. Algumas vezes a partícula **tõ** pode ser omitida e os pronomes clíticos **tʃi=** (ou **tʃe=**) e **na=** (ou **ne=** ou **ni=**) ligam-se à forma verbal da sentença. Já na variedade do Estado do Tocantins a primeira e a segunda pessoas do singular são, respectivamente, **itʃe** e **ene** (ou **ne**). Para as pessoas do plural não há distinções segundo às variedades: **jane** ‘1ª pessoa do plural (inclusiva)’; **ore** ‘1ª pessoa do plural (exclusiva)’ e **pe** ‘2ª pessoa do plural’.

Os *pronomes clíticos*, por sua vez, são os seguintes, em ambas as variedades da língua: **tʃi=** (ou **tʃe=**) ‘1ª pessoa do singular’; **na=** (ou **ne=** ou **ni=**) ‘2ª pessoa do singular’; **jane=** ‘1ª pessoa do plural (inclusiva)’; **ore=** ‘1ª pessoa do plural (exclusiva)’ e **pe=** ‘2ª pessoa do plural’. No que concerne à terceira pessoa, do mesmo modo que em outras línguas Tupi-Guarani, o Avá-Canoeiro não possui um pronome livre específico, suprimindo a lacuna no paradigma as formas demonstrativas **ae=tõ**, em Goiás, e **ae**, no Tocantins. Cumpre a função de terceira pessoa do paradigma de pronomes pessoais clíticos, que também não possui uma forma específica, o prefixo relacional **{i-}**.

Foram encontrados três *demonstrativos*, distribuídos conforme os parâmetros de visibilidade e de proximidade em relação ao falante e ao ouvinte. São eles: **ae** ‘aquele sobre quem se fala’; **pe** ‘aquele’ e **ko** ‘este’. Ressalto aqui que não possuía muitos dados para a análise, ficando esse ponto do trabalho ainda em aberto.

Quanto às *posposições*, verificaram-se nove: **wi** ‘ablativo’, ‘dativo’; **iwati** ‘superesivo’; **pupe** ‘inessivo’, ‘ilativo’; **upi** ‘perlativo’, ‘comitativo’; **enone** ‘locativo temporal’; **pire** ‘comitativo’; **ri** ‘fonte’ (‘relativo’); **bupe** ‘dativo’; **takiwirap** ‘locativo’ (‘atrás de’). Essas posposições são divididas em três classes, de acordo com os prefixos relacionais que recebem: **upi** ‘per-

lativo’, ‘comitativo’ flexiona-se com o prefixo relacional {**ɛ-**}; **enone** ‘locativo temporal’ recebe o prefixo {**ɾ-**}; as demais posposições pertencem à classe {**∅-**}. As posposições da língua podem ainda ocorrer com o prefixo relacional {**i-**}, indicando ‘terceira pessoa’.

Por fim, foram encontradas quatro *partículas*. São elas: **ete** ‘realmente, mesmo, de verdade’; **tõ** ‘intensivo (muito)’; **ajun** ‘somente, só, apenas’ e **katu** ‘intensivo (muito, bem)’. Essas partículas são fonologicamente dependentes das palavras que as precedem e, assim, cliticizam-se a elas, formando uma única palavra fonológica. Como os dados disponíveis sobre o Avá-Canoeiro ainda são insuficientes para uma abordagem mais abrangente das partículas da língua, esse aspecto da análise permanecerá também em aberto. Ainda não posso esclarecer, por exemplo, se as partículas verificadas são iniciais, finais, de segunda posição ou finais, como faz Seki (2000) para ao Kamaiurá.

No próximo capítulo veremos as orações independentes e os tipos sentenciais do Avá-Canoeiro.

## Capítulo 8

### Orações independentes e orações coordenadas da língua Avá-Canoeiro

The clause (or sometimes “sentence”) is the linguistic expression of a proposition; a proposition is a conceptual notion, whereas a clause is its formal morphosyntactic instantiation.<sup>277</sup>

Payne (1997: 71)

The order of constituents of the clause is one of the most important word order typological parameters, indeed, (...) some linguists have made it into the major typological parameter. In its original form, this parameter characterizes the relative order of subject, verb, and object, giving rise to six logically possible types, namely SOV, SVO, VSO, VOS, OVS, OSV.<sup>278</sup>

Comrie (1989: 87)

## 8. Introdução

Neste capítulo teço algumas considerações sobre as orações independentes e coordenadas do Avá-Canoeiro, com base nos trabalhos de Sadock & Zwicky (1985), Comrie (1989), Payne (1997) e Givón (2001). Assim, trato, em (8.1), das orações com predicado verbal, que se subdividem em orações intransitivas (ativas e descritivas) e transitivas. As orações formadas pela cópula **eko** ~ **iko** ‘ser, estar’ são abordadas em (8.2). Em (8.3) discuto as orações com predicado não-verbal da língua, quais sejam: orações possessivas, equativas, existenciais quantificacionais e locativas. A ordem dos constituintes nas orações independentes é objeto de análise ainda inicial

<sup>277</sup> Tradução livre: “A oração (ou às vezes ‘sentença’) é a expressão lingüística de uma proposição; uma proposição é uma noção conceitual, ao passo que a oração é sua instanciação morfossintática”.

<sup>278</sup> Tradução livre: “A ordem dos constituintes da oração é um dos parâmetros tipológicos mais importantes de ordem de palavras, a tal ponto de lingüistas o tomarem como o maior parâmetro tipológico. Em sua forma original, esse parâmetro caracteriza a ordem relativa do sujeito, do verbo e do objeto, dando origem a seis tipos logicamente possíveis: SOV, SVO, VSO, VOS, OVS, OSV”.

na seção (8.4). Em (8.5) apresento os tipos oracionais (declarativo (afirmativo e negativo), interrogativo e imperativo). Em (8.6), as orações coordenadas são consideradas. Trato ainda, na seção (8.6.1), dos apagamentos de sintagmas nominais idênticos (nas funções de sujeito e objeto) em orações coordenadas. Por fim, em (8.7), teço algumas breves considerações sobre a hipótese de o Avá-Canoeiro poder ser considerado uma língua ativa, do mesmo modo que o são outras línguas Tupi-Guarani, como o Kamaiurá e o Tapirapé. Quando possível, comparações entre o Avá-Canoeiro e outras línguas Tupi-Guarani, principalmente do Subgrupo IV, são realizadas.

## 8.1 Orações com predicado verbal

As orações com predicado verbal em Avá-Canoeiro dividem-se em **intransitivas** e **transitivas**, de acordo com o número de argumentos que seus verbos recebem. As orações intransitivas recebem um argumento, na função de sujeito (Sa/So), ao passo que as transitivas apresentam dois argumentos verbais, um com função de sujeito (A) e outro com função de objeto (P). Esses argumentos podem ser pronominais ou nominais, sendo estes últimos marcados pelo morfema de caso nuclear {-a}. Os argumentos são ainda indexados aos verbos na forma de prefixos pessoais<sup>279</sup>.

Assim, as orações intransitivas e transitivas diferem pelas séries de prefixos pessoais que se manifestam nos verbos. As intransitivas ativas trazem os verbos marcados pela Série I, que indica o sujeito, e nas intransitivas descritivas os verbos aparecem com pronomes pessoais clíticos ou prefixos relacionais (Série III). Já as orações transitivas vêm com os verbos marcados pela Série I para o sujeito, ou pela Série III para o objeto.

A seguir discuto as orações com predicado verbal do Avá-Canoeiro.

### 8.1.1 Orações intransitivas

As orações intransitivas subdividem-se em intransitivas ativas e descritivas, conforme os verbos intransitivos ativos e descritivos, respectivamente, que as compõem e os índices de pessoas que com eles ocorrem, como se segue.

<sup>279</sup> É por manifestar esse mesmo padrão que Rose (2003) define o Émérillon como sendo **uma língua de argumento pronominal**. Línguas do Subgrupo IV possuem essa característica (cf. o Tembé, que Duarte (2003) classifica como uma ‘língua de sujeito nulo’). Portanto, estou sustentando a hipótese de que o Avá-Canoeiro seja uma ‘língua de sujeito nulo’. No entanto, ainda necessitarei de mais estudos para a confirmação dessa hipótese.

## 1) Orações intransitivas ativas

As orações intransitivas ativas são compostas por um verbo intransitivo ativo, flexionado com os prefixos pessoais da Série I, indicando o sujeito (Sa), como dito anteriormente (cf. os exemplos de (601) a (607)). À essa forma verbal, o constituinte básico dessas orações, juntam-se opcionalmente, como constituintes periféricos, sintagmas nominais (formas pronominais ou nomes marcados pelo caso nuclear {-a}) na função de sujeito (Sa) (cf. (602a), (603), (604a) e (605a)), formas adverbiais (cf. (603)), sintagmas nominais locativos (cf. (604), (605) e (606)) ou sintagmas posposicionais (cf. (607)), conforme demonstram os exemplos adiante. Esses constituintes oblíquos compõem, junto com a forma verbal, orações intransitivas estendidas na língua.

### (601) pref.pess.I-v.intrans.at.

(601a)	o-jaeo 3sgSa-chorar [o'ʒaeo]	‘Ele chorou’
--------	------------------------------------	--------------

### (602) (Sa) pref.pess.I-v.intrans.at.

(602a)	janu-Ø aranha-CN [ɲẽ'nu]	o-jeupir 3sgSa-subir o,ʒeo'p <sup>h</sup> irɪ]	‘A aranha subiu (na parede)’
(602b)	ae=tõ dem=part. [a'etõ]	o-epoti 3sgSa-defecar ,oe'põtʃɪ]	‘Ele defecou’

### (603) (Sa) pref.pess.I-v.intrans.at. (adv)

(603a)	jawaʒa-Ø-uʒu cachorro-CN-aum [,ʒaG <sup>w</sup> a'ʒawʒu]	o-ata 3sgSa-andar o'atə	îpîaj adv ,îpî'adʒɪ]	‘O lobo anda à noite’ (variedade de Goiás)
--------	--	-------------------------------	----------------------------	--

### (604) (Sa) pref.pess.I-v.intrans.at. (SN-loc)

(604a)	tutaw-Ø nome próprio-CN [t <sup>h</sup> u't <sup>h</sup> aw]	o-ajpukuj 3sgSa-remar o,ajpu'k <sup>h</sup> uj]	îakã-m rio-loc ,îa'k <sup>h</sup> õm]	‘Tutau remou no rio’
(604b)	ae=tõ pron.pess.=part. [a'etõ]	o-ata 3sgSa-andar o'atə	mae-ʒ-ape-uʒu-pe coisa-rel-caminho-aum-loc ,mae,ʒapew'ʒupe]	‘Ela está andando na estrada’

(605)	<b>(Sa)</b>	<b>pref.pess.I-v.intrans.at.</b>	<b>(SN-loc)</b>	‘Mônica dormiu na minha rede’
(605a)	monika-Ø nome próprio-CN [ ' mōnikə	o-kîr 3sgSa-dormir 'ok <sup>h</sup> îrə	tʃi=Ø-kîau-pe lposs=rel-rede-loc , tʃɪkî 'awpe]	
(605b)	a-kîr lsgSa-dormir [ ' ak <sup>h</sup> îrə	tʃi=Ø-kîau-pe lposs=rel-rede-loc , tʃɪkî 'awpe]		‘Eu dormi na minha rede’ (variedade de Goiás)
(606)	<b>(SN-loc)</b>	<b>pref.pess.I-v.intrans.at.</b>		
(606a)	îwîra-pe árvore-loc [ , îβî 'rape	ere-jîp 2sgSa-descer , ere 'zîpə]		‘Você desceu da árvore’
(607)	<b>pref.pess.I-v.intrans.at.</b>	<b>(Sposp)</b>		
(607a)	a-jîwa lsgSa-voltar [a ' dʒîwə	gurupi-Ø Gurupi-CN , guru 'p <sup>h</sup> iwɪ]	wi posp	‘Eu voltei de Gurupi’ (E)

No entanto, as estruturas mais comuns de uma oração intransitiva ativa são as expostas em (601) e (602), que possuem um verbo intransitivo ativo como seu núcleo, sendo opcionalmente antecedido por um sintagma nominal, marcado pelo caso nuclear.

## 2) Orações intransitivas descritivas

As orações intransitivas descritivas constituem-se de um verbo intransitivo descritivo, flexionado pelos pronomes pessoais clíticos, e pelos prefixos relacionais {**r-**} e {**i-**}, apresentados no Capítulo 4. Podem ainda conter como argumento um sintagma nominal exercendo a função de sujeito (So) e uma partícula, como comprovam os exemplos a seguir:

(608)	<b>(pron.pess.clit.)-rel-v.intrans.descr. (part.)</b>		
(608a)	tʃi=ɛ-akup=ete pron.pess.clit.=rel-estar quente=part. [tʃɪɪ , ɛaqu 'p <sup>h</sup> ete]		‘Estou com muito calor’
(608b)	ne=Ø-atom pron.pess.clit.=rel-espirrar [ ' natôm]		‘Você espirrou’
(608c)	i-ata=ete 3-ser duro=part. [ja ' t <sup>h</sup> aete]		‘É dura mesmo’

(608d)	i-nem 3-estar, ser fétido [ĩ 'nēmə]		‘Está fedido/fedendo’
(609)	<b>So</b>	<b>(pron.pess.clit.)-rel-v.intrans.descr. (part.)</b>	
(609a)	ni=tō pron.pess.clit.=part. [ 'nitō]	ne=∅-maʒan pron.pess.clit.=rel-estar doente ne 'maʒənɪ]	‘Você está doente’
(609b)	i-awa-∅ 3-roupa-CN [ 'jawa]	i-ɾuʒu 3-estar molhado ɪ 'ɾuʒu]	‘A roupa dele está molhada’
(609c)	amana-∅ chuva-CN [ə̃ 'mənə]	i-anam 3-estar forte, grossa 'jənəmə]	‘A chuva está grossa’
(609d)	mae-ʒ-o-∅ caça-rel-carne-CN [ ,mae 'ʒo]	i-ata=ete 3-ser duro=part. ja 't <sup>h</sup> aete]	‘A carne é dura mesmo’

À semelhança do que ocorre com as orações intransitivas ativas, as orações intransitivas descritivas apresentam opcionalmente, como constituinte periférico, um sintagma nominal locativo, compondo, assim, uma oração intransitiva descritiva estendida. É o que o exemplo que se segue ilustra:

(610)	<b>(SN-loc)</b>	<b>pron.pess.clit./rel-v.intrans.descr.</b>	
(610a)	i-k <sup>w</sup> aʒa-p 3-buraco-loc [ɪ 'k <sup>w</sup> aʒap <sup>ɾ</sup> ]	i-mokon <sup>280</sup> 3-engolir ɪ 'moqõnɪ]	‘Ela (a raiz) está engolida no buraco (dela)’

### 8.1.2 Orações transitivas<sup>281</sup>

As orações transitivas são constituídas por um verbo transitivo e por dois argumentos, o sujeito **A** e o objeto **P**, com os quais o verbo da oração concorda, sendo codificados pelos prefixos

<sup>280</sup> O verbo **mokon** ‘engolir’ é transitivo e recebe a Série I (ativa) de marcadores pessoais. No entanto, ao vir marcado pela Série III, altera seu status, passando a ser como os verbos inativos da língua (Cf. Capítulo 5).

<sup>281</sup> Segundo Givón (2001: 109-Vol. I), o **protótipo semântico** de uma oração transitiva é a existência de um agente, de um paciente e de um evento expresso pelo verbo. Já o **protótipo sintático** é o seguinte:

Orações e verbos que possuem um *objeto direto* são sintaticamente transitivos. Todos os outros são sintaticamente intransitivos.

Para Hopper & Thompson (1980), a transitividade verbal indica a transferência de uma ação de um participante, o agente (A), para outro, o paciente (P). Assim, temos A atuando sobre P (A → P).

pronominais da Série I, ao concordar com o sujeito, e com os pronomes clíticos, ao concordar com o objeto. Apenas um desses argumentos é marcado no verbo de cada vez. Na função de **A** ocorrem sintagmas nominais compostos por nomes (marcados pelo caso nuclear {-a}) e pronomes, como em (611), ou exclusivamente as marcas pronominais subjetivas, como em (612) e (613). A seguir apresento a ordem dos constituintes numa oração transitiva.

(611) <b>A</b>	<b>P</b>	<b>V</b>	
(611a) moj-a cobra-CN [ 'moʒə	watʃu-Ø veado-CN ' watʃu	o-u 3sgA-comer 'ow]	'A cobra comeu o veado'
(611b) jawaʒa-Ø-ete-uʒu cachorro-CN-verdadeiro-aum [ʒa, Gʷarɪ 'tʰuʒu	jawaʒa-Ø cachorro-CN 'ʒaGʷəʒə	o-juka 3sgA-matar o 'ʒukə]	'A onça matou o cachorro'
(611c) iawi-Ø nome próprio-CN [ 'jawɪ	awati milho a, watʃɪ 'kʰɔ	ko-Ø roça-CN o 'atɪmə]	o-atɪm 3sgA-plantar, enterrar
			'Iawi plantou roça de milho' (E)
(611d) tʃi=tō pron.pess.=part. [ 'tʃitō	tuiata-Ø periquito-CN tʰuj 'atə	a-jepɪk 1sgA-segurar, pegar , aʒe 'pʰɪkə]	'Eu peguei o periquito'
(612) <b>pref.pess.I-V</b>	<b>P</b> <sup>282</sup>		
(612a) o-eʒur 3sgA-trazer [, oe 'ʒur	ita-poʒore-Ø pedra-enxada-CN ɪ, tapo 'ʒɔɪɪ]		'Ele trouxe a enxada'
(612b) o-mapɪk 3sgA-cozinhar [o 'mapɪkə	mae-ʒ-upia-Ø caça, animal-rel-ovo-CN , maeʒu 'pʰiə]		'Ele cozinhou ovo'
(613) <b>P</b>	<b>pref.pess.I-V</b>		
(613a) topetiŋ-a cesto-CN [tʰo 'pʰetʃiŋə	a-japo 1sgA-fazer a 'ʒapɪ]		'Eu estou fazendo cesto'
(613b) takʷar-e-a taquara-doce-CN [, tʰakʷa 'reə	o-poka 3sgA-moer o 'pʰɔkə]		'Ela está moendo cana' (E)

<sup>282</sup> Nos casos em que as orações transitivas possuem as estruturas **pref.pess.I-V P** e **P pref.pess.I-V** um pronome pessoal enfático pode opcionalmente ser acrescentado, como em **aetō oʒur itapoʒore** 'ele trouxe a enxada' e **tʃitō topetiŋa ajapo** 'eu estou fazendo cesto'. Compare-se respectivamente com os exemplos em (612a) e (613a), onde esses pronomes não ocorrem.



As orações transitivas podem conter, além de objetos constituídos por sintagmas nominais, exemplificados acima, objetos pronominais, marcados no verbo pelas formas clíticas apresentadas no Capítulo 5. Nesses casos, o sujeito **A**, de 2ª ou 3ª pessoa, não é codificado na forma verbal, que recebe a marca de objeto **P**, de 1ª ou 2ª pessoa, uma vez que, como já discutido anteriormente, no Avá-Canoeiro, apenas o sujeito ou o objeto é marcado em cada verbo. Assim, mantém-se a **hierarquia de pessoa 1P>2A** (cf. (614a)), **1P>3A** (cf. (614b)), **2P>3A** (cf. (614c)) na forma verbal e **A** pode ser expresso por um sintagma nominal composto por pronome ou nome. É o que demonstram os seguintes exemplos:

(614)	<b>A</b>	<b>pron.pess.clit.P.=V</b>		
(614a)	ni=tõ pron.pess.=part. [ 'nitõ	tʃi=kutuk 1sgP=furar tʃɪ 'kʰutukə]	<b>1P&gt;2A</b>	‘Você me furou’
(614b)	aniʒa-Ø morcego-CN [ê 'niʒə	tʃi=tʃu 1sgP=morder, chupar tʃɪ 'tʃu]	<b>1P&gt;3A</b>	‘O morcego me mordeu’
(614c)	wiʒa-Ø pau-CN [ 'wiʒə	na=potok 2sgP=machucar na 'pʰotokə]	<b>2P&gt;3A</b>	‘O pau te machucou’

Caso o sintagma nominal em função de **A** seja omitido, como no exemplo abaixo, gera-se uma ambigüidade, facilmente desfeita pelo contexto de produção do enunciado:

(615)	ni=tʃu 2sgP=morder, chupar [ 'nitʃu]	<b>2P&gt;3A</b>	‘Chupou você’ ( <b>A</b> = <b>piu</b> ‘pium’, previamente mencionado)
-------	--	-----------------	---

As estruturas **APV** descritas acima são as mais freqüentes na língua. No entanto, nas falas dos Avá-Canoeiro mais jovens de Goiás e do Tocantins, e inclusive nas falas de alguns dos Avá-Canoeiro mais velhos<sup>283</sup>, encontra-se também a estrutura **AVP**, provavelmente pela influência do português, cuja estrutura é idêntica. Os exemplos abaixo ilustram o referido padrão:

<sup>283</sup> Orações com a estrutura **AVP** são muito recorrentes nas falas de Jatulika e Nywatxima, em Goiás, e de Kawkama e Agadmi no Tocantins.

(616)	<b>A</b>	<b>V</b>	<b>P</b>	
(616a)	juati-Ø espinho-CN [ʒu 'atʃɪ]	o-kutuk 3sgA-furar o 'k <sup>h</sup> utukə	tutaw-Ø nome próprio-CN t <sup>h</sup> u 't <sup>h</sup> aw	Ø-k <sup>w</sup> ã rel-dedo 'k <sup>w</sup> ã]
	‘O espinho furou o dedo do Tutau’ (variedade do Tocantins) (E)			
(616b)	aʒakaɾe-Ø galinha-CN [ , aʒa 'k <sup>h</sup> aɾɪ]	o-u 3sgA-comer 'ow	waʒati-Ø melancia-CN wa 'ʒatʃɪ]	
	‘A galinha comeu a melancia’ (variedade de Goiás)			

As orações transitivas podem conter, além dos constituintes nucleares A, P e V, constituintes periféricos como sintagmas adverbiais e posposicionais, respectivamente, formando, desse modo, orações transitivas estendidas:

(617)	<b>A</b>	<b>P</b>	<b>V</b>	<b>Sadv</b>
(617a)	mukuʒa-Ø gambá-CN [ 'mukuʒə	aʒakaɾe-Ø galinha-CN , aʒa 'k <sup>h</sup> aɾɪ]	o-juka 3sgA-matar o 'ʒukə	ɛpɛaj adv , ɛpɛ 'adʒɪ]
	‘O gambá matou a galinha à noite’			
(618)	<b>A</b>	<b>V</b>	<b>P<sup>284</sup></b>	<b>Sposp</b>
(618a)	tutaw-Ø nome próprio-CN [t <sup>h</sup> u 't <sup>h</sup> aw	o-jepɛk 3sgA-pegar , oʒe 'p <sup>h</sup> ɛkə	jaoti-Ø-uʒu jaboti-CN-aum , ʒao 'tʃiwʒu	i=ʒupe <sup>285</sup> 3=posp ɪ 'ʒupɪ]
	‘Tutau pegou jaboti para ele (o neto)’			

## 8.2 Orações com cópula

Conforme Dixon (2002: 09), nas línguas do mundo encontram-se dois tipos principais de orações: as transitivas e as intransitivas. Nas transitivas o núcleo é um predicado transitivo e os argumentos são o sujeito (A) e o objeto (O). Já nas intransitivas, cujo núcleo é um predicado intransitivo, o argumento é um sujeito intransitivo (S). Por outro lado, há línguas que possuem um terceiro tipo de oração, *as orações com cópula*, que apresentam um predicado copulativo e, como argumentos, um sujeito da cópula e um complemento (ou objeto) da cópula.

<sup>284</sup> Conforme veremos adiante, a ordem **AVP** é mais recorrente na fala dos jovens em Goiás e no Tocantins.

<sup>285</sup> Essa oração foi produzida por Kawkama, do Estado do Tocantins.

No Avá-Canoeiro, que possui esses três tipos de orações, as copulativas expressam a noção de *identidade*<sup>286</sup> e são formadas pela cópula **eko** ~ **iko** ‘ser, estar’<sup>287</sup>, seguida ou antecedida por sintagmas nominais, marcados pelo caso nuclear {-a}. A cópula flexiona-se de modo igual aos verbos intransitivos ativos da língua, sendo, assim, marcada pelos prefixos pessoais da Série I, que funcionam como o sujeito da cópula (cf. (619a, b) e (621a)). Além disso, um sintagma nominal pode também desempenhar esse papel, além da marcação de pessoa verbal (cf. (620a)). Como objetos da cópula ocorrem sintagmas nominais (cf. (619a, b, c), (620a) e (621a)).

(619) **pref.pess.I-cópula SN (objeto)**

(619a)	<b>eɾe-eko</b> 2sg-ser, estar [e <sup>1</sup> ɾeɾu]	tʃiʒapitʃiʒa-∅ indígena-CN , tʃiʒa <sup>1</sup> p <sup>h</sup> itʃiʒə]		‘Você é indígena’
(619b)	<b>o-iko</b> 3sg-ser, estar [o <sup>1</sup> iko]	maɾa-∅ não-indígena-CN 'majlə]		‘Ele é não-indígena’
(619c)	<b>o-iko</b> 3sg-ser, estar [o <sup>1</sup> iko]	makakira-∅ nome próprio-CN , maka <sup>1</sup> k <sup>h</sup> iɾə]	ɾ-aɪʒa rel-filha 'raɪʒə]	‘Ela é filha da Makaquira’ (E)

(620) **SN (sujeito) pref.pess.I-cópula SN (objeto)**

(620a)	əʒɛlika-∅ nome próprio-CN [ə <sup>1</sup> ʒɛliɾə]	<b>o-iko</b> 3sg-ser, estar o <sup>1</sup> iko]	makakira-∅ nome próprio-CN , maka <sup>1</sup> k <sup>h</sup> iɾə]	ɾ-aɪʒa rel-filha 'raɪʒə]	‘Angélica é filha da Makaquira’
--------	---	---	--	--------------------------------	---------------------------------

(621) **SN (objeto) pref.pess.I-cópula**

(621a)	maɾa-∅ não-indígena-CN [ <sup>1</sup> majlə]	<b>o-iko</b> 3sg-ser, estar o <sup>1</sup> iko]		‘Ele é não-indígena’
--------	--	---	--	----------------------

As estruturas das orações com cópula do Avá-Canoeiro podem ser assim representadas:

<b>pref.pess.I-cópula</b>	<b>SN (objeto da cópula)</b>	
<b>SN (sujeito da cópula)</b>	<b>pref.pess.I-cópula</b>	<b>SN (objeto da cópula)</b>
<b>SN (objeto da cópula)</b>	<b>pref.pess.I-cópula</b>	

<sup>286</sup> Como veremos em (8.3.2), essa relação de identidade pode ser expressa ainda pelas orações equativas.

<sup>287</sup> Segundo Givón (2001-Vol. I), do ponto-de-vista semântico, as orações com cópula expressam estados temporários ou permanentes.

Não foram aceitos pelos Avá-Canoeiro exemplos com um descritivo como complemento da cópula. Portanto, orações como (622a) são consideradas agramaticais (\*) e em seu lugar são usadas orações com predicado composto por verbos intransitivos descritivos, como (623a), sem o aparecimento da cópula **eko** ~ **iko**.

(622)	*S	cópula	descr.	
(622a)	*tʃi=tõ pron.pess.=part. [ ' tʃitõ	a-iko lsg-ser, estar 'ajqu	tʃi=∅-katu=ete pon.pess.clit.=rel-ser bonito=part. , tʃɪka , tʷe ' t <sup>h</sup> e]	'Eu sou muito bonita' (E)
(623)	So	v.intrans.descr.		
(623a)	tʃi=tõ pron.pess.=part. [ ' tʃitõ	tʃi=∅-katu=ete pon.pess.clit.=rel-ser bonito=part. , tʃɪka , tʷe ' t <sup>h</sup> e]		'Eu sou muito bonita'

As orações com cópula podem ser usadas intercambiavelmente com as orações equativas, como veremos em (8.3.2).

### 8.3 Orações com predicado não-verbal

As orações com predicado não-verbal em Avá-Canoeiro são aquelas cujos núcleos não são constituídos por verbos, e estabelecem relações de *posse*, *identidade*, *existência* e *locação*, como se verá nas próximas seções.

#### 8.3.1 Orações Possessivas

As orações possessivas do Avá-Canoeiro, exemplificadas em (624) e (625), são constituídas por um nome possuído, no caso não-marcado {-∅}, e precedido por elementos pronominais (prefixos relacionais e clíticos) que expressam o possuidor, o que faz com que essas orações possam ser consideradas como um subtipo das orações intransitivas descritivas, apresentadas em (8.1.1). O possuidor pode ser indicado também por um sintagma nominal, marcado pelo caso nuclear {-a}, como em (625a) e (625b) (cf. **abakare** 'galinha' e **makakira** 'nome próprio', respectivamente, que funcionam como sujeitos).

(624)	<b>pronominal=rel-nome-CNM</b>		
(624a)	tʃi=r-etam-Ø 1sg=rel-casa-CNM [ , tʃɪrɛ 'tʰɛm]		‘Eu tenho casa’
(625)	<b>SN (Sujeito) (possuidor)</b>	<b>pessoa-nome-CNM</b>	
(625a)	aʒakare-Ø galinha-CN [ , aʒa 'kʰarɪ	i-memɪʒ-Ø 3-filho-CNM ɪ 'mēmɪʒ]	‘A galinha tem pintinhos (filhotes)’
(625b)	makakira-Ø nome próprio-CN [ , maka 'kʰirə	i-men-Ø 3-marido-CNM 'ɪmēn]	‘A Makaquira tem marido’

Uma oração possessiva pode ocorrer sem o SN sujeito expresso, já que o possuidor é indicado pelo elemento pronominal marcado no nome:

(626)	i-men-Ø 3-marido-CNM [ 'ɪmēn]		‘Ela tem marido’
-------	-------------------------------------	--	------------------

A distinção entre as orações possessivas e os sintagmas nominais possessivos é dada pela presença do caso nuclear {-a} nesses últimos e do caso não-marcado {-Ø} nas primeiras, como discutido no Capítulo 4. Além disso, nos sintagmas nominais possessivos o elemento possuído é marcado pelo prefixo relacional {r-} /r- ~ ʒ- ~ Ø-/ , como se segue.

(627)	<b>pronominal=rel-nome-CN</b>		
(627a)	tʃi=r-etam-a 1sg=rel-casa-CN [ , tʃɪrɛ 'tʰɛmə]		‘minha casa’
(628)	<b>SN (possuidor)-CN</b>	<b>pessoa-nome</b>	
(628a)	aʒakare-Ø galinha-CN [ , aʒa 'kʰarɪ	Ø-memɪʒ rel-filho 'mēmɪʒə]	‘os pintinhos da galinha’
(628b)	makakira-Ø nome próprio-CN [ , maka 'kʰirə	Ø-men rel-marido 'mēnə]	‘o marido da Makaquira’

A estrutura das orações possessivas do Avá-Canoeiro pode ser assim representada:

(SN)	pref.pess.clítico-rel-N-CNM
------	-----------------------------

### 8.3.2 Orações Equativas<sup>288</sup>

As orações equativas do Avá-Canoeiro, que expressam uma relação de *identidade*<sup>289</sup> entre dois elementos, compõem-se de dois sintagmas nominais justapostos (cf. (629a, b)), ou de um pronome pessoal livre, seguido de um sintagma nominal (cf. (630a, b)), sendo que o primeiro desses elementos desempenha a função de sujeito e o segundo a de predicado<sup>290</sup>, como demonstram os seguintes exemplos. Esses sintagmas nominais são marcados pelo caso nuclear {-a}. As orações equativas não possuem, portanto, uma marca específica que as difiram das demais orações da língua.

(629)	<b>SN (Sujeito)</b>	<b>SN (Predicado)</b>	
(629a)	putʃidʒawa-Ø nome próprio-CN [ , p <sup>h</sup> utʃɪ ' dʒawə ]	tʃi=Ø-pikĩr-a 1sg=rel-irmã-CN [ , tʃɪpĩ ' k <sup>h</sup> ĩrə ]	'Putdjawa é minha irmã'
(629b)	siele-Ø nome próprio-CN [ si ' elɪ ]	makakĩra-Ø nome próprio-CN [ , maka ' k <sup>h</sup> ĩrə ]	Ø-memĩɛ rel-filho(a) 'mēmĩɛ ]
(630)	<b>SN (Sujeito)</b>	<b>SN (Predicado)</b>	
(630a)	ene pron.pess. [ e ' ne ]	monika-Ø nome próprio-CN 'mõnikə ]	'Você é a Mônica'
(630b)	itʃe pron.pess. [ ɪ ' tʃe ]	tʃiɛapitʃiɛa-Ø indígena-CN [ , tʃɪɛa ' p <sup>h</sup> itʃiɛə ]	'Eu sou indígena'

<sup>288</sup> As *orações equativas* são entendidas aqui como em Payne (1997): são aquelas que afirmam que uma entidade (o sujeito oracional) é idêntica à entidade especificada no sintagma nominal predicado. Dentre as estratégias apontadas pelo referido autor para se expressar uma oração equativa, o Avá-Canoeiro possui duas: 1) a justaposição de sintagmas nominais sem nenhum elemento de ligação, o que será tratado nessa seção; e 2) a justaposição de sintagmas nominais, com a presença de um verbo copulativo, discutida em (8.2).

<sup>289</sup> Em (8.2), vimos que as orações com a cópula **eko** ~ **iko** 'ser, estar' também expressam uma relação de identidade na língua.

<sup>290</sup> Em Tapirapé, Asurini e Parakanã, os sintagmas nominais também desempenham a função de predicado, tendo um outro sintagma nominal como sujeito (cf., respectivamente, Praça (1999, 2000), Vieira (1993) e Silva (1999)).

Como se pode notar, há uma identificação entre o referente do primeiro sintagma nominal (nome ou pronome) com o do segundo, ou seja, há uma relação de *identidade* entre os elementos do sintagma nominal sujeito e os do sintagma nominal predicado (**SNsujeito = SNpredicado**).

A estrutura das orações equativas da língua Avá-Canoeiro pode ser representada como se segue:

SN (sujeito)	SN (predicado)
--------------	----------------

As orações equativas podem ser usadas intercambiavelmente com as orações copulativas (cf. (8.2)), como demonstram os exemplos a seguir. No entanto, ainda não pude esclarecer bem em que contextos se utiliza uma ou outra. O que se percebe é que a oração copulativa é mais enfática que a equativa correspondente.

(631)	<b>SN (sujeito)</b>	<b>SN (objeto)</b>	
(631a)	itʃe pron.pess. [ɪ 'tʃe]	tʃiʒapitʃiʒa-Ø indígena-CN , tʃiʒa 'p <sup>h</sup> itʃiʒə]	‘Eu sou indígena’
(632)	<b>SN (sujeito)</b>	<b>cópula</b>	<b>SN (objeto)</b>
(632a)	itʃe pron.pess. [ɪ 'tʃe]	a-iko 1sg-ser, estar a 'iqʊ	tʃiʒapitʃiʒa-Ø indígena-CN , tʃiʒa 'p <sup>h</sup> itʃiʒə]

### 8.3.3 Orações Existenciais Quantificacionais

As orações existenciais do Avá-Canoeiro são constituídas por sintagmas nominais marcados com o caso nuclear {-a}, que desempenham a função de So. Esses sintagmas são seguidos do verbo descritivo quantificacional **ipîîj** ‘existir muito, em grande quantidade’, que pode ocorrer no final dos enunciados ou antecedendo opcionalmente um adjunto de lugar, como se vê nos seguintes exemplos.

(633)	<b>So</b>	<b>V</b>	<b>(adj)</b>	
(633a)	aʒakare-Ø galinha-CN [, aʒa 'k <sup>h</sup> arɪ	ɾ-aîʒa rel-filho 'raîʒə]	<b>i-pîîj</b> 3-existir muito , ɪpî 'îj]	‘Há/existe/tem muitos pintinhos’

(633b)	peki-Ø pequi-CN [p <sup>h</sup> e 'k <sup>h</sup> i]	<b>i-pĩĩj</b> 3-existir muito , ɪpĩ 'ĩj]	ka-pe mato-loc 'k <sup>h</sup> ape]	‘Há/tem muito pequi no mato’
--------	--	--	---	------------------------------

O verbo **ipĩĩj**, diferentemente dos demais descritivos da língua, é defectivo: não se flexiona em todas as pessoas, ocorrendo apenas na terceira<sup>291</sup>, e sendo marcado com o prefixo relacional **{i-}** (**i-pĩĩj**), como em (633a, b). Esse verbo descritivo, junto do referido prefixo relacional, desempenha também uma função adverbial quantificadora, modificando o nome que o antecede, como discutido no Capítulo 6:

(634)	<b>N</b>	<b>adv</b>		
(634a)	a-mae 1sg-ver [a 'mae]	waɾani-Ø pássaro-CN wa 'rɔnɪ]	<b>ipĩĩj</b> adv , ɪpĩ 'ĩj]	‘Eu vi muitos pássaros (espécie)’
(634b)	k <sup>w</sup> aɛ-a=ete sol-CN=part. [k <sup>w</sup> a , ɛae 't <sup>h</sup> e]		<b>ipĩĩj</b> adv , ɪpĩ 'ĩj]	‘sol quente demais’

### 8.3.4 Orações Locativas

Em Avá-Canoeiro as orações locativas são formadas por um sintagma nominal, que desempenha a função de sujeito, seguido de uma forma adverbial locativa ou de um sintagma nominal marcado pelo caso locativo **{-pe}**, em função de predicado, como demonstram os exemplos a seguir. O emprego da cópula **eko** ~ **iko** ‘ser, estar’ é opcional.

(635)	<b>SN</b>	<b>(cópula)</b>	<b>adv</b>	
(635a)	ĩ-a água-CN [ 'ĩə]	o-iko 3sg-ser, estar o 'iqo]	<b>ko</b> <b>aqui</b> 'k <sup>h</sup> o]	‘Aqui está a água’
(635b)	goiania-Ø Goiânia-CN [Goj 'ɔnɪə]	<b>amoete</b> <b>longe</b> , amo 'ete]		‘Goiânia é longe’ (E)

<sup>291</sup> Essa é a razão pela qual não considero como orações verbais aquelas compostas pelo verbo **ipĩĩj**.



(636)	<b>SN</b>	<b>SN-loc</b>	
(636a)	ae=tõ pron.pess.=part. [a <sup>1</sup> etõ]	<b>ka-pe</b> <b>mato-loc</b> 'k <sup>h</sup> ape]	'Ele está no mato'

As orações locativas dessa língua podem ser assim representadas:

<b>SN</b>	<b>forma adverbial locativa</b>
<b>SN</b>	<b>SN-loc</b>

#### 8.4 Ordem dos constituintes nas orações independentes

Conforme a *tipologia da ordem* proposta por Dryer (1997)<sup>292</sup>, em substituição aos seis tipos tradicionais SOV, SVO, VSO, VOS, OVS e OSV (cf. Greenberg (1963)), há dois parâmetros binários para a ordem das palavras, **SV/VS** e **OV/VO**, cuja combinação possibilita quatro tipos, quais sejam: **SVO** (resultante da combinação entre SV&VO), **VSO** (VS&VO combinados), **SOV** (SV&OV combinados) e **OVS** (a combinação entre VS&OV). Uma das vantagens desse modelo proposto por Dryer (1997) é considerar também a ordem de orações intransitivas, o que a análise de Greenberg (1963) desconsiderava. Embora de modo preliminar, nessa seção teço alguns comentários sobre a ordem frasal predominante no Avá-Canoeiro.

Como vimos anteriormente, nessa língua as orações são compostas por sintagmas nominais (SN), sintagmas verbais (SV) e adjuntos, como sintagmas posposicionais (Sposp) e adverbiais (Sadv), que normalmente ocorrem na última posição. No entanto, o constituinte fundamental à existência de uma oração é o sintagma verbal, podendo os sintagmas nominais ser omitidos, já que são marcados no verbo por meio dos elementos pronominais.

Nas *orações transitivas* compostas por um sintagma verbal e dois sintagmas nominais, um desempenhando a função de sujeito (A) e outro a de objeto (P), a ordem mais freqüente é o sujeito anteceder o objeto e este o verbo **APV**, como se segue. Se houver adjuntos, como sintagmas posposicionais, estes seguirão o verbo (cf. **tʃiwi** 'para mim' em (637a)).

<sup>292</sup> Para análises detalhadas de línguas amazônicas com base na tipologia da ordem proposta por Dryer (1997) e por outros autores, consultar os trabalhos de Corbera Mori (1998) e Pachêco (2001) sobre o Aguaruna (Jívaro) (predominantemente SOV) e o Ikpeng (Karib) (VAO), respectivamente.

	<b>A</b>	<b>P</b>	<b>V</b>	<b>Adjunto</b>
(637)	ni=tõ pron.pess.=part [ 'nitõ	ipotĩɣa-Ø flor-CN ɪ 'p <sup>h</sup> otĩɣə	eɾe-mon 2sg-dar , eɾemõ 'tʃiwɪ]	tʃi=Ø-wi 1sg=rel- <b>posp</b>
	‘Você me deu uma flor’ (E)			
(637b)	maĩɾa-Ø não-indígena-CN [ma 'ilə	taitʃe-Ø parentes-CN t <sup>h</sup> a 'itʃɪ	o-japiti 3sg-massacrar , oʒa 'p <sup>h</sup> itʃɪ]	
	‘O não-indígena massacrrou meus parentes’			
(637c)	matʃa-Ø nome próprio-CN [ 'matʃə	monika-Ø nome próprio-CN 'mõnikə	o-mae 3sg-olhar o 'mae]	
	‘A Matxa viu a Mônica’			

A inversão na ordem dos sintagmas nominais do exemplo (637c) implica mudança semântica, como em (638a):

	<b>A</b>	<b>P</b>	<b>V</b>	
(638)	monika-Ø nome próprio-CN [ 'mõnikə	matʃa-Ø nome próprio-CN 'matʃə	o-mae 3sg-ver o 'mae]	‘A Mônica viu a Matxa’

Por sua vez, a ordem **AVP**, também presente nos dados, é mais recorrente na fala dos jovens em Goiás e no Tocantins (cf. a seção (8.1.2)). O verbo também precede o sintagma nominal objeto nas orações imperativas, como mostra o exemplo (639a). Nessa oração observa-se adjungido um sintagma posposicional (**iɣupe** ‘para ela’).

	<b>V</b>	<b>P</b>	<b>Sposp</b>	
(639)	e-meɿ 2imp-dar [e 'mẽɿ	mae-apar-Ø coisa-ser recurvada-CN , maea 'p <sup>h</sup> aɾɪ	i=ɣupe 3= <b>posp</b> ɪ 'ɣupɪ]	‘Dê banana para ela (Tatxia)’

Nas *orações intransitivas*, por outro lado, a ordem predominante dos constituintes é **SV**, em que o sujeito precede o verbo (cf. (640a) e (640b)). Se houver adjuntos, estes virão na posição final da oração, como demonstram os exemplos a seguir. Em (641a) e (641b) ocorrem como adjuntos, respectivamente, sintagmas adverbial (a forma adverbial temporal **koem** ‘amanhã’) e posposicional (**tʃiɣupe** ‘comigo’) após os verbos das orações.

(640)	<b>S</b>	<b>V</b>		
(640a)	jaĩ-Ø lua-CN [ 'ʒaĩ ]	o-kĩnĩm 3sg-sumir o 'k <sup>h</sup> ĩnĩmø]		‘A lua sumiu’
(640b)	ae=tõ dem=part. [a 'etõ ]	o-wewĩj 3sg-boiar o 'wewĩj]		‘Ele (o cão) boiou’
(641)	<b>S</b>	<b>V</b>	<b>Adjunto</b>	
(641a)	ĩakã-Ø rio, cachoeira-CN [ĩa 'k <sup>h</sup> ã ]	i-ɓoĩ 3-estar frio ɪ 'ɓoĩ ]	koem adv k <sup>h</sup> o 'ẽmø]	‘A água (do rio) está fria de manhã’
(641b)	ni=tõ pron.pess.=part. [ 'nitõ ]	e-re-o 2sg-ir e 're o ]	tʃi=Ø-ɓupe 1sg=rel-posp tʃɪ 'ɓupɪ ]	‘Você foi comigo’

Partindo da ordem predominante verificada nos dados do Avá-Canoeiro de que dispo-  
nho, a hipótese que postulo é que a *ordem preferencial* da língua é **APV**<sup>293</sup>, mas ainda faltam ele-  
mentos para melhor se discutir o tema<sup>294</sup>. Assim, o Avá-Canoeiro seria uma língua de ‘verbo final’  
ou de ‘predicado final’<sup>295</sup>.

Algumas características atribuídas às línguas que possuem ordem **SOV** por autores  
como Greenberg (1963) e Dryer (1997) podem ser encontradas no Avá-Canoeiro, o que corrobora  
essa hipótese. Nas *orações transitivas*, como vimos, a ordem que predomina é **SOV** (cf. exemplos  
(637a, b)). Nas *orações intransitivas*, por sua vez, a ordem verificada é **SV** (cf. (640a, b)). Outras  
características de língua **SOV** presentes em Avá-Canoeiro são: 1) o fato de as formas adverbiais  
ocorrerem preferencialmente após o verbo, como foi visto no Capítulo 6, e nos exemplos (603a),

<sup>293</sup> Segundo Payne (1997), esse é um dos tipos mais encontrados de ordem de constituintes frasais.

<sup>294</sup> A ordem predominante dos constituintes frasais das línguas do Subgrupo IV é bastante diversa. As línguas **Guaja-  
jára** e **Tembé**, por exemplo, possuem a ordem **VSO** (cf. Harrison (1986) e Duarte (1998, 2003), respectivamente).  
Em **Tembé**, segundo Duarte (2003: 54-55), a ordem predominante nas orações principais é **VSO**. Nas orações  
encaixadas há ordens fixas. Nas orações de gerúndio e temporais com **mehe** as ordens são [[OV] [COMP]] (onde  
**COMP** é ‘complementizador’) e [[SV] [COMP]], ao passo que nas subordinadas concessivas e temporais com **aze**  
a ordem é [COMP [SVO]]. O **Asurini do Trocará** é uma língua do tipo não-configuracional, não possuindo ordem  
rígida no nível sintagmático (cf. Vieira, 1993). O **Tapirapé**, por seu turno, ‘é um candidato a ser uma língua não-  
configuracional’, porque possui uma ordem sintagmática livre (cf. Leite, 2001: 90).

<sup>295</sup> Hengeveld, Rijkhoff & Siewierska (2004: 542, 544) discutem a *tipologia da ordem frasal* com base na posição do  
predicado. Dessa forma, há três possibilidades: a) *línguas de predicado inicial*; b) *línguas de predicado medial*; e  
c) *línguas de predicado final*. Conforme esses autores, há uma hierarquia de ocorrência desses tipos nas línguas  
do mundo. Em uma amostra de 50 línguas, foram descobertas as seguintes porcentagens: a) línguas de predicado  
inicial (13.4%); b) línguas de predicado medial (35.3%); e c) línguas de predicado final (51.3%). Por conseguinte,  
essa hierarquia configura-se como se segue: predicado final > predicado medial > predicado inicial.

(617a) e (641a) anteriormente expostos; 2) a língua possui posposições e não preposições (cf., por exemplo, (607a), (618a), (639a) e (641b)); 3) o demonstrativo antecede o nome que modifica, como no exemplo (642):

(642)	<b>dem</b>	<b>N</b>	<b>V</b>	
(642a)	ko	etam-Ø	i-p̣iaw	‘Esta casa é nova’ (E)
	dem	casa-CN	3-ser novo	
	[ 'k <sup>h</sup> o	'etēm	ɪ 'p <sup>h</sup> ̣iaw]	

Por conseguinte, o Avá-Canoeiro parece ser uma língua cuja ordem preferencial é **SOV**<sup>296</sup>. Como, no momento, não disponho de dados suficientes para aprofundar essa discussão, deixo para trabalhos futuros esse tema.

## 8.5 Tipos Oracionais

Conforme afirmam Sadock & Zwicky (1985), as línguas apresentam três tipos oracionais básicos: *declarativo* (afirmativo e negativo), *interrogativo* e *imperativo*. O primeiro, que é usado, por exemplo, para se tecer um comentário e para narrar histórias, implica a veracidade ou não daquilo que é comunicado. O tipo interrogativo, por sua vez, ocorre na solicitação de uma resposta a um questionamento feito. Por fim, o tipo imperativo engloba solicitações e ordens por parte daquele que fala. A seguir apresento alguns aspectos das orações declarativas, interrogativas e imperativas da língua Avá-Canoeiro.

### 8.5.1 Orações Declarativas

As orações declarativas do Avá-Canoeiro subdividem-se em afirmativas e negativas, como se segue.

#### 1) Orações Declarativas Afirmativas

<sup>296</sup> Segundo Andrews (1985), as funções sintáticas podem ser codificadas por meio da ordem frasal, de concordância ou de marcação de caso. O Avá-Canoeiro, como vimos, possui esses três mecanismos de codificação.

As orações declarativas afirmativas do Avá-Canoeiro diferem das declarativas negativas por não possuírem o morfema descontínuo **{n(a)=...-i(te)}**<sup>297</sup>, discutido no Capítulo 5, que caracteriza essas últimas; distinguem-se das interrogativas por não apresentarem nem palavras nem entonação específicas; e opõem-se às imperativas por não terem prefixos pessoais distintos. Assim, as orações declarativas afirmativas são as não-marcadas na língua<sup>298</sup>, aquelas que não possuem o que as declarativas negativas, as interrogativas e as imperativas têm. Em (643), (644) e (645) estão alguns exemplos desse tipo oracional, respectivamente com verbos transitivo, intransitivo ativo e intransitivo descritivo.

(643)	<b>A</b>	<b>v.trans.</b>	<b>P</b>	
(643a)	ĩtu-Ø vento-CN [ĩ ' t <sup>h</sup> u	o-peju 3sg-soprar o ' p <sup>h</sup> eʒu	tʃi=ɛ-atĩpĩ-Ø lposs=rel-bochecha-CN , tʃɪɛa ' t <sup>h</sup> ĩpĩ]	‘O vento soprou na minha bochecha’ (E)
(644)	<b>S</b>	<b>v.intrans.at.</b>		
(644a)	adriano-Ø nome próprio-CN [ , adɾɪ ' ãnu	o-petĩm 3sg-fumar o ' p <sup>h</sup> etĩmɐ]		‘O Adriano fuma’
(645)	<b>S</b>	<b>v.intrans.descr.</b>		
(645a)	ĩakã-Ø rio, cachoeira-CN [ , ãa ' k <sup>h</sup> ẽ	i-tĩpĩw 3-ser raso, vazio , ɪtĩ ' p <sup>h</sup> ĩw]		‘O rio está raso, vazio’

## 2) Orações Declarativas Negativas

As orações declarativas negativas do Avá-Canoeiro são realizadas por meio de um morfema descontínuo composto pelo proclítico **n(a)=** e pelo sufixo **-i(te)**<sup>299</sup>, que ocorrem, respectivamente, no início da forma verbal, precedendo as marcas de pessoa, e no fim dessa forma. Esse morfema, cujo escopo é toda a oração, é utilizado para se negar todos os tipos de predicados da língua, nas orações independentes, e pode ser seguido por uma partícula (cf. (648a)). Seguem-se exemplos de orações declarativas negativas com verbos transitivo, intransitivo ativo e intransitivo descritivo, nessa ordem, em (646), (647) e (648).

<sup>297</sup> Duarte (2002: 376) afirma que as orações afirmativas do Tembê possuem essa mesma propriedade: caracterizam-se pela ausência do prefixo **{na-}**, que antecede as marcas verbais de pessoa, e o sufixo **{-j}**, que vem ao final do verbo.

<sup>298</sup> De acordo com Sadock & Zwicky (1985: 165), “a maneira mais comum [de se realizar uma oração declarativa] é não fazer nada especial – usar a forma mais básica e difundida das orações disponíveis na língua”. É o que se dá no Avá-Canoeiro.

<sup>299</sup> Esse morfema descontínuo possui as seguintes formas, discutidas no Capítulo 5: **/na=...-i/** antes de verbos iniciados por consoante, e **/n=...-i/** e **/n=...-ite/**, antes daqueles que começam com vogal.

- (646) **A**                      **v.trans.**                      **P**
- (646a) ni=tõ                      n=ere-u-ite                      pira-Ø                      ‘Você não come peixe’  
 pron.pess.=part.                      neg.=2sg-comer-neg.                      peixe-CN  
 [ 'nitõ                      ,nere 'ujte                      'p<sup>h</sup>ilə]
- (647) **v.intrans.at.**
- (647a) n=a-kutuk-i                      ‘Eu não costurei’  
 neg.=1sg-costurar-neg.  
 [ ,nəqu 't<sup>h</sup>ukɪ]
- (648) **v.descr.**
- (648a) na=i-puku-uɛu-i=tõ                      ‘Não é comprido demais não’  
 neg.=3-ser comprido-aum-neg.=part.  
 [ ,nəjpɯ ,quɛɯj 't<sup>h</sup>õ]

Em outras línguas do Subgrupo IV, como, por exemplo, o Parakanã, o Tapirapé e o Tembê, as orações declarativas negativas são realizadas de modo semelhante ao do Avá-Canoeiro, no que se refere à negação de predicados, como demonstra a Tabela 32:

Tabela 32: Orações Negativas nas línguas Parakanã, Tapirapé e Tembê

Línguas	Morfologia verbal das orações negativas independentes	Referências Bibliográficas
Parakanã	Partículas proclíticas <b>na</b> ~ <b>ne</b> ~ <b>n</b> e sufixos <b>-i</b> ~ <b>-ihi</b>	Silva (1999: 78-79)
Tapirapé	Partícula proclítica <b>nã</b> ~ <b>n</b> e sufixos <b>-i</b> ~ <b>-j</b> ~ <b>-Ø</b>	Praça (2002: 413)
Tembê	Partículas <b>na-</b> ~ <b>n-</b> e sufixos <b>-j</b> ~ <b>-Ø</b> ; Morfema Circunfixal: Prefixos { <b>na-</b> } e { <b>n-</b> } e sufixos { <b>-d</b> }, { <b>-Ø</b> }, { <b>-j</b> } e { <b>-(k)waw</b> }	Duarte (2002: 375-376) Duarte (2003: 46-47)

### 8.5.2 Orações Interrogativas

Em Avá-Canoeiro há os dois subtipos de orações interrogativas apontados na tipologia proposta por Payne (1997). Quando se trata de *perguntas de conteúdo*, estas são constituídas, como em (649a) e (649b), pelos sintagmas nominais **awa** ‘gente, pessoa’ e **mae** ‘animal, caça, coisa’<sup>300</sup>, que funcionam como palavras interrogativas e expressam os significados de ‘quem’ e ‘o que’, res-

<sup>300</sup> Segundo Seki (2000), as palavras interrogativas do Kamaiurá manifestam as distinções entre [+ humano] e [- humano], o que parece ser também o caso do Avá-Canoeiro.

pectivamente. **awa** e **mae** aparecem na primeira posição oracional<sup>301</sup>, conforme visto no Capítulo 4. No caso de *perguntas* ‘*sim-não*’<sup>302</sup> (ou ‘perguntas polares’), como em (650), há o uso de tom ascendente (↗) na forma verbal<sup>303</sup>.

(649)	<b>forma adverbial interrogativa</b>		<b>V/N</b>	
(649a)	awa quem [a <sup>1</sup> wa]		o-ajpukuj 3sg-remar o, ajpʊ <sup>1</sup> k <sup>h</sup> uj]	‘Quem remou?’
(649b)	mae o que [, mae <sup>1</sup> qo]		ko? dem	‘O que é isto?’
		↗		
(650)	<b>SN</b>	<b>V</b>		
		↗	↘	
(650a)	gatu-Ø gato-CN [ <sup>1</sup> gatu]	ere-eko 2sg-criar e <sup>1</sup> requ	não não [ <sup>1</sup> nẽw̃]	‘Você não cria gato, não?’

Nesse exemplo, a palavra portuguesa **não**, que segue o verbo, recebe tom descendente (↘).

<sup>301</sup> Brandon & Seki (1981, 1984), com base em dados de línguas Tupi (Kamaiurá, Sateré-Mawé, Munduruku, Asurini (Trocará), Kayabi, Oyampi, Guaraní Paraguai, Tupinambá e Txiriguano), demonstram que nesse tronco as palavras interrogativas ocorrem no início da oração, ‘*como resultado da aplicação de uma regra de movimento ao sintagma que denomina a palavra interrogativa*’ (Brandon & Seki, 1981: 108). Assim, o Avá-Canoeiro também corrobora a análise daqueles autores.

<sup>302</sup> Sadock & Zwicky (1985) mostram como são freqüentes essas estratégias nas orações interrogativas: a *entonação ascendente* para as perguntas ‘*sim-não*’ e as *palavras interrogativas* para as perguntas de conteúdo. Outra estratégia apontada pelos referidos autores é o uso de partículas, como em Parakanã e Asurini do Tocantins, que possuem a partícula interrogativa **pa** (cf. Silva (1999); Harrison (1975) e Vieira (1993)). Em meus dados do Avá-Canoeiro ainda não foram verificadas partículas interrogativas. Givón (2001: 294-Vol. II), por sua vez, aponta as seguintes estratégias na codificação de orações interrogativas: entonação, morfologia e ordem de palavras. Dessas, até agora, o Avá-Canoeiro só manifestou a primeira.

<sup>303</sup> O mesmo ocorre com a língua Guajajára, em que existem esses dois tipos de orações interrogativas, com palavras interrogativas e com entonação diferenciada (cf. Bendor-Samuel, 1972).

### 8.5.3 Orações Imperativas

As orações imperativas<sup>304</sup> do Avá-Canoeiro apresentam formas apenas para as segundas pessoas e são caracterizadas pelos verbos transitivos e intransitivos marcados pelos seguintes prefixos pessoais da Série II<sup>305</sup>: {e-}, para a segunda pessoa do singular, e {pe-}, para a segunda do plural<sup>306</sup>. Nas orações compostas por verbos transitivos esses prefixos são indicadores do sujeito e o verbo ocorre na primeira posição oracional, seguido do objeto. Se houver adjuntos, estes seguirão o objeto, como nos exemplos em (651). Nas orações com verbos intransitivos ativos o verbo também pode ser opcionalmente seguido de um adjunto, como vemos em (652). O exemplo (653) ilustra orações imperativas da língua formadas por verbos intransitivos descritivos.

(651)	<b>v.trans.</b>	<b>P</b>	<b>(Adjunto)</b>	
(651a)	e-meŋ 2imp.sg-dar [e' mēŋ]	mae-ŋ-epoj-∅ caça-rel-miúdos, tripa-CN ,maeŋe' p <sup>h</sup> oj	i=ɓupe 3=posp ɪ' ɓupɪ]	‘Dê lingüiça a ela (Matxa)’
(651b)	pe-jepɪk 2imp.pl-segurar, pegar [,p <sup>h</sup> eʒe' p <sup>h</sup> ɪkʔ]	tʃi=∅-po-∅ 1poss=rel-mão-CN 'tʃipɪv]		‘Segurem minha mão’ (E)
(652)	<b>v.intrans.at.</b>	<b>(Adjunto)</b>		
(652a)	e-eɓur 2imp.sg-trazer [ 'eɓur	i=ɓupe 3=posp ɪ' ɓupɪ]		‘Traga para ela (Tatxia)’
(652b)	pe-japɪti 2imp.pl-amarrar [p <sup>h</sup> eja' p <sup>h</sup> ɪtʃɪ]			‘Amarrem!’ (E)
(653)	<b>v.intrans.descr.</b>			
(653a)	e-katu=ete 2imp.sg.-ser bom=part. [e ,katue' t <sup>h</sup> e]			‘Seja bom de verdade!’ (E)

<sup>304</sup> Sadock & Zwicky (1985) subdividem as *orações imperativas* em simples, proibitivas e hortativas. Outros autores, como Seki (2000), apresentam outras subdivisões, como exortativo e permissivo. Ficará para trabalhos posteriores a tarefa de estabelecer se há subtipos de orações imperativas no Avá-Canoeiro e quais são eles.

<sup>305</sup> Segundo Sadock & Zwicky (1985), as línguas possuem diversas maneiras de expressar as *orações imperativas*, como partículas e clíticos e afixos verbais de pessoa. Em outras línguas Tupi-Guarani, como o Kamaiurá (cf. Seki, 2000) e o Émérillon (cf. Rose, 2003), além de prefixos pessoais distintos, as orações imperativas apresentam partículas específicas. No momento ainda não verifiquei em Avá-Canoeiro partículas que cumpram essa função.

<sup>306</sup> Em Parakanã e em Asurini do Tocantins as orações imperativas são marcadas de modo idêntico ao do Avá-Canoeiro, com os prefixos {e-} e {pe-}, para as segundas pessoas do singular e do plural, respectivamente (cf. Silva (1999) e Harrison (1975)).



- (653b) pe-katu=ete ‘Sejam bons de verdade!’ (E)  
 2imp.pl.-ser bom=part.  
 [p<sup>h</sup>e, katue 't<sup>h</sup>e]

Na próxima seção tratarei das orações coordenadas da língua.

## 8.6 As orações coordenadas

Em Avá-Canoeiro a estratégia para se coordenarem orações é a *justaposição*. Diferentemente do que ocorre em outras línguas Tupi-Guarani, não foram verificadas até agora conjunções nem partículas que marquem a coordenação<sup>307</sup>. Em (654a) são justapostas três orações, sendo a primeira e a última intransitivas ativas e a segunda intransitiva descritiva. Já em (655a), há duas orações justapostas, ambas intransitivas ativas. **1** e **2** representam, respectivamente, a primeira e a segunda orações.

- (654) [Sa V1]  
 (654a) [taitʃe-∅ o-mano]  
 parentes-CN 3sg-morrer  
 [t<sup>h</sup>a 'itʃɪ o 'mõnɪ  
 [So V2] [V3]  
 [maĩra-∅ i-potʃĩ=ete] [o-japiti]  
 não-indígena-CN 3-ser bravo=part. 3sg-massacrar  
 'majlə ɪ , potʃĩe 't<sup>h</sup>e , oʒa 'p<sup>h</sup>itʃɪ  
 ‘Nossos parentes morreram. O branco é muito bravo. Matou muito índio’<sup>308</sup>  
 (655) [Sa V1] [V2]  
 (655a) [jatĩta-∅ n=o-ata-i] [o-mano] ‘O caracol não andou. Morreu’  
 caracol-CN neg=3sg-andar-neg 3sg-morrer  
 [ʒa 't<sup>h</sup>ĩtə no 'ataj o 'mõnɪ]

Os verbos das orações coordenadas recebem as mesmas marcas pessoais que os das orações não coordenadas equivalentes, como demonstram os exemplos a seguir, em que verbos transitivos e intransitivos ativos recebem os prefixos pessoais da Série I, e os verbos intransitivos descritivos são marcados pelos pronomes clíticos (Série III).

Em (656) a coordenação se dá entre duas orações transitivas, e o sujeito e o objeto da segunda são apagados, por serem idênticos ao da primeira; em (657) e (658), orações intransitivas

<sup>307</sup> Em Kamaiurá, por exemplo, as orações coordenadas são realizadas por meio da justaposição e de elementos como partículas e conjunções (cf. Seki, 2000). Contudo, ainda não tenho um estudo exaustivo da coordenação em Avá-Canoeiro.

<sup>308</sup> Esse exemplo foi extraído de um dos relatos de Matxa, no Estado de Goiás, no dia 21/10/2003. A tradução é de Iawi.

ativas e intransitivas descritivas, respectivamente, são coordenadas. Por fim, em (659), a coordenação ocorre entre uma oração transitiva e uma intransitiva ativa, com sujeitos distintos, diferentemente de (657) e (658) onde os sujeitos são idênticos.

(656)	<b>[A1</b>	<b>P1</b>	<b>V1]</b>	<b>[V2]</b>	
(656a)	[mojtini-∅ cascavel-CN [moj ' tʃɪnɪ]	akuti-∅ cotia-CN a ' k <sup>h</sup> utʃɪ]	o-u] 3sg-comer 'ow	[o-mokon] 3-engolir o ' moqõnɪ]	
	'A cascavel comeu a cotia e a engoliu'				
(657)	<b>[Sa1</b>	<b>V1]</b>	<b>[V2]</b>		
(657a)	[ni=tõ pron.pess.=part. [ ' nitõ]	ere-o] 2sg-ir , ere ' o	[ere-jɪwa] 2sg-voltar , ere ' ʒɪwə]		'Você foi e voltou'
(658)	<b>[So1</b>	<b>V1]</b>	<b>[V2]</b>		
(658a)	[ni=tõ pron.pess.=part. [ ' nitõ]	na=k <sup>w</sup> eʒaj] 2sg=estar cansado na ' k <sup>w</sup> eʒaj]	[ne=potʃɪ=ete] 2sg=estar nervoso=part. ne , potʃɪe ' t <sup>h</sup> e]		'Você está cansada e nervosa'
(659)	<b>[A1</b>	<b>V1</b>	<b>P1]</b>	<b>[V2]</b>	
(659a)	[iawi-∅ nome próprio-CN [ja ' wi]	o-pɪtɪm 3sg-beliscar o ' p <sup>h</sup> ɪtɪmə]	trumak-∅ nome próprio-CN tru ' makə]	r-etɪmã] rel-perna 'retɪmã]	[o-jaeo] 3sg-chorar o ' ʒaew]
	'Iawi beliscou a perna do Trumak e ele (Trumak) chorou'				

Na próxima seção tratarei dos apagamentos de sintagmas nominais idênticos (sujeitos e objetos) nas orações coordenadas da língua Avá-Canoeiro.

### 8.6.1 Apagamento de sintagmas nominais idênticos em orações coordenadas

Como se observou nos dados expostos na seção anterior, quando as orações coordenadas possuem sintagmas nominais idênticos, desempenhando as funções de sujeitos ou objetos, há apagamento desses na segunda oração<sup>309</sup>. Se as duas orações coordenadas forem transitivas e possuírem o mesmo sujeito (A1=A2), este será omitido na segunda oração, como ocorreu em (656), acima, e em (660), a seguir, em que os sujeitos **mojtini** 'cascavel' e **matʃõ** 'nome próprio', respec-

<sup>309</sup> A tendência dos sujeitos à elipse opcional ou obrigatória é uma propriedade comum desses elementos sintáticos e serve inclusive de critério para identificá-los (Andrews, 1985).

tivamente, foram omitidos. Também haverá apagamento, se as duas orações tiverem em comum o objeto (P1=P2), como **akuti** ‘cotia’, em (656), e **kui** ‘farinha, comida’, em (661), a seguir.

(660)	[A1	P1	V1]	[P2	V2]
(660a)	[matʃõ-∅ nome próprio-CN [ma 'tʃõ	ita-kîe-∅-uɓu pedra-faca-CN-aum ɪ , takî 'ewɓu	o-eɓur] 3sg-trazer o 'eɓur	[iakaj-∅ lenha-CN ja 'k <sup>h</sup> aj	o-mowok] 3sg-cortar õ 'mõwokə]
	‘Sebastião trouxe o facão e cortou a lenha’				
(661)	[A1	P1	V1]	[A2	V2]
(661a)	[iawi-∅ nome próprio-CN [ja 'wi	kui-∅ farinha, comida-CN 'k <sup>h</sup> uj	o-japo] 3sg-fazer o 'zapu	[matʃa-∅ nome próprio-CN 'matʃə	o-u] 3sg-comer 'ow]
	‘Iawi fez comida e Matxa comeu’ (E)				

Ao se coordenarem duas orações intransitivas ativas, apaga-se o sujeito da segunda delas, se este for idêntico ao da primeira (Sa1=Sa2). É o que demonstram os exemplos em (662a) e (662b), abaixo, em que os sujeitos **monika** ‘nome próprio’ e **kurum** ‘menino’, respectivamente, ocorrem apenas nas primeiras orações. Foi o que ocorreu também, em (657), com o sujeito **ni=tõ** ‘você’.

(662)	[Sa1	V1]	[V2]	
(662a)	[monika-∅ nome próprio-CN [ 'mõnikə	o-jauk] 3sg-tomar banho o 'zawkə	[o-ker] 3sg-dormir 'okerə]	
	‘Mônica tomou banho e dormiu’ (variedade do Tocantins) <sup>310</sup>			
(662b)	[kurum-∅ menino-CN [qu 'rũm	o-napume] 3sg-mergulhar ,ona 'p <sup>h</sup> ũmɪ	[o-ĩtaw] 3sg-nadar oĩ 'tawə]	‘O menino mergulhou e nadou’ (E)

No caso das duas orações coordenadas serem intransitivas descritivas, o sujeito da segunda oração será igualmente apagado, se idêntico ao da primeira (So1=So2), como ocorre com **maɛɔ** ‘carne’, em (663) (cf. também **ni=tõ** ‘você’, em (658a)).

<sup>310</sup> Na variedade de Goiás temos a seguinte oração correspondente:

1)	[Sa1	V1]	[V2]	
1a)	[monika-∅ nome próprio-CN [ 'mõnikə	o-jauk] 3sg-tomar banho o 'zawkə	[o-kîr] 3sg-dormir 'okîrə]	‘Mônica tomou banho e dormiu’

(663)	<b>[So1</b>	<b>V1]</b>	<b>[V2]</b>	
(663a)	[mae-ʒ-o-∅ caça-rel-carne-CN	i-piʒa] 3-estar crua	[i-ata] 3-estar dura	‘A carne está crua e dura’
	[ ,mae'ʒo	ɪ'pʰiʒə	'jatə]	

A coordenação ocorre também entre orações intransitivas e transitivas e entre transitivas e intransitivas. Em (664), a primeira oração é intransitiva ativa e a segunda, transitiva. Nesse caso, como há igualdade entre o sujeito da primeira (Sa1) e o da segunda (A2) (**kawaʒu** ‘cavalo’), este último é omitido (Sa1=A2).

(664)	<b>[Sa1</b>	<b>V1]</b>	<b>[P2</b>	<b>V2]</b>	
(664a)	[kawaʒu-∅ cavalo-CN	o-poʒaj] 3sg-cantar	[kapi-∅ capim-CN	o-u] 3sg-comer	‘O cavalo relinchou e comeu capim’
	[kʰa'ʒaʒu	,opo'ʒaj	kʰa'pʰi	'ow]	

Da mesma forma que em (664), em (665), a primeira oração é intransitiva ativa e a segunda, transitiva, mas a igualdade se dá entre o sujeito da primeira (Sa1) e o objeto direto da segunda (P2) (**ʒawaʒa** ‘cachorro’), sendo este apagado (Sa1=P2), como se segue.

(665)	<b>[Sa1</b>	<b>V1]</b>	<b>[A2</b>	<b>V2]</b>	
(665a)	[ʒawaʒa-∅ cachorro-CN	o-nin] 3sg-latir	[ni=tō pron.pess.=part.	e-re-nano] 2sg-ouvir	
	[ 'ʒaGʷəʒə	ō'niŋɪ	'nitō	,ere'nənu]	
	‘O cachorro latiu e você ouviu’				

Ao contrário de (665), em (666) e (667), as primeiras orações são transitivas e as segundas, intransitivas ativas. Verificam-se aqui duas situações distintas. Quando o sujeito da primeira oração for idêntico ao da segunda (A1=Sa2), este será omitido, como em (666a, b), em que há o apagamento dos sintagmas nominais **maria** e **trumak** ‘nomes próprios’ nas segundas orações, respectivamente. Por outro lado, se o objeto da primeira oração for idêntico ao sujeito da segunda (P1=Sa2), este será omitido, como em (667a), em que o sintagma **trumak** ‘nome próprio’ da segunda oração é apagado.

(666)	<b>[A1</b>	<b>P1</b>	<b>V1]</b>	<b>[V2]</b>
(666a)	[maria-Ø nome próprio-CN [ma ' riə	kawaʒu-Ø cavalo-CN k <sup>h</sup> a ' waʒu	o-kutuk] 3sg-vacinar o ' k <sup>h</sup> utukə	[o-o] 3sg-ir ' o]
	‘Maria vacinou o cavalo e foi embora’			
(666b)	[trumak-Ø nome próprio-CN [tru ' mak <sup>ʔ</sup>	i-awa 3-roupa ' jawə	o-joj] 3sg-lavar o ' ʒoj	[o-kɪr] 3sg-dormir ' ɔkɪrə]
	‘Trumak lavou roupa e dormiu’			
(667)	<b>[A1</b>	<b>P1</b>	<b>V1]</b>	<b>[V2]</b>
(667a)	[iawi-Ø nome próprio-CN [ja ' wi	trumak-Ø nome próprio-CN tru ' mak <sup>ʔ</sup>	o-mok <sup>w</sup> aem] 3sg-amedrontar, assustar , omo ' k <sup>w</sup> əēmə	[o-jarɲ] 3sg-correr ō ' nəŋ]
	‘Iawi assustou o Trumak e ele (Trumak) correu’ <sup>311</sup>			

Por fim, em orações coordenadas, o apagamento do sintagma nominal pode ocorrer também quando o sujeito do verbo intransitivo ativo (Sa) for idêntico ao sujeito do verbo intransitivo descritivo (So), como em (668), em que o sujeito Sa **monika** ‘Mônica’ da primeira oração é igual a So (Sa=So):

(668)	<b>[Sa</b>	<b>V1]</b>	<b>[V2]</b>	
(668a)	[monika nome próprio [ ' mōnɪkə	o-kɪr] 3sg-dormir ' ɔkɪrə	[i-amu] 3-roncar ' jəmu]	‘Mônica dormiu e roncou’

Esses exemplos mostram as nove possibilidades de *apagamento de sintagmas nominais sujeitos e objetos em orações coordenadas* na língua Avá-Canoeiro, conforme a Tabela 33:

Tabela 33: Apagamento de sintagmas nominais sujeitos e objetos em orações coordenadas

1) nas orações transitivas:	<u>A1=A2</u>	<u>P1=P2</u>	
2) nas orações intransitivas ativas:	<u>Sa1=Sa2</u>		
3) nas orações intransitivas descritivas:	<u>So1=So2</u>		
4) nas orações mistas:	<u>Sa1=A1</u> <u>P1=Sa2</u>	<u>Sa1=P2</u> <u>Sa=So</u>	<u>A1=Sa2</u>

<sup>311</sup> Com o significado ‘Iawi assustou o Trumak e ele (Iawi) correu’, ou seja, A1=Sa1, temos a mesma oração. A ambigüidade é desfeita pelo contexto.

### 8.7 O Avá-Canoeiro: uma língua de estrutura ativa?

Do ponto-de-vista tipológico, as línguas podem ser classificadas como nominativas, ergativas ou ativas (cf. Klímov (1974), Seki (1987)). Semanticamente, estas últimas apresentam, de acordo com Mithun (1991), o princípio da atividade ou inatividade da ação expressa pelos verbos ('ativo' x 'inativo' (ou 'estativo'))<sup>312</sup>. Sintaticamente, manifestam um tipo de sujeito cindido (num 'Sistema Cindido' ('Split-S System'), conforme Dixon (1994)), em que coincidem as marcas dos sujeitos de verbos transitivos (A) com aquelas que um grupo de verbos intransitivos, os verbos ativos, que expressam eventos dinâmicos, recebe (Sa). Por outro lado, são coincidentes as marcas que recebem os objetos diretos (O) e um outro grupo de verbos intransitivos, os verbos inativos (So), que expressam estados. Pode-se representar esse sistema da seguinte forma:

- a) **Sa=A**
- b) **So=O**

Várias línguas da América do Norte, como o Lakhota e o Pomo Central (cf. Mithun, 1991) e da América do Sul, como o Ikpéng (cf. Pachêco, 2001) e o Toba (Messineo, 2002), incluindo línguas Tupi-Guarani, como o Kamaiurá (cf. Seki, 1976, 1987, 1990), o Tapirapé (cf. Leite, 1990a) e o Guarani Paraguaio (cf. Mithun (1991) e Dixon (1994)), são classificadas como 'línguas de estrutura ativa'.

O Avá-Canoeiro, como foi visto no Capítulo 5, possui a distinção entre *verbos ativos*, que denotam atividades, ações e eventos, e *inativos* (descritivos), que expressam estados, e *duas séries de afixos pessoais*, uma para os verbos ativos (Série I) e outra para os inativos (Série III)<sup>313</sup>, de tal sorte que tanto os sujeitos de verbos intransitivos ativos (Sa) quanto os de verbos transitivos (A) recebem as seguintes marcas pessoais: **a-** '1ª singular', **ere-** '2ª singular', **jane-** '1ª plural inclusiva', **oro-** '1ª plural exclusiva', **pe-** '2ª plural', **o-** '3ª'. Já os sujeitos dos verbos intransitivos descritivos (So) recebem os mesmos prefixos pessoais que os objetos diretos (P), os pronomes cli-

<sup>312</sup> Segundo Mithun (1991), a distinção entre 'verbos ativos' e 'verbos inativos' é dada pelo fato de que os primeiros implicam dinamicidade ou mudança no tempo, ao contrário dos 'inativos', que implicam estabilidade no tempo. No entanto, a distinção entre esses verbos nas diversas línguas pode-se pautar em diferentes bases semânticas, tais como atividade, agentividade, controle e volição.

<sup>313</sup> Mithun (1991: 542) explica que '*o padrão ativo/agentivo aparece com frequência especialmente nos afixos pronominais do verbo. Isso representa a gramaticalização das relações semânticas entre predicados e argumentos*' (grifos meus).

ticos (**tʃi**= ‘1ª singular’, **ne**= ~ **ni**= ~ **na**= ‘2ª singular’, **jane**= ‘1ª plural inclusiva’, **ore**= ‘1ª plural exclusiva’, **pe**= ‘2ª plural’, **i**- 3ª). Essa distinção de série de afixos pessoais ativos e inativos é uma das características morfológicas das línguas ativas, segundo Klímov (1974).

Como foi abordado no Capítulo 5, a substituição de marcadores de pessoa da Série I (ativa) pelos da Série III (estativa) num determinado verbo faz com que este mude seu status, como nos exemplos que se seguem. Em (669), o verbo **j̄katu** ‘cozinhar’, que indica ação, é codificado pela Série I, marcando o sujeito dos verbos transitivos (A). Em (670), com o uso do marcador da Série III, temos um sujeito (So) e um verbo intransitivo descritivo, expressando um estado.

(669)	<b>A</b>	<b>V</b>	<b>P</b>	
(669a)	matʃõ-∅ nome próprio-CN [ma 'tʃõ	<b>o-j̄katu</b> <b>3sgA</b> -cozinhar ,oʒ̄i 'kʰatʉ	kumana-∅ feijão-CN kʰũ 'mẽnə]	‘Sebastião cozinhou o feijão’
(670)	<b>So</b>	<b>V</b>		
(670a)	kumana-∅ feijão-CN [kʰũ 'mẽnə	<b>i-j̄katu</b> <b>3sgSo</b> -cozinhar ,iʒ̄i 'kʰatʉ]		‘O feijão está cozido’

O Avá-Canoeiro possui, além da distinção entre verbos ativos ([+ controle, + atividade]) e inativos ([- controle, - atividade]), e de duas séries de marcadores de pessoas para participantes ativos e inativos, outros traços de línguas de estrutura ativa apontados em Seki (1987, 1990), quais sejam:

- 1) a oposição entre formas possessivas inalienáveis e alienáveis (cf. o Capítulo 4);
- 2) a inexistência da classe de palavras ‘adjetivo’ (cf. o Capítulo 5);
- 3) a inexistência da categoria de tempo no verbo; por outro lado, há variações aspectuais – aspecto intensivo e iterativo (por meio da reduplicação) e aspecto completivo (**{-pam}**) (cf. o Capítulo 5);
- 4) a oposição entre os pronomes de primeira pessoa do plural ‘nós’ inclusiva (**jane**) e exclusiva (**ore**) (cf. o Capítulo 7);
- 5) a combinação de nomes com posposições locativas, tais como **pire** ‘com, em companhia de’ e **pupe** ‘(para) dentro de’ (cf. o Capítulo 7).

Com base nesses aspectos pertinentes às línguas de estrutura ativa, pode-se sustentar a hipótese de que tipologicamente o Avá-Canoeiro o seja também. No entanto, no momento, não

tenho mais elementos para fundamentar essa discussão, que permanecerá, pois, em aberto, sendo melhor desenvolvida após a obtenção de mais dados relativos à marcação de pessoa.

## Conclusão

Neste capítulo apresentei algumas reflexões ainda iniciais sobre as orações independentes e coordenadas do Avá-Canoeiro. Inicialmente, abordei as *orações com predicado verbal*. As *intransitivas ativas* são constituídas por um verbo intransitivo ativo, flexionado com os prefixos pessoais da Série I. As *intransitivas descritivas* são formadas por um verbo intransitivo descritivo, flexionado pelos pronomes pessoais clíticos e pelos prefixos relacionais. As *orações transitivas* são compostas por um verbo transitivo e por dois argumentos, o sujeito (A) e o objeto (P). O verbo transitivo concorda com esses argumentos e é marcado pelos prefixos pronominais da Série I, quando expressa o sujeito, e com os pronomes clíticos, quando expressa o objeto. As *orações copulativas*, que expressam a noção de *identidade*, são formadas pela cópula **eko ~ iko** ‘ser, estar’ (flexionada como os verbos intransitivos ativos da língua, sendo marcada pelos prefixos pessoais da Série I), seguida ou antecedida por sintagmas nominais.

As *orações com predicado não-verbal* do Avá-Canoeiro são subdivididas em vários tipos. As *possessivas* são compostas por um nome possuído, no caso não-marcado {-Ø}, e precedido por elementos pronominais (prefixos relacionais e clíticos) que codificam o possuidor, que pode ser indicado ainda por um sintagma nominal. As *orações equativas*, do mesmo modo que as copulativas, expressam uma relação de *identidade* entre dois elementos, e são formadas por dois sintagmas nominais justapostos, marcados pelo caso nuclear, ou por um pronome pessoal livre, seguido de um sintagma nominal, sendo que o primeiro desses elementos desempenha a função de sujeito e o segundo a de predicado. As *orações existenciais quantitativas* são constituídas pelo verbo descritivo defectivo **ip̃ĩj** ‘existir muito, em grande quantidade’, antecedido por sintagmas nominais descritivos (So). As *orações locativas*, por seu turno, são compostas por um sintagma nominal, que desempenha a função de sujeito (S), seguido por uma forma adverbial locativa ou de um sintagma nominal marcado pelo caso locativo {-pe}, em função de predicado.

As orações em Avá-Canoeiro são compostas por sintagmas nominais, sintagmas verbais e adjuntos, como sintagmas posposicionais e adverbiais, que ocorrem preferencialmente na última posição oracional. Entretanto, o constituinte fundamental à existência de uma oração é o sintagma



verbal, podendo os sintagmas nominais ser omitidos, por serem marcados no verbo com elementos pronominais. Nas *orações transitivas*, a ordem mais freqüente é o sujeito e o objeto antecederem o verbo: **APV**. Já nas *orações intransitivas* a ordem predominante dos constituintes é **SV**, em que o sujeito precede o verbo. Levantei a hipótese de que a *ordem preferencial* da língua é **APV**, embora o Avá-Canoeiro possua algumas características presentes em línguas **SOV**.

Tratei também dos tipos oracionais. As *orações declarativas afirmativas* distinguem-se das negativas por não trazerem o morfema descontínuo composto pelo proclítico **n(a)=** e pelo sufixo **-i(te)** (**{n(a)=...-i(te)}**), que caracteriza essas últimas; diferenciam-se das orações interrogativas por não apresentarem nem palavras interrogativas nem entonação específicas, e das imperativas por não terem prefixos pessoais distintos. As *declarativas negativas* são estabelecidas pelo referido morfema descontínuo, que ocorre, respectivamente, antecedendo e seguindo as marcas de pessoa verbais. Esse morfema descontínuo é utilizado para se negar todos os tipos de predicados da língua. Quanto às *orações interrogativas*, há dois subtipos: as *perguntas de conteúdo* e as *perguntas polares* ('sim-não'). As perguntas de conteúdo são compostas por palavras com função adverbial interrogativa, que aparecem na primeira posição oracional. Já nas perguntas 'sim-não', há o emprego de tom ascendente no verbo. As *orações imperativas* possuem formas exclusivamente para as segundas pessoas e são constituídas por verbos transitivos e intransitivos marcados pelos prefixos pessoais **{e-}** e **{pe-}**, para as segundas pessoas do singular e do plural, nessa ordem.

Foram também consideradas as *orações coordenadas*, que são formadas pela *justaposição*. Os verbos que ocorrem nas orações coordenadas do Avá-Canoeiro recebem as mesmas marcas pessoais que os verbos das orações não coordenadas equivalentes. Por fim, foram analisadas as nove possibilidades de *apagamento de sintagmas nominais idênticos* em orações coordenadas na língua e apresentada a hipótese de que o Avá-Canoeiro seria uma língua de estrutura ativa.

A seguir teço algumas considerações finais sobre este estudo.



## Considerações Finais

Linguists working with endangered languages thus have a very clear task ahead of them, when they encounter negative attitudes towards an ancestral language among the members of an indigenous community. An early aim of intervention must be to create opportunities for the people to improve morale so that they come to think of their language with feelings of confidence, self-esteem, and pride. Only in this way will the community develop an ability from within to deal with the pressure of ongoing change<sup>314</sup>.

(...) time is running out. It is already too late for many languages, but we hold the future of many others in our hands<sup>315</sup>.

Crystal (2000: 111,166)

Quando iniciei a pesquisa com a língua Avá-Canoeiro planejava realizar um estudo bastante abrangente, fazendo uma gramática que contivesse uma descrição pormenorizada de sua fonologia e principalmente de sua morfossintaxe, aos moldes do que fez Seki (2000) para o Kaimaurá. Essa ilusão encontrava respaldo na situação sociolingüística preocupante vivenciada pelos Avá-Canoeiro e na constante ameaçada de morte dessa língua brasileira.

À medida que o trabalho de campo foi avançando, fui percebendo uma grande distância entre o que almejava fazer e o que era possível fazer, como já disse no Capítulo 2. Os problemas por que passam os Avá-Canoeiro, as situações muitas vezes adversas à minha pesquisa, como a proibição de entrada na Terra Indígena Avá-Canoeiro no Estado de Goiás, e minhas limitações como lingüista que ainda não fala o Avá-Canoeiro foram revelando-me uma realidade completamente

<sup>314</sup> Tradução livre: ‘Os lingüistas que trabalham com línguas ameaçadas de extinção têm a frente de si uma tarefa muito clara quando encontram atitudes negativas com relação a uma língua ancestral entre os membros de uma comunidade indígena. Um dos primeiros objetivos deve ser criar oportunidades para uma melhoria moral, a fim de que vejam sua língua com sentimentos de confiança, auto-estima e orgulho. Somente desse modo a comunidade desenvolverá habilidade para lidar com as pressões da mudança’.

<sup>315</sup> Tradução livre: ‘O tempo passa. Já é tarde demais para muitas línguas, mas o futuro de muitas outras seguramos em nossas mãos.’

distinta daquela que imaginei a princípio. Notei, portanto, que havia um grande abismo entre minhas aspirações iniciais e minhas reais possibilidades de estudar o Avá-Canoeiro.

Face a essa situação, muito aquém de minhas pretensões e ilusões primeiras, decidi não mais buscar o estudo ideal e abrangente da fonologia e da morfossintaxe da língua, mas um estudo o mais possível detalhado dos aspectos que pudesse analisar, sobre os quais possuísse dados confiáveis e abundantes. Foi o que fiz nesta tese, em que tratei de alguns aspectos da língua, porém com o máximo de aprofundamento e rigor que me foi permitido pelo corpus disponível. Por conseguinte, esta análise da língua, embora preliminar e superficial em muitos pontos, revela o conhecimento que se tem hoje sobre o Avá-Canoeiro. Ainda resta muito a fazer, é verdade, mas muitas contribuições, contidas ao longo dos oito capítulos, advieram desse estudo e será a partir delas que outras virão.

Uma contribuição indiscutível foi ter abordado as duas variedades da língua, uma vez que nos trabalhos anteriores havia o predomínio de uma variedade ou outra. O estudo de Paiva (1996), por exemplo, como dito antes, centrou-se apenas na variedade falada no Estado do Tocantins. Infelizmente, não pude realizar um estudo contrastivo aprofundado entre as duas variedades, como objetivava fazer no início, já que não fui autorizada a regressar à Terra Indígena Avá-Canoeiro em Goiás. Um outro ponto positivo que quero destacar é a predominância de dados não elicitados, obtidos em situações reais de comunicação entre mim e os Avá-Canoeiro, de modo especial entre eles.

Houve, sem dúvida, outras contribuições. No Capítulo 3, foi possível apresentar uma análise fonológica mais consistente da língua do que aquela de que se dispunha anteriormente e, nos capítulos seguintes, realizar um estudo morfossintático sobre as classes de palavras abertas e fechadas e sobre as orações simples e coordenadas, com base na Tipologia Funcional e em critérios internos à língua, como a ocorrência ou não com diferentes séries pronominais e distintos prefixos relacionais e com elementos pertencentes às diversas classes de palavras. Até então, o que se sabia sobre a fonologia da língua deixava a desejar e muito pouco havia sido descoberto acerca de sua morfossintaxe. Nada se conhecia sobre suas classes de palavras e a constituição de suas orações simples.

No Capítulo 1, fiz um pequeno *histórico* sobre o povo Avá-Canoeiro, abordando aspectos atuais de seu contato com a sociedade não-indígena. Tratei dos estudos que havia sobre a língua Avá-Canoeiro antes desta tese e abordei de modo preliminar alguns usos e funções das línguas em contato português e Avá-Canoeiro, a fim de buscar um melhor conhecimento de sua realidade nos dois Estados. O que se nota é que a língua portuguesa vem a cada dia preenchendo mais espaços

e funções nas duas comunidades, inclusive espaços reservados e funções outrora desempenhadas somente pelo Avá-Canoero. Essa é uma situação preocupante, de modo especial devido à discriminação que sofrem os Avá-Canoero do Estado do Tocantins que, sem terra própria, vivem junto aos Javaé.

No Capítulo 2, além de continuar mostrando a realidade sociolingüística dos Avá-Canoero, explicitarei toda a metodologia empregada na coleta, na transcrição e na análise dos dados, enfatizando a *observação em interações livres*, a *elicitação direta* e as *entrevistas*. Mostrei a importância da *fotografia*, dos *diários e cadernetas de campo*, além dos *desenhos*, para desenvolver *as abordagens bilíngüe e monolíngüe* que nortearam essa pesquisa.

No Capítulo 3, apresentei *uma descrição da fonologia* do Avá-Canoero, fundamentando-me nos pressupostos teórico-metodológicos de Gleason (1985). Mostrei os contrastes entre *os fonemas consonantais e vocálicos* da língua, quais sejam: /p, t, k, k<sup>w</sup>, tʃ, ɸ, m, n, ŋ, w, ɾ, j, i, e, ĩ, a, u, o, ɨ, ē, ĩ̃, ã, ũ, õ/. Discuti *os processos fonológicos* que afetam as consoantes e as vogais e *os processos morfofonológicos* por que passam. Realizei uma breve comparação entre o meu estudo e o de Paiva (1996), tentando ainda confrontá-los aos dados de outras línguas Tupi-Guarani, especialmente do Subgrupo IV. Destaque foi dado à *consoante fricativa uvular vozeada* /ɸ/, inexistente nas demais línguas do Subgrupo, que aparece no Avá-Canoero a partir das consoantes \*ts, \*tʃ e \*ɾ do Proto-Tupi-Guarani, em contigüidade a vogais não-antérieures (/ĩ, a, u, o, ĩ̃, ã, ũ, õ/). Porém, ficará como objeto para pesquisas futuras, compreender melhor as motivações para o surgimento do fonema /ɸ/.

No que concerne à sílaba, abordei os tipos que ocorrem no Avá-Canoero (V, CV, CVC, VC), a distribuição das consoantes e das vogais nas sílabas, as sílabas fonéticas e fonológicas e a distribuição dos tipos silábicos nas palavras. Tratei também, de forma preliminar, o acento da língua, que se deslocou do Proto-Tupi-Guarani para a esquerda, fazendo com que as palavras sejam eminentemente paroxítonas, embora haja oxítonas e proparoxítonas fonéticas, resultantes da inserção de vogal epentética em final de palavras terminadas por consoantes. O que pude observar é que o acento é previsível, fixo e não fonêmico, possuindo uma função culminativa.

Tecendo algumas considerações diacrônicas, demonstrei que o sistema fonológico consonantal do Proto-Tupi-Guarani reduziu-se no Avá-Canoero, em conseqüência da perda total da *série palatalizada* (\*p<sup>j</sup> e \*k<sup>j</sup>), da africada alveolar \*ts, da oclusiva glotal \*ʔ e da fricativa bilabial \*ɸ. Por outro lado, houve ‘ganhos’. A mudança mais importante foi o surgimento da fricativa uvular vozeada /ɸ/, inexistente nas demais línguas Tupi-Guarani, a partir de \*ts, \*tʃ, e \*ɾ, em conti-

güidade a vogais não-antérieures. Contudo, ressalto que essa mudança não afetou todas as palavras da língua que manifestavam esse contexto fonológico. O que houve, portanto, foi uma mudança esporádica, como abordado em (3.1.4.1). As vogais do Proto-Tupi-Guarani, por seu turno, mantiveram-se inalteradas ou sofreram pequenas modificações em palavras específicas, não caracterizando mudança regular e sistemática. A mudança vocálica mais freqüente foi a desnasalização em final de palavra.

No Capítulo 4, abordei a classe de *nomes*. Usando critérios gramaticais internos à língua, busquei compreender a estrutura dessa categoria, as relações que estabelece com as demais classes e a configuração morfossintática que a distingue das outras classes de palavras abertas e fechadas. O nome caracteriza-se morfologicamente por ser marcado pelos sufixos casuais nuclear {-a} e locativo {-pe} e sintaticamente por desempenhar a função de núcleo dos sintagmas nominais. Do ponto-de-vista semântico, os nomes designam entidades em geral.

Em primeiro lugar, discuti a *categoria de posse*. Não há marcas específicas para posse alienável ou inalienável. À semelhança do que se vê em muitas outras línguas do mundo, os nomes em Avá-Canoeiro dividem-se em três subclasses semânticas, que se diferenciam também por propriedades morfossintáticas, como elementos que os estruturam e funções sintáticas que desempenham.

A categoria de posse é codificada nos nomes por meio de pronomes clíticos de primeira e segunda pessoas (**tʃi**= ~ **tʃe**= ‘primeira pessoa singular’; **ne**= ~ **ni**= ~ **na**= ‘segunda pessoa singular’; **jane**= ‘primeira pessoa inclusiva do plural’; **ore**= ‘primeira pessoa exclusiva do plural’; **pe**= ‘segunda pessoa do plural’). Esses pronomes marcam o possuidor de nomes possuídos. Além desses pronomes clíticos, a posse é indicada pelos prefixos relacionais {i-} e {r-}.

De acordo com a marcação de posse, os nomes podem ser subdivididos em: 1) *nomes não-possuídos*, que não recebem os prefixos relacionais {i-} e {r-}, e normalmente não admitem a presença de um possuidor. Constituem essa subclasse palavras que designam fenômenos e elementos da natureza, tais como astros, formações geográficas, animais não domesticados, plantas, minerais e termos referentes a pessoas (como ‘sol’, ‘rio’, ‘capivara’, ‘coco’, ‘pedra’, ‘mulher’). Sintaticamente, os nomes não-possuídos quase nunca compõem o núcleo de um sintagma nominal genitivo; 2) *nomes alienavelmente possuídos*, que ocorrem facultativamente com os marcadores de pessoa e os prefixos relacionais. Nessa subclasse de nomes estão incluídas palavras que designam utensílios domésticos, armas e ferramentas (como ‘arco’, ‘panela’, ‘faca’, ‘machado’); 3) *nomes inalienavelmente possuídos*, que ocorrem obrigatoriamente precedidos pelo prefixo relacional {r-}

(cujos alomorfes são /r- ~ ʁ- ~ Ø-/) e apresentam sempre um possuidor, expresso por meio de sintagmas nominais, de marcas pessoais ou dos dois. Realizam-se como nomes presos, uma vez que nunca podem ocorrer sem o marcador possessivo. Entre os nomes inalienavelmente possuídos incluem-se palavras que designam partes do corpo humano, dos animais e de plantas, elementos diretamente ligados ao homem e aos animais, relações de parentesco e animais domésticos (como ‘orelha’, ‘asa’, ‘folha’, ‘alma’, ‘esposa’, ‘cancão’).

Em Avá-Canoeiro os nomes possuíveis são marcados pelos prefixos relacionais {r-} e {i-}, que expressam a relação entre o possuidor e o nome possuído. Esses prefixos relacionais demonstram se a referência ao possuidor é específica ou indefinida, considerando-se sua função gramatical, o tipo de construção e o tipo de referência expressa. A presença dos prefixos relacionais nos nomes mostra uma marcação no núcleo, do tipo “head-marking”: o núcleo é marcado como tendo um dependente. Os prefixos relacionais da língua indicam, no nome, a relação entre possuidor e nome possuído, assim como a relação entre os verbos intransitivos e transitivos e seus argumentos, e ainda entre as posposições e seus complementos.

O prefixo relacional {r-} codifica o possuidor de nomes inalienavelmente possuídos, relacionando o nome que expressa o elemento possuído ao pronome clítico ou sintagma nominal que indica o possuidor. Esse prefixo possui três alomorfes. Antecedendo nomes iniciados por vogais ocorrem os alomorfes /r-/ e /ʁ-/. Entretanto, ainda não sei esclarecer bem a distinção entre eles, o que ficará por ser investigado em trabalhos futuros. Precedendo nomes começados por consoantes, por sua vez, ocorre o alomorfe /Ø-/.

O prefixo relacional {i-} possui três funções na língua: 1) marca o possuidor de uma terceira pessoa específica e definida, que foi anteriormente mencionada na fala ou que se pode retomar pelo contexto; 2) codifica um sujeito de terceira pessoa de verbos intransitivos descritivos; e 3) marca o objeto de uma posposição. Esse prefixo relacional possui um único alomorfe, /i-/, que antecede tanto vogais quanto consoantes.

Não há marcas morfológicas nos nomes para indicar gênero e número, não havendo, portanto, essas categorias na língua. As noções de gênero para os nomes que designam seres com os traços [+ animado] ou [+ humano] são expressas por palavras distintas, como **ak<sup>w</sup>amae** ‘homem, macho’ e **kujã** ‘mulher, fêmea’, ou por essas palavras pospostas aos nomes. Neste último caso, contudo, o mais frequente é o nome ocorrer sem a especificação para ‘macho’ ou ‘fêmea’. Essa especificação ocorre exclusivamente quando há necessidade de se precisar o sexo. Caso contrário, ocorrerá o nome apenas. As noções de número, por sua vez, também não são marcadas morfologica-

mente, são indicadas por intermédio de palavras quantificadoras, como **mepenoan** ‘um, uma’; **mokôj** ‘dois, duas’; **moapaɣɛɛn** ‘três’; **upakatu** ‘tudo, todos, todas’; **eta** ‘muito (s), muita (s)’, que precedem os nomes e que também funcionam como formas adverbiais quantificadoras.

Há três sufixos casuais: **{-a}** ‘caso nuclear’, **{-Ø}** ‘caso não-marcado’ e **{-pe}** ‘caso locativo’. O sufixo de ‘caso nuclear’ segue nomes terminados em consoantes e vogais e marca as seguintes funções nos nomes, relacionando-os a vários outros elementos sintáticos: 1) sujeitos de verbos intransitivos ativos (Sa) e descritivos (So); 2) sujeitos de verbos transitivos (A); 3) objetos diretos (P); 4) complementos da cópula **eko** ~ **iko** ‘ser, estar’; 5) modificadores (possuidores) em construções possessivas; 6) objetos das posposições; 7) predicados nominais.

No entanto, nem todos os nomes da língua que exercem as funções acima mencionadas recebem o alomorfe /-a/ do caso nuclear **{-a}**. Há muitas ocasiões em que ao invés desse alomorfe ocorre o /-Ø/, indicando uma mudança na língua. O que parece estar acontecendo é que em muitas palavras o morfema **{-a}** do caso nuclear lexicalizou-se, tornando-se parte integrante das palavras, como em **arara** ‘arara’, proveniente de **\*arar+a** (‘arara’ + CN) e em **k<sup>w</sup>aɣa** ‘buraco’ (**\*k<sup>w</sup>ar+a** ‘buraco’ + CN).

Essa lexicalização do sufixo casual **{-a}**, que ocorreu principalmente em palavras com duas ou três sílabas que terminam em /r/, estaria relacionada ao deslocamento do acento da última para a penúltima sílaba, passando o morfema **{-a}** a fazer parte da constituição fonológica das palavras da língua. O que os dados apontam é que o caso nuclear está deixando de ser rigorosamente marcado pelo alomorfe /-a/. Como consequência desse processo de lexicalização do **{-a}**, haveria o surgimento de cópula na língua, o que não é uma característica específica da família Tupi-Guarani. A presença do alomorfe /-a/ é obrigatória quando houver necessidade de se diferenciarem sintagmas nominais possessivos (com a presença do caso nuclear **{-a}**) e orações possessivas (com a presença do caso não-marcado, indicado pelo morfema **{-Ø}**). Além de ocorrer em orações possessivas, o caso não-marcado indica formas citacionais, quando os nomes aparecem isoladamente, fora de uma oração.

O ‘caso locativo’, que é marcado pelo sufixo **{-pe}**, realiza-se por meio de três alomorfes condicionados fonologicamente: /-p/, que segue vogais; /-pe/, que, além de vir após vogais, ocorre também após consoantes; e /-m/, que segue vogais nasais. Esses alomorfes podem ou não receber acento. A função dos sintagmas nominais marcados pelo caso locativo é a de adjunto da oração, que pode preceder ou seguir o verbo. Semanticamente, o caso locativo indica localização espacial.



*Os sintagmas nominais* são constituídos por um núcleo nominal obrigatório e pelos modificadores, que são elementos periféricos opcionais. Esses sintagmas podem ser compostos por: 1) um núcleo, constituído apenas por um nome possuível ou não-possuível, marcado pelo caso nuclear {-a}, ou um pronome pessoal livre (N); 2) um nome-núcleo seguido por um modificador (N Mod); 3) um nome-núcleo precedido por um ou dois modificadores (Mod N; Mod1 Mod2 N); ou 4) um nome-núcleo antecedido por um modificador e seguido por outro modificador (Mod N Mod). Por conseguinte, a composição do sintagma nominal da língua é: SN= (Mod1) (Mod2) Núcleo (Mod).

O núcleo do sintagma nominal é sempre formado por um nome ou um pronome pessoal livre, que é o constituinte obrigatório. Os modificadores que ocorrem após os nomes-núcleos podem ser descritivos, ou nomes marcados pelo morfema casual {-a}, e aqueles que os antecedem são demonstrativos, numerais ou genitivos. Esses modificadores são elementos opcionais no sintagma nominal.

Os sintagmas nominais do Avá-Canoeiro desempenham as funções sintáticas de: 1) sujeitos de verbos intransitivos ativos e descritivos (Sa) e (So); 2) sujeitos de verbos transitivos (A); 3) objetos diretos (P); 4) complementos da cópula **eko** ~ **iko** ‘ser, estar’; 5) objetos das posposições e 6) predicados nominais.

O núcleo do sintagma nominal genitivo é composto por um nome possuível, precedido por um modificador (Mod), que indica seu possuidor. Esse modificador é sempre formado por um nome, marcado pelo caso nuclear {-a}. O nome-núcleo, por seu turno, é sempre marcado pelo prefixo relacional {r-} e seguido pelo morfema {-a}.

O sintagma nominal genitivo pode também ser constituído por um pronome clítico de 1ª ou 2ª pessoas (indicando o possuidor), seguido de um prefixo relacional e do nome-núcleo, marcado com o caso nuclear {-a}. Quando for um sintagma nominal pronominal cujo possuidor é de 3ª pessoa especificada e definida, usa-se o prefixo relacional {i-} antecedendo o nome-núcleo, seguido pelo caso nuclear {-a}.

Em Avá-Canoeiro os sintagmas nominais sujeitos e objetos podem ser coordenados apenas por meio da justaposição, sem o uso de elementos conectivos. Os sintagmas nominais coordenados vêm marcados pelo caso nuclear {-a}. Embora não haja o emprego de conectivos, na fala dos mais jovens do Estado de Goiás, são frequentes as construções com coordenação de sintagmas nominais, em que se usa entre eles a conjunção ‘mais’ do português.

Nomes podem ser formados por meio de outros nomes, através de dois processos derivacionais: 1) o de afixação, com os sufixos de diminutivo ({-miri} e {-i}) e de aumentativo

{-uβu} e {-u}); e 2) o de composição, como o uso de duas raízes nominais ou de uma nominal e uma intransitiva descritiva. Ainda não foram observados casos de nomes que são constituídos a partir de outras classes de palavras.

O diminutivo é construído na língua por intermédio principalmente do sufixo derivacional {-miri}, que se realiza como tônico ou átono. Entretanto, pode-se ainda formar o diminutivo com o sufixo {-i}, de ocorrência mais restrita, que possui dois alomorfes fonologicamente condicionados: /-i/, depois de segmentos orais, e /-ĩ/, depois de segmentos nasais. Esse último alomorfe também pode ocorrer como tônico ou átono. Além da freqüência na língua (maior para o sufixo {-miri} do que para {-i}), ainda não sei esclarecer quais distinções existem no emprego de um ou de outro. Uma outra maneira bastante recorrente de se indicar a noção de ‘pequeno’ é através do uso do nome aĩβa ‘filho (a)’, precedido do prefixo relacional {r-}, que pode ser empregado tanto para seres animados quanto inanimados.

O sufixo derivacional de aumentativo de maior ocorrência no Avá-Canoeiro é {-uβu}, que se realiza como tônico ou átono. Todavia, há ainda outro modo de se formar o aumentativo na língua, usando-se o sufixo {-u}, de freqüência mais limitada. Esse morfema possui dois alomorfes condicionados fonologicamente, quais sejam: /-w/, seguindo vogais orais, e /-w̃/, após vogais nasais. Esse último também pode se realizar como tônico ou átono.

A última seção desse capítulo foi destinada à composição nominal. Novos nomes podem ser constituídos mediante a combinação de duas raízes nominais (N + N) (em que a primeira exerce a função de núcleo e a segunda a de modificador ou a primeira é o modificador e a segunda, o núcleo) ou de uma raiz nominal, seguida de uma intransitiva descritiva (N + Verbo Intransitivo Descritivo). Nesses casos o nome funciona como núcleo e o verbo como modificador.

As relações semânticas que se estabelecem entre os elementos do composto são semelhantes àquelas que ocorrem entre os elementos de sintagmas nominais e de orações. Porém, há alguns critérios fonológicos e morfossintáticos que distinguem os compostos de sintagmas nominais e orações, como: 1) nos compostos ocorre somente um acento principal, constituindo uma única palavra fonológica, diferentemente dos sintagmas nominais e das orações, em que o número de acentos é equivalente ao de palavras que os constituam; 2) nos compostos nota-se a existência de processos morfofonológicos, como a fusão vocálica e o apagamento da última vogal de uma palavra quando a seguinte também começar por vogal; 3) nos compostos não há afixos flexionais (os prefixos relacionais e o morfema de caso nuclear {-a}) entre as raízes, ao contrário dos sintagmas nominais e das orações, onde esses elementos ocorrem.

No Capítulo 5, tratei do ‘verbo’ do Avá-Canoeiro. Há quatro subclasses: verbos *transitivos*, verbos *intransitivos ativos*, verbos *intransitivos descritivos* e a *cópula eko ~ iko* ‘ser, estar’. Esses tipos de verbos distinguem-se pelo número de argumentos que recebem, especialmente pelas séries de elementos pronominais distintos que a eles se ligam. Há três séries de marcadores de pessoa verbais (prefixos pessoais, prefixos relacionais e pronomes clíticos). Os sujeitos dos verbos transitivos (A) e intransitivos ativos (Sa) são codificados pelos prefixos pessoais da Série I, nas orações declarativas, e pelos da Série II nas imperativas. Os sujeitos dos verbos intransitivos descritivos (So) e os objetos dos transitivos (P), por seu turno, são marcados pelos pronomes clíticos da Série III. Nas orações imperativas, os verbos intransitivos descritivos também recebem os prefixos da Série II. Como não há um pronome clítico específico à terceira pessoa, essa função é desempenhada pelo prefixo relacional {i-}.

Os *verbos transitivos*, da mesma maneira que os intransitivos ativos, expressam predominantemente ações e atos de volição, ao contrário dos verbos intransitivos descritivos, que denotam estados e processos involuntários. Os verbos transitivos podem receber dois argumentos nominais, um com a função de sujeito (A) e outro a de objeto (P), mas podem receber exclusivamente um nominal, na função de A ou P, sendo o outro argumento marcado apenas no verbo. Este é codificado somente por um marcador de pessoa de cada vez, recebendo os prefixos da Série I para indicar sujeito e os da Série III para expressar o objeto.

Os *verbos intransitivos ativos* indicam a categoria de pessoa por meio dos prefixos da Série I e expressam principalmente atividades e atos de controle e volição por parte do participante da ação. Os verbos intransitivos ativos possuem como argumento único o sujeito Sa, sempre expresso pela marcação de pessoa e às vezes realizado também por um sintagma nominal. Assim, as classes dos verbos transitivos e intransitivos ativos da língua não são homogêneas do posto-de-*vista semântico*, já que incluem predominantemente verbos que expressam ações e atos volicionais, mas não apenas essas noções.

Os *verbos intransitivos descritivos* expressam conceitos relativos a dimensão, idade, valor, cor, propriedade física, propensão humana e velocidade. Morfossintaticamente, os descritivos não demonstram propriedades específicas que justifiquem agrupá-los numa classe separada de ‘adjetivo’. Além disso, compartilham com os verbos intransitivos ativos algumas características, como os aspectos intensivo e iterativo, marcados por reduplicação monossilábica e dissilábica, e o aspecto completivo, indicado pelo sufixo {-pam}. Apresentam ainda estratégias idênticas para a negação (o morfema descontínuo {n(a)=...-i(te)}) e para a causativização (o prefixo {mo-}). Por isso, os descritivos foram tratados como uma subclasse dos verbos intransitivos. Os verbos intran-

sitivos descritivos, à semelhança dos intransitivos ativos, aceitam um argumento único, o sujeito So, e podem sozinhos funcionar como um predicado.

Discuti com maiores detalhes os verbos intransitivos descritivos para cores: **tiŋ** e **tata-tiŋ** ('fumaça') 'branco'; **pitun** e **jak<sup>w</sup>aɣuna** ('carvão') 'preto'; **piranŋ**, **pĩtanŋ**, **wanŋ**, **ĩwĩ** ('terra, chão') 'vermelho'; **owĩ** 'verde, azul'; **kakĩɣ** ('folha') 'verde'. O que se nota é que há na língua uma tendência para se aproximar de elementos da natureza (fumaça, carvão, terra e folha) a terminologia para expressar, respectivamente, as cores 'branco', 'preto', 'vermelho' e 'verde'.

O verbo copulativo **eko** ~ **iko** 'ser, estar' constitui o núcleo das orações copulativas. Essa cópula flexiona-se de modo igual aos verbos intransitivos ativos da língua, sendo codificada pelos prefixos pessoais da Série I. O surgimento desse verbo na língua parece relacionar-se ao apagamento do morfema de caso nuclear {-a}, uma mudança que está ocorrendo, ao que tudo indica.

Foram abordados nesse capítulo *vários aspectos morfossintáticos do verbo* Avá-Canoeiro. Inicialmente, tratei da categoria de *pessoa*. Há *três séries diferentes de marcadores de pessoa verbais* (prefixos pessoais, prefixos relacionais e pronomes clíticos), sendo somente um argumento, o sujeito ou o objeto, codificado de cada vez. Existe ainda, correlacionada à categoria de pessoa, a de *número*, subdividindo as pessoas em singular e plural, com a distinção entre a 'primeira pessoa inclusiva' e a 'primeira pessoa exclusiva' do plural.

O sistema de marcação pessoal é um dos critérios morfológicos para se subdividirem os verbos em transitivos e intransitivos ativos e descritivos. Os sujeitos dos verbos transitivos (A) e intransitivos ativos (Sa) são marcados pelos prefixos pessoais da Série I (**a-** '1ª sg', **ere-/e-** '2ª sg', **jane-** '1ª pl.incl', **oro-** '1ª pl.excl.', **pe-** '2ª pl.', **o-** '3ª') nas orações declarativas, e pelos da Série II (**e-** '2ª sg', **pe-** '2ª pl.') nas imperativas. Os sujeitos dos verbos intransitivos descritivos (So) e os objetos dos transitivos (P), por seu turno, são codificados pelos pronomes clíticos da Série III (**tʃi=** ~ **tʃe=** '1ª sg', **ne=** ~ **ni=** ~ **na=** '2ª sg', **jane=** '1ª pl.incl.', **ore=** '1ª pl.excl.', **pe=** '2ª pl.'). Em orações imperativas os sujeitos de verbos descritivos são codificados pelos prefixos pessoais da Série II, como ocorre com os verbos transitivos e intransitivos ativos. Como não há um pronome clítico específico à terceira pessoa, essa função é desempenhada pelo prefixo relacional **{i-}**.

A '*hierarquia de referências*' no Avá-Canoeiro também foi tema de discussão. Como em outras línguas Tupi-Guarani, somente o sujeito ou o objeto é marcado no verbo transitivo. Por conseguinte, os prefixos subjetivos da Série I (que indicam o agente A) e os pronomes clíticos (que marcam o objeto P) nunca co-existem nesses verbos. A pessoa a ser codificada no verbo dependerá de uma hierarquia de referências, sendo marcada a mais alta. Quando o paciente (P) for hierarqu-

camente superior ao agente (A), o verbo será marcado com o prefixo de objeto ( $P > A$ ); de modo inverso, quando o agente for hierarquicamente superior ao paciente, o verbo será marcado com o prefixo de sujeito ( $A > P$ ). A primeira pessoa tem precedência sobre a segunda ( $1 > 2$ ) e a segunda sobre a terceira ( $2 > 3$ ) e o agente tem precedência sobre o objeto ( $A > P$ ). Conforme essa hierarquia de referências, o participante hierarquicamente mais alto será marcado no verbo transitivo. Se esse elemento for o sujeito ( $A > P$ ), o verbo será marcado pelos prefixos pessoais da Série I; se for o objeto ( $P > A$ ), codificarão o verbo os pronomes clíticos. Assim, são possíveis as seguintes combinações: 1A>2P, 1A>3P, 2A>3P, 3A > 3P, 1P>2A, 1P>3A e 2P>3A.

Dada a carência de dados apenas mencionei a *marcação de pessoa nos verbos dependentes*. O que pode ser verificado é que, independentemente de serem transitivos ou intransitivos ativos e descritivos, os verbos dependentes na terceira pessoa são marcados pelos elementos pronominais da Série III (os mesmos que codificam o sujeito de verbos descritivos (So) e o objeto (P)) e não pelos da Série I. Desse modo, nas orações dependentes contendo a terceira pessoa, os verbos não são codificados como intransitivos ativos e transitivos, empregando-se a Série I, mas exclusivamente como intransitivos descritivos, usando-se a Série III. Não foram encontrados exemplos de complementizadores e afixos nominalizadores. Entretanto, esse aspecto da língua permanecerá em aberto, aguardando uma investigação mais aprofundada.

Em Avá-Canoeiro, ocorre *reduplicação* nos verbos intransitivos e transitivos, com *valor aspectual* de intensidade, repetição e continuidade da ação. Assim, as ações expressas pelos verbos que são reduplicados são inconclusas. Há dois tipos de reduplicação na língua. A *reduplicação monossilábica* ocorre quando há a repetição da primeira sílaba da raiz verbal ou quando os verbos reduplicados são monossilábicos. Quando esta sílaba termina em consoante, esta é excluída, se a raiz do verbo não se iniciar por vogal. A *reduplicação dissilábica*, inversamente, ocorre quando as duas últimas sílabas da raiz verbal são repetidas. À semelhança da reduplicação monossilábica, quando o verbo finaliza em consoante, esta desaparece. No entanto, ainda não sei precisar todos os significados da reduplicação. O *aspecto completivo* é marcado pelo sufixo **{-pam}**, indicando que a ação que ele expressa completou-se. **pam** ocorre ainda como um verbo intransitivo ativo independente, denotando ‘acabar, completar, terminar, concluir’.

O modo desiderativo é expresso por dois verbos dependentes, **-ej** e **-putat**, que indicam as noções de ‘querer, desejar, gostar, ter vontade’ e ocorrem sufixados ao verbo principal da oração, constituindo com ele uma palavra fonológica e um predicado complexo. O verbo **-ej** só aparece como forma transitiva dependente e exclusivamente posposta ao verbo **u** ‘ingerir, comer’.

Faz referência apenas a ‘apetites fisiológicos’ e emprega-se somente com objetos incorporados. *putat*, por sua vez, é também usado como um verbo independente e transitivo (recebendo as marcas pronominais da Série I), com os significados ‘querer, gostar’.

Demonstrei como ocorre a negação de orações independentes: há o emprego de um morfema descontínuo constituído pelo proclítico **n(a)=** e pelo sufixo **-i(te)** (**{n(a)=...-i(te)}**), que ocorrem, respectivamente, no início da forma verbal, antecedendo as marcas de pessoa, e no final dessa forma, seguindo a raiz do verbo. Esse morfema é utilizado para se negar todos os tipos de predicados da língua, nas orações independentes, e manifesta alomorfia fonologicamente condicionada: antes de verbos que se iniciam por consoante usa-se /n=C...-i/, e antes daqueles que começam com vogal ocorrem os alomorfes /n=V...-i/ e /n=V...-ite/.

Em *Avá-Canoeiro* há um *prefixo causativo* **{mo-}**, por meio do qual verbos intransitivos tornam-se transitivos. Desse modo, esse morfema funciona como uma estratégia de aumento de valência verbal. O morfema causativo **{mo-}**, que segue o prefixo indicador de pessoa e antecede a raiz verbal, é um mecanismo de derivação verbal e possui dois alomorfes condicionados fonologicamente: /**m-**/, que precede raízes verbais começadas por vogais, e /**mo-**/, que ocorre antes de raízes que se iniciam por consoante. Nas orações causativas observa-se a ocorrência de um elemento sintático inexistente nas orações não-causativas correspondentes, o *causer*, que é um participante a mais (o agente), incluído no evento.

Diferentemente do prefixo causativo **{mo-}** (um mecanismo de aumento de valência que, a partir de verbos intransitivos, forma verbos transitivos), o *prefixo reflexivo* **{je-}**, que é invariável, muda os verbos transitivos em intransitivos. O morfema reflexivo ocorre entre o prefixo marcador de pessoa e a raiz verbal. Semanticamente o morfema reflexivo **{je-}** mostra identidade entre o sujeito da oração e o objeto direto (S=P), distintos nas orações em que ele não ocorre (S≠P). Por meio do emprego desse reflexivo, a ação é feita pelo agente sobre si mesmo.

Por fim, tratei de alguns casos de *incorporação do sintagma nominal objeto*. A incorporação desse sintagma ao verbo transitivo é um processo de formação verbal por meio da composição e foi verificado com os verbos **ebur** ‘trazer’ e **u** ‘comer, ingerir’. Esses verbos são marcados pelos mesmos elementos pessoais do verbo transitivo sem incorporação, ou seja, os prefixos da Série I. Portanto, compõe-se uma única palavra fonológica, na qual os sintagmas nominais são incorporados às formas verbais com marcação de sujeito. Existe uma forma lexicalizada que indica ‘tomar, beber água’, que é o verbo **íu**. Contrariamente, a fim de se expressar ‘tomar, beber outros elementos líquidos’, emprega-se o verbo **u** ‘ingerir, beber’, com o objeto não incorporado.

No Capítulo 6, tratei das palavras que funcionam como *formas adverbiais*. Estas são invariáveis e independentes, e não possuem traços morfossintáticos específicos (razão pela qual não considero a existência de uma classe de ‘advérbio’ na língua), sendo caracterizadas por suas propriedades distribucionais: possuem relativa mobilidade sintática, ocorrendo no início ou no final dos enunciados (embora sua posição mais usual seja seguindo os nomes e os verbos que modificam) e funcionam como adjuntos. As formas adverbiais compõem o núcleo do sintagma adverbial.

Foram verificados quatro nomes (**koem** ‘de manhã’; **kaʒun** ‘à tarde’; **ĩpĩtun** ‘à noite’; **ĩpĩaj** ‘à noite, bem mais tarde’) e uma posposição (**enone** ‘primeiro’) que desempenham a função sintática de *adverbiais temporais* e ocorrem no início ou no final das orações, sendo esta última posição a mais freqüente.

As *formas adverbiais locativas*, que ocorrem no final das orações, são três: **ko** ‘aqui’, **amoete** ‘longe’ e **ĩwati** ‘alto, sobre, em cima de’. Além delas, os conceitos locativos podem ser expressos também por nomes marcados pelo caso locativo {-pe}. No Avá-Canoeiro os quantificadores **mepenoan** ‘um’, **mokōj** ‘dois’ e **moapaʒĩn** ‘três’ são usados com função adverbial no início e no final das orações, indicando quantas vezes uma ação é feita, ou ainda como adjuntos nominais, antecedendo ou seguindo nomes, para expressar a quantidade de objetos mencionados. Além dessas *formas adverbiais quantificadoras*, usam-se também as formas **upakatu** ‘tudo, todos, todas’ e **eta** ‘muito, muita, muitos, muitas’, para expressarem completude e grande quantidade, respectivamente, e o verbo descritivo defectivo **ipĩĩj** ‘muito, em grande quantidade’, indicando a existência de muitos exemplares de um mesmo elemento.

Os verbos intransitivos descritivos **katu** ‘ser bom, bonito’ e **puku** ‘ser comprido, longo’ podem funcionar como *formas adverbiais de modo* na língua, sem nenhuma marca específica, modificando o verbo da oração. Nesse caso, pospõem-se ao verbo que modificam, sem as marcas flexionais de pessoa, e podem ser seguidos opcionalmente pela partícula intensificadora **ete** ‘realmente, mesmo, de verdade’.

No Capítulo 7, discuti as quatro classes fechadas de palavras. Os *pronomes pessoais* dividem-se em livres e clíticos. Os *pronomes pessoais livres* diferenciam-se na primeira e na segunda pessoas do singular, de acordo com as variedades do Avá-Canoeiro. Na variedade do Estado do Tocantins, a primeira e a segunda pessoas do singular são, respectivamente, **itʃe** e **ene** (ou **ne**). Em Goiás, a primeira pessoa do singular é **tʃi=tõ** e a segunda, **ni=tõ**. Algumas vezes a partícula enfática **tõ** pode ser omitida e os pronomes clíticos **tʃi=** (ou **tʃe=**) e **na=** (ou **ne=** ou **ni=**) ligam-se



à forma verbal da sentença. Para as pessoas do plural não há distinções segundo às variedades: **jane** ‘1ª pessoa do plural (inclusiva)’; **ore** ‘1ª pessoa do plural (exclusiva)’ e **pe** ‘2ª pessoa do plural’.

Os *pronomes clíticos* são os seguintes, em ambas as variedades da língua: **tʃi=** (ou **tʃe=**) ‘1ª pessoa do singular’; **na=** (ou **ne=** ou **ni=**) ‘2ª pessoa do singular’; **jane=** ‘1ª pessoa do plural (inclusiva)’; **ore=** ‘1ª pessoa do plural (exclusiva)’ e **pe=** ‘2ª pessoa do plural’. No que tange à terceira pessoa, a exemplo do que ocorre em outras línguas Tupi-Guarani, em Avá-Canoeiro não há um pronome livre específico, suprimindo sua lacuna no paradigma as formas demonstrativas **ae**, no Tocantins, e **ae=tõ**, em Goiás. A terceira pessoa do paradigma de pronomes pessoais clíticos, que também não possui uma forma específica, tem sua função marcada pelo prefixo relacional **{i-}**.

Foram verificados três *demonstrativos*, distribuídos de acordo com os parâmetros de visibilidade e de proximidade em relação ao falante e ao ouvinte: **ae** ‘aquele sobre quem se fala’; **pe** ‘aquele’ e **ko** ‘este’. Como não dispunha de muitos dados para a análise, esse ponto do trabalho ficou ainda em aberto.

No que diz respeito às *posposições*, foram encontradas nove. São elas: **wi** ‘ablativo’, ‘dativo’; **iwati** ‘superessivo’; **pupe** ‘inessivo’, ‘ilativo’; **upi** ‘perlativo’; ‘comitativo’; **enone** ‘locativo temporal’; **pire** ‘comitativo’; **ri** ‘fonte’ (‘relativo’); **ɓupe** ‘dativo’; **takɩwɩrap** ‘locativo (‘atrás de’). Essas posposições dividem-se em três classes, conforme os prefixos relacionais que recebem: **upi** ‘perlativo’, ‘comitativo’ recebe o prefixo relacional **{ɓ-}**; **enone** ‘locativo temporal’ flexiona-se com **{r-}**; as demais posposições pertencem à classe **{∅-}**. Essas posposições ocorrem com o prefixo relacional **{i-}**, indicando ‘terceira pessoa’.

Quanto às *partículas*, foram observadas quatro em meu corpus, quais sejam: **ete** ‘realmente, mesmo, de verdade’; **tõ** ‘intensivo (muito)’; **ajun** ‘somente, só, apenas’ e **katu** ‘intensivo (muito, bem)’. Essas partículas são fonologicamente dependentes das palavras que as antecedem, a elas se cliticizando e compondo uma única palavra fonológica. Como os dados que possuo sobre partículas ainda são insuficientes para uma abordagem mais aprofundada, esse aspecto da análise permanecerá também em aberto.

No Capítulo 8, apresentei algumas reflexões ainda preliminares sobre as orações independentes e coordenadas do Avá-Canoeiro, iniciando pelas *orações com predicado verbal*, que se subdividem em intransitivas (ativas e descritivas) e transitivas. As *orações intransitivas ativas* são constituídas por um verbo intransitivo ativo, flexionado com os prefixos pessoais da Série I. À essa forma verbal, que é o constituinte nuclear dessas orações, podem juntar-se também constituintes periféricos, como formas adverbiais, sintagmas nominais locativos ou sintagmas posposicionais.



Esses constituintes oblíquos compõem, junto com a forma verbal, orações intransitivas estendidas na língua. Contudo, a estrutura mais freqüente de uma oração intransitiva ativa é a que possui um verbo intransitivo ativo como seu núcleo, sendo opcionalmente antecedido por um sintagma nominal (Sa).

As *orações intransitivas descritivas* são formadas por um verbo intransitivo descritivo, flexionado pelos pronomes pessoais clíticos e pelos prefixos relacionais da língua, e podem conter um sintagma nominal exercendo a função de sujeito (So) e uma partícula. Do mesmo modo que as orações intransitivas ativas, as orações intransitivas descritivas podem conter ainda, como constituinte periférico, um sintagma nominal locativo, constituindo, uma oração intransitiva descritiva estendida.

As *orações transitivas* são compostas por um verbo transitivo e por dois argumentos, o sujeito (A) e o objeto (P). O verbo transitivo concorda com esses argumentos e é marcado pelos prefixos pronominais da Série I, quando expressa o sujeito, e com os pronomes clíticos, quando expressa o objeto. Exercendo a função de sujeito da oração transitiva aparecem sintagmas nominais compostos por nomes e pronomes, ou apenas as marcas pronominais subjetivas no verbo.

As orações transitivas podem ter, além de *objetos compostos por sintagmas nominais*, *objetos pronominais*, indicados na forma verbal pelos pronomes clíticos. Nesses casos, o sujeito de 2ª ou 3ª pessoa não é marcado no verbo, que recebe a marca de objeto, de 1ª ou 2ª pessoa, já que no Avá-Canoeiro apenas o sujeito ou o objeto é codificado de cada vez no verbo. Dessa maneira, a hierarquia de pessoa **1P>2A**, **1P>3A**, **2P>3A** é mantida na forma verbal e o sujeito pode ser expresso por um sintagma nominal constituído por um pronome ou um nome. Além dos constituintes nucleares A, P e V, as orações transitivas podem igualmente conter constituintes periféricos como sintagmas adverbiais e posposicionais, formando orações transitivas estendidas.

As *orações copulativas*, que expressam a noção de *identidade*, são formadas pela cópula **eko** ~ **iko** ‘ser, estar’ (flexionada como os verbos intransitivos ativos da língua, sendo marcada pelos prefixos pessoais da Série I), seguida ou antecédida por sintagmas nominais. As orações copulativas e as equativas são intercambiáveis na língua. Entretanto, ainda não sei explicar quando se usa uma ou outra.

As *orações com predicado não-verbal* subdividem-se em possessivas, equativas, existenciais quantificacionais e locativas. As *possessivas* são compostas por um nome possuído, no caso não-marcado {-Ø}, e precedido por elementos pronominais (prefixos relacionais e clíticos) que marcam o possuidor, que pode ser indicado ainda por um sintagma nominal. Devido a essas

marcas pronominais, essas orações podem ser consideradas um subtipo das orações intransitivas descritivas. Tratei também da distinção entre orações possessivas e sintagmas nominais possessivos, o que se dá pela presença do prefixo relacional {r-} (com seus alomorfes /r-, ʁ-, Ø-/) e do caso nuclear {-a} nesses últimos.

As *orações equativas*, do mesmo modo que as copulativas, expressam uma relação de *identidade* entre dois elementos, e são formadas por dois sintagmas nominais justapostos, ou por um pronome pessoal livre, seguido de um sintagma nominal, sendo que o primeiro desses elementos desempenha a função de sujeito e o segundo a de predicado. Assim, há uma identificação entre o referente do primeiro sintagma nominal (nome ou pronome) com o referente do segundo, estabelecendo-se uma relação de identidade entre os elementos do sintagma nominal sujeito e os do sintagma nominal predicado **SNsujeito = SNpredicado**.

As *orações existenciais quantificacionais* são constituídas pelo verbo descritivo **ipĩĩj** ‘existir muito, em grande quantidade’, antecedido por sintagmas nominais descritivos (So). Esse verbo, de modo diferente dos demais verbos descritivos da língua, não se flexiona em todas as pessoas, ocorrendo apenas na terceira, e sendo marcado com o prefixo relacional {i-}. As *orações locativas*, por sua vez, são compostas por um sintagma nominal, que desempenha a função de sujeito (S), seguido de uma forma adverbial locativa ou de um sintagma nominal marcado pelo caso locativo {-pe}, em função de predicado.

Ainda de forma inicial, a *ordem dos constituintes* nas orações independentes da língua foi abordada. As orações em Avá-Canoeiro são compostas por sintagmas nominais, sintagmas verbais e adjuntos, como sintagmas posposicionais e adverbiais, que ocorrem preferencialmente na última posição oracional. Entretanto, o constituinte fundamental à existência de uma oração é o sintagma verbal, podendo os sintagmas nominais ser omitidos, por serem marcados no verbo com elementos pronominais.

Nas *orações transitivas* formadas por um sintagma verbal e dois sintagmas nominais, um com a função de sujeito (A) e outro com a de objeto (P), a ordem mais frequente é o sujeito e o objeto antecederem o verbo: **APV**. A ordem **AVP**, por outro lado, é mais recorrente na fala dos mais jovens em Goiás e no Tocantins. O verbo também pode preceder o sintagma nominal objeto nas orações imperativas. Já nas *orações intransitivas* a ordem predominante dos constituintes é **SV**, em que o sujeito precede o verbo. Se houver adjuntos, estes ocorrerão na posição final.

Com base nos dados disponíveis, levantei a hipótese de que a *ordem preferencial* da língua é **APV**, mas, devido à exigüidade de maiores evidências, deixo o tema em aberto, para ser

melhor discutido em trabalhos futuros. Contudo, demonstrei que o Avá-Canoeiro possui algumas características presentes em línguas **SOV**, quais sejam: 1) nas *orações transitivas* a ordem que predomina é **SOV**; 2) nas **orações intransitivas** a ordem verificada é **SV**; 3) as *formas adverbiais* ocorrem preferencialmente após os verbos; 4) a língua possui *posposições* e não *preposições*; e 5) o *demonstrativo* antecede o nome que modifica.

Apresentei os tipos oracionais do Avá-Canoeiro, quais sejam: declarativo (afirmativo e negativo), interrogativo e imperativo. As *orações declarativas afirmativas* distinguem-se das declarativas negativas por não trazerem o morfema descontínuo **{n(a)=...-i(te)}**, que caracteriza essas últimas; diferenciam-se das orações interrogativas por não apresentarem nem palavras interrogativas nem entonação específicas, e das imperativas por não terem prefixos pessoais distintos. Por conseguinte, as orações declarativas afirmativas são as orações não-marcadas na língua.

As *orações declarativas negativas* são estabelecidas com um morfema descontínuo composto pelo proclítico **n(a)=** e pelo sufixo **-i(te)**, que ocorrem, respectivamente, antecedendo e seguindo as marcas de pessoa verbais. Esse morfema descontínuo é utilizado para se negar todos os tipos de predicados da língua, nas orações independentes, e pode ser seguido por uma partícula.

Quanto às *orações interrogativas*, há dois subtipos: as *perguntas de conteúdo* e as *perguntas polares* ('sim-não'). As perguntas de conteúdo são compostas pelas palavras interrogativas **awa** 'quem' e **mae** 'o que', que aparecem na primeira posição oracional. Já nas perguntas 'sim-não', há o emprego de tom ascendente (↗) na forma verbal.

As *orações imperativas* possuem formas exclusivamente para as segundas pessoas e são constituídas por verbos transitivos e intransitivos marcados pelos prefixos pessoais **{e-}** e **{pe-}**, para as segundas pessoas do singular e do plural, nessa ordem. Nas orações com verbos transitivos esses prefixos indicam o sujeito e o verbo ocorre na primeira posição da oração, seguido do objeto. Caso haja adjuntos, estes seguirão o objeto. Nas orações com verbos intransitivos ativos o verbo pode ser seguido de um adjunto.

Foram brevemente consideradas as *orações coordenadas*. Como foi visto, a estratégia até agora encontrada nos dados para se coordenarem orações é a *justaposição*, diferentemente do que ocorre em outras línguas Tupi-Guarani, que possuem conjunções e partículas que marcam a ordenação. Os verbos que ocorrem nas orações coordenadas recebem as mesmas marcas pessoais que os verbos das orações não coordenadas equivalentes. Assim, os verbos transitivos e intransitivos ativos recebem os prefixos pessoais da Série I, ao passo que os verbos intransitivos descritivos são marcados pelos pronomes clíticos. Foram visto casos em que as orações coordenadas eram do

mesmo tipo, como duas orações transitivas ou duas orações intransitivas, ativas e descritivas, além de casos em que a coordenação ocorria entre orações de tipos distintos, como uma transitiva e uma intransitiva ativa. Esse estudo sobre as orações coordenadas é ainda incipiente, já que os dados disponíveis não me permitiram, por exemplo, classificá-las, de acordo com as relações lógicas<sup>316</sup> que expressam.

Foram analisadas as nove possibilidades de *apagamento de sintagmas nominais idênticos (sujeitos e objetos)* em orações coordenadas na língua, que são: 1) na coordenação de orações transitivas **A1=A2** e **P1=P2**; 2) na coordenação de orações intransitivas ativas **Sa1=Sa2**; 3) na coordenação de orações intransitivas descritivas **So1=So2**; e 4) na coordenação de orações mistas **Sa1=A1**, **Sa1=P2**, **A1=Sa2**, **P1=Sa2** e **Sa=So**.

Por fim, discuti rapidamente a hipótese de que o Avá-Canoeiro seria uma língua de estrutura ativa, como o Kamaiurá e o Tapirapé. Para isso, apresentei alguns traços que o Avá-Canoeiro possui em comum com essas línguas, principalmente a existência da *distinção entre ‘verbos ativos’*, que denotam atividades, ações e eventos, e *‘verbos estativos’*, que expressam estados, e a *presença de duas séries de afixos verbais pessoais*, uma ativa, para os verbos ativos (Série I), e uma inativa, para os verbos estativos (Série III).

Muitos tópicos desta tese deverão ser melhor aprofundados em estudos futuros, como as fontes do fonema /ɛ/, os processos morfofonológicos, os prefixos relacionais, a marcação de pessoa, o caso nuclear {-a}, as posposições, os demonstrativos, as partículas (especialmente a enfática **tõ**), os processos de formação de palavras, a ordem frasal, a subordinação de orações e o padrão ativo-estativo. Vejo, desse modo, este estudo não como algo pronto, concluído, mas como um ponto de partida para um maior entendimento dessa língua. Pretendo de agora em diante buscar completar as lacunas deixadas nessa análise, aprofundar aspectos tratados apenas superficialmente e descobrir fenômenos lingüísticos ainda desconhecidos, como as nominalizações. Um conhecimento sistematizado da prosódia do Avá-Canoeiro, por exemplo, será fundamental para uma melhor compreensão do padrão acentual, da constituição silábica, dos processos de epêntese e alongamento vocálicos, assim como das reduplicações, da ordem frasal e do caso nuclear.

O primeiro desafio, no entanto, será tentar motivar os Avá-Canoeiros do Estado do Tocantins (já que no momento ainda não posso retomar a pesquisa com os Goiás, dada a situação política lá instaurada e a conseqüente não permissão de ingresso), a participarem ativamente desse

<sup>316</sup> Payne (1997: 336-341), por exemplo, no que concerne a relações lógicas, subdivide as orações coordenadas em três tipos: a) *conjunção* (a e b; nem a nem b); b) *disjunção* (a ou b); e c) *exclusão* (a e não b). Espero poder discutir esses tipos em estudos futuros.

estudo e buscar meios de criar mais oportunidades de uso da língua Avá-Canoeiro e de ampliação de seu leque de funções na aldeia Canoanã. Neste ano pretendo que iniciemos juntos, eu e os Avá-Canoeiro, um pequeno projeto de documentação do léxico da língua, referente a plantas, animais, aves, pássaros, peixes e répteis da região. Kawkama e Agadmi mostraram-se entusiasmados com a proposta.

Como diz Crystal (2000), já é muito tarde para se tentar salvar muitas línguas do mundo. É demasiado tarde também para diversas línguas indígenas brasileiras, cujos povos que as falavam foram sendo paulatinamente dizimados sem nenhuma piedade, desde o ‘descobrimento’ do país. Acredito, porém, que ainda não é tarde para o Avá-Canoeiro e será nesse sentido que buscarei nortear meus estudos e minhas ações desta tese em diante. Embora as condições de sobrevivência da língua e, de modo especial, do povo Avá-Canoeiro sejam alarmantes, há muito que ainda posso fazer e esta tese é apenas uma contribuição inicial neste sentido.



## Referências Bibliográficas

ABBI, A. *A manual of linguistic field work and structures of indian languages*. LINCOM EUROPA, 2001.

ADELAAR, W. F. H. “La diversidad lingüística y la extinción de las lenguas”. QUEIXALÓS, F. & RENAULT-LESCURE, O. (orgs.). *As línguas amazônicas hoje*. São Paulo: Instituto Socioambiental (ISA)/IRD/MPEG, 2000. 29-36pp.

ALMEIDA, A.; IRMÃZINHAS DE JESUS & PAULA, L. G. *A língua Tapirapé*. Rio de Janeiro: Xerox do Brasil, 1983.

ANATOMIA HUMANA. Série Atlas visuais. São Paulo: Ática, 2001.

ANCHIETA, Pe. José. *Artes de Gramática da língua mais usada na costa do Brasil*. São Paulo: Edições Loyola, 1990.

ANDERSON, L. & COX, D. “Learning Candoshi monolingually”. HEALEY, A. (ed.). *Language learner’s field guide*. Ukarumpa/Papua Nova Guinea: Summer Institute of Linguistics, 1976. 277-280pp.

ANDERSON, S. “Typological distinctions in word formation”. SHOPEN, T. *Language Typology and Syntactic Description*. Vol. III (Grammatical Categories and the Lexicon). Cambridge: Cambridge University Press, 1985a. 03-56pp.

\_\_\_\_\_. “Inflectional Morphology”. SHOPEN, T. *Language Typology and Syntactic Description*. Vol. III (Grammatical Categories and the Lexicon). Cambridge: Cambridge University Press, 1985b. 150-201pp.

ANDREWS, A. “The major functions of the noun phrase”. SHOPEN, T. *Language Typology and Syntactic Description*. Vol. I (Clause Structure). Cambridge: Cambridge University Press, 1985. 62-154pp.

ARTIAGA, Z. “Os Canoeiros”. *Dos índios do Brasil Central*. Uberaba: Triângulo, 1959. 81-87pp.

AURELI, W. *Sumaúma*. São Paulo: Clube do Livro, 1966.

BAINES, S. G. “É a FUNAI que sabe”. *A frente de Atração Waimiri-Atroari*. Coleção Eduardo Galvão. Belém: MPEG/CNPq/SCT/PR, 1990.

\_\_\_\_\_. “O território dos Waimiri-Atroari e o indigenismo empresarial”. *Ciências Sociais Hoje*. São Paulo: HUCITEC, 1993. 219-243pp.

\_\_\_\_\_. “A resistência Waimiri-Atroari frente ao ‘indigenismo de resistência’”. *Série Antropologia 211*. Brasília: UnB/DAN, 1996.

BALDUS, H. *Tapirapé. Tribo Tupi no Brasil Central*. São Paulo: Nacional/ EDUSP, 1970 (Coleção Brasileira n. 17).

BARBOSA, J. N. *Contribuição à análise fonológica do Suruí do Tocantins*. Brasília: UnB, 1993 (Dissertação de Mestrado em Lingüística).

BARRETO, J. C. S. C. *Meu encontro Avá-Canoeiro*. Goiânia: Editora Alfhard Comunicações Ltda., 1987.

BAUER, M. W. & GASKELL, G. *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som. Um manual prático*. 3ª ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

BENDOR-SAMUEL, D. *Hierarchical structures in Guajajara*. Norman: SIL of the University of Oklahoma, 1972.

\_\_\_\_\_. (ed.) *Tupi Studies I*. Norman: SIL, 1971.

BENVENISTE, E. “Estrutura das relações de pessoa no verbo”. *Problemas de Lingüística Geral I*. 3ª ed. Campinas: Pontes, 1991. 247-259pp.

\_\_\_\_\_. “A natureza dos pronomes”. *Problemas de Lingüística Geral I*. 3. ed. Campinas: Pontes, 1991. 277-283pp.

BERLIN, B. & KAY, P. *Basic color terms: their universality and evolution*. Berkeley: University of California Press, 1969.



BERTRAN, P. *História de Niquelândia. Do distrito de Tocantins ao Lago de Serra da Mesa*. 2. ed. Brasília: Verano, 1998.

BLAKE, B. J. *Case*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

BORGES, M. V. *Relatórios das atividades realizadas na Área Avá-Canoeiro*. Goiânia: UFG/MA, 2001/2002 (n<sup>os</sup>, 1, 2, 3 e 4).

\_\_\_\_\_. *Notas sobre o Projeto Avá-Canoeiro: língua e educação*. Comunicação apresentada no XLIX Seminário do Grupo de Estudos Lingüísticos do Estado de São Paulo (GEL). Marília: Fundação Eurípedes Soares da Rocha, 2001.

\_\_\_\_\_. “Notas sobre o Projeto Avá-Canoeiro: língua e educação”. *Programação e Resumos do XLIX Seminário do Grupo de Estudos Lingüísticos do Estado de São Paulo (GEL)*. Marília: Fundação Eurípedes da Rocha, 2001a. 285p.

\_\_\_\_\_. “O estudo do Avá: relato e reflexões sobre a análise de uma língua ameaçada de extinção”. *LIAMES (Línguas Indígenas Americanas)*. Campinas: UNICAMP/IEL, 2002. n. 2. 85-104pp.

\_\_\_\_\_. *A expressão de posse na língua Avá-Canoeiro (Tupi-Guarani): aspectos preliminares*. Comunicação apresentada na Mesa “Construções Genitivas em Línguas Indígenas Brasileiras”, no L Seminário do GEL. São Paulo: USP, 2002a.

\_\_\_\_\_. “A expressão de posse na língua Avá-Canoeiro (Tupi-Guarani): aspectos preliminares”. *Resumos do 50º Seminário do GEL*. São Paulo: USP, 2002b. 46p.

\_\_\_\_\_. *Notas preliminares sobre a fonologia segmental do Avá-Canoeiro (Tupi-Guarani)*. Comunicação apresentada no L Seminário do GEL. São Paulo: USP, 2002c.

\_\_\_\_\_. *Reflexões sobre a análise da língua Avá-Canoeiro*. Comunicação apresentada no Simpósio “O papel da Lingüística, da Sociolingüística e da Antropologia no projeto educacional e de vitalização da língua e da cultura Avá-Canoeiro”, na 54ª Reunião Anual da SBPC (Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência). Goiânia: UFG, 2002d.

\_\_\_\_\_. *Aspectos da fonologia da língua Avá-Canoeiro (Tupi-Guarani)*. Comunicação apresentada no 5º Encontro do CELSUL (Círculo de Estudos Lingüísticos do Sul). Curitiba: UFPR, 2002e.

\_\_\_\_\_. “Aspectos da fonologia da língua Avá-Canoeiro (Tupi-Guarani)”. *Programação e Resumos do 5º CELSUL*. Curitiba: UFPR, 2002f. 124-125pp.

\_\_\_\_\_. *Aspectos da cultura e da língua Avá-Canoeiro*. Comunicação apresentada no VIII SETA (Seminário de Teses em Andamento). Campinas: UNICAMP, 2002g.

\_\_\_\_\_. “Aspectos da cultura e da língua Avá (Canoeiro)”. *Caderno de Resumos do VIII SETA-Seminário de Teses em andamento*. Campinas: IEL/UNICAMP, 2002h. 13-14pp.

\_\_\_\_\_. *A expressão de posse na língua Avá-Canoeiro (Tupi-Guarani): aspectos preliminares*. Campinas: UNICAMP/IEL, 2002i (mimeo).

\_\_\_\_\_. “Notas preliminares sobre a fonologia segmental do Avá-Canoeiro (Tupi-Guarani)”. *Resumos do 50º Seminário do GEL*. São Paulo: USP, 2002j. 47p.

\_\_\_\_\_. *Fonologia Segmental do Avá-Canoeiro (Tupi-Guarani)*. Campinas: UNICAMP/IEL, 2003 (mimeo).

\_\_\_\_\_. *Evidências fonológicas de parentesco genético entre Avá-Canoeiro e Tupi-Guarani*. Campinas: UNICAMP/IEL, 2003a (mimeo).

\_\_\_\_\_. *Observações sobre nomes e verbos em Avá-Canoeiro (Tupi-Guarani)*. Campinas: UNICAMP/IEL, 2003b (mimeo)

\_\_\_\_\_. “Considerações sobre o relacionamento entre Avá-Canoeiro e Tupi-Guarani: correspondências fonológicas”. Comunicação apresentada no 51º Seminário do GEL. Taubaté: UNITAU, 2003c.

\_\_\_\_\_. “Considerações sobre o relacionamento entre Avá-Canoeiro e Tupi-Guarani: correspondências fonológicas”. *Programação Geral e Caderno de Resumos do 51º Seminário do GEL*. Taubaté: UNITAU, 2003d. 327p.

\_\_\_\_\_. “Observações sobre nomes e verbos em Avá-Canoeiro (Tupi-Guarani)”. Comunicação apresentada no *II Encontro Nacional do GELCO*, na Mesa-Redonda “Aspectos morfossintáticos de línguas indígenas brasileiras”. Goiânia: UFG, 2003e.

\_\_\_\_\_. “Observações sobre nomes e verbos em Avá-Canoeiro (Tupi-Guarani).” *Programação e Resumos do II Encontro Nacional do GELCO (Grupo de Estudos da Linguagem do Centro-Oeste)*. Goiânia: UFG, 2003f. 56-57pp.

\_\_\_\_\_. “Aspectos da marcação de pessoa no verbo Avá-Canoeiro (Tupi-Guarani)”. Comunicação apresentada no *I Workshop sobre Línguas Indígenas*. UNICAMP: Instituto de Estudos da Linguagem, 2003g.

\_\_\_\_\_. “Aspectos da marcação de pessoa no verbo Avá-Canoeiro”. *Caderno de Resumos do I Workshop sobre Línguas Indígenas*. Campinas: UNICAMP/IEL, 2003h. 10p.

\_\_\_\_\_. *Notas sobre a realidade sociolingüística dos Avá-Canoeiro do Tocantins: relato de uma experiência em curso*. Qualificação na área de Sociolingüística. Campinas: IEL/UNICAMP, 2004a.

\_\_\_\_\_. “Nomes e verbos em Avá-Canoeiro (Tupi-Guarani)”. Comunicação apresentada no Simpósio em Lingüística Antropológica (Categorias de Línguas e Categorias Cognitivas). São Paulo: USP, 2004b.

\_\_\_\_\_. *Evidências fonológicas para a classificação genética do Avá-Canoeiro (Tupi-Guarani)*. Qualificação na área de Lingüística Histórico-Comparativa. Campinas: IEL/UNICAMP, 2004c.

\_\_\_\_\_. “Aspectos de morfologia nominal e verbal da língua Avá-Canoeiro (Tupi-Guarani)”. *Programação e Resumos do 52º Seminário do GEL*. Campinas: UNICAMP, 2004d. 52-53pp.

\_\_\_\_\_. “Posposições da língua Avá-Canoeiro (Tupi-Guarani)”. Comunicação apresentada no I Encontro Internacional sobre Línguas e Culturas dos Povos Tupi. Brasília: UnB, 2004e.

\_\_\_\_\_. “Posposições da língua Avá-Canoeiro (Tupi-Guarani)”. *Livro de Resumos*. I Encontro Internacional sobre Línguas e Culturas dos Povos Tupi. Brasília: UnB, 2004f. 07-08pp.

\_\_\_\_\_. “Aspectos do contato entre a língua Avá-Canoeiro (Tupi-Guarani) e o português: interferência, empréstimos e alternância de código”. Comunicação apresentada no III Encontro da Associação Brasileira de Estudos Crioulos e Similares (ABECS). São Paulo: USP, 2004g.

\_\_\_\_\_. “Aspectos do contato entre a língua Avá-Canoeiro (Tupi-Guarani) e o português: interferência, empréstimos e alternância de código”. *Cadernos de Resumos*. III Encontro da Associação Brasileira de Estudos Crioulos e Similares (ABECS). São Paulo: USP, 2004h. 25-26pp.

\_\_\_\_\_. “Posposições da língua Avá-Canoeiro”. *Atas do I Encontro Internacional sobre línguas e culturas dos Povos Tupi*. Brasília: UnB, 2005 (no prelo).

\_\_\_\_\_. “Considerações preliminares sobre as orações independentes do Avá-Canoeiro (Tupi-Guarani)”. Comunicação apresentada no 53º Seminário do GEL. São Carlos: UFSCAR, 2005a.

\_\_\_\_\_. “Considerações preliminares sobre as orações independentes do Avá-Canoeiro (Tupi-Guarani)”. *Programação e Resumos do 53º Seminário do GEL*. São Carlos: UFSCAR, 2005b. 41p.

BORGES, M. V. & LEITÃO, R. M. *Relatório trimestral das atividades realizadas na Área Avá-Canoeiro*. Goiânia: UFG/MA, 2002 (mimeo).

\_\_\_\_\_. *O papel da Etnografia e da Lingüística em projetos de educação indígena: o caso Avá-Canoeiro*. Comunicação apresentada no Seminário do Grupo de Estudos sobre Relações Interétnicas. Brasília: UnB/DAN, 2003.

\_\_\_\_\_. “Relato e reflexões sobre a pesquisa com os Avá-Canoeiro (Tupi-Guarani): subsídios educacionais”. *Caderno de Resumos do 14º Congresso de Leitura do Brasil/II Congresso da História do livro e da leitura no Brasil*. V Encontro sobre leitura e escrita nas sociedades indígenas. Campinas: Associação de Leitura do Brasil/UNICAMP, 2003a. 82p.

\_\_\_\_\_. “Relato e reflexões sobre a pesquisa com os Avá-Canoeiro (Tupi-Guarani): subsídios educacionais”. Comunicação apresentada no V Encontro sobre leitura e escrita nas sociedades indígenas. Campinas: UNICAMP, 2003b.

BOUDIN, M. *Dicionário de Tupi Moderno (Dialeto Tembê-Ténétéhar do Alto do Rio Gurupi)*. Vols. I e II. São Paulo: Conselho Estadual de Artes e Ciências Humanas, 1978.

BRAGGIO, S. L. B. *Projeto Avá-Canoeiro. Uma proposta de educação: vitalização da língua e da cultura*. Goiânia: UFG/FL/DELL, 2000 (mimeo).

\_\_\_\_\_. ““Fé cega, faca amolada”: projeto Avá-Canoeiro. Relato das atividades de letramento e sistematização de aquisição da escrita/leitura alfabética”. *Signótica*. Goiânia: UFG. Vol. 15, n. 2, 2003. 271-302pp.

\_\_\_\_\_. “O papel da pesquisa sociolingüística em projetos de educação, vitalização de língua e cultura: relatos sociolingüísticos dos Avá-Canoeiro de Minaçu”. *LIAMES (Línguas Indígenas Americanas)*. Campinas: UNICAMP/IEL, 2003a. n. 3. 113-133pp.

BRANDON, F. R. & SEKI, L. “Moving interrogatives without an initial +WH node in Tupi”. COOK, E. & GERDTS, D. B. (des.). *Syntax of native American Languages. Syntax and Semantics Vol. 16*. Nova Iorque: Academic Press, 1984. 72-102pp.

\_\_\_\_\_. “Interrogativos e complementizadores em línguas Tupi”. *Estudos Lingüísticos V. Anais de Seminários do GEL*. São Paulo: PUC-SP, 1981. 107-114pp.

CABRAL, A. S. A. C. “Sobre a história das línguas Tupi-Guarani faladas no Tocantins”. SIMÕES, M. S. (org.). *Populações e tradições às margens do Tocantins: um diálogo entre a cultura e a biodiversidade*. Belém: UFPA/IFNOPAP, 2004. 301-314pp.

\_\_\_\_\_. “Observações sobre a história do morfema -a da família Tupi-Guarani”. QUEIXALÓS, F. (ed.) *Des noms et des verbes em Tupi-Guarani: état de la question*. Muechen: LINCOM EUROPA, LINCOM Studies in Native American Linguistics 37, 2001. 133-162pp.

\_\_\_\_\_. “Aspectos da marcação de caso no Asurini do Tocantins”. CD-ROM do XIII Congresso da ANPOLL. Campinas: UNICAMP, 2000.

\_\_\_\_\_. “Flexão relacional na Família Tupi-Guarani”. *Boletim da ABRALIN n. 25*. Fortaleza: Imprensa Universitária/UFC, 2000a. 233-262pp

\_\_\_\_\_. “A propósito das oclusivas sonoras do Jo’ê”. *Moara n. 9*. Revista dos Cursos de Pós-Graduação em Letras da UFPA. Belém: UFPA, 1998. 53-71pp.

\_\_\_\_\_. “Prefixos Relacionais no Asurini do Tocantins”. *MOARA n. 8*. Revista dos Cursos de Pós-Graduação em Letras da UFPA. Belém: UFPA, 1997. 07-24pp.

CABRAL, A. S. A. C. & RODRIGUES, A. D. (orgs.). *Dicionário Asurini do Tocantins-Português*. Belém: Editora da UFPA, 2003.

CAMPBELL, L. *Historical Linguistics: an introduction*. Cambridge: The MIT Press, 2001.

CARDOSO DE OLIVEIRA, R. “O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, escrever”. *O trabalho do antropólogo*. 2. ed. Brasília: Paralelo 15; São Paulo: Editora UNESP, 2000. 17-35pp.

\_\_\_\_\_. *Os Diários e suas margens: viagem aos territórios Terena e Tükuna*. Brasília: Editora da UnB, 2002.

CARVALHO, M. G. P. *Sinais de morte ou de vitalidade? Mudanças estruturais na língua Tembé*. Belém: UFPA, 2001 (Dissertação de Mestrado).

\_\_\_\_\_. “A propósito da distinção entre nomes, verbos e descritivos em Tembé”. *Boletim da ABRALIN n. 26. Anais do II Congresso Internacional da ABRALIN. Vol. II*, 2001. 353-355pp.

\_\_\_\_\_. “Mudanças estruturais na língua Tembé”. CABRAL, A. S. A. C. & RODRIGUES, A. R. (orgs.). *Línguas Indígenas Brasileiras. Fonologia, gramática e história*. Atas do I Encontro Internacional do Grupo de Trabalho sobre Línguas Indígenas da ANPOLL. Tomo II. Belém: Editora Universitária-Pará, 2002. 281-291pp.

CASTRO FARIA, L. *Um outro olhar: diário da expedição à Serra do Norte*. Rio de Janeiro: Editora Ouro, 2001.

CLEMENTS, G. N. & OSU, S. "Patterns of nasality and obstruence in Ikwere, an African Language with nasal harmony". CABRAL, A. S. A. C. & RODRIGUES, A. R. (orgs.). *Línguas Indígenas Brasileiras. Fonologia, gramática e história*. Atas do I Encontro Internacional do Grupo de Trabalho sobre Línguas Indígenas da ANPOLL. Tomo I. Belém: Editora Universitária-Pará, 2002. 41-59pp.

COMRIE, B. *Language universals and linguistic typology. Syntax and morphology*. 2<sup>nd</sup> edition. Chicago: The University of Chicago Press, 1989.

\_\_\_\_\_. "Causative verb formation and the other verb-deriving morphology". SHOPEN, T. *Language Typology and Syntactic Description*. Vol. III (Grammatical Categories and the Lexicon). Cambridge: Cambridge University Press, 1985. 309-348pp.

COMRIE, B. & SMITH, N. "Lingua descriptive studies: questionnaire". *Lingua* 42, 1977. 01-72pp.

CORBERA MORI, A. H. "Características morfosintáticas del Aguaruna (Jíbaro)". *Cadernos de Estudos Lingüísticos n° 34*. Campinas: UNICAMP/IEL, 1998. 157-168pp.

COSTA, M. A. *A nação do Awato*. Relatório final Avá-Canoeiro do Tocantins. Pesquisa antropológica das UHEs Serra da Mesa e Cana Brava. Goiânia: UCG, 1992.

COSTA, M. A. & PEDROSO, D. M. R. (orgs.) *Projeto Avá-Canoeiro do Tocantins (I Etapa - 1983 a 1987)*. Goiânia: Universidade Católica de Goiás/Instituto Goiano de Pré-História e Antropologia, 1988.

COUCHILI, T.; MAUREL, D. & QUEIXALÓS, F. "Classes de lexèmes en Émérillon". *Ameríndia* 26/27, 2002. 173-208pp.

COUTO DE MAGALHÃES, J. V. *Viagem ao Araguaia*. 6<sup>a</sup> ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1975 (Coleção Brasileira n. 28). (1. ed. de 1957).

COWAN, G. "The monolingual approach to studying Amuzgo". HEALEY, A. (ed.). *Language learner's field guide*. Ukarumpa/Papua Nova Guiné: Summer Institute of Linguistics, 1976. 272-276pp.

CRAIG, C. G. "Los lingüistas frente a las lenguas indígenas". QUEIXALÓS, F. & RENAULT-LESCURE, O. (orgs.). *As línguas amazônicas hoje*. São Paulo: Instituto Socioambiental (ISA)/IRD/MPEG, 2000. 37-52pp.

CROFTS, M. "Repeated morphs in Mundurukú". *Estudos sobre línguas e culturas indígenas*. Brasília: SIL, 1971. Edição Especial. 60-80pp.

CROFT, W. *Typology and universals*. 2<sup>nd</sup> edition. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

CRYSTAL, D. *Language Death*. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.

CUNHA MATTOS, R. J. *Chorographia historica da provincia de Goyaz (1824)*. Goiânia: Convênio SUDECO/Governo do Estado de Goiás, 1979.

DeLANCEY, S. *Lexical categories*. Lecture 2. LSA Summer Institute, UC Santa Barbara, 2001.

DIXON, R. M. W. *Adjective classes*. Austrália: Research Centre for Linguistic Typology/La Trobe University, 2002 (<http://www.latrobe.edu.au/rclt/workshops/2002>).

\_\_\_\_\_. *Ergativity*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

\_\_\_\_\_. “Where have all the adjective gone?”. *Studies in Language 1*: 1977. 19-80pp.

DOOLEY, R. A. “The positioning of non-pronominal clitics and particles in Lowland South American Languages”. PAYNE, D. (ed.) *Amazonian Linguistics Studies in Lowland South American Languages*. Austin: University of Texas Press, 1990. 457-493pp.

DRYER, M. S. “On the six-way word order typology”. *Studies in Language 21*: 1997. 69-103pp.

DUARTE, F. B. “Codificação de argumentos e ergatividade (cindida) em Tenetehára”. Belo Horizonte: UFMG, 2005 (mimeo).

\_\_\_\_\_. “Propriedades denotacionais do prefixo relacional de não-contigüidade {i- ~ h-} na língua Tenetehar”. Comunicação apresentada no 52<sup>o</sup> Seminário do GEL. Campinas: UNICAMP, 2004 (mimeo).

\_\_\_\_\_. *Ordem de constituintes e movimento em Tembé: minimalismo e anti-simetria*. Belo Horizonte: UFMG, 2003 (Tese de Doutorado em Lingüística).

\_\_\_\_\_. “Negação e movimento do verbo na língua Tembé”. CABRAL, A. S. A. C. & RODRIGUES, A. R. (orgs.). *Línguas Indígenas Brasileiras. Fonologia, gramática e história*. Atas do I Encontro Internacional do Grupo de Trabalho sobre Línguas Indígenas da ANPOLL. Tomo I. Belém: Editora Universitária-Pará, 2002. 374-384pp.

\_\_\_\_\_. “Ordem dos constituintes na língua Tembé”. *Universa. Revista da UCB*. Brasília: Universidade Católica de Brasília, 1998. Vol. 6. 71-80pp.



\_\_\_\_\_. *Análise gramatical das orações da língua Tembé*. Brasília: UnB, 1997 (Dissertação de Mestrado em Lingüística).

DURANTI, A. *Linguistic Anthropology*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

EIRÓ, J. G. “Aspectos da fonologia da língua Tembé”. CABRAL, A. S. A. C. & RODRIGUES, A. R. (orgs.). *Línguas Indígenas Brasileiras. Fonologia, gramática e história*. Atas do I Encontro Internacional do Grupo de Trabalho sobre Línguas Indígenas da ANPOLL. Tomo I. Belém: Editora Universitária-Pará, 2002. 385-391pp.

\_\_\_\_\_. *Contribuição à análise fonológica da língua Tembé*. Belém: UFPA, 2001 (Dissertação de Mestrado em Lingüística).

\_\_\_\_\_. “Observações sobre a fonologia Tembé”. *Boletim da ABRALIN n. 26. Anais do II Congresso Internacional da ABRALIN. Vol. II*, 2001a. 251-253pp.

EVERETT, D. “Monolingual field research”. NEWMAN, P. & RATLIFF, M. *Linguistic Fieldwork*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001. 165-188pp.

EVERETT, D. & SEKI, L. “Reduplication and CV Skeleta in Kamayurá”. *Linguistic Inquiry*, 1985. Vol. 16, n, 2, 326-330pp.

FACÓ SOARES, M. *A perda da nasalidade e outras mutações vocálicas em Kokáma, Asurini e Guajajara*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1979 (Dissertação de Mestrado).

FACÓ SOARES, M. & LEITE, Y. “Vowel shift in the Tupi-Guarani Language Family: a typological approach”. KEY, M. R. (ed.). *Language change in South American Indian Languages*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1991. 36-53pp.

FARGETTI, C. M. “Verbos estativos em Juruna”. *Estudos Lingüísticos XXXII*. São Paulo: USP/FFLCH, 2003. CD-ROM.

\_\_\_\_\_. “Re-re-reduplicação em Jurúna”. *Actas de las III Jornadas de Lingüística Aborígen*. Buenos Aires: Universidad de Buenos Aires, 1997. 199-205pp.

FIGUEIREDO, G. R. *O Ramo IV e o seu desmembramento em línguas independentes: contribuição aos estudos histórico-comparativos da família Tupi-Guarani*. Belém: UFPA, 2004 (Dissertação de Mestrado).

GALVÃO, E. *Diários de campo entre os Tenetehara, Kaioá e índios do Xingu*. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ; Museu do Índio/FUNAI, 1996.



- GIVÓN, T. *Syntax*. Vols. I and II. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2001.
- GLEASON Jr., H. A. *Introdução à Lingüística Descritiva*. 2. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1985.
- GOMES, I. P. *Aspectos fonológicos do Parakanã e morfossintáticos do Awá-Guajá (Tupi)*. Recife: UFPE, 1991 (Dissertação de Mestrado em Lingüística).
- GOMES, D. M. “A reduplicação verbal em Munduruku”. Comunicação apresentada no I Encontro Internacional sobre Línguas e Culturas dos Povos Tupi. Brasília: UnB, 2004.
- GRANADO, E. “Populações indígenas e empreendimentos hidrelétricos – Os Avá-Canoeiro e o AHE Serra da Mesa”. Trabalho apresentado no 70th Annual Meeting of ICOLD, Brazilian Committee on DAMS. Foz do Iguaçu, 2002.
- GREENBERG, J. H. “Some universals of grammar with particular reference to the order of meaningful elements”. GREENBERG, J. H. (org.). *Universals of Language*. Cambridge: MIT Press, 1963. 73-113pp
- GRENOBLE, L. A. & WHALEY, L. I. (eds.) *Endangered languages. Language loss and community response (currents issues and future prospects)*. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.
- GRINEVALD, C. “Language endangerment in South America: a programmatic approach”. GRENOBLE, L. A. & WHALEY, L. I. (eds.) *Endangered languages. Language loss and community response (currents issues and future prospects)*. Cambridge: Cambridge University Press, 1998. 124-159pp.
- GROSJEAN, F. *Life with two languages: an introduction to bilingualism*. Cambridge: Harvard University Press, 1982.
- GUDSCHINSKY, S. C. & AARON, W. M. “Some relational post-positionals of Guarani”. *Estudos sobre línguas e culturas indígenas*. Brasília: SIL, 1971. Edição Especial. 81-95pp.
- HALE, K. “On endangered languages and the importance of linguistic diversity”. GRENOBLE, L. A. & WHALEY, L. I. (eds.) *Endangered languages. Language loss and community response (currents issues and future prospects)*. Cambridge: Cambridge University Press, 1998. 192-216pp.
- HAMEL, R. E. “La política del lenguaje y el conflicto interétnico. Problemas de investigación sociolingüística”. ORLANDI, E. P. (org.). *Política lingüística na América Latina*. Campinas: Pontes, 1988. 41-73pp.

HARRISON, C. "The interplay of causative and desiderative in Guajajara". *MOARA n. 4. Revista dos Cursos de Pós-Graduação em Letras/UFPA*. Belém: Pará, out/1995-mar/1996. 83-114pp.

\_\_\_\_\_. "Verb prominence, verb initialness, ergativity and typological disharmony in Guajajara". DERBYSHIRE, D. C. & PULLUM, G. K. (eds.). *Handbook of Amazonian Languages*. Vol. 1. Berlin: Mouton de Gruyter, 1986. 407-439pp.

\_\_\_\_\_. *Gramática Asurini*. Série Lingüística 4. Brasília: SIL, 1975.

\_\_\_\_\_. *Relatório Avá-Canoeiro*. Brasília: SIL, 1974. (Arquivo Lingüístico nº 020).

\_\_\_\_\_. "The morphophonology of Asurini words". *Tupi Studies I*. Norman: SIL of the University of Oklahoma, 1971. 21-71pp.

HEALEY, A. (ed.). *Language learner's field guide*. Ukarumpa/Papua Nova Guinea: Summer Institute of Linguistics, 1976.

\_\_\_\_\_. "Una lista de palabras apropiadas para la elicitación monolingüe". HEALEY, A. *Trabajo de campo: guía para los que quieren aprender un nuevo idioma*. Bogotá: Instituto Lingüístico de Verano, 1980. 375-381 pp. (traducción de *Language learner's field guide*).

HENGEVELD, K.; RIJKHOFF, J. & SIEWIERSKA, A. "Parts-of-speech systems and word order". *Journal of Linguistics n. 40*, 2004. 527-570pp.

HIMMELMANN, N. P. "Documentary and Descriptive Linguistics". *Linguistics 36*, 1998. 161-195pp.

HOPPER, P. J. & THOMPSON, S. A. "Transitivity in grammar and discourse". *Language n.56*, 1980. 251-299pp.

HYMAN, L. M. "Fieldwork as a state of mind". NEWMAN, P. & RATLIFF, M. *Linguistic Fieldwork*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001. 15-33pp.

\_\_\_\_\_. *Phonology: theory and analysis*. New York: Holt, Rinehart and Winston, 1975.

INSETOS. *Guia prático*. São Paulo: Nobel, 1999.

IPA. *Handbook of The International Phonetic Association*. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.

IRMÃZINHAS DE JESUS. *O renascer do povo Tapirapé: diário das Irmãzinhas de Jesus de Charles de Foucauld. 1952-1954*. São Paulo: Editora Salesiana, 2002.

JENSEN, C. J. S. “Tupi-Guarani”. DIXON, R. M. W. & AIKHENVALD, A.Y. *The Amazonian Languages*. Cambridge: Cambridge University Press, 1999. 125-163pp.

\_\_\_\_\_. “Comparative Tupi-Guarani morphosyntax”. DERBYSHIRE, D. C. & PULLUM, G. K. *Handbook of Amazonian Languages*. Vol. 4. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 1998. 480-618pp.

\_\_\_\_\_. “Cross-referencing changes in some Tupi-Guarani languages”. PAYNE, D. L. (ed.). *Amazonian Linguistics. Studies in Lowland South American Languages*. Austin: University of Texas, 1990. 117-158pp.

\_\_\_\_\_. *O desenvolvimento histórico da língua Wayampi*. Campinas: Editora da Unicamp, 1989 (Série Línguas Indígenas).

KAUFMAN, T. *Questionário lexical e gramatical*. SAILDP (Projeto de Documentação das Línguas Indígenas da América do Sul). s/d.

KIBRIK, A. E. *The methodology of field investigations in linguistics (Setting up the problem)*. Paris: The Hague/Mouton, 1977.

KLIMÓV, G. A. “On the character of languages of active typology”. *Linguistics n. 131*, 1974. 11-25pp.

LADEFOGED, P. & MADDIESON, I. *The sounds of the world's languages*. Oxford: Blackwell Publishers, 1996.

LAVIER, J. *Principles of phonetics*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

LEITÃO, R. M. *Relatórios das atividades realizadas na área Avá-Canoeiro*. Goiânia: UFG/MA, 2001/2002 (n<sup>os</sup>. 1, 2, 3 e 4).

\_\_\_\_\_. *Relato de experiências de pesquisa entre os Avá-Canoeiro: alternativas de registros etnográficos para um projeto de educação*. Comunicação apresentada no 5º Encontro do CELSUL (Círculo de Estudos Lingüísticos do Sul). Curitiba: UFPR, 2002.

LEITE, Y. “A nasalidade vocálica em Tapirapé”. *Letras de Hoje*. Porto Alegre. v. 38, n. 4, 2003. 49-61pp.

\_\_\_\_\_. “O estatuto dos sintagmas nominais de sujeito e objeto em Tapirapé”. QUEIXALÓS, F. (org.) *Des noms et des verbes em Tupi-Guarani: état de la question*. LINCOM Studies in Native American Linguistics 37. LINCOM EUROPA, 2001. 87-101pp.

\_\_\_\_\_. “Estrutura silábica e articulação secundária em Tapirapé”. WETZELS, L. (org.) *Estudos fonológicos das línguas indígenas brasileiras*. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1995. 151-194pp.

\_\_\_\_\_. “Para uma Tipologia Ativa do Tapirapé. Os clíticos referenciais de pessoa”. SEKI, L. (org.) *Cadernos de Estudos Lingüísticos n. 18: Estudos em Línguas Indígenas*. Campinas: UNICAMP/IEL, 1990a. 37-56pp.

\_\_\_\_\_. *Aspectos da fonologia e morfofonologia Tapirapé*. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro/Museu Nacional, 1977.

LEMLE, M. “Internal classification of the Tupi-Guarani linguistic family”. BENDOR-SAMUEL, D. (ed.) *Tupi Studies I*. Norman: SIL, 1971. 107-129pp.

LEMO BARBOSA, Pe. A. *Curso de Tupi Antigo. Gramática, exercícios, textos*. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1956.

LOIZOS, P. “Video, filme e fotografias como documentos de pesquisa”. BAUER, M. W. & GASKELL, G. *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som. Um manual prático*. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2004. 137-155pp.

LOVING, A. “On learning monolingually”. HEALEY, A. (ed.). *Language learner's field guide*. Ukarumpa/Papua Nova Guinea: Summer Institute of Linguistics, 1976. 267-271pp.

LYONS, J. *Introdução à Lingüística Teórica*. São Paulo: Nacional/EDUSP, 1979.

MALINOWSKI, B. *Um diário no sentido estrito do termo*. Rio de Janeiro: Record, 1997.

MARTINS, M. F. *Incorporação nominal em Guarani Mbyá*. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 1996 (Dissertação de Mestrado).

McLEOD, R. A. “Learning Xavante monolingually”. HEALEY, A. (ed.). *Language learner's field guide*. Ukarumpa/Papua Nova Guinea: Summer Institute of Linguistics, 1976. 281-284pp.

MESSINEO, C. “La marcación verbal activa/inactiva em Toba (Guaycurú) y sus motivaciones”. *LIAMES (Línguas Indígenas Americanas)*. Campinas: UNICAMP/IEL, 2002. n. 2. 49-62pp

MITHUN, M. "Who shapes the Record: the speaker and the linguist". NEWMAN, P. & RATLIFF, M. *Linguistic Fieldwork*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001. 34-54pp.

\_\_\_\_\_. "The significance of diversity in language endangerment and preservation". GRENOBLE, L. A. & WHALEY, L. I. (eds.) *Endangered languages. Language loss and community response (currents issues and future prospects)*. Cambridge: Cambridge University Press, 1998. 163-191pp.

\_\_\_\_\_. "Active/agentive case marking and its motivation". *Language n. 67*, 1991. 510-546pp.

\_\_\_\_\_. "Language obsolescence and grammatical description". *IJAL*, 1990. Vol. 56 (1). 01-26pp.

MONSERRAT, R. M. F. "Prefixos Pessoais em Awetí". Publicações do Museu Nacional. Rio de Janeiro: Museu Nacional, 1976. Série Lingüística III.

MONSERRAT, R. M. F. & FACÓ SOARES, M. F. "Hierarquia Referencial em Línguas Tupi". SIMÕES, A. M. & REIS, C. A. (orgs.) *Ensaio de Lingüística*. Cadernos de Lingüística e Teoria da Literatura. Vol. 9. Belo Horizonte: UFMG, 1983. 164-187pp.

MÜLLER, R. P. "Maraká: o ritual xamanístico". MÜLLER, R. *Os Asurini do Xingu: história e arte*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1993. 135-203pp.

NEIVA, A. T. S. "Os Canoeiros". MOTA, A. V. B. & GOMES, M. (orgs.). *Aspectos da Cultura Goiana (II)*. Goiânia: Departamento Estadual de Cultura, 1971. 103-129pp.

NEVES, D. D. *A língua Suruí do Tocantins: uma introdução à morfossintaxe*. Belém: UFPA, 1999 (Dissertação de Mestrado em Lingüística).

NEWMAN, P. & RATLIFF, M. *Linguistic Fieldwork*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001. 165-188pp.

NICHOLS, J. "On alienable and inalienable possession". SHIPLEY, W. (ed.). *In honor of Mary Haas* (from The Haas Festival Conference on Native American Linguistics). Mouton de Gruyter: Berlin, New York, Amsterdam, 1988. 557-609pp.

\_\_\_\_\_. "Head-Marking and Dependent-Marking Grammar". *Language n. 62*, n. 1, 1986. 56-119pp.

NICHOLSON, V. *Aspectos da língua Assurini*. Brasília: SIL, 1978.

OLIVEIRA E SILVA, G. M. “Coleta de dados”. MOLLICA, M. C. & BRAGA, M. L. (orgs.) *Introdução à Sociolinguística. O tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2003. 117-133pp.

PAC. *Programa de apoio aos Avá-Canoeiro*. Convênio FURNAS Centrais Elétricas SA/FUNAI: Brasília/Goiânia/Minaçu, 2004.

PACHÊCO, F. B. *Morfossintaxe do verbo Ikpéng (Karib)*. Campinas: UNICAMP, 2001 (Tese de Doutorado em Linguística).

PAIVA, A. M. *Elementos de fonologia Avá-Canoeiro*. Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 1996 (Dissertação de Mestrado).

PALACIN, L. *O século do ouro em Goiás (1722-1822): estrutura e conjuntura numa Capitania de Minas*. 4. ed. Goiânia: CEGRAF/Editora da UFG, 1994.

PAYNE, T. E. *Describing morphosyntax. A guide for field linguistics*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

PEDROSO, D. M. R. “Os Avá-Canoeiro”. *Revista Índios de Goiás*. Goiânia: Editora da UCG, 2005a (no prelo).

\_\_\_\_\_. “Avá-Canoeiros. É possível reunir esse povo?” *Atas do I Encontro Internacional sobre línguas e culturas dos Povos Tupi*. Brasília: UnB, 2005b (no prelo).

\_\_\_\_\_. *O Povo Invisível: a história dos Avá-Canoeiro nos séculos XVIII e XIX*. Goiânia: Editora da UCG/FURNAS Centrais Elétricas SA, 1994.

\_\_\_\_\_. *Avá-Canoeiro: a história do Povo Invisível - séculos XVIII e XIX*. Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 1992 (Dissertação de Mestrado).

\_\_\_\_\_. *et alii. Avá-Canoeiro - A terra, o homem, a luta*. Goiânia: Editora da UCG, 1990.

POHL, J. E. *Viagem no interior do Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia/ São Paulo: Editora da USP, 1976.

PRAÇA, W. N. *A morfossintaxe da língua Tapirapé*. Brasília: UnB, em andamento (Tese de Doutorado em Linguística).

\_\_\_\_\_. “Negação de constituinte topicalizado em Tapirapé”. CABRAL, A. S. A. C. & RODRIGUES, A. R. (orgs.). *Línguas Indígenas Brasileiras. Fonologia, gramática e história*. Atas do I Encontro Internacional do Grupo de Trabalho sobre Línguas Indígenas da ANPOLL. Tomo I. Belém: Editora Universitária-Pará, 2002. 413-417pp.

\_\_\_\_\_. “Orações independentes com núcleos verbais e nominais em Tapirapé”. *Universa. Revista da UCB*. Brasília: Universidade Católica de Brasília, 2000. Vol. 8:3. 553-570pp.

\_\_\_\_\_. *Nomes como predicados na língua Tapirapé*. Brasília: UnB, 1999 (Dissertação de Mestrado).

QUEIXALÓS, F. (ed.) *Des noms et des verbes em Tupi-Guarani: état de la question*. Muechen: LINCOM EUROPA, LINCOM Studies in Native American Linguistics 37, 2001.

\_\_\_\_\_. “Le suffixe referentiant en Émérillon”. QUEIXALÓS, F. (org.) *Des noms et des verbes em Tupi-Guarani: état de la question*. LINCOM EUROPA, 2001a. 115-132pp.

\_\_\_\_\_. “The Primacy and Fate of Predicativity in Tupi-Guarani”. To appear in *Lexical Categories and Root Classes in Amerindian Languages, X*. VAPNARSKY, Lois & VAPNARSKY, V. (eds.). John Benjamins, 2005 (no prelo).

RIBEIRO, D. *Diários índios. Os Urubu-Kaapor*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

RICE, F. J. D. “O idioma Tembé (Tupí-Guaraní)”. *Journal de la Société des Américanistes de Paris* 26, 1934. 109-180pp.

RIVET, P. “Les indiens Canoeiros”. *Journal de la Société des Américanistes de Paris* 16, 1924. 169-182pp.

ROCHA, L. M. *O Estado e os índios: Goiás 1850-1889*. Goiânia: Editora da UFG, 1998.

RODRIGUES, A. D. “Sobre a natureza do caso argumentativo”. QUEIXALÓS, F. (ed.) *Des noms et des verbes em Tupi-Guarani: état de la question*. Muechen: LINCOM EUROPA, LINCOM Studies in Native American Linguistics 37, 2001. 103-114pp.

\_\_\_\_\_. “Caso em Tupi-Guarani, particularmente em Tupinambá”. *CD-ROM do XIII Congresso da ANPOLL*. Campinas: Unicamp, 2000.

\_\_\_\_\_. “Panorama das línguas indígenas da Amazônia”. QUEIXALÓS, F. & RENAULT-LESCURE, O. (orgs.). *As línguas amazônicas hoje*. São Paulo: Instituto Socioambiental (ISA)/IRD/MPEG, 2000a. 15-28pp.

\_\_\_\_\_. “Argumento e predicado em Tupinambá”. *Boletim da ABRALIN n. 19*, 1996. 57-66pp.

\_\_\_\_\_. “Oposición conceptual y analogía fonológica en Guarani: ‘casa’ y ‘chacra’”. *Actas de las Segundas Jornadas de Lingüística Aborigen*. Buenos Aires: Universidad de Buenos Aires, 1995. 325-329pp.



\_\_\_\_\_. *Endangered languages in Brazil*. Symposium on Endangered Languages of South America. Rijks Universiteit Leiden, 1993.

\_\_\_\_\_. “You and I = neither you nor I: the personal system of Tupinambá (Tupi-Guarani)”. PAYNE, D. L. (ed.) *Amazonian Linguistics. Studies in Lowland South American Languages*. Austin: University of Texas Press, 1990. 393-406pp.

\_\_\_\_\_. *Línguas brasileiras. Para o conhecimento das línguas indígenas*. São Paulo: Loyola, 1986.

\_\_\_\_\_. “Relações internas na família lingüística Tupi-Guarani”. *Revista Brasileira de Antropologia*. Volumes XXVII/XXVIII. São Paulo: USP, 1984/1985. 33-53pp.

\_\_\_\_\_. “Estrutura do Tupinambá”. 1981 (manuscrito).

\_\_\_\_\_. “Morfologia do Verbo Tupi”. Separata de “Letras”, Curitiba, número 1, 1953. 121-152pp.

RODRIGUES, A. D. & CABRAL, A. S. A. C. “Revendo a classificação interna da família Tupi-Guarani”. CABRAL, A. S. A. C. & RODRIGUES, A. R. (orgs.). *Línguas Indígenas Brasileiras. Fonologia, gramática e história*. Atas do I Encontro Internacional do Grupo de Trabalho sobre Línguas Indígenas da ANPOLL. Tomo I. Belém: Editora Universitária-Pará, 2002. 327-337pp.

\_\_\_\_\_. “On the Linguistic Relationship between Mawé and Tupi-Guarani”. *Diachronica XIV (2)*. John Benjamins Publishing Company, 1997. 265-304pp.

ROMAINE, S. *Bilingualism*. Oxford: Blackwell, 1995.

ROSE, F. *Morphosyntaxe de L’Emerillon. Langue Tupi-Guarani de Guyane Française*. Paris: Université Lumière Lyon 2, 2003.

SADOCK, J. M. & ZWICKY, A. M. “Speech act distinctions in syntax”. SHOPEN, T. *Language Typology and Syntactic Description*. Vol. III (Grammatical Categories and the Lexicon). Cambridge: Cambridge University Press, 1985. 155-196pp

SAMARIN, W. J. *Field linguistics. A guide to linguistic field work*. New York/Chicago/San Francisco/Toronto/London: Holt/Rinehart/Winston, 1967.

SANTOS, S. C. & NACKE, A. (orgs.) *Hidrelétricas e povos indígenas*. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2003.



SCHACHTER, P. "Parts-of-speech systems". SHOPEN, T. *Language Typology and Syntactic Description*. Vol. I (Clause Structure). Cambridge: Cambridge University Press, 1985. 03-61pp.

SEKI, L. "Aspectos morfossintáticos do nome em Tupari". CABRAL, A. S. A. C. & RODRIGUES, A. R. (orgs.). *Línguas Indígenas Brasileiras. Fonologia, gramática e história*. Atas do I Encontro Internacional do Grupo de Trabalho sobre Línguas Indígenas da ANPOLL. Tomo I. Belém: Editora Universitária-Pará, 2002. 298-308pp.

\_\_\_\_\_. "Classes de palavras e categorias sintático-funcionais em Kamaiurá". QUEIXALÓS, F. (org.) *Des noms et des verbes em Tupi-Guarani: état de la question*. LINCOM Studies in Native American Linguistics 37. LINCOM EUROPA, 2001. 39-66pp.

\_\_\_\_\_. *Gramática do Kamaiurá. Língua Tupi-Guarani do Alto Xingu*. Campinas: Editora da Unicamp; São Paulo: Imprensa Oficial, 2000.

\_\_\_\_\_. "Aspectos diacrônicos da língua Kamaiurá (Tupi-Guarani)". *Lingüística Romanica et Indiana*. Festschrift für Wolf Dietrich. Gunter Narr Verlag Tübingen, 2000a. 565-581pp.

\_\_\_\_\_. "Kamaiurá (Tupi-Guarani) as an Active-Stativ Language". PAYNE, D. L. (ed.) *Amazonian Linguistics. Studies in Lowland South American Languages*. Austin: University of Texas Press, 1990. 367-391pp.

\_\_\_\_\_. (org.) *Cadernos de Estudos Lingüísticos n. 18: Estudos em Línguas Indígenas*. Campinas: UNICAMP, 1990a. 37-56pp.

\_\_\_\_\_. "Para uma caracterização tipológica da língua Kamaiurá". *Cadernos de Estudos Lingüísticos n. 12*. Campinas: UNICAMP, 1987. 15-24pp.

\_\_\_\_\_. "Problemas no estudo de uma língua em extinção". *Boletim da Associação Brasileira de Lingüística*. Campinas: Unicamp, 1984. Volume 6. 109-118pp.

\_\_\_\_\_. "Marcadores de pessoa do verbo Kamaiurá". *Cadernos de Estudos Lingüísticos n. 3*. Campinas: UNICAMP, 1982. 22-40pp.

\_\_\_\_\_. "O Kamaiurá: língua de estrutura ativa". *Língua e Literatura n. 5*. São Paulo: USP, 1976. 217-227pp.

SHOPEN, T. *Language Typology and Syntactic Description*. Vols. I, II, III. Cambridge: Cambridge University Press, 1985.

SILVA, A. C. S. “A morfologia flexional da língua Parakanã”. *MOARA n. II*. Revista dos Cursos de Pós-Graduação em Letras da UFPA. Belém: UFPA, 1999a. 133-149pp.

\_\_\_\_\_. *Aspectos da referência alternada em Parakanã*. Belém: UFPA, 1999 (Dissertação de Mestrado).

SILVA, C. L. *Em busca da sociedade Xetá: o trabalho da memória Xetá*. Brasília: UnB, 2003 (Tese de Doutorado em Antropologia Social).

\_\_\_\_\_. *Sobreviventes do extermínio. Uma etnografia das narrativas e lembranças da sociedade Xetá*. Florianópolis: UFSC, 1998 (Dissertação de Mestrado em Antropologia Social).

SILVA, C. R. *Memória e identidade. Estudo psicossocial de uma comunidade indígena em extinção: os Avá-Canoeiros*. Goiânia: Universidade Católica de Goiás/Coordenação do Mestrado em Psicologia, 2005 (Dissertação de Mestrado em Psicologia).

SILVA, C. T. *Cativando Maíra. A sobrevivência Avá-Canoeiro no Alto Rio Tocantins*. Brasília: UnB/ICS/DAN/PPDAS, 2005 (Tese de Doutorado em Antropologia Social).

SILVA, G. F. *Construindo um dicionário Parakanã-Português*. Belém: UFPA, 2003 (Dissertação de Mestrado).

TARALLO, F. *A pesquisa sociolinguística*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1986.

TORAL, A. A. de. “Os índios negros ou os Carijó de Goiás: a história dos Avá-Canoeiro”. *Revista de Antropologia*. Volumes XXVII/XXVIII. São Paulo: USP, 1984/1985. 287-325pp.

\_\_\_\_\_. *Vocabulário Avá-Canoeiro*. 1984 (mimeo).

TOSTA, L. T. D. “*Homi matou papai meu*”: *uma situação histórica dos Avá-Canoeiro*. Brasília: UnB, 1997 (Monografia de Final de Curso).

VAUX, B. & COOPER, J. *Introduction to Linguistic Field Methods*. LINCOM EUROPA, 1999.

VIEIRA, M. D. *O problema da configuracionalidade na língua Asurini: uma consequência da projeção dos argumentos do predicado verbal*. Campinas: UNICAMP/IEL, 1993 (Tese de Doutorado em Linguística).

VIEIRA, M. D. & LEITE, Y. “Observações preliminares sobre a língua Araweté”. *MOARA n.9*. Revista dos Cursos de Pós-Graduação em Letras da UFPA. Belém: UFPA, 1998. 07-31pp.

ZWICKY, A. M. "Clitics and particles". *Language n.* 61, n. 1, 1985. 283-305pp.

\_\_\_\_\_. "Hierarchies of person". *Chicago Linguistic Society 13*, 1977. 714-733pp.

WAGLEY, C. *Lágrimas de boas vindas. Os índios Tapirapé do Brasil central*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da USP, 1988.



**ANEXOS**

## Anexo 1

### Os Avá-Canoeiro na imprensa

#### Reportagens realizadas sobre os Avá-Canoeiro nos últimos anos

ASSUNÇÃO, M. “Seis últimos membros da tribo construíram cabana e abandonaram casas de alvenaria. Avá-canoeiros dão mostra de resistência cultural”. *Jornal O Popular*. Goiânia, 09 de julho de 2001.

\_\_\_\_\_. “Liberados R\$ 90 mil para educação dos avá-canoeiros”. *Jornal O Popular*. Goiânia, 03 de outubro de 2001.

\_\_\_\_\_. “FURNAS acusada de não cumprir acordo com índios. Dossiê da FUNAI enviado ao Congresso denuncia atraso no repasse de recursos aos Avá-Canoeiros. Barreiras da reserva indígena foram fechadas para a empresa”. *Jornal O Popular*. Goiânia, 29 de junho de 2003.

*Avá-Canoeiro*. Encarte da Revista *Brasil Indígena*, n. 2.

BRAGA, M. J. “Grupos de Minaçu e da Ilha do Bananal não se entrosam em encontro e risco de extinção continua. Fracassa tentativa de aproximar avás”. *Jornal O Popular*. Goiânia, 25 de julho de 1999.

BORGES, C. “Populações indígenas aumentam em Goiás. Conforme FUNASA, Carajás e Tapuias tiveram aumento populacional expressivo nos últimos anos, mas Avá-Canoeiro, com 6 indivíduos, vive quadro dramático”. *Jornal O Popular*. Goiânia, 18 de abril de 2003.

CARVALHO, M. C. “Os últimos dos Avá-Canoeiros. Incesto pode salvar índios da extinção. Restaram 10 pessoas do grupo indígena em Goiás e Tocantins: irmãos formam o casal que pode ter filhos. *Folha de São Paulo*. São Paulo, 15 de outubro de 1995.

GRANADO, E. & ROCHA, M. “O ressurgimento dos Avá-Canoeiro. Duas faces do progresso: o mesmo homem branco que exterminou, agora luta para salvar uma cultura”. *Folha do Meio Ambiente*. Ano 11. Edição 103. Brasília, abril de 2000.

HERALD, S. *Brazil: The Invisible People*. <http://www3sympatico.ca/truegrowth/society6.html>. (17/04/2000).

KRITSCH, R. Os últimos Avás-Canoeiros. <http://www3.estado.com.br/edicao/especial/brasil/brasil176.html>.

MARTINS, E. “Atração ou a caça do sapo para a serpente civilizatória”. *Nossos índios. Nossos mortos*. Reportagens, entrevistas e artigos. Capítulo IV. Rio de Janeiro: Editora CODERCRI, 1978. 117-125pp.

OLIVEIRA, M. *Briga judicial pela terra dos Avá-Canoeiro*. <http://www2.correioweb.com.br/cw/2000>.

PORANTIM, n. 254 (*Encarte*). “A luta contra os grandes projetos”. Regional Goiás/Tocantins: abril, 2003.

TORAL, A. A. “O destino de um grupo caçador e coletor: os Avá-Canoeiro, hoje”. OLIVEIRA, J. P. “Muita terra para pouco índio? Uma introdução (crítica) ao indigenismo e à atualização do preconceito”. SILVA, A. L. & GRUPIONI, L. D. B. (orgs.). *A temática indígena na escola. Novos subsídios para professores de 1º e 2º graus*. São Paulo: MEC/MARI/UNESCO, 1995. 73-75pp.

TOSTA, L. “Os últimos avás-canoeiros. Sobre eles resta o peso da sobrevivência da etnia”. *Terra* n. 139, ano 12, novembro de 2003. 22-25pp.

VILLAMÉA, L. “Um punhado de bravos”. *Isto É*, n. 1754, 14/05/2003. 46-49pp.

VITAL, A. *Apagão cultural*. Parte 1. “História submersa. Hidrelétrica de Cana Brava, no norte de Goiás, vai inundar as ruínas de uma cidade de 266 anos, um sítio arqueológico de 19, 9 mil anos e transformará em lago trecho do rio Tocantins que corta a reserva dos últimos índios avá-canoeiros. As comportas serão fechadas em seis meses”. *Correio Brasiliense*, 12 de agosto de 2001. pág. 06.

\_\_\_\_\_. *Apagão cultural*. Parte 2. “O dilema do progresso. Posseiros reclamam da indenização paga por suas terras. Índios podem receber uma compensação por conta da barragem. No sertão de Goiás, moradores vêem seu modo de vida alterado pela hidrelétrica de Cana Brava”. *Correio Brasiliense*, 12 de agosto de 2001. pág. 07.

\_\_\_\_\_. *Apagão cultural*. Parte 3. “Uma esperança de futuro. Depois de 250 anos de fuga, os avá-canoeiro lutam para preservar sua cultura e têm a chance de escapar da extinção. Ironicamente, isso será possível graças às contrapartidas das empresas responsáveis pelas hidrelétricas da região”. *Correio Brasiliense*, 12 de agosto de 2001. pág. 08.

## Anexo 2

### Livros encontrados na Área Avá-Canoeiro

*Atlas Geográfico Indígena do Acre*. 2. ed. Rio Branco: Comissão Pró-Índio do Acre (CPI/AC), 1998.

*Antologia da floresta: literatura/selecionada e ilustrada pelos professores indígenas do Acre*. Rio Branco: Comissão Pró-Índio do Acre; Rio de Janeiro: Multiletra, 1997.

*Geografia indígena. Parque Indígena do Xingu*. Instituto Socioambiental. Brasília: MEC/SEF/DPEF, 1988.

GRUBER, J. G. (coordenadora). *O livro das árvores*. Benjamim Constant: Organização Geral dos Professores Ticuna Bilíngües, 1997.

*Iny Kyri. Iny Yri*. Projeto de Educação e Cultura Indígena Maurehi, 2000. Série Arte 1.

*Iròdu iròdu-my ijyky/Iròdu iròdu-my ijyy*. Projeto de Educação e Cultura Indígena Maurehi. (Cooperação FUNAI/Prefeitura de Aruanã/SEC-GO/UCG/UFG), 1996.

*Nawiki nawiki-my ijyky/Nawii nawii-my ijyy*. Projeto de Educação e Cultura Indígena Maurehi, 2000. Série Natureza 2.

PAULA, E. D. & PAULA, L. G. (coordenadores). *Xeparama 'eawa: cartilha tapirapé*. 2ª ed. São Félix do Araguaia: Prelazia de São Felix do Araguaia, 1987.

POLECK, L. (org.). *Adornos e pintura corporal Karajá*. Coleção Textos Indígenas – Série Cultura. Programa de Educação Indígena para o Estado do Tocantins. Convênio Governo do Estado do Tocantins/FUNAI/UFG, 1994.

\_\_\_\_\_. *Ijasò ijyy. História de Aruanã*. Projeto de Educação Indígena para o Estado do Tocantins. Convênio Governo do Estado do Tocantins/FUNAI/UFG. Coleção Textos indígenas. Série Cultura, 1997.

REGINO, M. *Por causa de um pé*. São Paulo: Harbra, 1998.

\_\_\_\_\_. *É duro ser criança*. São Paulo: Harbra, 1998.

\_\_\_\_\_. *Língua de trapo*. São Paulo: Harbra, 1998.

*Xanetawa Parageta. Histórias das nossas aldeias. Comunidade Tapirapé*. 1. ed. São Paulo/Brasília: MARI/MEC/PNUD, 1996.



**Anexo 3**  
**CDs utilizados na pesquisa de campo**

*As mais conhecidas cantigas de roda para crianças.* Turma Dó-Ré-Mi. Brasidisc.

*Echoes of Incas.* USA: Earthtone Records, 1996.

*Etnias (Kaiapó, Kamayurá, Fulni-ô, Pankararú, Bakairi, Kaiwá).* Aldear: 2000.

*Ihu – Todos os sons.* Marlui Miranda. 1995.

*2 Ihu–Kewere: Rezar.* IV Centenário da Páscoa do Beato José de Anchieta. Marlui Miranda. 1997.

*Imagens – Aurio Corrá.* Alquimusic Echos. Série Alquimia. Vol. 1, 1995.

*Ñande Reko Arandu.* Memória Viva Guarani. World Music. 2000.

*Paisagens.* Ivan Vilela. Viola Caipira. 1998.

*Sacred Spirit. Chants and Dances of the Native Americans.* USA: Virgin Records Ltd., 1994.

*Txai.* Milton Nascimento. Sony Music.

*Villa-Lobos para crianças.* Seleção do Guia Prático. Coro Infantil do Teatro Municipal do Rio de Janeiro. Acervo Funarte-Música Brasileira, 1987.

*Xokó.* Aldeia Indígena São Pedro. Secretaria de Estado da Cultura/Governo de Sergipe/ FNDE–Núcleo de Educação Indígena, 1996.

Anexo 4

Desenhos dos Avá-Canoeiro



25/07/2001

Luia





## Anexo 5

## Solicitações, cartas e presentes dos Avá-Canoeiro

4. texto espontâneo do Sawi.



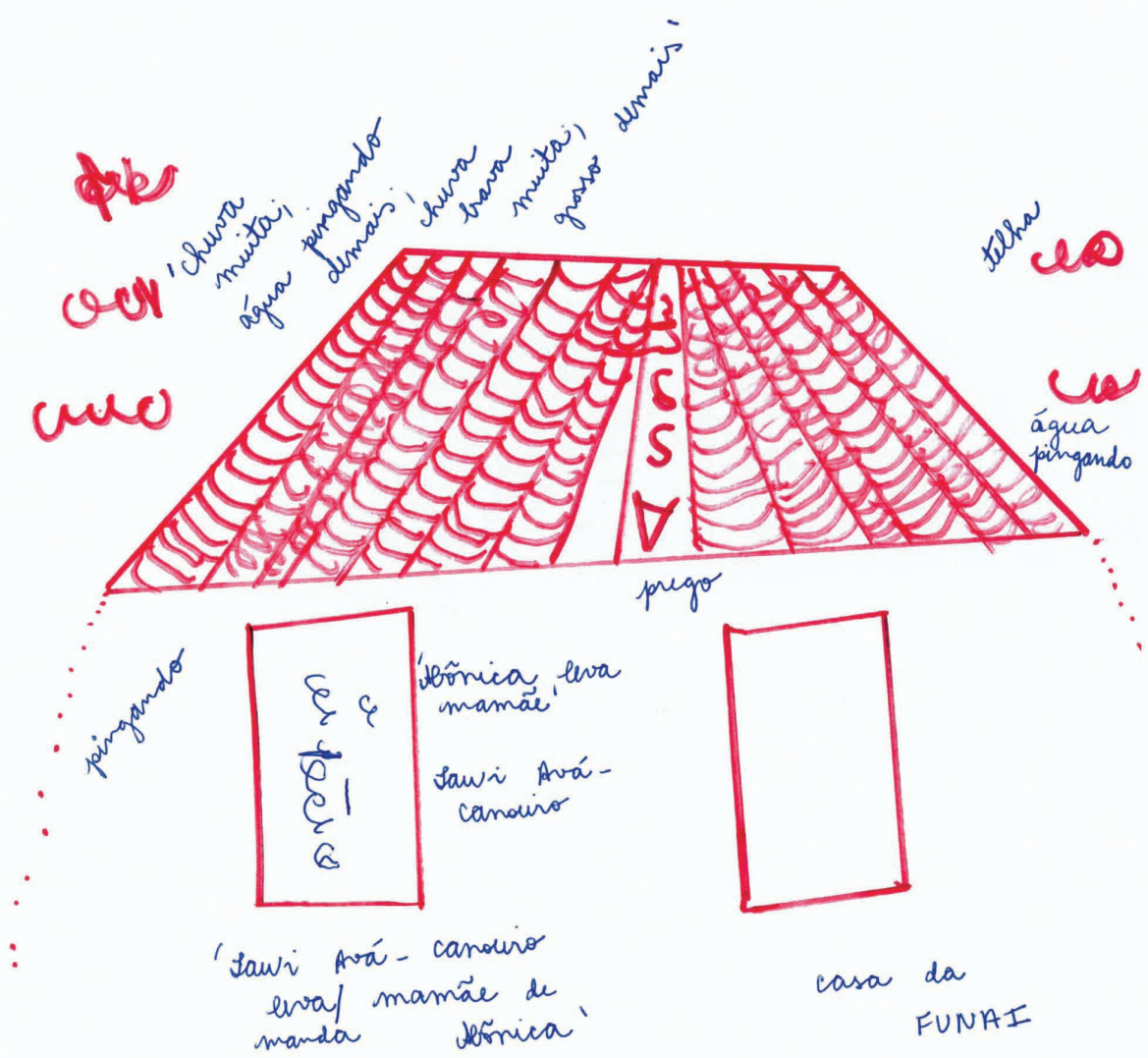
Sawi Avá-  
Canoeiro

m m  
m m

20/02/2002

arroz, açúcar, óleo,  
frango, batatinha,  
fubá, alho, frango,  
carne. Para o  
Walter comprar.

Sawi



P.S.: chovia muito quando sawi fez esse desenho.

22/10/2003



Carta recebida em 07/06/2002,  
e escrita durante trabalho  
de campo da antropóloga  
Rosani.

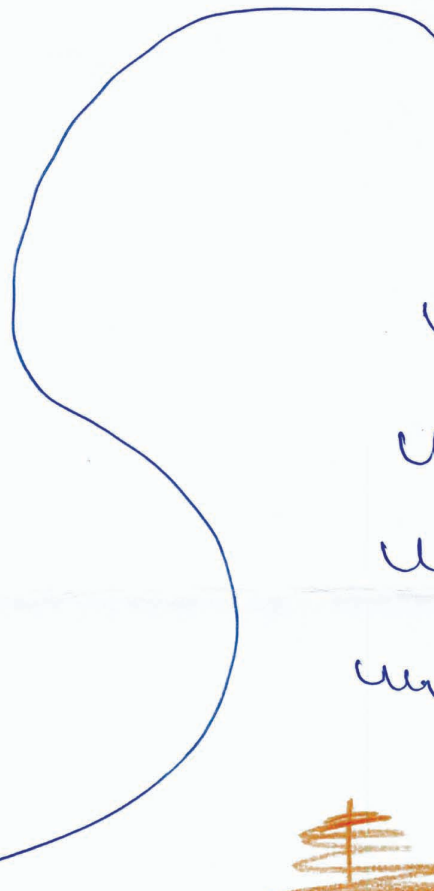
u uuu  
u uu  
uu uu  
uuuuuu  
uuuuuu

uuuuuu  
uuuuuu  
uuuuuu  
uuuuuu  
Mônica

u u u u  
u u u u u  
u u u u u

Mônica, estou com muita  
saudades de você. Você não  
pode demorar chegar.  
Também vou contar muitas  
histórias para você.

Luiz



u u u u u  
u u u u u  
u u u u u  
u u u u u  
u u u u u  
u u u u u

u

u u u u u  
u u u u u  
u u u u u  
u u u u u  
u u u u u  
u u u u u  
u u u u u



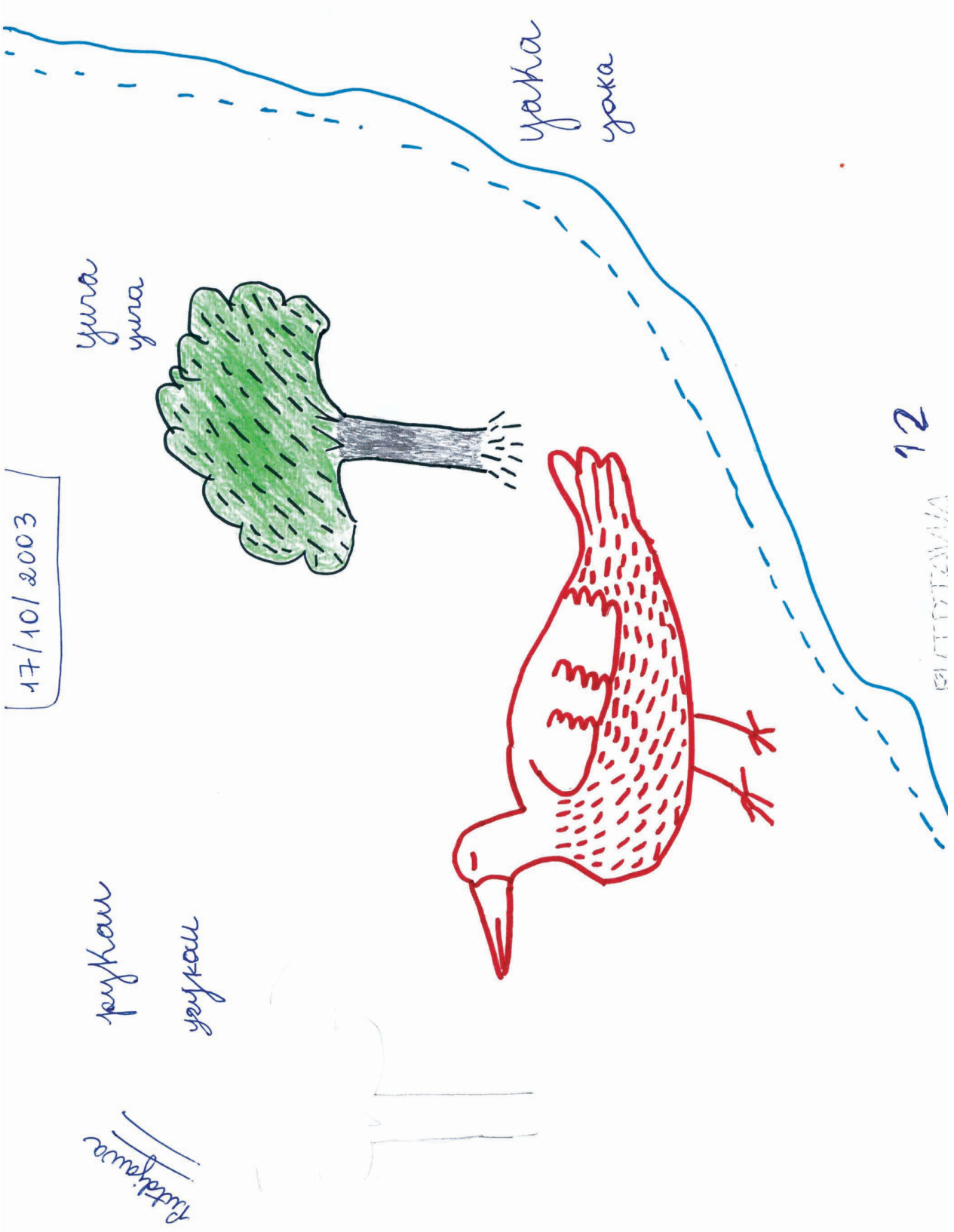




Anexo 6

Material escrito em Avá-Canoeiro





## Anexo 7

### Lista de Cognatos

#### Lista Comparativa (versão simplificada do que foi apresentado em Borges (2004c))

Da lista comparativa abaixo constam, inicialmente, as glosas em português, em ordem alfabética, seguidas das formas do Proto-Tupi-Guarani (PTG) e do Avá-Canoeiro (AC). Essas glosas aplicam-se tanto ao português quanto ao Avá-Canoeiro, e, caso haja alguma especificidade de significado ou de forma ou diferenças entre as duas variedades do Avá-Canoeiro, sua explicitação segue a forma em Avá-Canoeiro, entre parênteses. Ressalto que não apresento todas as formas correspondentes às do PTG, por não tê-las obtido ainda.<sup>1</sup> A lista de cognatos utilizada foi a de Seki (2000a), feita a partir das reconstruções de Lemle (1971) e de Rodrigues & Dietrich (1997). Estas diferem pela inclusão da africada /tʃ/ e das séries de oclusivas e nasais labializadas e palatalizadas nesta última, tendo sido consideradas seqüência de consoantes por Lemle (1971).

Glosas	PTG	AC
1. afiado	*aemee, ajme	ajme (v. descr.)
2. agarrar, pegar	*p̣ĩtsĩk	jep̣ĩk <sup>2</sup> (v. trans.)
3. água	*ʔĩ	ĩ (N)
4. aldeia	*taʃ	etam (N)
5. alimentar	*poj	jopoj <sup>3</sup> (alimentar um animal com a própria boca) (v. trans.)
6. amarelo	*juʃ	juwaj (v. descr.)
7. amarrar	*ap̣ĩfi	jap̣ĩti (v. trans.)
8. amarrar	*p <sup>w</sup> ar	jok <sup>w</sup> ĩɃ (v. trans.)
9. andar	*ata	ata (v. intrans. at.)
10. animal doméstico	*eĩmaʃ	

<sup>1</sup> Embora esta lista não esteja fechada, acho que é representativa e traz elementos importantes para a classificação do Avá-Canoeiro no Subgrupo IV das línguas Tupi-Guarani. Continuarei tentando obter, nas próximas viagens a campo, os dados necessários para preencher as lacunas dos seguintes cognatos: 10, 17, 22, 23, 24, 28, 36, 44, 52, 60, 63, 68, 69, 70, 72, 74, 75, 79, 84, 85, 89, 92, 103, 104, 106, 109, 111, 112, 114, 117, 118, 144, 148, 156, 160, 165, 175, 178, 179, 194, 198, 200, 201, 205, 210, 211, 212, 215, 226, 227, 228, 234, 241, 243, 255, 256, 257, 259, 260, 261, 262, 263, 267, 269, 273, 277, 291, 294, 308. Apesar dessas lacunas, preferi manter as formas do PTG na lista, a fim de que o leitor saiba exatamente quais são os dados de que disponho e quais faltam a essa análise.

<sup>2</sup> Poder-se-ia aqui lançar a hipótese de lexicalização do pronome {je-} ‘reflexivo’, através da qual este teria se juntado à raiz verbal \*p̣ĩk. O mesmo teria acontecido a p̣ĩk ‘pegar’ (cf. 221) e a \*up̣ir ‘subir’ (cf. 283).

<sup>3</sup> Poder-se-ia aqui levantar a hipótese de que o verbo jopoj seria formado de um pronome {jo-} ‘recíproco’, seguido da raiz verbal poj. Em outras línguas Tupi-Guarani, como o Kamaiurá, poj é ‘alimentar’ e {jo-} ‘recíproco’ (cf. Seki, 2000). O mesmo poderia ser pensado para jok<sup>w</sup>ĩɃ ‘amarrar’, em (8), em que a raiz seria k<sup>w</sup>ĩɃ. Em Asurini do Tocantins, {jo-} é reflexivo e kwát, cognato de k<sup>w</sup>ĩɃ, é ‘amarrar’ (cf. Cabral & Rodrigues, 2003). Haveria, assim, um processo de lexicalização. No entanto, no momento, não disponho de mais dados para averiguar essa hipótese. Fica, portanto, apenas a observação.

11. anta	*tapiʔir	tapiɾa <sup>4</sup> (N)
12. apoiar	*kok	kok (v. trans.) (je-kok (refl.-Raiz Verbal) 'apoiar-se' (v. intrans. at.))
13. aquele	*pe	pe (dem)
14. arranhar	*kaɾãj	kaʒaj (coçar) (v. trans.)
15. arara (espécie)	*aɾaɾ	aɾaɾa (N)
16. arco	*iβiɾapaɾ	iʒapaʒ (N)
17. arrebentar	*pok	
18. árvore	*ʔiβ	iʒiɾa (N)
19. asa	*pepo	-pepo <sup>5</sup> (N)
20. atrás de	*tsakip <sup>w</sup> ri	takiwɾap (posp)
21. através	*tsupi	ʒupi (posp)
22. avô	*amõj	
23. avó	*aɾiʒ	
24. balaio	*karamem <sup>w</sup> a	
25. banha	*kaβ	-kaw (óleo, gordura) (N)
26. banhar-se	*jatsuk	jauk (v. intrans. at.)
27. bater	*nupã	nupã (v. trans.)
28. bater (dar tapas)	*petek	
29. besouro	*enem	enem (N)
30. beber	*iʔu <sup>6</sup>	iʒu (v. trans.)
31. boca	*juɾu	-joʒ (N)
32. boiar	*βeβiʒ	wewiʒ (v. intrans.)
33. bom	*katu	katu (v. descr.)
34. braço	*jɿβa	-jɿwa (N)
35. branco	*tiŋ	tiŋ (v. descr.)
36. brilhar	*βeɾap	
37. buraco	*k <sup>w</sup> aɾ	k <sup>w</sup> aʒa (N)
38. cabaça	*iʔa	iʒa (N)
39. cabeça	*akaŋ	-akaŋ (N)
40. cabelo	*ʔaβ	-ap (N)
41. cair, nascer	*ʔaɾ	iʒ (v. intrans. at.)
42. calcanhar	*pɿta	-pɿta (N)
43. caminho	*ape, pe	-ape (N)
44. campo	*jũ	
45. canoa	*iɿaɾ	iʒaʒa (N)
46. cansado	*kaneʔõ	kaneu (v.descr.)

<sup>4</sup> Aqui provavelmente teria ocorrido a lexicalização do morfema de caso nuclear {-a}, tornando-se parte integrante das palavras, o que ocorreu em muitos outros casos, como **aɾaɾa**, em (15).

<sup>5</sup> As formas antecedidas por - são inalienáveis, ou seja, só podem ocorrer com o possuidor expresso. Estão nessa situação partes de um todo, como partes do corpo humano e de animais, e elementos eminentemente ligados ao homem ou ao animal.

<sup>6</sup> \*iʔu é formado pelas raízes /i/ 'água' e /ʔu/ 'ingerir'.



47. capim	*kapiʔi	kapi (N)
48. carne	*oʔo	-o (N)
49. casa	*ok	-oka (N) <sup>7</sup>
50. casca	*pe	-pe <sup>8</sup> (N)
51. causativo	*mo-	mo- (caus)
52. cavar	*iβiʔkoj	
53. cavar	*joʔok	jok (v. trans.)
54. cesta	*iʔru	-ipɪβu (sacola, mala, bolsa, mochila) (N)
55. céu	*iβak	iwak (N)
56. chamar	*enōj	enōj (v. trans.)
57. chato, plano	*peβ	pep (v. descr.)
58. chegar	*tsik	ik (v. intrans. at.)
59. cheirar	*etun	etun (v. trans.)
60. cheirar bem	*tseap <sup>w</sup> em	
61. cheirar mal	*katiŋ	katiŋ (v. descr.)
62. chifre	*afi	-afi (N)
63. chupar	*piter	
64. chuva	*aman	amana (N)
65. cipó	*itʃipō	ipo (N)
66. claro, brilhante	*eni	eni (v. descr.)
67. cobra	*moj	moj (N)
68. cobrir	*atsoʔi	
69. coçar	*eʔij	
70. colar, grudar	*moŋ	
71. comer	*ʔu	u (v. trans.)
72. companheiro	*ʔirũ	
73. comprido	*puku	puku (v. descr.)
74. concha	*itã	
75. concha comprida	*itã-puku	
76. contas	*poʔir	poɪβa (miçanga, colar) (N)
77. corda	*tʃam	tam <sup>9</sup> (arame) (N)
78. correr	*jaŋ	jaŋ (v. intrans. at.)
79. correr (rio)	*ek <sup>w</sup> aβ	
80. cortar	*kifi	kiti (cortar, descascar) (v. trans.)
81. costas	*ape	-wape (N)
82. costas, parte de trás	*kupe	-kupe (N)
83. cotia	*akoti	akuti (N)

<sup>7</sup> A palavra mais utilizada para ‘casa’ é **etam**, cognata de \***taβ** ‘aldeia’ (n° 4), que passou por um processo de *extensão de significado*. Assim, ampliou-se o significado da palavra **etam** de ‘aldeia’, para ‘aldeia’ e ‘casa’, e formam-se novos sintagmas, como **awati r-etam** (milho rel-casa) ‘paiol (lit. ‘casa do milho’).

<sup>8</sup> O que parece estar ocorrendo em Avá-Canoeiro é a *extensão dos significados* de **-pirik** (n° 225), que pode ser usado tanto para designar ‘casca’ quanto ‘pele’. A palavra mais utilizada é **-pirik**, ao invés de **-pe**.

<sup>9</sup> A palavra mais usada para ‘corda’ é **tupam**.

84. coxa	*ʔuβ	
85. cozinhar	*mōj	
86. cupim	*kupiʔi	kupi (N)
87. dar	*meʔeŋ	meŋ <sup>10</sup> (v. trans.)
88. dedo, mão	*p <sup>w</sup> ã	-k <sup>w</sup> ã (N)
89. deitado, estar	*uβ	
90. deitar	*ʔaβ	am (v. intrans. at.)
91. deixar, abandonar	*ejaɾ	ejaɾ (v. trans.)
92. demônio	*ajaŋ	
93. dente	*āj	-āj (N)
94. dentro	*p̄ipe	p̄ipe (posp)
95. desenhar	*k <sup>w</sup> atiar	k <sup>w</sup> atiaɃ <sup>11</sup> (v. trans.)
96. dia	*aɾ	aɃ (N)
97. dizer	*ʔe	e (v. trans.)
98. doce, salgado	*tseʔē	e (v. descr.)
99. dois	*mokōj	mokōj (forma adverbial quantificadora)
100. dor	*atɕ̄i	-āi (N)
101. dormir	*k <sup>j</sup> er	keɾ (no Tocantins); k̄iɾ (em Goiás) (v. intrans. at.)
102. ele, esse	*aʔe	ae (no Estado do Tocantins); aetō (no Estado de Goiás) <sup>12</sup> (Pron.)
103. empregado	*emip <sup>w</sup> aj	
104. empurrar	*moajan	
105. engolir	*kon	mokon <sup>13</sup> (v. trans.)
106. enrolar, envolver	*uβan	
107. ensinar	*moʔe	moe (v. trans.)
108. entrar	*ek <sup>j</sup> e, ik <sup>j</sup> e	ike (v. intrans. at.)
109. envergonhar-se	*fi	
110. erguer, levantar	*upir	upir (v. intrans. at.)
111. escarnecer	*jaj	
112. escorregar	*tɕ̄iɾik	
113. esfregar	*k̄it̄ik	k̄it̄ik (v. trans.)
114. espaço	*paʔū	

<sup>10</sup> Além deste verbo, há ainda **mon**, mais usado em ambas as variedades do Avá-Canoeiro.

<sup>11</sup> Esta raiz verbal também pode ser usada para ‘escrever’, ou seja, houve uma *extensão do significado* de **k<sup>w</sup>atiaɃ**, que era usada para desenhar e passou a ter, além desse significado, o de ‘escrever’, quando os Avá-Canoeiro começaram a ter contato com a escrita.

<sup>12</sup> /ae=tō/. **tō** em Avá-Canoeiro é uma partícula de ênfase.

<sup>13</sup> O verbo **mokon** ‘engolir’ é um verbo transitivo (ex. **p̄ikau uj o-mokon** (pomba arroz 3sg-engolir) ‘a pomba engoliu o arroz’), tanto em Avá-Canoeiro, quanto em outras línguas Tupi-Guarani, como o Kamaiurá (Seki, 2000), embora não se possa precisar o significado de **kon** (Lucy Seki, em comunicação pessoal). Poder-se-ia aqui levantar a hipótese de que inicialmente o verbo seria **kon**, que teria passado a **mokon** por um processo de lexicalização do causativo {**mo-**} (cf. (51)). Para Seki, a formação de **mokon** no Kamaiurá é claramente **mokon** (causativo-raiz verbal).

115. esposa	*emireko	-emireko (N)
116. estar em movimento	*eko	eko (viver) (v. intrans. at.)
117. estômago	*eβek	
118. estômago, intestino	*ie, iepwer	
119. estrela	*jatʃitata	jaıtata <sup>14</sup> (N)
120. eu	*itʃe	itʃe (no Estado do Tocantins); tʃitõ (no Estado de Goiás) <sup>15</sup> (pron.)
121. faca	*kıtʃe	kıe (N)
122. face	*oβa	-owa (N)
123. falar	*jeʔeŋ	jeŋ (v. intrans. at.)
124. farinha, pó	*kuʔi	kui (N)
125. figado	*pıpa	-pıa (barriga, tripa, bucho) (N)
126. filho (ego masculino)	*aʔıɾ	-aıɾa (filho (a), filhote) (N)
127. filho (ego feminino) <sup>16</sup>	*memıɾ	-memıɾ (filho (a), filhote) (N)
128. fino	*poʔi	poi (v. descr.)
129. flecha	*uʔıβ	-ıap (N)
130. flor	*potıɾ	potıɾa (N)
131. fogo	*tata	tata <sup>17</sup> (N)
132. folha	*oβ	ow <sup>18</sup> (N)
133. frio	*ɾoʔı	ɾoı (v. descr.)
134. fruta	*pa	a (N)
135. fumaça	*tatatiŋ	tatatiŋ <sup>19</sup> (N)
136. fumo	*petım	petım (N)
137. furar	*kutuk	kutuk (costurar, dar injeção, fazer cócegas) (v. trans.)
138. galho	*akã	akã (N)
139. gente, quem	*aβa	awa (N)
140. grande	*atʃu	-jıat-au (alto) (v. descr.)
141. grande	*tuβitsaβ	tuiaw (v. descr.)
142. grande	*utʃu	uɬu (v. descr.)
143. inchar	*ɾuru	ɾuɬu (v. intrans. at.)
144. inchar	*βuβur	
145. ir	*tso	o (v. intrans. at.)

<sup>14</sup> Palavra composta, contendo as raízes **jaı** ‘lua’ e **tata** ‘fogo’.

<sup>15</sup> /tʃi=tõ/.

<sup>16</sup> Essa distinção entre ‘filho de ego feminino’ e ‘filho de ego masculino’ parece estar sendo perdida no Avá-Canoeiro, podendo ambas as palavras (**-aıɾa** e **-memıɾ**) ser utilizadas em ambas as situações.

<sup>17</sup> O significado de **\*tata** ‘fogo’ foi estendido para ‘vela’, na Área Avá-Canoeiro (GO), e para ‘lâmpada’, em Canoanã (TO). Houve, portanto, *extensão do significado* de **tata** nas duas variedades, conforme a chegada ou não de energia elétrica à aldeia. Ressalto que o significado original de ‘fogo’ foi mantido, e que **tata** aparece também na formação de novas palavras do Avá-Canoeiro, como em **tata ɾ-aıj** (fogo rel-semente) ‘pilha’.

<sup>18</sup> Embora **ow** signifique ‘folha’, a palavra mais usada é **kakıɾ**, composta a partir das raízes **ka** ‘mata’ e **kıɾ** ‘verde’. Designa ‘folha’ como termo genérico, bem como ‘couve’, ‘salsa’, ‘cebolinha’ e outras folhas específicas.

<sup>19</sup> Palavra composta contendo as raízes **tata** ‘fogo’ e **tiŋ** ‘branco’.



146. irmã mais nova (ego feminino)	*kîpîʔîr	pîkîr <sup>20</sup> (N)
147. irmão (ego feminino)	*kîβîr	kîwîβ (N)
148. irmão mais novo (ego masculino)	*îβîr	
149. jaboti	*jaβoti	jaoti (N)
150. jacaré	*jakare	jakare <sup>21</sup> (N)
151. joelho	*enîpîʔa	-îpîa (N)
152. jogar, lançar	*momor	momor (v. trans.)
153. lábio	*eme	-eme (N)
154. lado do corpo	*ʔîke	-îke (N)
155. lago	*îpaβ	îpaw (N)
156. larva	*tʃok, atʃok	
157. lavar	*ej	joj (v. trans.)
158. levantar-se	*puʔam	puam (v. intrans. at.)
159. língua	*kũ	-apekũ (N)
160. liso	*tsîm	
161. lua	*jatʃî	jaî (N)
162. macaco	*kaʔi	kai (N)
163. machado	*jî	jîkîwar (N)
164. mãe	*tʃî	-î (N)
165. mandar	*p <sup>w</sup> aj	
166. mandioca	*maniʔok	maniok (N)
167. mão	*po	-po (N)
168. marido	*men	-men (N)
169. matar	*juka	juka (v. trans.)
170. mato, mata	*kaʔa	ka (N)
171. mau	*aʔiβ, aʔîβ	aîw (v. descr.)
172. mel	*eir	eîβa (N)
173. menino	*kurum	kurum (N)
174. milho	*aβati	awati (N)
175. molhado	*akîm	
176. morder	*tʃuʔu	tʃu (v. trans.)
177. morrer	*manõ	mano (v. intrans. at.)
178. morro	*îβîtîr	
179. morto	*eʔõ	

<sup>20</sup> Com relação a essa palavra, fica a dúvida quanto ao apagamento da sílaba inicial **kî**, que teria ocorrido nesse caso, mas não em (147), **kîwîβ**, cuja estrutura segmental e silábica é muito próxima de **pîkîr**. Outro problema é que a glotal /ʔ/ teria passado a /k/, o que aparentemente se constituiria num exemplo único da língua. Seria **pîkîr** de fato um cognato de **\*kîpîʔîr**? Uma outra possibilidade de análise seria considerar que houve queda de /ʔ/, fusão dos dois /î/ e **metátese** entre as sílabas **kî** e **pî** (CV1 CV2 > CV2 CV1).

<sup>21</sup> Apesar de a palavra **jakare** existir na variedade de Goiás, a palavra mais usada é **tibamana** [tʃɪ 'βõmõnõ]. Em Canoanã, no entanto, essa palavra parece ser desconhecida, sendo usada apenas **jakare**.

180. mosquito	*jatiʔũ	tiu (N)
181. muitos	*tseta	eta (forma adverbial quantificadora)
182. mulher	*kujã	kujã (N)
183. mutum	*mĩtũ	mĩtũ (N)
184. nadar	*ĩtaβ	ĩtaw (v. intrans. at.)
185. nariz, bico	*fi	-fi (N)
186. nariz	*-apĩj	-apĩj (N)
187. noite	*pĩtun	pĩtun (N)
188. noite	*pĩtsa	ĩpĩaj (N)
189. nome	*er	era (N)
190. nós exclusivo	*ore	ore (pron.)
191. nós inclusivo	*jane	jane (pron.)
192. novo	*pĩtsatsu	pĩau (v. descr.)
193. nuvem	*ĩβatiŋ	ĩwatiŋ <sup>22</sup> (N)
194. óleo, banha	*janĩ	
195. olho	*etʃa	-ea (N)
196. onça	*jawaɾ	jawaɾa (cachorro) <sup>23</sup> (N)
197. orelha	*nami	-nami (N)
198. orifício, buraco	*ĩwĩj	
199. osso	*-kaŋ	-kaŋ (N)
200. osso retirado do corpo	*kaŋweɾ	
201. outro	*amõ	
202. ouvido	*apĩ-tʃa	-apĩa (N)
203. ouvir	*enuβ	anup (v. trans.)
204. ovo	*upiʔa	-upia (N)
205. pagamento	*epĩ	
206. pai	*uβ	-uw (N)
207. panela	*jaʔẽ	jaẽ (N)
208. panela	*jaʔẽpepo	jaẽ-pepo (panela-asa) ‘panela, prato’ (N)
209. papagaio	*ajuɾu	ajuɾu (N)
210. passado nominal	*p <sup>w</sup> er	
211. passar	*k <sup>w</sup> aβ	
212. passar	*p <sup>w</sup> an	
213. passar, atravessar	*atʃaβ	awa (v. intrans. at.)
214. pássaro	*wĩra	wĩra (N)
215. pátio da aldeia	*okaɾ	
216. pato	*ĩpek	ĩpek (N)
217. pau, árvore	*ĩβĩra	ĩwĩra (N)

<sup>22</sup> Palavra composta contendo as raízes **ĩwak** ‘céu’ e **tiŋ** ‘branco’, com queda da consoante velar /k/ antes da oclusiva /t/, processo morfofonológico comum ao Avá-Canoeiro, através do qual uma consoante cai antes de outra, em junção morfológica.

<sup>23</sup> /jawaɾa/ [ˈʒaG<sup>w</sup>aɾə] em Avá-Canoeiro, diferentemente de outras línguas Tupi-Guarani, como o Tembé (Duarte, 1997) e o Parakanã (Silva, 1999), significa exclusivamente ‘cachorro’. Para ‘onça’, há outra palavra também oriunda de **\*jawaɾ**, qual seja: /jawaɾa-ete-uɾu/ (cachorro-verdadeiro-aumentativo) [ʒa, G<sup>w</sup>aɾɪˈtʰuɾu].

218. pau de cavar	*tʃɨr	tʃɨapaʒ (cavadeira) (N) <sup>24</sup>
219. pé	*pɨ	-pɨŋ (N)
220. pedra	*ita	ita (N)
221. pegar	*pɨtsɨk	jepɨk <sup>25</sup> (v. trans.)
222. peito	*potiʔa	-potia (N)
223. peito	*kam	-kam (N)
224. peixe	*pɨra	pɨra (N)
225. pele	*pɨr	-pɨrik (pele, casca) (N)
226. pele retirada do corpo	*pɨrwer	
227. pendente	*paj	
228. perigoso	*pojtsɨ	
229. perna	*etɨmã	-etɨmã (N)
230. pesado	*potsɨj	poɨj (v. descr.) <sup>26</sup>
231. pescoço	*ajur	-ajuʒ (N)
232. pilão	*uŋuʔa	uŋua (N)
233. pilar, socar	*tʃok	ok (v. trans.)
234. pintado	*paraʒ	
235. piolho	*kɨʒ	-kɨw (pulga) (N)
236. pium	*pɨʔũ	piũ (N)
237. plumagem	*tsaʒ	-awa (pêlo, roupa) (N)
238. podre	*nem, rem	nem (fétido) (v. descr.)
239. pombo	*pɨkatʃu	pɨkau (N)
240. pôr, colocar	*noŋ	noŋ (v. trans.)
241. pôr junto	*jaŋ	
242. porco do mato	*tajatsu	tajau (N)
243. porto	*jãj	
244. preto	*pitsun	pitun <sup>27</sup> (v. descr.)
245. pulga, bicho de pé	*tuŋ	tuŋ (N)
246. puxar	*ekɨj	ekɨj (v. trans.)
247. quati	*k <sup>w</sup> ati	k <sup>w</sup> ati (N)
248. quebrar	*ka	ka (v. trans.)
249. queimar-se	*kaj	kaj (v. intrans. at.)
250. queimar	*apɨ	apɨ (v. trans.)
251. quente	*akuʒ	akup (v. descr.) <sup>28</sup>
252. querer	*tsej	-ej (v. trans.) <sup>29</sup>

<sup>24</sup> A palavra mais usada nesse caso é **poʒor** ‘enxada’.

<sup>25</sup> Cf. o nº 2 da lista de cognatos.

<sup>26</sup> Mediante o uso de marcadores de pessoa distintos esse verbo torna-se intransitivo ativo (ex. **a-poɨj** (1sg-engordar) ‘eu engordei’).

<sup>27</sup> Embora a palavra **pitun** seja utilizada, a maior frequência de uso para indicar a cor preta é para a palavra **jak<sup>w</sup>aʒuna** ‘carvão’.

<sup>28</sup> Com o uso do morfema causativo {**mo-**} o verbo **akup** torna-se transitivo (ex. **a-m-akup ɨ** (1sg-caus-ser quente água) ‘eu esquentei a água’).

<sup>29</sup> O verbo **-ej** no Avá-Canoeiro, assim como no Kamaiurá (Seki, 2000), só ocorre como forma dependente.

253. rabo	*uwaj	-uwaj (N)
254. rachar	*moβok	mowok (cortar lenha, cabelo; aparentemente usado para objetos longos) (v. trans.)
255. raiz	*apo	
256. raspar	*pin	
257. receber	*ar ~ jar ~ war	
258. rede	*inī	inī (N) <sup>30</sup>
259. redondo	*apuʔa	
260. remédio, porção	*potsaŋ	
261. resina	*ɬtsɬk	
262. respirar	*pɬtu	
263. rio caudaloso	*paranã	
264. rio seco	*tɬpaβ	tɬpɬw (N)
265. rir	*puka	puka (v. intrans. at.)
266. roça	*ko	ko (N)
267. saber	*k <sup>w</sup> aaβ, kuaβ	
268. sair	*tʃem	em (v. intrans. at.)
269. sal <sup>31</sup>	*jukɬr	
270. saliva	*enɬ	enɬ (N)
271. saltar	*por	por (v. intrans. at.)
272. sangue	*uwɬ	-uwɬ (N)
273. sarar	*p <sup>w</sup> eraβ	
274. secar	*tiniŋ	tiniŋ (v. trans.)
275. seio	*kam	-kam (N)
276. semente	*aʔɬj	aɬj (N)
277. senhor, dono	*jar	
278. sentado, estar	*in	in (v. intrans. at.)
279. sentar-se	*apɬk	apɬk (v. intrans. at.)
280. sol	*k <sup>w</sup> ar	k <sup>w</sup> aʔ (N)
281. soprar	*peju	peju (v. trans.)
282. soprar, tocar instrumento de sopro	*pɬ	pɬ (v. trans.)
283. subir	*upir	jeupir <sup>32</sup> (v. intrans. at.)
284. sujo	*kɬʔa	kɬa (v. descr.)
285. surubim	*tʃuruβi	uruwi (N)
286. taquara	*tak <sup>w</sup> ar	tak <sup>w</sup> ar (N)
287. tatu	*tatu	tatu (N)

<sup>30</sup> Para ‘rede de dormir’ a palavra utilizada é **kɬau**. O que parece estar acontecendo na língua é a ampliação do significado desta última.

<sup>31</sup> Para designar o sal os Avá-Canoeiro usam a palavra **itai**, formada pela raiz **ita** ‘pedra’ e do sufixo diminutivo {-i}. Toral (1984: 47) também registra essa palavra.

<sup>32</sup> Poder-se-ia lançar novamente a hipótese de lexicalização do pronome {je-} ‘reflexivo’, através da qual este teria se juntado à raiz verbal **upir** ‘subir’.

288. temer	*tsi-kɨje	kɨje (v. intrans. at.)
289. terra	*ɨβɨ	ɨwɨ (N)
290. terra	*ɨj	ɨj (N)
291. tio (irmão da mãe)	*tutɨr	
292. tirar	*ʔok	ok (v. trans.)
293. todos	*paβ	pam <sup>33</sup> (pron.)
294. tostar	*kaʔẽ	
295. trançar	*pẽ	pe (v. trans.)
296. trazer	*eɾur	eɾur (v. trans.)
297. três	*motsapɨr	moapɨɾan (forma adverbial quantificadora)
298. tucano	*tukan	tukan (N)
299. um	*mojepetẽ	mepenoan (forma adverbial quantificadora)
300. umbigo	*pɨruã	-ɨpuã (N)
301. unha da mão	*p <sup>w</sup> ã-pẽ	-k <sup>w</sup> ã-ɾpi <sup>34</sup> (dedo-unha) (N)
302. unha do pé	*pɨtsãpẽ	-pɨ-ɾpi (pé-unha) (N)
303. urina	*tɨ	-tɨ (N)
304. urinar	*karuk	kaɾuk (v. intrans. at.)
305. urubu	*uruβu	uɾuwu (N)
306. urucum	*uruku	uɾuku (N)
307. vento	*ɨβɨtu	ɨtu (N)
308. ver	*ep <sup>j</sup> ak	
309. verde, azul	*oβɨ, tsoβɨ	owɨ (v. descr.)
310. verde, não-maduro	*kɨr	kɨɾ (cor verde) (v. descr.)
311. verme	*tseβoʔi	eoɨ (N)
312. vermelho	*pɨraŋ	pɨraŋ (v. descr.)
313. vermelho	*waŋ	waŋ (v. descr.)
314. vermelho	*pɨtaŋ	pɨtaŋ (v. descr.)
315. vespa	*kaβ	kaw (N)
316. vir	*ur, jur	juɾ (v. intrans. at.)
317. voar	*βeβe	wewe (v. intrans. at.)
318. você	*ene, ne	ene, ne (no Estado do Tocantins); nitõ (no Estado de Goiás) <sup>35</sup> (pron.)
319. vocês	*pe...ẽ	pe (pron.)
320. voltar	*jeβɨr	jɨwa (v. intrans. at.)
321. vomitar	*weʔen	wen (v. intrans. at.)

<sup>33</sup> **-pam** é uma raiz verbal em Avá-Canoeiro, cognata de **-pap** em Kamaiurá, onde, ao sufixar-se a um outro verbo “*exprime quantificação, indicando que a ação se completou por atingir a totalidade dos objetos, no caso de verbos transitivos, ou a totalidade dos sujeitos, no caso de verbos intransitivos*” (Seki, 2000: 133-134), como em **o-juka-pap** (3-matar-completivo) ‘ele matou todos’ e **o-mano-pap** (3-morreu-completivo) ‘morreram todos’. Em Avá-Canoeiro há o verbo **pam** ‘completar, terminar’ e o aspecto completivo **-pam**, como em Kamaiurá, em que **-pap** funciona como aspecto completivo e como verbo intransitivo. Também em Asurini do Tocantins há o verbo **-páp** ‘acabar’ e o aspecto completivo **-pap** (cf. Cabral & Rodrigues, 2003).

<sup>34</sup> **-api** em Avá-Canoeiro serve para designar tanto a unha do pé quanto da mão.

<sup>35</sup> /ni=tõ/.

## Anexo 8

## Vocabulário encontrado nos exemplos

Português	Avá-Canoeiro	Classe Gramatical
<b>A</b>		
abelha	ĩra	nome
abelha-europa	kameawa	nome
abelha de fogo	tata-ĩra	nome
abóbora	kuʒuʒa	nome
acabar, terminar	pam	verbo
acordar	pak	verbo
açúcar, sal	ita-i	nome
água	ĩ	nome
agulha	ita-juw-miri	nome
aldeia	etam	nome
alimentar	jopoj	verbo
alma	-aŋ	nome
amamentar	kam	verbo
amarrar	japĩti	verbo
amarrar	moam	verbo
amarrar	jok <sup>w</sup> ĩɛ	verbo
amedrontar, assustar	mok <sup>w</sup> aem	verbo
andar	ata	verbo
anel	-k <sup>w</sup> ã-pina-i	nome
animal, caça, coisa	mae	nome
à noite	ĩpĩtun	nome; forma adverbial
à noite (bem mais tarde)	ĩpĩaj	nome; forma adverbial
anta	tapiɾa	nome
antes de, na frente de, anteriormente a	enone	posposição
anzol	ita-pina; pina	nome
apagar	wew	verbo
apertar	pĩpĩk	verbo
apoiar	kok	verbo
apoiar-se	jekok	verbo
aquele sobre quem se fala (distante do falante e do ouvinte, visível ou não)	ae	demonstrativo
aquele (distante do falante e do ouvinte, visível ou não)	pe	demonstrativo

aqui	ko	demonstrativo
arara	arara	nome
aranha	janu	nome
arco	ĩwapaɣ	nome
areia	ukutiŋa	nome
arma	mokau	nome
arranhar, coçar	kaɣaj	verbo
arroz	uj	nome
árvore	ĩwĩra; wĩra	nome
asa	repo	nome
à tarde	kaɣun	nome; forma adverbial
atrás de	takĩwĩrap	posposição
através de	ɣupi	posposição

**B**

banana	mae-aparɔ	nome
banha	kaw	nome
banhar-se	jauk	verbo
barata	taɣataɣape	nome
barba	-amutaw	nome
barco a motor	ita-ĩaɣa	nome
batata-doce	jitĩka	nome
bater	nupã	verbo
bater	k <sup>w</sup> aɣ	verbo
bebê, criança	mitaŋ	nome
beber água	ĩu	verbo
beliscar	pitĩm	verbo
besouro (espécie)	awatu	nome
besouro (espécie)	enem	nome
bico	-fi	nome
boca	-joɣ	nome
bochecha	-atĩp	nome
boiar	wewĩj	verbo
borboleta	panam	nome
braço	-jĩwa	nome
buraco	k <sup>w</sup> aɣa	nome

**C**

cabaça	ĩa	nome
cabeça	-akaŋ	nome
cabelo	-ap	nome
caça, coisa, o que	mae	nome; forma adverbial
cachorro	jawaɣa	nome

cagaita	watʃuaja	nome
cair (chuva), chover	k <sup>w</sup> ĩɛ	verbo
cair, nascer	ĩɛ	verbo
cair (de bruços)	jĩpĩra	verbo
caititu	kaititu	nome
caju	kaju	nome
calcanhar	-pĩta	nome
cama	-upawa	nome
caminho	-ape	nome
cana-de-açúcar	tak <sup>w</sup> aɾ-e-a	nome
cancão	kajkaj	nome
cancão (espécie)	akaj	nome
canivete	ita-kie ɾ-aĩɛa	nome
canoa	ĩaɛa	nome
cantar, piar, latir	nin	verbo
capim	kapi	nome
capivara	kapiwĩɛa	nome
cará	kaɛa	nome
caracol	jatĩta	nome
carne	o; mae-ɛ-o	nome
caroço, semente	-aĩj	nome
carvão, cor preta	jak <sup>w</sup> aɛuna	nome
casa, aldeia	etam	nome
casa	oka	nome
casca	-pe; -pĩrik	nome
cascavel	moj-tini	nome
castanha, caroço	apin	nome
castanha-de-caju	kaju-apin	nome
cavalo	kawaɛu	nome
cavar	jok	verbo
caverna, buraco de pedra	ita-k <sup>w</sup> aɛa	nome
cesta, bolsa, saco, sacola, mala	-ipĩɛu	nome
cesto	topetiŋ	nome
céu	ĩwak	nome
chamar, conversar	momew	verbo
chamar	enõj	verbo
chegar	ĩk	verbo
cheirar	etun	verbo
chichá	tʃitʃa	nome
chifre	-afi	nome
chorar	jaeo	verbo
chuva	amana	nome
cipó	ĩpo	nome



cobra	moj	nome
cobra pintada	moj-pinim	nome
cobra coral	moj-piɾaŋ	nome
çoçar	kaʒaj	verbo
coco (espécie)	wana	nome
coco (espécie)	mukaja	nome
coelho	tapitʃi	nome
colocar	noŋ	verbo
com, em companhia de	piɾe	posposição
comer	u	verbo
completar, terminar, acabar	pam	verbo
conta, miçanga, colar	poɪʒa	nome
corda	tupam	nome
corda	tam	nome
correr	jaŋ	verbo
correr	wak	verbo
cortar lenha, rachar	mowok	verbo
cortar	kɪti	verbo
coruja	kawure	nome
costas	-kupe	nome
costas	-wape	nome
cotia	akuti	nome
coxa	-wɪp	nome
cozinhar	mapɪk	verbo
cozinhar	jɪkatu	verbo
criar	iko ~ eko	verbo
cupim	kupi	nome
<b>D</b>		
dançar, cantar	poʒaj	verbo
dar	mon	verbo
dar	meŋ	verbo
de	ɾi	posposição
de (procedência)	wi	posposição
dedo	-k <sup>w</sup> ã	nome
defecar, fezes	epoti	verbo; nome
deitar	am	verbo
deixar, abandonar	ejar	verbo
de manhã	koem	nome; forma adverbial
dente	-ãj	nome
dentro	pɪpe	posposição
depenar	po	verbo
descer	jɪp	verbo

desenhar, escrever	k <sup>w</sup> atĩaɃ	verbo
de verdade, mesmo	ete	partícula
dia	aɃ	nome
dizer	e	verbo
dois, duas, duas vezes	mokõj	forma adverbial
dormir	kĩr (Go); ker (To)	verbo
<b>E</b>		
em, dentro, para dentro	pupe	posposição
em, pelo, por	upi	posposição
engolir	mokon	verbo
engordar	poĩj	verbo
enrolar, amarrar	poka	verbo
ensinar	moe	verbo
enterrar	atĩm	verbo
entrar	ike	verbo
enxada	ita-roɃore; roɃore	nome
esconder-se	jemim	verbo
escuro, à noite, noite	ĩpĩaj	forma adverbial; nome
esfregar	kĩtĩk	verbo
esfriar	mo-Ƀoĩ	verbo
espingarda	mokau-uɃu	nome
espinho	juati	nome
espirrar	atom	verbo
esposa	-emireko	nome
esquentar	mo-akup	verbo
estar cansado	k <sup>w</sup> eɃaj	verbo
estar cansado	kaneu	verbo
estar com dor	aĩ	verbo
estar grávida	memĩɃ	verbo
estar em movimento	eko	verbo
estar em pé	am	verbo
estar sentado; sentar-se	in	verbo
este (a), ele (a)	ae=tõ (Go); ae (To)	demonstrativo
este (próximo ao falante, visível), aqui	ko	demonstrativo
estrada, caminho	mae-Ƀ-ape-uɃu	nome
estrela	jaĩ-tata	nome
eu	tʃi=tõ (Go); itʃe (To)	pronome pessoal
existir muito, em grande quantidade	ipĩĩj	verbo

**F**

facã	ita-kie; kie	nome
facão	ita-kie-uɛu	nome
face	-owa	nome
falar	jeŋ	verbo
farinha, pó	kui	nome
fazer	japo	verbo
feijão	kumana	nome
figado	-pĩa	nome
filho (a), filhote	-memiɛ	nome
filho (a), filhote	-aiɓa	nome
flauta	wewe	nome
flecha	-iap	nome
flor	ipotĩɓa; mae-potĩɓa	nome
fogo (idem 'lâmpada, energia elétrica')	tata	nome
folha	-ow	nome
folha, mato	ka-kĩɛ	nome
formiga	tukaŋ	nome
fósforo	tata-iwĩra	nome
fruta	a	nome
fumaça	tata-tiŋ	nome
fumar, fumo	petim	verbo; nome
furar, dar injeção, vacinar, costurar	kutuk	verbo

**G**

galho	-akã	nome
galinha	aɓakare	nome
galinheiro	aɓakare r-etam	nome
gambá	mukuɓa	nome
garça	wĩra-tiŋ	nome
gato-do-mato	maɓakaja	nome
gavião	inaje	nome
gente, pessoa, quem	awa	nome; forma adverbial
gordura, banha	-kaw, mae-kaw	nome
gritar	apukaj	verbo

**H**

homem	ak <sup>w</sup> amae	nome
-------	----------------------	------

**I**

inchar	ruʒu	verbo
índio	tʃiʒapitʃiʒa	nome
ir	a	verbo
ir	o	verbo
ir	jot	verbo
irmã	pikik	nome
irmão	kikw	nome

**J**

jaboti	jaoti; jaoti-uʒu	nome
jaburu	apipi	nome
jacaré	jakaɾe	nome
jacaré (espécie)	tizamana	nome
jacu	jaku	nome
joelho	-ipia	nome
jogar, lançar, atirar, arremessar	momor	verbo

**L**

lábio	-eme	nome
lado do corpo	-ike	nome
lagartixa	mirun	nome
lago	ipaw	nome
lavar	joj	verbo
lenha	iakaj	nome
levantar, erguer	upir	verbo
levantar-se	puam	verbo
língua	-apekū	nome
lobo	jawaʒa-uʒu	nome
longe	amoete	forma adverbial
lua	jaik	nome
lume, claro, brilhante	enik	nome; verbo

**M**

macaco	kai	nome
macaco guariba	wajoa	nome
machado	jikikwar	nome
machucado, ferida	-aiwa	nome
machucar	potok	verbo
mãe	-ik	nome
mamão	mae-aʒo	nome
mandíbula	-ajikaŋ	nome
mandioca	maniok	nome

mão	-po	nome
marido	-men	nome
maritaca	kanine	nome
massacrar	ɟapiti	verbo
matar	juka	verbo
mato, mata	ka	nome
mel	eĩʒa	nome
melancia	waxati	nome
menina	kujãtai	nome
menino	kuɾum	nome
mergulhar	napume	verbo
milho	awati	nome
mingau	miɾaw	nome
miolos, cérebro	-apĩtum	nome
miúdos, tripa	-epoj; mae-ɾ-epoj	nome
moer, torcer	poka	verbo
morcego	aniʒa	nome
morder, chupar	tʃu	verbo
morrer	mano	verbo
mosquito	tiu	nome
muito (s), muita (s)	eta	forma adverbial
muito, bem	katu	partícula
muito, em grande quantidade	ipĩĩj	verbo
muito, mesmo	tõ	partícula
mulher	kujã	nome
música	ipo	nome
mutum	mĩtũ	nome
<b>N</b>		
nadar	ĩtaw	verbo
não-indígena	maiɾa	nome
nariz	-apĩj	nome
noite	ĩpĩaj; ĩpĩtum	nome
nome	eɾa	nome
nós (inclusivo)	jane	pronome pessoal
nós (exclusivo)	oɾe	pronome pessoal
nuvem	ĩwatiŋ	nome
<b>O</b>		
óleo, gordura, manteiga, banha	kaw	nome
olhar, ver	mae	verbo
olho	-ea	nome
ombro	-jĩwape	nome

onça	jawaʒa-ete-uʒu	nome
onça pintada	jawaʒa-pinim	nome
orelha	-nami	nome
osso	-kaŋ; mae-kaŋ	nome
ouvido	-apɿa	nome
ouvir	nano	verbo
ouvir	anup	verbo
ovo	-upia; mae-ʒ-upia	nome

**P**

pacu	paku	nome
pacu grande	paku-uʒu	nome
pai	-uw	nome
paiol	awati ɾ-etam	nome
palmeira	piŋuwa	nome
panela, prato	ita-jaẽ-pepo	nome
panela	ita-jaẽ	nome
papagaio	ajuʒu	nome
papel	mareʒa	nome
par	oikoraw	forma adverbial
para, a	ʒupe	posposição
para, a	wi	posposição
parentes	taitʃe	nome
passar, atravessar	awa	verbo
pássaro	wɿɾa	nome
pássaro pequeno	wɿɾa-miri	nome
pássaro (espécie)	kaʒamawaj	nome
pássaro (espécie)	warani	nome
pássaro (espécie)	takuʒu	nome
pasto	wama	nome
pato	ɿpek	nome
pau, árvore	wɿʒa	nome
pau de cavar, cavadeira	tʃɿapaʒ	nome
pé	pɿɿ	nome
pedra	ita	nome
pegar, segurar, agarrar	jepɿk	verbo
peito	-potia	nome
peixe	piɾa	nome
peixe (espécie)	piɾa-puku	nome
pele, casca	-piɾik; -pe	nome
pensar	jɿpɿak	verbo
pequi	peki	nome
periquito	tui; tuiata	nome

perna	-etɨmã	nome
pescar, jogar anzol	ita-pina itik	verbo
pescoço	-ajuɜ	nome
piabanha	pioi	nome
pilão	uŋua	nome
pilar, socar	ok	verbo
piolho	kɨw	nome
pium	piũ	nome
plantar, enterrar	atɨm	verbo
plumagem, roupa	-awa	nome
polegar	-k <sup>w</sup> ã-u	nome
pombo, rolinha	pɨkau	nome
porco-do-mato	tajau	nome
pôr, colocar	noŋ	verbo
pôr-do-sol	tʃapaɜa	nome
porta, janela	oka-k <sup>w</sup> aɜa	nome
primeiro	enone	posposição
pulga, bicho-de-pé	tuŋ	nome
pupila	awa-ɾ-ea-aɨj	nome
puxar	tʃo	verbo
puxar	ekɨj	verbo
<b>Q</b>		
quati	k <sup>w</sup> ati	nome
quebrar (se)	jika	verbo
quebrar	ka	verbo
queimar	piɾok	verbo
queimar	apɨ	verbo
queimar (se)	kaj	verbo
querer	-ej	verbo
querer, gostar	putat	verbo
<b>R</b>		
rabo	-uwaj	nome
rachar	mowok	verbo
rasgar	jiwiɾok	verbo
realmente, mesmo, de verdade	ete	partícula
rede para dormir	kɨau	nome
rede	inĩ	nome
remar	ajpukuj	verbo
rio, cachoeira	ɨakã	nome
rir	puka	verbo
roça	ko	nome

roncar	amu	verbo
roupa, plumagem	awa	nome

**S**

sair	em	verbo
saliva	-enĩ	nome
saltar, pular	por	verbo
sangue	-uwĩ	nome
sapo	jui	nome
sarar, cicatrizar	kae	verbo
secar	tiniŋ	verbo
seio, peito	-kam	nome
semente (idem 'pilha')	-aĩj	nome
sentar-se	apĩk	verbo
ser, estar	eko ~ iko	cópula
ser, estar alto	jeĩa	verbo
ser afiado	ajme	verbo
ser amarelo	juwaj; juw	verbo
ser, estar baixo, pequeno	atĩ	verbo
ser, estar bonito, bom	katu	verbo
ser, estar bonito	aŋi	verbo
ser branco	tiŋ	verbo
ser, estar bravo, nervoso	potŋĩ	verbo
ser, estar chato, plano	pep	verbo
ser, estar cheiroso	kaʒati	verbo
ser, estar claro, brilhante	enĩ	verbo
ser, estar comprido	puku	verbo
ser, estar cru	pĩʒa	verbo
ser, estar doce, salgado	e	verbo
ser, estar doente	maʒan	verbo
ser, estar duro	ata	verbo
ser, estar fedido	katiŋ	verbo
ser, estar fétido, podre	nem	verbo
ser fino	poi	verbo
ser, estar forte, grossa (chuva)	anam	verbo
ser, estar frio	ʒoĩ	verbo
ser, estar gordo	poĩj	verbo
ser, estar gostoso	ete	verbo
ser, estar grande, velho	tuiaw	verbo
ser grande	jĩatau	verbo
ser, estar lento, demorado	wapĩaj	verbo
ser mau	aĩw	verbo
ser, estar molhado, inchado	ruʒu	verbo



ser, estar novo	p̄i <u>au</u>	verbo
ser, estar pesado	pōi <u>j</u>	verbo
ser, estar preto	pi <u>tun</u>	verbo
ser, estar quente, com calor	aku <u>p</u>	verbo
ser, estar verde, não-maduro	k̄i <u>ɛ</u>	verbo
ser, estar seco, raso, vazio	t̄i <u>p̄i</u> w	verbo
ser, estar seco	ti <u>niŋ</u>	verbo
ser, estar sujo	ki <u>a</u>	verbo
ser, estar verde, azul	ow <u>i</u>	verbo
ser, estar verde, não-maduro	k̄i <u>ɛ</u>	verbo
ser, estar vermelho	pi <u>raŋ</u>	verbo
ser, estar vermelho	p̄i <u>taŋ</u>	verbo
ser, estar vermelho	wa <u>ŋ</u>	verbo
seriema	aɛ <u>akuɛ</u>	nome
sobre, em cima de, alto	i <u>wati</u>	posposição
sol	k <sup>w</sup> <u>aɛ</u>	nome
somente, só, apenas	aju <u>n</u>	partícula
soprar	pe <u>ju</u>	verbo
soprar, tocar flauta	p̄i <u></u>	verbo
subir	jeu <u>pir</u>	verbo
sumir	k̄i <u>n̄i</u> m	verbo
surubim	u <u>ru</u> wi	nome
<b>T</b>		
tamandoá	tamano <u>a</u>	nome
taquara	tak <sup>w</sup> <u>a</u> r	nome
tarde	ka <u>ɛ</u> un	nome
tatu	tatu	nome
tatu	tatu-pira <u>ŋ</u>	nome
tatu-peba	tatu-pep	nome
tecer, trançar	ap̄i <u>k</u>	verbo
temer	k̄i <u>je</u>	verbo
terminar	pa <u>m</u>	verbo
ter, sentir dor	a <u>i</u>	verbo
terra	i <u>j</u>	nome
terra, chão, cor marrom	i <u>w</u> i	nome
tirar	o <u>k</u>	verbo
tocar (flauta)	p̄i <u></u>	verbo
tocar (violão)	mo <u>pu</u>	verbo
todos	pa <u>m</u>	forma adverbial
tomar banho, banhar-se	ja <u>uk</u>	verbo
torcer, moer	po <u>ka</u>	verbo
torcer, trançar	j̄o <u>pe</u>	verbo

tossir	u	verbo
traíra	taɾei	nome
trairão	taɾei-uʒu	nome
trançar	pe	verbo
trançar	apɨk	verbo
trazer	eʒuɾ	verbo
três, três vezes	moapaʒɨn	forma adverbial
trovão	awatu	nome
tucano	tukan	nome
tudo, todo, todas	upakatu	forma adverbial

## U

um, uma, uma vez	mepenoan	forma adverbial
umbigo	-ɨpuã	nome
unha	-api	nome
unha da mão	-k <sup>w</sup> ã-api	nome
unha do pé	-pɨ-api	nome
urina	-tɨ	nome
urinar	kaʒuk	verbo
urubu	uʒuwu	nome
urucum	uʒuku	nome
usar, vestir	poʒu	verbo

## V

vaca	tapiɾa-ete	nome
vagina	-ama	nome
veado	watʃu	nome
veado (espécie)	watʃu-puku	nome
vento	ɨtu	nome
ver	mae	verbo
verme	-eoi	nome
vespa	kaw	nome
vir	juʒ	verbo
viver	iko	verbo
voar	wewe	verbo
ocê	ni=tõ (Go); ene ~ ne (To)	pronome pessoal
vocês	pe	pronome pessoal
voltar	jɨwa	verbo
vomitar	wen	verbo

**Anexo 9**  
**Textos Avá-Canoeiro**

**Texto 1: ‘A lua’**

(narrado por Matxa, na casa do alto, no dia 23/10/2003)

- |    |  |  |  |                        |
|----|--|--|--|------------------------|
| 1. | amana<br>N<br>chuva<br>[ 'əməne                      | o-k <sup>w</sup> ɛɛ<br>3sg-cair<br>ela caiu<br>'ok <sup>w</sup> ɛɛ | kaɣun<br>adv<br>à tarde<br>'k <sup>h</sup> aɣũnɪ | ‘A chuva caiu à tarde’ |
| 2. | koem<br>adv<br>de manhã<br>'k <sup>h</sup> oẽme      |  |  | ‘de manhã’             |
| 3. | ɛpɛaj<br>adv<br>à noite<br>, ɛpɛ 'adɣɪ               |  |  | ‘à noite’              |
| 4. | aqui, ó<br>N<br>sol<br>a 'k <sup>h</sup> io          | k <sup>w</sup> aɛ<br><br><br>'k <sup>w</sup> aɛə                   |  | ‘aqui, ó, o sol’       |
| 5. | k <sup>w</sup> aɛ<br>N<br>sol<br>'k <sup>w</sup> aɛə |  |  | ‘o sol’                |
| 6. | k <sup>w</sup> aɛ<br>N<br>sol<br>'k <sup>w</sup> aɛə | vai embora<br><br><br>, vaĩ 'bɔrə                                  |  | ‘o sol vai embora’     |
| 7. | tɕapaɣa<br>N<br>pôr-do-sol<br>'tɕapəɛə               | aqui<br><br><br>a 'k <sup>h</sup> i                                |  | ‘o pôr-do-sol aqui’    |

8. k<sup>w</sup>aɛ                    vai embora                    ‘o sol vai embora’  
 N  
 sol  
 'k<sup>w</sup>aɛθ                    , vaĩ 'boɾə
9. aqui                    kaɓun                    ‘aqui, à tarde’  
 adv  
 à tarde  
 a 'k<sup>h</sup>i                    'k<sup>h</sup>aɓũnɪ
10. ikuta                    kaɓun                    ‘escuta, à tarde’  
 adv  
 à tarde  
 ɪ 'k<sup>h</sup>utə                    'k<sup>h</sup>aɓũnɪ
11. k<sup>w</sup>aɛ                    o-ike                    ‘o sol entrou’  
 N  
 sol  
 'k<sup>w</sup>aɛθ                    3sg-entrar  
                                   ele entrou  
                                   o 'ike
12. aqui                    ðpɨaj                    ‘aqui, à noite’  
 adv  
 à noite  
 a 'k<sup>h</sup>i                    , ðpɨ 'adʒɪ
13. ðpɨaj                                       ‘à noite’  
 adv  
 à noite  
 , ðpɨ 'adʒɪ
14. aí                    ‘aí’  
 a 'i
15. ðpɨaj                    jaɨ                    jaɨ                    o-kɨɾ                    ‘à noite, a lua, a lua dormiu’  
 adv                    N                    N                    3sg-dormir  
 à noite                    lua                    lua                    ela dormiu  
 , ðpɨ 'adʒɪ                    'ʒaɨ                    'ʒaɨ                    'okɨɾə
16. jaɨ                    o-kɨɾ                    ‘a lua dormiu’  
 N                    3sg-dormir  
 lua                    ela dormiu  
 'ʒaɨ                    'okɨɾə

17. jaɪ                    o-ɪɪ-ɪɪ                    ‘a lua foi nascendo’  
 N                        3sg-redupl.-nascer  
 lua                      ela foi nascendo  
 'ʒaɪ                    o' ɪɪɪɪɪɪ
18. o-kɪr                    ‘ela dormiu’  
 3sg-dormir  
 ela dormiu  
 'ɔkɪɪɪ
19. aɪ                        o-ɪɪ-ɪɪ                    ‘aí ela foi nascendo’  
                               3sg-redupl.-nascer  
                               ela foi nascendo  
 a' i                      o' ɪɪɪɪɪɪ
20. Vai embora dormir    oka                    ‘vai embora dormir (na) casa’  
                                   N  
                                   casa  
 ,vaɪ' bɔrɪ nũ' mi    'ɔkɪ
21. o-ɪɪ-ɪɪ                    ‘ela foi nascendo’  
 3sg-redupl.-nascer  
 ela foi nascendo  
 o' ɪɪɪɪɪɪ
22. jaɪ                        chegou                    ‘a lua chegou’  
 N  
 lua  
 'ʒaɪ                    tʃɪɪ' Gu
23. jaɪ                        o-ɪɪ                        ‘a lua nasceu’  
 N                        3sg-nascer  
 lua                      ela nasceu  
 'ʒaɪ                    o' ɪɪɪɪ
24. o-ɪɪ-ɪɪ                    ‘ela foi nascendo’  
 3sg-redupl.-nascer  
 ela foi nascendo  
 o' ɪɪɪɪɪɪ
25. aɪ,                        chegou                    ‘aí, chegou’  
 a' i                      tʃɪɪ' Gu



35. Aí k<sup>w</sup>aɛ 'aí o sol'  
 N  
 sol  
 a 'i 'k<sup>w</sup>aɛθ
36. k<sup>w</sup>aɛ não quer dormir não.  
 N  
 sol  
 'k<sup>w</sup>aɛθ nũ 'k<sup>h</sup>ɛ nũ 'mi 'nõw̃  
 'o sol não quer dormir não'
37. jaɪ bonita não. 'a lua bonita não'  
 N  
 lua  
 'ʒaɪ mũ 'nite 'nõw̃
38. jaɪ o-ɪɪ-ɪɪ 'a lua foi nascendo'  
 N 3sg-redupl.-nacer  
 lua ela foi nascendo  
 'ʒaɪ o 'ɪɪɪɪθ
39. o-kɪr chegou não. 'ela dormiu, chegou não'  
 3sg-dormir  
 ela dormiu  
 'ɔkɪɪθ tʃɪ 'Gu 'nõw̃
40. o-ɪɪ-ɪɪ chegou mais. 'ela foi nascendo, chegou mais'  
 3sg-redupl.-nacer  
 ela foi nascendo  
 o 'ɪɪɪɪθ tʃɪ 'Gu 'majs
41. jaɪ o-ɪɪ-ɪɪ boa não. 'a lua foi nascendo, boa não'  
 N 3sg-redupl.-nacer  
 lua ela foi nascendo  
 'ʒaɪ o 'ɪɪɪɪθ 'boə 'nõw̃]

À noite, a lua está cansada. Ela chegou cansada e vai embora dormir em sua casa. Ela chegou. Andou muito. Chegou em sua casa. A lua não presta não. A lua sumiu. Aí o sol não quer dormir não. A lua não é bonita não. Ela chegou mais, não é boa não<sup>1</sup>.

<sup>1</sup> Tradução dada ao texto por Trumak e Putdjawa. Eles explicaram que a lua estava cansada porque havia caminhado muito durante todo o dia. Quando o sol chegou, ficou em seu lugar, e ela foi finalmente dormir em sua casa, durante o dia. Assim, lua e sol revezam-se, e, enquanto um caminha, o outro dorme.

**Texto 2: ‘O tatu’**

(narrado por Matxa, na casa do alto, no dia 23/10/2003)

- |    |   |   |  |  |
|----|---|---|--|--|
| 1. | tuia<br>nome próprio<br>Tuia<br>[ ' t <sup>h</sup> ujə<br>‘Tuia, Tuia foi (buscar) tatu’ <sup>2</sup> | tuia<br>nome próprio<br>Tuia<br>' t <sup>h</sup> ujə                          | o-o<br>3sg-ir<br>ela foi<br>o ' t <sup>h</sup> atʉ       | tatu<br>N<br>tatu                                      |
| 2. | tuia<br>nome próprio<br>Tuia<br>' t <sup>h</sup> ujə  | tatu<br>N<br>tatu<br>t <sup>h</sup> a ' t <sup>h</sup> u                      | o-juka<br>3sg-matar<br>ela matou<br>o ' ʒukə             | ‘Tuia matou o tatu’                                    |
| 3. | itakɛ<br>N<br>faca<br>ɪ , takɛ ' ε  | o-kutuk<br>3sg-furar<br>ela furou<br>o ' k <sup>h</sup> utukə                 |  | ‘a faca furou (o tatu)’                                |
| 4. | o-eɣur=tõ<br>3sg-trazer=part.<br>ela trouxe<br>o ' eɣutõ  |   |  | ‘ela (Tuia) (o) trouxe mesmo’                          |
| 5. | tuia<br>nome próprio<br>Tuia<br>' t <sup>h</sup> ujə<br>‘Tuia trouxe mesmo o tatu para casa’          | tatu<br>N<br>tatu<br>t <sup>h</sup> a ' t <sup>h</sup> u                      | o-eɣur=tõ<br>3sg-trazer=part.<br>ela trouxe<br>o ' eɣutõ | oka-pe<br>N-posp<br>casa-loc<br>o ' k <sup>h</sup> ape |
| 6. | tuia<br>nome próprio<br>Tuia<br>' t <sup>h</sup> ujə<br>‘Tuia e Nakwatxa foram (buscar) tatu’         | nak <sup>w</sup> atʃa<br>nome próprio<br>Nakwatxa<br>na ' k <sup>w</sup> atʃə | o-o<br>3pl-ir<br>elas foram<br>o ' t <sup>h</sup> atʉ    | tatu<br>N<br>tatu                                      |
| 7. | tatu<br>N<br>tatu<br>t <sup>h</sup> a ' t <sup>h</sup> u  | o-juka<br>3pl-matar<br>elas mataram<br>o ' ʒukə                               |  | ‘elas mataram o tatu’                                  |

<sup>2</sup> Tuia e Nakwatxa haviam montado uma armadilha no mato para apanhar tatus.



8. o-kutuk  
3pl-furar  
elas furaram  
o ' k<sup>h</sup>utukə
9. o-juka  
3pl-matar  
elas mataram  
o ' zukə
10. o-mano  
3sg-morrer  
ele morreu  
o ' mənʊ
11. o-mano            o-εʊɾ  
3sg-morrer        3pl-trazer  
ele morreu        elas trouxeram  
o ' mənʊ            o ' εʊɾ
12. aqui            oka-pe  
N-posp  
casa-loc  
a ' ki                o ' k<sup>h</sup>ape
13. o-εʊɾ            o-εʊɾ  
3pl-trazer        3pl-trazer  
elas trouxeram    elas trouxeram  
o ' εʊɾ                o ' εʊɾ  
'elas (o) trouxeram, elas (o) trouxeram'
14. tatu            tuia                o-kaʒaj  
N                    nome próprio    3sg-arranhar  
tatu                Tuia  
t<sup>h</sup>a ' t<sup>h</sup>u            ' t<sup>h</sup>ujə            ele arranhou  
o ' k<sup>h</sup>aʒaj
15. aqui            unha                'aqui unha'  
a ' ki                ' ũɾə
16. tatu            tuia                o-kaʒaj  
N                    nome próprio    3sg-arranhar  
tatu                Tuia  
t<sup>h</sup>a ' t<sup>h</sup>u            ' t<sup>h</sup>ujə            ele arranhou  
o ' k<sup>h</sup>aʒaj

17. i-api-Ø                    i-puku-uɓu                    ‘a unha dele é muito comprida’  
rel-N-CN                    3-v.descr.-aum  
rel-unha-CN                3-ser comprido-muito  
ˈjaɾɪ                         ,ɪpɯ ˈquɓɯ]

## Anexo 10

### Fotos Avá-Canoeiro do Estado de Goiás



Foto 1: Vista externa da casa dos Avá-Canoeiro, construída por FURNAS/FUNAI, próxima ao Posto Indígena (Foto de Mônica Veloso Borges, em fevereiro de 2001).



Foto 2: Vista externa da “Casa do Alto”, construída pelos próprios Avá-Canoeiro (foto de Mônica Veloso Borges, em fevereiro de 2002);



Foto 3: Vista externa da “Casa do Alto”, construída pelos próprios Avá-Canoeiro (foto de Mônica Veloso Borges, em fevereiro de 2002);





Foto 4: Vista interna da casa dos Avá-Canoeiro, a de baixo, próxima ao Posto Indígena. Detalhe: animais amarrados pelos pés em tijolos e galhos de árvores, alojados próximos às paredes – um caburé, um pombo e um casal de canção (foto de Mônica Veloso Borges, em julho de 2001);



Foto 5: Vista Interna da casa dos Avá-Canoeiro, a de baixo. Detalhe: animais amarrados pelos pés em tijolos e galhos de árvores, alojados próximos às paredes – um casal de caburé e um pombo (foto de Mônica Veloso Borges, em julho de 2001);



Foto 6: Cabaça com alças de barbante de algodão, no quintal da “Casa do Alto” (foto de Mônica Veloso Borges, em outubro de 2003);



Foto 7: Nakwatxa, no quintal da “Casa do Alto”, usando uma cabaça na cabeça (foto de Mônica Veloso Borges, em outubro de 2003);



Foto 8: Iawi e o cavalo, no mato, próximo à “Casa do Alto” (foto de Mônica Veloso Borges, em outubro de 2003);



Foto 9: Iawi desenhando, escrevendo e ouvindo músicas indígenas na sala da residência do caseiro (foto de Mônica Veloso Borges, em outubro de 2003);





Foto 10: Matxa, em sua rede, na “Casa do Alto” (foto de Mônica Veloso Borges, em outubro de 2003);



Foto 11: Jatulika tocando violão, na enfermaria (foto de Mônica Veloso Borges, em outubro de 2003);



Foto 12: Matxa e Nywatxima, chegando à residência do caseiro (foto de Mônica Veloso Borges, em outubro de 2003);



Foto 13: Tuia no mato, próximo à “Casa do Alto” (foto de Mônica Veloso Borges, em outubro de 2003);

#### Fotos Avá-Canoeiro do Estado do Tocantins



Foto 14: Tatxia em sua rede (foto de Mônica Veloso Borges, em setembro de 2004);





Foto 15: Tatxia em sua rede (foto de Mônica Veloso Borges, em setembro de 2004);



Foto 16: Diego e um menino Javaé, atravessando o Rio Javaé, em sua canoa de madeira (foto de Mônica Veloso Borges, em setembro de 2004);



Foto 17: Tutau na sala de sua casa (foto de Mônica Veloso Borges, em setembro de 2004);



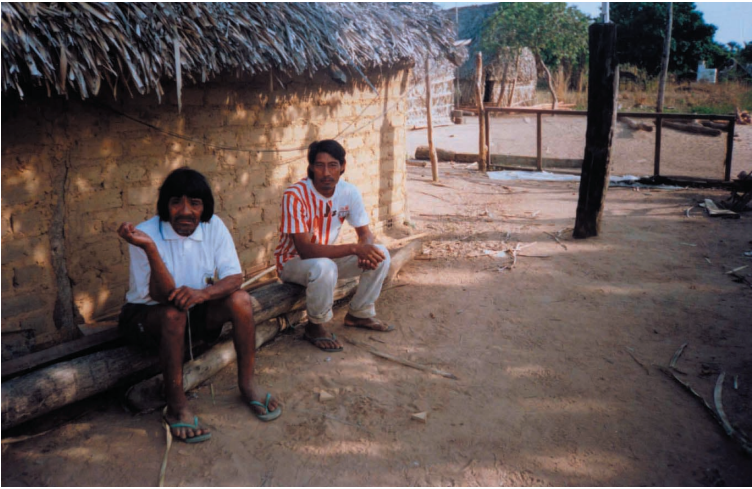


Foto 18: Tutau e Agadmi. Detalhe: a construção de uma das casas dos Avá-Canoeiro do Estado do Tocantins (foto de Mônica Veloso Borges, em setembro de 2004);



Foto 19: Kawkama dá banho em Putxikao, no quintal de sua casa (foto de Mônica Veloso Borges, em setembro de 2004);

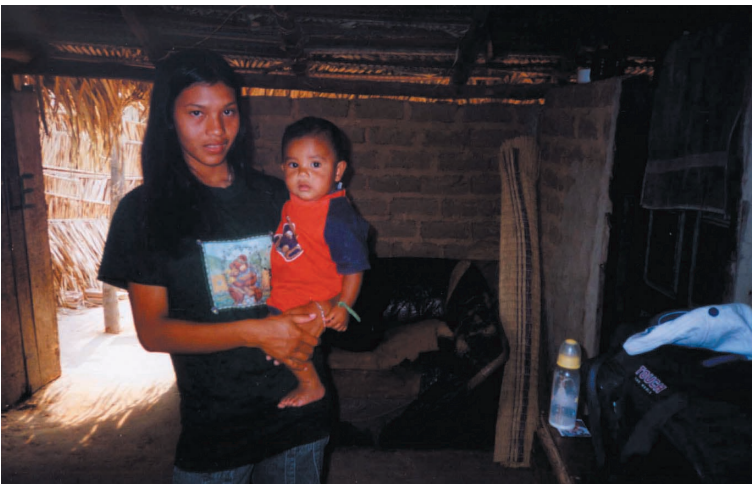


Foto 20: Angélica Tupuile e Putxikao, na sala de uma das casas (foto de Mônica Veloso Borges, em setembro de 2004)